

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**POR UMA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ: A COLEÇÃO MONSENHOR ÁLVARO  
NEGROMONTE E A PEDAGOGIA DO CATECISMO (1937 – 1965)**

**EVELYN DE ALMEIDA ORLANDO**

**SÃO CRISTÓVÃO  
MARÇO/2008**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**POR UMA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ: A COLEÇÃO MONSENHOR ÁLVARO  
NEGROMONTE E A PEDAGOGIA DO CATECISMO (1937 – 1965)**

**EVELYN DE ALMEIDA ORLANDO**

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento.

**SÃO CRISTÓVÃO**  
**MARÇO/2008**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

O71c Orlando, Evelyn de Almeida  
Por uma civilização cristã : a coleção Monsenhor  
Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937-  
1965) / Evelyn de Almeida Orlando. – São Cristóvão,  
2008.  
313f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de  
Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-  
Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de  
Sergipe, 2008.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento

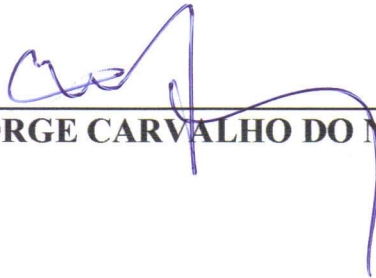
1. História da educação. 2. Pedagogia. 3. Religião –  
Igreja católica – Catecismo. 4. Negromonte, Álvaro,  
Monsenhor. I. Título.

CDU 37.013(091):268



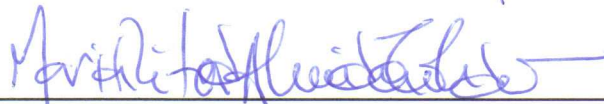
**“POR UMA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ: A COLEÇÃO MONSENHOR  
ÁLVARO NEGROMONTE E A PEDAGOGIA DO CATECISMO (1937-  
1965)”**

**APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM  
13 DE MARÇO DE 2008**



---

**PROF. DR. JORGE CARVALHO DO NASCIMENTO**



---

**PROF.ª DR.ª MARIA RITA DE ALMEIDA TOLEDO**



---

**PROF.ª DR.ª ANAMARIA GONÇALVES BUENO DE FREITAS**

---

**Suplente**

“Toda organização de salvação por uma instituição compulsória e universalista da graça sente-se responsável, perante Deus, pelas almas de todos, ou pelo menos de todos os homens a ela confiados. Essa instituição se sentirá portanto, com direito a opor-se e, com o dever de opor-se, com a força impiedosa a qualquer perigo oriundo de uma má orientação da fé. Sente-se obrigada a promover a difusão de seus meios de graça salvadores”. Max Weber

“E aqui está sem dúvida, com que abalar outra doutrina, tantas vezes ensinada. ‘O historiador não poderia escolher os fatos. Escolher? Com que direito? Em nome de que princípio? Escolher, a própria negação da obra científica [...]’ Mas toda história é escolha”. Lucien Febvre

# AGRADECIMENTOS

A trajetória da pesquisa mostrou-me que, apesar do processo laborioso, árduo e, muitas vezes solitário que a compreende, ela se constrói na coletividade. Nos caminhos percorridos, inclusive os da escrita, muitas pessoas contribuíram e fizeram parte da construção dessa História. A elas, devo o resultado deste trabalho que não seria o mesmo sem as suas marcas.

Mesmo correndo o risco de ser traída pela memória e esquecer alguém, não posso deixar de citar, em agradecido reconhecimento, àqueles que, em suas especificidades, participaram desse trajeto.

Deus, pela inspiração, sobretudo nos momentos em que o trabalho intelectual se tornou algo semelhante a “tirar leite de pedra” e por ter colocado todas essas pessoas no meu caminho.

Jorge, mais que um orientador, pela cumplicidade, incentivo, torcida, confiança e parceria no cotidiano da pesquisa. Por todos os estímulos que impulsionaram cada vôleu.

Mazé, pelo presente do objeto, pela amizade e companheirismo que se construiu em uma caminhada quase diária e, muitas vezes, noturna, dividindo as angústias, ansiosos e inquietações de um trabalho acadêmico. Mais que uma amiga, um anjo da guarda que me socorreu tantas vezes ... Impossível contá-las.

Monsenhor Carvalho, por contribuir muitas vezes e de várias formas, com o desenvolvimento da pesquisa, esclarecendo dúvidas, contando histórias e liberando, generosamente, o acesso à Biblioteca do Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus sempre que precisei.

Alexsandro e família, por viabilizarem a hospedagem em Recife.

Irmã Lucinda e Margarida, do Colégio Santa Cristina, em Nazaré da Mata/PE, por me receberem e me colocarem em contato com as minhas primeiras pistas.

“Menininha”, responsável pela Biblioteca da Arquidiocese de Recife e Olinda que com prontidão e gentileza me auxiliou na busca das fontes no início da pesquisa.

Os familiares do Monsenhor Álvaro Negromonte: Prof. Álvaro Negromonte, Dr. Joaquim Correia Lima, Dr. Álvaro Negromonte, Sr<sup>a</sup> Neide Negromonte, pela atenção,

pelo tempo, pela confiança, pelo acolhimento e presteza todas as vezes que eu recorri às suas memórias.

Simone Salmeiron, ao padre Eri e aos demais “meninos” da casa paroquial “Sagrados Corações”, por facilitarem minha estadia em Belo Horizonte.

Os professores Luciano Mendes de Faria Filho, Regina Helena Campos, Raquel Martins, Geralda Fortina e Mauro Passos pelas valiosas dicas, informações e sugestões de leitura. Carminha, pela delicadeza, simpatia e gentileza em ajudar sempre.

Nelma, pela ajuda no arquivo de fontes orais, em Minas, e ao pessoal do Centro de Referência do Professor de Minas Gerais pelo auxílio nos arquivos da instituição.

Maria do Carmo Coutinho, vice-diretora da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, pela acolhida e boa disposição em ajudar, vasculhando os documentos antigos da sociedade e fornecendo aquilo que pertence às memórias da instituição. Olinda da Fundação Helena Antipoff, pela pesquisa nos arquivos da instituição e remessa do material encontrado.

Ricardo Miranda, coordenador da Biblioteca da Faculdade de Educação de Minas Gerais por facilitar meu trabalho, em um período em que a Biblioteca estava em reforma.

Maria Luiza Cunha Ferreira, pelas informações prestadas sobre a amizade do padre com a família.

As meninas da sala Helena Antipoff, sobretudo a Carol, pela presteza.

Mirela de Oliveira e Verônica Guedes da Editora Vozes, que me receberam com alegria e disposição.

Erika D’Azevedo, do Instituto Teológico Franciscano, que se tornou quase uma auxiliar de pesquisa, me socorrendo sempre que precisei.

Maria Helena Arrochelas e Márcia Dalmácio do Centro Alceu Amoroso Lima, por contribuírem com a pesquisa com importantes informações e por viabilizarem os documentos que precisei.

Sr. Hildefonso de Oliveira, por prestigiar a pesquisadora com o seu tempo e as suas memórias da época em que trabalhava na Editora Vozes.

Wanny Lousada, pelo refúgio do seu apartamento, no Rio, e pelas caminhadas no calçadão de Copacabana, depois de um dia cheio de trabalho.

Laura Xavier e Rosângela Rangel da Casa Rui Barbosa, pelos esclarecimentos e pelo acesso aos documentos que precisei.

Os arquivistas da Cúria Metropolitana no Rio de Janeiro, pelo auxílio à pesquisa. Modesta, do Centro D. Vital, pelo esforço em recuperar um material que já não estava mais em seu poder, mas que muito seria útil a esta investigação.

Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, professora e amiga, pelo acompanhamento, olhar aguçado, incentivo e valiosas contribuições dadas ao trabalho, que serviram, sobretudo, para a vida.

Professor Luiz Eduardo Oliveira pelas contribuições no exame de qualificação.

Os colegas professores dos Departamentos de Educação e História pela disposição em ajudar, emprestando-me textos sempre que precisei.

Sônia Barreto, pela ajuda com a Filosofia da Educação.

Os colegas que acompanharam mais de perto a trajetória e que a convivência e as afinidades os tornaram amigos: Christine e Vladimir, pelos vários cafés e discussões filosóficas tão saudáveis e enriquecedoras; Fábio Alves, pelas leituras minuciosas do trabalho, pela ajuda na formatação do texto, pelas valiosas sugestões e por algumas inspirações tomadas como empréstimo; Sílvia Carolina, pela atenção aos detalhes; Simone Paixão e Socorro Lima, pelas discussões sobre o campo História; Suzana, por ter me mostrado a importância de compreender as diferenças.

Christine, especialmente, pela revisão do texto.

Os professores e funcionários do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da UFS pelas contribuições no decorrer da pesquisa.

Os colegas do Mestrado, pelas discussões, sobretudo, na época das disciplinas e por partilharem, cada um ao seu modo, esses últimos dois anos.

Os amigos que souberam compreender a minha ausência e mantiveram o apoio, o incentivo e a confiança: Selma, Amanda, Silvana, Fernanda Vieira e Ana Paula Lima.

Flávio Góis e Álvaro de Souza pelo abstract.

Minha família, por ser o meu porto seguro, mesmo à distância.

A família do meu marido, sobretudo minha sogra, pelos inúmeros almoços que me livrou de fazer, o que resultou em mais tempo livre para dedicar-me à pesquisa. Susy, pelo auxílio nos últimos momentos do trabalho.

Meu marido Andrés Soto, pelo suporte tecnológico sempre que precisei, e pela dedicação em ajudar, amenizando, muitas vezes, aqueles momentos mais tensos da pesquisa.

A CAPES, pelo financiamento da pesquisa.

## RESUMO

Este trabalho investiga a coleção de catecismos do Monsenhor Álvaro Negromonte, publicada entre 1937 e 1965, sob duas perspectivas de análise: em seu suporte material, no contexto do mercado editorial à época e no seu conteúdo, através das aproximações com os pressupostos escolanovistas. A partir desses dois focos de análise, a pesquisa busca contribuir com um cenário sombreado no campo da História da Educação Brasileira que não vem atentando para os catecismos como uma classe de impressos que determinou, muitas vezes, as práticas escolares brasileiras. Inserida no campo da História da Educação, a investigação parte da proposta da História Cultural e da História do Livro, atentando, ainda, para a História das Coleções, que considera o livro de catecismo, assim como todo livro, um objeto cultural, que visa promover o processo civilizador via educação. A Coleção Monsenhor Negromonte é composta, ao todo, de 14 volumes: 12 títulos destinados ao corpo discente das escolas, desde o 1º ano primário até o Curso Normal e três guias para o catequista: o 1º, referente à orientação do ensino de catecismo do 1º e 2º ano primário; o 2º guia, referente à orientação do 3º ano primário; e o 3º guia, orientava o 4º ano primário. O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar essa coleção como ferramenta didática utilizada pela Igreja Católica para a formação dos indivíduos. A materialidade, a produção, a circulação e a apropriação conduziram a trilha que compôs o cenário, em que o campo religioso atuou, buscando formar uma civilização cristã. Através das práticas modernas que a Igreja desenvolveu como o uso dos impressos, neste caso, o catecismo, um objeto específico de transmissão da cultura católica, ainda pouco explorado nas pesquisas em História da Educação tanto em sua materialidade como nas representações que adquiriu na sociedade brasileira, esta pesquisa situa, ainda, a presença e o lugar da Igreja Católica nas discussões educacionais que ocorreram no país, entre as décadas de 30 e 60 do século XX e evidencia a apropriação do debate acerca das Pedagogias Ativas pelo grupo católico nas propostas do autor da coleção.

Palavras-Chave: Impressos; Catecismos; Igreja Católica; Álvaro Negromonte; História da Educação.

## ABSTRACT

This work investigates the collection of the catechisms of Monsignor Álvaro Negromonte published between 1937 and 1965, under two perspectives of analysis: in his material support in the context of the editorial market to the season and in his content through the approximations with the presupposed of the New School. Starting from these two points of analysis the research tries to help with a shading scenery in the area of the History of Brazilian Education that don't comes looking to the catechism as a class of printed that determined much times the Brazilians school practices. Inserted in the area of the History of Education, the investigation begins from the proposal of the Cultural History and from the History of the Book, even looking to the history of the collections, that consider the book of catechism as any book, a cultural object, that wants to promote the civilization process by the education. The Collection Monsignor Álvaro Negromonte is composed of 14 volumes: 12 titles destined to the teaches of schools since the 1<sup>st</sup> grade of elementary school until the regular course and 3 Guides of the Catechist: the 1<sup>st</sup> referring to the orientation of catechism teaching for the 1<sup>st</sup> and 2<sup>nd</sup> grades of elementary school; the 2<sup>nd</sup> guide referring to the 3<sup>rd</sup> grade of elementary school; and the 3<sup>rd</sup> guide orientated the 4<sup>th</sup> grade of elementary school. The general purpose of this investigation is based on analyzing this collection as a didactic tool used by the Catholic Church to the formation of the individuals. The materiality, the production, the circulation and the appropriation guided the way that composed scenery that the religious area acted trying to create a Christian civilization. Through the modern practices that the Church developed as the using of printed, in this case, the catechism, a specific object of transmission of the Catholic culture, little explored in the researches in History of Education yet, as in its materiality as in the representations that acquired in the Brazilian society, this research has yet the presence and the place of the Catholic Church in the educational discussions that happened in the country between the decades of 30 and 60 of the 20<sup>th</sup> century and the appropriation of the discussion about the Actives Pedagogies for this group defended by the author of the collection.

Keywords: Printed, catechisms, Catholic Church, Álvaro Negromonte, History of Education.

# LISTA DE ACERVOS CONSULTADOS

Arquidiocese de Belo Horizonte  
Arquidiocese de Olinda e Recife  
Arquidiocese de Nazaré da Mata  
Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro  
Biblioteca da Cúria Metropolitana de Recife e Olinda  
Biblioteca Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais  
Biblioteca Igreja Sagrados Corações de Belo Horizonte  
Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
Biblioteca do Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus – Aracaju  
Biblioteca do Instituto Teológico Franciscano – Petrópolis/RJ  
Biblioteca do Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição – Aracaju  
Biblioteca Municipal Victor Vieira de Melo - Nazaré da Mata/PE  
Biblioteca Nacional  
Centro Dom Vital do Rio de Janeiro  
Centro de Pesquisa Documental Alceu Amoroso Lima – Petrópolis/RJ  
Centro de Pesquisa Documental Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro  
Centro de Referência do Professor de Minas Gerais  
Colégio Santa Cristina – Nazaré da Mata/PE  
Editora Record/Agir – Rio de Janeiro  
Editora Vozes – Petrópolis/RJ  
Fundação Helena Antipoff – Ibirité/MG  
Instituto D. Luciano Cabral Duarte - Aracaju  
Junta Comercial do Rio de Janeiro  
Paróquia de Nazaré da Mata  
Sala Helena Antipoff – Belo Horizonte  
Seminário de Olinda  
Seminário Menor Sagrado Coração de Jesus - Aracaju  
Seminário São José – Rio de Janeiro  
Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Características materiais do manual <b>O Caminho da Vida</b> .....	83
Quadro 2 - Características materiais do manual <b>Pedagogia do Catecismo</b> – Edição Vozes.....	91
Quadro 3 - Características materiais do manual <b>Pedagogia do Catecismo</b> – Edição José Olympio.....	92
Quadro 4 - Características materiais do <b>Manual de Religião</b> .....	100
Quadro 5 - Características materiais do manual <b>Minha Vida Cristã</b> .....	105
Quadro 6 - Características materiais do manual <b>As Fontes do Salvador</b> – Edição José Olympio.....	109
Quadro 7 - Características materiais do manual <b>As Fontes do Salvador</b> – Edições Rumo.....	109
Quadro 8 - Características materiais do manual <b>A Doutrina Viva</b> .....	115
Quadro 9 - Características materiais do manual <b>A História da Igreja</b> .....	123
Quadro 10 - Características materiais do <b>Meu Catecismo</b> (1º ano).....	131
Quadro 11 - Características materiais do <b>Meu Catecismo</b> (2º ano).....	132
Quadro 12 - Características materiais do <b>Meu Catecismo</b> (3º ano).....	132
Quadro 13 - Características materiais do <b>Meu Catecismo</b> (4º ano).....	132
Quadro 14 - Características materiais do <b>Meu Catecismo</b> (2º ano – publicado pela Vozes).....	133
Quadro 15 - Características materiais do <b>Guia do Catequista</b> (volume 1).....	150
Quadro 16 - Características materiais do <b>Guia do Catequista</b> (volume 2).....	151
Quadro 17 - Características materiais do <b>Guia do Catequista</b> (volume 3).....	151
Quadro 18 - Lições da série <b>Meu Catecismo</b> .....	251
Quadro 19 - Estrutura das lições da série <b>Meu Catecismo</b> .....	253

## LISTA DAS FIGURAS

Figura 1 - Modelos de acabamento de brochuras.....	77
Figura 2 - Capa do Manual <b>O caminho da Vida</b> .....	85
Figura 3 - Folha de Rosto do manual <b>O Caminho da Vida</b> .....	86
Figura 4 - Capa do Manual <b>Pedagogia do Catecismo</b> – edição Vozes.....	93
Figura 5 - Capa do Manual <b>Pedagogia do Catecismo</b> – edição José Olympio.....	96
Figura 6 - Capa do <b>Manual de Religião</b> .....	101
Figura 7 - Contra-capa do <b>Manual de Religião</b> .....	102
Figura 8 - Exemplo de ilustração do <b>Manual de Religião</b> .....	104
Figura 9 - Capa do manual <b>Minha Vida Cristã</b> .....	106
Figura 10 - Contra-capa do manual <b>Minha Vida Cristã</b> .....	107
Figura 11 - Capa do manual <b>Fontes do Salvador</b> – edição José Olympio.....	111
Figura 12 - Capa do Manual <b>Fontes do Salvador</b> – edições Rumo.....	114
Figura 13 - Exemplo de ilustração do manual <b>A Doutrina Viva: Lição “O Papa”</b> . ..	117
Figura 14 - Capa do manual <b>A Doutrina Viva</b> .....	120
Figura 15 - Capa do manual <b>História da Igreja</b> .....	124
Figura 16 - Orelhas do manual <b>História da Igreja</b> .....	126
Figura 17 - Contra-capa do manual <b>História da Igreja</b> .....	127
Figura 18 - Capa do manual <b>Meu Catecismo</b> (1º ano).....	135
Figura 19 - Capa do manual <b>Meu Catecismo</b> (2º ano).....	136
Figura 20 - Capa do manual <b>Meu Catecismo</b> (3º ano).....	137
Figura 21 - Capa do manual <b>Meu Catecismo</b> (4º ano).....	138
Figura 22 - Lombada do manual <b>Meu Catecismo</b> (3º ano).....	139
Figura 23 - Exemplo de ilustração do <b>Meu Catecismo</b> (1º ano).....	142
Figura 24 - Exemplo de ilustração do <b>Meu Catecismo</b> (2º e 3º ano).....	143
Figura 25 - Exemplo de ilustração do <b>Meu Catecismo</b> (4º ano).....	144
Figura 26 - Capa do <b>Meu Catecismo</b> (2º ano) – edição Vozes.....	147
Figura 27 - Exemplo de lição do <b>Meu Catecismo</b> (2º ano) - edição Vozes: Lição “ Ser bom com os outros”.....	148
Figura 28 - Capa do manual <b>Guia do Catequista</b> (volume 1).....	154
Figura 29 - Capa do manual <b>Guia do Catequista</b> (volume 2).....	155

Figura 30 - Capa do manual <b>Guia do Catequista</b> (volume 3).....	156
Figura 31 - Lombadas dos três volumes do <b>Guia do Catequista</b> .....	157
Figura 32 - “O Educador Integral” .....	259

## LISTA DE ANEXOS

- Anexo I - Fotografia do Padre Álvaro Negromonte
- Anexo II - Reportagem de Mauro Mota publicada na Revista Comemorativa de Nazaré da Mata – indícios do envolvimento do padre com o jornal **Gazeta de Nazaré**.
- Anexo III - Marca do vínculo com a cidade de Nazaré após sua partida.
- Anexo IV - Carta do Monsenhor Eurico de Melo Magalhães ao padre Aleixo de Caxias mencionando uma consulta ao Mons. Negromonte a respeito de um novo catecismo publicado – demonstração da credibilidade do padre no campo.
- Anexo V - Nota explicativa sobre a concessão do uso dos textos e a sua devida publicação em um projeto maior da editora José Olympio.
- Anexo VI - Correspondência de Negromonte à Alceu Amoroso Lima sobre o livro **Educação Sexual**.
- Anexo VII - Parecer do padre Hélder Câmara sobre o livro **Educação Sexual**.
- Anexo VIII - Modelo do programa de religião em unidades didáticas para o curso ginásial proposto pelo padre Hélder Câmara.
- Anexo IX - Correspondência do padre à Editora José Olympio sobre a publicação de **A Doutrina Viva**
- Anexo X - Opúsculo do padre distribuído em seu falecimento.
- Anexo XI - Contra-capas da Revista Eclesiástica Brasileira de 1964.
- Anexo XII - Regulamento para o ensino de catecismo estabelecido na Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro de 1915.
- Anexo XIII - Carta de Sua Santidade o Papa Pio XII, subscrita pelo cardeal Giovanni Battista Montini, sucessor pontifício de João XXIII, publicada nos manuais das editoras José Olympio e Rumo.
- Anexo XIV - Carta aos alunos do 2º ano primário.
- Anexo XV - Carta aos alunos do 3º ano primário.
- Anexo XVI - Lições do **Meu Catecismo** – 2º ano primário.
- Anexo XVII - “Observações Importantes”: carta de apresentação aos professores da série **Guia do Catequista**.

- Anexo XVIII - Modelo de programa de ensino religioso para escola infantil e primária por Maria Luiza Cunha retirado do manual **Pedagogia do Catecismo** na edição José Olympio.
- Anexo XIX - Questionário do **Manual de Religião**.
- Anexo XX - Modelo de lição do manual **Minha Vida Cristã**.
- Anexo XXI - Questionário e exercícios do manual **Fontes do Salvador**.
- Anexo XXII - Nota “Aos Professores”.
- Anexo XXIII - Lição do **Meu Catecismo** para o 3º ano primário.
- Anexo XXIV - Método integral do Monsenhor Álvaro Negromonte esquematizado para os professores.
- Anexo XXV - Lição sobre “A missa” apresentada no **Guia do Catequista** – 1º ano.
- Anexo XXVI - Lição sobre “A missa” apresentada no **Guia do Catequista** – 2º ano.
- Anexo XXVII - Lição sobre “A missa” apresentada no **Guia do Catequista** – 3º ano
- Anexo XXVIII - Lição sobre “A missa” apresentada no **Guia do Catequista** – 4º ano.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
Perfil Biográfico de Álvaro Negromonte .....	24
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>UM PROJETO CATÓLICO MODERNO</b> .....	51
1. Formas e Sentidos do catecismo na História .....	51
2. Os catecismos e a Educação Brasileira .....	62
3. Os catecismos de Álvaro Negromonte em seu suporte: a coleção como distinção .....	71
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA PEDAGOGIA CATÓLICA</b> .....	164
1. A Escola Nova Católica .....	164
2. A Pedagogia do catecismo: um guia de referência .....	183
3. Diretrizes catequéticas: a coleção em seu conteúdo.....	203
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	271
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	276
<b>ANEXOS</b>	

# INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada tem como objeto de estudo os manuais de catecismo da Coleção Álvaro Negromonte, publicados entre 1937 e 1965. O objetivo geral deste trabalho está assentado na análise dessa coleção como ferramenta didática utilizada pela Igreja Católica em duas vertentes estratégicas: em seu suporte material no contexto do mercado editorial à época e no seu conteúdo através das aproximações com o debate educacional em voga. Essas duas perspectivas, além de serem elucidativas para a História da Educação, corroboram com as tendências apontadas pela História do Livro. Conforme Chartier e Roche, “a História do Livro vem se dedicando a analisar o impresso em duas perspectivas: como mercadoria produzida para o comércio e para o lucro; e, como signo cultural, suporte de um sentido transmitido pela imagem ou pelo texto” (1976, p. 99).

Essa coleção de manuais de cunho didático, segundo a editora José Olympio, foi “a única coleção de catecismos escrita por um só autor”<sup>1</sup> e durante as décadas de 30 e 60 do século XX, a circulação desses pequenos livros alcançou as escolas que professavam a fé católica de todo o país. Ancorada em uma proposta de renovação catequética, os livros da coleção trazem a marca das discussões pedagógicas vigentes na Europa, sobretudo no campo da Psicologia.

A escolha de tal objeto pareceu-me ambiciosa, mas ao mesmo tempo desafiadora e instigante. A primeira motivação surgiu ao perceber que os livros a mim entregues, encontrados na Biblioteca do Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus, pela professora e hoje amiga, Maria José Dantas dizendo “dá uma olhada nesses catecismos que encontrei e veja se servem para você” faziam parte de um projeto editorial voltado para a ampliação do mercado de leitores. A idéia de pesquisar catecismos católicos já havia sido definida no processo de orientação, ao explicitar o interesse pela religião e a

---

<sup>1</sup> Na contra capa de todos os exemplares da coleção, a José Olympio afirma: “Em cuidada apresentação gráfica, essa coleção de 14 livros é a única completa escrita por um só autor – vai do curso primário ao secundário (ginásial e colegial) e normal – o que lhe garante perfeita uniformidade no ensino das diversas matérias”. As coleções publicadas, desde a década de 20, traziam a marca de vários autores, geralmente pessoas renomadas na área, que se debruçavam sobre uma temática específica. O diferencial da coleção analisada neste trabalho está, exatamente, no fato de todos os livros serem do mesmo autor e não ter sido localizada pela pesquisadora, até o momento, nenhuma outra coleção organizada dessa maneira. Alguns autores católicos se destinaram a produzir livros educativos e mesmo catecismos, no intuito de contribuir com a orientação da boa leitura. Mas, seus livros não adotaram a configuração de uma coleção.

educação moral. Faltava saber que catecismos pesquisar. Estava em busca. Procurava por algo instigante e estimulante o suficiente para a dedicação que os anos de mestrado, que viriam pela frente, exigiriam. Ao pensar que havia localizado alguns catecismos para ajudar uma colega pesquisadora, Mazé fez muito mais; ela colocou-me diante do objeto de estudo que estava em busca.

O contato com a literatura sobre a História do livro, dos impressos e da leitura, exercício da disciplina “Política e Educação” que cursava à época, foi o aporte teórico que estimulou o meu interesse pelos pequenos livros que compõem a coleção. A leitura de **Coleção Atualidades Pedagógicas** de Maria Rita de Almeida Toledo, exercício da disciplina ainda ressonava e instigou-me a perceber a Igreja inserida em um contexto maior de práticas e estratégias de mercado, típicas dos avanços do processo civilizador em prol de mecanismos mais eficientes para fazer circular a doutrina católica. Por esse viés, o estudo dos manuais de catecismo não contribuiria somente com o campo da História da Educação, pelo conteúdo formativo que encerrava em suas páginas e a intencionalidade de fazer esse conteúdo chegar a um número maior de leitores; mas, contribuiria também, com a História do Livro ao dissecar o objeto cultural em seu formato, em sua materialidade e nos significados que esta traduz do mercado de livros. O caráter didático da coleção revela, ainda, a preocupação da Igreja em formar cidadãos aptos para compor uma sociedade civilizada cristã.

A segunda motivação surgiu ao folhear os livros da coleção e perceber princípios das pedagogias ativas nas lições, citações de educadores modernos, como Claparède e Lourenço Filho, e nas referências do próprio autor quanto a vinculação dos seus exercícios com algumas propostas pedagógicas modernas, como o princípio da atividade e do trabalho, quase sempre presente nas suas notas aos professores. Ainda que fossem somente indícios, pistas iniciais, essas marcas, presentes nos seus catecismos sinalizavam para a presença e para uma apropriação da intelectualidade católica, em relação ao debate instituído no Brasil, nas décadas de 20 e 30 do século XX, em torno das propostas pedagógicas modernas e da necessidade de renovação educacional, discussões que subsidiaram os projetos de Reformas de Ensino nos diferentes estados da federação em nome da civilização do país.

Não obstante algumas pesquisas mais recentes apontarem em uma direção que indica práticas modernizadoras no interior da Igreja, a representação cristalizada nas pesquisas no campo da História da Educação, por muito tempo apontou para um



conflito que coloca em pólos antagônicos, católicos e liberais<sup>2</sup>, na luta por um projeto de renovação educacional, em nome da civilização do país<sup>3</sup>. A presença católica nos debates educacionais e a leitura apropriada dos ideais pedagógicos modernos, instigou-me a curiosidade sobre uma História que não aparece, ainda, com clareza, na historiografia da Educação Brasileira. Essa motivação levou-me a buscar compreender a teoria educacional que embasou as práticas católicas no Brasil, entre as décadas de 30 e 60 do século XX, situando-a não à margem, e sim como mais uma corrente de pensamento, a exemplo das várias que originaram as pedagogias ativas na Europa e nos Estados Unidos, que tratou das questões pedagógicas que vinham ocorrendo no país.

Apesar da Igreja ter contribuído, significativamente, para a educação brasileira, os estudos sobre essa temática, no campo da História da Educação, ainda são escassos. As tensões, os conflitos, as disputas pelo campo religioso suscitaram uma série de iniciativas que contribuíram para o desenvolvimento da educação no país, como, por exemplo, a circulação das idéias religiosas através dos manuais de catecismo estimulando a leitura e a escrita nas diferentes classes sociais, e que passam ao largo da historiografia da educação brasileira. A partir desses dois problemas, busco compor um cenário que não aparece com clareza, contribuindo com alguns pesquisadores que vêm apontando a necessidade de se olhar para a presença da Igreja na educação brasileira com mais atenção, como a Prof<sup>a</sup>. Marta Maria Chagas de Carvalho e o Prof. Antonio Donizetti Sgarbi.

No Brasil, os manuais de catecismo raramente constituem objeto de estudo específico da História da Educação, do livro ou dos impressos, aparecendo, geralmente, como referência de apoio a estudos sobre os aspectos do ensino religioso e das práticas escolares. Enquadram-se, nesses estudos, a tese de doutoramento em Educação **A Pedagogia catequética e a educação na primeira República (1889-1930)**, de Mauro Passos, o qual dedica um capítulo substancial para tratar dos catecismos; os artigos **Da Leitura do Catecismo à Catequização da leitura - O catecismo como texto de leitura na escola primária no Brasil do século XIX**, de Elomar Tambara e O

---

<sup>2</sup> O conceito liberal, aqui utilizado, tem a intenção, apenas, de reproduzir a terminologia usada na historiografia acerca dessa temática.

<sup>3</sup> A tese de doutoramento de Carlos Roberto Jamil Cury, publicada na década de 80 do século XX tornou-se um marco teórico para esse tipo dessa representação. Não obstante esse tipo de interpretação, outros trabalhos apontaram relações existentes entre os católicos e a Escola Nova que iam além das diferenças, identificando, com isso, algumas identidades. Dentre esses trabalhos, merece destaque as pesquisas da Marta Carvalho (1994), (1998) e (2001) e Donizetti Sgarbi (1997) e (2001).

**catecismo como método de ensino de línguas**, de Luiz Eduardo Meneses de Oliveira e Lêda Pires Corrêa. Recentemente, foi publicado, ainda, o artigo **Os catecismos protestantes no Brasil (1864-1916)**, de Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento. Em geral, o catecismo aparece inserido no contexto maior da catequese e os estudos são voltados para a área da Teologia, Filosofia sendo alguns artigos na área da Lingüística.

Um levantamento acerca dos trabalhos apresentados nos principais congressos na área de História da Educação no Brasil aponta para a ausência de estudos sobre essa temática. No III Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado em 2004, dos 351 trabalhos apresentados, 13 se referiam à Igreja Católica e nenhum à catequese ou catecismo. Em 2006, no IV Congresso Brasileiro de História da Educação, foram apresentados 231 trabalhos, dos quais apenas 11 tratavam da Igreja Católica e ainda nenhum desses sobre catecismos, à exceção de um estudo sobre catecismos protestantes. No XVII Encontro de Pesquisa Educacional Norte e Nordeste realizado em 2005, dos 106 trabalhos inscritos no GT de História da Educação, apenas doze tratavam da Igreja Católica e somente um, de minha própria autoria, versava sobre os manuais de catecismo e sua contribuição para a educação. No XVIII Encontro de Pesquisa Educacional Norte e Nordeste, realizado em 2007, dos 157 trabalhos apresentados no GT de História da Educação, 11 se destinaram à Igreja Católica e, mais uma vez, apenas um destinado a catecismos, o qual se constitui parte desta pesquisa.

Em Sergipe, o Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe, criado desde 1995, produziu nove estudos relacionados ao campo da religião: **Movimento Estudantil: a JUC em Sergipe (1958-1964)**, de Antônio da Conceição Ramos; **Origens da Educação Protestante em Sergipe (1884-1913)**, de Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento; **Fé, Civilidade e Ilustração: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973)**, de Rosemeire Marcedo Costa; **Os Padres de Dom José: Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933)**, de Raylane Dias Navarro Barreto; **Saberes, Virtudes e Sofrimento: Formação, atuação e ensinamentos de Dom Domingos Quirino (1813-1863)**, de Dionísio de Almeida Neto; **A Cruzada católica: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX**, de Valéria Carmelita de Souza; **A presença missionária norte-americana no Educandário Americano Batista**, de Maria de Lourdes Porfírio Trindade dos Anjos, **Educação na imprensa**

**católica: as representações do jornal a defesa sobre a formação da juventude (1960-1969)**, de Ana Luzia Santos e **As filhas da imaculada Conceição: um estudo sobre a educação católica (1915-1970)**, de Valéria Alves de Melo.

O Mestrado em Sociologia da instituição citada anteriormente, produziu seis trabalhos com a temática religião: **Ideologias e Utopias na História da Educação – O Processo de Criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe**, de Luiz Eduardo Pina de Lima; **Visão de Mundo no Espiritismo: Uma Análise Sócio-Antropológica**, de Eufrásia Cristina M. Santos; **As Missões Capuchinhas no Baixo São Francisco Sergipano. Séc. XVII –XVIII: O Altar e o Trono no Período Colonial**, de Kátia Maria de Araújo Souza; **As cartas de alforria e a Religiosidade – Sergipe (1780-1850)**, de Hortência de Abreu Gonçalves; **Sob o olhar diligente do pastor: a Igreja Católica em Sergipe (1831-1926)**, de Péricles Andrade de Moraes Junior; e **Igreja Católica e AIDS: Estudo do Programa Solidariedade e Esperança AIDS em Sergipe**, de José Marcelo Domingos de Oliveira. Dois professores do Departamento de Sociologia também produziram estudos voltados para a área da religião: **Pentecostalismos e os Rituais de Cura Divina: personagens e percursos**, tese de doutoramento do Prof. Jônatas Silva Meneses, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2002 e **Igreja Católica e Sindicato no Campo: conservadorismo ou transformação? (1975-1985)**, tese de doutoramento da Prof<sup>a</sup> Marta Vieira Cruz, defendida também nessa instituição em 1992. Não obstante todos esses estudos sobre religião, os manuais de catecismos não figuram em nenhum desses trabalhos, o que reitera a ausência de estudos sobre a temática.

Na tentativa de suprir um espaço dessa lacuna, esta pesquisa busca situar a Igreja Católica no bojo das propostas da modernidade, tais como, o uso dos impressos e o debate acerca da renovação do campo educacional através Pedagogias Ativas assegurando, com isso, um espaço que lhe é próprio na historiografia da educação brasileira.

Partindo da proposta da História do Livro e da História Cultural, o livro é um tipo de impresso considerado produto humano, que visa promover o processo civilizador. Segundo Chartier (1990), a História do Livro e da Leitura, na França, possui dois momentos relevantes: o primeiro acontece por volta dos séculos XII e XIII, quando a leitura passa de uma prática realizada em grupo para uma prática individual e o segundo, no século XVIII, que se caracteriza, sobretudo, pelo crescimento da

produção de livros e difusão dos impressos. A História do Livro, no entanto, aponta o uso da imprensa, com finalidade educativa, muito antes do século XVIII. Assis (2004) detecta a tipografia como prática que começou a ser exercida, desde o século XV, por impressores cristãos. O catecismo, por exemplo, como uma classe de impressos específica, ganhou realce nessa História a partir do século XVI.

Mas foi a partir do século XVIII, com a vulgarização da leitura, através da proliferação de impressos, que os antigos manuais de catecismo ganharam um novo aspecto escolar e passaram a circular entre os alunos estimulando a leitura entre os filhos das elites, que tinham acesso às escolas na época. Todos os aparatos que inovaram o processo educativo (livros, revistas, almanaques, livros didáticos e etc.) foram considerados dispositivos fundamentais para o progresso e a modernização, o que desencadeou, na Igreja, uma preocupação já existente, mas que se acentuou na prática da orientação à boa leitura. A formação com fins civilizatórios corroborava com os interesses da Igreja. O controle das emoções e a formação disciplinada do comportamento atendiam as necessidades da formação do homem civilizado capacitando-o para a vida em sociedade, e apresentavam afinidades com tendências particulares no comportamento eclesiástico tradicional.

Nesse intuito, os mecanismos de disseminação dos ideais católicos sofreram modificações a partir do advento da cultura impressa e se ajustaram às novas tendências que passaram a vigorar, sem perder de vista o seu ideal civilizatório cristão. A Igreja Católica se organizou sobre o discurso, retomado posteriormente pelo Papa João Paulo II, de

ter sido estabelecida na Terra como uma convocação dos homens de Cristo, sendo, portanto, a finalidade de todas as coisas. Por ser convocação de todos os homens para a salvação, a Igreja Católica é, pela sua própria natureza, missionária enviada por Cristo a todas as nações para fazer deles discípulos (João Paulo II, 1993, p. 189).

Segundo a Primeira carta de São Paulo à Timóteo (3:115), “a Igreja é a coluna e a firmeza da verdade”. Esse preceito bíblico torna a sua autoridade inquestionável e seus ensinamentos indiscutíveis porque os coloca em uma esfera de santidade muito próxima

do sagrado. A catequese é o mecanismo pedagógico adotado para o ensino dessas verdades. Ela consiste na educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos em geral, de maneira orgânica e sistemática, sob o ideal de iniciá-los na plenitude da vida cristã, utilizada também, em alguns momentos da História, como um mecanismo de civilização adotado pela Igreja.

Originários do grego *katechismós* e, posteriormente, apropriado pelo latim eclesiástico os termos “catequese”, “catecismo”, “catequizar” significam “fazer espalhar a novidade”, “ensinar a palavra”, “instruir”. Em um sentido mais amplo, a catequese é um conceito que diz respeito à ação eclesial que conduz, tanto os indivíduos como as comunidades, à maturidade da fé; enquanto o catecismo é um compêndio da doutrina da Igreja, uma compilação de modo simples e completo de tudo aquilo que o fiel deve conhecer. O texto de catecismo tem a função de sistematizar a ação catequética, através do ensino, adequando a metodologia utilizada à idade e às circunstâncias em que será aplicado.

Do ponto de vista metodológico, o catecismo se constituiu durante muito tempo, em uma técnica mnemônica organizada, em formato de perguntas e respostas, com o objetivo de ensinar as verdades da fé. Fosse no âmbito católico ou protestante, havia a pretensão de que tais verdades fossem absolutas, de maneira que a sua incorporação era que, efetivamente, importava. Tal técnica mostrou-se pertinente e eficaz, até o século XVIII, que trouxe consigo o desenvolvimento das ciências e, conseqüentemente, a racionalização típica do homem moderno que necessitava compreender determinado saber para se apropriar dele. A partir daí os catecismos foram adotando outros aparatos metodológicos e apresentando-se em forma narrativa ou explicativa, e, os questionários que, inicialmente, eram compostos de perguntas fechadas, passaram a fazer uso de perguntas abertas e exercícios investigativos, que estimulassem o trabalho, conforme os cânones da Pedagogia Moderna. Todavia, o formato perguntas-respostas resistiu e permaneceu como texto-padrão até o início do século XX, onde sofreu mudanças derivadas do movimento de renovação catequética que se instaurou no cenário internacional.

Como publicação de instrução religiosa, o catecismo adotou, por muito tempo, o discurso civilizatório, por corroborar com os padrões de regulação da Igreja através do auto-controle do indivíduo. A associação mais evidente entre os catecismos e as regras de civilidade, impostas pelo conceito de civilização, apareceu durante a Idade Média

quando religiosos cultos começaram a redigir normas de comportamento que serviam de testemunho do padrão vigente na sociedade. Bons exemplos são *De Institutione Novitarum*, de Hugo de São Vítor e *Disciplina Clericalis*, de Petrus Alphonsi. João Garland dedicou parte dos 662 versos latinos, que apareceram sob o título de *Moral Scolorium*, às maneiras à mesa (ELIAS, p.1990, p.74).

O processo civilizador trouxe consigo uma onda de racionalismo e individualismo que culminou, dentre outras coisas, com a Reforma Protestante, evento que marcou a História da Igreja. Se, para alguns historiadores, a modernidade inicia em 1453 com a Queda de Constantinopla, para outros, sobretudo os historiadores da Igreja, esse início se dá com a Reforma no século XVI. No conjunto de disputas travadas entre a Igreja Católica e o que ficou denominado Igreja Protestante, o movimento da Contra-Reforma surgiu como contestação a Lutero e tinha como objetivo reafirmar a fé católica, reformar, internamente, a Igreja, buscando pôr fim aos abusos existentes no clero, elevando a sua formação intelectual e cultural, exigindo um acurado senso de valor moral e espiritual como formas de aumentar, assim, a eficiência para combater o protestantismo. A catequese passou a ser obrigatória e ensinada, pelos párocos, às crianças, assim como o ensino da doutrina e instrução religiosa, aos fiéis.

No âmbito da modernidade, o catecismo tornou-se um impresso de destinação pedagógica, para a conformação do campo religioso. O ano de 1566 marcou a história da Igreja como o período a partir do qual os católicos de todo o mundo deveriam adotar o **Catecismo Romano**, imposto pela Reforma Tridentina como instrumento de modelagem das práticas e mentalidades do mundo católico. Os bispos e os párocos impuseram este modelo, seguindo as orientações da autoridade do Papa. Os padres receberam formação em seminários segundo o modelo concebido pelo Concílio de Trento, lendo compêndios organizados com base nessa mesma doutrina. O **Catecismo Romano** orientava a pregação dos sacerdotes, o trabalho das ordens religiosas, buscando a padronização da fé católica em todo o mundo.

A circulação do conhecimento religioso sempre se deu de forma hierarquizada e, a partir do advento da cultura impressa, vários manuais de catecismo foram redigidos e publicados de acordo com as diferentes culturas, tradições e circunstâncias nas quais seriam aplicados. Nesse contexto, as interpretações a respeito do que era adequado aos padrões da Igreja oscilaram entre os diferentes momentos do processo civilizatório e da estrutura social na qual estavam inseridas.

A modernidade desencadeou uma era de catecismos. Esses impressos alcançaram uma circulação tal que é permitido pensá-los como os impressos, senão mais populares, os mais eficientes do ponto de vista educativo.

No Brasil, os manuais de catecismo conquistaram, na sociedade em formação, um espaço legítimo para a propagação de valores religiosos, morais e de etiqueta posto ser esse um momento de aspiração ao progresso econômico e social. A sociedade brasileira norteadada pelos parâmetros civilizatórios europeus buscou a leitura e a escrita como elementos fundamentais desse processo. Estas práticas tornaram-se pré-requisitos de uma boa formação, por serem ferramentas importantes do processo civilizatório e não ficaram às margens da Igreja que as inseriu na sua proposta pedagógica.

Nesse sentido, o ensino religioso e o catecismo formataram as propostas modernas da Igreja e tornaram-se práticas importantes na escola brasileira desde o período da colonização. No Império, a Lei de 1827, no artigo 6º prescrevia o trabalho dos professores de primeiras letras:

os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, práticas de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional e os princípios de moral cristã e da doutrina católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil (TAMBARA & ARRIADA, 2005, p. 24)

Em Sergipe, no século XIX, o relatório do inspetor geral das aulas, Pedro Autran da Matta Albuquerque, publicado em primeiro de janeiro de 1858, apresenta uma relação de disciplinas estudadas na escola primária. A partir de tal documento foi possível observar que nos termos do artigo 11, do capítulo III, do Regimento das Escolas, de 1854, eram ministrados princípios da moral e da religião cristã, o que revela com clareza o espaço reservado para a difusão do ensino religioso na própria grade curricular. Apesar desse documento fornecer dados do séc. XIX e, não obstante as muitas reformas do ensino que aconteceram ao longo dos anos oitocentos e do século XX, ainda persistem, em muitas escolas, a utilização do catecismo e do ensino religioso como disciplinas que auxiliam no processo de formação moral dos alunos.

A questão do Catecismo voltou a ser debatida pela Igreja Católica, de modo acalorado, durante o Concílio do Vaticano I, em 1869, quando se discutia a infalibilidade do Papa. A mentalidade moderna ameaçava a unidade eclesiástica e destruía sua soberania ao recusar qualquer tutela sobre a razão e sobre o ordenamento social. Como remédio, os intelectuais católicos propuseram a restauração social dos valores cristãos. Diante dos indivíduos que experimentaram a liberdade, a Igreja se antepunha como um freio e um instrumento disciplinador.

Após a reforma do clero, que se instaurou na Igreja, o catolicismo brasileiro passou a apresentar uma nova configuração, na qual os traços essenciais que o marcavam eram a espiritualidade centrada na prática dos sacramentos e na obediência à hierarquia eclesiástica. Esse movimento fortaleceu a Igreja e criou, para si, a representação de instituição sagrada, naquilo que Bourdieu (2005) denomina de capital simbólico<sup>4</sup>, concedendo-lhe novos instrumentos para combater os seus inimigos, entre esses, os defensores do laicato.

Tais ideais romanizadores só encontrariam sua efetivação no desenvolvimento de uma postura na qual onde o clero assumisse, com maior clareza, o papel de educador da população, desenvolvendo uma educação sistemática, que promovesse a recristianização do povo brasileiro e a recuperação do poder e da influência religiosa na vida pública.

Como instituição de poder, a Igreja desenvolveu um conjunto de estratégias que, de acordo com Michel de Certeau, “apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo” (1994, p. 102)<sup>5</sup>. As estratégias adotadas pela Igreja, para se manter no campo<sup>6</sup>, enraizou-a profundamente em duas esferas: na rede

---

<sup>4</sup> Segundo Bourdieu, esse tipo de capital diz respeito a um conjunto de bens utilizados na luta pela imposição da visão legítima do mundo pelos agentes, que detêm um poder à proporção do seu capital, quer dizer, em proporção ao reconhecimento que recebem de um grupo. Este capital associa-se ao poder simbólico, uma forma transfigurada e legitimada das outras formas de força e dos modelos que fazem delas as relações de comunicação (2005, p. 99-181).

<sup>5</sup> O conceito de estratégia é entendido neste trabalho, tal como proposto por Certeau, “um cálculo das relações de forças postas por sujeitos de querer e poder com vistas a estabelecer resistências às oscilações que o tempo suscita. As estratégias postulam um lugar de circunscrição para quem as desenvolve” (1994, p. 99).

<sup>6</sup> O conceito de campo é utilizado aqui na perspectiva proposta por Pierre Bourdieu e diz respeito ao universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem um conhecimento específico. O campo é um mundo social que possui uma certa autonomia e que se configura como campo de forças e de lutas, no qual essas relações de forças alimentam a conservação transformação desse próprio campo e o mantém autônomo em relação às pressões externas do mundo que o envolve. A diferença entre um campo e um jogo é que o campo é um jogo no qual as regras do jogo estão elas próprias postas em jogo (BOURDIEU, 2004, p. 20-29).



de estabelecimentos de ensino, que ela organizou para o curso secundário; e na imprensa, pelas publicações voltadas para uma elite intelectual católica, produzidas pelo Centro D. Vital e pela Confederação Católica Brasileira de Educação, além da criação da Associação de Universitários Católicos.

A imprensa foi um dos veículos largamente utilizado pelos católicos para propagar as suas idéias. Souza (2005) se reporta ao Primeiro Congresso Católico Brasileiro, realizado em 1900, que classificou a imprensa como um conjunto de vários elementos informativos como: jornais cotidianos, periódicos religiosos e morais, periódicos científicos, livros escolares, almanaques religiosos, bibliotecas populares e sociedades de animação à imprensa. O termo *imprensa* deriva da prensa de tipos móveis, processo gráfico criado por Johannes Guttenberg, no século XV, inicialmente usado para a produção de livros e panfletos, tendo seu uso alargado por volta do século XVIII, para a produção de jornais e outros tipos de impressos. Logo, por impresso entende-se toda obra fruto de impressão tipográfica. O uso que foi feito do material impresso, pelos católicos evidencia a relação estreita entre Igreja e imprensa para propagação da doutrina católica via educação, conforme indicam Dantas e Orlando (2007). A organização de bibliotecas, inclusive as populares, que surgiram, desde o final do século XIX, como estratégia utilizada para moldar as mentalidades, através de um bom gerenciamento das leituras, postas à disposição dos indivíduos evidencia que os usos que a Igreja fez do livro, caracterizam-no não só como aparato religioso, mas, também, como objeto cultural de finalidade formativa. “Para a Igreja tratava-se de criar uma literatura específica - os bons livros – e organizar sua difusão aos fiéis que sabiam ler, por intermédio do padre” (HÉBRARD, 2004, p. 20). A memória escrita é difundida através do impresso, visando perpetuar os valores, os comportamentos, os discursos que vigoraram e formaram as sociedades. Nesse sentido, “o livro carrega consigo a missão de educar, civilizar, universalizar e instruir” (TOLEDO, 2001, p. 2).

Além disso, a crença no uso da imprensa como meio educativo, fez com que a Igreja se dedicasse a promover a difusão da boa leitura organizando, também, tipografias com o objetivo de formar uma rede editorial católica. No Brasil, podemos citar, como exemplo, por estar diretamente ligada a este trabalho, a editora Vozes. Inaugurada no início do século XX pelos franciscanos, tinha como objetivo produzir obras edificantes para a formação do verdadeiro cristão. Os franciscanos, instalaram

ainda, bibliotecas paroquiais, que faziam empréstimos gratuitos de livros, prática que se tornou comum no meio católico (CHARTIER & HEBRARD, 1995).

A ignorância religiosa era posta pela Igreja como a causa de todos os males e a instrução religiosa da população seria o remédio que curaria a sociedade desse mal. Essa teoria justificava as várias intervenções da Igreja nos diferentes setores da sociedade, inserindo-se nas questões sociais, políticas e ideológicas, ultrapassando com isso a esfera religiosa, mas assegurando-se de preservá-la, através dos mecanismos necessários, da influência de outros credos religiosos.

Desde a publicação da Encíclica *Acerbo Nimis*, em 1905, a catequese ganhou novo impulso. “O tema catecismo direcionou-se na perspectiva de uma grande cruzada a ser empreendida pelo bem da pátria” (PASSOS, 1999, p. 50). Tendo em vista a formação de uma nação católica, o cuidado somente com a elite do país era insuficiente, o que justificou a insistência de D. Leme, na sua Carta Pastoral de 1916 pela urgência da necessidade de suprir o povo com instrução religiosa, dando ênfase ao ensino de catecismo. O ensino primário não contava com a sua presença. Segundo Souza (2005), entre 1920 e 1930, o número de alunos no ensino primário havia quase duplicado, com tendência a acelerar essa expansão, constituindo-se em uma parcela da população sobre a qual a Igreja não detinha nenhum controle. A luta pela introdução do ensino religioso nas escolas públicas visava garantir a influência da Igreja sobre as classes populares e urbanas. Para Baía Horta,

a educação religiosa era mais um mecanismo para reforçar a disciplina e a autoridade. Assim, o ensino religioso, ao mesmo tempo em que servia de instrumento para a formação moral da juventude, tornava-se também um mecanismo de cooptação da Igreja Católica e uma arma poderosa na luta contra o liberalismo e o comunismo e no processo de inculcação dos valores que constituíam a base de justificação ideológica do pensamento político autoritário (1994, p. 291).

A ampliação do número de instituições escolares católicas em todo o mundo tornou esse o período de grande popularização da catequese. A Igreja Católica manifestou preocupação com diferentes grupos sociais, tentando fazer com que todos assumissem a sua doutrina.

Nos anos 20, o Papa Pio XI (1922-1939) estimulou a presença dos leigos na Igreja e a organização da Ação Católica, valorizando o catecismo como “a primeira de

todas as obras da Ação Católica e a mais necessária de nossos dias” (*apud* NEGROMONTE, 1940, p. 27). Começou, então, um período de rica efervescência na discussão acerca da catequese, com a criação de periódicos (jornais e revistas), emissoras de rádio, institutos, centros de estudos e faculdades de Filosofia e Teologia.

O trabalho do Monsenhor Álvaro Negromonte insere-se nessa estratégia de difusão do pensamento católico que encontrou em Minas Gerais, um fértil cenário possibilitando a articulação política necessária para colocar os ideais do seu grupo em circulação. Negromonte escreveu em jornais, fundou periódicos catequéticos, pregou em emissoras de rádio, criou grupos de estudo em Belo Horizonte, filiou-se a associações e fundou o Instituto Católico da Cultura. Concomitantemente, publicou a série de catecismos escolares, organizados, posteriormente, em formato de coleção. Dos vários usos que o padre Álvaro Negromonte fez dos impressos, de uma forma geral, este trabalho atenta para um tipo de impresso específico: os catecismos.

Segundo nota da editora José Olympio, a Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte é composta, ao todo, de 14 volumes: 11 títulos destinados ao corpo discente das escolas desde a primeira série primária até o curso normal e três volumes intitulados **Guia do Catequista**. O primeiro desses guias refere-se à orientação do ensino de catecismo do primeiro e segundo ano primário; o segundo refere-se ao terceiro ano primário; e, o terceiro guia orientava o 4º ano primário. Essa coleção foi publicada por quatro editoras: Vozes, Agir e Rumo e José Olympio. Os exemplares publicados pela Vozes, Agir e Rumo não trazem nenhuma nota da editora em relação ao autor ou à Coleção. Em contrapartida, a editora José Olympio destina quatro páginas no interior dos livros, para traçar o perfil e a trajetória do autor e, na maioria das contracapas, faz uma referência laudatória tanto ao autor quanto ao trabalho:

Essa coleção de 14 livros é a única completa escrita por um só autor – vai do curso primário ao secundário (ginasial e colegial) e normal, o que lhe garante perfeita uniformidade no ensino das diversas matérias. Os quatro volumes ilustrados para o ensino primário – os MEU CATECISMO - correspondem às recomendações do CONGRESSO DE DIRETORES DO ENSINO RELIGIOSO DAS DIOCESES DO SUL DO BRASIL, no qual ficaram estabelecidas as características de um bom texto para um ensino religioso no curso primário. NÃO SÓ CORRESPONDEM como atendem INTEIRAMENTE às exigências requeridas porque: 1. vão direito aos pontos vitais da doutrina; 2. são em forma expositiva; 3. são incomparáveis instrumentos de trabalho para o aluno; 4. destinam-se por excelência à formação dos nossos meninos; 5. são

cuidadosamente proporcionados, na escolha da doutrina, na dosagem de cada ano, na apresentação (JOSÉ OLYMPIO, 1961, contra-capas).

A produção de um conjunto de livros feitos pela Igreja teve o intuito de atingir não só o intelecto humano, mas também mover “os sentidos e o coração para o bem de modo que a inteligência ficasse voltada para Deus” (ASSIS, 2004, p. 93). Portadores da autoridade da Igreja e da tradição, os livros de religião, de uma maneira geral, e especificamente os livros de catecismo, exercem o que Assis diagnosticou como “uma dupla influência no homem: a de se deixar ensinar pela autoridade da Igreja e a de manter seu pensamento e sentimento voltados para o infinito” (ASSIS, 2004, p. 93).

O estudo de uma coleção de livros, na perspectiva da História da Educação, requer, ainda, a observação de que as coleções têm uma história específica. Embora esse tipo de impresso tenha surgido na França, existem alguns estudos, como os de Hallewell e Maria Rita Toledo de Almeida, que atentam para a historiografia das coleções no Brasil. Toledo, a partir de uma interpretação de Chartier, define as coleções como “uma classe de impressos, cuja função essencial é a de conquistar e atender a um público maior de leitor” (TOLEDO, 2001, p.1). As práticas editoriais visam sempre uma ampliação do mercado consumidor e as coleções se constituem em uma nova forma de uso de um produto que já está no mercado: o livro.

A representação que o livro adquiriu, junto aos leitores, ganhou contornos próprios nas variações do tempo e das sociedades que interagiram com ele. Até a Reforma, o livro era objeto de veneração, exclusivo, praticamente, aos padres e clérigos. Desde então, o impresso se popularizou e foi utilizado para instrução e conversão do povo. Fosse na perspectiva protestante ou católica, seu caráter tornou-se eminentemente pedagógico.

Durante a modernidade, além de instrumento de doutrinação religiosa, o livro também serviu para ditar normas de conduta essenciais ao processo civilizador e como representante de códigos comportamentais da corte, encerrou em si a representação de portador de um saber elitizado que deveria ser apreendido por todos que desejassem compartilhar tais modelos de conduta. Símbolo de cultura e modernidade pelo saber que carregava, seus conteúdos continuaram a ser apropriados como verdades absolutas em uma nova perspectiva. A Revolução Francesa e a proliferação de impressos supostamente, banalizou a prática de leitura. Entretanto, vale a lembrança de que o

público leitor, que interagira com o impresso de forma desmistificada, não fazia parte da grande massa, razão pela qual, o projeto de alfabetização se intensificou para que as pessoas pudessem se apropriar dos ideais revolucionários modernos.

As ferramentas da modernidade exigiam um público letrado, o que forçou os países aspirantes, como o Brasil, a pensar em estratégias de difusão do conhecimento escolar. Pode-se dizer que a imprensa favoreceu a desmistificação do livro como objeto sagrado; restrito ao clero, por outro lado, vale a pena refletir até que ponto isso significou, de fato, uma mudança de paradigma na apropriação do leitor, pelos conteúdos do livro, como verdades absolutas e quanto ao poder da palavra impressa.

Se por um lado, era um objeto que estava em voga como símbolo de civilização e, dominá-lo e interagir com ele fazia parte das práticas do homem civilizado, por outro, ao observar o livro e os demais impressos em suas incursões na vida cotidiana, é possível perceber de forma clara e legítima o poder que a informação, neles contida, exerce na vida das pessoas que se apropriam dos seus conteúdos como se eles fossem verdades absolutas.

Segundo Hallewell (1985), o mercado editorial brasileiro, até a década de 20, era marcado pelo consumo de livros importados, principalmente da França e Portugal, e de livros brasileiros impressos fora do país. É evidente a existência de uma prática de leitura no Brasil, até essa época, embora fosse uma prática restrita a poucos, já que o livro era um produto caro tanto para os leitores quanto para os autores, que deveriam ter capital para investir e distribuir a própria obra. Antes de 1920, a produção editorial no Brasil se caracterizava, basicamente, em livros didáticos e de legislação brasileira. Esses impressos eram considerados terrenos seguros, embora ocupassem o lugar de atividade secundária das grandes editoras. Os autores deveriam negociar diretamente com os impressores, por sua própria conta e, posteriormente, encarregar-se da distribuição.

O mercado de livros de educação, nos anos 20, cresceu consideravelmente em função dos movimentos educacionais que estavam acontecendo no país. A efervescência dos movimentos em prol da educação, que eclodiu na década de 20, trouxe mudanças na literatura nacional, que acompanhou todo o movimento político e cultural que se instaurou no país. De acordo com Toledo,

o livro tornou-se uma arma de propaganda fundamental na transformação da cultura nacional tanto pelo ponto de vista da instrumentalização da reforma da escola quanto pela propaganda dos

verdadeiros valores nacionais contidos na literatura, nos manuais de cidadania e nas coleções de vulgarização da literatura nacional (2001, p. 46).

Conseqüentemente, as editoras também adquiriram maior prestígio como agências responsáveis pelo desenvolvimento da cultura nacional. Editar livros escolares se traduzia em contribuir para a instrução pública. Talvez por essa razão, o Monsenhor Negromonte tenha dado à sua coleção o aspecto didático.

Longe de ser apenas um negócio lucrativo, como Hallewell faz crer, a renovação do livro escolar se revestia de caráter de intervenção político-cultural, fazendo circular os novos materiais da pedagogia prescrita pelos educadores e seus fundamentos, bem como os materiais de propaganda das organizações aglutinadas em torno da bandeira de luta da difusão da escolarização do Brasil (TOLEDO, 2001, p. 47).

O debate educacional se organizou em torno da Associação Brasileira de Educação. Criada em 1924, no Rio de Janeiro, seu intuito era “formular um programa mínimo de instrução como aqueles que viam a escola como uma instituição capaz de mais que alfabetizar, preparar para a vida” (MIGNOT, 2002, p. 225). Essa instituição contava com várias matizes, conforme assinala Zaia Brandão (1999), de nacionalistas e renovadores, das quais os grupos dos católicos e dos pioneiros receberam maior atenção por parte da historiografia pela representação que se instituiu de terem sido estes os pólos antagônicos que se antepuseram nas discussões educacionais que nortearam o movimento de renovação educacional do país à época.

Embora seja recorrente, na historiografia, colocar os católicos na posição de atores coadjuvantes do movimento dos pioneiros, ambos os grupos, católicos e liberais, atuaram como protagonistas nos projetos de remodelação da educação escolar.

Nos anos 20, o grupo católico esteve à frente da Associação Brasileira de Educação e das discussões acerca da renovação educacional do país, com a preocupação voltada para a formação das elites, cuja tarefa era a de formar o povo de acordo com as tradições nacionais, associadas, na sua visão, à cultura religiosa da Igreja, que se constituía no cimento da sociedade, indispensável para manter a ordem. Inicialmente, os novos especialistas da educação não tiveram uma participação expressiva, pois o grupo que determinava a política educacional dessa associação era formado, principalmente, por médicos e engenheiros. Nas reuniões e nos Congressos

Nacionais que a ABE promoveu o eixo da discussão não foi o aspecto técnico da educação, mas o seu aspecto político, em relação ao qual tanto os liberais quanto os católicos apresentavam um projeto de controle, de moldagem da sociedade. (CARVALHO, 1998; HILSDORF, 2003).

Em 1931, diante da possibilidade real de traçar um plano nacional de educação, os grupos se dividiram em católicos e pioneiros, marcando sua posição no cenário educacional e político brasileiro.

Os católicos defendiam a escola como uma instituição responsável para transmitir valores, verdades, doutrinas enquanto os pioneiros defendiam que a escola acompanhasse as mudanças, se adaptasse às novas exigências, permitindo que os alunos chegassem à verdade por meio do trabalho e da solidariedade vivenciada. Enquanto os pioneiros defendiam que cabia ao poder público assumir e assegurar o direito à educação para todos, os católicos não aceitavam que a Igreja e a família se submetessem ao Estado. Divergiam também da co-educação como um direito que permitiria a igualdade de oportunidades entre os sexos porque consideravam prejudicial à identidade sexual. O pomo da discórdia dizia respeito ao ensino religioso. Os pioneiros lutaram contra esta idéia enquanto os católicos criticavam a escola leiga, alegando que a pedagogia cristã tinha sido formadora da nacionalidade ( MIGNOT, 2002, p. 225-226).

Em 1932, a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação conferiu a esse grupo o controle ideológico da Associação. A partir daquele momento, os católicos se retiraram da Associação Brasileira de Educação e fundaram a Confederação Católica Brasileira de Educação, travando uma luta cerrada contra os pioneiros, no campo ideológico, disputando o controle das escolas. Os católicos se opuseram a muitas propostas do movimento da Escola Nova, principalmente no tocante às questões do laicismo e da co-educação. As disputas, entretanto, não aconteceram apenas no campo da política. O campo religioso vinha sendo disputado, principalmente, com os protestantes, que adotavam o modelo de educação norte-americana com base na Pedagogia Moderna.

A representação que se construiu desse embate é a de que, a partir dos anos trinta, estrategicamente, houve uma tentativa de incorporação, por parte dos católicos, do movimento escolanovista, depurando-o de tudo que contrariasse os preceitos do catolicismo. Segundo Carvalho, “os católicos em publicações diversas, arrolavam os princípios escolanovistas a serem rejeitados assim como as publicações, nacionais e

estrangeiras, que os difundiam discriminando-os como má pedagogia” (CARVALHO *apud* TOLEDO, 2001, p. 201).

Efetivamente, as questões postas pela modernidade - as novas técnicas educacionais, os novos dispositivos de circulação das idéias - não passaram ao largo da intelectualidade católica. Os métodos da Escola Nova traziam consigo as marcas da eficiência e a garantia de uma aprendizagem segura e duradoura. Por que, então, a Igreja Católica não faria uso desse recurso? A eficiência do método ativo atendia bem a necessidade de se introduzir na alma da criança, os preceitos morais e cristãos e os católicos não se abstiveram de usar essa nova metodologia, experimentada e atestada, nas escolas, por sua maior eficácia. As propostas escolanovistas foram apropriadas não só pelos profissionais da educação, mas também pelos intelectuais católicos no interior da Igreja, nas aulas de catecismo e se alastraram para as escolas através da publicação de uma coleção didática de catecismos, que circulou em todo o Brasil, difundindo os ideais católicos através do método ativo e integral, produzida pelo padre Álvaro Negromonte.

Foi também a partir de 1930, que a prática de editar coleções começou a se disseminar com mais expressividade. O mercado editorial cresceu não só em termos de aumento de títulos, autores e tiragens, mas pelo número de editoras que nasceram no período (TOLEDO, 2001, p. 17). Em meio a essa diversidade de editoras, o padre Negromonte se insere em duas vertentes em expansão: o mercado editorial das coleções e a leitura católica do discurso ativista da educação. Quanto a essa última, os estudos sobre a Escola Nova têm mostrado a face regional da educação no Brasil e a existência de formas católicas de apropriação dos seus saberes, como em Minas Gerais, por exemplo, onde a Escola Nova era católica por excelência. A reforma do sistema de ensino mineiro, empreendida por Casassanta e Francisco Campos, é considerada a mais bem-sucedida do ponto de vista da substituição do modelo político por um modelo pedagógico. O que a História da Educação não aponta com clareza é o fato de que a intelectualidade mineira, à frente desse projeto, era católica. Não havendo, portanto, a necessidade de uma disputa pelo campo político e ideológico, as propostas pedagógicas escolanovistas tiveram a chance de ser implementadas, na prática, acarretando uma modernização da Igreja dentro dessa concepção. O conceito de modernização para o catolicismo não é sinônimo de uma quebra de paradigma; ou seja, modernizar, para os



católicos, não significava romper com a tradição. A atualização está mais voltada para a abertura ao novo método, a organização pedagógica do ensino.

O projeto empreendido por Negromonte revela a importância do catecismo no cenário educacional brasileiro, como um recurso utilizado pela Igreja para cumprir a sua dupla missão de formar o homem nas verdades da fé - para o seu próprio bem e para o bem-estar social - além de utilizar as estratégias de mercado para viabilizar a circulação desse material

No caso da Coleção Álvaro Negromonte, o seu aspecto didático mostra a preocupação com a formação das crianças e jovens nas escolas; ou seja, com os modelos formativos que estes alunos estavam recebendo no período de maior disposição para a aprendizagem. Além da coleção, o Monsenhor Negromonte escreveu outros livros de caráter formativo como **Educação Sexual, Noivos e Esposos, Como educar seu Filho**, entre outros; sempre defendendo os valores morais nos quais deveria estar alicerçada a vida de todo cristão. Sua proposta maior era formar, no Brasil, uma civilização cristã, entendendo cristão como sinônimo de católico e, civilização, como algo que abrange mais do que crenças religiosas. Segundo Elias,

O conceito de civilização refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes. Pode-se referir ao tipo de habitações ou à maneira como os homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos (ELIAS, 1990, p. 23- 24).

A civilização diz respeito a um processo e ao seu resultado. Enfatiza as regularidades, o que é comum a todos os homens (NASCIMENTO, 2004, p. 207). Esse conjunto de elementos característicos de uma sociedade, forma o indivíduo de modo passivo e ativo simultaneamente. Nessa perspectiva, a escola tem um espaço na vida social do sujeito e lhe confere o aprendizado indispensável, pois ela não só transmite os padrões culturais em circulação, como modela os comportamentos, os afetos, os instintos, visando o tipo de sociedade que quer formar. As práticas escolares podem ser entendidas, perfeitamente, como práticas civilizatórias, por abrangerem todas as esferas da vida política, econômica, social, religiosa e moral do indivíduo.

O estudo dos manuais de catecismo, no cenário educacional brasileiro, contribui efetivamente, com a História da Educação, por permitir uma visibilidade maior das representações e práticas instituídas pela Igreja Católica, no processo de formação das mentalidades dos indivíduos, em prol de um projeto de recristianização que visava, em última instância, a formação de uma nação civilizada cristã.

Analisar essa coleção, limitando-me apenas ao seu conteúdo seria fazer uma análise incipiente, já que na perspectiva da História Cultural “o exame dos produtos não exclui a análise dos lugares e das práticas que os instituíram” (NUNES e CARVALHO, 1993, p. 10). Os discursos devem ser examinados “considerando o lugar a partir do qual são produzidos e a posição dos sujeitos que os produzem” (SOUZA, 2000, p. 12). A pesquisa histórica, a partir da Escola dos *Annales*, ampliou a visibilidade em torno do conceito de documento e opera com o entendimento de que

o conhecimento histórico se produz “com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos, e as maneiras do homem”. Nesse caso, ao documento escrito incorporam-se outros de natureza diversa, tais como objetos, signos, paisagens etc. A relação do historiador com o documento também se modifica. O documento já não fala por si mesmo, mas necessita de perguntas adequadas. A intencionalidade já passa a ser alvo de preocupação por parte do historiador, num duplo sentido: a intenção do agente histórico presente no documento e a intenção do pesquisador ao se acercar desse documento ( FEBVRE *apud* VIEIRA, 2005, p. 14-15)

Este trabalho está ancorado, metodologicamente, na análise interpretativa das fontes e no paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989), método que faz da atividade do pesquisador uma aventura, muitas vezes semelhante a de um detetive, e talvez por isso mesmo tão instigante e desafiadora, uma vez que o pesquisador, sem possuir dados concretos, sai em busca de pistas e indícios que o levam em muitos casos a caminhos desconhecidos, permitindo-lhe assim, compor a História.

Busquei com isso, investigar a produção e a materialidade da coleção sob o aporte teórico de Roger Chartier e analisar o conteúdo, pautando-o na relação texto e contexto, proposta por Ginzburg, e, sob a ótica da apropriação de Chartier. Não me interessei aqui pela apropriação feita pelos alunos, mas pelo leitor e escritor Álvaro Negromonte, através da sua leitura dos postulados modernos, apesar dele ser filiado a

uma tradição de pensamento da qual é árduo defensor e em prol da qual formula suas concepções teórico-metodológicas, a fim de melhor promover e disseminar a fé católica.

Todas essas vertentes, em que se desdobra este trabalho, estão ancoradas em duas hipóteses convergentes com o objetivo de recristianização da nação: a relação da Igreja com o impresso, como estratégia utilizada para resistir às mudanças do tempo e que marcam o seu lugar nas relações de força que caracterizam as configurações sociais como a renovação dos livros de catecismo, instrumento pedagógico para disseminação da cultura católica. A outra hipótese aponta a coleção Álvaro Negromonte como ferramenta que buscou padronizar os modos de pensar e agir das crianças e dos jovens católicos, através do ensino de catecismo, utilizando para tanto as estratégias pedagógicas do movimento escolanovista, tal como este era entendido pela Igreja sob a forma de teoria educacional.

A investigação adere à proposta metodológica para análise do impresso, exposta por Roger Chartier, em um conjunto de Seminários sobre a História dos Livros e da *imprimerie*<sup>7</sup>, realizados por este autor na *École des Hautes Études em Sciences Sociales*, em Paris, entre os dias 06 e 13 de dezembro de 2000. Nesses seminários, Chartier define alguns passos pelos quais guiei as análises deste trabalho:

o primeiro passo era contar a história da obra, tentando responder às questões do porquê a obra foi publicada, com que objetivos e por quem; em seguida, fazia-se necessário entender de que gênero literário se tratava e suas especificidades. Também Pécora (2001) valoriza a atenção para o gênero literário específico da fonte que se vai analisar, ou seja, seu estilo, seus argumentos, suas discussões e disputas com outros gêneros, documentos e publicações da época; o terceiro passo seria a descrição da fonte: o método de construção dos textos, os processos de impressão, tiragem, e distribuição; e, finalmente, haveria a própria análise de conteúdo dos textos, que se dividia em duas ações: demonstrar os argumentos da obra com citações que justificassem a construção das categorias de análise; realizar o levantamento, descrição e análise das idéias psicológicas tentando entendê-las dentro do contexto da obra e da época. Segundo Chartier, um dos aspectos mais importantes dessa etapa é precisar o sentido dos conceitos encontrados com o auxílio de dicionários e autores da época, principalmente buscando rastrear as matrizes de pensamento utilizadas pelo autor na construção da fonte estudada (CHARTIER *apud* ASSIS, 2004, p. 18)

---

<sup>7</sup> Segundo Assis, o termo se refere ao conceito de “imprensa, como indústria de impressão, depois de Gutenberg” (2004, p. 17).

Não obstante a importância de Chartier para alcançar os objetivos aos quais me propus, dois outros teóricos foram, praticamente indispensáveis. E, se, do ponto de vista da metodologia científica, o uso de vários conceitos traz consigo o perigo de ficar na superficialidade, preferi, ainda, correr esse risco, a me sentir à deriva sem o devido respaldo do aparato científico para o exercício da História. Assim, o campo religioso, de Pierre Bourdieu, auxiliou a compreensão acerca da mentalidade do autor da coleção e o seu papel no interior desse campo e na luta externa pela sua recuperação. A civilização, de Norbert Elias levou-me a conduzir o olhar para a finalidade da educação proposta pela modernidade e o processo que impulsiona as práticas educativas e as suas representações sociais, das quais o ensino religioso não passou ao largo.

Este texto buscou apontar o discurso civilizatório da modernidade, através das estratégias adotadas enquanto práticas e representações sociais. Para tanto, a postura do pesquisador, em relação ao seu objeto de pesquisa, foi de constante diálogo, por entender que é a interlocução com o objeto que permite ouvir a voz que emana da análise das fontes. É preciso que não haja um abismo entre pesquisador/objeto, para que se possa ir além da sua compreensão e ser capaz de estabelecer as relações que o constituíram. O objeto, como diz Sales,

é um agente que fala, age e luta, não necessitando do pesquisador para lhes dizer a verdade, ou para falar no seu lugar deles, ele é portador de um saber e sabe dizê-lo muito bem. Portanto, o caminho da pesquisa não seria a busca da verdade, como Platão sugere, mas a busca de sentido, tentando captar o movimento, os fluxos que circulam e fazem dizer o acontecimento (2005, p. 73).

Perceber os sentidos dos manuais de catecismo, no bojo da educação brasileira, implica em pensar a importância do impresso, da leitura e da escrita para a sociedade moderna que visava as várias faces do progresso, sobretudo as que conferiam um certo grau de distinção social e que consideravam a leitura e a escrita como pré-requisitos de uma boa formação, por serem elementos importantes do processo civilizatório.

O primeiro livro da coleção, **O Caminho da Vida**, foi publicado, segundo informações da editora Vozes, em 1937, ao qual se seguiu a **Pedagogia do Catecismo**, em 1938, livro que segundo nota da própria editora José Olympio “sintetiza os princípios pedagógicos de renovação catequética, realizada na série de livros” (NEGROMONTE, 1961a, p.13).

A Coleção foi reeditada várias vezes, mas, não foi possível constatar o número exato de edições, as respectivas datas nem o porquê de ter sido impressa por várias editoras. Por essa razão, o recorte do marco temporal inicia em 1937, ano de publicação do primeiro livro da coleção segundo nota da editora Vozes e finaliza em 1965, ano em que foi lançado o último livro do autor, um projeto atualizado da **Pedagogia do Catecismo** intitulada **Nova Pedagogia do Catecismo**<sup>8</sup>. Apesar de ter conseguido compor toda a coleção, não consegui, em muitos casos, localizar a data das primeiras edições, assim como não consegui compor a coleção com exemplares publicados pela mesma editora. Se por um lado isso me permite perceber o diferente tratamento dado pelas editoras aos livros, por outro dificulta a análise baseada em um padrão de edição.

O ponto de partida da análise da coleção seguiu os indícios sobre o conteúdo, a produção, a materialidade e a circulação dos livros. Na perspectiva da História Cultural, não é possível desassociar a relação texto/contexto para compreender determinadas práticas culturais. A prática de leitura e o caráter formativo desta estão inseridos em uma rede de interdependência com o contexto social, político e cultural que as determina. Nesse sentido, a análise do conteúdo foi realizada, concomitantemente, à análise das condições de produção desse discurso e do debate educacional das pedagogias ativas.

Analisar o conteúdo significa adotar um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem (FRANCO, 2003). Esta é submetida a um conjunto de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo. (BARDIN, 1995). Nesse caso, uma vez que o autor da coleção a escreve sob o influxo da Escola Nova, sobretudo do pensamento de Pestalozzi e Claparède, o elemento norteador da leitura foi a apropriação das propostas escolanovistas pela Igreja e, especificamente, pelo próprio autor. A análise das condições de produção ofereceram subsídios para entender o como, o porquê, para que, para quem, com que finalidade foi produzido determinado discurso ao invés de outro em um momento específico da História. A compreensão desse conjunto de elementos é reveladora de uma circulação da cultura que não está isenta das especificidades de cada época, local e circunstância.

---

<sup>8</sup> Inicialmente, havia encerrado o marco temporal em 1964 por ser este o ano de morte do autor, uma vez que não havia localizado nenhuma última edição dos seus livros. Posteriormente, ao localizar a obra **A Nova Pedagogia do Catecismo**, achei pertinente e justificável a mudança no recorte temporal.

## PERFIL BIOGRÁFICO DE ÁLVARO NEGROMONTE<sup>9</sup>

“Tudo isso, numa palavra, permite dizer que o indivíduo é apenas o que a sua época e o seu meio permitem que ele seja”. Lucien Febvre

A trajetória do Monsenhor, no processo de construção da sua carreira eclesiástica, também é reveladora da posição que ele ocupava no catolicismo brasileiro e da sua importância no contexto educacional que a Igreja Católica vinha tentando consolidar na década de 30, do século XX. Seguir suas pegadas em busca dos vestígios que ele deixou por onde passou, ajudou-me a compreender um pouco do sujeito que produziu essa coleção, perceber seus ideais, seus movimentos, suas estratégias, seu papel no campo religioso, sua influência intelectual e, sobretudo, sua contribuição para a educação brasileira na formação dos indivíduos.

Em busca de pistas sobre a coleção, vasculhei, primeiramente, a Biblioteca do Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus, onde foram localizados mais alguns livros da coleção e outras obras do padre. A partir da nota da editora José Olympio, que traça um detalhado perfil biográfico do padre e dos locais por onde passou, segui essa trilha através das marcas que deixou na História e nas memórias.

A trajetória, a partir daí, foi iniciada em Pernambuco, seu Estado natal, a fim de analisar a formação que ele obteve e que influenciou sua carreira e sua vida. Entretanto, na historiografia pernambucana, a falta de registros acerca do Monsenhor e seu trabalho levaram-me a levantar a hipótese da existência de uma disputa no interior do campo religioso, o que torna relevante pensar esse sujeito em suas origens, personalidade, trajetórias, ambições e contexto, a partir das fontes, consciente de ser este um exercício indispensável para perceber as diversas relações que serviram para compor o cenário no qual a coleção se apresenta.

Álvaro Negromonte formou-se no Seminário de Olinda<sup>10</sup>. Três anos após sua ordenação, o padre enveredou pelo caminho da catequese, setor educacional que tanto brilho trouxe à sua carreira eclesiástica. Mas o que o levou a enveredar por esse

---

<sup>9</sup> Conferir foto do padre no anexo I.

<sup>10</sup> Os arquivos dessa instituição têm apenas o registro de matrícula do padre. Segundo a bibliotecária, as fichas dos alunos dessa época já não existem mais.

caminho? Além disso, o que o levou a adotar os ideais escolanovistas em seu discurso? Até onde esses ideais foram apropriados de fato? Quais os problemas e as opções que precederam as suas decisões e seus atos? Que tipo de incentivos recebeu? As respostas para essas questões permitem a construção de um sujeito em sua complexidade, atentando para as oscilações próprias do seu projeto de vida.

Evidentemente, suas decisões se pautavam pelo que sabia na época, pelo que sentia, pelo que podia fazer no momento das decisões. Sempre é fundamental levar-se em conta que esses atos decisórios se dão nos corações e nas mentes dos personagens, num cruzamento de tempos passados, presente e futuro bastante imbricados. A dificuldade é achar como e em que grau. E essa avaliação, sempre difícil, por vezes impossível, pelo fato de que encontramos muita dificuldade em achar fontes que nos informem sobre processos de decisões; as fontes, em geral, informam-nos mais sobre os fatos propriamente ditos e não sobre as motivações ou questionamentos anteriores às decisões nesses concretizadas. (BORGES, 2001, p. 7)

Segundo Elias,

para se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida em que elas conseguem realizar tais aspirações. Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências. Desde os primeiros anos de vida, os desejos vão evoluindo, através do convívio com outras pessoas e vão sendo definidos, gradualmente, ao longo dos anos, na forma determinada pelo curso da vida; algumas vezes, porém isto ocorre de repente, associado a uma experiência especialmente grave. Sem dúvida alguma, é comum não se ter consciência do papel dominante e determinante destes desejos. E nem sempre cabe a pessoa decidir se seus desejos serão satisfeitos ou até que ponto o serão, já que eles sempre estão dirigidos para outros, para o meio social. Quase todos têm desejos claros, passíveis de ser satisfeitos; quase todos têm alguns desejos mais profundos impossíveis de ser satisfeitos, pelo menos no presente estágio de conhecimento (1995, p. 13).

No caso do padre não, não foi possível descobrir com exatidão como tudo começou, mas é evidente que, ao final de sua vida, sua posição no meio eclesiástico era de referência. O reconhecimento dos seus pares em relação ao seu trabalho, traduz a distinção que obteve no campo. Todavia, até a década de 90 do século XX, o que se tinha do padre eram menções, referências em trabalhos que tratavam sobre a catequese.

Os próprios historiadores da Igreja apontavam a necessidade de se estudar mais sobre a vida e obra do padre Álvaro Negromonte como. A partir de meados a década de 90, alguns pesquisadores vêm atentando para a vida e a obra de Negromonte como, Oliveira (1980), Lustosa (1992), Vilela (1998). Essa preocupação resultou nas teses de doutoramento de Calvo (1986) e Silva (2005), que, apesar de não terem sido produzidas no campo da História da Educação, buscaram evidenciar a presença do padre na História e na Educação.

Embora relutante com o aspecto linear sob o qual aparentemente é posta a vida do padre, decidi fazer esta análise com base em tal representação, a fim de perceber, também, como é registrada, na sociedade, a vida de um indivíduo público. Obviamente, como humano, sua vida teve as oscilações próprias do cotidiano, das disputas, das tensões que não aparecem com tanta clareza. A boa ordem não só faz parte da sua pregação, a imagem da sua própria vida se organiza por essa representação simbólica. Assim, seguindo as pistas deixadas nesse caminho, comecei essa viagem tendo como ponto de partida a sua formação e atuação nos primeiros anos de sua carreira sacerdotal.

A primeira etapa se desenrolou em Pernambuco, onde se formou e se ordenou, em 1924, e atuou durante três anos. Em 1927, partiu para Minas Gerais, sua segunda área de atuação na carreira, onde começou a alcançar maior visibilidade. Foi em Minas que ele começou a publicar os livros da coleção, iniciando pelo **O Caminho da Vida**, em 1937, e despontou no cenário nacional como um grande educador. A partir de 1945, o Rio de Janeiro foi o seu principal ponto de atuação. Foi nesta cidade que sua carreira alçou maior vôo e também onde faleceu, por infarto, logo após o lançamento do seu livro **A Eterna Aliança**, segundo a “Necrologia” da **Revista Eclesiástica Brasileira** (1964).

A editora José Olympio, uma das quatro responsáveis pela publicação dos seus livros, foi a única que publicou uma nota introdutória nos manuais da coleção com o perfil biográfico do autor, destacando as atividades desempenhadas pelo Monsenhor Álvaro Negromonte. Segundo a editora, Negromonte,

Ordenou-se em 1924 e logo após foi designado Diretor do Colégio Diocesano e Capelão do Colégio Santa Cristina em Nazaré. Vemo-lo portanto, desde os primórdios de sua carreira ligado às atividades educacionais. Saindo da província natal em 1927, transferiu-se para Minas Gerais, onde passou a exercer a Capelania do hospital de Ituna, para depois fixar-se em Belo Horizonte. E foi na capital mineira que



o autor de “O Caminho da Vida” integrou-se definitivamente na atividade catequética, setor educacional e intelectual que tanto brilho lhe daria à carreira sacerdotal. Secretário do arcebispado, Capelão do Hospital Militar, Cura da Cátedra, Professor e Capelão da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, Professor de Catequética no Seminário de Belo Horizonte, fundador e Reitor do Instituto Católico de Cultura, Vice-presidente da Sociedade Pestalozzi e, finalmente, Diretor Arquidiocesano de Ensino Religioso, assim desdobrou-se a sua atividade prática e intelectual dividindo-se entre o serviço de Deus e o serviço dos homens com o entusiasmo e a força de quem sabia realmente o que pretendia. E de Minas, onde seu nome já se propagara com brilho como educador dos mais ilustres, veio para o Rio, centro irradiador por excelência, onde foi logo designado, em 1945, Orientador Educacional do Serviço de Assistência a Menores do Ministério da Justiça. De par com sua atividade literária intensa através do livro, de conferências, do rádio (há cerca de dez anos dirige-se ao povo carioca no programa “Palavra Sacerdotal”, inicialmente da Rádio Cruzeiro e hoje, da Rádio Guanabara). É Diretor do Ensino Religioso na Arquidiocese do Rio, para o qual foi nomeado em 1950 e camareiro secreto de S.S. Papa Pio XII desde então (JOSÉ OLYMPIO, 1961a).

Filho de senhor de engenho, Álvaro Negromonte nasceu em 1901 e dividiu a casa com mais nove irmãos. Aos treze anos, ingressou no Seminário de Olinda. Não se sabe ao certo quem custeou os estudos do menino, já que segundo um sobrinho seu, também chamado Álvaro Negromonte, a família, embora fosse proprietária de um engenho, não tinha recursos para manter os estudos do filho. Assim, é possível que a Diocese tenha custeado-o durante todo o tempo durante o qual ele permaneceu no seminário.

As razões que o motivaram a decisão a entrar no Seminário, tão jovem ainda, estão na esfera hipotética, na qual a mais plausível é a influência de algum padre amigo, que exercia algum tipo de admiração no garoto, despertando-lhe o desejo de imitá-lo, o que segundo o próprio sobrinho do padre, Álvaro Augusto Negromonte, era algo natural naquela época. “Ele vivia no meio dos padres, seria natural que quisesse ser um deles” (NEGROMONTE, 2005)<sup>11</sup>. Não se pode dizer que foi uma questão de vocação, até porque aos treze anos não se tem muita clareza quanto a própria vocação, considerando o processo de formação em que o indivíduo se encontra. Nesse caso, é preciso se considerar, segundo Bourdieu (2005, p.201), que a vocação é uma construção. Para ele,

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida à pesquisadora em 18 de agosto de 2005.

A análise da estrutura do mercado de lugares oferecidos em um dado momento do tempo [...] e a comparação do recrutamento social da fração dos escritores e dos artistas [...] com o recrutamento social das demais frações das classes dominantes, deveria permitir determinar o campo das possibilidades e das impossibilidades associadas a cada tipo de posição na estrutura social, e, por esta via, chegar no sistema dos fatores objetivos que contribui para definir as trajetórias biográficas mais prováveis (BOURDIEU, 2005, p. 202).

Nesse sentido, é preciso atentar para o fato de que a carreira eclesiástica, juntamente com o Direito, a Medicina e a Engenharia era uma das profissões à época que conferiam *status* à família, além de possibilitar escolaridade superior a quem não possuía os recursos necessários, uma vez que a Diocese arcava com os custos de alguns alunos, desprovidos de recursos financeiros. Entretanto, também não se pode descartar que sua vocação tenha sido construída ao longo do tempo que ele passou no seminário, pelo menos dez anos, em um processo de formação, ou seja, durante todo o período de sua adolescência e juventude.

Pertencente à Diocese de Nazaré da Mata, sua primeira atuação se concentrou naquele município de Pernambuco. Foi Capelão do Colégio Santa Cristina, co-adjutor da Paróquia de Nazaré e Diretor do Colégio Diocesano Bento XV. Há indícios que apontam o padre como um dos diretores do jornal **A Gazeta**, jornal da própria Diocese de Nazaré, no período de 1924 a 1927, quando partiu para Minas Gerais<sup>12</sup>. O que o levou para outra cidade? O Monsenhor Petronilo Pedrosa (1983) alega ter sido por motivo de saúde. O livro de Atas da Diocese de Nazaré da Mata também registra esse mesmo motivo e concede uma licença de um ano para que o padre cuide da saúde em clima favorável. Mas, os vãos do padre não o levaram de volta à Nazaré.

A memória que o povo da cidade de Nazaré da Mata tem do padre Álvaro Negromonte remete ao nome da família, um nome tradicional no local, que atravessou diversas gerações. De diferentes maneiras, os Negromonte sempre marcaram presença na cidade. É comum ouvir recordações a respeito dos seus catecismos. Todos parecem ter estudado por eles. Os livros do padre estão na memória coletiva da cidade, assim como a tradição, que o livro possuía, de ser passado de um irmão a outro<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> Cf. artigo do poeta Mauro Mota publicado na Revista de Nazaré, p. 15 no anexo II.

<sup>13</sup> Os livros destinados ao ensino ginásial e ao Curso Normal possibilitavam essa transmissão de um irmão a outro porque as respostas das questões deveriam ser dadas no caderno, não tornando, assim, o livro descartável ao fim do ano. Os livros do curso primário, porém, por serem ilustrados e sugeridas a pintura das gravuras e as respostas no próprio livro, eram objetos de uso pessoal e intransferível.

Os catecismos do padre tiveram ampla circulação. Em 1969, mesmo após o Concílio Vaticano II, com toda a abertura que os catecismos tiveram, ainda havia, em Nazaré da Mata, quem estudasse catecismo pelos livros da Coleção Monsenhor Negromonte, como é o caso de Mércia Negromonte, ex- aluna do Colégio Santa Cristina<sup>14</sup>. Esses livros de catecismo se transformaram em um documento-monumento na memória coletiva da sociedade pernambucana. Apesar dessa construção da memória, em torno da coleção Monsenhor Álvaro Negromonte, nos primeiros contatos com os acervos em busca de registros que revelassem algo mais da sua atuação, não foi localizado nada nas fontes oficiais, além de pistas e indícios da sua presença e atuação na cidade. Todavia, de acordo com Febvre,

toda uma parte, e, sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e, para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entre ajuda que supre a ausência do documento escrito? (*apud* LE GOFF 1984, p. 98)

Na Paróquia de Nazaré não foi possível consultar o Livro de Tombo, assim como o arquivo do Colégio Santa Cristina, no qual a sua irmã foi professora. Neste acervo, contei com o auxílio das Irmãs Lucinda e Margarida, que coletaram algumas informações na Biblioteca da escola e na Arquidiocese de Nazaré da Mata. Na ausência de documentos oficiais ou na falta de acesso a estes documentos, sua trajetória, em Nazaré, foi estudada a partir das pistas - deixadas nos livros da Biblioteca Municipal Coronel Victor Vieira de Melo e das conversas informais com os funcionários dos acervos consultados e alguns familiares - que se constituem em lembranças, notas de uma ou duas linhas no imaginário coletivo da cidade. Os funcionários, sobretudo os da Cúria da Cidade de Nazaré, afirmaram não haver registro do padre, o que causa, no mínimo, estranheza, pois trata-se de um padre que teve sua atuação marcada não só no âmbito educacional local, como nacional.

Posteriormente, encontrei na tese de doutoramento do padre Ricardo Calvo (1986), outras fontes coletadas na Arquidiocese de Nazaré da Mata, das quais utilizei-me para a construção dessa etapa de sua vida. Esse episódio revelou-me, com a clareza

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida à pesquisadora em 15 de agosto de 2005.

da experiência, algo que sofreu um descrédito, depois da inserção dos leigos na obra social da Igreja, que é a tendência ao fechamento do campo religioso em si mesmo, e para o mundo, em sinal de legitimidade do campo, pautada na relação conhecimento-desconhecimento estabelecida entre o corpo de agentes eclesiásticos e os leigos, conforme assinala Bourdieu.

Sendo o poder religioso produto de uma transação entre os agentes religiosos e os leigos, na qual os sistemas de interesses particulares a cada categoria de agentes e a cada categoria de leigos devem encontrar satisfação, todo o poder que os diferentes religiosos detêm sobre os leigos e toda autoridade que detêm nas relações de concorrência objetiva que se estabelecem entre eles, derivam seu princípio da estrutura das relações de força simbólica entre os agentes religiosos e as diferentes categorias de leigos sobre as quais exercem seu poder (BOURDIEU, 2005, p. 92)

Curiosamente, na Biblioteca da Cúria Metropolitana de Recife e Olinda, localizei uma obra de Fernando Pio dos Santos, intitulada **Apontamentos Biográficos do Clero de Pernambuco: 1535-1935 (1994)**, na qual ele traça o perfil biográfico dos padres que compuseram o clero de Pernambuco nesse período. O nome de Álvaro Negromonte não é citado. Apesar disso, foi construído um Grupo Escolar com seu nome, na cidade do Recife. Entender esse aparente silêncio das fontes documentais induz a uma reflexão sobre o que disse Le Goff, a respeito da construção dos documentos:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder [...] O documento não é inócuo. É antes de mais o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também de épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio (1984, p. 102-103)

Apesar das fontes não revelarem muito da atuação do padre, no período em que esteve em Nazaré, algumas pistas apontam para boa relação que ele mantinha com o clero local, conforme retrata a Irmã Margarida, arquivista do colégio Santa Cristina<sup>15</sup>. Segundo ela, o padre visitava a cidade constantemente para ver sua irmã, também freira e professora do Colégio Santa Cristina, e para realizar conferências sobre catequese, o

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida à pesquisadora em 15 de agosto de 2005.

que se confirma em uma pequena referência que a historiadora Marliete Pessoa faz do padre no livro **Os 80 anos do Colégio Santa Cristina: uma história de educação e fé** (2003). Segundo ela: “Aqui foi local de memoráveis semanas catequéticas, muitas contando com a apostólica, inteligente e irônica presença de Padre Álvaro Negromonte” (PESSOA, 2003, p.172). Apesar dessa boa relação, as obras publicadas pelos ex-bispos de Nazaré fazem pouca ou nenhuma menção ao sacerdote, o que é justificado pela população local, por ele não ter feito carreira em Nazaré, ter ido embora.

Entretanto, o jornal **Gazeta de Nazaré**, em uma das suas edições do ano de 1952, relata um episódio que revela o vínculo que o padre manteve com a cidade, mesmo no cargo de Diretor de Ensino Religioso na Arquidiocese do Rio de Janeiro, promovendo maratonas catequéticas, nas quais os vencedores eram premiados com viagens ao Rio de Janeiro<sup>16</sup>.

É inegável que, como em todos os demais campos, o campo religioso traz, no seu interior, conflitos e tensões próprios da dinâmica do grupo. É possível que o vôo do Monsenhor tenha incomodado alguns dos seus pares, causado ressentimentos, razão que justificaria alguns silenciamentos na historiografia pernambucana. Possível razão, também, para que sua presença não figure dentre as personalidades que promoveram e colaboraram com o Primeiro Congresso Catequístico de Olinda e Recife, realizado em 1939, sobre a renovação do catecismo.

A essa época, os novos métodos pedagógicos para o ensino de catecismo já haviam sido alastrados pelo país, e Negromonte já era reconhecido por seus pares, chegando a ser mencionado por alguns preletores. Em boa parte das conferências, as marcas da sua proposta pedagógica eram notórias, mas, em raros casos, houve por parte do conferencista, uma referência em relação ao padre. Quando houve, foi juntamente com outros autores, franceses, tendo estes últimos recebido muito mais ênfase, o que sugeria um diálogo estreito entre o clero pernambucano e os pressupostos pedagógicos europeus diretamente, afirmando com isso, o movimento de renovação catequética em Pernambuco e imprimindo as suas marcas no campo. Apesar das suas muitas idas a Pernambuco e de afirmar conhecer de perto a questão do catecismo no Estado, a sua ausência é, no mínimo, instigante<sup>17</sup>. Mas essa é uma leitura das entrelinhas. A

---

<sup>16</sup> Conferir página do jornal no anexo III.

<sup>17</sup> Se, por um lado, esse incidente revela o apagamento de um sujeito, por outro, põe em relevo a circularidade da cultura e das práticas sociais através do diálogo que se travava fora dos eixos Rio - São

representação das relações aponta para uma admiração muito forte de muitos para com o seu trabalho. Como sujeito pertencente a um grupo, a construção da sua imagem enfrentou os conflitos inerentes ao conjunto de disputas nas quais os indivíduos se envolvem.

A obra catequética pregada pelo Monsenhor Álvaro Negromonte e seus livros de catecismo, levaram-no a viajar por todo o país promovendo Semanas de Estudo e Conferências sobre o tema. Sua presença era festejada pelas contribuições que ele dava ao desenvolvimento da catequese. No que diz respeito aos assuntos catequéticos, a sua opinião era freqüentemente consultada<sup>18</sup>.

Dotado de uma personalidade marcante, bem-humorada e irônica, características anotadas na fala de todos aqueles que o têm vivo na memória, Álvaro Negromonte apresentava, dentre suas potencialidades, o talento para a escrita e a oratória, elementos importantes para a propagação da fé. Vale lembrar, de acordo com Bourdieu (1996), que a Igreja Católica, como qualquer outra instituição, utiliza diferentes estratégias que demandam recursos econômicos para atingir seus objetivos. Vale a pena questionar se o padre Negromonte se ajustava aos interesses da instituição no momento em que atuou. Seria o padre, naquele momento, um agente importante ao processo de disputas presente no campo religioso?

Durante as duas primeiras décadas do século XX, a Igreja Católica perdeu espaço, no aparelho de Estado e teve necessidade de retomá-lo de forma legítima, ainda que a busca dessa legitimidade começasse pelo trabalho de sensibilizar a população. Era preciso que o povo desejasse o ensino religioso de volta. Sob o ideário religioso, é a partir do desejo que o coração do indivíduo se transforma em terra fértil, capaz de germinar o que o discurso planta. Segundo a Conferência dos Bispos do Brasil, realizada em 1983,

A sociedade do século XX, marcada também pelos ateísmos práticos e teóricos-militantes, por diversos tipos de neopaganismo, pelas formas fanáticas e sectárias de religiosidade de origem recente e pelo indiferentismo religioso, precisará também de um tipo de Catequese que, além de uma sólida fundamentação da fé, seja capaz de ajudar o cristão a converter-se e a comprometer-se no seio de uma

---

Paulo - Minas. O Primeiro Congresso Catequístico de Recife e Olinda é uma prova da apropriação católica pernambucana dos debates educacionais modernos e a sua articulação com o ensino religioso.

<sup>18</sup> Cf. Carta do Monsenhor Eurico de Melo Magalhães ao Padre Aleixo de Caxias, publicada no livro **Normas Práticas para os Catequistas**, 1957. p. 9, no anexo IV.

comunidade cristã para a transformação do mundo... Diversos pioneiros se dedicaram ao trabalho de sistematização e adaptação da catequese às novas exigências. É o caso, entre outros, de Mons. Álvaro Negromonte, que criou e difundiu no Brasil o chamado Método Integral de catequese, o qual se propunha como objetivo formar o cristão íntegro, firme na fé, forte no amor e pleno de esperança (1983, p. 5)

Os catecismos do Monsenhor começaram a ser publicados em meados da década de 30 do século XX. É evidente o grande investimento na propagação das mensagens catequéticas em todo o país através de cursos, seminários, conferências. A própria materialidade dos catecismos, que adotou o formato de coleção, e o cunho didático em que foram construído, são reveladores de tal estratégia. Certamente, Negromonte poderia ter escrito uma coleção de catecismos de cunho paroquial, mas sua opção pela educação escolar remete a pensar sobre o peso que esses pequenos livros teriam dentro do universo escolar.

Sagaz, o padre percebeu, desde cedo, a fertilidade do solo do campo da educação e associou a sua carreira, desde o início, às questões escolares. Assim, é importante compreender as estratégias políticas adotada pelo padre, para se manter engajado e deixar a sua marca na sociedade em que viveu. As várias frentes de luta que a Igreja desenvolveu na luta pelo campo religioso fizeram emergir, no cenário principal, alguns atores como Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Fernando de Magalhães, Oliveira Barbosa, os quais, cada um a seu modo, participaram, indireta e, muitas vezes diretamente, das tomadas de decisões junto ao governo, como é o caso de Alceu Amoroso Lima e da sua amizade estreita com o Ministro Gustavo Capanema. Francisco Campos também soube se articular entre o governo e a Igreja e utilizou a educação para seus fins políticos, beneficiando ambos os lados. De acordo com Lustosa (1991), a Igreja se aproveitou para realizar, ora na sombra, ora em plena luz do dia, os seus planos de reivindicações e exigências junto ao governo.

Ainda que não estivesse na linha de frente dessas articulações entre Estado e Igreja, Negromonte vislumbrou a possibilidade de reinserção do ensino religioso nas escolas e, como ator coadjuvante, desempenhou o seu papel na produção de livros didáticos a serem adotados nas aulas de religião das escolas públicas. Ora, a discussão sobre a retomada do campo religioso foi travada desde a instauração da República. Segundo Lustosa (1991), um comportamento absolutamente esperado, uma vez que a discussão visava a defesa de um patrimônio que lhe pertencia, sobretudo depois que o

Estado lhe cortou subvenções, o que preocupou ainda mais os dirigentes católicos. Nos primeiros anos do século XX, estava em profunda efervescência o debate acerca da educação do país e houve um empenho estratégico, desde 1910, por parte da Igreja, em se aproximar do governo visando a (re)conquista do espaço que perdera. Do ponto de vista católico, seria questão de tempo recuperar esse espaço, que sempre lhe coube na educação brasileira. Ainda que esta não tenha sido a sua motivação para produzir a coleção, a inteligência do padre, característica da sua personalidade<sup>19</sup>, não me permitiu pensar que essa problemática passou despercebida por ele. A participação desse debate acarretaria benefícios no campo religioso, deixando a sua marca na História da Igreja no Brasil e na História da Educação Brasileira.

Enquanto a reinserção do ensino religioso nas escolas públicas não era definida, as escolas confessionais adotariam seus manuais, fazendo seu autor partícipe no projeto de modernização de ensino, que se estabeleceu no país, como projeto de repolitização da nação, a partir dos anos 20. Nesse cenário, a roupagem moderna, vestida pelo clero brasileiro na segunda República, tinha em vista atender a demanda política e econômica que se instaurava no país. Álvaro Negromonte aparentava ter o perfil necessário e se adequou a esse papel, transformando-se no intelectual que proporcionou ao catolicismo, as condições de disputar, através do catecismo, o campo religioso, o qual vinha perdendo espaço, sobretudo para o protestantismo.

Apesar das fontes apontarem a ida do padre a Minas para se tratar de uma doença pulmonar, ao pesquisador cabe a desconfiança do documento como sugere Le Goff (1984). Nesse caso, é, no mínimo, curioso a sua permanência no estado de Minas Gerais, sobretudo, ao lembrar que sua licença de afastamento, foi de apenas um ano. Concomitantemente, no momento em questão, estava sendo implantada, no Estado, a Reforma do Sistema de Ensino Mineiro, um projeto liderado pela intelectualidade católica local. A produção da memória é, sem dúvida, um trabalho no qual se percebe, ainda que através de vislumbres, os interesses do produtor. Ao historiador cabe a leitura

---

<sup>19</sup> Segundo o depoimento do Padre João Batista, tomando as palavras do seu Arcebispo ao se referir ao Padre Negromonte, este possuía uma “inteligência arguta, cultura onímota, espírito de observação, diuturna experiência, tudo a serviço de um zelo estuante e operoso”. O padre João Batista de Freitas foi sucessor de Álvaro Negromonte na direção do Boletim Catequético, órgão de difusão das diretrizes catequéticas, que circulou em todo o Brasil, fundado pelo padre Negromonte em Belo Horizonte. Depoimento concedido a Ricardo Pereira Calvo (1984).



das entrelinhas, do silêncio, da aparência, dos sinais, propositadamente plantados, para compor a cena que a historiografia se encarregará de registrar.

A partir de 1932, quando os católicos se retiraram da Associação Brasileira de Educação, travou-se uma luta, contra os liberais, pelo controle das escolas. A onda de modernidade que se instaurou no país e trouxe consigo os modelos europeus e norte-americanos como símbolos de civilização e cultura não permitiu aos católicos abrirem mão desse espaço que já tinha sido considerado como o mais eficiente. Além disso, as disputas não aconteciam apenas no âmbito educacional. O campo religioso era disputado, principalmente, com os protestantes, que adotavam o modelo de educação norte-americana, com base na Pedagogia Moderna.

Segundo Hilsdorf (2003, p. 83), a metodologia da Escola Nova “foi aceita e considerada um mecanismo eficiente de controle social, para constituir de cima para baixo o povo adequado à nação”. Para Marta Carvalho (1998), no contexto da ABE, onde disputavam católicos e liberais, a Escola Nova foi movimento não de despolitização, mas de repolitização. As propostas pedagógicas escolanovistas tiveram a chance de serem implementadas em Minas, acarretando uma modernização da Igreja dentro dessa concepção e colocando-a em posição de igualdade com os protestantes, na disputa pelo campo religioso, através dos novos e eficientes recursos educacionais.

No trajeto de pesquisa, realizado nas principais áreas de atuação, Minas Gerais e Rio de Janeiro, busquei compreender potencialidades e possibilidades que o ajudaram a construir sua representação social. Mesmo sabendo que a vida de um sujeito não acontece de forma linear, adotei essa seqüência cronológica por achá-la importante para a compreensão, inicialmente minha e depois do leitor, do processo de construção de uma carreira, voltada para o ensino religioso, que em um determinado momento alcançou um espaço de visibilidade e crédito no cenário educacional brasileiro e no próprio meio clerical.

O ano de 1927 marca, de forma transformadora, a vida do jovem sacerdote recém-ordenado. Acometido de uma grave doença, o padre Álvaro Negromonte obtém, da Arquidiocese de Nazaré da Mata, interior de Pernambuco, apesar de não fazer parte do conjunto de regras da referida Cúria, a licença para se ausentar da diocese, transferindo-se para o Estado de Minas Gerais, pelo período de um ano; tendo, ao final desse prazo, que se apresentar na referida diocese a que pertencia. Tal prazo se estendeu por dezoito anos.

A presença de uma intelectualidade católica, no bojo do movimento, e o sucesso da reforma do ensino mineiro, em 1927, sinalizam para uma apropriação das propostas escolanovistas, adequando-as à necessidade de adaptação das práticas renovadoras da sociedade brasileira. A renovação visava ampliar os horizontes educacionais, a fim de formar indivíduos mais aptos para as novas necessidades urbano-industriais que se faziam imperativas. A sociedade mineira e, conseqüentemente, o grupo de renovadores mineiros, eram predominantemente católicos e, para esse grupo, a moralidade era a base de sustentação desse novo modelo construtivo. A fertilidade desse solo impulsionou, sem dúvida, o desenvolvimento dos projetos do padre.

O sucesso da reforma mineira deixa evidente que o projeto político pedagógico do movimento escolanovista não só deu certo no Brasil como circulou e foi apropriado por diferentes grupos do território nacional. O grupo católico esteve à frente do projeto de renovação do ensino, juntamente com o grupo intitulado pioneiros da educação, e se apropriou do discurso escolanovista com singular propriedade. A atuação desse grupo e a sua contribuição têm ficado à margem da historiografia educacional brasileira. Assim como, a forma que a Igreja utiliza para renovar a sua própria prática pedagógica, através de novos métodos e da circulação das idéias pela intelectualidade católica, que ao circular, a dissemina, difundindo as idéias do catolicismo sob novos preceitos pedagógicos.

A representação construída por Fernando de Azevedo é a de que 1930 é um marco na História da Educação Brasileira. Do mesmo modo, os pioneiros da Educação são os responsáveis pela introdução das idéias escolanovistas no país, associando o ensino brasileiro ao que havia de mais moderno na Pedagogia, sobretudo na Pedagogia norte-americana, através das discussões realizadas no âmbito da Associação Brasileira de Educação, considerada por ele, segundo Marta Carvalho,

um dos instrumentos mais eficazes de difusão do pensamento pedagógico europeu e norte-americano, e um dos mais importantes, se não o maior centro de coordenação e de debates para o estudo e solução de problemas educacionais, ventilados por todas as formas, em inquéritos, em comunicados à imprensa, em cursos de férias e nos congressos que promoveu nas capitais dos Estados (1998, p. 31).

Essa matriz interpretativa dá voz a esse grupo e silencia outros, como os católicos, que se fizeram presentes tanto nas discussões políticas quanto técnicas,

durante as Conferências realizadas pela Associação Brasileira de Educação, e se constituíram no grupo mais forte da associação até a década de 30, quando o chamado grupo da esquerda assumiu o controle da referida instituição. Essa matriz interpretativa silenciosa, também, a presença de intelectuais católicos ligados diretamente ao clero, que adotaram princípios escolanovistas para melhor difundir as idéias religiosas, como é o caso do Padre Álvaro Negromonte, que se tornou um intelectual importante no catolicismo brasileiro e movimentou esse braço da Igreja através de suas críticas, seus ensinamentos, seus conselhos e diretrizes.

O Monsenhor Álvaro Negromonte defendeu a renovação catequética desde o início da sua carreira religiosa e, posteriormente, associou o seu trabalho como catequista aos debates a respeito da Pedagogia Moderna e da Escola Nova. A partir de 1927, integrou-se definitivamente à educação catequética, o que deu visibilidade à sua carreira sacerdotal, sendo também um dos intelectuais que participou da implementação dos ideais da Escola Nova em Minas Gerais.

Embora Minas já respirasse os ares da reforma educacional, a força histórica e cultural da tradição permaneceu entre os mineiros. A modernidade não rompeu com a cultura conservadora desse Estado. O conceito de tradição permaneceu, apesar de todo o movimento renovador que se instaurou na sociedade mineira, porque ele fazia sentido como expressão daquela sociedade. Nessa perspectiva, Álvaro Negromonte foi partícipe de uma iniciativa moderna de ensino, proposta pela educadora russa Helena Antipoff, em um projeto para crianças, através da Sociedade Pestalozzi, e publicou uma série de livros - a começar pelos catecismos, a partir dos ideais escolanovistas - os quais passou a defender, articulando o ensino religioso ao que havia de mais moderno na educação brasileira.

O novo formato e a nova proposta pedagógica do padre, atrelando o ensino religioso às novas técnicas educacionais modernas, receberam a contribuição e o impulso da professora Helena Antipoff, com a introdução dos testes e inquéritos nas escolas de Belo Horizonte. A fim de medir o nível intelectual das crianças para um melhor ajustamento das classes, a professora e psicóloga Helena Antipoff realizou uma pesquisa intitulada “Ideais e Interesses das crianças de Belo Horizonte”, na qual diagnosticou o ensino religioso como aquele que despertava o menor grau de interesse das crianças. A publicação do resultado dessa pesquisa desencadeou uma forte reação da Igreja Católica que, através do padre Álvaro Negromonte, a contestou e a combateu

fortemente nos jornais, em relação a sua posição diante do ensino religioso nas escolas. A nacionalidade russa da professora suscitava desconfiança e acusações de comunismo, à educadora, por parte da Igreja. Entretanto, a professora de Psicologia esclareceu a questão associando os resultados da pesquisa a uma crítica fundada na “forma como o ensino religioso era ensinado. Segundo ela mesma de maneira enfadonha e erudita como os livros de religião eram redigidos” (ANTIPOFF, 1996, p. 131). Nessa mesma época, Antipoff convidou o padre Álvaro Negromonte a assumir a vice-presidência da Sociedade Pestalozzi, colocando-o em contato com as idéias, acerca da Pedagogia Moderna, que estavam circulando na Europa. O método ativo tornou-se seu aliado e contribuiu, significativamente, para a renovação catequética brasileira.

Essa aproximação da Igreja em relação aos ideais escolanovistas, não só por parte dos profissionais da Educação, mas do próprio clero, “acabou beneficiando a própria Igreja Católica em Minas Gerais com o recolhimento de livros mal escritos e introdução de uma literatura mais atualizada para ensinar o catecismo” (ANTIPOFF, 1996, p. 133). O padre Álvaro Negromonte se transformou, com isso, no “grande arauto da renovação catequética” (VILELA, 1998, p. 312). Sua história está ligada à renovação do movimento catequético brasileiro, pela articulação com as questões educacionais modernas postas à época.

A presença do padre nas diferentes instituições educacionais marca a formação moral daquela sociedade sob o influxo do discurso educacional e religioso por variados mecanismos. A presença física do sacerdote não é elemento indispensável para imprimir o seu pensamento. O grupo católico, como todo grupo social que luta pelos seus interesses, desenvolvia, com muita competência, uma estratégica rede de sociabilidade<sup>20</sup>, que traduz o seu pensamento através das diferentes articulações exercidas pelos membros deste grupo. O padre Negromonte alcançou grande prestígio na sociedade mineira. O capital social que ele acumulou lhe rendeu amigos importantes no campo político, educacional e religioso, que lhe conferiram *status*, poder político e uma esfera sagrada derivada do exercício da profissão de sacerdote.

---

<sup>20</sup> O conceito de “redes de sociabilidade” é entendido, aqui, conforme propõe Sirinelli (1996, p. 248): “todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar”.

Não obstante a visibilidade e a circulação que o padre adquiriu junto à sociedade mineira, ele não foi uma voz isolada que imprimiu a sua marca a partir da sua leitura católica. A figura do padre simboliza a expressão de um grupo participativo e atuante que se atualiza diante do contexto que se impôs das idéias liberais, em prol da modernização e da finalidade, que a educação adquiriu, de formar um novo cidadão, apto para conviver com as questões sociais e econômicas da vida moderna. Os postos de direção das diferentes instituições educacionais contavam com a presença de representantes católicos, que defenderam essas novas idéias, concomitantemente aos valores morais e religiosos. A circulação das idéias católicas confirmou a força e a coesão desse grupo, no Estado de Minas, e confere legitimidade ao discurso dos seus representantes, garantindo, com isso, a aceitação dos seus ideais pelos indivíduos desta sociedade e uma considerável pressão nas suas frentes de luta no campo político. A vocação religiosa de Álvaro Negromonte se encarregou de lhe conferir a legitimidade através da representação internalizada do sagrado que, segundo Weber (2002), permite ao homem intervir ativamente no mundo, transformando-se e construindo-se por meio de uma carreira vocacionada.

Esse contexto foi fundamental para a carreira eclesiástica bem-sucedida do padre Álvaro Negromonte. Ele foi um homem que soube fazer uso dessas estratégias, sem abrir mão das suas posições políticas<sup>21</sup> e religiosas, e impregnou a sociedade brasileira, a começar por Minas Gerais, dos seus ideais cristãos e da importância da catequese e do ensino religioso para a formação intelectual e moral dos indivíduos. Na Sociedade Pestalozzi, o padre Negromonte trabalhou ao lado de Fernando Magalhães e Maria Luíza Cunha, importantes figuras do catolicismo, que marcaram presença no cenário

---

<sup>21</sup> Segundo entrevista concedida pelo professor Álvaro Negromonte, sobrinho do padre, este afirma que seu tio não era um sujeito afeito à política partidária. Essa marca fica evidente em uma carta que Negromonte escreve ao amigo Alceu Amoroso Lima respondendo a uma consulta deste sobre alguns temas que seriam debatidos em uma reunião em Montevideo, por um grupo de católicos. Um dos temas da pauta era exatamente a criação de um partido católico, do qual Negromonte se mostrou contrário. Todavia, a opção pelo distanciamento da política também é uma decisão política. De acordo com Max Weber, a política é um “conceito é extremamente amplo e compreende qualquer tipo de liderança independente em ação. Fala-se da política financeira dos bancos, da política dos descontos do Reichsbank, da política grevista de um sindicato; pode-se falar da política educacional de uma municipalidade, da política do presidente de uma associação voluntária e, finalmente até mesmo da política de uma esposa prudente que busca orientar o marido [...] Que tipo de homem deve ser para colocar a mão no leme da história? Podemos dizer que três qualidades destacadas são decisivas para o político: paixão, senso de responsabilidade e senso de proporções” (Weber, 2002, p.55, 80). Nessa perspectiva, ainda que quisesse compactuar com a idéia de que ele não era político, por não tomar nenhum partido nas questões em disputa, seu perfil revela as características necessárias ao exercício da política, como vocação, e aponta para a forma como ele conduz e lidera uma ação em que acredita ser necessária e indispensável ao jogo de forças que o seu grupo vem travando para se manter no poder.

político e educacional de Minas e do Brasil, em diferentes instâncias sociais. As contribuições que o padre e o grupo católico, de uma maneira geral, deram à **Revista do Ensino**<sup>22</sup> fortaleceram o pensamento da Igreja junto ao professorado mineiro. A formação dos professores foi um dos elementos principais da reforma mineira, de 1927 e a educação moral e religiosa não ficou à margem dessa proposta. Não bastava formar professores apenas intelectualmente preparados. Era preciso capacitá-los, fornecendo-lhes o substrato daquilo que era a essência do povo mineiro. A religião católica era a marca daquela sociedade, e em meio a uma profusão de idéias liberais e comunistas, em nome da modernidade, abastecer os professores apenas com o aporte intelectual se constituía em perigo e ameaça a um dos valores mais caros para aquela cultura<sup>23</sup>.

O padre Álvaro Negromonte tornou-se uma voz autorizada no campo da educação. Representante dos valores nacionais e cristãos, utilizou o impresso como estratégia de difusão do pensamento católico, que teve como elemento impulsionador o fértil cenário de Minas Gerais, que possibilitou a articulação política necessária para colocar os ideais do seu grupo em circulação.

Além dos livros que publicou, Negromonte utilizou outros impressos de forma incansável para difundir os ideais católicos. Com licença adquirida junto a Cúria

---

<sup>22</sup> A Revista do Ensino foi um importante veículo de informação dos assuntos educacionais, do Estado de Minas, fundada no calor da Reforma do Ensino, empreendida por Francisco Campo e Mário Casassanta, em 1927, com o objetivo de auxiliar na formação do professorado mineiro. Publicar na Revista do Ensino era sinônimo de legitimidade e prestígio no campo educacional. Um estudo mais aprofundado se encontra na tese de doutoramento de Maurilane Bicas (2001).

<sup>23</sup> Essa perspectiva torna bastante clara a contribuição de Álvaro Negromonte à Escola de Enfermagem Carlos Chagas, no quadro do corpo docente desta instituição, como Professor de Religião, de 1933 a 1945. O magistério, inicialmente, era a única profissão que atestava a idoneidade das mulheres que a exerciam. Posteriormente, a enfermagem ganhou credibilidade e se tornou uma segunda opção para o exercício do trabalho feminino fora do lar, desde que estas fossem formadas pela Escola de Enfermagem Ana Néri, no Rio de Janeiro, ou na Escola de Enfermagem Carlos Chagas, em Minas Gerais. A Ana Néri representava a instalação de uma escola norte-americana, pautada nos princípios da liberdade de consciência e laica, enquanto a Escola de Enfermagem Carlos Chagas, equiparada ao padrão Ana Néri, representava a apropriação do modelo americano adaptado, levando em conta a cultura brasileira, e se firmando por ensinar uma enfermagem assistencialista, fundamentada em princípios cristãos católicos. Desta última pode-se assinalar a importância, dado o contexto social no qual estava inserida, à visível formação dos valores morais das suas alunas. Ao contar com o padre Álvaro Negromonte, a Escola estava traduzindo para os homens daquela sociedade que as mulheres que ali se formavam estavam aptas a exercer o seu trabalho em prol da vida humana através do exercício da sua profissão e, paralelamente, estavam conscientes da sua posição de mulheres e do seu papel fundamental na vida social de boas esposas e mães de família. Para as alunas, a presença do padre era referência de uma sólida formação religiosa e moral, uma espécie de atestado de idoneidade. Segundo o jornal *O Diário*, citado pela professora Geralda Fortina dos Santos em sua tese sobre a Escola de Enfermagem Carlos Chagas (2006), “a ação educativa e formativa do Pe. Álvaro Negromonte no quadro de dirigentes se faz sentir admiravelmente”. Crítico da Escola Ana Néri por seus pressupostos laicos, sobretudo, o padre enfatiza o caráter pioneiro, nacionalista e cristão da Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Sua admiração pela escola se fazia notória e a sua presença nas cerimônias oficiais, sobretudo as de formatura, era uma constante.

Metropolitana de Belo Horizonte, Álvaro Negromonte publicou artigos no jornal **O Diário**<sup>24</sup>, por dez anos. Há publicações dele, também, no **O Horizonte**, embora não tenha localizado nenhuma licença ou outro tipo de autorização para colaborar com esse jornal. Ambos os jornais pertenciam à Igreja Católica e ecoavam o conservadorismo católico e a sua renovação, sobretudo no tocante às questões educacionais, através da voz autorizada do monsenhor, que circulou livremente nos meios de divulgação impressa. Ainda em Minas, fundou o **Boletim Catequético**, órgão que articulou o discurso educacional ao ensino religioso, difundindo-o entre o professorado católico. Escreveu, ainda, na **Revista Eclesiástica Brasileira**, na revista **A Ordem** e na **Revista Catequética**<sup>25</sup>, importantes órgãos de difusão do pensamento católico, tendo sido, esta última, fundada por D. Hélder.

Do conjunto de suas produções, consegui localizar, a partir da tese do padre Ricardo Calvo e das visitas a sebos e bibliotecas, vinte e nove títulos<sup>26</sup>, além de setenta artigos em periódicos, dos quais cinquenta e três no **Boletim Catequético**, cinco na **Revista Catequética**, nove na **Revista Eclesiástica Brasileira**, um na revista **COR** - primeiro nome da **Revista Eclesiástica Brasileira** - um na revista **A Ordem** e um na **Revista do Ensino**. Seus livros, sobretudo os de catecismo, transformaram-se em um documento-monumento na memória coletiva da sociedade católica da segunda metade da década de 30, até mesmo depois do Concílio Vaticano II.

Entender a figura do padre Álvaro Negromonte como uma voz conservadora ou revolucionária seria incorrer em dois grandes equívocos. A chave do seu sucesso, e de todo o respeito e autoridade que adquiriu ao longo da sua carreira eclesiástica, consiste, exatamente, no fato dele conseguir sintetizar, na sua pessoa, a tradição e a inovação em uma medida exata e investir no seu capital social com muita propriedade.

As estratégias de difusão e afirmação de um conjunto de normas e valores que visavam modelar os comportamentos e formar um tipo determinado de cidadão permitiram, ao padre, construir, para si, a representação de um intelectual que impôs suas idéias nos diferentes campos que compunham uma sociedade. Suas posições, sob o discurso legítimo do sagrado, foram apreendidas por esses campos. Em uma sociedade

---

<sup>24</sup> Os discursos proferidos pelo padre nesse jornal vêm sendo investigados por Juliana Vital Abreu David em sua monografia de conclusão de curso em Pedagogia sob a orientação da professora Ana Maria Magaldi pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

<sup>25</sup> Segundo Lustosa, por mais de quinze anos a Revista Catequética “foi o canal de transmissão das idéias e das experiências do Padre Álvaro Negromonte” (1992, p. 128).

<sup>26</sup> Ver relação de obras e artigos do Padre Álvaro Negromonte nas referências bibliográficas.

católica por excelência, como a mineira, mesmo iniciativas laicas acabaram aderindo ao discurso da Igreja, a fim de se estabelecerem no campo educacional, fincando nele algumas de suas matrizes.

O destaque que a sua carreira eclesiástica alcançou deu, ao intelectual Álvaro Negromonte, o brilho do reconhecimento profissional. Vale a ressalva de que no meio clerical, homem e padre se misturam numa relação tão imbricada que não se sabe onde começa ou termina um e outro. Não há dúvidas de que pelas suas práticas, o Monsenhor Negromonte fazia parte do corpo de especialistas religiosos que “constitui o campo religioso, sendo socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um *corpus* deliberadamente organizado de conhecimentos secretos” (BOURDIEU, 2005, p. 39).

Há uma tendência, entre os especialistas do campo religioso, de se fecharem na referência autárquica do saber religioso, já acumulado, e de concentrar grande parte da produção, inicialmente, para os próprios produtores. A autonomia do campo, inclusive, afirma-se nessa tendência. Entretanto, “o campo religioso distingue-se do campo intelectual propriamente dito, pois nunca consegue dedicar-se total e exclusivamente a uma produção esotérica, isto é, destinada apenas aos produtores, devendo sempre sacrificar-se às exigências dos leigos” (BOURDIEU, 2005, p. 38).

Dessa forma, a Igreja, ao investir em um intelectual, promove a disseminação do discurso religioso com a legitimidade da posição social que o campo religioso lhe confere. Ao firmar-se nesse sistema de práticas e representações, o Monsenhor Álvaro Negromonte conquistou uma solidez cada vez maior no campo religioso, como intelectual reconhecido pelos seus pares e abraçado pelos leigos, como alguém que ao conquistar esse espaço, marcou sua presença de forma incontestável.

A solidez da sua carreira o levou a conquistar espaços de credibilidade em nível nacional. Em Minas, e posteriormente no Rio, conquistou lugar nos meios impressos, nas emissoras de rádio cariocas e assumiu postos de direção que lhe renderam maior visibilidade, como o cargo de fundador e Diretor do Centro Catequético Nacional e Diretor de Ensino Religioso na Arquidiocese do Rio de Janeiro. Suas idéias circularam por todo o Brasil através das suas obras, da sua contribuição à imprensa do país, das semanas de estudos que promoveu, em quase todo o território nacional e das suas conferências.



No Rio de Janeiro, a dificuldade de acesso às fontes, impediram-me de responder a todas as indagações, sobretudo em relação a sua vida nessa cidade, que foram surgindo na construção dessa História<sup>27</sup>. Não obstante, ficam as hipóteses, as aproximações, os distanciamentos, as possibilidades. Esperava que a pergunta mais latente, sobre a construção da rede de sociabilidade que o padre organizou em torno de si, pudesse ser respondida pelo arquivo pessoal. Infelizmente, o arquivo de manuscritos do padre está perdido e, na Cúria, restam pouquíssimas informações a seu respeito. Sendo assim, restam as inferências.

Não sabendo ao certo como se desenvolveu o seu capital social, onde começou a tecer o fio da sua rede de sociabilidade, a constatação dessa rede e de alguns personagens que a compuseram foi o limite deste trabalho. Não há dúvidas de que Negromonte soube fazê-la com maestria, em âmbito local e nacional. Desde Minas, aliou-se a pessoas influentes da sociedade, como o bispo D. Antônio Cabral dos Santos, Maria Luiza Cunha e Helena Antipoff.

Com Alceu Amoroso Lima, o padre também teceu relações estreitas. Seus livros foram editados sempre pela mesma casa editorial. Inicialmente, na editora Vozes, e, posteriormente, pela José Olympio. Quando Alceu abriu a editora Agir, o padre recorreu algumas vezes aos seus favores, quando a José Olympio não podia lançar alguma obra na data esperada. Além disso, Negromonte fez parte do conjunto de autores que compuseram o livro **A crise do Adolescente**, organizado pela Agir em 1951, juntamente com Alceu Amoroso Lima. O artigo que o padre inseriu nessa obra já tinha sido concedido à José Olympio e estava no prelo, tendo sido necessária uma concessão para publicá-lo pela Agir<sup>28</sup>, o que sinaliza para a influência que ambos possuíam junto à editora José Olympio. Em outra ocasião, convidado por essa casa para escrever o livro **Educação Sexual**, Negromonte o submeteu a apreciação de três censores a pedido de D. Antônio Cabral, Oscar Orsini, padre Hélder Câmara e Alceu Amoroso Lima. Em correspondência a Alceu sobre a obra, escreveu: “[...] o que ele quer do senhor, como homem de largo discernimento e de convivência na sociedade, é saber se o meu livro

---

<sup>27</sup> Os arquivos da editora José Olympio doados à Biblioteca Nacional estavam em tratamento e por essa razão, inacessível aos pesquisadores. A Biblioteca da Arquidiocese e do Centro D. Vital foram transferidas, por ordem do D. Euzébio, para o Seminário São José. Por estar sendo reorganizada, seu uso não está disponível para pesquisa. A editora Record, nova proprietária da editora Agir, não localizou nenhum vestígio da passagem do padre pela casa, o que causa estranheza.

<sup>28</sup> Conferir nota explicativa sobre a concessão do uso dos textos e a sua devida publicação em um projeto maior da editora José Olympio no anexo V.

escandalizará, por ser um padre, e, se, portanto, convêm a publicação. É claro que não me negarei a fazer as correções que o seu juízo achar convenientes [...] (NEGROMONTE, 07 de julho de 1939). Do conjunto de correspondências localizadas enviadas ao Alceu Amoroso Lima, que compreende de 1931 a 1951, o teor respeitoso e tributário comum no início das cartas foi cedendo lugar a uma relação estreita de amizade e confiança<sup>29</sup>. Em 1932, Alceu ainda o convidou para dirigir o Centro D. Vital em Belo Horizonte, cargo que Negromonte agradeceu, mas não aceitou por causa da sobrecarga de funções.

A amizade com D. Hélder também parece antiga. O livro **A Educação Sexual**, publicado em 1939, traz nos elementos pré-textuais, o parecer de D. Hélder para a publicação da obra, no qual faz alusão à amizade existente entre ambos<sup>30</sup>. No início dos anos 30, D. Hélder também falava sobre a necessidade da renovação catequética no Brasil. É possível que a semelhança do discurso tenha os aproximado e estimulado a construção de uma amizade.

Conforme Sirinelli (1996, p. 249), entre as estruturas mais elementares das redes de sociabilidade, duas, de natureza diferentes, parecem essenciais: de um lado, as revistas<sup>31</sup>, e, de outro, os manifestos e abaixo-assinados. A este trabalho interessa, sobretudo, as revistas, pela particularidade que mantêm com o personagem dessa História. Segundo ele, as revistas,

conferem uma estrutura ao meio intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subtende, as fidelidades que arrebanham a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano de sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás, um lugar precioso para a análise do movimento das idéias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão (SIRINELLI, 1996, p. 249).

---

<sup>29</sup>Pela proximidade com Alceu e D Hélder, a carta sobre a consulta em relação ao livro **Educação Sexual**, merece maior atenção e pode ser conferida no anexo VI.

<sup>30</sup> Conferir parecer, no anexo VII.

<sup>31</sup> Para maiores informações sobre revistas, consultar os estudos de Ana Luiza Martins (2001), Jorge Carvalho do Nascimento e Itamar Freitas (2002), Denice Catani (2003), Anamaria G. Bueno de Freitas (2003) e Fábio Alves dos Santos (2003). Especificamente sobre revistas católicas, consultar Antônio Donizetti Sgarbi (1997) e (2001), Anamaria G. Bueno de Freitas e Marias José Dantas (2007) e Maria José Dantas (2007a), (2007b) e (2008).

Como espaço de sociabilidade e de relações afetivas, a revista foi ainda para Negromonte, bastante saudável para a sua consagração no campo religioso. Em dois importantes artigos, **Um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo** e **Programas de religião em unidades didáticas**, D. Hélder Câmara atesta com um selo de legitimidade, da sua voz autorizada, a competência intelectual e prática do padre Álvaro Negromonte. Conclamando os leitores a conhecerem melhor sua obra, sem o preconceito de ser “prata da casa”, afirma:

meditando nessa tendência muito humana, pedimos vênias para apresentar uma sugestão aos prezados colegas: vamos examinar, juntos, as publicações do Pe. Álvaro Negromonte, mas fazendo de conta que ele escreveu em inglês ou alemão, em francês ou espanhol. Não será difícil concluir que estamos diante de um escritor invulgar, que sabe o que deseja e executa, com segurança, o que sabe. Recordemos alguns princípios de psicologia, cujas conseqüências são vantajosas para os educadores. Veremos, oportunamente, que o Pe. Álvaro Negromonte os conhece e os utiliza, com segurança, nos seus escritos [...] O Pe. Álvaro não é um mero teórico [...] Sentindo, por experiência própria, a falta que fazem livros adaptados às conquistas reais da Psicologia da aprendizagem e adaptados ao meio brasileiro, não se contentou em dizer como esses livros deveriam ser escritos. Deu-nos os livros de que precisávamos. Ofereceu-nos o mestre brasileiro um manual para o curso de admissão e uma coleção completa para o curso secundário. No momento, ele prepara uma coleção também completa, para o curso primário [...] Dissemos uma vez e repetimos aqui: mesmo educadores como Pe. Viollet ficam longe do autor de *A educação sexual* – mestre brasileiro é da linhagem de Foerster (CÂMARA, 1941, p.395-409).

Essa é a primeira referência encontrada em relação aos livros didáticos do padre como coleção. E, didaticamente, Câmara coloca como se fossem duas: uma destinada ao ensino secundário e outra destinada ao ensino primário. Em nenhuma outra referência à coleção aparece essa distinção. Os livros didáticos acabaram compondo uma única coleção para os diversos comentadores da obra de Negromonte.

No segundo artigo, D. Hélder fez uma outra apresentação da obra de Negromonte, relacionando-a com os programas, em unidades didáticas, e estabelecendo-a como o melhor modelo a ser adotado nas aulas de ensino religioso no país. Uma vez que não existia um programa de catecismo regulamentado, para as escolas secundárias pelos agentes eclesiásticos e pelo Ministério da Educação, D. Hélder não hesitou em recomendar os livros do padre como base de um programa de ensino em unidades didáticas. De acordo com D. Hélder,

O Ministério da Educação, apresentando programas em unidades didáticas, se põe em plena ordem do dia no que respeita à construção de programas. Sobretudo nos Estados Unidos da América as unidades estão ganhando terreno [...] O ensino de religião adapta-se, perfeitamente, a tudo o que a pedagogia moderna dispõe de melhor. Enganam-se os que pensam que o catecismo é matéria retrógrada, só possível de se apresentar em moldes rígidos e mumificados, e só possível de se ensinar de modo enfadonho e desagradável [...] Apresentamos a seguir programas de religião para o curso ginásial, moldados em unidades didáticas, como os demais programas oficiais. Não cabe a um particular realizar esse trabalho. A própria Lei Orgânica do Ensino Secundário estabelece que “os programas de ensino de religião e o seu regime didático serão fixados pela Autoridade Eclesiástica” (par. Único do artigo 21). O presente estudo visa apenas a dar mais uma demonstração prática de que religião e pedagogia moderna não são incompatíveis. Os programas que vão ser lidos nenhum valor oficial possuem<sup>32</sup>. A autoridade Eclesiástica oportunamente, articular-se-á com o Ministério da Educação, apresentando diretrizes sobre o ensino religioso nos termos da legislação em vigor [...] Para organizar os programas de religião, acima apresentados como simples sugestões, nada mais foi preciso fazer do que acompanhar os livros sucessivos, lançados para o curso secundário pelo Pe. Álvaro Negromonte. Confronte-se o Programa de Dogma com a letra e, sobretudo com o espírito de Doutrina Viva, confronte-se o Programa de moral com o Caminho da Vida (2ª edição adaptada aos alunos), confronte-se o Programa de Liturgia com as Fontes do Salvador e poder-se-á apreciar melhor que grande mestre de pedagogia do catecismo o Brasil possui. Fica faltando assim a História da Igreja nos moldes vivos em que deve ser escrita<sup>33</sup>. Nada mais justo do que pedir ao Pe. Álvaro Negromonte que escreva o manual que deve palpitante no seu cérebro e no seu coração (CÂMARA, 1942, p. 941- 942)

Assim, D. Hélder legitima o padre no campo religioso, o que reforça a tese de Sirinelli acerca das revistas como instrumentos de sociabilidade. Aliado aos setores educacional e religioso, é com essa representatividade que Negromonte foi convidado para ir ao Rio, pelo Cardeal Dom Jaime Câmara e por Dom Hélder Câmara. Nessa cidade foi técnico da educação do Serviço de Assistência a Menores, Diretor do Ensino

---

<sup>32</sup> É importante considerar que o discurso de D. Hélder foi proferido em uma revista eclesial, na qual publicavam apenas pessoas com relativa notoriedade no meio. O valor oficial que o programa proposto por D. Hélder não possui, pouco significa para o campo religioso. O capital simbólico de D. Hélder Câmara era suficientemente largo para transformar uma simples sugestão, tal como ele propõe, em um programa, se não oficial, pelo menos oficioso da Igreja. Conferir o programa no anexo VIII.

<sup>33</sup> Não obstante o programa proposto por D. Hélder estar ancorado nos livros do padre, o manual **História da Igreja**, o qual já tinha sido anunciado pelo padre nas **Fontes do Salvador**, foi destinado ao Curso Colegial. A ordem seriada que o padre deu a sua coleção não confere com a de D. Hélder. O programa montado por D. Hélder contava com os livros que o padre já havia escrito, mais a **História da Igreja**. No entanto, o padre escreveu ainda o manual **Minha vida cristã**, direcionando-o para a 1ª série, e remanejando o **Caminho da vida**, para a quarta série, no lugar da **História da Igreja**, conforme proposto inicialmente.

Religioso da Arquidiocese do Rio e professor de Pedagogia Catequética do Seminário São José, além de atuar nas rádios e jornais cariocas.

Seu nome aparece, pela primeira vez, nos registros da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, na Lista do Clero de 1946. Em 1956, foi nomeado “Camareiro Secreto” do papa Pio XII, um título que significa o mesmo que “Monsenhor”. A nomeação é feita pelo Papa, com indicação do bispo, de acordo com a postura, integridade, serviços prestados, dentre outros fatores. O termo “camareiro” deixou de ser usado após o Concílio Vaticano II.

A ascendência na carreira eclesiástica, quando recebeu o título de Monsenhor, não parece ter exercido nenhuma grande influência na sua relação com as editoras que publicaram suas obras. O seu prestígio foi construído por outros caminhos, dentre eles, a rede de sociabilidade que construiu e a sua competência nas áreas em que se envolveu.

A primeira editora a publicar os livros do padre foi a Vozes. De acordo com o Sr. Hildefonso de Oliveira (2007)<sup>34</sup>, ex-funcionário da editora desde 1943, na década de 20, a Vozes era “a editora mais importante de livros religiosos, abrindo depois para livros universitários, mas não investia muito em propaganda”. Essa característica não agradava muito ao padre, que, ao que parece, insatisfeito com as estratégias de circulação da editora, passou a publicar seus livros pela José Olympio a cada finalização de edição e reserva dos direitos autorais da antiga editora<sup>35</sup>.

A relação do padre com a editora José Olympio iniciou quando sua obra ainda era editada na Vozes. As primeiras correspondências localizadas, entre Negromonte e a editora José Olympio, datam de 1939. A exclusividade na publicação dos livros, a cada edição, não parecia ser uma regra. Quando a quarta edição do **Manual de Religião**, por exemplo, esgotou na Vozes, Negromonte enviou correspondência à editora José Olympio, consultando sobre a possibilidade do livro estar em circulação no início do ano seguinte por ser um livro didático, caso contrário, via-se “forçado a fazer de outro modo” (NEGROMONTE, 31 de maio de 1945). Provavelmente, a solução para esse caso foi a publicação do manual pela editora Agir, de propriedade do amigo Alceu Amoroso Lima, já que, apesar de não ter sido localizada a 5ª edição do Manual de Religião, a 6ª edição foi publicada por essa casa editorial. Esse episódio revela que a

---

<sup>34</sup> Entrevista concedida à pesquisadora em 20 de setembro de 2007.

<sup>35</sup> Conferir correspondência no anexo IX.

construção da coleção, como tal, pela José Olympio levou algum tempo para se consolidar.

Por volta de 1960, o padre convidou seu sobrinho, Romeu Negromonte, advogado, residente em São Paulo à época, para morar no Rio e abrir, com ele, uma editora. Segundo o Sr. Hildefonso de Oliveira (2007), ex-funcionário da editora Vozes, “a editora devia ser pequena porque eu mantinha relações com todas as principais editoras e não me lembro dessa”. De fato, a editora foi aberta para publicar suas obras e algumas outras, sobretudo de Religião. Não se sabe a razão do padre ter deixado de publicar por uma casa editorial com a reputação da José Olympio. A Sr<sup>a</sup> Neide Negromonte (2007)<sup>36</sup>, viúva de Romeu Negromonte e ex-Diretora Comercial da Rumo juntamente com o marido, não soube dizer o porquê do rompimento com a editora. Relatou, apenas, que o padre Álvaro fez o convite e o seu esposo aceitou. De acordo com o depoimento da Sr<sup>a</sup> Neide, posteriormente, outros livros começaram a ser publicados pela editora, como a **Antologia dos Poetas**, uma coleção de sete volumes organizada por ela mesma e pelo marido e a obra **De Claridade em Claridade**, do professor Eurípedes Cardoso de Menezes, curiosamente, um autor protestante, porém, a maior parte dos livros, publicados nessa editora, era do padre.

O alcance dos seus livros pode ser percebido nas referências às tiragens. Em correspondências à editora José Olympio, respondendo o que parecia ser uma consulta em relação à tiragem, Negromonte cita como base os manuais **A Doutrina Viva** que, em “19 de janeiro existiam 1643 exs, e à 28 de abril já estava esgotada a edição” (NEGROMONTE, 05 de maio de 1944); e , o manual **Fontes do Salvador**, que foi publicado em 1942, com três mil exemplares, mas demorou a esgotar por problemas na distribuição da Vozes (NEGROMONTE, 09 de fevereiro de 1944). De acordo com o Sr. Joaquim Correia Lima (2007)<sup>37</sup>, sobrinho do padre e ex-distribuidor dos seus livros pela Rumo, em Recife, de 1962 à 1965, quando a editora foi extinta, os livros dele era o que predominava na área de ensino religioso. Só no Recife, por seu intermédio, a série **Meu Catecismo** vendia cerca de cinquenta a sessenta mil exemplares anualmente, tendo os seus pedidos feitos duas vezes ao ano, em dezembro e maio, antecipando-se ao início e reinício do ano letivo.

---

<sup>36</sup> Entrevista concedida à pesquisadora em 23/11/2007.

<sup>37</sup> Entrevista concedida à pesquisadora em 09 de outubro de 2006 e em 05 de julho de 2007.

Em 17 de agosto de 1964, o Monsenhor Álvaro Negromonte faleceu na cidade do Rio de Janeiro duas horas depois do lançamento do seu livro **A Eterna Aliança**<sup>38</sup>, Segundo a Sr<sup>a</sup> Neide Negromonte (2007), “ele estava sentado em sua mesa de trabalho quando passou mal de repente. A empregada me telefonou e chamamos o médico, mas ele não resistiu. Ele tinha tido um ataque cardíaco, sem precedentes. Até então, sua única doença era relacionada ao pulmão”. O Monsenhor Álvaro Negromonte está enterrado no cemitério São Francisco Xavier no Rio de Janeiro, conforme Necrológico da **Revista Eclesiástica Brasileira**. A contracapa da Revista daquele ano foi dedicada ao autor e à divulgação das suas obras didáticas, todas publicadas pela Rumo. Além disso, traz o depoimento de vozes autorizadas da intelectualidade brasileira, a respeito do padre, como Gilberto Freyre e D. Jaime Câmara<sup>39</sup>.

A voz do intelectual Monsenhor Álvaro Negromonte, que se dedicou a elaborar uma série de mecanismos para a concretização do ideal católico durante toda a sua carreira religiosa, associou a educação à formação integral do homem civilizado, deixando claro a posição do catolicismo face às novas demandas do mercado escolar e a necessidade de recristianizar a nação, tendo em vista o fortalecimento de uma país eminentemente cristão.<sup>40</sup>

A intenção desse perfil biográfico foi possibilitar, de alguma maneira, uma aproximação com o indivíduo que pensou e articulou esse projeto de renovação catequética, tentando estabelecer um elo de ligação entre o autor e a sua criação. Obviamente, ficaram muitas perguntas e, conseqüentemente, muitas hipóteses, mas sobretudo, possibilidades para se esquadrihar um pouco mais dessa História.

A leitura dessa História está ancorada na proposta metodológica de Chartier, organizada em dois capítulos da seguinte maneira: no primeiro, voltado para a análise material, investiguei a produção e a materialidade do catecismo como ferramenta de ensino da fé e doutrina católica, em sua trajetória histórica, tomando a revolução de Gutenberg como marco inicial e o conseqüente aumento da circulação do texto impresso. Analisei ainda, nessa mesma perspectiva conceitual, a produção da coleção sob o aporte teórico de Roger Chartier, tentando compreender, através dos vestígios

---

<sup>38</sup> Conferir opúsculo no anexo X.

<sup>39</sup> Ver contracapa da Revista no anexo XI. Na relação das obras didáticas, a revista considerou dois volumes a mais, que destinou às Universidades. Todavia, este trabalho não os incluiu no conjunto das obras didáticas por não haver neles nenhuma referência, por parte do autor, nesse sentido.

<sup>40</sup> Por cristão leia-se Católico Apostólico Romano.

materiais, os ideais do autor da coleção e da Igreja, ao colocarem em circulação um projeto dessa natureza; no segundo capítulo, detive-me a olhar a coleção por dentro, buscando, no texto, a relação entre Igreja e educação, a fim de encontrar as aproximações e distanciamentos com as pedagogias ativas que estimularam a confecção desse projeto de renovação catequética, através da análise das mensagens expressas nos manuais, as formas como eram transmitidas e da presença dos ideais escolanovistas nas práticas do catecismo, como estratégia de conquista do campo religioso.

Embora esse estudo instigue a uma análise das práticas de leitura, por parte dos alunos, da apropriação dos conteúdos, além de uma investigação mais detalhada das práticas dessas aulas de catecismo ancorada na perspectiva escolanovista, não me propus a arriscar tais incursões neste trabalho. Ficam, portanto, de estímulo para outras possibilidades de pesquisa, para outras investigações nos domínios da História da Educação.



# CAPÍTULO I

## UM PROJETO CATÓLICO MODERNO

“Desde os primórdios, os leitores exigiram livros em formatos adaptados ao uso que pretendiam lhes dar [...] Minhas mãos, escolhendo um livro que quero levar para a cama ou para a mesa de leitura, para o trem ou para dar de presente, examina tanto o formato quanto o conteúdo. Dependendo da ocasião e do lugar que escolhi para ler, prefiro algo pequeno e cômodo, ou amplo e substancial. Os livros declaram-se por meio de seus títulos, seus autores, seus lugares num catálogo ou numa estante, pelas ilustrações de suas capas; declaram-se também pelo tamanho. Em diferentes momentos e em diferentes lugares, acontece de eu esperar que certos livros tenham determinada aparência, e, como ocorre com todas as formas, essas trações cambiantes fixam uma qualidade precisa para a definição do livro. Julgo um livro por sua capa; julgo um livro por sua forma”. Alberto Manguel

### 1. FORMAS E SENTIDOS DO CATECISMO NA HISTÓRIA

**D**esde a década de 80, do século XX, no Brasil, os estudos no campo da História da Educação vêm atentando para a produção e usos de objetos culturais como o livro, por exemplo, com o intuito de perceber, através de suas representações, as formas como estes incidem ou interagem com a sociedade e como se movimentam no curso da História<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> Na perspectiva da História Cultural, os pesquisadores brasileiros Jorge de Souza Araújo, Eduardo Frieiro, Laurence Hallewell, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Jorge Carvalho do Nascimento, Maria Rita de Almeida Toledo, Luciano Mendes de Faria Filho, Diana Gonçalves Vidal, Kazumi Manakata, Elomar Tambara, Shirley Puccia Laguna, Margareth Park, Márcia Abreu, dentre outros, têm contribuído substancialmente com estudos sobre a materialidade e os usos, as práticas e representações que o livro adquiriu junto à sociedade brasileira. Outros autores como Roger Chartier, Jean Hèbrard, Robert Darnton, Alberto Manguel, Smith Jr, Wilson Martins, Emanuel Araújo, oferecem valiosas contribuições, tanto do ponto de vista da investigação cultural quanto da materialidade do objeto em questão.

No âmbito das propostas da Nova História Cultural, identificar o modo pelo qual este objeto é pensado, construído, dado a ler em uma determinada realidade social, faz parte do modo como se escreve a História.

De uma maneira mais ampla, os impressos vêm contribuindo com a História da Educação em uma via de mão dupla. Por um lado, os olhares dos historiadores têm se voltado para perceber os impressos como objetos de estudo específicos, plausíveis de análise pela História que o constitui e que é constituída por ele, e por outro lado, muitas vezes de forma concomitante, como é o caso dos manuais analisados neste trabalho, uma importante fonte de pesquisa histórica que, em sua materialidade, textualidade, sua presença no mercado e na vida social carregam em si uma história que se não fica evidenciada, certamente indica, aponta e sugere.

Os impressos têm se constituído um campo com uma história própria, que abrange variadas vertentes. Nesta pesquisa, as lentes da História se voltam para uma classe específica de impressos: os catecismos católicos, impressos de destinação pedagógica para a propagação e conservação da fé, da doutrina da Igreja. Situados no âmbito da modernidade, os catecismos que se constituem o objeto dessa pesquisa, fazem parte de um contexto histórico que auxilia a compreensão da representação que esses livros tiveram na sociedade brasileira. Essa análise põe em evidência a relação que se estabeleceu entre Igreja e modernidade, através dos impressos, e acentua a produção de uma coleção de catecismos como fruto de um diálogo estreito com as novas técnicas modernas para distinguir um objeto que já está no mercado, fazendo-o alcançar uma circulação maior.

Originária do grego *katechismós*, a palavra catecismo significa instrução religiosa, inicialmente transmitida na forma oral. Posteriormente, o catecismo católico se organizou a partir de um texto de referência, seguro e autêntico para o ensino da fé e da doutrina católica iluminado pela Tradição apostólica, pelo Magistério da Igreja e pelas Sagradas Escrituras. O que para Bourdieu, na análise que fez sobre o campo religioso, significa “um ponto de apoio que serve de roteiro, impedindo excentricidades e extravagâncias, que asseguram a economia da improvisação, mantendo-a dentro de limites (2005, p. 98). Organizado em formato de perguntas e respostas, visava transmitir a mensagem, ensinando através da técnica mnemônica da repetição para memorização dos valores e normas da Igreja, regulando os instintos e criando um conjunto de *habitus* próprios de um cristão.

Como todo texto, o catecismo teve seu suporte e, embora esta pesquisa não tenha localizado estudos sobre a materialidade dos catecismos ao longo da história, as pistas

deixadas na História do Livro e da Leitura permitem compor a produção desse impresso, associando as formas aos sentidos atribuídos ao texto. Segundo Manguel, de todas formas que os livros assumiram, ao longo do tempo, as mais populares foram aquelas que permitiam ao leitor mantê-lo confortavelmente nas mãos (1997, p. 152).

Não obstante a existência de grandes livros na Idade Antiga e Média, que carregavam em si a representação monumental do sagrado, um novo tipo de texto, com formato adaptado ao seu uso, passou a circular entre a elite<sup>42</sup> ainda nesse período: o livro de horas. Esses livros deveriam ser usados tanto nos serviços públicos nas Igrejas como nas orações privadas tendo, portanto, um tamanho que pudesse ser transportado e manuseado com facilidade. “instrumentos portáteis de devoção, seu tamanho tornava-os adequado às crianças” (MANGUEL, 1997, p.154). Eram livros portáteis, porém manuscritos.

Após a Revolução da imprensa, é possível perceber com clareza a separação entre os livros antigos e os livros do século XV. Essa observação leva, inclusive, alguns pesquisadores a desconsiderar completamente iniciativas anteriores de tentar adaptar o livro à função que este deveria exercer junto ao seu destinatário. De acordo com Faguet, os livros impressos, ainda que copiando, inicialmente, os livros manuscritos, “eram impressos portáteis, *em contraposição* ao manuscrito pouco manejável, frágil, pouco legível e raro da Idade Média” (FAGUET *apud* MARTINS, 2002, p.189). Esse tipo de afirmação desconsidera completamente a existência de livros portáteis antes do advento de Gutenberg. O que dizer, então, dos livros de horas, já citados neste trabalho, e que possuíam o seu formato adaptado ao uso?

De fato, é possível afirmar que a modernidade impulsionou a era de um impresso religioso: o catecismo<sup>43</sup>. A existência de catecismos para ensinar a doutrina cristã é anterior à modernidade. De acordo com Bollin e Gasparini (1998), até mesmo o termo catecismo, utilizado para indicar o livrinho da doutrina cristã, já era usado

---

<sup>42</sup> Geralmente, a decoração do livro de horas, por ser um objeto pessoal, era luxuosa e trazia uma marca particular da família, mas variava de acordo com o poder aquisitivo do cliente.

<sup>43</sup> Alguns pesquisadores adotam o entendimento do catecismo como “método”. De fato, grande parte dos catecismos foram escritos adotando o método de perguntas e respostas, criando a representação de uma metodologia cristalizada para o ensino da doutrina. Todavia, não se pode desconsiderar os catecismos que foram publicados propondo novas metodologias de ensino, dentre eles a narrativa histórico-bíblica, que surgiu no século XVII. Há, ainda, a proposta de substituir a técnica da memorização pelo método socrático, baseado no diálogo, fruto do iluminismo católico. Os próprios livros do padre Álvaro Negromonte não adotam o método simples de perguntas e respostas. Este, propondo um método integral, prefere a explanação, a verificação, a associação com a vida e os exercícios. Por essas razões, este trabalho analisa o catecismo como um impresso de destinação pedagógica, a serviço do ensino das verdades da fé e da doutrina da Igreja (seja ela qual for) com metodologia aplicada a cada contexto.

tanto em latim quanto em língua vulgar, no século XIV, e servia para exposição da doutrina do Cristianismo às pessoas ignorantes ou às crianças.

Todavia, de uma forma geral, o estado em que se encontrava a maior parte da população era de carência religiosa e pastoral, o que resultou em uma condição de miséria espiritual dos fiéis, que sem saber em que acreditar para a salvação recorriam, constantemente, às práticas de indulgências. A inadequação da ação pastoral fez emergir a tônica do movimento reformista: a necessidade de instrução religiosa.

A Reforma Protestante, e os usos que Lutero fez do impresso, para propagação da fé, impulsionou os católicos a utilizarem a mesma estratégia para instrução e conformação da fé. Os catecismos adotaram, na modernidade novos contornos. A catequese, que adotava um cunho apostólico, passou a ser utilizada pela Igreja sob uma nova ótica: a do ensino. Segundo Bollin e Garparini, a catequese é vista como o “ensino da doutrina cristã, concentrada no catecismo, o livro (impresso!) que compila, de um modo simples, essencial e completo, tudo o que o fiel deve conhecer” (1998, p.105).

Após a Reforma, os catecismos proliferaram e assumiram uma rápida difusão, adotaram novidades em relação ao passado, passando a uma originalidade própria, que o tempo e o lugar de circunscrição lhe conferiam, e se tornaram o centro da ação pastoral-catequética.

Com isso, surgiu uma onda de catecismos protestante e católicos como o caminho para a maturação da fé e, conseqüentemente, salvação das almas. A variedade de textos produziu dissonâncias nos discursos de ambos os lados, que buscavam associar religião e civilização em seus ensinamentos.

Os catecismos protestantes, largamente difundidos para a instrução do povo, adotaram duas vertentes, mais claramente definidas: a de Lutero e Calvino. Os catecismos de Lutero são conhecidos, na História da Igreja, pelo seu caráter pastoral. Em 1529, ele publicou, segundo Bollin e Gasparini (1998), oito tábuas catequéticas para a família, o catecismo grande para a instrução dos pregadores e professores e o catecismo pequeno, mais simples, destinado aos párocos e pais de famílias, para que fosse explicado às crianças. Do ponto de vista metodológico, Lutero assumiu, para o catecismo maior, mais rigidez e utilizou um texto discursivo contínuo, tendo em vista para o qual foi destinado. Nessa mesma perspectiva, o catecismo pequeno é escrito em formato de perguntas e respostas, mais didático para as crianças. Já os textos de Calvino, que influenciaram os catecismos católicos, aparecem na História da Igreja em uma perspectiva doutrinal. Os catecismos de

Calvino são uma espécie de sumários de Teologia que condensam, de forma ampla, ordenada e rigorosa o que deveria ser aprendido, obrigatoriamente, por crianças e adultos. Segundo Fernández-Armesto e Wilson (1997, p. 236), “o impacto revolucionário do catecismo breve, de autoria do próprio Lutero, de 1529, deveu-se em parte à possibilidade de acesso direto a ele por parte dos leitores leigos. Em torno de meados do século seguinte, ‘quase um pastor em cada três escrevia o seu próprio catecismo’”.

Tendo em vista o êxito do projeto protestante de disseminar a fé e a instrução religiosa através dos impressos, sobretudo, dos textos de catecismo, os católicos também compilaram vários textos de catecismos que foram concebidos como manuais de doutrina cristã, destinado às crianças ou aos fiéis, de uma maneira geral, que quisessem aprender sobre a doutrina da Igreja. Os principais catecismos católicos publicados na esteira do empreendimento protestante foram redigidos por três religiosos da Companhia de Jesus: Pedro Canísio, Edmondo Auger e Roberto Bellarmino. As obras de Canísio são caracterizadas, sobretudo, pela *Summa*, modelo de síntese teológico-pastoral, dividida, respectivamente, em duas partes: a sabedoria e os sacramentos. Os catecismos foram os textos mais difundidos nos colégios da Companhia de Jesus e dominaram os países de língua alemã, até metade do século XIX. As obras de Auger trazem a marca da preocupação com a difusão do protestantismo, evidente na organização que dá ao seu texto, procurando responder ponto a ponto, o catecismo de Calvino. Apesar do grande êxito em pouco tempo, os catecismos de Auger foram suplantados pelos de Canísio, possivelmente pelo fato da formação individual ter um caráter mais eficiente do que a contestação ao outro. Ainda assim, influenciou os catecismos franceses. As obras de Bellarmino<sup>44</sup> foram escritas depois do Concílio Tridentino. Tendo sido aprovadas pelo Papa, tornaram-se obrigatórias em Roma. Foram apresentadas, durante o Concílio Vaticano I, como o modelo mais autorizado para a compilação do catecismo universal. Foi o texto oficioso da Igreja e o mais utilizado nas aulas de catecismos paroquiais até o compêndio de Pio X, em 1905 (BOLLIN & GASPARINI, 1998).

---

<sup>44</sup> Os escritos catequéticos de Bellarmino se resumem em dois: a *Dottrina cristiana breve perché si possa imparare a mente* (1597), escrita para as crianças, em forma de diálogo, no qual o mestre pergunta e o discípulo responde, com 96 perguntas e respostas; e a *Dichiarazione piu copiosa della Dottrina Cristiana per uso di quelli Che l'insegnano ai fanciulli e altre persone semplici, composta in forma de dialogo* (1598), uma espécie de guia de orientação para sacerdotes, catequistas e professores, em que o diálogo é invertido: o discípulo é quem pergunta e o mestre responde, com 273 perguntas-respostas (BOLLIN & GASPARINI, 1998, p. 115).

Para os catecismos católicos, as orientações catequéticas do Concílio de Trento tiveram a finalidade de uniformizar o ensino e diminuir as dissonâncias dos textos de catecismos. A ignorância religiosa alcançava até o clero, que vivia muitas vezes em situações miseráveis, sem perspectiva, sem alimento intelectual e espiritual para fortalecer a sua própria fé, o que resultou em um movimento de reforma interna, a partir do próprio clero, e a publicação do *Catechismus ad parochos*, mais conhecido como Catecismo Romano ou Tridentino, voltado para os párocos, um instrumento auxiliar da formação teológica no que diz respeito ao que deve ser ensinado ao povo<sup>45</sup>.

Do ponto de vista material, os indícios deixados na História do Livro, permitem traçar um possível formato para esses textos. Segundo Martins (2002), dentre os grandes tipógrafos, merece destaque, para este trabalho especificamente, na intenção de perceber a materialidade dos catecismos, Aldo Manúcio, uma das três maiores dinastias do império tipográfico. Suas maiores contribuições foram a criação do pequeno livro em formato *in octavo* e do caráter de impressão conhecido por grifo ou itálico. Pode-se dizer que foi a partir do oitavo de Manúcio que o livro se tornou popular e começou efetivamente a circular, por volta de 1501. Após a morte de Manúcio, seu filho Paulo Manúcio se transferiu para Roma e tornou-se o impressor oficial do Papa Pio IV, publicando, dentre outros livros clássicos, as decisões do Concílio de Trento e inúmeras outras obras de caráter religioso, segundo expressas determinações do Papa.

O estudo sobre a **Construção do Livro** (1986) feito por Emanuel Araújo, ajuda a ter uma visibilidade melhor do formato do papel. Segundo ele, o formato e a dimensão do livro estão condicionados ao tamanho da folha em que são impressos. Até o início do século XIX, com a vulgarização da máquina contínua de papel, o tamanho da folha e de suas dobras eram tradicionalmente designados por nomes com *folio*, *quarto*, *octavo* ou em ordinais *in-4º*, *in-8º*, etc. No período de fabricação manual do papel, essas nomenclaturas correspondiam a medidas uniformes, uma vez que seu ponto de origem partia de um tamanho padrão da folha sem dobra, chamado *in-plano*, que media 32 x 44 cm com duas páginas, frente e verso. Doravante, vinham os múltiplos dessa folha em

---

<sup>45</sup> As determinações catequéticas, resultantes do Concílio de Trento, tiveram como eixos norteadores a organização da instrução religiosa e a proposta de um catecismo. Do primeiro eixo, nasce a proposta de instrução religiosa nas escolas, que estabelece diretrizes para o exercício dessa instrução na comunidade cristã. Nasce a catequese paroquial para as crianças, a qual vai ter, em Bellarmino, o primeiro escritor de um catecismo voltado, especificamente, para as crianças em linguagem adaptada. A proposta de um texto único de catecismo resultou no Catecismo Romano ou *Catechismus ad parochos*. O texto único para os fiéis ainda não havia sido definido.

dobras: *in-folio*, dobrada pela metade, que media 22 x 32 cm, o *in-quarto*, dobrada duas vezes, que media 16 x 22 cm, o *in-octavo*, dobrada três vezes, que resultava em um tamanho de 11 x 16 cm. Assim, é possível inferir que, se Paulo Manúcio manteve a marca da sua dinastia nos textos impressos no Vaticano, as publicações religiosas frutos do Concílio como o **Catecismo Romano**, tiveram o famoso formato de *in-octavo*. Se esse formato se propagou nas publicações de livros de catecismos, se foi adotado por Bellarmino, o qual obteve a autorização do Papa, é possível dizer que os livros de catecismos, que circularam na modernidade, tinham o formato de 11 x 16cm.

Do ponto de vista textual, as características desses catecismos católicos modernos, redigidos por jesuítas, curiosamente contraria o que, para os jesuítas, é mais caro à sua prática pedagógica: o método de preleção<sup>46</sup>. Os textos modernos de catecismos interrompem uma tradição oral de um discurso contínuo e adota o diálogo, em forma de perguntas e respostas, como novo procedimento metodológico a ser adotado. A relação, antes centrada na pessoa do catequista, fundamental para transmitir a mensagem, foi transferido para o texto, na palavra escrita. Na catequese moderna, a relação se dá entre aluno e livro e o papel do catequista é explicar o livro. Naquele momento, nas aulas de catecismo “o protagonista fundamental é o livro” (BOLLIN & GASPARINI, 1998, p.118).

Por mais que a Igreja Católica conteste o processo de individualização próprio da modernidade, este se faz sentir nas próprias aulas de catecismo moderno, que, através da imprensa, mudou completamente a dinâmica do processo de aquisição de conhecimento, não ficando aquém das estratégias protestantes. O conceito que se

---

<sup>46</sup> Por definição, preleção significa conferência, explicação de assuntos didáticos. Prática que pressupõe uma certa passividade daquele que ouve. No entanto, de acordo com Leonel Franca, a preleção inaciana, método pedagógico dos jesuítas nada tem de passivo. “Como o nome está indicando, é uma lição antecipada, uma explicação do que o aluno deverá estudar. Seus métodos e aplicações variam com o nível intelectual dos estudantes [...] A preleção, na sua finalidade, é menos informativa do que formativa; não visa comunicar fatos mas desenvolver e ativar o espírito. Com uma cooperação viva, o aluno vai exercitando, não tanto a memória, mas também e principalmente a imaginação, o juízo e a razão. Observa; analisa palavras, períodos, parágrafos; resume passagens; compara, critica; adquire hábitos corretos de estudo; desenvolve o desejo de ulteriores investigações para a formação do critério de uma apreciação pessoal [...] Ao trabalho do professor segue-se o do aluno. O método é essencialmente ativo. [...] Não só durante a exposição do mestre os estudantes são freqüentemente citados a uma colaboração contínua, mas, terminada a tarefa da explicação, começa a da composição. O fim da preleção não é teórico, mas artístico; mira desenvolver a arte da expressão. Estuda-se uma carta, uma descrição, um discurso para compor uma carta, uma descrição, um discurso. A preleção não se confunde com uma tradução, ou uma leitura, visa diretamente o estudo, análise viva de um modelo. Depois de o haver contemplado e admirado, o aluno esforça-se para assimilá-lo e reproduzi-lo. No silêncio de sua banca de estudos repetirá depois os processos vitais percorridos pelo autor e analisados na preleção. Focaliza e ordena as idéias; escolhe e articula as palavras, frases, períodos; dispõe os argumentos em uma tentativa fecunda de rivalizar com o modelo entrevisto. Imitação um tanto servil nos primeiros tempos ganhará em originalidade e cunho pessoal à medida em que o aluno for enriquecendo o seu patrimônio de idéias e os seus recursos de expressão”(FRANCA, 1952, p.57, 58).

tinha de uma catequese apostólica na Idade Antiga e Média, baseada na oralidade, o que presumia uma interação maior entre as pessoas e uma prática de leitura socializada, foi substituído por um novo código comportamental que leva o indivíduo a uma prática de leitura individualizada, instaurado pela cultura impressa, a qual a Igreja Católica também foi partícipe.

De agora em diante a doutrina já não é apenas explicada e depois resumida em algumas fórmulas de fácil retenção. Ela deve ser apreendida em pormenor e recitada de cor. O livro já não é apenas o manual do pároco ou da pessoa instruída, que serve de guia para a instrução das pessoas. Ele é colocado diretamente na mão das crianças e dos adultos. O seu formato é tanto mais reduzido quanto mais o livro é difundido. Tudo isso é novo em relação ao passado (BOLLIN & GASPARINI, 1998, p.117).

Na Europa do século XVII, a multiplicação de manuais de catecismo e de instrução catequética tiveram o objetivo não só de transmitir, como assentar o espírito cristão. A disseminação das escolas religiosas tratou de formar e exhibir a religiosidade dos seus membros. A ação dos colégios corroborou para transformar o século XVII em um século de disputas e polarizações, que ditou como norma a demonstração da fé pelo comportamento e pela conduta moral. “A religiosidade também devia ser demonstrada pelo viver cristão em sociedade, e a expressão *honnête homme* designa o tipo humano que demonstrava cotidianamente as suas crenças, pois fora formado para isso, nas qualidades cristãs (espirituais) e sociais (cortesãs) pelos colégios” (HILSDORF, 2006, p.76). Paradoxalmente, o que deveria ser um ponto positivo, transformou-se em um conformismo religioso, fruto do costume, pouco resistentes aos atrativos do século XVIII.

A sociedade de corte, que se configurou como instância social, política e econômica, determinava os novos modelos e códigos comportamentais do mundo civilizado. No século XVIII, a mobilidade social dos clérigos permitiu que estes se tornassem os principais divulgadores dos costumes da corte. O discurso era consoante com os interesses da Igreja. O controle das emoções e a formação disciplinada do comportamento apresentavam afinidades com tendências particulares no comportamento eclesiástico tradicional. “A civilidade ganha novo alicerce religioso e cristão” (ELIAS, 1990, p. 111). A Igreja Católica foi um dos mais importantes, dentre os órgãos de difusão dos comportamentos e estilos a partir dos estratos mais baixos da



sociedade. Segundo o Padre La Salle, nas suas Normas de Civilidade, citado por Elias (1990, p. 111), “a maioria dos cristãos considera o decoro e a civilidade como uma qualidade puramente humana e mundana e, não pensando em elevar mais ainda sua mente, não a considere uma atitude relacionada a Deus, ao próximo e a nós mesmos. Isto mostra bem quão pouco Cristianismo há no mundo”.

O movimento cultural do Iluminismo, e o culto à instrução e ao esclarecimento para formar o cidadão resultou em uma proposta de secularização que impôs, ao ensino religioso, uma nova missão: criar um elo de ligação entre a Igreja e o mundo civilizado, estabelecer uma relação entre razão e fé, entre tradição e o progresso. No bojo dessas iniciativas, a partir do século XVIII, “delineia-se uma nova pastoral que coloca a paróquia como centro do apostolado, procura afirmar a escola católica e utiliza a imprensa como apoio e sustento para a pregação” (MARTINA, 2005, p.127).

Diante da proliferação de impressos de cunho educativo, como os vários tipos de textos literários que surgem no dezoito, a Igreja adota a estratégia de transformar o catecismo em disciplina escolar e assegurar a sua função formativa. A catequese e os catecismos, nos séculos XVII e XVIII, ocuparam os espaços escolares, fossem eles pertencentes à Igreja ou mesmo laicos, servindo, muitas vezes, como manuais de primeira leitura.

Nos limites do catolicismo, nas Escolas da Doutrina Cristã e nos Colégios Jesuítas, o catecismo aparece como figura central. “A catequese escolar ou a escolarização da catequese é uma consequência da mentalidade iluminista” (BOLLIN & GASPARINI, 1998, p.155). O iluminismo alemão abre espaço nas escolas públicas alemãs e austríacas para a catequese escolar. Catecismo e História Sacra se tornam disciplinas escolares e o livro de catecismo passa a ser pensado para a escola, prática que se estende pelo dezenove. A profusão de impressos e a vulgarização da leitura associa a história do catecismo, no século XVIII, à prática de orientação da boa leitura, que segue praticamente como meta nos séculos seguintes.

A produção de catecismos no século XIX traz as marcas dos novos tempos. Novos tempos que pedem novos objetos, novas práticas, novas representações, próprias do tempo e do lugar em que estão circunscritas. No âmbito da catequese, os textos de catecismos trazem as marcas de duas correntes catequéticas principais: a histórico-teológica, de tendência inovadora e a tradicional-doutrinal. Essas duas correntes marcam o movimento de renovação e tradição que se instauram nesse século. A multiplicidade de catecismos que eclode no XIX exige, da Igreja, a elaboração de um

catecismo único, temática abordada no Concílio Vaticano I (1869-1870), que não chegou a ser definida. O tema da unificação dos catecismos aparece desde o Concílio de Trento, alimentando inúmeros debates.

Em vários países, como a França, a Itália, a Alemanha, adotaram-se textos, considerados únicos naquele país. A idéia de um texto único de catecismo, considerando que o ensino da religião esteve associado ao discurso civilizador, permite inferir que se pretendia, através da religião e do impresso, moldar a cultura de uma nação como padrão civilizatório. Pelos usos paroquiais e escolares, adotados nos diferentes estratos da sociedade, pode-se inferir que o catecismo era o impresso religioso de destinação pedagógica que mais circulava, o que causa estranheza pelas raras referências, a esse tipo de impresso, que se encontra nas pesquisas sobre o livro e a leitura.

Do ponto de vista do poder simbólico, o livro de catecismo carregava em si códigos que representavam um modelo cultural, fosse pela fé, pelos valores, pelas normas de conduta que ditava. Os catecismos normatizavam a vida social e contribuía para formação de uma sociedade civilizada cristã. Pensar em um texto único de catecismo, em uma esfera nacional, significa estabelecer um modelo cultural civilizado a ser seguido. Significa, ainda, em uma esfera mundial, estabelecer um padrão de civilização cristã a ser adotado pelos diferentes grupos culturais. No jogo de relações de força que configuram as relações sociais, vale a pena pensar em que consistia, efetivamente, a solicitação de um texto único de catecismo. A primeira tentativa, com o **Catecismo Romano**, não vingou muito tempo e foi necessário um esforço constante, de alguns padres, em vários momentos, para trazê-lo à tona no processo de reforma interna pela qual passou o clero católico no movimento da Contra-Reforma.

No início do século XX, o movimento catequístico ainda acompanhava as opções organizativas metodológicas e de conteúdo que estava assentada a prática catequética desde o Concílio de Trento. Durante esse século, um intenso movimento de renovação pôs em crise uma formulação catequética, cristalizada no interior da Igreja há alguns séculos, motivada por alguns fatores: os estudos teológicos, as orientações do pensamento, o contexto sócio-cultural e as novas instâncias pedagógicas. (BOLLIN & GASPARINI, 1998, p.208). A este trabalho interessa, sobretudo, este último fator.

A Pedagogia do catecismo passou a ser profundamente influenciada pela Pedagogia Moderna e pelas novas orientações psico-pedagógicas das ciências da educação. Com isso, modificou a sua práxis metodológica, abandonando a metodologia

pós-tridentina. Influenciada, inicialmente, pelo método indutivo, também conhecido como Método de Munique<sup>47</sup>, a partir de 1920, a Pedagogia do catecismo estreitou o diálogo com as concepções das Escolas Novas.

Do conjunto de acontecimentos que marcaram a história do movimento catequético, no século XX, dois merecem destaque: os documentos pontifícios que foram escritos para normatizar e impulsionar o catecismo e os congressos que serviram como espaço de fomento às discussões acerca das ciências educacionais, que resultaram em novos investimentos na área. Essas duas perspectivas de análise, de acordo com Bollin e Gasparini (1998), podem ainda se agrupar em dois momentos característicos, que compactuam: antes e depois do Concílio Vaticano II. Todavia, a este trabalho, interessa o período anterior ao Concílio.

Dos documentos pontifícios, deve-se considerar, obrigatoriamente, pela sua importância, a Encíclica *Acerbo Nimis* (1905) de Pio X, única encíclica destinada ao catecismo e a Encíclica *Divini Illius Magistri* (1929), do Papa Pio XI, sobre educação cristã da juventude.

Para Bollin e Gasparini, o século XX é o século dos Congressos e Encontros Catequísticos que tiveram o mérito de alargar o debate sobre a catequese, envolvendo um número maior de pessoas. Dentre os principais, pode-se destacar o Congresso de Milão, em 1909; os congressos de Viena realizados em 1905, 1912, 1925; os Congressos de Munique, realizados em 1905, 1911, 1912, 1928; em Paris, nos anos de 1908, 1912, 1934, 1939, 1955, 1957, 1960; a Espanha em Valladolid, em 1913; em Granada, em 1926; em Saragoça, em 1930; em Valência, em 1950. Nesse mesmo ano, em Roma, foi realizado o I Congresso Catequístico Internacional, com 600 participantes representando 37 Institutos Religiosos e quase 350 dioceses (BOLLIN e GASPARINI, 1998, p. 216). Neste último, Álvaro Negromonte participou representando Brasil.

Os congressos, assim como os centros, institutos e revistas catequéticas, funcionavam como espaços de sociabilidade, que serviam para disseminar o

---

<sup>47</sup> Os estudos sobre o método de Munique, no Brasil, ainda são escassos assim como a sua influência na pedagogia católica brasileira, consequência direta da pouca atenção que o catolicismo vem recebendo dos estudos da área, sobretudo no que tange às práticas pedagógicas modernizadoras da Igreja. O método de Munique ressaltou a necessidade de se atentar para a criança, através das contribuições da Psicologia, e manteve uma relação muito próxima com a pedagogia Herbartiana, conforme lembra Passos (1998). A tese de doutoramento de Mauro Passos (1998) destaca o movimento catequético de Munique, ocorrido no início do século XX, ao tratar da influência da pedagogia herbartiana para a catequese, e aponta para a repercussão que teve, no Brasil, na década de 30, com Negromonte e Waleska Paixão.

pensamento católico, assim como davam visibilidade aos sujeitos que circulavam nesses espaços, imprimindo neles, a sua marca.

A profusão de catecismos que se desenvolveu na modernidade, os variados formatos e usos que receberam, a presença, mas, sobretudo, a circulação intensa desses textos nos espaços e nas políticas públicas de educação, revelam o diálogo entre Igreja e modernidade e a apropriação das propostas modernas materializadas no catecismo, um impresso pedagógico, fruto de um projeto católico eficiente, atento às novas técnicas de produção desenvolvidas nos tempos modernos.

O investimento da Igreja em um impresso de destinação pedagógica como o catecismo atingiu, com êxito, pontos nevrálgicos da instituição: contribuiu, diretamente, para a propagação da fé católica, para a superação do estágio de ignorância religiosa em que se encontrava o povo cristão e foi instrumento eficaz para o empreendimento de uma nova cristianização.

## **2. OS CATECISMOS E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

O texto de catecismo, no Brasil, desde a Colônia, articulou a fé aos saberes elementares e se constituiu em um importante recurso utilizado pela Igreja. Desde a chegada dos europeus, a necessidade dos jesuítas em lidar com a liberação sexual e moral dos habitantes nela residentes, levou-os a adotarem como estratégia para enfrentar a situação, a civilização dos costumes. Os padres jesuítas viram no ensino de catecismo a estratégia ideal que serviria como mecanismo de controle dos impulsos desenfreados que se encontravam e se misturavam entre os povos aqui existentes.

Os primeiros catecismos foram redigidos em tupi-guarani para suprir essa necessidade. Tendo em vista que naquele momento o seu maior ideal era a imposição de modos e padrões de conduta, utilizar a língua natal dos indígenas era o meio mais eficiente para que a apropriação desses ensinamentos ocorresse de forma efetiva.

No regime de padroado, o ensino religioso teve passe livre para ditar os modelos que deveriam vigorar na nova sociedade, uma vez que a religião e a educação eram processos concomitantes e interdependentes. Este divulgava não só as verdades da fé, mas também os modos de conduta socialmente aceitáveis, como os padrões de moralidade, numa rede de interdependência na qual não era possível dissociar o que era religioso e o

que era padrão de comportamento social. Naturalmente, esse contexto inseria o ensino religioso e as sagradas lições do catecismo no centro do currículo escolar.

O discurso catequético do dezoito associou o catecismo às aulas de Doutrina Cristã e à civilidade. Segundo Banha de Andrade

era costume antigo usar utilizar-se o catecismo como cartilha de ensino de línguas D. Diogo Ortiz, *Cathecismo pequeno da doutrina e instruçam que os christão ham de creer e obrar, para conseguir a benaventurança eterna* [...] e a *Grammática da lingua portuguesa com os mandamentos da santa madre Igreja*, de João de Barros [...] que como o autor explicita em *Gramática da língua portuguesa*, apesar de catecismo, funcionava como ‘cartinha’, pois dera nela a ‘arte para os meninos facilmente aprenderem a ler com toda a diversidade de sílabas que a natureza de nossa linguagem padece (1978, p.13, 14).

Nesse contexto, saiu ainda, em Pernambuco, entre 1759 e 1760, a *Breve instrucçam para ensinar a Doutrina Christã, ler e escrever aos Meninos e ao mesmo tempo os princípios da língua Portuguesa e sua orthografia*, provavelmente encomendada pelo Governador. Esta cartilha-catecismo era uma espécie de breviário de boas maneiras e bons costumes, texto de aprendizado de leitura em língua portuguesa e manual da verdades cristãs (ANDRADE, 1978, p. 12; LUSTOSA, 1992, p. 65).

Com a expulsão dos jesuítas promovida pelo Marquês de Pombal, além dessas estratégias, que colocavam o aluno mais de uma vez por semana em contato com a doutrina cristã, o catecismo, oficialmente instituído, foi o catecismo de Montpellier, elaborado em 1702, mas que 1721 foi para o Index por sua orientação jansenista<sup>48</sup>. No entanto, as suas traduções italianas, espanholas e portuguesas escaparam à condenação. Alguns bispos brasileiros resistiram a sua utilização, outros o adotaram e havia aqueles como o Cônego Luis Vieira da Silva, que possuíam, em sua biblioteca, o catecismo de Montpellier ao lado das obras do filósofo francês Bossuet, um dos principais representantes da ortodoxia católica na França do século XVII (FRIEIRO, 1981, p. 57-62).

Nesse período, apesar da catequese nos moldes jesuíticos terem perdido o espaço privilegiado de aplicação, as idéias religiosas não foram abdicadas totalmente, já que o

---

<sup>48</sup> Segundo Negromonte (1954b, p. 114), o jansenismo foi um movimento que surgiu no interior da Igreja, em 1638, e pregava que o homem é solicitado constantemente pela graça e pela concupsciência. Ele não pode resistir à graça interior. Portanto, se cai, significa que não recebeu a graça. O jansenismo tomou uma feição prática de perfeição e pretendia restaurar a austera disciplina primitiva. Dificultava a comunhão freqüente, insistia na justiça divina e nos seus castigos e reforçava a mentalidade de servos e não de filhos de Deus, o que enfraqueceu a vida cristã.

ideal de sociedade cristã civil ainda preenchia o espírito da sociedade brasileira. As novas escolas não se desvincilharam desse ideal; assim, os novos padres leigos tiveram que se responsabilizar também da instrução catequética. Naturalmente, a falta de preparo religioso desses mestres para o ensino engessou, de certa forma, os movimentos e os vãos que a catequese poderia ter feito nesse período, permitindo que no final do século XVIII e no XIX a sociedade caminhasse em um sentido de emancipação ideológica, desvincilhado dos ensinamentos da Igreja.

O regalismo do início do dezenove dá continuidade à prática educacional de associar a religião católica à educação, via catecismos como textos de leitura. De acordo com Tambara (2003), do conjunto de textos de leitura utilizados nas escolas primárias e secundárias do Brasil do século XIX, figuram quarenta e seis catecismos, dos quais o título mais mencionado, por suas traduções e reedições, é o **Catecismo Histórico**<sup>49</sup>, do abade Fleury. Na seqüência, o catecismo de Montpellier, e, a partir de meados do século XIX, o Catecismo de Doutrina Cristã, elaborado pelo cônego Fernandes Pinheiro. Segundo Tambara, havia uma específica orientação de “ênfasis no processo de leitura escolar baseado nos textos de caráter religioso, como a determinação do art. 47, da Reforma Couto Ferraz, que indicava ‘a leitura explicada dos Evangelhos e a notícia da História Sagrada’”(TAMBARA, 2005, p.3).

Em meados do século XIX, começa um período de reforma católica. Segundo Passos,

esse período teve uma característica importante que foi a movimentação de um grupo de bispos, de várias partes do país, para o ensino da Doutrina Cristã [...], e se constituíram nos principais articuladores da confluência de idéias que foram gerando, sob a inspiração do Concílio de Trento e, posteriormente, reforçadas pelo Concílio Vaticano I, o movimento da reforma católica e do ensino de catecismo (1998, p. 239).

Essa mudança de orientação, no interior da Igreja, que passou a viver um período sob a égide do ultramontanismo e que ganhou mais expressividade a partir da década de 70 do século XIX, refletiu-se também nos textos de catecismo. No relatório

---

<sup>49</sup>Esse catecismo foi publicado em 1683 e é dividido em uma introdução e o pequeno e o grande catecismo. Os dois catecismos se dividem em duas partes: uma histórica e a outra em que se trata a doutrina cristã de forma narrativa. A sua proposta era de substituir o catecismo doutrinal pelo histórico-bíblico. Seu catecismo conheceu “um notável sucesso livreiro” e abriu um caminho para a idéia da catequese associada à Bíblia. Desde então, a catequese baseada na história nunca mais se apagou no movimento catequético e se multiplicaram as publicações dos compêndios de História Sacra (BOLLIN & GASPARINI, 1998, p. 152).

de fornecimentos de livros às escolas do Rio Grande do Norte, segundo Tambara, constam, predominantemente, três livros religiosos que merecem destaque: **Moral Religiosa**, de Ambrosio Rendu, **História Bíblica**, pelo ex bispo de Pará e o **Catecismo de Doutrina Cristã**. Em termos comparativos, dos livros que foram ofertados à escola, prática comum à época, 400 exemplares foram os livros de leitura do Dr. Abílio C Borges, 18 **Corographia do Brasil** do Dr. Macedo e 1.000 exemplares do Catecismo da Doutrina Cristã foram ofertados pelo Sr. Presidente da Província Dr. João Capistrano Bandeira de Melo e o Diretor da Instrução Pública, Dr. Gomes da Silva (TAMBARA, 2005, p. 5,6). É notável a ênfase do Estado em direcionar as práticas de leitura ancorando-as nos princípios da religião católica e a forma que o catolicismo utilizou para inculcar os seus valores na sociedade brasileira do final do dezenove, associando seus ensinamentos às práticas escolares.

Nesse esforço de renovação do clero, e na esteira do incentivo do Estado, foram publicados uma variedade de textos de catecismo, inspirados no **Catecismo Romano**, que se constituíram importantes meios para reformar os princípios da fé cristã e acabaram, dessa forma, substituindo o **Catecismo Histórico e o Catecismo de Montepellier**. Além disso, como afirma Lustosa (1992, p.76) foram publicadas cartilhas mais simples, sobretudo para servirem de auxiliares de ensino aos catequistas, muitas vezes com pouca habilitação. Essas cartilhas eram dosadas em nível de conteúdo e de acordo com as idades.

Nesse projeto, empreendido de reforma concomitante com a Lei Imperial de 1827, segundo Azzi (1977), o catecismo de Dom Romualdo foi o primeiro texto a surgir em 1831 e teve um papel importante como pioneiro, nesse espírito da reforma, pelo esforço que apresentou contra as idéias jansenistas no **Catecismo de Montpelier**; depois, seguiu, segundo Passos (1998), o **Catecismo de Mariana**, também conhecido como **Catecismo de D. Viçoso**; nessa mesma linha seguiu a **Cartilha Católica dos principais pontos da Doutrina Cristã**, publicada pelo bispo do Rio de Janeiro, discípulo de Dom Viçoso; houve também, os catecismos de Dom Antônio Joaquim de Melo (1859), Dom Joaquim Manuel da Silveira (1866), bispo do Maranhão; em São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho fez a reimpressão do manual redigido por Dom Antônio Joaquim de Melo e Dom Macedo redigiu o **Catecismo da Igreja Católica para uso do povo** e o **Catecismo do Pará**. Sendo este último de grande repercussão, contando em 1875 com a sua 6ª edição.

Mas não só os bispos publicaram catecismos. Leigos e leigas também se dedicaram a essa tarefa

O Visconde de Cairu escreveu uma *Cartilha da escola brasileira para a instrução na religião do Brasil*, uma filha de Maria traduz do francês para a nossa língua um *Manual da primeira comunhão e da confirmação*, outro leigo, Joaquim Maria de Lacerda, publica a *Pequena enciclopédia religiosa, contendo catecismo da doutrina cristã, resumo das provas da religião, história sagrada para uso das escolas brasileiras*, e enfim, pode-se também anexar a esses esforços o do próprio Antônio Conselheiro, cujo livro de prédicas mostra como a fé se transmitia nos meios populares, sem esquecer o empenho de tantos "santos" e "beatos" desconhecidos que por vezes foram - e continuam sendo - os únicos a levar a muitos lugares dos sertões o eco (catequese) da mensagem evangélica. (VILELA, 2005).

Apesar dos esforços envidados, no Brasil, a separação entre Estado e Igreja, que se instaurou com a República, e a conseqüente ausência do ensino religioso nas escolas, deixou a população em um estado de ignorância religiosa afirmada por D. Leme na sua carta pastoral de 1916, como explicação para a causa de todos os males da sociedade.

Nessa luta contra a ignorância religiosa que se instaurou na sociedade brasileira, principalmente por causa do laicismo, a catequese passou a ter função primordial na doutrinação dos indivíduos, no tocante à educação das consciências através das aulas de catecismo que passaram a ter um significado indispensável e básico. Um bom ensino de catecismo deveria assegurar a educação moral da consciência dos indivíduos (ORLANDO, 2005).

Nessa perspectiva, era preciso nutrir o povo de instrução religiosa. Do conjunto de estratégias para reconstruir a cristandade brasileira e promover a civilização cristã, os dois eixos norteadores das práticas empreendidas estavam atrelados a duas frentes de ação: a escola e a imprensa. Uma rede de colégios confessionais católicos se alastrou visando a formação de uma elite dirigente, consoante com a tradição e cultura católica. O saber letrado foi a arma escolhida pela Igreja para “redefinir seu papel na sociedade republicana, recuperando e ampliando o poder que detinha desde os tempos coloniais” (GEBARA, 2006, p. 90).

A imprensa católica se desenvolveu como arma eleita para o combate às doutrinas anti-católicas e instrumento de destinação pedagógica. Os vários usos, atribuídos a imprensa, deram-se, sobretudo, pelo fato dos espaços escolares serem voltados a uma elite mais restrita. As bibliotecas pedagógicas católicas, objeto de estudo de Donizeti Sgarbi na sua tese de doutoramento (2001), corroboram com esse princípio.



Elas encerravam as produções do Centro D. Vital e da Confederação Católica Brasileira de Educação nos periódicos **A Ordem** e **Revista Brasileira de Pedagogia**, que tinham por objetivo a conformação do campo pedagógico, como ferramentas pedagógicas utilizadas para forjar uma cultura cristã. Essa estratégia partia do entendimento católico que percebia o campo pedagógico para muito além dos muros escolares. Segundo Sgarbi, os católicos “acreditavam que, por meio do livro e de seus similares, difundido sobretudo entre os intelectuais, os formadores de opinião, poderia se iniciar a recristianização do Brasil” (2001, p. 9).

Nesse sentido, Negromonte adotou um movimento diferenciado. Sua estratégia visava difundir o ensino religioso nas escolas confessionais e públicas visando atingir um público maior e, com isso, garantir uma formação católica sólida que determinaria as escolhas e as práticas dos indivíduos na sociedade; daí a necessidade de se introjetar a religião no sujeito desde a mais tenra idade.

A catequese se constituiu uma das frentes de trabalho mais intensas da Igreja, produziu uma série de ferramentas para disseminar a doutrina cristã com o objetivo de recristianização da nação. Inicialmente voltada às paróquias, seus articuladores perceberam, no campo escolar, um terreno mais fértil para o seu projeto<sup>50</sup>.

Mais uma vez, a escola tornou-se o *locus* ideal para a implementação desse projeto, por ser um cenário favorável para a formação do homem civilizado, aspirante da ordem e do progresso, fruto da mentalidade iluminista. Segundo Nascimento (2001, p.16),

o discurso civilizador valorizava a escola como sendo a agência destinada por excelência ao cultivo das grandes virtudes, ao fortalecimento dos espíritos, à formação do homem do futuro, o homem consciente. O homem civilizado, escolarizado, seria capaz de organizar a família em bases sólidas, simpáticas e justas, de acordo com as aspirações do progresso, em consonância com as normas científicas.

A Encíclica *Acerbo Nimis* e a insistência do Papa Pio X sobre a necessidade do ensino de catecismo irradiaram uma obra que conclamou catequistas voluntários para os catecismos paroquiais e professores católicos para serem catequistas em suas salas de aula,

---

<sup>50</sup> A prática da catequese no ambiente escolar, como já foi dito, funcionou no Brasil desde os tempos da Colônia. A proliferação de catecismos escolares tornou necessária a intervenção da Igreja, a fim de normatizar a formação que o ensino de catecismo estava oferecendo.

já que lá possuem acesso a um número maior de crianças; com isso, uma ampla proliferação de manuais de catecismo (LUSTOSA, p.1977), já desencadeada no século XIX, ganha expressividade no século XX.

Os catecismos do padre Álvaro Negromonte, apesar de serem destinados às séries escolares, não tiveram seus usos descartado das aulas de catecismo paroquiais, contribuindo, com isso, para diminuir o mal mais agravante da sociedade, diagnosticado por ele como a ignorância religiosa. No catálogo da editora Vozes de 1943, eles foram inseridos na sessão “Curso de Religião” do padre Álvaro Negromonte e organizados em 3 volumes: o primeiro volume, **A Doutrina Viva**; o segundo, **As Fontes do Salvador: missa e sacramentos**; e, o terceiro, **O caminho da Vida**.

No intuito de ordenar a avalanche em prol da catequese, as Conferências Episcopais elaboraram a Pastoral de 1915, a qual, dentre outras coisas, regulamentava o ensino do catecismo<sup>51</sup> e estabeleceu um catecismo padrão, que sintetizava, em seus temas, as preocupações da Igreja à época. Esse catecismo foi dividido em três volumes e serviu por algumas dezenas de anos, para a instrução religiosa primária. De acordo com Mauro Passos (1999), os três manuais foram organizados da seguinte maneira: o **Catecismo resumido da doutrina cristã, o Primeiro, o Segundo catecismo e o Terceiro catecismo** e foram publicados pela Editora Vozes. Posteriormente, o catecismo resumido foi incorporado ao segundo catecismo, correspondendo a três níveis diferentes que, posteriormente, foram reagrupados em **Catecismos Menores** (referentes aos dois primeiros catecismos) e **Catecismo Maior** (referente ao último).

Claro que o primarismo dos métodos empregados, a tendência de uma catequese que se esgotava e fechava com a primeira comunhão, a generalização da idéia de um catecismo desligado da vida não apresentariam os remédios necessários à correção dos males profundos da ignorância religiosa. Além do mais, era uma catequese feita predominantemente com um espírito preventivo contra o espiritismo e o protestantismo. (LUSTOSA, 1977, p. 52)

A essa época, o ensino do catecismo no Brasil não acompanhava as iniciativas do movimento catequético europeu, por exemplo, o de Munique, que encontrou no padre Álvaro Negromonte, um dos seus principais interlocutores no Brasil. O Primeiro Congresso de Catequese, realizado em Belo Horizonte, em 1928, é apontado pelos historiadores da

---

<sup>51</sup> Ver cópia do regulamento no anexo XII.

Igreja como um divisor de águas, pois representou para a Igreja, o que Mauro Passos (1998) chamou de “pausa dinâmica”. Esse congresso desencadeou uma série de discussões que permite pensar em uma pedagogia catequética moderna e traçou um novo panorama para o movimento catequético do Brasil<sup>52</sup>, sinalizando para novos temas, sugerindo novas abordagens, propondo direções sobre as questões de ordem metodológica e didáticas, avaliando os manuais utilizados nas aulas de catecismo e a formação das catequistas. Somente nesse evento são mencionados os Congressos Catequéticos Europeus. Passos (1998) aponta esse acontecimento como um ensaio de mudanças, tendo suas conclusões sido sentidas nas décadas seguintes com o impulso particular do padre Álvaro Negromonte, que se esforçou para sistematizar e ampliar o significado da catequese.

Como estratégia de ação, no esforço empreendido, Negromonte propõe uma reformulação nos textos de catecismo em um duplo aspecto: material e textual. O novo significado da catequese compreendia uma formação voltada para a vida religiosa na prática. Deveria se ensinar a doutrina sem perder de vista o aspecto formativo da educação religiosa, mas de forma atraente, interessante para os alunos e, conseqüentemente, eficaz para o objetivo ao qual se propunha. Os antigos manuais não atendiam a essas expectativas. Faziam-se necessários novos textos.

Os novos textos, se quiserem realmente servir à finalidade do catecismo, que é formar o cristão prático, devem ter uma feição inteiramente diversa da atual. Sei que diante de um catecismo novo, todos sentiremos uma impressão estranha. Temos na mente aquelas perguntas, aquelas expressões que decoramos em criança e ensinamos mil vezes aos pequenos; acostumamo-nos aquela ordem de matéria; afizemo-nos até o tipo de livro dos nossos catecismos [...] Mude-se aquilo e nós estranharemos [...] Mas é preciso mudar! (NEGROMONTE, 1942a, p.75).

As mudanças às quais Negromonte se referia diziam respeito à linguagem do texto, ao conteúdo sob medida, à didática, a aproximação com a realidade, o caráter prático das lições e, por fim, embora ele diga ser este último de menos importância, a necessária mudança no aspecto tipográfico, reiterando a teoria de Bourdieu sobre o aparente desinteresse que promove a empresa religiosa.

---

<sup>52</sup> Uma história mais aprofundada da trajetória do movimento catequético se encontra na tese de doutoramento de Mauro Passos (1998).

Quem conhece psicologia infantil sabe o desprestígio de um livro pequenino, tipo miúdo, sem ilustrações, em face dos livros grandes, texto claro e variado correndo entre as figuras que falam muito mais do que as letras. E quem sabe o encanto de um novo livro vê logo que entre os manuais que variam a cada ano despertando o interesse e o entusiasmo dos pequenos, o mesmo catecismo passando, velho e conhecido, de ano para ano fará bem triste figura [...] (NEGROMONTE, 1942a, p.78).

Logo depois da publicação desse artigo na Revista Eclesiástica Brasileira, Negromonte lançou a série **Meu Catecismo**, voltada para o curso primário, ainda nesse mesmo ano. Além disso, ao falar da necessidade de renovação nos textos, Negromonte aponta algumas iniciativas nessa intenção, que, segundo ele, não foram bem-sucedidas, mas não anuncia o seu projeto de forma específica, deixando apenas a necessidade e a justificativa para a publicação da série primária. Ao propor um novo texto de catecismo, Álvaro Negromonte não se refere a uma mudança textual, de conteúdo somente. Ele vai além. Preocupado em tornar o livro um recurso eficaz para as aulas, sua atenção se volta para os aspectos teórico, metodológico e técnico do objeto em questão e afirma: “sei que dar um texto novo de catecismo (e não um novo texto) de catecismo é tarefa difícilíssima. Mas é tão necessária que merece nossos melhores esforços” (NEGROMONTE, 1942a, p. 82).

A preocupação do padre com a forma dos textos de catecismos reflete a aproximação deste com as idéias que estavam circulando em torno da renovação do campo pedagógico. A importância dada ao livro, como impresso pedagógico refletiu-se nas primeiras décadas do século XX, sobretudo a partir de 1920, na preocupação com o conteúdo, mas, também, com a forma. Segundo Vidal, o Programa de Literatura Infantil para a Escola de Professores do Instituto de Educação do Distrito Federal trazia no seu conteúdo um conjunto de critérios, referentes a uma boa publicação, compartilhados por outros profissionais da educação. Dentre esses critérios, praticamente normativos, figuravam a preocupação com o conteúdo do texto, a organização, atentando para a unidade da obra, a atualidade e a exatidão das noções postas, a adaptação aos interesses básicos das crianças; as qualidades artísticas; a linguagem apropriada, correta, clara e simples e os cuidados com a feição material, com o formato, a impressão, o papel e as gravuras utilizadas (VIDAL, 2001a, p. 94). Na escola moderna, a forma de tratamento do aluno, em relação ao livro, não estimulava a reverência. Ao contrário, a intimidade entre sujeito e objeto da cultura tinha em vista estreitar essa relação. Nessa concepção,

“o livro deveria ser amado, conquistado pelo leitor ou leitora, transformado em objeto de trabalho. Alunos e alunas acostumavam-se ao livro” (VIDAL, 2001a, p. 106).

De fato, o catecismo auxiliou na recristianização em relação à disputa externa pelo campo religioso, mas do ponto de vista interno, a qualidade dos novos cristãos era fruto de um projeto de cristianização mais eficiente e duradouro. A publicação de novos livros de catecismos, em um novo suporte material e textual, tinha um significado mais amplo para a Igreja, que ia além da esfera pedagógica e recaía no âmbito político. Publicar é tornar algo público. É fazer conforme assinala Bourdieu “passar do oficioso ao oficial. A publicação é a ruptura de uma censura” (2001, p. 244). Publicar novos textos de catecismos era uma demonstração pública do diálogo católico com os novos tempos que vinha tentando ser silenciado pelo grupo de liberais republicanos, ao fazerem frente ao catolicismo. Significava romper com a censura republicana e imprimir as marcas da Igreja na História.

### **3. OS CATECISMOS DE ÁLVARO NEGROMONTE EM SEU SUPORTE: A COLEÇÃO COMO DISTINÇÃO**

Além de ferramenta pedagógica, a História das coleções aponta para essa classe de impressos como uma estratégia de marketing, um tipo de investimento que consistiu em dar uma nova forma de uso a um produto que já estava no mercado, o livro e, no caso da Coleção Monsenhor Negromonte, é o que ocorre literalmente.

A análise desses manuais de catecismo, permitem-me afirmar que a idéia inicial do autor ao compor os seus livros, não era a de agrupá-los e dar a eles o formato de uma coleção, embora a característica didática de todos eles estivesse bem clara. Os exemplares publicados pela editora Vozes, sua primeira editora, não trazem referência aos manuais como parte de uma coleção. O que me leva a reafirmar que a coleção foi uma estratégia editorial, um pouco mais agressiva de mercado, utilizada pela Igreja e pela Editora José Olympio para aumentar a circulação dos livros cumprindo assim a sua função: atingir um maior número de leitores por um menor custo. Todavia, em carta à editora José Olympio endereçada a Daniel, Negromonte afirma “recebi os dois exs. do MEU CATECISMO. Muito agradável a apresentação. Tanto deles como de FONTES. O pessoal está achando caro, mas está comprando [...]” (NEGROMONTE, 29 de abril de 1945). Essa menção em relação ao aumento dos preços das obras vai de encontro a uma das especificidades da

coleção que é o barateamento dos livros. Por outro lado, atesta para o prestígio do autor e da editora, que se permitiu aumentar os preços, sem, contudo, perder vendas.

Um estudo sobre o livro, nesta perspectiva, requer uma atenção maior para a História específica que a prática editorial possui. Segundo Chartier (2001), é importante considerar a trajetória que conduz o texto ao leitor. A edição é essa via que transforma o texto em objeto e o conduz aos leitores. Conforme Chartier, “todas as dimensões da História da cultura impressa podem se associar à figura do editor, à prática da edição, à escolha dos textos, ao negócio dos livros e ao encontro com um público de leitores” (CHARTIER, 2004, p. 45). Os dispositivos editoriais assumem a função de selecionar, organizar, recortar e modificar os conteúdos do livro visando criar um conjunto de condições que favoreçam a aceitação de uma obra no mercado e que, em uma esfera mais ampla, propicie uma determinada ordem nesse mundo escrito. A preocupação com as formas de um texto tem um sentido normativo que faz com que o “autor, o livreiro-editor, o comentador, o censor, todos pensem em controlar mais de perto a produção de sentido, fazendo com que os textos escritos, publicados, glosados ou autorizados por eles sejam compreendidos, sem qualquer variação possível, à luz de sua vontade prescritiva” (CHARTIER, 1994, p.7)<sup>53</sup>.

Um trabalho dessa natureza requer uma parceria que viabilize o processo de produção do livro. De acordo com Smith Jr., essa equipe engloba, basicamente, o autor, o impressor, o livreiro e o editor. Para ele, o autor sério deve se preocupar, antes de tudo, com “a integridade e a eficácia com que o editor apresenta a mensagem ao público” (SMITH Jr., 1990, p. 26). O impressor contribui de forma indispensável em três áreas do projeto editorial: no planejamento visual do livro, na editoração e revisão do texto e no capital financeiro. Em relação à primeira área, é ela quem orienta o editor nas questões técnicas como as combinações dos tipos, o *layout* da página, as cores das tintas, a seleção do papel, o tipo de encadernação e por aí em diante; em relação à segunda, em países em estágio de desenvolvimento, como é o caso do Brasil, é comum que o editor não tenha um preparador de originais, e, por essa razão, adote a prática de “apresentar o autor ao impressor, deixando com estes a resolução de todos os problemas até que o livro esteja terminado, [...] o que pode resultar em uma experiência terrível para o impressor e o autor e

---

<sup>53</sup> Embora este trabalho esteja voltado para a História do Livro em si, não é possível desassociar livro e leitura. À produção de um livro, subentende-se um destinatário e uma prática de leitura ou um outro uso por parte deste receptor. As práticas de leitura, por sua vez, não podem ser desassociadas do suporte material que encerra o texto e o carrega de significado

muito dispendiosa para o editor que eventualmente pagará as contas” (SMITH Jr., 1990, p. 28). Em relação à terceira área, em que as funções do editor e impressor se encontram, esta diz respeito ao financiamento da produção do livro. O impressor, muitas vezes, apesar do editor fornecer o capital para a produção do livro, acaba investindo na produção, sobretudo, quando esta é muito longa. O editor está no centro do plano geral e mantém relação com os outros parceiros da equipe. Dentre as várias tarefas próprias do editor, três são consideradas principais e devem ser observadas separadamente em relação umas com as outras: a editoria, a produção e as vendas e o *marketing*. O livreiro é o responsável pela circulação do livro. É “normalmente, a última pessoa antes do comprador final na cadeia que começa com o autor” (SMITH Jr., 1990, p. 30).

O que editar? Essa é uma pergunta que sugere, antes de mais nada, a direção em que o editor pretende caminhar. Nem sempre os originais chegam, simplesmente, às mãos dos editores e, ainda que cheguem, não significa que eles serão aceitos. Segundo Smith Jr (1990, p. 59), “mesmo quando parece que o editor não participou persuadindo o autor a enviar-lhe o original, uma investigação cuidadosa provavelmente mostraria que o autor enviou o original àquele editor particular sob a sugestão de alguém”. No intuito de descobrir como o padre Negromonte chegou até a José Olympio, consultei na Casa de Rui Barbosa, as correspondências de Alceu Amoroso Lima ao José Olympio, por, instintivamente, acreditar que pudesse ter havido uma recomendação ou qualquer sugestão da parte deste, pela proximidade que havia entre ambos no âmbito pessoal e profissional, e, também, por ser o Dr. Alceu, um dos editados da casa José Olympio. De fato, havia algumas recomendações em várias datas, mas nenhuma menção ao padre. Se por um lado a pergunta continua ainda sem resposta, por outro, a prática de recomendar novos autores e novos títulos foi confirmada nessas correspondências entre o Dr. Alceu e José Olympio. É possível que tenha feito, ao invés de uma recomendação ao editor, uma sugestão ao próprio autor para apresentar os seus originais, uma vez que, tanto o autor como suas obras já eram conhecidos no mercado editorial brasileiro. Nas correspondências enviadas por Negromonte ao Dr. Alceu Amoroso Lima, não há nenhuma referência a esse assunto e, na ausência das correspondências recebidas pelo padre, essa se torna apenas mais uma conjectura, como tantas outras que auxiliam a construção da História.

O trabalho do editor consiste em encontrar o original para publicar e prepará-lo para a impressão. Essa preparação objetiva ajudar o autor a apresentar a sua obra de forma mais clara, inteligível e interessante para o leitor. Evidentemente, quanto melhor

preparado estiver o original, mais barato ficará o trabalho do impressor, que terá o custo das correções reduzido.

O processo de materialização do original em livro passa por várias fases, dentre as quais, a primeira delas é o planejamento visual do livro. Para isso, conta-se com a figura do *designer*, o qual tem como objetivo “planejar um livro não apenas agradável ao olhar, mas que represente as idéias do autor e do ilustrador de modo bem claro e mais inteligível” (SMITH Jr., 1990, p. 81). O trabalho do *designer* começa do cálculo do tamanho do livro, a partir da contagem dos caracteres e da sua disposição em tabelas, que variam os tipos e que fornecem a indicação de quantos caracteres comporão uma página. Por essa divisão, a partir do número calculado de caracteres e da sua disposição na página, obtém-se o número de páginas do original básico, variando de acordo com as ilustrações, tabelas, gráficos que o livro tiver. As decisões do *designer*, em relação à composição do livro, no que diz respeito ao tipo utilizado, estão diretamente ligados ao projeto da página. É preciso definir as margens, a numeração das páginas e se haverá título nestas. A organização desses elementos incidirá na escolha da classe e tamanho do tipo, os quais dependem, ainda, do espaçamento entre as linhas, tendo sempre em vista os critérios de legibilidade e atração em relação ao leitor (SMITH, Jr. 1990, p.84). Para um estudo que investiga a materialidade, essas observações são fundamentais para comparar as diferenças nos padrões editoriais de uma obra da mesma editora publicada em ocasiões diferentes e da mesma obra publicada por diferentes editoras.

A outra parte do projeto gráfico que fala tanto quanto um cartão de visita é a confecção da capa e da folha de rosto. “Por mais excelente que seja um projeto de capa, ele só é adequado a um dado livro se refletir que tipo de livro é aquele e se fizer com que alguém deseje pegá-lo ao vê-lo em uma livraria ou exposto em uma prateleira” (SMITH, Jr. 1990, p. 86).

O processo de confecção do livro consiste, basicamente, na composição, impressão e encadernação. Embora não pretenda deter-me nos pormenores da composição e da impressão<sup>54</sup>, perceber as variedades auxilia o olhar do investigador e do leitor no processo de decifração da materialidade, a partir de um conjunto de escolhas do editor. Neste caso, pretendo apenas indicá-las. Segundo Araújo (1986), a composição pode ser manual, mais utilizada até o final do século XIX; quente, pelos

---

<sup>54</sup> Alguns autores se detêm em analisar ou expor de forma mais detalhada cada um desses processos. Dentre eles, merece destaque os trabalhos de Emanuel Araújo, **A Construção do Livro** (1986), SMITH, Jr. **Guia para editoração do Livro** (1990) e Wilson Martins, **A Palavra Escrita** (2002).



processos de linotipia, introduzido no mercado no final do século XIX na Europa; e monotipia, introduzido no mercado também ao final do século XIX nos Estados Unidos (tanto o linotipo quanto o monotipo consistem na utilização de tipos em relevo para moldagem do metal em fusão); e, fria, pelos processos de datilografia, posto no mercado de forma aceitável também no final do século XIX, mais utilizada para a composição dos originais com máquinas datilográficas e a fotocomposição, que só surgiu no mercado em meados da década de 50 do século XX, com os primeiros modelos comercialmente aceitáveis, produzidos por dois franceses nos Estados Unidos. A composição a frio, no momento de gravar o signo, não recorre à fundição imediata.

Na tentativa de identificar qual o tipo utilizado nos livros da coleção, segui os indícios apontados na historiografia do livro em relação a sua introdução no mercado e a acessibilidade e conveniência para o editor. As datas apontam a composição a quente como a mais utilizada nas décadas de 30 e 40 do século XX. Considerando o estágio de desenvolvimento em que se encontrava o Brasil e a política nacional-desenvolvimentista instaurada no período, que dificultava as importações do maquinário necessário para a implantação da composição a frio, o tipo de composição a quente, provavelmente, foi utilizado no Brasil mesmo nas publicações posteriores a 1950. Além disso, as máquinas eletrônicas da composição a frio ainda estavam em processo de aprimoramento, só atingindo o nível desejado em 1961. A fotocomposição, em 1950, estava em seus primeiros ensaios.

Sendo a composição a quente a adotada, é necessário estabelecer se era linotipo ou monotipo. Grosso modo, a diferença entre os dois tipos de composição que compreende esse processo está no fato de que a linotipo funde linhas inteiras e a monotipo funde letras soltas. Assim, no caso de erro na composição por linotipo é necessário refazer a linha inteira, o que pode acarretar mudanças no restante do texto, enquanto, se houver a necessidade de corrigir um erro tipográfico na composição em monotipo, basta substituir a letra errada da composição. Segundo Araújo, uma vez que

o processo de composição da *Monotype Corporation* permite a correção de signo por signo, seu emprego é particularmente indicado para trabalhos complexos, como os que empregam caracteres em forças e inclinações diferentes no corpo do texto (por exemplo, dicionários) e os de grande irregularidade na justificação das linhas (por exemplo, livros com ilustrações ou com estatísticas, gráficos, fórmulas matemáticas, etc). Além disso, o monotipo propicia a conservação de composições em papel perfurado, bem mais baratas que a estocagem de chumbo, e o fornecimento permanente de caracteres novos, o que garante melhor qualidade de impressão (1986, p.358).

A impressão pode ser, conforme Smith Jr. (1990), de dois tipos: tipográfica, um processo mais tradicional que consiste no seguinte processo: a tinta é colocada em um tipo em relevo, o papel é pressionado contra esse relevo e as formas das letras são assim copiadas no papel; planográfica, denominada dessa forma por usar ao invés do tipo em relevo, uma chapa plana. O tipo mais conhecido de impressão planográfica é o *offset*, muito utilizado na composição de livros, por apresentar a vantagem do impressor poder combinar desenhos, fotografias e escrita manual, de forma que, “com a difusão da impressão *offset* através do mundo, tem se tornado progressivamente econômico reimprimir livros por *offset*, mesmo quando a primeira edição foi impressa por tipografia” (SMITH Jr., 1990, p.100); a impressão sem pressão (mais conhecida por xerox), processo tela (mais conhecido por *silk screen*), e diversas impressões especiais que se resumem a adaptações dos processos básicos. Seja qual for o tipo de impressão escolhida, dependerá diretamente do papel escolhido.

O tipo de papel apresenta variações que incidem diretamente na qualidade e no custo do livro. O editor precisa escolher o papel mais apropriado e mais econômico para um determinado livro, a partir das seguintes características apontadas por Araújo (1986): o sentido da fibra, que indica a resistência do papel no manuseio do livro; a cor do papel, por influenciar na reprodução de pontos claros de imagens, se houver; a opacidade, o peso do papel, a espessura ou o corpo do papel diretamente relacionados. Esta última determina o volume e, em geral, é preferível para obras mais volumosas. É um papel menos encorpado, porém com boa absorção de tinta. Dos vários tipos classificatórios de papel, os livros da coleção, em todas as publicações, pelas várias editoras, apresentaram algo semelhante ao papel bufon<sup>55</sup>.

Quanto ao formato, em geral os livros da coleção seguem um padrão de montagem a partir de cadernos de 16 páginas com 12,0 cm de largura x 18,0 cm de altura, com pouquíssimas variações, não se enquadrando no conjunto de formatos lencados por Araújo (1986) e Martins (2002)<sup>56</sup>. Há uma aproximação com o formato americano e francês: no primeiro, a folha mede 87 x 114 cm, que resulta em 64 páginas de um livro de 14 cm x 21 cm. Esse formato, adotado pela José Olympio na 3ª edição da

---

<sup>55</sup> Originário do francês *bouffant*, refere-se a um papel fabricado com celulose branqueada e elevada carga mineral, o que o torna um papel não-acetinado, absorvente e bem encorpado, normalmente pouco alisado. Usado, principalmente, para impressão de livros em tipografia e para serviços de mimeografia.

<sup>56</sup> É preciso lembrar, de acordo com Martins (2002) que o formato nada tem a ver com a espessura do livro. “o formato é a medida da superfície e não indica senão a altura e a largura do volume” (p.120).

obra **Pedagogia do Catecismo**, é preferido para obras de ficção, monografias e livros didáticos; no segundo, também utilizado para livros didáticos e monografias, a folha mede 76 cm x 96 cm, e resulta em um caderno de 64 páginas de 13,5 cm x 20,5 cm. O formato padrão dos livros da coleção é ainda menor que o francês.

O acabamento também apresenta diversas variedades de composição que se dividem em quatro etapas: a dobradura, o alceamento, a brochagem e a encadernação. Após a dobradura, é preciso montar os cadernos na ordem em que as folhas aparecerão no livro. Essa montagem resulta em vários tipos de acabamentos. No caso da brochagem, o acabamento pode ser costurado ou colado. No caso da encadernação de capa dura, os cadernos, necessariamente, devem ser costurados entre si.

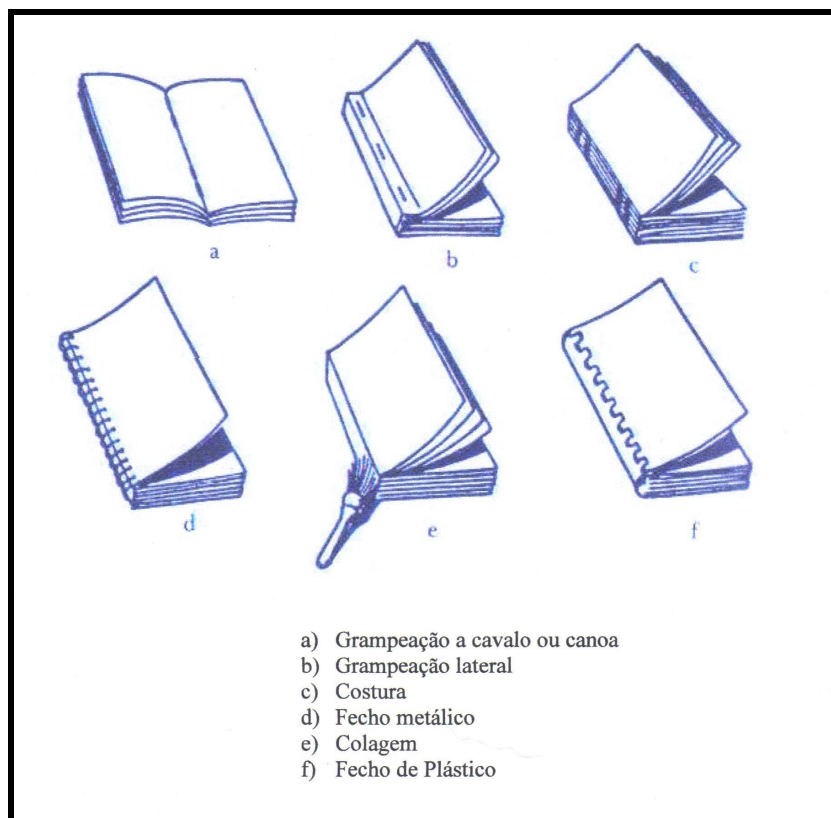


Figura 1: Modelos de acabamentos de brochuras. Fonte: ARAÚJO, Emanuel. **A Construção do Livro**: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986, p.600.

As lombadas destruídas de alguns manuais não permitiram a verificação da organização dos cadernos e do tipo de brochagem. Todos os livros da coleção são brochuras costuradas e essas costuras são feitas atravessando as lombadas de cada

caderno. Segundo Araújo, “a costura dos cadernos substitui a colagem nos livros mais bem acabados, o que confere uma capacidade de manuseio mais segura e durável” (1986, p.600). Unidos os cadernos, há ainda uma camada de cola para adesão da capa, nesse caso, papel cartão em todos os livros.

A produção de uma coleção tem como característica básica a padronização em termos de cobertura, de estrutura interna e de estratégias de divulgação, com o objetivo de baratear os custos de cada livro produzido, tornando-o acessível a uma nova classe de leitores que antes não tinha acesso a esse produto.

As relações que se estabelecem, para cumprir esse propósito, entre autor e editor nem sempre são pacíficas. Ao contrário, na maioria das vezes são relações tensas e conflituosas, não obstante seja possível construir uma cumplicidade nessa parceria. A função do editor é considerada uma função intelectual por abranger atividades que vão desde a seleção e controle dos textos, passando pelas relações com os autores, o controle do processo de impressão da obra até a sua distribuição junto aos leitores. Normalmente, “esse empreendedor singular se vê também como um intelectual e cuja atividade se faz em igualdade com a dos autores; daí, aliás, suas relações freqüentemente difíceis e tensas” (CHARTIER, 1998, p.53). A editora não é, portanto, “gráfica que imprime o texto que o autor carrega. Mexerá no texto, fará adaptações e estabelecerá cláusulas e obrigações” (MUNAKATA, 1997, p.169)

Os quatorze manuais que compõem a coleção se constituem nas principais fontes para essa análise e ao mesmo tempo, o próprio objeto de estudo. Neste capítulo, através da análise das obras, dos seus dispositivos materiais, analisei a forma elementar em que o texto está posto, como ele foi apresentado ao seu público, pondo em evidência e interpretando os vários significados da sua formatação. Os manuais de catecismos foram publicados como livros didáticos. Tal conceito, segundo Munakata, permite ampliar o leque de possibilidades do autor em relação aos usos do texto. Pare ele,

livro didático é para usar: ser carregado à escola; ser aberto; ser rabiscado; ser dobrado, ser lido em voz alta em alguns trechos e em outros em silêncio; ser copiado; ser transportado de volta à casa; ser aberto denovo; ser ‘estudado’ [...] Objeto para ser usado, livro didático implica não uma relação direta e imediata do aluno e do professor com o conteúdo, esse mundo platônico de formas inteligíveis, mas antes atividades, práticas e de fazeres, numa situação efetiva de ensino e aprendizagem (1997, p. 204).

Pensando em uma perspectiva de mercado consumidor, o caráter didático da coleção atinge aos alunos que o usarão nas salas de aula, mas também atinge aos professores de uma forma geral, tanto das crianças quanto dos seminaristas em seus cursos de formação sacerdotal<sup>57</sup>, aos catequistas, aos leigos que assistem a Igreja nas aulas de catecismo. Logo, o livro didático deve ser produzido como um instrumento auxiliar do processo ensino-aprendizagem. Muito mais do que um manual de Teologia, os livros de catecismo da coleção Negromonte carregam em si a função atribuída por Moreira Leite a todo livro didático: “uma tentativa de condensar e simplificar num espaço mínimo e portátil o que se teria necessidade de conhecer e utilizar na atividade escolar” (*apud* MUNAKATA, 1997, p. 100). Evidentemente,

Isso implica uma série de critérios já apontados: conteúdo adequado ao currículo, legibilidade e inteligibilidade apropriados ao público-alvo, subdivisão da obra em partes, como texto propriamente dito, boxes, resumos, glossário, bibliografia, atividades e exercícios, etc, segundo, uma estrutura de organização adequada à aprendizagem; e, sobretudo, subordinação do estilo do texto e da arte gráfica a esse objetivo de servir de instrumento auxiliar de ensino-aprendizagem” (MUNAKATA, 1997, p.101).

Assim, as análises materiais que se seguem tiveram a finalidade de perceber tais características, seus desvios e permanências nos padrões adotados pelas diferentes editoras que publicaram os livros de catecismos do Monsenhor Álvaro Negromonte. A materialidade de um livro, sobretudo de um que é parte de uma coleção, indica as escolhas dos editores para transformar o texto de forma a delinear ou chamar a atenção de um público, criando uma ordem para a circulação dos livros. Nesse sentido, a atenção para os elementos materiais utilizados para atrair o leitor, como capa, contracapa e o aparelho crítico, tornam-se indispensáveis em função do esclarecimento que tais elementos podem suscitar para a construção da história material dos livros e das coleções.

Além disso, esses elementos fazem parte do conjunto de componentes que influenciam diretamente no custo dos livros. A variedade de fatores que afetam a composição dos custos de um livro, dificulta o estabelecimento de curvas-teóricas, curvas-padrão no processo de produção e, conseqüentemente, no valor final do livro. Do ponto de vista do livro didático, dentre os principais fatores que caracterizam a

---

<sup>57</sup> No Seminário de Olinda, um dos seminários consultados nessa pesquisa, a disciplina “Catequética” consta na grade curricular do curso de formação sacerdotal.

produção de um livro, figuram a preparação, a composição, a preparação das matrizes e a impressão. Esta última, um pouco mais ampla, aborda outros elementos da produção, de suma importância, como a tiragem, o papel, a gramatura, o uso das cores, o maquinário disponível, o acesso a mercados fornecedores. A interação e a possibilidade de variação entre esses elementos torna o cálculo do custo de um livro extremamente difícil e complexo (OLIVEIRA *et al*, 1984).

Na Vozes, por exemplo, não foi possível precisar o custo dos livros do padre; mas, segundo o Sr. Hildefonso Oliveira (2007), o lucro da editora era em uma média de vinte por cento. Embora não tenha sido possível localizar os preços de todos os livros do padre, já que o editorial não tinha mais a documentação da época, alguns catálogos foram achados pelo Sr. Hildefonso e, gentilmente, cedidos para a pesquisa. Além disso, o **Manual de Religião** traz na contra-capa outras obras do mesmo autor com uma sinopse sobre cada uma e o respectivo valor. Sendo assim, tanto os catálogos como o **Manual de Religião** permitiram constatar os preços dos seguintes manuais: A pedagogia do Catecismo, 2ª edição, 6\$500; As Fontes do Salvador, 8\$000; O Caminho da Vida, 5\$000; A Doutrina Viva, 5\$000; Manual de Religião, 4ª ed., 4\$000; Diretrizes Catequéticas 2\$000<sup>58</sup>. Curiosamente, apesar de serem livros didáticos, reconhecidos pela editora como tal, sua localização no catálogo está na seção de religião ou ensino religioso<sup>59</sup>. Todos os preços do

---

<sup>58</sup> Sendo o mil réis (1\$000) a unidade de medida da moeda da época, tomo como parâmetro a tabela elaborada por Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2003) em que as duas autoras buscam relacionar o valor do trabalho intelectual no Brasil de 1820 até 1930. A partir dos dados levantados pelas autoras, os livros do padre custavam relativamente mais caro que algumas obras de autores renomados publicados na década de 20. Dentre eles, cito por exemplo, **O Atheneu**, de Raul de Pompéia (3\$000), **Poesias** de Olavo Bilac (3\$000), **Os Caboclos** de Valdomiro Silveira (4\$000 a re-edição), **História do Brasil** de João Ribeiro (4\$000). Comparado com o final do século XIX, os valores do livro ficaram mais altos. Em 1876, os livros variavam de 2\$000 a 3\$000. O catecismo da Doutrina Cristã custava 1\$000. Do ponto de vista de outras mercadorias do cotidiano, Neuza Carvalho (*on line*) cita o levantamento de dados feito por Jorge Americano em **São Paulo Naquele Tempo**, no qual apanha valores de mercadorias do final do século XIX até 1915, que servem, neste trabalho, para criar uma referência do preço dos livros no cotidiano da população. Dentre os produtos citados pelo autor, destaco: Ovos (uma dúzia) - 1\$000 (um mil réis); Leite - \$500 - quinhentos réis; Sequilhos - 2\$000; Manteiga - 2\$300; Passas - 1\$000; Maço de cigarros Castelões - \$200; Diária de um operário - 3\$000; Preço de um piano - 900\$000; Alface, couve, cenoura, abobrinha, cheiro (salsa e cebolinha) - 1\$000; Frango - 1\$000, Galinha - 2\$000; Peru - 12\$000; Laranja - \$400 à dúzia; Banana nanica - 8 por um tostão - \$100; Maçã - 1\$000 a dúzia; Uva - 1\$500 o quilo, Peixe robalo grande (para casal, quatro filhos e três empregadas) - 1\$500; o quilo com camarões grandes de contrapeso, Empalhador - 3\$000 cada assento novo de cadeira de palhinha; 1 vintém (esmola usual correspondente a \$20) dava para comprar duas bananas e 1 pãozinho pequeno.

<sup>59</sup> O catálogo adota ainda a particularidade de ser ilustrado. Alguns livros aparecem com a foto das suas capas e alguns autores tem a sua foto ao lado de algumas das suas publicações, como é o caso do padre Álvaro Negromonte. No caso particular do catálogo de 1943, a foto do padre vem abaixo do título Doutrina Viva com uma nota do jornal a Tribuna de Recife que diz: “Sob o aspecto didático o livro é uma obra moderna e merece simpatias de todos aqueles que desejam estudar a Religião sem compulsar os nossos massudos cursos de religião, cheios de exposições mais próprias aos que têm conhecimentos mais

catálogo conferem com os preços expostos no manual, a exceção do próprio Manual de Religião que na contra-capa apresenta o valor de 4\$000 e nos catálogos consultados o valor de 3\$500<sup>60</sup>. O catálogo de 1943, não traz os preços das obras o que me impediu de verificar o valor do **Meu Catecismo** publicado em 1942. Além disso, traz uma outra curiosidade; os livros **A Doutrina Viva**, **As Fontes do Salvador** e o **Caminho da Vida** aparecem reunidos como três volumes do Curso de Religião pelo padre Álvaro Negromonte que tratam respectivamente da fé, da missa e dos sacramentos e da moral católica. Um indício importante de uma outra forma de uso dado aos livros.

A História da Educação atenta para o livro como objeto cultural, produto humano, social que, ao mesmo tempo, recebe as marcas da sociedade que o legitima e instrui, forma, educa, agindo, de uma forma ou de outra, diretamente nas mentalidades daqueles que interagem com ele. A análise desse produto está inserida e, portanto, contribui, não só com o campo da História da Educação como também com a História do Livro. Em uma via de mão dupla, o livro ora adota o papel de sujeito, ora de objeto. A junção desses dois olhares que se alternam e muitas vezes se embaralham, torna a história de um livro (neste caso, de quatorze livros) mais atraente pela sua complexidade e pela possibilidade de compreensão das várias vozes que emanam das suas formas. Nesse sentido, Robert Darnton (1990) defende a estratégia dupla, que combina a análise textual à pesquisa empírica para destrinchar uma fonte tão elucidativa. A materialidade evidencia a história dessa produção e fornece elementos que iluminam as sombras de um documento que, no caso da coleção aqui analisada, estabeleceu-se monumento na memória coletiva daqueles que com ele interagiram.

Segundo Chartier,

mais do que nunca, historiadores de obras literárias e historiadores das práticas e partilhas culturais têm consciência dos efeitos produzidos pelas formas materiais. No caso do livro, elas constituem uma ordem singular, totalmente distinta de outros registros de transmissão tanto de obras canônicas quanto de textos vulgares. Daí,

---

vastos. Aos colégios católicos, “a Doutrina Viva, interessa particularmente. Tem sido a grande dificuldade encontrar um compêndio que satisfaça as necessidades do ensino de religião nos nossos colégios especialmente no curso secundário. Pois, essa dificuldade desaparece com o livro do padre Negromonte. Escritor, professor e pedagogo ele se esmerou nesse trabalho bem cuidado, que oferece aos educadores e aos educandos católicos de todo o Brasil. É um texto a ser adotado, sem reserva, em todos os nossos educandários católicos, pois, estamos certo, preencherá satisfatoriamente a grande lacuna de há muito verificada pelos professores de Religião”. Tal depoimento chama a atenção pelo silenciamento das fontes pernambucanas em relação ao autor.

<sup>60</sup> Foram consultados os catálogos gerais da editora dos anos de 1938, 1941 e 1943.

então, a atenção dispensada, mesmo que discreta, aos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a leitura dos escritos quando se torna um livro (1994, p. 8).

O suporte material de um texto o carrega de significação para o leitor. As distintas formas materiais estão diretamente ligadas às práticas de leitura, à produção de sentidos. No mundo do texto, é preciso se atentar para o que Chartier chama de “formas e sentidos”, que vai da produção material até a apropriação da mensagem pelo leitor.

O livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação [...] A ordem dos livros tem também um outro sentido. Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são tão suscetíveis (CHARTIER, 1994, p. 8)

Nesse caso, a produção de livros didáticos tem em vista atender a uma demanda específica de consumidores que se concentram nas escolas e obedecem ao tempo escolar. A idéia de nutrir o povo com instrução religiosa buscou, primeiramente, reformar os próprios católicos. Além disso, o ensino secundário estava nas mãos da Igreja em sua rede de estabelecimentos. O ensino primário, por ter sido considerado facultativo desde 1931 não apressou o padre a formular o material para esse segmento escolar. Apesar do Estado de Minas Gerais ter adotado o Ensino religioso em suas escolas públicas, que serviram, inclusive, como laboratório experimental para Negromonte associar as aulas de catecismos às novas técnicas educacionais<sup>61</sup>, essa não era uma regra em todos os estados. O êxito do projeto que levou os católicos de volta às escolas públicas, ainda que de forma facultativa, foi o que motivou a produção de uma série didática voltada para o primário.

Dessa forma, seguindo a “ordem dos livros”, na perspectiva de Chartier, optei por fazer a análise, tanto a material como a de conteúdo, na ordem inversa e começar pelos livros do curso normal e secundário, seguido pelos livros destinados ao primário e, por fim, a série **Guia do Catequista**, por terem sido confeccionados nessa ordem. No

---

<sup>61</sup> Conforme afirma em discurso proferido aos professores mineiros, publicado no livro **Diretrizes Catequéticas** (1938), o Grupo Escolar Barão de Rio Branco foi o seu centro de pesquisas.



caso dos manuais **O Caminho da Vida** e a **Pedagogia do Catecismo**, por terem sido os primeiros livros publicados pelo padre, eles iniciaram o conjunto das análises. Os outros seguiram a seqüência didática.

- **O Caminho da Vida**

Quadro 1: Características materiais do manual “**O Caminho da Vida**”

Título	O Caminho da Vida
Formato	11,7 x 17,8 cm
Nº de páginas	248
Ilustrações	Sem ilustrações
Encadernação	Brochura em papel cartão amarelo
Público alvo	4ª série ginásial
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	22

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro Pe. **O Caminho da Vida**: moral cristã. (para a quarta série ginásial). 12ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954a.

**O Caminho da Vida** foi o primeiro livro escrito pelo padre Álvaro Negromonte, publicado em 1937, pela Editora Vozes. Posteriormente, foi reeditado várias vezes e por mais três editoras: Agir, José Olympio e Rumo. Inicialmente, a intenção era de que fosse um tipo de compêndio de doutrina moral, não sendo destinado ao ensino religioso escolar especificamente. Mais tarde, passou a integrar a coleção de catecismos do padre Álvaro Negromonte. Essa obra sofreu reformulações, sobretudo do ponto de vista do conteúdo, superando o caráter doutrinário e adquirindo um teor didático para a quarta série do currículo secundário. Segundo o padre, no prefácio à obra, foi preciso sucumbir um pouco de doutrina em benefício da didática visando maior proveito dos alunos.

Não foi possível localizar a primeira edição publicada. Assim, este trabalho toma o volume publicado pela editora José Olympio, em sua décima segunda edição, reeditado em 1954, como parâmetro para a análise e apresenta o primeiro livro da coleção de catecismos Monsenhor Negromonte, do ponto de vista da sua materialidade e como projeto renovador e modernizador da Igreja na década de 30.

Os indícios materiais revelam uma brochura de 248 páginas com formato de 11,7 cm de largura por 17,8 cm de altura, variando pouco dos outros volumes publicados pelas outras editoras e pela própria José Olympio. Assim como os demais textos publicados por esta casa, o padrão das capas apresenta uma cobertura de cor

viva, em papel cartão. As cores variam de acordo com o livro, mantendo tons próximos, não causando maior destaque entre um volume e outro da coleção, o que dificulta, ao leitor, identificar, rapidamente, pela cor o exemplar que lhe interessa em uma estante de livreria, por exemplo. Todavia, essa marca é compreensível uma vez que os livros possuem uma destinação específica para as séries escolares, não tendo, portanto, a necessidade de destacar um ou outro volume.

A capa de **O Caminho da Vida** tem uma cobertura amarela e apresenta as informações na seguinte seqüência: autor<sup>62</sup>, título da obra em letras vermelhas destacadas, a série para a qual era destinado, uma ilustração da cruz no Calvário, e no fim da capa, a editora, destacando o nome José Olympio em itálico e sublinhado. Segundo Martins Filho (*apud* Toledo, 2001, p.103), as capas representam a identidade da coleção e possuem, também, a função de auxiliar o leitor, na escolha que realizam em relação ao todo da coleção.

A folha de rosto apresenta uma estrutura parecida com a capa: em cima o nome do autor seguido da posição institucional que ocupa; abaixo, o título do livro destacado; o subtítulo em seguida; a indicação da série; uma epígrafe<sup>63</sup>; o número da edição e a editora no final da folha, seguido das cidades que possuem filiais e do ano de publicação. A apresentação do autor aparece logo no topo da capa com a referência ao lugar institucional que ocupa em todos os volumes da coleção. Essa é uma estratégia fundamental para a constituição da coleção pela editora José Olympio e um dos poucos elementos que a diferencia das outras editoras. Em geral, a posição em que o nome do autor aparece é sempre no topo da capa, embora, nem sempre o vínculo institucional o acompanhe, característica distintiva da José Olympio.

---

<sup>62</sup> Em algumas edições encontramos o autor identificado como padre Álvaro Negromonte e, em outras, como Monsenhor Álvaro Negromonte. Este volume traz a primeira referência.

<sup>63</sup> Nem todos os volumes da coleção apresentam epígrafe. Quando há, geralmente é uma citação de algum versículo bíblico. No caso da obra analisada, o texto da epígrafe corresponde ao livro de Isaías, 30:21: “Este é o caminho; andai por ele; e não declineis nem para a direita nem para a esquerda.”

PADRE ALVARO NEGROMONTE

# O CAMINHO DA VIDA

(PARA A 4ª SÉRIE GINASIAL)



LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Figura 2: Capa do manual **O Caminho da Vida**. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro Pe. **O Caminho da Vida**: moral cristã. (para a quarta série ginasial). 12ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954a. Acervo da pesquisadora.



PADRE ALVARO NEGROMONTE

Diretor do Ensino Religioso na Arquidiocese do  
Rio de Janeiro



# O Caminho da Vida

MORAL CRISTÃ



(PARA A 4.<sup>a</sup> SÉRIE GINASIAL)

*Este é o caminho; andai por  
ele; e não declineis nem para a  
direita nem para a esquerda.*

(Is. 30, 21).

12.<sup>a</sup> EDIÇÃO

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Rio de Janeiro - São Paulo - Belo Horizonte - Recife

Porto Alegre — 1954

Figura 3: Folha de rosto do manual **O Caminho da Vida**. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro Pe. **O Caminho da Vida**: moral cristã. (para a quarta série ginasial). 12<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954a. Acervo da pesquisadora.

A contracapa foi utilizada, neste volume, como espaço de divulgação de outra coleção, publicada pela editora para a juventude feminina. Também traz o aval da liderança católica, reconhecendo e incentivando a leitura da obra. O prestígio que a Igreja alcançou junto ao governo Vargas concedeu-lhe o direito de atuar nas frentes da censura. Suas críticas e rechaçamentos, de determinadas obras, ganharam fôlego no período do Estado Novo, assim como o aval à determinada leitura, tornou-se tornou sinônimo de legitimidade da obra e garantia de venda para a editora, não só para o público ao qual era destinada como também para os críticos, sobretudo do catolicismo.

No caso do volume em questão, a preocupação com a orientação de leitura e a formação feminina, elementos norteadores do que se entendia por uma boa educação<sup>64</sup>, ocupa todo o espaço da contracapa, composta da seguinte maneira: um conselho sobre a necessidade de se orientar a leitura feminina com textos de confiança; o nome da coleção destacado em letras vermelhas; um verso de Machado de Assis sobre os anseios e as necessidades dessa fase da vida; a faixa etária para a qual está autorizada e a recomendação calorosa de Tristão de Athaíde e Álvaro Negromonte como grandes líderes católicos, seguido dos seus pronunciamentos a respeito da obra; e, por fim, o nome da editora e as cidades em que se encontram as filiais, a fim de facilitar, para o leitor, o acesso às publicações da casa. É importante destacar a reincidência do nome da editora na capa, na contracapa, nas lombadas<sup>65</sup>, nas orelhas, na folha de rosto, no verso desta e na última folha, depois do texto. A referência ao nome da editora serve para que o leitor não a confunda com as concorrentes, indica a seriedade e a qualidade do trabalho a partir do seu nome como endosso à obra, já que a editora tem por princípio, o cuidado de selecionar títulos com objetivos determinados, atendendo as necessidades

---

<sup>64</sup> Por boa educação não se lê somente educação católica. Um livro autorizado pela Igreja Católica tinha o prestígio para adentrar os lares de todas as boas famílias, independentemente da religião que professava. Essa autorização trazia nas entrelinhas a compreensão de que tal leitura não feria o pudor e a castidade das moças de boa família.

<sup>65</sup> Este trabalho só utiliza as lombadas como objeto de análise dos dispositivos materiais na série **Guia do Catequista** e em apenas um volume da série **Meu Catecismo** porque nos demais livros estas se encontram destruídas ou apagadas. Entretanto, a deduzir pelos outros volumes da editora José Olympio, as lombadas se constituem no dispositivo que permite identificar rapidamente, em todos os volumes, a padronização da coleção. Ela segue a seqüência de informações da capa como o nome do autor no alto, seguido do título, a série para a qual se destina e no final, o nome da editora. No caso da Vozes, as lombadas trazem somente o título da obra; a Rumo adota as mesmas características da Editora José Olympio, e os exemplares da editora Agir, por estarem significativamente danificados não permitem estabelecer um padrão sobre esse aspecto. Uma lombada eficiente é aquela em que, ainda em uma prateleira ou estante, exerce o seu papel de fornecer, ao leitor, as informações necessárias para a identificação do livro.

dos leitores e garante, Segundo Smith Jr. (1990), que é importante para uma editora, ter uma “personalidade e integridade editorial” que ateste para as obras que publica.

Editores criativos, tais como Dina Malhotte na Índia, Alfred Knopf nos Estados Unidos, Sir Allen Lane no reino Unido, Santiago Salvat na Espanha, Sobby Griess no Egito, Gonzalo Losado na Argentina e José Olympio no Brasil conquistaram suas reputações não exatamente como bons homens de negócio, mas porque o nome de suas empresas no frontispício significa alguma coisa para o leitor (SMITH Jr., 1990, p.59).

Observação que justifica a necessidade e a importância do padre em ter a sua coleção publicada pela Casa José Olympio.

A recomendação do padre Negromonte à outra coleção, na contracapa de um dos volumes da sua própria coleção indica, a influência deste no meio católico, a autoridade que tinha para autorizar ou censurar um texto. Atesta a credibilidade do seu aval e, por outro lado, as suas credenciais como autor junto ao público leitor da sua obra, por seu capital cultural e social.

Além dos dispositivos materiais, o aparelho crítico dispõe de elementos que permitem elucidar estratégias comerciais de publicação e, que segundo Chartier (1994, p.8), “como o próprio conteúdo do livro são fundamentais para a compreensão de um projeto editorial”. O aparelho crítico do livro permite estudar as escolhas feitas, pelos editores, como estratégias para a circulação. Segundo Toledo (2004, p.150), “o editor constrói dispositivos de leitura para que o leitor possa se identificar com o leque de escolhas contidos na coleção”. Segundo Olivero,

Depois do dispositivo material – formato, título, frontispício, diagramação – as intervenções editoriais diversas que acompanham um certo número de textos desenham o ar social de uma coleção. Essas intervenções de formas múltiplas – prefácio do tradutor, notas, advertências, notícias, introdução e estudos – têm cada uma sua função própria. Fazer corresponder a escolha de textos a um público específico necessita, com efeito, de estratégia próprias à cada coleção ou série (*apud* TOLEDO, 2004, p.149)

Nesta análise, as orelhas, as notas da editora, o prefácio, as bibliografias, as páginas de rosto e as contracapas são os principais subsídios para essa observação. As orelhas da capa e da contracapa assinalam não a importância da obra em questão, mas

de toda a coleção no horizonte cultural do território brasileiro, reforçando a credibilidade dos onze títulos iniciais<sup>66</sup>, aprovados e reconhecidos por quarenta e seis Arcebispos e Bispos do Brasil. Também figuram diversos elogios quanto à experiência do autor no campo educacional, à atualidade da escrita, à disposição da coleção de acordo com os programas oficiais<sup>67</sup> e atestados pela experimentação no campo por vários anos, nas diferentes regiões do país, apresentando, portanto, segundo a própria editora, as melhores condições pedagógicas e religiosas tanto para os alunos como para os mestres, finalizando com o nome da editora de forma a reafirmar o valor da obra associando-o com a casa que o editou.

A estrutura do livro corresponde à organização interna deste e apresenta certa padronização em relações aos outros números da coleção, variando em pouquíssimos pontos. Dispõe da seguinte formatação: a ante-página com o título da obra; a folha de rosto; os direitos autorais no verso da folha de rosto; o índice geral, uma carta de recomendação do Papa; um prefácio destinado aos professores e um prefácio à quinta edição; o texto; referência tipográfica. Os volumes que contam com agradecimentos ou dedicatórias, os trazem na folha anterior ao índice. A bibliografia, quando aparece, se encontra nas notas de rodapé ou no corpo do texto. No caso da obra **O Caminho da Vida**, as referências bibliográficas, são, em sua maioria, referências bíblicas e aparecem no corpo da obra. As referências atestam, em geral, as provas que sustentam o texto em um determinado campo. Não obstante o caráter educativo, é importante lembrar que os manuais de catecismo são textos doutrinários, que visam uma formação eminentemente religiosa. Nesse caso, a obra que reflete maior legitimidade ao discurso do autor e lhe confere o atestado sagrado não poderia ser outra que não a Bíblia, considerada pela Igreja como o livro sagrado<sup>68</sup>.

O padrão tipográfico dos livros deve fazer com que o leitor entenda o lugar a partir do qual o livro foi produzido. A padronização e as referências sobre as condições de produção do livro não só garantem os direitos da editora como, segundo Toledo

---

<sup>66</sup> A partir de 1961, as edições da José Olympio passaram a considerar os três volumes **Guia do Catequista** como parte da coleção, passando esta a ser composta por quatorze títulos.

<sup>67</sup> Não foram encontrados “programas oficiais” do ensino religioso. Deve se considerar a possibilidade destes não existirem devido ao fato de ter sido o ensino religioso posto como matéria facultativa desde 1931. Dessa forma, se a editora está se referindo à legitimidade do artigo de D. Hélder Câmara, publicado na Revista Eclesiástica Brasileira, já citado neste trabalho, vale ressaltar a relação estreita entre o programa e os livros do padre Álvaro Negromonte.

<sup>68</sup> O uso que o autor faz da Bíblia neste manual é incansável. A recorrência a versículos bíblicos se dá, praticamente, a cada página.

(2004), demonstram a sua idoneidade por revelarem as condições de produção da editora, “à medida que esta cumpre com todos os ritos da produção do livro”.

O índice geral tem como função situar o leitor na organização interna do texto, informando-o da disposição dos temas no espaço do livro. A organização dos índices da coleção segue um padrão específico em praticamente todos os volumes. Por se tratar de uma coleção didática, a estrutura do livro é dividida em unidades (que subentendem unidades temáticas de estudo), tratadas pelo padre como pequenas porções de doutrina. O **Caminho da vida** é, portanto, dividido em sete unidades que tratam, respectivamente, da moral cristã, da soberania de Deus, da autoridade, da propriedade, do respeito à pessoa humana, dos deveres do homem para consigo mesmo e dos deveres do homem como filho da Igreja. Todas as unidades são divididas em tópicos, o que revela os principais pontos da doutrina os quais o autor pretende enfatizar e se deter por mais tempo. O índice é uma ferramenta de didatização do texto, um roteiro de leitura que, ao mesmo tempo, indica ao leitor acerca do tema tratado na obra de forma a fazer com que pareçam lições completas, por trazer a exposição lógica do conteúdo de cada problemática e serve também de manual de consulta, por permitir que o aluno localize os assuntos tratados rapidamente, identificando a temática que lhe interessa dentre os livros da coleção.

A carta de recomendação é, certamente, uma das estratégias de marketing mais interessantes utilizada pela editora José Olympio<sup>69</sup>. Ter o aval do Sumo Pontífice abre um leque de possibilidades que beneficiam a ambas as partes (autor e editor) no projeto editorial da coleção. Por um lado, afirma a notoriedade e a autoridade do autor da coleção e atesta a legitimidade da obra; enquanto, por outro, sela a coleção com um prestígio que garante, à editora, o reconhecimento do público leitor pela escolha refinada dos seus títulos.

O prefácio, destinado aos professores, é o local de fala do autor em relação à obra. É o espaço no qual ele justifica a iniciativa, traça os objetivos, elenca uma série de prescrições para o professorado e faz uma espécie de resumo introdutório da obra, a partir de um panorama geral da temática tratada no texto, no caso em questão, a moral cristã. Esse tipo de dispositivo permite que o padre, como autor, trate do tema de forma específica, elegendo-o como um dos temas importantes para articular a doutrina cristã via educação. Negromonte tinha consciência de que um livro, apesar da importância do autor e da temática em questão, só existe quando é lido. As várias investidas para fazer a

---

<sup>69</sup> Ver cópia da carta no anexo XIII.



coleção circular, elegendo, primeiramente, um caráter didático e publicando-a por diferentes editoras apontam para a intencionalidade de fazer com que a coleção atingisse um público maior e mais variado de leitores.

O livro **O Caminho da Vida** consiste em uma reformulação da concepção da moral cristã e da forma como esta vinha sendo ensinada. Entretanto, não só o conteúdo do texto traz, em si, o seu significado. As vozes que ecoam dos dispositivos materiais que o autor e o editor da coleção elegem são fundamentais para fazer entender a relevância da temática como projeto educacional e político.

Em meio ao período da ditadura militar, a Igreja publicou uma coleção de cunho didático com o intuito de disseminar a sua doutrina a um público maior - uma vez que o número de crianças que vão à escola é incomparavelmente maior do que aquelas que vão às aulas de catecismo paroquiais - garantindo a apreensão dos ideais católicos desde as crianças à juventude, chegando mesmo às professoras em formação no curso normal.

Os dispositivos materiais utilizados para atrair o leitor como capa, contracapa e o aparelho crítico, indispensáveis para esclarecer as estratégias de produção, apontam para uma relação entre autor e editor de reciprocidade que se alimenta do prestígio mútuo e beneficia a ambas, garantindo à tradição seu espaço na modernidade, ao mesmo tempo que fomenta as relações comerciais que marcam as práticas sociais e culturais de uma época.

- **Pedagogia do Catecismo**

Quadro 2: Características materiais do manual “**Pedagogia do Catecismo**” publicado pela Vozes

Título	Pedagogia do Catecismo
Formato	12,2 x 18,0
Nº de páginas	332
Ilustrações	Sem ilustrações
Encadernação	Brochura em papel cartão cinza.
Público alvo	Curso colegial
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	22

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **A Pedagogia do Catecismo**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1940.

Quadro 3 : Características materiais do manual “**Pedagogia do Catecismo**” editado pela José Olympio

Título	Pedagogia do Catecismo
Formato	14,0 x 21,0 cm
Nº de páginas	252
Ilustrações	Sem ilustrações
Encadernação	Brochura em papel cartão cinza.
Público alvo	Curso Normal
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	22

Fonte: NEGROMONTE, Alvaro. **A Pedagogia do Catecismo**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1950.

**A Pedagogia do Catecismo** foi o segundo livro escrito pelo padre Álvaro Negromonte, publicado, inicialmente, pela Editora Vozes em 1938. Como não foi possível localizar a primeira edição publicada, neste trabalho, utilizo para a análise da materialidade dois volumes, um publicado pela Vozes e outro pela José Olympio, nas segundas e terceiras edições, respectivamente, a fim de poder estabelecer uma visibilidade maior das diferenças materiais para o leitor.

A Vozes materializa a obra em uma brochura de 332 páginas, com formato de 12,2 cm de largura por 18,0 cm de altura, variando pouquíssimo do padrão dos outros volumes destinado ao secundário, publicados por essa mesma editora.

A capa apresenta uma cobertura de cor viva em papel cartão terra, sem ilustrações, com uma tarja preta, entrecortada entre as letras com o nome do autor da seguinte maneira : “P. A. NEGROMONTE”; o título da obra destacado no centro com o mesmo design entrecortado, nesse caso, com a cor vermelha e, ao fim da página, uma tarja preta mais grossa, na qual o nome da editora aparece no mesmo padrão, entrecortado e abaixo; por fim, a cidade e o estado da matriz.

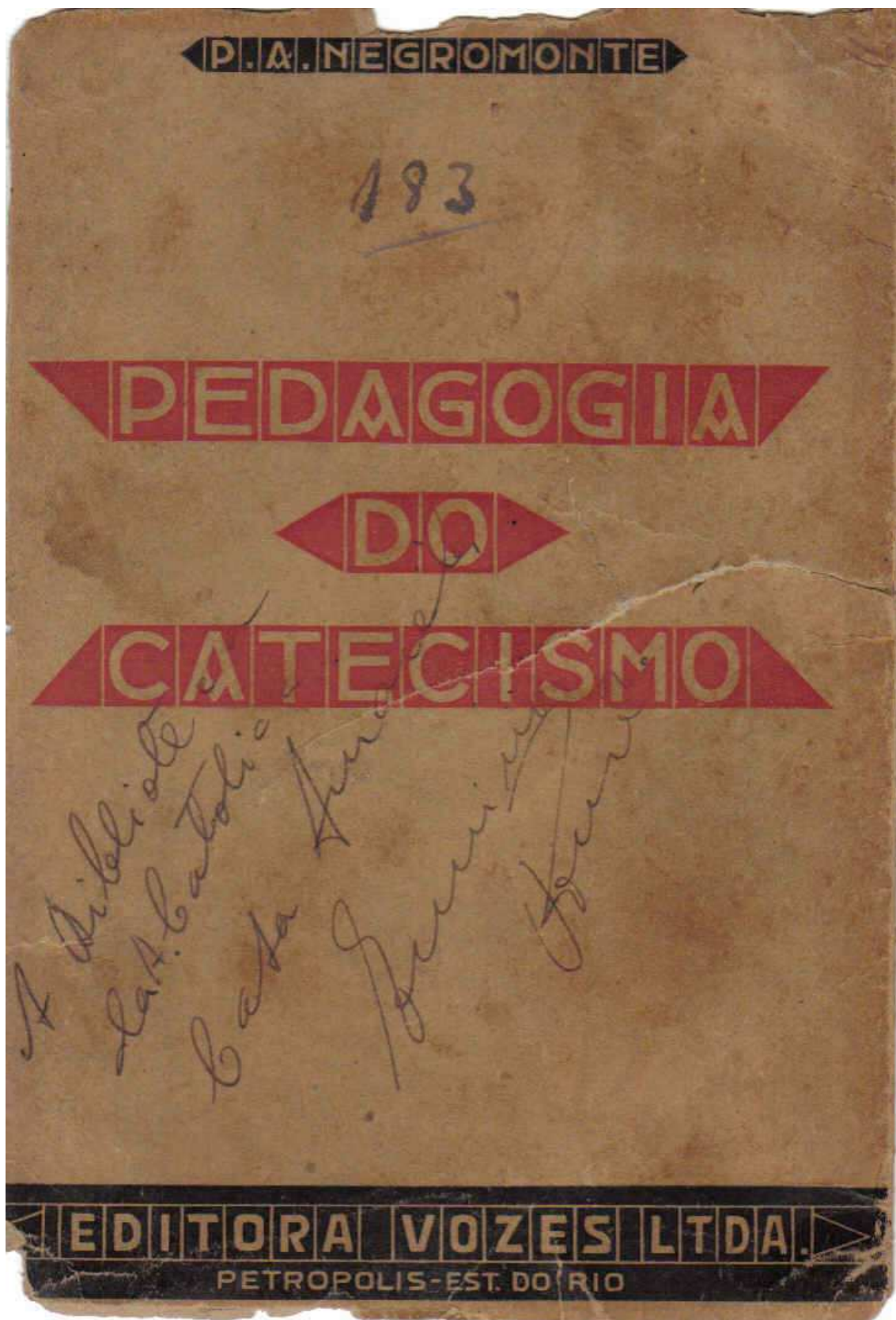


Figura 4: Capa do manual **Pedagogia do Catecismo**. Fonte: NEGROMONTE, Alvaro. **A Pedagogia do Catecismo**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1950. Acervo da pesquisadora.

Não foi possível analisar a contracapa deste manual por conta de seu estado de conservação ruim. Em geral, os livros da Vozes trazem, nesse espaço, referência a outras obras do autor ou opiniões de pessoas renomadas em relação à obra. O nome da editora aparece como padrão na capa, na folha de rosto, no verso desta e na última folha depois do texto. As orelhas desse manual não contêm nenhuma informação.

Em relação à organização interna, o volume em questão traz três agradecimentos: um à mãe, por sempre levá-lo, pessoalmente ao catecismo; à irmã Amélia, que conseguiu realizar em si, o projeto da catequista ideal; e, por fim, ao padre Manuel Guedes (possível mentor da sua vocação), seu professor de catecismo que lhe ensinou entusiasmo pela religião; traz, ainda, uma introdução do Arcebispo de Belo Horizonte, à época, D. Antônio dos Santos Cabral. A seguir apresenta esta formatação: ante-página, com o título da obra; a folha de rosto, que apresenta uma estrutura similar à capa, com a ressalva do nome do autor que passa a estar alinhado à direita e sublinhado, “P.A. NEGROMONTE” em caixa alta; abaixo, o título do livro destacado em negrito; a edição; e, ao final da página, a editora, a cidade e o estado; depois da folha de rosto, *o imprimatur* no verso da mesma; os agradecimentos, a introdução do D. Antônio, a nota aos professores, marca de todos os textos de Negromonte; o texto; o índice; a referência tipográfica e a contra-capa. A bibliografia é composta basicamente de textos bíblicos e várias obras de intelectuais da área da Educação, da Filosofia, da Psicologia, de Catequese, sobretudo autores franceses; ressalta, ainda a obra de Waleska Paixão, a quem atribui a mérito do pioneirismo na renovação catequética no Brasil.

O índice é dividido em três partes: a finalidade do catecismo, a pessoa do catequista e os meios a empregar. Cada parte varia em tamanho, revelando a prioridade do autor em relação à temática. A primeira parte é composta de cinco tópicos; a segunda, de nove; e a terceira é composta de vinte e dois tópicos.

O prefácio ou Nota aos Professores é um espaço no qual o autor apresenta a obra, a partir de uma justificativa, traça os objetivos, explica a metodologia, anuncia para a necessidade de um novo texto de catecismo e para o problema da formação religiosa no ensino secundário, pontos dos quais ele mesmo se encarregou, posteriormente, e situa este manual no âmbito do curso primário

O volume publicado pela José Olympio, em sua 3ª edição, traz uma nova apresentação com formato de 14,0cm de largura por 21,0 cm de altura, o que incide na redução do número de páginas. As mudanças nesse volume são acentuadas, do ponto

de vista das estratégias editoriais, e sensíveis, do ponto de vista do conteúdo. Daí a necessidade de considerar fundamental a descrição material de ambas as edições, a fim de ilustrar essa constatação.

A obra vem em uma brochura de 252 páginas, com formato de 14,0 cm de largura por 21,0 cm de altura, variando do padrão dos outros volumes para o ginásio e secundário, publicados pelas outras editoras e pela própria José Olympio.

A capa apresenta uma estrutura diferenciada da José Olímpio, embora a cor da cobertura do papel cartão bege seja similar. A organização da capa apresenta uma produção gráfica que centraliza as informações do livro em uma borda. As informações são apresentadas na seguinte sequência: no alto, o nome do autor em preto em itálico (*Padre Álvaro Negromonte*); o título da obra, com as primeiras letras destacadas em vermelho, centralizado, em caixa alta e letras vazadas; a ilustração de duas mãos juntas, em posição de oração; o nome da editora, ao final da página, em fonte tipo cursiva.

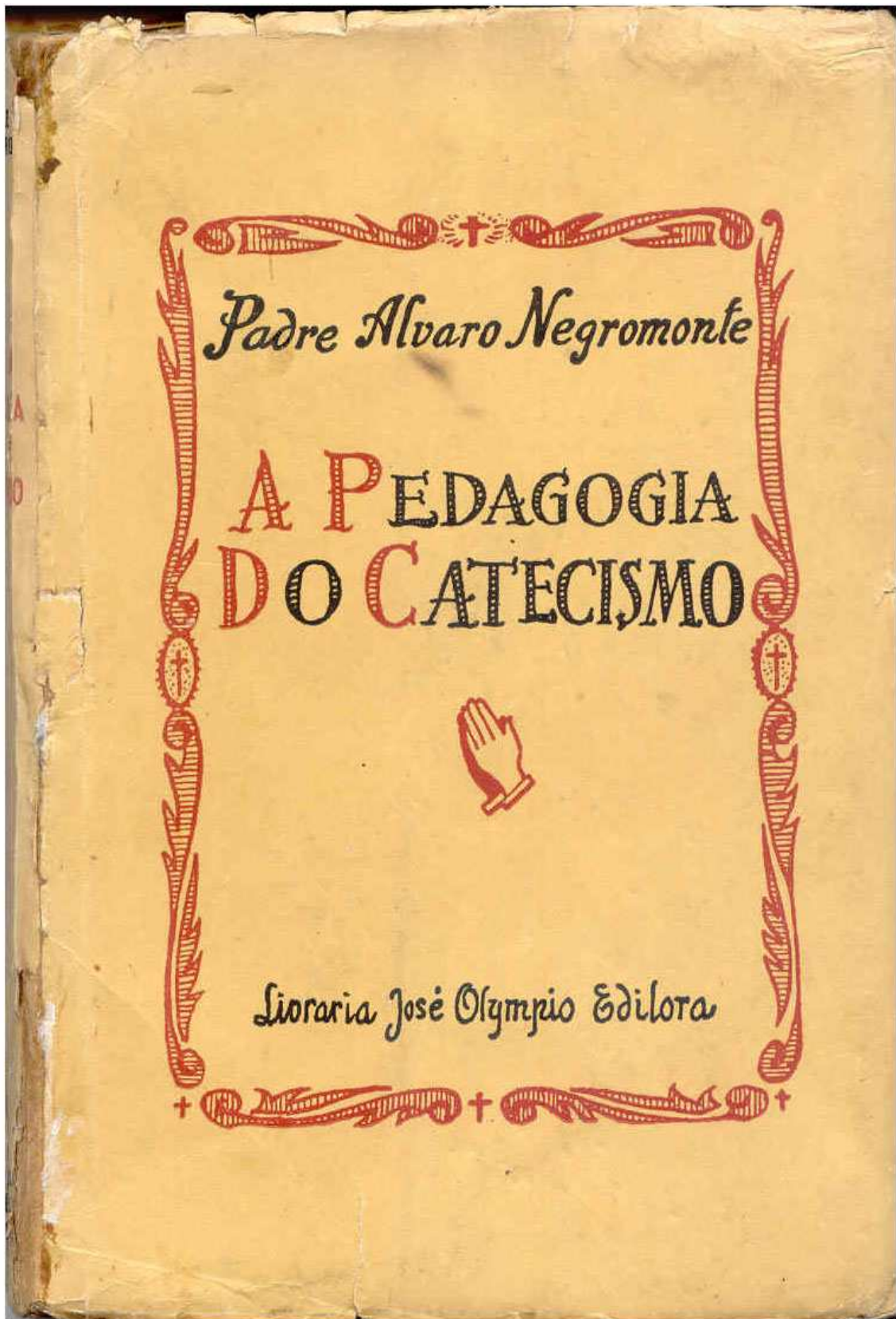


Figura 5: Capa do manual **Pedagogia do Catecismo**. Fonte: NEGROMONTE, Alvaro. **A Pedagogia do Catecismo**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1950. Acervo do Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus de Aracau/SE.



A contracapa foi utilizada, neste volume, como espaço de divulgação da **Coleção Menina e Moça**, com a opinião do padre Negromonte atestando a sua idoneidade para a juventude feminina. A prática da leitura, a partir de uma orientação que atestasse para o caráter da obra, era pré-requisito de uma boa formação para os jovens, de uma maneira geral, no intuito de resguardá-los das incitações das doutrinas laicas que assolavam a Igreja, mas, sobretudo, para as moças, porque estas, futuras formadoras dos cidadãos do país, precisavam ter a clareza dos valores morais condizentes com a Igreja para os utilizarem como base do seu processo educativo.

As orelhas deste manual trazem referências a outras obras: a orelha da capa referencia a obra **“A Vida de Jesus para a infância e juventude”** do próprio padre Negromonte e a orelha da contracapa traz a referência à obra **“Imitação de Cristo”** traduzido pelo padre Leonel Franca.

A referência a uma tradução, em uma obra católica, revela o investimento de José Olympio na estratégia de variar as suas edições, não somente com títulos novos dos mais variados autores, como também pela prática das traduções por autores renomados no meio em que a obra está situada. Revela, ainda, a simpatia de José Olympio com um grupo de católicos, no momento em que o país passava por um período de transição pós Estado Novo, pondo em evidência a atuação da Igreja junto a um dos principais órgãos de difusão cultural do país.

A ofensiva católica em relação às propostas escolanovistas dos pioneiros, taxadas por estes de má pedagogia, ramificou em diversas direções. Uma delas foi fazer a sua própria leitura desses princípios, sob a luz dos princípios cristãos, e divulgá-los nas mais variadas formas, sobretudo impressas, visando contribuir com a formação do leitor católico. A intelectualidade católica produziu largamente nesse período e Negromonte, de forma particular, contribuiu substancialmente com esse projeto. Além dos livros da coleção, ele publicou diversas obras de caráter formativo, doutrinário, moral, e não se absteve das traduções. Ele mesmo fez uma tradução do Novo Testamento.

Além disso, as traduções estiveram presentes na História do Livro e dos impressos, no Brasil, que lhes conferem um lugar próprio de investigação. O caráter, marcadamente político, que distingue as coleções brasileiras do mercado editorial francês desempenhou um importante papel no projeto de desenvolvimento da nação - a partir dos padrões civilizatórios que circulavam na Europa e nos Estados Unidos - nas décadas de 20 e 30 do século XX, sobretudo no campo da educação, por ser este o

cenário mais profícuo da difusão ideológica. De acordo com Paixão e Mira (1996), a primeira coleção a despontar no Brasil foi a *Brasiliana*, uma das séries da Biblioteca Pedagógica Brasileira, empreendimento editorial da Companhia Editora Nacional considerado, um dos mais notáveis do país, organizada por Fernando de Azevedo. O sucesso da coleção levou José Olympio a seguir seu rastro e lançar, em 1936, a *Coleção Documentos Brasileiros* dirigida por Gilberto Freyre. De uma maneira geral, as coleções eram compostas por títulos de diversos autores brasileiros, alguns já esgotados há muito tempo, outros novos no mercado, além da prática de traduções de livros estrangeiros, normalmente por um profissional da área, como é o caso de **Vida e Educação**, de John Dewey, traduzido por Anísio Teixeira e publicado na *Coleção Atualidades Pedagógicas*, outra série da Biblioteca Pedagógica Brasileira<sup>70</sup>.

As traduções de autores estrangeiros abrem novas perspectivas, retomam velhos temas, suscitam novos debates. Segundo Smith Jr.,

as traduções abrem, as janelas para o mundo e fazem contribuições para a mente e o espírito que não são possíveis de nenhum outro modo. Não importa que estágio de desenvolvimento um país tenha alcançado, ele não pode ir em frente sem livros traduzidos [...] Mas não é necessário pensar apenas numa certa época para encontrar exemplos de como a tradução tem afetado o pensamento mundial. Platão, Aristóteles, Al Razi, Montesquieu, Jefferson, Locke, Marx, Freud, Einstein e Ortega vêm a mente como pensadores cuja influência através da tradução tem sido bem maior do que nas línguas nas quais eles escreveram (1990, p. 181)

---

<sup>70</sup> A Biblioteca Brasileira Pedagógica era composta por cinco séries: a *Brasiliana*, a *Atualidades Pedagógicas*, *Livros Didáticos*, *Iniciação Científica* e *Literatura Infantil*. A referência que Paixão e Mira (1996) fazem sobre “as coleções que fizeram história no Brasil” deixam de fora a coleção *Atualidades Pedagógicas* e o papel que esta exerce no projeto de renovação educacional do país, sob a direção de Fernando de Azevedo. Foi Maria Rita de Almeida Toledo (2001) quem apontou a expressividade desse espaço e como ele foi utilizado, inicialmente, para propagar as novas idéias sobre a educação propostas pelo grupo intitulado “pioneiros da educação nova”, tendo como mentor o dirigente da coleção em sua primeira fase, e, Damasco Penna, em sua na segunda fase. Toledo (2001) marcou a coleção pelas duas gestões visivelmente distintas que a organizaram. No período da gestão de Azevedo, a coleção faz circular os conteúdos produzidos pela ciência da educação em direção à política, ou seja, intervêm na própria cultura, que por sua vez, interfere no processo de modernização do Brasil. Já na gestão Penna, problematizou a atividade educativa por ela mesma e restrita a ela mesma, não ultrapassando esse mundo que é a Pedagogia e a Educação. Com isso, a análise de Toledo, atribui a este tipo de empreendimento editorial, uma função que extrapola os limites da economia, por exercer influência direta na vida política, nesse caso, através da educação; e, por imprimir através do impresso uma História, que contará com a força do documento escrito para se perpetuar.



A própria vulgata da Bíblia teve que ser traduzida para diferentes línguas para que a Igreja pudesse exercer o seu papel de desmistificar o conhecimento religioso, disponibilizando-o através da leitura das Escrituras Sagradas. A maior parte dos fiéis católicos nunca leu a tradução latina da Bíblia feita por São Jerônimo, reconhecida, oficialmente, pela Igreja. Seu conhecimento das Escrituras está baseado restritamente nas traduções, o que revela a eficácia da estratégia editorial para ampliar a circulação de um determinado autor ou temática.

Em relação à organização interna, o volume em questão varia em pouquíssimos aspectos de outras edições e apresenta a seguinte formatação: ante-página, com o título da obra; uma página com uma lista de todos os livros da coleção, na qual o primeiro volume do **Meu Catecismo**, aparece com a referência de estar ainda, no prelo e não aparecem ainda a **História da Igreja** e os volumes **Guia do Catequista**. A folha de rosto apresenta a seguinte estrutura: no topo, traz a informação da posição institucional do autor, que não aparece na capa, levando-me a inferir que essa é uma estratégia que a editora adotou posteriormente, como resultado de uma prática que foi se reformulando e se aprimorando nas diversas edições e reimpressões; abaixo, o título do livro destacado, sem sub-título; a edição; o ano e, ao final da página, a editora e o endereço; depois da folha de rosto, *o imprimatur*, no verso da mesma; os agradecimentos; a introdução de D. Antônio dos Santos Cabral; a nota “Aos professores”, com uma apêndice para a 3ª edição; texto; o índice geral; a referência tipográfica e a contracapa. O índice permanece o mesmo da edição Vozes. A organização interna do texto segue também o mesmo padrão da Vozes. Neste volume, a carta de recomendação da Sua Santidade, o papa Pio XII e a nota da editora, marcas distintivas das publicações José Olympio, não aparecem, o que leva a inferir, mais uma vez, que o formato da coleção não nasceu de uma estratégia específica e determinada previamente, mas se constituiu a partir de um conjunto de tentativas de aprimoramento, sempre no intuito de tornar o livro mais vendável.

- **Manual de Religião**

Quadro 4: Características materiais do “**Manual de Religião**”

Título	Manual de Religião
Formato	12,5 x 18,5 cm
Nº de páginas	192
Ilustrações	Somente no texto
Encadernação	Brochura em papel cartão azul
Público alvo	Curso Elementar (12-14 anos)
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	22

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Manual de Religião**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1941a.

O **Manual de Religião** foi a terceira obra publicada pelo padre Álvaro Negromonte. Escrito no calor das discussões que este vinha travando com as questões acerca da Pedagogia Moderna e o ensino de catecismo, constitui-se em um dos documentos-monumentos da renovação catequética brasileira em finais da década de 30.

A obra é um compêndio de lições doutrinárias que tem por objetivo tentar colocar em prática o que vinha sendo discutido na teoria. Nesse sentido, o autor relaciona uma série de sessenta lições, sequencialmente organizadas e distribuídas uma para cada aula da semana, para os alunos do curso elementar. Do ponto de vista material, trata-se de uma brochura de 192 páginas e com formato de 12,5 cm por 18,5 cm.

A capa do **Manual de Religião** tem uma cobertura azul e apresenta as informações na seguinte seqüência: autor, título da obra em letras vermelhas destacadas, o logotipo da editora e, no pé da página, o nome da editora e o local onde se situa, em uma tarja preta destacada.

A contracapa foi utilizada neste volume como espaço de divulgação de outras obras do autor: **A Pedagogia do Catecismo, Diretrizes catequéticas, Caminho da Vida, A doutrina Viva, As fontes do Salvador**. Cada título apresenta um breve resumo e o preço individual. Em nenhum momento, as obras são tratadas como parte de uma coleção, mas como livros de caráter didático, acompanhando a série para a qual é recomendado, o que reforça a hipótese de que a coleção é um projeto que será construído ao longo das publicações e, sobretudo, nas edições publicadas pela editora José Olympio.

P. A. Negromonte

Manual  
DE  
Religião



EDITORA VOZES LTDA.  
PETROPOLIS

Figura 6: Capa do **Manual de Religião**. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Manual de Religião**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1941a. Acervo da pesquisadora.



## OBRAS DO MESMO AUTOR

**Pedagogia do catecismo.** 2ª edição.

(Minha) — Broch. 6\$500

Com a publicação dessa obra, enriqueceu a literatura portuguesa (e não só a brasileira) com um livro de incontestável valor. Impende seja adotado nas paróquias e nas Escolas Normais para servir no curso de Pedagogia e Catequética.

**Diretrizes catequéticas.** (Mapi) — Broch. 2\$000

São discursos e conferências que o autor proferiu em diversas ocasiões. Quantos conselhos, quanta luz encerram para uma orientação segura no campo do ensino religioso!

**Caminho da vida.** (Macu) — Broch. 5\$000

É para os fiéis um tratado simples e claro da moral cristã. São preleções sobre os mandamentos.

Cada lição é precedida de textos bíblicos correspondentes.

É obra de grande valor para todos os fiéis, mas principalmente para catequistas.

**A doutrina viva.** Para o curso secundário.

(Mange) — Broch. 5\$000

É um texto a ser adotado, sem reserva, em todos os nossos educandários católicos, pois, estamos certos, preencherá satisfatoriamente a grande lacuna de há muito verificada pelos professores de religião.

**As fontes do Salvador.** Missa e sacramentos. Para o curso secundário.

(Midi) — Broch. 8\$000

Não hesito em dizer que talvez ainda nenhuma de nós, catequistas, tenha manuseado trabalho que tão bem elucide sobre a eficácia dos sacramentos e a grandeza e significação da santa Missa. — **Valesca Paixão.**

Pelo correio mais o porte

Pedidos à EDITORA VOZES Ltda.

Caixa postal, 23 — Petrópolis — E. do Rio

---

Preço deste volume — Broch. 4\$000

Palavra telegráfica — MIFU

Figura 7: Contracapa do Manual de Religião. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Manual de Religião**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1941a. Acervo da pesquisadora.

Nessa obra, a ausência do aparelho crítico, uma vez que consta apenas a folha de rosto, revela pouca preocupação em relação aos dispositivos de concorrência utilizados para o mercado. A razão para dispensar tais artifícios varia entre a própria credencial da editora, que fala por si só, o público específico ao qual ela se destina ou ainda a importância prioritária ao texto em si e ao autor. No caso da Vozes, a preocupação estava voltada para colocar no mercado uma obra de qualidade. Sua preocupação com o conteúdo da obra diminuía a importância do aparelho crítico como estratégia de ampliar o mercado. Esta, possivelmente, tenha sido a razão que levou Negromonte a não manter nessa editora, as suas publicações. Negromonte compreendia bem a função da materialidade do livro e se preocupava com esses dispositivos como parte das estratégias de circulação. Isso o levou a publicar suas obra pela José Olympio, Agir e Rumo.

A folha de rosto não reforça a hipótese da importância do autor. O nome deste é apresentado em fonte consideravelmente menor em relação à capa. Além de não aparecer nem em negrito, nem sublinhado. De acordo com o Sr. Hildefonso Oliveira (2007), ex-funcionário da editora, “a preocupação principal da editora não era tanto em relação ao autor, mas em relação aos livros que publicava, era com o conteúdo das obras”. Nesse sentido, a disposição das informações apresenta uma estrutura parecida com a capa: no alto, o nome do autor; abaixo, o título do livro destacado em letras garrafais; a indicação da série; a edição; o logotipo da editora; e, no pé da página, a data, o nome da editora e o lugar em que se situa.

A estrutura do livro dispõe da seguinte formatação: a ante-página, com o título da obra; a folha de rosto; os direitos autorais, no verso da folha de rosto; uma advertência preliminar do próprio autor; o texto; epílogo e índice. A bibliografia aparece dissolvida nas lições e são trechos bíblicos, que corroboram para fundamentá-las.

Apesar da capa trazer como ilustração apenas a logomarca da editora, o texto apresenta trinta e uma ilustrações tipo quadros de meia página, que aparecem ao longo das lições, criando a sensação de um diálogo constante entre texto e imagem, causando, no leitor, a sensação de interação entre os diferentes dispositivos textuais, o que torna a prática de leitura mais interessante.



## 2. A CARIDADE PARA COM O PRÓXIMO

Um doutor da lei se levantou para o tentar, e disse: Mestre, que hei de fazer para possuir a vida eterna? Jesus lhe disse: Que está escrito na lei? como é que lês? Ele, respondendo, disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. E Jesus lhe disse: Respondeste bem; faz isto, e viverás. Mas ele, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? E Je-



sus, prosseguindo, disse: Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu nas mãos dos ladrões, que logo o despojaram; e, depois de lhe terem feito feridas, retiraram-se, deixando-o meio morto. Aconteceu, porém, que descesse pela mesma estrada um sacerdote, e, quando o viu, passou de largo. De igual modo também um levita, achando-se perto do lugar, e vendo-o, seguiu para diante. Mas um sa-

Figura 8: Exemplo de ilustração do **Manual Religião**. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Manual de Religião**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1941. Acervo da pesquisadora.

A linguagem do texto é uma outra marca distintiva do autor. Ora apresenta uma narrativa em terceira pessoa, ora em primeira. Os manuais de catecismo anteriores não faziam uso da linguagem narrativa. Segundo Passos, “a narração aproxima o narrador e os ouvintes que criam, impulsionam e constroem a história. Seu processo é envolvente, dinâmico e inventivo, o que possibilita a formação de um leitor ativo, que no caso do catecismo teria sido um elemento importante para diversos temas” (1999, 46).

- **Minha Vida Cristã**

Quadro 5: Características materiais do manual **Minha Vida Cristã**

Título	Minha Vida Cristã
Formato	12,2 x 18,0 cm
Nº de páginas	154
Ilustrações	Somente na capa; quadros síntese no texto
Encadernação	Brochura em papel cartão verde claro
Público alvo	1ª série ginasial
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	21

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Minha Vida Cristã**: 1ª série ginasial. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1960a.

Com base nas fontes levantadas no Instituto Teológico Franciscano, a obra **Minha Vida Cristã** foi publicada pelas editoras José Olympio e Rumo e destinada à primeira série do curso secundário. Para esta análise, foi utilizada a oitava edição, publicada pela José Olympio em 1960. A materialidade revela uma brochura de 154 páginas com formato de 12,0 cm de largura por 18,0 cm de altura, seguindo o mesmo padrão dos outros volumes para o secundário, publicados pelas outras editoras e pela própria José Olympio.

A capa apresenta uma cobertura de cor viva, em papel cartão verde e apresenta as informações na seguinte seqüência: autor, em negrito; título da obra, em letras vermelhas destacadas; a série para a qual era destinado; uma ilustração da Basílica de São Pedro; e, no fim da capa, o nome da editora, em caixa alta, destacando, em fonte maior, o nome “José Olympio”.

A contracapa foi utilizada neste volume como espaço de divulgação das obras do padre, especificamente, as da coleção. O nome da editora aparece como padrão na capa, na contracapa, nas lombadas, na folha de rosto, no verso desta e na última folha, depois do texto.



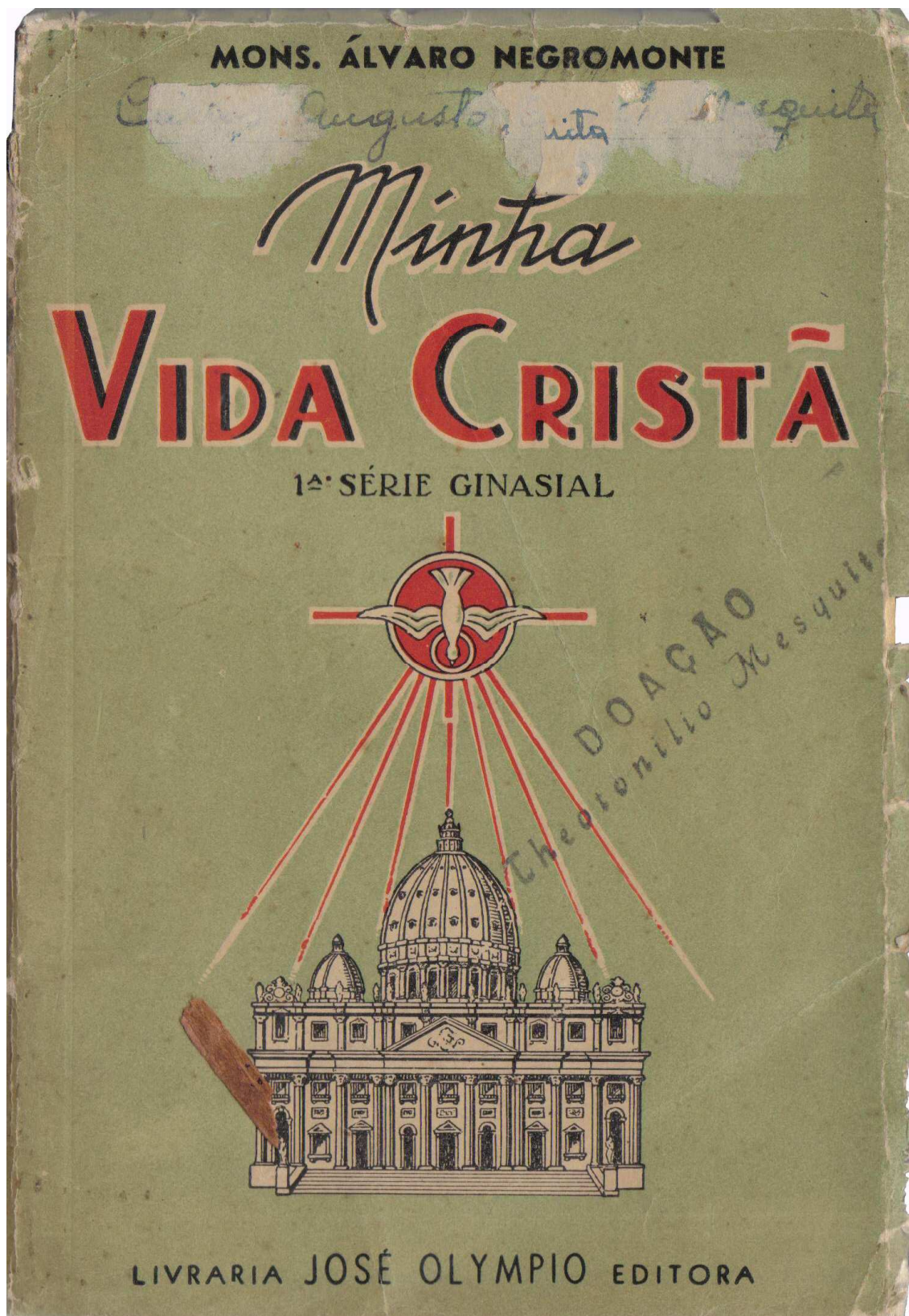


Figura 9: Capa do manual **Minha Vida Cristã**. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Minha Vida Cristã**: 1ª série ginásial. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1960a. Acervo da pesquisadora.



## Coleção Mons. Negromonte

**11** VOLUMES recomendados e abençoados por sua Santidade o Papa Pio XII — aprovados por 46 Arcebispos e Bispos do Brasil — e adotados oficialmente em muitas Dioceses e incontáveis colégios católicos e leigos constituem a coleção de livros para o ensino de Religião do ilustre Diretor do Ensino Religioso na Arquidiocese do Rio de Janeiro.

### MONS. ÁLVARO NEGROMONTE

- 11 volumes elaborados por quem conhece bem o meio brasileiro: suas necessidades e a psicologia de nossa gente.
- 11 volumes, escritos na ortografia moderna, que estão de acordo com os programas oficiais, organizados segundo as obras do Mons. Negromonte.
- 11 volumes que passaram por longos anos de experimentação e aprovação no meio educacional de nossa terra, do norte ao sul.

### EM CUIDADA APRESENTAÇÃO GRÁFICA.

essa coleção de 11 livros é a única completa escrita por um só autor — vai do curso primário ao secundário (ginasial e colegial) e normal — o que lhe garante perfeita uniformi-

dade no ensino das diversas matérias.

Os 4 vols. ilustrados para o ensino primário — os MEU CATECISMO — correspondem às recomendações do CONGRESSO DE DIRETORES DO ENSINO RELIGIOSO DAS DIOCESES DO SUL DO BRASIL, no qual ficaram estabelecidas as características de um bom texto para o ensino religioso no curso primário. NÃO SÓ CORRESPONDEM como atendem INTEIRAMENTE às exigências requeridas, porque: 1. vão direito aos pontos vitais da doutrina; 2. são em forma expositiva; 3. são incomparáveis instrumentos de trabalho para o aluno; 4. destinam-se por excelência à formação dos nossos meninos; 5. são cuidadosamente proporcionados, na escolha da doutrina, na dosagem de cada ano, na apresentação.

Os textos do Mons. Negromonte para o curso secundário e normal — MANUAL DE RELIGIÃO, HISTÓRIA DA IGREJA, PEDAGOGIA DO CATECISMO, A DOCTRINA VIVA, AS FONTES DO SALVADOR, O CAMINHO DA VIDA, MINHA VIDA CRISTÃ — apresentam as melhores condições pedagógicas e religiosas tanto para os alunos como para os mestres.

EDIÇÕES DA

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Figura 10: Contracapa do manual **Minha Vida Cristã**. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Minha Vida Cristã**: 1ª série ginásial. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1960a. Acervo da pesquisadora.

Em relação ao aparelho crítico, as orelhas, que antes traziam a referência a toda a coleção, não aparecem neste volume e essa referência é feita na contracapa. A organização interna apresenta uma certa padronização em relação aos outros números da coleção, variando em pouquíssimos pontos e dispõe da seguinte formatação: a antepágina, com o título da obra; uma página com uma lista de todos os livros da coleção e mais algumas obras do autor; a folha de rosto; *o imprimatur*<sup>71</sup>, no verso da folha de rosto; o índice geral; uma carta de recomendação do Papa; nota da editora; prefácio, destinado aos professores; o texto; referência tipográfica. Não traz agradecimentos ou dedicatória. A bibliografia é composta de textos bíblicos que aparecem no corpo do texto.

A folha de rosto apresenta uma estrutura parecida com a capa, mas diferentemente dela, o nome do autor não vem sozinho e sim “Coleção Mons. Negromonte”, no topo da página em caixa alta; abaixo, o título do livro destacado, a indicação da série, o pequeno desenho de uma estrela, o número da edição e a editora, no final da folha, seguido da cidade (no caso, Rio de Janeiro) e do ano de publicação. Este é um dos poucos volumes em que a posição institucional do autor não acompanha o seu nome no topo da página, o que é praticamente um padrão nas edições da José Olympio.

O índice geral tem como função situar o leitor na organização interna do texto, informando-o da disposição dos temas no espaço do livro. A organização dos índices da coleção segue um padrão específico em quase todos os volumes. Mais uma vez, neste volume, a regra de padronização é quebrada, o que pode ser uma especificidade dessa edição, e as lições estão dispostas em seqüência, não deixando claro para o leitor os eixos norteadores que as agrupam. **Minha Vida Cristã** é dividido em vinte e cinco lições que tratam basicamente da doutrina da graça. No interior da obra, todas essas lições são divididas em tópicos, o que revela os principais pontos da doutrina, dentre os quais o autor pretende enfatizar e se deter por mais tempo. Esse é um dos índices menos informativo das publicações da José Olympio.

A carta de recomendação da Sua Santidade, o Papa Pio XII, permanece e é certamente uma importante referência à obra. A nota da editora traz uma pequena biografia do autor da obra, com caráter laudatório e respeitoso, mas com dados significativos, que se constitui em uma fonte fundamental para a composição dessa face da história. O prefácio destinado aos professores é o local de fala do autor em relação à obra. Nele, o autor justifica a iniciativa, traça os objetivos, explica a metodologia e agradece as colaborações, aproximando-se ainda mais do professorado católico, seu público leitor.

---

<sup>71</sup> Licença eclesialística para publicação de uma obra.

- **As Fontes do Salvador**

Quadro 6: Características materiais do manual **As Fontes do Salvador**, editado pela José Olympio

Título	As Fontes do Salvador
Formato	12,5 x 18,0 cm
Nº de páginas	204
Ilustrações	Somente na capa
Encadernação	Brochura em papel cartão verde
Público alvo	3ª série ginásial
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	28

Fonte: NEGROMONTE, Alvaro (Monsenhor). **As Fontes do Salvador**: missa e sacramentos. 18ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1961a.

Quadro 7: Características materiais do manual “**As Fontes do Salvador**”, editado pela Rumo

Título	As Fontes do Salvador
Formato	12,0 x 18,0
Nº de páginas	137
Ilustrações	Na capa e no texto
Encadernação	Brochura em papel cartão verde
Público alvo	3ª série ginásial
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	14

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro (Monsenhor). **As Fontes do Salvador**. 21ª edição. Rio de Janeiro: Edições Rumo, 1963.

Este foi o penúltimo livro de Religião escrito para o curso secundário. Mais uma vez, não foi possível localizar a primeira edição. Entretanto, tive acesso a dois exemplares: um publicado pela José Olympio e o outro pela Rumo. Não há, praticamente, mudanças nos dispositivos materiais. Os padrões de editoração adotados pela Rumo são semelhantes aos da José Olympio.

Para a análise de conteúdo, utilizei a edição publicada pela Rumo, por ser mais recente e apresentar variações mais didáticas em seu conteúdo, que me levam a crer que tenham sido solicitadas pelos professores. Não obstante, para reiterar a minha hipótese em relação à materialidade, mais uma vez, uso as duas edições a fim de poder estabelecer, para o leitor, uma possibilidade de comparação sobre esse aspecto.

Na edição da José Olympio, o autor apresenta duas notas de revisão, uma em 1944 e a outra em 1949; sendo esta última para a 5ª edição. Na primeira revisão, foi

apontada uma ligeira modificação tipográfica, a qual não foi possível identificar ou comparar, uma vez que não tive acesso à primeira edição.

Além disso, as perguntas dos questionários passaram a ser numeradas, a fim de oferecer ao aluno maior praticidade na resposta às questões. Nesse sentido, o tratamento não sacralizado que Negromonte confere ao impresso fica visível. No caso da numeração do questionário, por exemplo, a principal sugestão é que o aluno possa identificar no texto, durante a leitura, a resposta à pergunta, colocando o número da questão ao lado, nas marginálias ao longo da lição. Para ele, o impresso didático não é santo que não possa ser riscado<sup>72</sup>. Conforme Munakata (1997, p. 204), “as palavras ‘ler e leitura’ foram gradativamente sendo substituídas por ‘usar e uso’. Pois, a rigor, livro didático não é para ser lido como se lê um tratado científico”. O que pressupõe uma relação estreita entre o sujeito e o objeto cultural com o qual lida diariamente<sup>73</sup>.

A partir da quinta edição, sofreu modificações do ponto de vista do conteúdo, tendo este sido reduzido, a pedido dos professores que o achavam extenso demais<sup>74</sup>. A despeito do sofrimento confessado pelo próprio autor, em sua nota no prefácio, pela perda da riqueza do seu texto, ele se mostra capaz de considerar e rever a escrita de um texto mais ao alcance dos alunos. Essa atitude revela, na prática, uma preocupação maior do autor em ser compreendido do que a necessidade de demonstrar, nos seus textos, a sua erudição.

O livro é uma brochura de 204 páginas, com formato de 12,5 cm de largura por 18,0 cm de altura, variando pouquíssimo do padrão dos outros volumes, para o ginásio e secundário, publicados pelas outras editoras e pela própria José Olympio. A capa apresenta uma cobertura de cor viva, em papel cartão verde, ilustrada com duas listras horizontais e verticais fazendo uma espécie de borda. As informações aparecem na seguinte seqüência: fora da borda, o nome do autor em preto, com as primeiras letras do nome destacadas de vermelho (Monsenhor Álvaro Negromonte); dentro da borda, o título da obra no mesmo padrão, caixa alta, negrito, preto com as iniciais vermelhas, a ilustração de um busto de Jesus Cristo em estado de contemplação, seguida da série para a qual era destinado e a edição; e, por fim, fora da borda, a editora destacando o nome José Olympio em vermelho com fonte cursiva.

---

<sup>72</sup> No seu estudo sobre os almanaques, Margareth Park (1999) percebe que a sacralidade do conteúdo de um impresso, muitas vezes, tornava-o inquestionável e símbolo de um objeto sagrado, tratado com certa reverência.

<sup>73</sup> Conferir no anexo XIV a carta que ele endereça aos alunos no início do **Meu Catecismo**

<sup>74</sup> Já foi dito outras vezes que era uma prática do autor abrir espaço, em suas obras, para críticas e sugestões. Neste volume, ele finaliza sua nota “Aos Professores” da seguinte maneira: “Continuo a pedir aos professores de Religião a caridosa advertência às falhas que encontrarem nos meus livros. Assim poderemos ter melhores elementos para um bom ensino religioso, único meio capaz de levantar o nível moral destes tempos atormentados”(NEGROMONTE, 1961a, p.17).



MONS. *Á*LVARO *N*EGROMONTE

# AS FONTES DO SALVADOR



(PARA A 3.<sup>a</sup> SÉRIE GINASIAL)

18.<sup>a</sup> edição

LIVRARIA *José Olympio* EDITORA

Figura 11: Capa do Manual **Fontes do Salvador** – edição José Olympio. Fonte: NEGROMONTE, Alvaro (Monsenhor). **As Fontes do Salvador**: missa e sacramentos. 18.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1961a. Acervo da pesquisadora.

A contracapa foi utilizada, também neste volume, como espaço de divulgação das obras do padre, especificamente os da coleção. O nome da editora aparece como padrão na capa, na contracapa, nas lombadas, na folha de rosto, no verso desta e na última folha depois do texto. Este manual também não tem orelhas.

Em relação à organização interna, o volume em questão varia em pouquíssimos aspectos de outras edições, inovando apenas no agradecimento a D. Hélder Câmara e ao Pe. Francisco Domingues Carneiro, e segue a seguinte formatação: ante-página, com o título da obra; uma página com uma lista de todos os livros da coleção (incluindo aqui os Guias do Catequista) e mais algumas obras do autor; a folha de rosto, que apresenta uma estrutura bastante similar à capa: no topo, “Coleção Mons. Negromonte” em caixa alta; abaixo, o título do livro destacado com o subtítulo, a ilustração de uma pequena estrela vazada, separando o título da indicação da série que vem a seguir, outra estrela vazada, separando esta de uma epígrafe, mais outra estrela vazada, a edição e, ao final da página, a editora, a cidade e o ano de publicação. Curiosamente, mais uma vez, neste volume, a posição institucional do autor não acompanha o seu nome no topo da página, marca das edições da José Olympio; depois da folha de rosto, *o imprimatur*, no verso da mesma; os agradecimentos, o índice geral, uma carta de recomendação do Papa; a Nota da editora; a nota aos professores, marca de todos os textos de Negromonte; o texto; a referência tipográfica e a contracapa. A bibliografia é composta, basicamente, de textos bíblicos e livros litúrgicos, como o Missal e as Liturgias dos Sacramentos, diluídas no corpo do texto.

A organização dos índices da coleção segue um padrão específico, em todos os volumes, e este manual não foge à regra. O índice é dividido em nove unidades temáticas. No interior da obra, todas as unidades são divididas em tópicos.

A carta de recomendação da Sua Santidade, o papa Pio XII, permanece assim como a nota da editora. O prefácio ou nota “Aos Professores”, apesar do manual ser direcionado para o aluno, tem um caráter de justificativa e, ao mesmo tempo, de apresentação da obra; é o local de fala do autor em relação à obra. Em todos, de forma específica em relação à obra em questão, o autor, justifica a iniciativa, traça os objetivos, explica a metodologia e agradece as colaborações dos professores.

O volume publicado pela Rumo, em sua vigésima primeira edição, segundo o autor em sua nota “Aos professores”, traz uma nova apresentação, visando uma melhoria no texto catequético. Essa melhoria não é muito visível no formato do texto, assim como também não inova no que diz respeito às estratégias editoriais. As mudanças são sensíveis e a

semelhança com o padrão José Olympio marca esta obra. Nesse sentido, a descrição de ambas as edições é interessante, a fim de ilustrar essa constatação.

A obra vem em uma brochura de 138 páginas, com formato de 12,0 cm de largura por 18,0 cm de altura, não variando do padrão dos outros volumes para o ginásio e secundário publicados pelas outras editoras e pela própria Rumo.

A capa apresenta praticamente a mesma estrutura da José Olímpio, cobertura de cor viva, em papel cartão verde, ilustrada com duas listras horizontais e verticais fazendo uma espécie de borda. As informações aparecem na seguinte seqüência: fora da borda, o nome do autor em preto com as primeiras letras do nome destacadas de vermelho (Monsenhor Álvaro Negromonte); dentro da borda, o título da obra no mesmo padrão, caixa alta, negrito, preta com as iniciais vermelhas; a ilustração de um busto de Jesus Cristo em estado de observação; seguida da série para a qual era destinada, em caixa alta e entre parênteses, e a edição; por fim, fora da borda, a editora, destacando o nome Rumo apenas pelo tamanho da fonte.



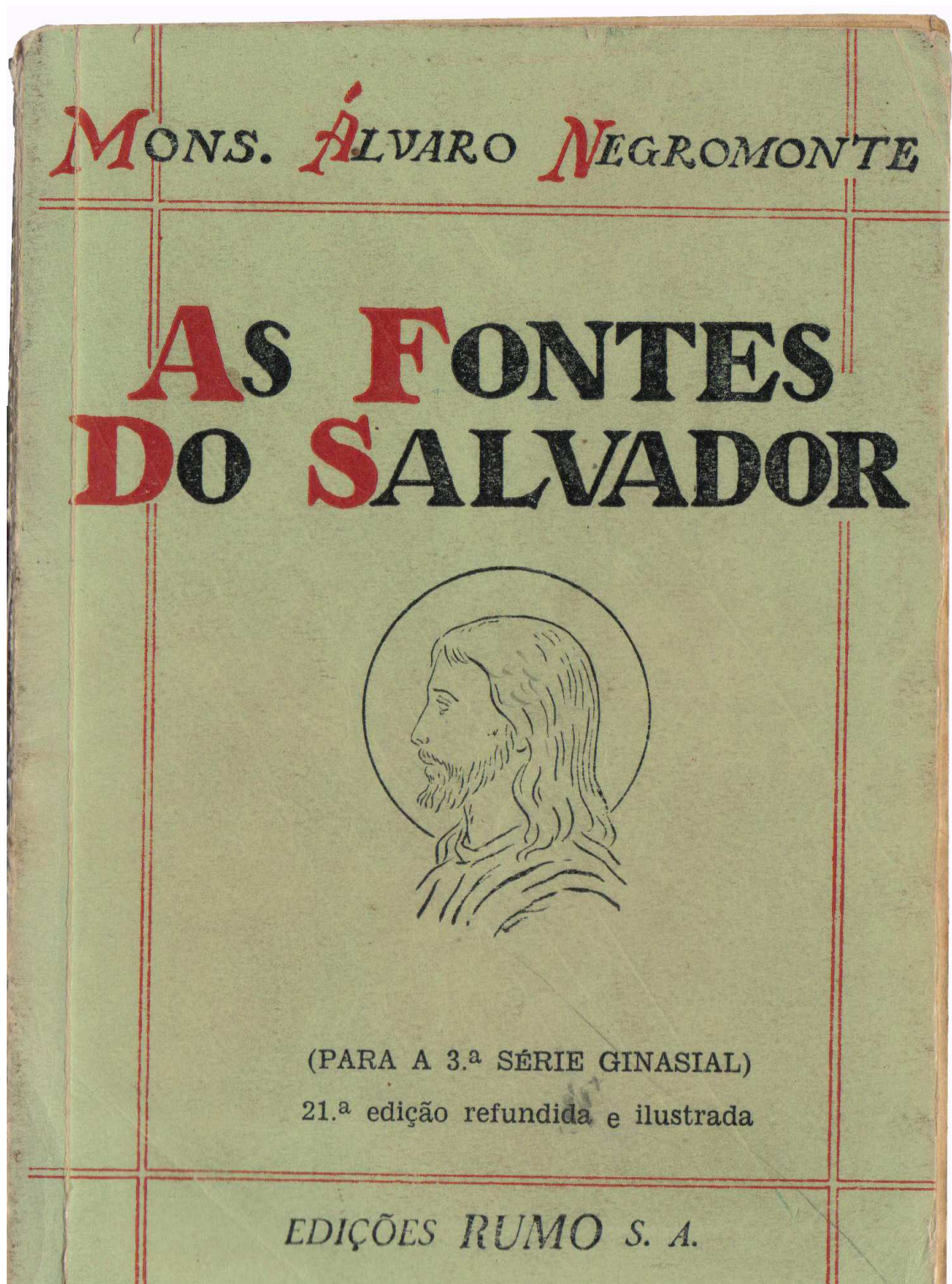


Figura 12: Capa do Manual **Fontes do Salvador** – edições Rumo. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro (Monsenhor). **As Fontes do Salvador**. 21.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Edições Rumo, 1963. Acervo da pesquisadora.



A contracapa deste manual, não consta na análise material, pois o exemplar em questão estava danificado. De uma maneira geral a Rumo utiliza esse espaço para referenciar obras de outros autores, mas não foi possível categorizar generalizando e aplicar como regra ao texto analisado. O nome da editora aparece como padrão na capa, na lombada, na folha de rosto e no verso desta. Este manual não tem orelhas.

Em relação à organização interna, o volume em questão varia em pouquíssimos aspectos de outras edições e apresenta a seguinte formatação: ante-página com o título da obra; uma página com uma lista de todos os livros da coleção (incluindo aqui os Guias do Catequista) e mais algumas obras do autor; a folha de rosto, que apresenta uma estrutura bastante similar à capa: no topo Mons. ÁLVARO NEGROMONTE, seguido da posição institucional que ocupa (de Diretor de Ensino Religioso na Arquidiocese do Rio de Janeiro) em letra minúscula, fonte oito; abaixo, o título do livro destacado sem sub-título; a ilustração de uma pequena estrela pintada de preto separando o título da indicação da série que vem a seguir; uma epígrafe (a mesma usada na edição da José Olympio); outra estrela preta; a edição; o nome do ilustrador abaixo e, ao final da página, a editora, a cidade e o ano de publicação; depois da folha de rosto, *o imprimatur*, no verso da mesma; o índice geral; uma carta de recomendação do Papa; a nota “Aos professores”, marca de todos os textos de Negromonte; o texto; a referência tipográfica e a contracapa. A bibliografia é composta de textos bíblicos e livros litúrgicos como Missal e as Liturgias dos Sacramentos, diluídas no corpo do texto.

Conforme padrão de organização dos índices da coleção, este é dividido em nove unidades temáticas. No interior da obra, todas as unidades são divididas em sub-tópicos, a fim de didatizar melhor o conteúdo a ser trabalhado. A carta de recomendação da Sua Santidade, o papa Pio XII, permanece assim como a nota “Aos Professores”.

- **A Doutrina Viva**

Quadro 8: Características materiais do manual **A Doutrina Viva**

Título	A Doutrina Viva
Formato	12,5 x 18,0 cm
Nº de páginas	255
Ilustrações	Na capa e no texto
Encadernação	Brochura em papel cartão rosa
Público alvo	2ª série ginásial
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	21

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro (Padre). **A Doutrina Viva**. 2ª edição. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1941b.

Inicialmente, esta obra foi pensada e escrita como o primeiro volume para o curso secundário de Religião a ser introduzido nos colégios confessionais e apresenta uma visão de conjunto dos pontos elementares da doutrina católica. Negromonte sistematiza e torna mais didático o conhecimento da doutrina em três pontos básicos: o dogma, a moral e a liturgia. Esses três aspectos da religião, apesar de serem objetos de livros diferentes, não são pensados de forma estática e isolada, mas interligados em uma rede de interdependência estabelecida na vida cristã. Não obstante essas temáticas serem tratadas nesse manual, é comum a referência a qualquer uma delas nos outros livros da coleção.

Não é uma edição revisada. Além disso, as perguntas dos questionários ainda não são numeradas<sup>75</sup>. O texto apresenta sete ilustrações tipo quadros, de uma página inteira, que aparecem ao longo das lições, dando maior visibilidade aos pontos mais importantes da doutrina abordados no livro. É possível que o número reduzido de ilustrações se deva ao fato desse tipo de imagem ser muito dispendiosa ao projeto de editoração.

A primeira ilustração só aparece na página oitenta e um, na lição “A pessoa de Jesus Cristo” e é uma imagem de Jesus. Em seguida, a imagem de Jesus ascendido, na lição sobre a redenção, na página noventa e nove, a Mãe do Salvador é uma lição que conta com a imagem de Maria e o menino Jesus, na página cento e sete; a instituição da Igreja por Cristo traz a ilustração de Jesus com os apóstolos em dois pequenos barcos, em um rio, na página cento e vinte e um; a lição sobre a invencibilidade da Igreja, apesar das perseguições, na página cento e trinta e nove, traz a ilustração de um mártir na arena com as feras, prestes a ser devorado, como exemplo das perseguições que os primeiros cristãos enfrentaram; assim como na página cento e cinquenta, a imagem de Jesus entregando a chave a Pedro corrobora a lição sobre o Papa, na lição sobre a institucionalização da Igreja; por fim, a última imagem ilustra a lição sobre a ressurreição da carne com o episódio de Lázaro. As ilustrações não trazem referência. É possível compreendê-las pelo conteúdo da lição em que estão inseridas. Todavia, isso requer o conhecimento prévio da história para que o aluno possa fazer a associação entre texto e imagem.

---

<sup>75</sup> Esse é um ponto que sofreu alterações nas edições posteriores. Não foi possível verificar exatamente a partir de qual edição; mas, atendendo às sugestões de um amigo e de professores, o autor passou a numerar os questionários.



Figura 13: Exemplo de Ilustração da **Doutrina Viva** – Lição “o Papa”. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro (Padre). **A Doutrina Viva**. 2ª edição. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1941b. Acervo da pesquisadora

Dos exemplares verificados, publicados pela editora Vozes, as ilustrações apresentam o mesmo padrão de imagem, mas em tamanhos diferenciados. No **Manual de Religião**, por exemplo, essas imagens também ilustram as lições. Por terem o seu tamanho reduzido à meia página, o número de imagens que o **Manual de Religião** apresenta é consideravelmente maior do que na **Doutrina Viva**, o que leva a questionar a estratégia utilizada pela editora em relação a ilustração do texto. O **Manual de Religião**, tendo sido publicado primeiro, continha mais ilustrações, sendo mais atraente ao leitor. Na **Doutrina Viva**, o aumento das dimensões das imagens, passando a uma página, incide na redução do número de ilustrações, mas é uma estratégia de barateamento da produção. Segundo Smith Jr.,

a posição das ilustrações no livro tem que ser decidida enquanto parte da questão sobre o tipo de impressão a usar. Se as ilustrações podem ser reunidas em umas poucas seções, ou se inserida com páginas separadas entre as páginas do texto, então a impressão separada das ilustrações é possível. Mas se for necessário que as ilustrações fiquem dispersas pelo livro nas páginas mesmas do texto, o livro inteiro terá que ser impresso pela qualidade mais alta, o método mais caro (1990, p.89).

Além disso, quanto à necessidade didática, pode-se considerar que o público da **Doutrina Viva** são adolescentes do ginásio, que já não precisam de várias ilustrações para serem atraídos para a leitura e para o livro, que, se supõe, já deveriam ser íntimos dos jovens.

Apesar de ser uma importante editora do país, à época, sobretudo na área religiosa, de acordo com o Sr. Hilfedonso de Oliveira (2007), “nos primeiros anos não existia na editora um departamento de marketing eficiente”. Determinadas estratégias eram adotadas sem considerar o mercado ou o público leitor, dificultando a circulação de seus exemplares a um número mais ampliado de consumidores, o que possivelmente ocasionou a mudança do padre/autor para outras editoras.

Do ponto de vista material, a **Doutrina Viva**, publicação Vozes, não apresenta os dispositivos técnicos comuns à José Olympio, por exemplo. Apesar de possuir ilustrações, essa edição não traz, no interior das lições, súmulas, esquemas, quadros sinopses, exercícios propostos, de pesquisa e coletivos, além do questionário e as ilustrações que não aparecem em cada lição.

Em relação aos dispositivos técnicos e materiais, o formato em que se apresenta é de uma brochura de 255 páginas, com formato de 12,5 cm de largura por 18,0 cm de altura, não variando do padrão dos outros volumes para o ginásio e secundário publicados pelas outras editoras e pela própria Vozes.

A capa apresenta uma cobertura de cor viva, em papel cartão rosa com uma pequena ilustração contendo o nome da editora como uma logomarca. As informações aparecem na seguinte sequência: no topo, o nome do autor abreviado, P.A. NEGROMONTE, em caixa alta, sublinhado sem negrito; o título da obra em letra de forma, negrito; logo abaixo, a indicação da série, a edição, a logomarca da editora e, por fim, no pé da página, em uma tarja preta, o nome da editora e a cidade.



P. A. NEGROMONTE

# A DOCTRINA VIVA

PARA O CURSO SECUNDARIO

Segunda edição



**EDITORA VOZES LTDA.**  
PETROPOLIS

Figura 14: Capa do manual **A Doutrina Viva**. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro (Padre). **A Doutrina Viva**. 2ª edição. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1941b. Acervo da pesquisadora

A contracapa foi utilizada, também neste volume, como espaço de divulgação das obras do padre, mas não da coleção. As referências são em relação ao **Manual de Religião**, a **Pedagogia do Catecismo**, as **Diretrizes Catequéticas**, o **Caminho da Vida**, e o próprio **A Doutrina Viva**. Todos, publicações da casa, com a edição, o valor e uma sinopse. Tal referência se constitui em mais um indício de que os livros foram postos no mercado, inicialmente, como livros didáticos, mas não como uma coleção de catecismos, o que reforça a hipótese de ter sido esta uma estratégia da José Olympio, apropriada pela Rumo posteriormente. O nome da editora aparece como padrão na capa, na contracapa, nas lombadas, na folha de rosto, no verso desta e na última folha depois do texto. As orelhas deste manual não trazem qualquer informação. Como normalmente esse é um espaço reservado à propaganda da obra, do autor ou de outras publicações da editora, resta-lhe apenas a função de marcar o texto ou, mais propriamente, a leitura.

Em relação à organização interna, o volume em questão varia em pouquíssimos aspectos de outras edições. A capa; a ante-página com o título da obra; a folha de rosto, que apresenta uma estrutura bastante similar à capa: no topo, “P. A. NEGROMONTE” em caixa alta; abaixo, o título do livro destacado; a indicação da série; uma epígrafe; a edição; a logomarca da editora e, ao final da página, o nome da editora, a cidade e o estado; depois da folha de rosto, *o imprimatur* no verso da mesma; as dedicatórias ao Cardeal D. Leme, ao Arcebispo D. Augusto Álvaro da Silva e ao promotor do primeiro congresso de catecismo no Brasil, D. Antonio dos Santos Cabral; o prefácio escrito pelo próprio autor<sup>76</sup>; o texto; um apêndice com uma listagem dos Papas até a data de publicação da obra; o índice; a referência tipográfica e a contracapa. A bibliografia é composta, basicamente, de textos bíblicos e alguns autores como Santo Agostinho e De Hovre.

Diferentemente da organização interna que os livros da coleção José Olympio adotam, nesse manual o índice, como foi citado acima, aparece ao final do texto<sup>77</sup>. É dividido em 35 lições que tratam da doutrina cristã. As lições são divididas em sub-tópicos.

Nas publicações da Vozes, a carta de recomendação da Sua Santidade, o papa, não aparece, assim como a nota da editora. O prefácio tem um caráter explicativo, como um preâmbulo que trata, basicamente, do objeto e da metodologia adotados. No final, como sempre, agradece aos professores e reitera seu pedido de colaborações críticas.

---

<sup>76</sup> Que, em geral, nos outros livros aparece como nota “Aos Professores”.

<sup>77</sup> De forma protocolar, o índice de fato deve vir ao final do texto e o sumário no início. Mas em nenhuma das suas publicações Negromonte utiliza “sumário” e sim, “índice geral”, que geralmente aparece no início do texto.

O estudo sobre a materialidade de uma obra que se constitui parte de uma coleção, que circulou todo o Brasil e formou uma parte considerável da população de norte a sul, imprimindo-lhes regras de fé e ditando normas de conduta, revela os dispositivos utilizados pela Igreja para alcançar o seu objetivo maior: a difusão da doutrina católica. Chartier (2006) chama a atenção para a necessidade de lembrar que todo o texto só existe dentro do suporte que o encerra e que a compreensão de qualquer texto depende da forma pela qual este chega até o leitor. É preciso, portanto,

fazer uma distinção entre dois tipos de aparato: aqueles impostos pela colocação em forma de texto, pelas estratégias da escrita e pelas intenções do 'autor', e aqueles que resultam da manufatura do livro ou da publicação, produzidos por decisão editorial ou através de processos industriais, e dirigidos ou a leitores ou a leituras que podem não ter absolutamente nada em comum com as expectativas do autor (CHARTIER, 2006, p. 220).

No caso do Monsenhor Álvaro Negromonte, e da sua respectiva coleção de catecismos, não se pode dizer que as suas intenções não foram atendidas ou sucumbiram ao projeto de editoração peculiar a cada editora. Nos vários volumes, das diferentes editoras, nota-se uma padronização na estrutura interna do livro e poucas variações nos dispositivos técnicos. Os manuais publicados pela José Olympio se destacam, sobretudo, pelas cores vivas das capas e por alguns elementos distintivos do seu aparelho crítico. Não obstante a capa de **A Doutrina Viva** fugir a essa regra.

Do ponto de vista do conteúdo, as editoras não exerceram, habitualmente e de forma drástica, o seu papel de modificar o texto, encurtando-os, eliminando capítulos ou episódios considerados supérfluos, simplificando a linguagem, acrescentando parágrafos, exercendo censura. Todavia, existiram algumas exceções como a obra **Pedagogia do Catecismo**, que na publicação pela José Olympio teve seu conteúdo diminuído<sup>78</sup> e obra **As Fontes do Salvador** que também sofreu alterações mais sintéticas em relação ao conteúdo.

Esse dado enfatiza uma relação de reciprocidade entre autor e editor que se promove mutuamente em uma esfera que compreende um projeto editorial a serviço da propagação da fé católica, em um país no qual o catolicismo é uma realidade, tão essencial, que condiciona e influencia

---

<sup>78</sup> Apesar de não se constituir uma regra, a José Olympio suprime um modelo de programa no volume **A Pedagogia do Catecismo** (1950), publicada anteriormente pela Editora Vozes (1940). Em ambos os casos estou citando as obras que utilizei para análise em outro estudo, as quais correspondem à terceira e segunda edição respectivamente, por não ter conseguido localizar as primeiras edições de ambas as editoras.



até mesmo as práticas dos ateus e confirma a idéia de que não há produção cultural que, ao inovar, não empregue elementos da tradição, geralmente impostos pela autoridade ou pelo mercado.

- **História da Igreja**

Quadro 9: Características materiais do manual **História da Igreja**

Título	História da Igreja
Formato	12,5 cm x 18,0 cm
Nº de páginas	176
Ilustrações	Sem ilustrações
Encadernação	Brochura em papel cartão cinza.
Público alvo	Curso colegial
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	27

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro (Padre). **História da Igreja**: para o curso colegial. 2ª edição. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1954b.

Inicialmente, este livro foi destinado à quarta série ginásial, tal como proposto no programa elaborado pelo padre Hélder Câmara; mas diante da necessidade de se nivelar a primeira série, o programa sofreu uma reformulação que deslocou esse manual para o curso colegial, inseriu **O Caminho da Vida**, em uma versão didática, para a quarta série ginásial e a **Minha Vida Cristã** para a primeira série ginásial. A obra trata fundamentalmente da História da Igreja, desde suas origens, atentando para situações nas quais a vitória estava atrelada à questão de sobrevivência.

O texto em questão é a primeira edição publicada. Do ponto de vista material, a **História da Igreja**, publicado pela José Olympio, não traz alguns dos dispositivos materiais e técnicos comuns à editora. Apresentado em brochura, com 176 páginas e formato de 12,5 cm de largura por 18,0 cm de altura, não varia, nesse aspecto, do padrão dos outros volumes para o ginásio e secundário publicados pelas outras editoras e pela própria José Olympio.

A edição não apresenta quaisquer ilustrações, incluindo a capa que vem com uma cobertura de cor cinza, em papel cartão. As informações aparecem na seguinte seqüência: no topo, o nome do autor abreviado em caixa alta, em negrito e em itálico; a função que ocupa na Arquidiocese do Rio, o título da obra, em letra de forma, negrito, vermelha, destacado no centro da capa; logo abaixo, a indicação da série; e, por fim, o nome da editora no pé da página. Diferentemente dos outros manuais, este apresenta uma capa com cor sóbria e nem todos os elementos críticos aparecem na estrutura material.

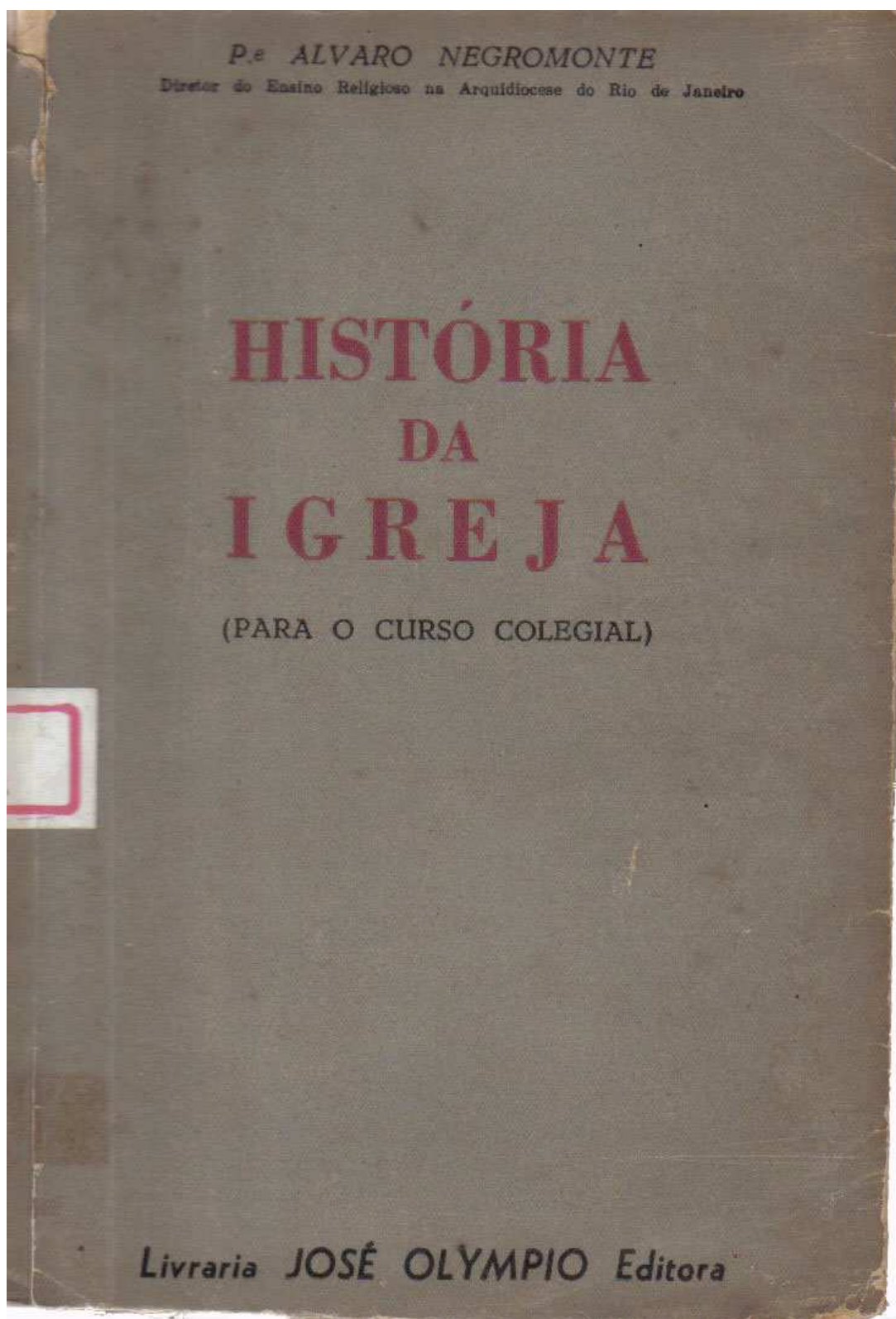


Figura 15: Capa do manual **História da Igreja**. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro (Padre). **História da Igreja**: para o curso colegial. 2ª edição. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1954b. Acervo da pesquisadora.

A contracapa foi utilizada como espaço de divulgação da coleção de livros de literatura, voltados para a juventude feminina, intitulada **Menina e Moça**, com uma nota de recomendação e a opinião do próprio Negromonte destacada. Em seguida, o anúncio do próximo livro do padre, ainda em preparo **Educação dos Filhos**. Por fim, a referência à editora, seguida do endereço da matriz e das filiais no país. O nome da editora aparece como padrão na capa, na contracapa, nas lombadas, nas orelhas, na folha de rosto, no verso desta e na última folha depois do texto, assim como nas publicações da Editora Vozes e Rumo.

As orelhas deste manual trazem as informações sobre a coleção de catecismos do padre e a propaganda de um outro título, de caráter historiográfico, sobre a história dos templos e santuários paulistanos, intitulado **Igrejas de São Paulo**, de Leonardo Arroyo, com uma pequena sinopse explicativa sobre a obra e uma alusão à carta de D. Carlos Carmello Motta<sup>79</sup> e ao prefácio de Affonso de E. Taunay. Essa alusão à carta do Arcebispo paulistano revela a estratégia editorial da José Olympio em utilizar pessoas influentes, com relevante prestígio ou renomadas na área para avaliar as obras publicadas, seja com depoimentos sobre as obras ou escrevendo o prefácio. A própria opinião do padre Negromonte e do Alceu Amoroso Lima nas contracapas de alguns dos seus títulos são mais uma amostra dessa prática.

---

<sup>79</sup> À época, D. Carmello Motta era Arcebispo de São Paulo desde 1944; Cardeal- presbítero desde 1946; tendo sido o criador e fundador da Faculdade Paulista de Direito em 1946, reconhecida pelo Papa Pio XII em 1947 como a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; foi ainda um dos fundadores e o primeiro presidente da CNBB de 1952 à 1958.

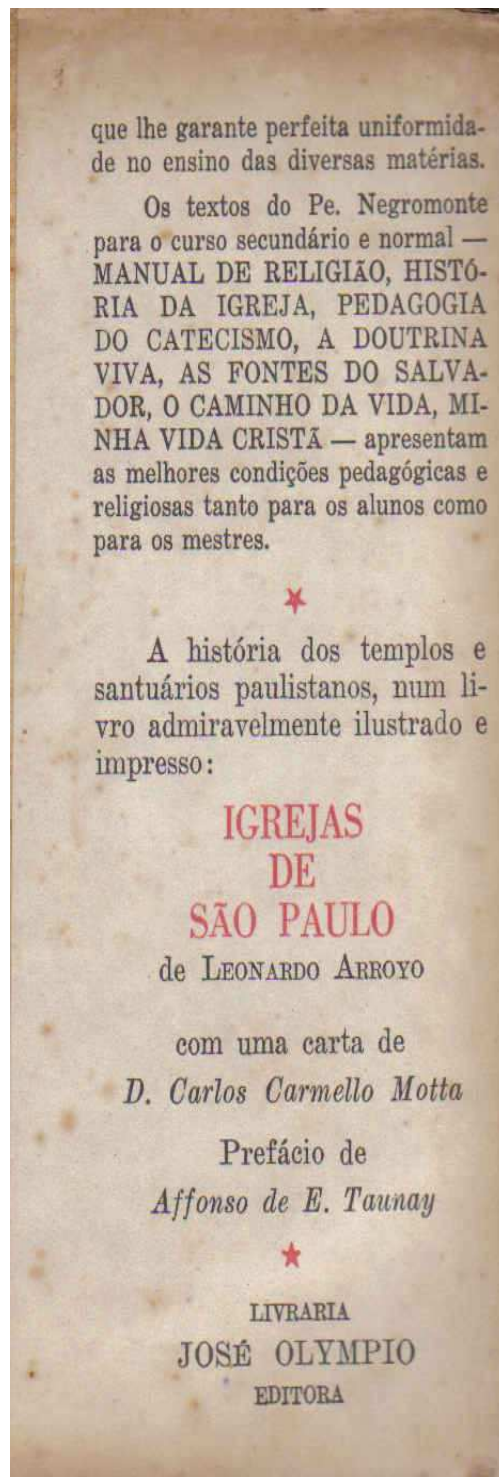
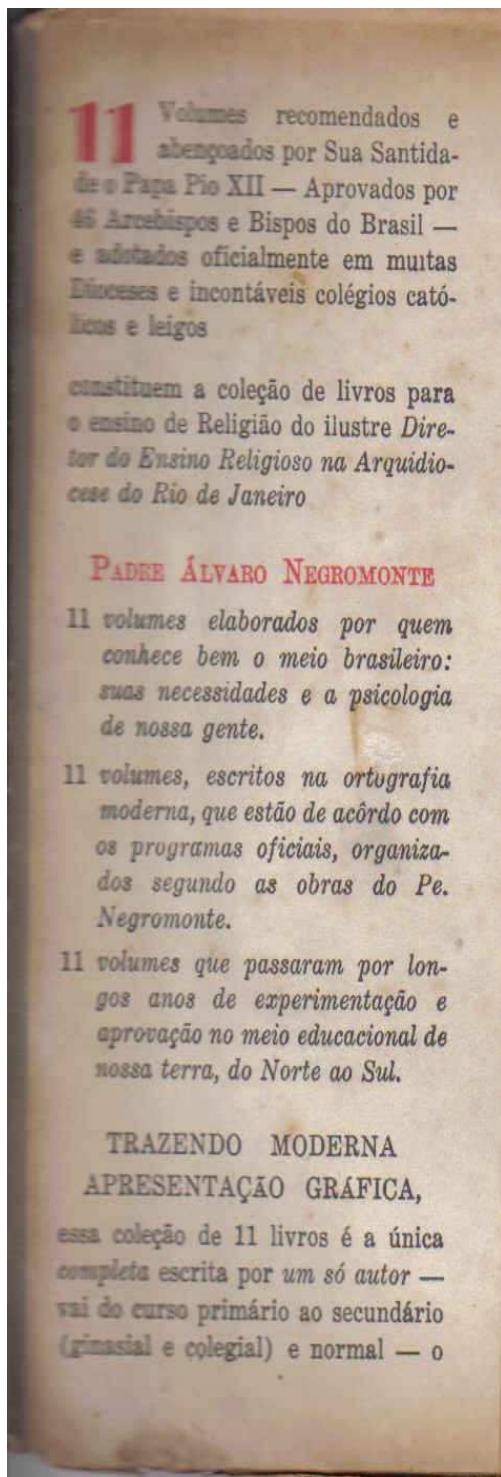


Figura 16: Orelhas do manual **História da Igreja**. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro (Padre). **História da Igreja**: para o curso colegial. 2ª edição. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1954b. Acervo da pesquisadora.



*Os mais belos romances para a juventude  
feminina*

*(de 10 a 16 anos)*

## COLEÇÃO MENINA E MOÇA

### OPINIÃO DO PADRE NEGROMONTE

sobre os livros da interessantíssima coleção —  
que é a ÚNICA EXISTENTE NO BRASIL:

*“É uma coleção mimosa, de pequenas  
histórias interessantes, de bem acentuadas  
lições morais, de um discreto perfume reli-  
gioso às vezes, que pode estar nas mãos de  
todas as adolescentes, divertindo-as, encan-  
tando-as, edificando-as”.*



o próximo livro do

### PE. NEGROMONTE EDUCAÇÃO DOS FILHOS (em preparo)



Edições da

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Rio: Rua do Ouvidor, 110 — São Paulo: Rua dos Gusmões, 104

Belo Horizonte: Rua Curitiba, 482 — Recife: Av. Manuel Borba, 21-C

Figura 17: Contracapa do manual **História da Igreja**. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro (Padre). **História da Igreja**: para o curso colegial. 2ª edição. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1954b. Acervo da pesquisadora.

Com relação à organização interna, o volume em questão varia em pouquíssimos aspectos de outras edições. A capa, a ante-página com o título da obra; a folha de rosto, que apresenta uma estrutura bastante similar à capa: no topo, “PADRE ÁLVARO NEGROMONTE”, em caixa alta; abaixo, a função que ocupa, “Diretor do Ensino Religiosos na Arquidiocese do Rio de Janeiro”; o título do livro, destacado em caixa alta e negrito; a indicação da série; um traço finalizando a página e, abaixo do traço, o nome da editora e o endereço da matriz no Rio de Janeiro; depois da folha de rosto, o *imprimatur* no verso da mesma; o índice; a carta da Papa; a nota “Aos professores”, escrita pelo autor; o texto; a “Lista dos Papas”; uma lista com os vinte Concílios Ecumênicos; a referência tipográfica e a contracapa. A bibliografia é composta basicamente de textos bíblicos e algumas obras, recomendadas para auxiliar o trabalho do professor como: *Précis d’Histoire de l’Église*, de F. Mourret, segundo Negromonte “de segura visão e credibilidade”; o **Compêndio de História da Igreja**, de Frei Dagoberto Romag, com “boas informações sobre a Igreja em Portugal e no Brasil”; e, os **Apontamentos de História Eclesiástica**, de D. Jaime de Barros Câmara, que é “muito informativo e com mais explícitas ligações com a história profana; *L’Église aux Tournants de l’Histoire*, de Godofredo Kurth, pelo “sentido que dá aos acontecimentos” com a indicação de uma tradução Argentina mais fácil de ser encontrada e *Les Origines de la Civilisation Occidentelle*, do mesmo autor; *La Crisis de Nuestra Civilización, la Europa y la Fé y las grandes herejías*, indicando o original em inglês de Hilaire Belloc e as **Enciclopédias Ecclesia** e *Tu és Petrus*, da livraria Bloud et Gay; **O catolicismo no Brasil** do padre Júlio Maria, “por ser ainda o melhor livro de história da Igreja no Brasil”; e, no campo da Patrologia e da História da Filosofia, a *Patrologie*, de Cayré e a **História da Filosofia**, do padre Leonel Franca, “por serem as que mais satisfazem” (NEGROMONTE, 1954b, p. 9).

O índice é dividido em nove unidades, abordadas em forma de lições, com tópicos e sub-tópicos. Esta edição não traz, na organização das lições, súmulas, esquemas, quadros sinopses, exercícios propostos de pesquisa ou o questionário habitual.

O prefácio, como sempre, tem um caráter explicativo da obra, como um preâmbulo que trata, basicamente, do objeto e da metodologia adotados, finalizando pelo agradecimento aos professores e reiterando seu pedido de colaborações críticas. Neste caso, a metodologia é explicada pelo padre ao mesmo tempo em que justifica sua

escolha para escrever a História. Segundo o autor, para dar uma feição mais peculiar às unidades, tendo em vista o foco didático com o qual se compromete, a narrativa nem sempre comporta a ordem cronológica, o que obriga ao aluno e, ao leitor de uma forma geral, a dar, por vezes, alguns saltos no tempo.

Do ponto de vista do conteúdo, como esta parece ser a primeira edição deste título e não foram localizadas outras subseqüentes, não é possível saber se as editoras exerceram o seu habitual papel de modificar o texto, embora no caso dos livros do padre essa prática tenha sido raramente utilizada, mantendo o texto, na maioria das vezes, fiel ao original do autor e enfatizando, com isso, a força e a influência da Igreja nas práticas culturais e econômicas da sociedade brasileira.

A História das práticas editoriais, aponta para uma produção cultural dos livros que adotou, desde sempre, como princípio, a prática de selecionar os títulos, os autores, o formato, e a devida adequação do conteúdo. O que fomentou, muitas vezes, uma relação entre autor e editor que nem sempre se constituiu de forma pacífica. Por outro lado, também não se pode dizer que essa relação esteve ancorada em brigas ou desacordos perpétuos. A negociação é a base da relação entre autor e editor. No caso do José Olympio, um dos editores da coleção de catecismos do padre Negromonte, a relação entre ambos se manteve sempre com um certo respeito recíproco pela autoridade constituída. Autoridade esta entendida por ambas as partes. Se, por um lado, Negromonte era um autor que tinha por trás de si o peso do reconhecimento da Igreja, o que garantia o favor da instituição ao editor e à certeza das vendas dos livros postos no mercado, por outro lado, José Olympio era o editor que mais atendia aos propósitos do padre, por ter um negócio reconhecido como pólo produtor e irradiador da cultura<sup>80</sup>. Ao lado da Companhia Editora Nacional, as coleções da José Olympio tornaram-se, de acordo com Paixão e Mira, um dos “empreendimentos editoriais mais notáveis da História do Livro no Brasil” (1996, p. 81).

---

<sup>80</sup> José Olympio foi um dos editores mais importantes do país a surgir na década de 30. Tinha um considerável apreço por novos escritores, razão de lhe ser atribuído o título de “descobridor de escritores”, sub-título da sua biografia escrita por Antônio Carlos Villaça (2001). Segundo Villaça, a relação de José Olympio com seus editados era consideravelmente amistosa, o que tornou a sua editora um ponto de encontro que reunia os mais importantes autores e intelectuais brasileiros, ficando conhecida por “A casa de José Olympio”, um verdadeiro centro de cultura. **Momentos do Livro no Brasil** (1996) aponta, ainda, para um José Olympio que ficou conhecido, dentre outras coisas, por lançar nomes quase desconhecidos do público, sendo 90% deles brasileiros, investir na arte gráfica, quando isso era novidade; ter inaugurado o método de crítica nas orelhas dos livros; ter modificado o formato habitual de 18 x 12 cm para 21,5 x 13,5 cm; ter, ainda, adotado o sistema domiciliar de vendas, o qual chegou a responder por 75% dos seus lucros e ter sido o primeiro editor a colocar ações na bolsa de valores.

O projeto de recristianização da nação em um momento que se estava perdendo espaço para a modernidade, encontrava absoluto sentido e expressão na presença do padre entre os autores da Casa José Olympio. Publicar entre os intelectuais mais importantes do país significa adotar a representação de uma Igreja que anda ao lado da modernidade sem perder de vista os valores e princípios que funcionam como seus eixos norteadores.

Aparentemente, essa foi a última obra a ser composta para a coleção didática de catecismo, voltada para o ensino secundário. Posteriormente, foram acrescentados os manuais da série **Meu Catecismo**, voltada para o primário e os manuais da série **Guia do Catequista**, uma espécie de manual do professor que acompanha os livros didáticos como orientação específica acerca do conjunto de conteúdos e da proposta contida nos livros, além de trazer sugestões de metodologia e avaliação.

Do ponto de vista da circulação, a coleção de catecismos Álvaro Negromonte utilizou todos os recursos de promoção para atingir o leitor. A promoção é uma das estratégias editoriais que rendem relativa eficácia, pela variedade dos métodos usados pelo editor para tornar uma obra conhecida. Dentre as estratégias mais recorrentes, há o investimento na capa e na sobrecapa, com recomendações e adjetivações à obra, além de todo o trabalho artístico; há os exemplares para a crítica; a oferta de exemplares com dedicatória; anúncios comerciais, visitas de representantes de vendas; espaço publicitário; publicidade por mala direta; rádio e TV; cartazes; exposições; prêmios; publicações em revistas; a presença do autor em lançamentos ou na entrega pessoal de um exemplar a alguma figura de projeção pública, promoção conjunta de livros; dentre outros. Negromonte não se absteve de usar tais estratégias, divulgou a coleção e a fez circular em todo o território nacional, marcando presença como monumento da memória coletiva de quem a conheceu.

Segundo Smith Jr.,

um editor de livros escolares de sucesso, além de ser um bom homem de negócios precisa também ser um educador, qualificado pela experiência e dedicação a um ensino melhor. [...] A fim de saber que mercado de livros didáticos precisa ser satisfeito, o editor obviamente precisa conhecer o sistema educacional do país. Não basta simplesmente ver o que está sendo feito no momento. É preciso também conhecer as tendências nas idéias, mudanças de currículo que estão sendo planejadas, novos métodos de ensino sendo considerados e, assim por diante (1990, p.151).



Pode-se dizer que Álvaro Negromonte, como autor e editor, não só tinha conhecimento das questões educacionais, como estava atento às mudanças do campo e perfeitamente inserido no debate educacional brasileiro. A proximidade da Igreja junto ao governo permitia a visibilidade necessária das tendências e mudanças no currículo e dos limites do seu campo de atuação. De acordo com Horta, “apesar de uma forte intervenção do Estado no aparelho escolar, sobretudo no período de 1935-1942, a não concretização das diferentes propostas oficiais, mostra que a escola no Brasil pôde conservar durante todo o período uma relativa autonomia” (HORTA, 1994, p. 294), o que favoreceu o projeto da Igreja de introduzir o ensino religioso nas escolas como disciplina facultativa.

Lançada no auge do Estado Novo, a proposta de introduzir o ensino religioso nas escolas corroborava com a proposta do Estado de utilizar a educação como instrumento de inculcação dos princípios do Estado Novo para as crianças e os jovens. O ensino religioso, ao mesmo tempo em que servia de “instrumento para a formação moral da juventude, tornava-se também um mecanismo de cooptação da Igreja Católica e uma arma poderosa na luta contra o liberalismo e o comunismo e no processo de inculcação dos valores que constituíam a base de justificação ideológica do pensamento político autoritário” (HORTA, 1994, p. 291).

O debate acerca da nova Pedagogia colocou a Igreja no bojo das efervescentes discussões que traçaram as diretrizes educacionais do país. A Igreja não só marcou sua presença no campo político, como também resistiu com firmeza no campo intelectual. A Escola Nova trouxe consigo um conjunto de dispositivos de difusão das suas propostas, que mudou o cenário da catequese através da mudança nos textos de catecismo.

- **Meu Catecismo**

Quadro 10: Características materiais do **Meu Catecismo** (1º Ano primário)

Título	Meu Catecismo
Formato	12,4 x 18,3 cm
Nº de páginas	95
Ilustrações	Capa e texto
Encadernação	Brochura em papel cartão verde e vermelho
Público alvo	1ª série do curso primário
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	20

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. Meu Catecismo (1º ano primário). 11ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960b.

- **Meu Catecismo**

Quadro 11: Características materiais do **Meu Catecismo** (2º Ano primário)

Título	Meu Catecismo
Formato	12,5 x 18,3 cm
Nº de páginas	80
Ilustrações	Capa e texto
Encadernação	Brochura em papel cartão verde e vermelho
Público alvo	2ª série do curso primário
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	10

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. *Meu Catecismo* (2º ano primário). 19ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961b.

- **Meu Catecismo**

Quadro 12: Características materiais do **Meu Catecismo** (3º Ano primário)

Título	Meu Catecismo
Formato	12,7 x 18,4 cm
Nº de páginas	143
Ilustrações	Capa e texto
Encadernação	Brochura em papel cartão bege e vermelho
Público alvo	3ª série do curso primário
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	25

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. *Meu Catecismo* (3º ano primário). 15ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

- **Meu Catecismo**

Quadro 13: Características materiais do **Meu Catecismo** (4º Ano primário)

Título	Meu Catecismo
Formato	12,3 x 18,4 cm
Nº de páginas	138
Ilustrações	Capa e texto
Encadernação	Brochura em papel cartão bege e vermelho
Público alvo	4ª série do curso primário
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	14

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. *Meu Catecismo* (4º ano primário). 17ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

A série **Meu Catecismo** foi publicada, inicialmente, em 1942, pela Editora Vozes. Ao falar, nesse mesmo ano, na **Revista Eclesiástica Brasileira** sobre a necessidade de um texto novo de catecismo, Negromonte já o preparava em quatro volumes, sob o estímulo de amigos como D. Hélder Câmara que não hesitava em referenciar suas obras como modelos de programas escolares a serem adotados<sup>81</sup>. Ainda que não tenha surgido como uma coleção, ou parte de uma, os livros voltados para o ensino primário foram compostos como uma série. Eles apresentam uniformidade no formato, no título, no método de exposição das lições e nos conteúdos, encadeados e aprofundados de forma seqüenciada.

Na perspectiva de poder estabelecer uma comparação entre o padrão da Vozes com o da José Olympio, outro manual fará parte, ainda, desta análise material: a primeira edição do **Meu Catecismo** (para o 2º ano) publicado pela Vozes, em 1942, localizada no arquivo da própria editora.

Quadro 14: Características materiais do **Meu Catecismo (2º Ano primário)** – editado pela Vozes.

Título	Meu Catecismo
Formato	15,4 x 22,5 cm
Nº de páginas	63
Ilustrações	Capa e texto
Encadernação	Brochura em papel várias cores
Público alvo	2ª série do curso primário
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	14

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. *Meu Catecismo (2º ano primário)*. Rio de Janeiro: Vozes: 1942a.

Publicada pelo padre Álvaro Negromonte, no calor das discussões sobre o movimento renovador do ensino de catecismo, essa série tem em vista responder a

<sup>81</sup>Dom Hélder, na mesma **Revista Eclesiástica Brasileira**, no artigo intitulado “Um mestre brasileiro da Pedagogia do Catecismo”, chama a atenção do corpo de agentes eclesiais para as realizações do padre Álvaro Negromonte: “sentindo, por experiência própria, a falta que fazem livros adaptados ao meio brasileiro, não se contentou em dizer como esses livros deveriam ser escritos. Deu-nos os livros de que precisávamos. Ofereceu-nos o mestre brasileiro um manual para o curso de admissão e uma coleção completa para o curso secundário. No momento, ele prepara uma coleção também, completa, para o curso primário” (CÂMARA, 1941, p.401).

necessidade de novos textos de catecismo, mais didáticos, mais interessantes, mais voltados para a Psicologia da criança, já postos pelo padre.

A série analisada consiste em um conjunto de livros didáticos que tinha como objetivo tentar colocar em prática o que vinha sendo discutido na teoria: uma mudança de método e de conteúdo. Em outras palavras, o **Meu Catecismo** pretendia ser mais didático, menos intelectualista, sem deixar escapar os conceitos mais importantes da doutrina e da fé. Diferentemente dos outros manuais, que foram analisados em suas publicações por diferentes editoras, os livros localizados para compor essa série foram todos publicados pela José Olympio, o que permite uma análise pautada em um padrão de edição, tendo ainda, um exemplar da Vozes para tecer algumas comparações.

Nesse sentido, o autor relaciona uma série de lições, seqüencialmente organizadas e distribuídas uma para cada aula da semana, para os alunos do curso primário. Do ponto de vista material, trata-se de brochuras com formato que variam em torno de 12,5 cm por 18,5 cm. O número de páginas também varia. As duas primeiras séries têm conteúdo mais sucinto, enquanto a terceira e a quarta série apresentam maiores desdobramentos das lições, o que resulta em um conseqüente aumento do número de páginas.

As capas do **Meu Catecismo**, publicados pela José Olympio, são todas ilustradas com figuras traçadas, mantendo uma cor de fundo padrão em diferentes edições. Em algumas edições, a cor de fundo sofre leve variação. O formato da capa permanece o mesmo: uma tarja vermelha no alto e no pé da página, com o nome do autor e o da editora respectivamente; a ilustração, ocupando quase toda a capa reservando um espaço para o título **Meu Catecismo**, abaixo da ilustração, e a série no alto à esquerda destacada dentro de um círculo vermelho. A posição institucional, que é a marca das editoras, sobretudo da José Olympio, não aparece nas capas dessa série.

As contracapas dos manuais dessa série, em sua maioria, fazem propaganda dos livros da coleção, com exceção ao volume três, que traz essa referência nas orelhas e, na contracapa, faz uma propaganda do **Dicionário da Língua Portuguesa** de Laudelino Freire. A partir de 1961, as referências à coleção contam com quatorze volumes. As lombadas diferem do padrão geral da José Olympio, em relação aos livros do ensino ginasial e aos **Guias do Catequista**, mas mantêm um padrão interno na série **Meu Catecismo**.



Figura 18: Capa **Meu Catecismo** (1º ano primário). Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo** (1º ano primário). 11ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960b. Acervo pessoal da pesquisadora.



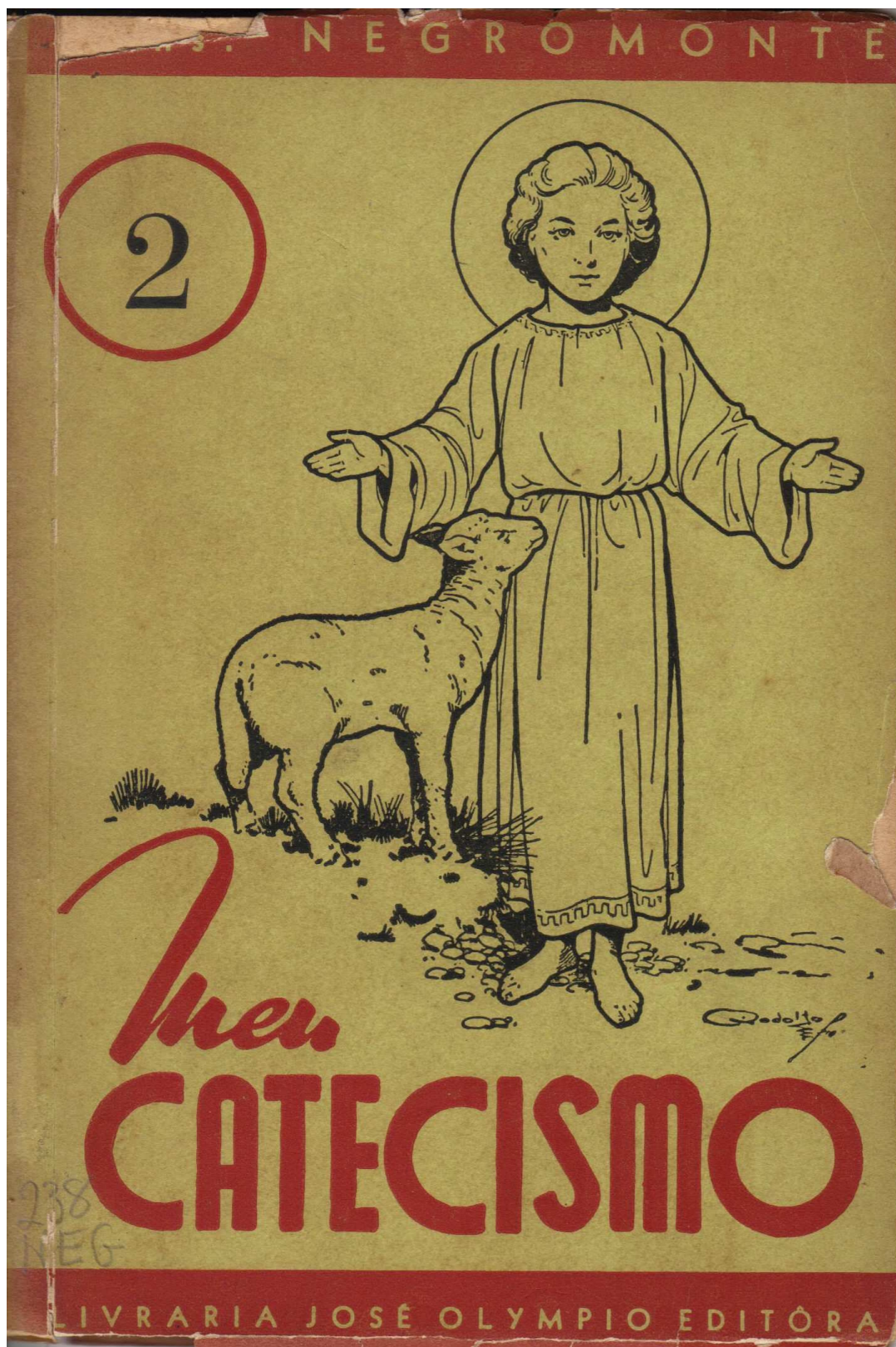


Figura 19: Capa **Meu Catecismo** (2º ano primário). Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo** (2º ano primário). 19ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961b. Acervo pessoal da pesquisadora.





Figura 20: Capa **Meu Catecismo** (3º ano primário). Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo** (3º ano primário). 15ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. Acervo pessoal da pesquisadora.





Figura 21: Capa **Meu Catecismo** (4º ano primário). Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo** (4º ano primário). 17ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. Acervo pessoal da pesquisadora.





Figura 22: Lombada **Meu Catecismo** (3º ano primário). Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo** (3º ano primário). Rio de Janeiro: Edições Rumo, 1957. Acervo pessoal da pesquisadora.

Por serem edições diferentes publicadas pela mesma editora, em sua maioria, pode-se perceber como os próprios padrões de uma casa editorial mudam com o tempo. Somente os volumes um e três trazem a “Nota da Editora” antes da “Nota aos Professores” que, ao contrário, aparece em todos os volumes. A orelha só aparece no volume três e trata da própria coleção fazendo menção aos onze títulos (a série **Guia do Catequista** ainda não havia sido publicada).

A folha de rosto não reforça a hipótese da importância ao *status* do autor, uma vez que novamente a posição institucional não aparece. A disposição das informações não apresenta uma estrutura parecida com a capa, seguindo a habitual seqüência burocrática: em cima, o nome da coleção, em caixa alta e sublinhada, com a indicação do volume; abaixo o título do livro, destacado em letras garrafais; a indicação da série; uma estrela vazada; a autoria das ilustrações; outra estrela vazada abaixo; a edição e, no pé da página, o nome da editora, o lugar em que se situa e o ano.

A estrutura do livro dispõe da seguinte formatação: a ante-página, com o título da obra; no verso desta, a relação dos livros da coleção e outras obras do autor com o nome da editora no final; a folha de rosto; os direitos autorais no verso da folha de rosto; o índice geral; a carta do Papa; a nota da editora (nos volumes um e três); a nota “Aos professores”; uma outra ante-página, com o título da obra e a série mais uma vez; uma carta do padre às crianças falando do livro em questão (nos volumes dois e três)<sup>82</sup>; o texto; a tipografia na última página. Não há bibliografia. Mas, algumas indicações de textos bíblicos e missal aparecem como recurso para consulta do aluno sobre determinado assunto.

Todas as lições possuem ilustrações. No volume para o primeiro ano, as ilustrações ocupam uma página inteira e precedem as lições. No segundo e terceiro, as ilustrações ocupam quase toda a página, salvo alguns casos em que aparecem em tamanho menor no meio das lições. No quarto volume as ilustrações estão em quadros pequenos, no interior das lições, com legendas ao lado. Em alguns casos, a legenda aparece para o aluno completar corroborando, com o ensinamento da lição. Todas as ilustrações são vazadas, permitindo que o aluno possa interagir com ela, colorindo-a ao seu gosto. Essa possibilidade que o livro apresenta torna não só o conteúdo mais didático, por aproximá-lo do aluno como, do ponto de vista da funcionalidade comercial, incide diretamente na

---

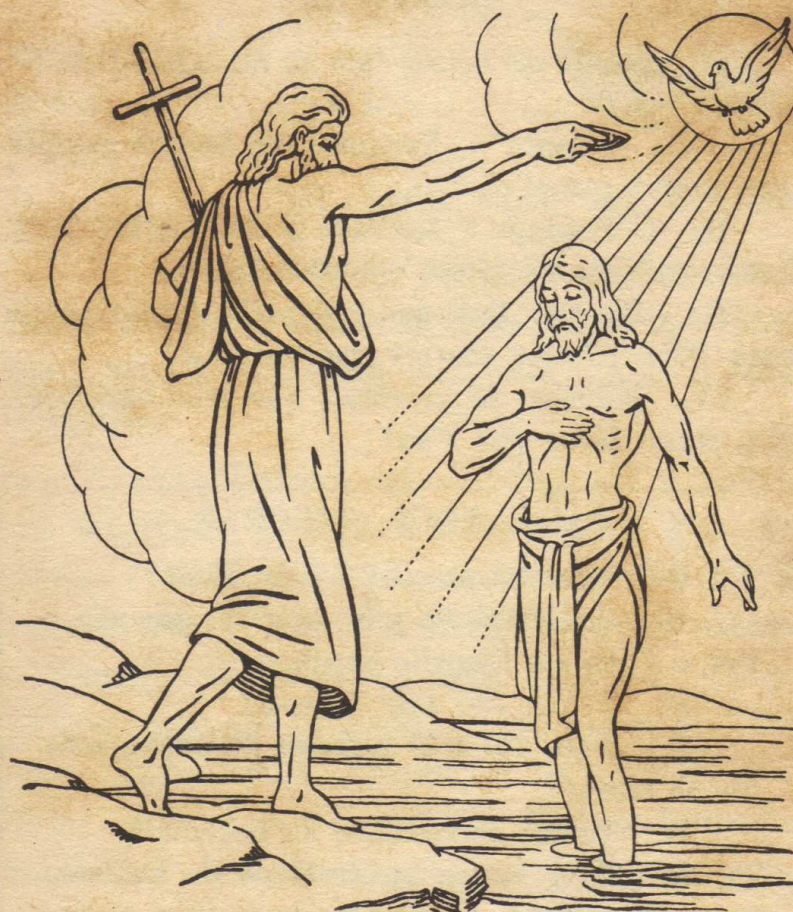
<sup>82</sup> Essa carta confere uma singularidade ao livro e estabelece uma relação pessoal entre o objeto impresso e o leitor. Por ser endereçada a cada público específico, o fato de alguns dos manuais analisados não a conterem revela que as reimpressões não são uniformes, mesmo se tratando de uma coleção publicada pela mesma casa editorial. Conferir modelos dessas cartas nos anexos 14 e 15.

circulação do objeto em dois aspectos: ao tornar o livro um espaço interativo, desmistificando o velho caráter sagrado que se configurou em torno de sua representação, ele se torna um objeto de desejo pessoal, cada um quer ter o seu próprio livro de catecismo; o outro aspecto diz respeito ao preço, uma vez que as impressões que usam somente preto têm um custo mais baixo. Este último benefício é salutar observar, uma vez que, por outro lado, autor e editor fazem uma opção de inserir ilustrações ao longo do texto. De acordo com Smith Jr. Dessa forma, as figuras vazadas poderiam não ser apenas uma estratégia didática, mas, sobretudo, uma possibilidade de compensação comercial.



Figura 23: Modelo de ilustração utilizado nos manuais para o primeiro ano - Lição “Menino Jesus”. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo** (1º ano primário). 11ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960b. Acervo pessoal da pesquisadora.





#### QUESTIONARIO

1. Que fazia Jesus em Nazaré?
2. Quem batizou a Jesus?
3. Que aconteceu no Batismo de Jesus?
4. Que aconteceu em nosso batismo?
5. Que lhe acontece, se você cair em pecado mortal?
6. E se você não fizer pecado mortal, como fica?

29

Figura 24: Modelo de ilustração utilizado nos manuais para o segundo e terceiro ano – Lição “O Batismo”. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo** (2º ano primário). 19ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961b. Acervo pessoal da pesquisadora.



## EXERCÍCIOS

I. Cite 2 modos de usar bem do dinheiro:

1. ....
2. ....



O mal de Zaqueu  
não era ser rico;  
era .....

II. Nas orações litúrgicas pedimos, muitas vezes, para não perdermos os bens eternos por causa das coisas deste mundo. Veja a oração do 3.º Domingo de Pentecostes e escreva aqui o que ela diz a êste respeito: .....

III. Paulo gosta de dar esmolas aos pobres; Regina, à Obra das Vocações Sacerdotais; Camilo, às Missões.

Qual é a sua preferência?

Por quê? .....

Figura 25: Modelo de ilustração utilizado nos manuais para o quarto e quinto ano – Lição “Os Bens Alheios”. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo** (4º ano primário). 17ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. Acervo pessoal da pesquisadora.

O tipo de escrita é outra variante que se mostra acentuada nessa série de catecismos. A análise de uma série abre possibilidades de se perceber, com mais clareza, as diferentes estratégias utilizadas pelo autor para conquistar o seu público leitor. No volume para o primeiro ano, por exemplo, as letras são grandes, os textos curtos, sem ocupar a página inteira, de forma a não causar excesso de informação, nem poluição visual, tendo em vista que o aluno está sendo conquistado pela disciplina, mas também pelo objeto, pelo instrumento que a auxilia, o qual deve ser o mais atraente possível. Já no volume dois, o tamanho da fonte é um pouco menor e as lições passam a ocupar a página inteira. Os volumes três e quatro contam com uma escrita mais condensada, fonte menor e, conseqüentemente, mais informação. Essas marcas possibilitam afirmar que a medida do conteúdo aumenta de forma progressiva em relação à série e a idade do aluno. Embora haja praticamente um consenso, entre autores, de que as letras com cerifas são melhores por serem menos cansativas, tal assertiva não deve ser considerada como um cânone. De 1ª à 4ª série, em geral, as cerifas atrapalham, uma vez que os alunos ainda estão em processo de letramento. Em geral, para essa faixa, as letras têm que ser maiores e limpas. Segundo Araújo “as crianças, por exemplo, preferem caracteres grandes e espessos enquanto o leitor comum ou ‘leitor-padrão’ aceita de bom grado um romano com cerifa” (1986, p. 350).

Tendo os catecismos funcionado, muitas vezes, como manuais de primeiras letras, servindo para a alfabetização da criança, ao mesmo tempo, que ensinava as regras de fé, o tipo de letra se justifica, também, por essa funcionalidade do manual. No entanto, os manuais da coleção são escritos em letras com cerifas, por todas as editoras, variando apenas em seu tamanho e espaçamento entre linhas.

Em que pese a legibilidade, é preciso destacar que, nesse aspecto, o catecismo publicado pela Vozes adotava um aspecto material mais interessante, apesar da folha de rosto não trazer a indicação da série e o manual não conter a nota “Aos Professores”, além dos outros dispositivos materiais que, conforme já foi dito, não faziam parte do padrão adotado pela Editora Vozes. O formato maior, segundo Araújo (1986), era o mais indicado para os livros didáticos, ficando muito próximo dos livros infantis, que mediam em torno de 19 cm x 27 cm. Além disso, um formato maior permite fonte e espaço entre palavras e linhas também maiores, aumentando as possibilidades de disposição do texto em relação às figuras e aos espaços em branco, o que torna o texto mais atraente e apropriado para um aluno da segunda série (conforme a indicação do manual tomado por base). Além disso, a capa ilustrada com cores vivas chama mais a atenção do aluno. Por outro lado, as ilustrações internas não

são tão claras como poderiam ser, uma vez que o formato do livro é maior. Os tamanhos reduzidos e sua disposição em quadros, tornam a resolução, algumas vezes, confusa<sup>83</sup>.

---

<sup>83</sup> A título de comparação, conferir no anexo XVI a mesma lição, no formato publicado pela José Olympio





Figura 26: Capa do Meu Catecismo (para o 2º ano primário). Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo** (para o 2º ano primário). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1942b. Acervo: Arquivo da Editora Vozes.



## Ser bom com os outros

Quando Jesús queria ensinar uma coisa, primeiro contava uma história. Uma vez, Ele contou esta história:

Um homem estava viajando sozinho. Os ladrões o pegaram, roubaram o que ele tinha e bateram tanto nele que ele ficou feito morto. Passaram várias pessoas, viram o homem caído ali, e nem ligaram. Mas passou um desconhecido, teve pena do ferido, tratou dele, montou-o no cavalo e levou para o hotel. Falou com o dono do hotel que desse tudo o que o doente precisasse. Ele ia continuar a viagem, mas na volta pagava tudo.

Com esta história Jesús ensina que devemos fazer o bem a todos, mesmo aos inimigos. Quem não fizer assim não é bom cristão.

---

### *Decore:*

Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.



## Ser bom com os outros



*Risque a resposta certa:*

Quem socorreu o ferido foi um:

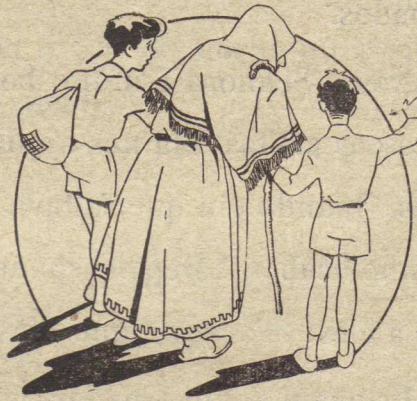
parente — desconhecido — amigo — estrangeiro — inimigo.  
Com isto Jesús nos ensina que .....

.....  
.....

Invente uma história com esta gravura:...

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

Marque com um B (bom) ou com um M (mau) o procedimento dessas crianças:



- ..... José bateu no colega que o xingou.
- ..... Paulo perdoou o menino que lhe bateu.
- ..... Vera só dá esmola aos pobres conhecidos.
- ..... Regina persegue as colegas que não gostam dela.
- ..... Mário deu sua merenda a um pobre.

---

Faça sempre o bem sem olhar a quem.

Figura 27: Lição “Ser bom com os outros” do Meu Catecismo para o 2º ano primário. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo** (para o 2º ano primário). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1942b. Acervo: Arquivo da Editora Vozes.

O tipo de papel da Vozes demonstra maior durabilidade. Sendo a publicação mais antiga, as folhas do **Meu Catecismo**, publicado pela Vozes, ainda são maleáveis e lisas, enquanto as folhas da José Olympio, salvo o exemplar do terceiro ano, são ásperas e quebradiças. O volume do terceiro ano e o volume do quarto ano, publicados pela Rumo, apresentam folhas lisas, apesar do desgaste do tempo, mas não tão flexíveis quanto o exemplar da Vozes.

De uma forma geral, o “texto novo de catecismo” presente nas alocações do padre Negromonte, deveria ser tão atrativo quanto os das outras disciplinas escolares, acompanhando as inovações que a Psicologia da criança sugeria, para maior eficácia do processo ensino-aprendizagem. Segundo Negromonte, “para sermos entendidos das crianças falemos sua língua, reduzamo-nos ao seu vocabulário, embora com a louvável preocupação de aumentá-lo e enriquecê-lo [...]. A mudança de linguagem de um texto novo de catecismo é indubitavelmente preocupação de primeira linha” (1942a, p. 75). O senso de medida, pouco comum na maioria dos catecismos, revela-se uma das preocupações do padre, que procura, através das lições do **Meu Catecismo**, oferecer apenas o que o aluno pode comportar, em lições que vão aumentando as dosagens e se desdobrando de acordo com a série. Essa possibilidade de um programa de catecismo seriado se apresenta como uma das principais vantagens do catecismo escolar.

- **Série Guia do Catequista**

Quadro 15: Características materiais do primeiro volume do **Guia do Catequista**

Título	Guia do Catequista (para o Meu Catecismo 1º ano – 2º ano)
Formato	12,5 x 18,0 cm
Nº de páginas	195
Ilustrações	Sem ilustrações
Encadernação	Brochura em papel cartão azul e vermelho
Público alvo	Curso Elementar (professores)
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	15 (na primeira parte) e 12 (na segunda parte)

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Guia do Catequista** (para o Meu Catecismo 1º ano – 2º ano). Rio de Janeiro: José Olympio, 1961c.

Quadro 16: Características materiais do segundo volume do **Guia do Catequista**

Título	Guia do Catequista (para o Meu Catecismo 3º ano)
Formato	12,5 x 18,0 cm
Nº de páginas	172
Ilustrações	Sem ilustrações
Encadernação	Brochura em papel cartão ocre e amarelo
Público alvo	Curso Elementar (professores)
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	24

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Guia do Catequista** (para o Meu Catecismo 3º ano). Rio de Janeiro: José Olympio, 1961d.

Quadro 17: Características materiais do terceiro volume do **Guia do Catequista**

Título	Guia do Catequista (para o Meu Catecismo 1º ano – 2º ano)
Formato	12,5 x 18,0 cm
Nº de páginas	226
Ilustrações	Sem ilustrações
Encadernação	Brochura em papel cartão verde e vermelho
Público alvo	Curso Elementar (professores)
Nº de páginas destinadas aos elementos pré-textuais	26

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Guia do Catequista** (para o Meu Catecismo 4º ano). 2ª edição. Rio de Janeiro: Edições RUMO, 1962.

Os três volumes intitulados **Guias do Catequista** foram os últimos livros escritos para compor a coleção. A composição de um material dessa natureza chama a atenção pela idéia, sempre defendida pelo padre, em relação ao tripé que sustenta a formação da catequista, associando-o ao êxito da sua prática pedagógica. Para ele, o que integra uma catequista perfeita é a sua “formação intelectual, a formação pedagógica e a formação espiritual” (NEGROMONTE, 1938b, p.9). Ao escrever a **Pedagogia do Catecismo**, o padre deixa claro a necessidade que as catequistas têm de se preparar, usando, para isso, o estudo e os mais variados recursos para aprimorar a sua prática pedagógica. A idéia de fórmula pronta, ou um receituário, não agradava ao padre, que já havia tecido críticas a solicitações nesse sentido, a um grupo de catequistas. O prefácio que escreveu para o **Plano de Lições de Catecismo**, em sua terceira edição, em 1956, exemplifica com clareza o seu pensamento a respeito desse tipo de projeto.

Defendendo mais uma vez a necessidade de articulação das funções da professora com a catequista, para solucionar o problema do catecismo, Negromonte afirma:

A solução do problema está em a professora católica cumprir integralmente o seu dever, e ser também, catequista. Ser professora católica, em vez de ser professora e católica separadamente. Eis a única maneira de tranquilizar uma consciência esclarecida. Quando falamos disso às nossas professoras, elas arguem, excusa, que não conhecem a doutrina porque não lhes ensinaram e, podíamos acrescentar, elas não estudam. Isto é o que deveriam fazer, estudar. Mas os homens são e como são e não como queremos que fossem. Temos de tomar o problema como está. As professoras reclamam aulas feitas, prontas para dar, com o mínimo de esforços para si. Em vez de lastimarmos (porque é digno de lástima...), não é melhor remediar, esperando que as novas gerações já possam receber alguma coisa e dar um pouco mais? Pois este é o pensamento desse livro. Há muitas professoras que só dão Catecismo na classe, se encontrarem a aula feita. Para estas, o presente volume será tudo! Há outras que se valerão dele como um auxiliar, um guia talvez, e ele lhes será útil. A todas a sua leitura há de servir... (NEGROMONTE, 1956)

Apesar de toda a crítica, Negromonte acabou publicando seu **Guia do Catequista** em três volumes. A escolha do título reflete o uso que ele pensava para os manuais, conforme assinalou no prefácio citado anteriormente, uma espécie de roteiro, um instrumento de trabalho.

O primeiro **Guia** foi dividido para o trabalho com o primeiro e o segundo ano primário e traz, na sua segunda parte, uma justificativa da sua iniciativa. Segundo ele,

resisti muito à publicação de um “Livro do Mestre” para o MEU CATECISMO, porque penso que nada substitui o mestre bem preparado, e desejo acima de tudo catequistas bem formados doutrinária, pedagógica e espiritualmente. Terminei vencido pelas insistências, principalmente dos párocos e bispos que precisam de um instrumento imediato para facilitar e melhorar a catequese, sem descuidar embora a preparação dos catequistas, obra de mais fôlego e tempo (NEGROMONTE, 1961c, p.7).

Dessa forma, foram publicados os três **Guia do Catequista** (para o Meu Catecismo). O primeiro volume, destinado ao primeiro e segundo ano; o segundo, destinado ao terceiro ano e o terceiro volume foi destinado ao quarto ano. Não há um **Guia** para o 5º ano. As primeiras edições foram publicadas em 1961, pela José Olympio e a segunda edição, em 1962, pela Edições Rumo. Do ponto de vista material, não há mudanças em tais dispositivos em relação aos outros volumes da coleção. Mais

uma vez, os critérios de edição da José Olympio foram mantidos pela Rumo. A ausência de variações no formato adotado para os três volumes, os títulos, a uniformidade na exposição dos conteúdos e a forma seriada em que foram compostos levaram-me a optar por analisar esses três livros como também como uma série, conforme a metodologia adotada para os livros **Meu Catecismo**.

No entanto, essa série não conta com a uniformidade do **Meu Catecismo** por não ter utilizado em sua análise edições publicados pela mesma casa editorial. O primeiro e o terceiro volumes foram publicados pela Editora José Olympio e o segundo publicado pela Rumo. Todavia, a diversidade das editoras não prejudica a análise uma vez que, de acordo com a Sr<sup>a</sup> Neide Negromonte (2007), viúva do sobrinho e sócio do padre, na Rumo, e ex-funcionária da editora, e com as comparações que foram possíveis fazer até agora, o padrão da José Olympio, tanto do ponto de vista material quanto do conteúdo, foi mantido em todas as publicações da Rumo.

Os livros são brochuras com formato de 12,5 cm de largura por 18,0 cm de altura. O primeiro volume, com cento e noventa e cinco páginas. O segundo, com cento e setenta e duas. E, o terceiro, com duzentos e vinte e seis páginas. As capas apresentam cobertura de cor viva, em papel cartão em duas cores e, no canto esquerdo, uma cruz, no sentido da altura do livro. As cores variam de acordo com o volume. No primeiro, a composição é de azul/vermelho; no segundo, ocre/amarelo e, no terceiro, verde/amarelo. Apresenta, ainda, as informações na seguinte seqüência: do lado direito, o nome do autor em preto e em caixa alta, com o título abreviado; abaixo, o cargo institucional em fonte menor; o título em caixa alta e negrito, seguido da série para a qual se destina, entre parênteses; e, no pé da página, o nome da editora também em caixa alta.

A contracapa foi utilizada, nestes volumes, como espaço de divulgação da coleção. Nenhum dos três volumes possui orelhas. O nome da editora aparece como padrão na capa, na contracapa, nas lombadas, na folha de rosto, no verso desta e na última folha depois do texto. As lombadas trazem informações precisas acerca do autor, da obra, do público alvo e da editora seguindo o mesmo padrão dos outros livros do curso ginásial, o que torna sua identificação com a coleção mais fácil<sup>84</sup>.

---

<sup>84</sup> As lombadas dos outros manuais utilizados, nesta pesquisa, encontram-se muito danificadas, dificultando, assim, a sua reprodução. É possível, entretanto, verificar os mesmos padrões editoriais nas lombadas da José Olympio e da Rumo e as variações nas publicações da Vozes e da Agir, que privilegiam o título da obra em letras garrafais, ocupando quase toda a lombada, que reforça a hipótese levantada de que, para a Editora Vozes, os obras falavam por si.



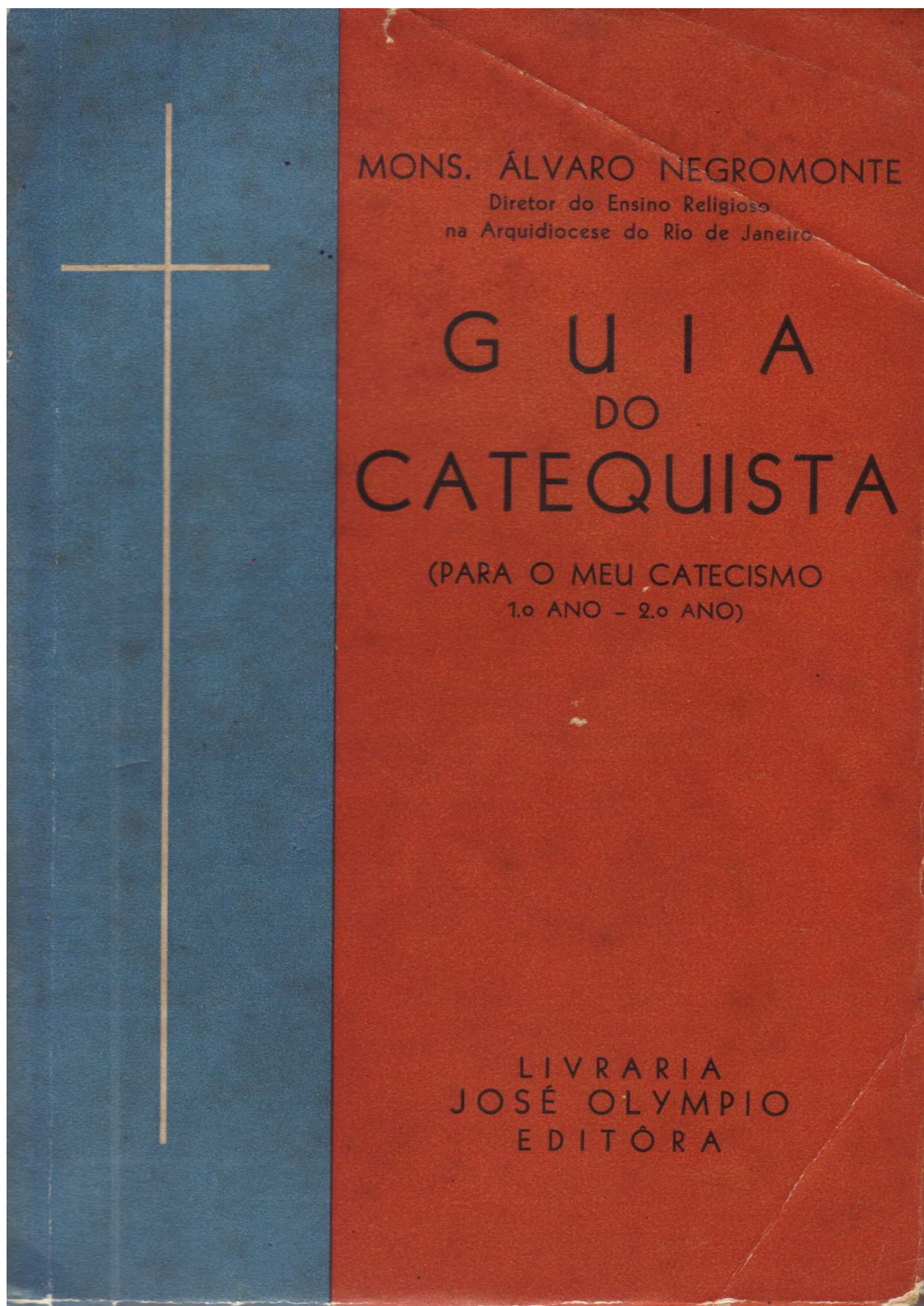


Figura 28: Capa do manual **Guia do Catequista** (volume 1). Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Guia do Catequista** (para o Meu Catecismo 1º ano e 2º ano). Rio de Janeiro: José Olympio, 1961c. Acervo pessoal da pesquisadora.



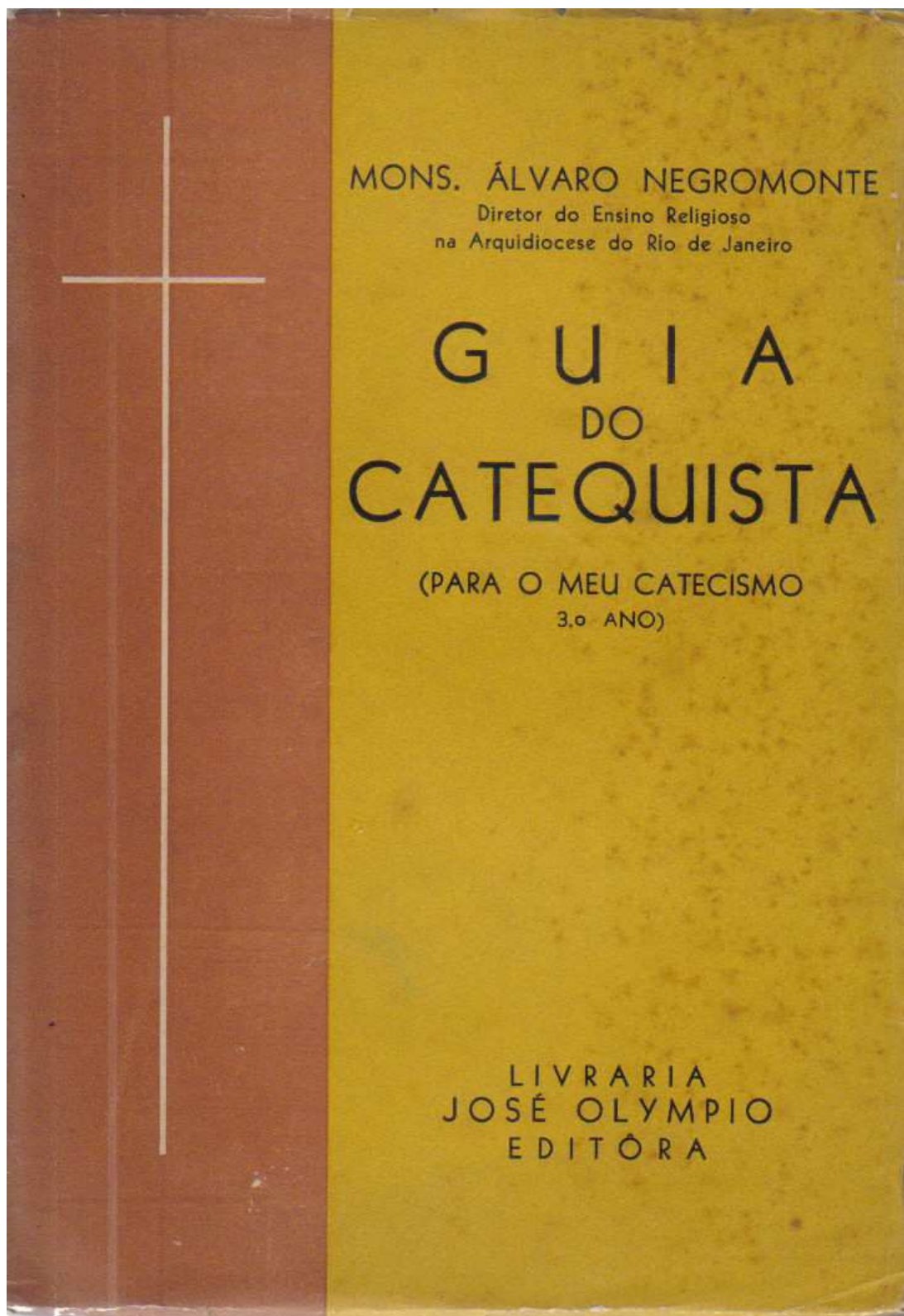


Figura 29: Capa do manual **Guia do Catequista** (volume 2). Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Guia do Catequista** (para o Meu Catecismo 3º ano). Rio de Janeiro: José Olympio, 1961d. Acervo pessoal da pesquisadora.

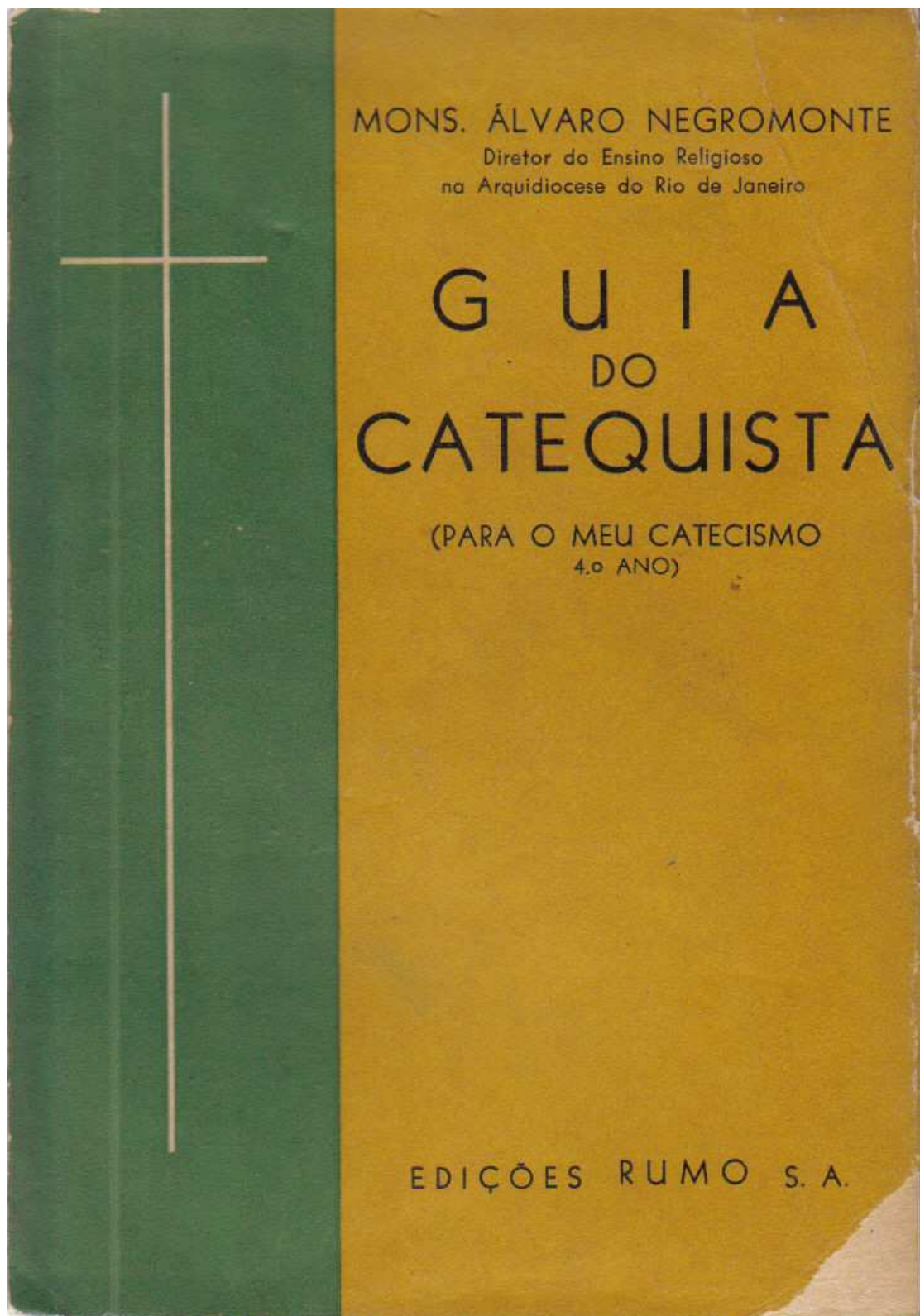


Figura 30: Capa do manual **Guia do Catequista** (volume 3). Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Guia do Catequista** (para o Meu Catecismo 4º ano). 2ª edição. Rio de Janeiro: Edições Rumo, 1962. Acervo pessoal da pesquisadora.

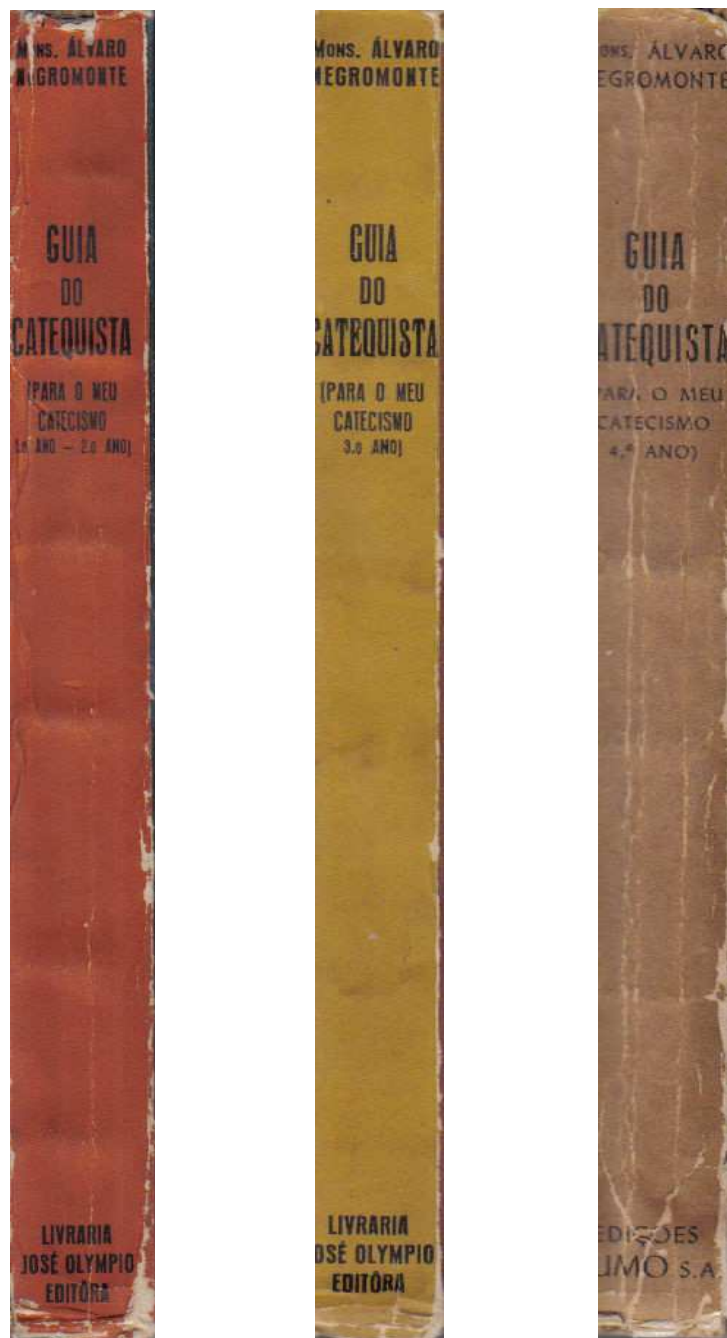


Figura 31: Lombadas dos três volumes do **Guia do Catequista**. Fontes: NEGROMONTE, Álvaro. **Guia do Catequista** (para o Meu Catecismo 1º e 2º ano). Rio de Janeiro: José Olympio, 1961c ; NEGROMONTE, Álvaro. **Guia do Catequista** (para o Meu Catecismo 3º ano). Rio de Janeiro: José Olympio, 1961d; NEGROMONTE, Álvaro. **Guia do Catequista** (para o Meu Catecismo 4º ano). Rio de Janeiro: Edições Rumo, 1962. Acervo pessoal da pesquisadora.

Em relação à organização interna, os volumes em questão mantêm a mesma estrutura dos outros livros dessas editoras, com a seguinte formatação: ante-página, com o título da obra; uma página com uma lista de todos os livros da coleção (incluindo, aqui, a série **Guia do Catequista**) e mais algumas obras do autor; a folha de rosto, que apresenta uma estrutura bastante similar à capa: no topo, “Coleção Mons. Negromonte” em caixa alta, o cargo institucional, abaixo o título do livro destacado com o subtítulo e o ano para o qual se destina: a ilustração de uma pequena estrela vazada. No caso da segunda edição, esta vem abaixo da estrela e, ao final da página, a editora, a cidade e o ano de publicação; depois da folha de rosto, *o imprimatur*, no verso da mesma; o índice geral, uma carta de recomendação do Papa; uma página com o título da obra novamente (este é um diferencial).

A partir desse ponto, há algumas variações entre os volumes: o primeiro volume é dividido para o primeiro ano e para o segundo ano, já aparecendo essa divisão no índice. Além disso, a primeira parte do volume um, destinada ao primeiro ano, segue a seqüência citada e apresenta uma nota intitulada “Observações importantes”<sup>85</sup>, uma espécie de “apresentação” da obra. A “Nota aos professores” não aparece em nenhum **Guia** com esse título, tendo a “Introdução”, com a explicação do método, exercido esse papel. A seqüência segue com as lições preliminares; o texto; uma ante-página, com o título da obra marcando a divisão do trabalho para o segundo ano, com *imprimatur* no verso; a introdução; o texto, a referência tipográfica e a contracapa. Curiosamente, a introdução do livro, com a justificativa da composição e a explicação do método adotado, só aparece nessa segunda parte<sup>86</sup>. Estratégia pouco compreensível, uma vez que diz respeito à explicação teórica do que o autor propõe na prática. A bibliografia aparece ao longo das lições e é composta, basicamente, de textos bíblicos, livros litúrgicos, como Missal, as Liturgias dos Sacramentos e os próprios livros do padre; estes, indicados aos professores como obras de referência para melhor compreensão da doutrina. O segundo e o terceiro volumes, depois da página com o título da obra, que aparece depois da carta, seguem com a Introdução; uma lição preliminar; o texto; a referência tipográfica e a contracapa.

---

<sup>85</sup> Essa nota pode ser conferida no anexo XVII.

<sup>86</sup> Um aprofundamento sobre o método do padre será feito na análise de conteúdo dos **Guias** no capítulo 2.

As lições preliminares, da primeira parte do volume um, desdobram-se em oito e são discriminadas no índice. Essas lições não constam no livro do aluno, o **Meu Catecismo** do 1º ano. Elas têm a função de iniciar a criança no espírito religioso, preparando-a para assimilar melhor o que lhe for ensinado. O autor ainda recomenda que essas lições sejam dadas antes de entregar o livro ao aluno, por considerar tal procedimento mais vantajoso. As lições são as seguintes: “Primeira aula”; “Deus”; “Sinal da Cruz”; “Deus é nosso Pai”; “Falar com Deus”; “Jesus”; “Nossa Senhora”; “Uma visita à Igreja”. Na segunda parte, não há lições preliminares. No segundo volume há apenas uma “Lição Preliminar”, espécie de “Primeira Aula”, em que deixa claro que a finalidade é despertar o interesse das crianças pelas aulas de religião, fazendo uma revisão das práticas da vida cristã e instigando o ânimo para o estudo das coisas de Deus. No terceiro volume não há lição preliminar.

Mais uma vez, nessa série, o movimento do padre chama a atenção pela sua capacidade de sistematização seqüenciada. No entanto, duas opções se destacam: a primeira é a ausência da “Lição preliminar”, no terceiro volume, que pode ser explicada por ser publicação da Rumo e não da José Olympio. Nesse caso, o formato mantido pela Rumo também teria suas particularidades. Além disso, os livros **Meu Catecismo**, para o segundo, terceiro e quarto ano, começam as aulas pela lição intitulada “Orações”, que não aparece em nenhum dos **Guias**. Tendo em vista que o esquecimento não era uma das características do autor, e que o fato de ter que compor esse tipo de trabalho, para facilitar a aprendizagem de um grupo de professoras que ele já tinha criticado anteriormente pela falta de estudo e esforço, foi uma pressão do campo, é possível inferir que o padre não apresentava boa disposição para ensinar obviedades, apesar da forma esmiuçada como desdobra metodologicamente cada lição e o cuidado com lições preliminares no início de cada série. No entanto, é possível que o padre considerasse “Orações” uma lição dispensável de ser ensinada para qualquer professora que se intitulasse católica, já que essa lição contém um conjunto de orações que todo católico deveria saber como o “Pelo Sinal”, “Pai-Nosso”, “Ave-Maria”, “Credo”, “Glória ao Pai”, “Ato de contrição”, “Ao anjo da Guarda”, “Oração da manhã” e “Oração da noite”. Esse tipo de posicionamento revela que as pressões do campo, que fazem com que os homens oras avancem, oras recuem, e, algumas vezes se rendam em suas posições, delineiam os limites da singularidade do indivíduo em nome do grupo social, ao mesmo tempo que o leva a elaborar um conjunto de estratégias para manter sua identidade nesse grupo.



De uma forma geral, a organização dos índices dessa série segue o padrão da coleção. Eles se relacionam diretamente com as lições do **Meu Catecismo**. No interior da obra, todas as lições são divididas em tópicos<sup>87</sup>.

A confecção desse tipo de material, um manual do professor, traz ainda alguns questionamentos sobre a sua forma de circulação. Em alguns casos, o manual do professor era presenteado aos professores que adotassem os livros como textos da classe. Nesse caso, segundo Smith Jr (1990, p.154), “o custo da promoção do manual seria coberto pela renda das vendas do livro didático. Logo, o custo do manual precisa ser mantido no mínimo para evitar aumentar o preço da venda do livro didático”. Muitas vezes chega-se ao consenso de que a atratividade física da impressão não é tão importante para os professores como para os leitores infantis, o que significa que a reprodução do manual poderia ser feita da forma mais barata possível. Todavia, esta não foi a estratégia adotada para a série **Guia do Catequista**, que manteve o mesmo padrão de toda a coleção, salvo as ilustrações, que também não aparecem no manual **História da Igreja**. Além disso, na listagem de referências dos livros do Monsenhor, feita pela José Olympio e pela Rumo, essa série aparece lado a lado junto aos outros livros da coleção, sendo contados como um dos volumes desta e não como suplemento de algumas obras.

Os volumes da série **Guia do Catequista** são o aparato material busca colocar na prática, de forma sistemática, a proposta teórico-metodológica que defende na **Pedagogia do Catecismo**. Para Negromonte, a educação católica é a mais completa por ser integral e se propor a formar o corpo, a mente e o espírito. Nessa concepção, os professores católicos teriam a obrigação de proporcionar a educação secular e espiritual para os seus alunos. Essa junção das esferas terrena e divina, não encontraria nenhum impedimento se os professores tivessem uma vida cristã permeada pelos estudos bíblicos e doutrinários. A queixa, por parte dos professores em relação ao desconhecimento da doutrina, aponta para o estado de superficialidade cristã que o catolicismo estava vivendo, já apontada por D. Leme na sua Carta Pastoral de 1916:

Que maioria católica é essa, tão insensível quando leis, governos, literatura, escolas, imprensa, indústria, comércio e todas as demais funções da vida nacional se revelam contrárias ou alheias aos princípios e práticas do catolicismo? É evidente, pois, que, apesar de sermos a maioria absoluta do Brasil, como nação não temos e não

---

<sup>87</sup> Conferir análise de conteúdo no capítulo 2.

vivemos vida católica. Quer dizer: somos uma maioria que não cumpre os seus deveres sociais (D. LEME, 1916, p. 6).

Apesar da renovação catequética já apresentar resultados positivos, conforme afirma Negromonte na terceira edição da **Pedagogia do Catecismo**, em relação ao progresso do catecismo no país, este ainda se configurava como um problema a ser resolvido. De acordo com o autor, a boa vontade das catequistas era a base de sustentação do catecismo paroquial, que nem sempre possuíam requisitos para um Catecismo eficiente. Isso justifica sua preocupação em fornecer subsídios teórico-metodológico que auxiliem o processo de formação das catequistas.

A série **Guia do Catequista** compõe os últimos livros da coleção, produzidos por Negromonte, e têm em vista suprir essa lacuna, fornecendo o cimento necessário para dar continuidade à sua obra. A composição e publicação dessa série retratam, ainda, as exigências do professorado católico, que vinha sendo chamado ao exercício do catecismo em suas salas de aula sem se sentir preparado, e a resposta do padre frente a uma necessidade real de instrução religiosa pautada nos princípios da Pedagogia católica aos próprios catequistas. Este movimento revela como as pressões do campo incidem diretamente nas ações dos indivíduos, mesmo aqueles que são portadores de relativa autonomia, como é o caso dos agentes eclesiásticos.

A inteligibilidade de uma obra deve levar em consideração seu público alvo. No caso de livros didáticos, pode-se dizer, de antemão, que se tem, ao mesmo tempo, dois usuários constantes: o aluno e o professor. Segundo Munakata “o que faz essa dupla de leitores peculiar no livro didático é que ela é, digamos, estrutural: se um aparecer sem o outro pode-se até mesmo dizer que o livro didático deixa de sê-lo” (1999, p. 579). Considerando o processo de desenvolvimento em que ambos se encontram, na sua prática de leitura, e o personagem principal do processo de ensino-aprendizagem, a estrutura do livro, desde a sua composição gráfica, o conteúdo do texto e a forma como se dirige ao leitor, deve ter constantemente, em vista, a eficácia desse processo que se traduz no êxito dos objetivos alcançados pelo autor.

O estudo da materialidade de uma coleção pressupõe a observação das recorrências dos processos de edição visando a constituição por parte do autor e editor de um público leitor para o qual se destina o livro como mercadoria e objeto cultural. Essas recorrências adquirem os contornos de uma fórmula editorial, que é o elemento



que permite perceber como o objeto é convertido em mercadoria e é apresentado ao mercado, o que implica pensar, necessariamente, na representação de leitor que é instituído pelo autor e editor. A análise material realizada permite extrair a fórmula editorial da coleção que media a instituição desse leitor e traduz a sua representação.

A fórmula editorial constituída nessa coleção é unificada por, pelo menos, três dispositivos materiais: a autoria, a destinação e as marcas de impressão e circulação. Cada um deles carrega a representação que autor e editor desejam conferir a estes livros no mercado. O nome do padre Álvaro Negromonte, por exemplo, destacado no alto da capa em todos os livros, é referência de autoridade na catequese brasileira e busca articular essa autoridade entre os campos religioso e educacional. Ele não é só um membro da Igreja. A posição institucional, os cargos que ocupa e a rede de sociabilidade que desenvolve e apresenta nas orelhas, contracapas e prefácio do livro, o localiza no interior do campo religioso.

O outro dispositivo constituinte da fórmula editorial da coleção está relacionado à destinação dos catecismos. Mesmo antes de serem constituídos em uma coleção, seu público alvo sempre esteve relacionado ao mercado escolar e, sobretudo, católico. Essa escolarização dos saberes religiosos está marcada e é perceptível na forma com que o autor apresenta o conjunto de saberes instituídos para cada ano escolar formando, na prática, um currículo para o ensino religioso. Essa disposição material que seleciona imagens e exercícios diferenciados para cada série, que adequa a linguagem e o suporte pedagógico moderno, articula, na fórmula, a materialidade da coleção, os elementos que constituem o livro aos usos de destinação escolar.

O último dispositivo mais evidente dessa fórmula editorial, por compor o conjunto dos elementos recorrentes na produção desses livros é o tipo de impressão e as estratégias de circulação. Ambos buscam atestar a legitimidade da obra junto ao leitor. O *imprimatur*, por exemplo, é um selo, atestado pela própria Igreja, que autoriza suas obras. Este selo traduz o significado de que a obra está em consonância com os cânones da Igreja. E a cada reedição é necessário um *reimprimatur* atestando a continuidade do autor em relação aos paradigmas da Igreja. A obtenção de um *imprimatur* está condicionada a apreciação da obra por censores que a julgarão pertinente ou não. Para os livros católicos este é um dispositivo obrigatório desde a Inquisição que os liga diretamente à autoridade da Igreja. Outros dispositivos dessa natureza são as dedicatórias, as cartas de intelectuais renomados no campo religioso (que oras aparecem

nas orelhas, oras nas contracapas) e a própria carta do Papa, que se torna um elemento constante, desde que os livros são convertidos em coleção.

Esses três dispositivos que compõem a fórmula editorial da Coleção Mons. Álvaro Negromonte carregam em si representações que, aparentemente, são externas ao mercado, mas são fundamentais para fazerem com que esses livros sejam absorvidos por esse mercado, tendo em vista a destinação composta com a qual se articula: um público escolar e católico.

O capítulo a seguir trata dos conteúdos de cada um desses manuais em suas aproximações e distanciamentos com a moderna Pedagogia da época. A fórmula editorial é atrelada ao conjunto de conteúdos selecionados por Álvaro Negromonte e permite pensar sobre a reconstituição de um modelo de leitura. Apesar de não ser o objeto, nem objetivo deste trabalho, a análise dos conteúdos da coleção impulsiona um olhar nessa perspectiva porque põe em evidência parte de um discurso adotado que serviu como elemento constituinte do processo de configuração e conformação do campo da Pedagogia católica entre as décadas de 30 e 60 do século XX.

Como esse conjunto de conteúdos entra no mundo escolar? Por serem saberes escolarizáveis, eles possibilitam a transição entre campo religioso e escolar e imprimem como marca da Pedagogia Católica a representação que a Igreja tem, e que está posta desde a fórmula editorial, dos conceitos de educação, leitura e circulação desses saberes.

## CAPÍTULO II

### TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA PEDAGOGIA CATÓLICA

“As mudanças religiosas só se explicam, se admitirmos que as mudanças sociais produzem nos fiéis, modificações de idéias e de desejos tais que os obrigam a modificar as diversas partes do seu sistema religioso. Há uma continuidade de ida e volta, uma infinidade de reações entre os fenômenos religiosos, a posição dos indivíduos no interior da sociedade e os sentimentos religiosos desses indivíduos. A densidade de população, as comunicações mais ou menos extensas, a mistura de raças, as oposições de textos, de gerações, de classes, de nações, de invenções, científicas e técnicas, tudo isso age sobre o sentimento religioso individual e transforma, assim, a religião”. Dominique Julià

#### 1. A ESCOLA NOVA CATÓLICA

O movimento da Pedagogia Moderna chegou ao Brasil nas últimas décadas do século XIX, trazendo muitas práticas que, mais tarde, seriam reconhecidas como próprias da Escola Nova. Tais práticas e o ideário ao qual correspondiam foram muito valorizadas com o advento da República, como símbolo do que havia de mais moderno em relação à Pedagogia. Nas primeiras décadas do século XX, esse tipo de proposta recebeu a contribuição de intelectuais brasileiros que realizaram viagens de estudo à Europa e aos Estados Unidos da América e entraram em contato com as idéias em voga à época. Herbart, Froebel, Montessori, Claparède, Dewey, clássicos da Pedagogia Moderna, e alguns dos seus precursores como Rousseau e Pestalozzi, ganharam maior visibilidade no Brasil e, juntamente com os debates que suscitaram, trouxeram a lume questões educacionais consideradas importantes no ambiente brasileiro.

Em 1924, com a fundação da Associação Brasileira de Educação, os grupos ligados a essa instituição representavam diferentes interesses, faziam diferentes leituras acerca da modernidade e suas práticas. O discurso higienista e as propostas pedagógicas, próprias ao movimento escolanovista, ganharam maior relevo por constituírem medidas eficazes para o controle do crescimento urbano e industrial. As práticas higienistas apareceram como uma necessidade saudável que permitiria um crescimento salubre e a nova pedagogia como a proposta mais eficiente de conformação e reprodução cultural.

A presença de intelectuais católicos desde o início da fundação da Associação e a ausência de um antagonismo mais contundente entre os projetos revela a disputa de campo muito mais política que educacional. O método ativo, presente no discurso católico, as diferentes apropriações que se fez do movimento, a figura de Fernando Magalhães e Oliveira Barbosa, como importantes intelectuais católicos que utilizaram amplamente o espaço da Associação, são reveladores da presença e luta constante da Igreja nos ambientes legítimos de discussão educacional, em busca dos meios necessários para a efetivação dos seus projetos. “Para o grupo católico na ABE, a questão ‘formação das elites’ referia-se principalmente à constituição de quadros intelectuais que disseminassem o que era proposto como “tradição cultural impregnada de catolicidade” (CARVALHO, 1998, p. 348). As disputas que se instauraram em torno do campo educacional, no início dos anos 20, tendo por ambiente legitimador a Associação Brasileira de Educação, significaram, de acordo com Carvalho (1998), um movimento de repolitização mais do que qualquer outra coisa.

De acordo com Carvalho (1994),

A produção historiográfica sobre educação tem subestimado a intervenção dos católicos na configuração e difusão da pedagogia da Escola Nova no Brasil, nos anos iniciais da década de 1930. Isso porque tem atribuído à militância pedagógica católica um papel apenas reativo: o de barrar a difusão de toda e qualquer inovação proposta pelos chamados Pioneiros da Educação Nova. Com isso, fica prejudicada a compreensão a respeito de quais teriam sido as versões do escolanovismo disseminadas entre os professores, pois não é possível subestimar a eficácia das estratégias católicas de difusão doutrinária no campo pedagógico, estratégias nas quais estava em jogo a hegemonia da Igreja (CARVALHO, 1994, p. 41)

Nesse caso, pensar o movimento da Escola Nova é tentar compreendê-lo em suas múltiplas dimensões, sem conferir a este a condição de movimento monolítico,

mas tentando percebê-lo em um contexto no qual seja possível entendê-lo na sua pluralidade, nos mecanismos que o legitimam. A apropriação diz respeito a uma determinada forma de ler a realidade e a sua incorporação por parte de alguém ou por um grupo específico. É, portanto, uma prática singular<sup>88</sup>. Nesse sentido, a historiografia da educação, no Brasil, ainda carece de estudos que revelem, com maior clareza, a apropriação católica das idéias da Pedagogia Moderna e a atualização do ensino nas escolas confessionais e nas escolas públicas, nas quais os professores eram predominantemente católicos. Os estudos sobre História da Educação Brasileira ainda não conferiram aos católicos o devido lugar no processo de modernização do ensino no país. Há uma lacuna a ser preenchida com estudos mais profundos acerca dessa temática.

Operar com a idéia de leituras e singularidades implica pensar na circularidade das culturas (GINZBURG, 1987). Este conceito permite entender determinados processos, sem instituir maiores ou menores. Sob essa ótica, as idéias circulam entre os diferentes grupos que as apropriam de acordo com as suas necessidades, de forma singular, e não é possível afirmar, categoricamente, onde o desencadeamento dessas ondulações teve início de fato. Sem dúvida, o discurso escolanovista é marca distintiva do grupo que se intitulou “Pioneiros da Educação”, a partir da representação construída por Fernando de Azevedo. O que a historiografia não aponta com clareza é que este mesmo discurso, sob padrões diversificados, também esteve presente, ao mesmo tempo, em outros grupos de intelectuais, como os católicos, envolvidos com as questões educacionais do país.

Os vestígios deixados na própria historiografia induzem a um olhar mais atento para as marcas que a História encerra e que podem ser percebidas na vida dos sujeitos, das instituições, dos impressos ou mesmo das práticas culturais que compõem a vida em sociedade. As histórias de vida de alguns sujeitos, como Anísio Teixeira e Lourenço, Filho marcadas pelo catolicismo, revelam a existência de um diálogo entre pioneiros e católicos. Além deles, outros intelectuais como Mário Casassanta, Fernando de Magalhães, Oliveira Barbosa e Francisco Campos, lideranças do catolicismo, alguns

---

<sup>88</sup> O conceito de apropriação carrega em si um contexto de lutas de representação, de contradições indissolúveis, de disputas de poder que traduzem o lado obscuro do conceito. Sem desconsiderar essas nuances típicas do processo de apropriação, esta pesquisa não objetiva aprofundar essa perspectiva de análise e, sim, apontar a existência dessa prática por parte do grupo católico em relação aos pressupostos pedagógicos da Escola Nova, tendo como veículo condutor desse processo, a coleção de catecismos Monsenhor Álvaro Negromonte. A leitura que este trabalho faz busca perceber a forma como os católicos se inserem nesse movimento e incorporam alguns dos seus discursos e de suas práticas nas suas propostas pedagógicas.

deles, signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, pregavam a modernização da educação, a necessidade de novos métodos de ensino, o ensino ativo e integral, sem perder de vista o conceito de tradição. A renovação visava ampliar os horizontes educacionais, a fim de formar indivíduos mais aptos para as novas necessidades urbano-industriais que se faziam imperativas. Para esse grupo, a moralidade era a base de sustentação desse novo modelo construtivo.

As convicções católicas de Anísio Teixeira, por exemplo, quase o impediram de ingressar na vida acadêmica educacional. Sua opção pelo campo da educação, amplamente mais largo, o levou a enveredar por caminhos considerados, pelos próprios padres do colégio que freqüentava, como um sinal divino que fazia de Anísio “um instrumento no sentido de ampliar a área de influência da Igreja dentro da estrutura do Estado” (NUNES, 2000, p. 87).

Nos primeiros anos de atuação na Instrução Pública da Bahia, Anísio Teixeira conciliava as atividades de Inspetor do Ensino com a de colaborador de Dom Augusto nos trabalhos do apostolado leigo. Publicava, permanentemente, na imprensa católica e mantinha correspondências freqüentes com o grupo de católicos da França, ligados à organização da Ação Católica Francesa. “O Anísio que tomava contato com a vanguarda conservadora da Igreja européia, preocupada em preservar os valores morais e religiosos, é o mesmo que se empenha na organização da escola pública baiana” (NUNES, 2000, p. 98). É o mesmo que, ao assumir a Diretoria Geral de Instrução Pública da Bahia, adotou como uma das suas primeiras medidas o exame da situação da educação no Estado e produziu uma proposta de reforma de ensino. Tal proposta, após algumas emendas, transformou-se em projeto e, posteriormente, em lei, sendo interessante salientar que, dentre as questões doutrinárias, foi proposto o ensino religioso facultativo nas escolas, fora do horário regulamentar. Proposta que não foi aprovada pelos seus pares.

Esse vínculo de Anísio Teixeira com o catolicismo é revelador da forte marca da Igreja na sua formação, com a qual ele só rompeu durante a sua viagem aos Estados Unidos da América em seu contato mais próximo com as idéias de John Dewey. Segundo Nunes (2000), seu primeiro contato com a América estremeceu o seu deslumbramento com os mistérios a fé, chegando mesmo a abalá-los. Entretanto, na sua segunda viagem, entre 1928 e 1929, ele percebeu não apenas o rápido movimento onde o novo superava o velho a cada instante, mas também uma retomada de certos valores espirituais, os quais, embebidos pelas idéias de Dewey, expressavam um naturalismo

que não significava um entusiasmo geral pela ciência contra a religião, mas que passava a colocar a discussão moral e a emoção religiosa sob uma base secular.

Esse contato com o pragmatismo norte-americano não foi capaz de apagar a origem e a formação católica que recebeu no período da sua formação, somando esta ao aporte técnico e instrumental aprendido nos anos em que esteve nos EUA, claramente refletido na posição que veio a ocupar como homem de ação no campo político e educacional brasileiro. Nesse sentido, Nunes ainda reitera: “em termos de atitude, carregava, numa adequada convergência entre a prática religiosa católica e a prática política familiar, a valorização da experiência” (2000, p. 88).

Lourenço Filho, importante figura política, educador, psicólogo e renovador, segundo Diana Vidal (2001a), consolidou o projeto de Anísio Teixeira no Instituto de Educação do Distrito Federal, no que dizia respeito à formação de um novo quadro de professores, capacitados nos novos cânones da Pedagogia Moderna e, muito embora a sua ênfase estivesse voltada às questões da Biologia e da Psicologia Experimental, entre os seus pedidos de livros sempre figuravam textos de Alceu Amoroso Lima e outros livros religiosos. Diante das questões formuladas por Oliveira Barbosa, intelectual católico que contribuiu para a educação e que tinha um papel de destaque no grupo católico da Associação Brasileira de Educação durante as Conferências Nacionais de Educação, Lourenço Filho não se manifestava contrariamente. O único ponto efetivo de discórdia entre eles dizia respeito aos problemas atinentes a centralização administrativa.

Lourenço Filho tornou-se o representante da Psicologia Educacional no Brasil; constituiu-se o principal divulgador das propostas das pedagogias ativas européias, ancoradas, sobretudo, no projeto de psicologização da educação<sup>89</sup>. Consciente das diferentes realidades do país e disposto a disseminar as suas idéias, adotou, em seu discurso, a flexibilidade necessária para aproximar diferentes correntes de pensamento. Ao explicar a crítica feita ao tradicionalismo, ele aponta para a possibilidade de diálogo entre a educação tradicional e a proposta educacional ativista moderna.

A primeira reação contra a escola tradicional deveria propor-se como reação crítica, por certo que veemente. Contra a imobilidade, o movimento; contra o silêncio, a comunicação livre; contra o didatismo de

---

<sup>89</sup> Nota-se o seu interesse pela temática no estudo da professora Diana Vidal (2001a), que aponta as diferentes gestões do Instituto de Educação do Rio de Janeiro e as singularidades de cada uma. Dentre as fontes levantadas, Diana elenca a lista de livros da biblioteca e revela com isso, um traço da gestão de Lourenço Filho que era o privilégio dados aos livros de Psicologia para a Biblioteca do Instituto.



imposição, formas de trabalho de ampla liberdade. Mas, logo, formas de mais justo equilíbrio sob maior controle passaram a ser experimentadas. Nenhuma formação humana vem a ser obtida *em um ou em outro desses dois extremos*. Como as obras de criação estética, a educação vive tanto de liberdade como de constrangimento. Se o excesso de disciplina por didatismo estrito a uma sufoca, a outra também irremediavelmente sacrifica. Ao inverso, a liberdade como fim retira a qualquer delas maior sentido humano. Só uma elevada compreensão dos fatores dinâmicos, ou a visão conjunta do desenvolvimento individual e social, estabelece o equilíbrio entre tais aspectos, na aparência antagônica (LOURENÇO FILHO, 1969, p. 152).

Ao indicar as bases da Escola Nova, Lourenço Filho, no seu livro **Introdução ao estudo da Escola Nova** (1969), aponta características que sintetizam, em seus pressupostos, duas tendências de ordem geral: a primeira, caracterizada pela revisão dos meios de educar ou, mais precisamente, pela substituição de normas empíricas por outras de maior validade técnica na organização escolar; a segunda, referida à análise dos fins da escola, como problemática da educação ou filosofia educacional. Reporta-se, ainda, a uma reunião realizada por Ferrière, em Calais, em 1919, onde foram assentados os caracteres gerais das escolas novas. Os pontos aprovados resultaram na seguinte síntese:

#### QUANTO A ORGANIZAÇÃO GERAL:

1. A Escola Nova é um laboratório de pedagogia prática. Procura desempenhar o papel de explorador ou iniciador das escolas oficiais, mantendo-se ao corrente da psicologia moderna, a respeito dos meios de que se utilize, e das necessidades modernas da vida espiritual e material.
2. A Escola Nova é um internato porque só o influxo total do meio em que se move a criança, permite realizar uma educação eficaz. Isso não significa que preconize o sistema de internato como ideal, que se deva aplicar sempre, e por toda a parte. O influxo natural da família, quando sadio, deve preferir-se ao melhor dos internatos.
3. A Escola Nova está situada no campo, porque este constitui o meio natural da criança. O influxo da natureza, as possibilidades que oferece para empreendimentos simples, os trabalhos rurais que permite realizar, representam o melhor auxílio à cultura física e moral. Para progresso intelectual e artístico, é desejável, porém, que fique próxima a uma cidade.
4. A Escola Nova agrupa seus alunos em casas separadas, vivendo cada grupo, de dez a quinze alunos sob a direção material e moral de um educador, secundado por sua mulher ou uma colaboradora. É preciso que os alunos não sejam privados do influxo feminino adulto, nem da atmosfera familiar, que os internatos-caserna não podem proporcionar.
5. A co-educação dos sexos, praticada nos internatos, até o fim dos estudos tem dado quando aplicado em condições materiais e espirituais favoráveis resultados morais e intelectuais surpreendentes.

6. A Escola Nova organiza trabalhos manuais para todos os alunos, durante uma hora e meia, ao menos, por dia; de duas a quatro, trabalhos obrigatórios que tenham fim educativo e de utilidade individual ou coletiva, mais que profissional.
7. Entre os trabalhos manuais, o de marcenaria ocupa o primeiro lugar, porque desenvolve a habilidade e a firmeza manuais, o sentido da observação exata, a sinceridade e governo de si mesmo. A jardinagem e a criação de pequenos animais entram na categoria das atividades ancestrais que toda criança ama, e deveria ter ocasião de exercitar.
8. Ao lado dos trabalhos regulados, concede-se tempo para trabalhos livres, que desenvolvem o gosto da criança e lhe despertam o espírito inventivo.
9. A cultura do corpo será assegurada tanto pela ginástica natural, como pelos jogos e desportos.
10. As excursões, a pé ou em bicicleta, com acampamentos em tendas de campana e refeições preparadas pelos próprios alunos, desempenham um papel importante na Escola Nova. Tais excursões, adrede preparadas, coadjuvam o ensino.

#### QUANTO A FORMAÇÃO INTELECTUAL:

11. Em matéria de educação intelectual, a Escola Nova procura abrir o espírito por uma cultura geral da capacidade de julgar, mais que por acumulação de conhecimentos memorizados. O espírito crítico nasce da aplicação de método científico; observação, hipótese, comprovação, etc.
12. A cultura geral se duplica com uma especialização espontânea, desde o primeiro momento; cultura dos gostos preponderantes em cada menino, depois sistematizada, desenvolvendo os interesses dos adolescentes num sentido profissional.
13. O ensino será baseado sobre os fatos e a experiência. A aquisição dos conhecimentos resulta de observações pessoais, visitas as fábricas, prática de trabalho manual, etc., e só, em sua falta, da observação de outros, recolhida através dos livros. A teoria vem sempre depois da prática, nunca a precede.
14. A Escola Nova está, pois, baseada na atividade pessoal da criança. Isto supõe a mais estreita associação possível do estudo intelectual com o desenho e os trabalhos manuais mais diversos.
15. O ensino está baseado em geral sobre os interesses espontâneos da criança; de quatro a seis anos, idade dos interesses disseminados ou idade do jogo; de sete a nove anos, idade dos interesses adstritos aos objetos imediatos; de dez a doze anos, idade dos interesses empíricos; dos dezesseis aos dezoito anos, idade dos interesses abstratos complexos, psicológicos, sociais e filosóficos.
16. O trabalho individual do aluno consiste numa investigação, seja nos fatos, seja nos livros ou jornais, etc. É uma classificação segundo um quadro lógico adaptado à sua idade, de documentos de todas as classes, assim como de trabalhos pessoais, e de preparação de relatórios para a classe.
17. O trabalho coletivo consiste numa troca, ordenação ou elaboração lógica comum, dos documentos individualmente reunidos.
18. Na Escola Nova, o ensino propriamente dito será limitado à manhã, em geral, das oito ao meio-dia; à tarde, dar-se-á expansão a iniciativas individuais.
19. Estudam-se poucas matérias por dia: uma ou duas, somente. A variedade nasce não das matérias tratadas, mas da maneira de tratar as matérias, pondo-se em jogo, sucessivamente, os diferentes modos de atividade.

20. Estudam-se poucas matérias por mês ou por trimestre.

#### QUANTO A FORMAÇÃO MORAL:

21. A educação moral, como a intelectual, deve exercitar-se não de fora para dentro, por autoridade imposta, mas de dentro para fora, pela experiência e prática gradual do sentido crítico e da liberdade. Baseando-se nesse princípio, algumas Escolas Novas têm aplicado o sistema da república escolar. Uma assembléia geral, formada pelo diretor, professores e alunos e, às vezes, por pessoal alheio, constitui a direção efetiva da escola. O código de leis será organizado por ela.
22. Na falta desse sistema democrático integral, a maior parte das Escolas Novas têm-se constituído em monarquias constitucionais; os alunos procedem a eleição de chefes ou prefeitos, que têm responsabilidade definida em estatutos que também organizam.
23. As recompensas ou sanções positivas consistem em proporcionar, aos espíritos criadores ocasiões de aumentar a sua potencia de criação. Desenvolve-se, assim, um largo espírito de iniciativa.
24. Os castigos ou sanções negativas estão em relação direta com a falta cometida, quer dizer, tendem a pôr a criança em condições de melhor alcançar o fim julgado bom.
25. A emulação se dá, especialmente, pela comparação feita pelo educando entre o seu trabalho presente e o seu trabalho passado, e não exclusivamente pela comparação de seu trabalho com o de seus camaradas.
26. A Escola Nova deve ser um ambiente belo, como desejava Ellen Key. A ordem e a higiene são as primeiras condições, o ponto de partida.
27. A música coletiva, canto coral ou orquestra, oferece um influxo profundo e purificador entre os educandos.
28. A educação da consciência moral consiste, principalmente, nas crianças, em narrações que provoquem reações espontâneas, verdadeiros juízos de valor que, pela repetição se acentuam e acabam por ligar-se em estrutura definida.
29. A educação da razão prática consiste, principalmente entre os adolescentes, em reflexões e estudos que se refiram de modo especial a lei natural do progresso individual e social. A maior parte das Escolas Novas observam uma atitude religiosa, não-sectária, que acompanha a tolerância em face dos diversos ideais, desde que encarne um esforço que vise o desenvolvimento espiritual do homem.
30. A Escola Nova, em cada criança, deve preparar não só o futuro cidadão capaz de preencher seus deveres para com a pátria, mas também para com a humanidade (LORENÇO FILHO, 1969, p. 163-164).

A adesão ao movimento não implica, necessariamente, na obediência a todos os pontos estabelecidos. Nem todas as escolas novas obedeceram aos trinta pontos referidos de modo integral, o que avaliza a apropriação como uma prática legítima dos diferentes grupo que compõem a sociedade em relação a determinada idéia ou objeto. De acordo com Chartier (1990), a apropriação vai indicar que os indivíduos e os grupos não apenas assimilam passivamente conceitos e idéias, mas possuem maneiras diferenciadas de se

apropriarem de um objeto cultural ou intelectual, transformando-os, destinando-lhes práticas diferenciadas, realizando uma leitura própria sobre esse material. Segundo o signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, “a escola de *Abbotsholme*, a primeira das *new-schools*, admitiu 22; a de *Bedales*, 25, a *École de Roches*, 17. Só a de *Odenwald*, criada por Paul *Geheeb*, atendeu à totalidade. Esta escola teria sido, pois, o padrão da escola nova, no sentido especial do termo que lhe deu o nome o Bureau de Genebra” (LOURENÇO FILHO, 1969, p.165). Nesse caso, é possível pensar em uma escola nova católica e uma pedagogia ativa ancorada nos princípios da filosofia cristã.

Ao definir as correntes filosóficas que embasam as teorias educacionais modernas, Lourenço Filho admite que a filosofia católica não se opõe ao estudo do processo educacional; ao contrário, antes o reclama para si, por compreender a dimensão mais ampla em que se estabelece a relação entre indivíduo e sociedade. A educação, do ponto de vista da sociedade, tende a se perpetuar através do processo de transmissão cultural às novas gerações. Do ponto de vista individual, a educação deve contribuir para o crescimento, e o conseqüente desenvolvimento deste. Esse processo de desenvolvimento do indivíduo se dá a partir da apropriação da sua herança cultural. Por outro lado, o processo de transmissão social só ocorre, de fato, ao proporcionar mudanças em cada indivíduo, já que a sociedade que planeja mudanças não só adota um discurso que concebe essas mudanças como desejáveis como estabelece um conjunto de práticas favoráveis que corroboram para o efetivo desenvolvimento de cada nova geração. “Torna-se claro que o supranaturalismo católico não se opõe ao estudo objetivo do processo individual e social da educação, pensamento esse, aliás, solenemente reiterado em manifestações de concílios e cartas encíclicas” (LOURENÇO FILHO, 1969, p. 242-243).

Se do ponto de vista da teoria educacional a apropriação das pedagogias ativas e das propostas do movimento escolanovista pode ser concebida, inclusive, por um dos principais representantes do movimento no Brasil, as disputas em torno da temática sinalizam para outro motivo já apontado por Marta Carvalho (1998), para o qual vale a pena atentar.

O método ativo, visto como método eficiente no processo de modelagem da criança com base em uma formação disciplinada, moral e ética, voltada para o desenvolvimento da capacidade cognitiva, ajudaria a formar o tipo de cidadão que a nova sociedade requeria e se constituiu no foco de atenção de ambos os grupos.

As reformas do ensino, que se tornaram a tônica dos anos 20, tiveram a pretensão de instaurar, nos diferentes Estados, projetos específicos de remodelação do

ensino. Em cada Estado, percebe-se a marca do renovador à frente do projeto e sua singularidade em relação à modernização das práticas pedagógicas que ocorreram dentro de um campo, que como tal, era permeado por disputas políticas em busca de poder. A implementação dos ideais renovadores encontrou resistências em muitos lugares, como o próprio Distrito Federal, não porque suas propostas ferissem efetivamente determinados princípios nacionais, mas porque em torno do campo educacional travou-se uma disputa na qual estava em jogo não só a educação como projeto pedagógico, mas, e, sobretudo, como projeto político. Tudo isso põe em relevo a reforma do sistema de ensino mineiro, liderada por Francisco Campos e Mário Casassanta, em 1927, considerada por Jorge Nagle como “a mais bem sucedida do país em termos de propostas pedagógicas” (NAGLE *apud* HILSDORF, 2003, p. 81). O sucesso da Reforma mineira se deu em virtude de não haver, em Minas, de modo mais explícito, uma disputa acirrada pelo poder político entre os que lideraram o projeto reformista. A intelectualidade, à frente desse projeto, era católica e a inserção dos ideais da Igreja no campo educacional era ponto pacífico.

Mário Casassanta e Francisco Campos, católicos convictos não só pela formação que receberam, mas também pelas suas posturas e decisões, estiveram à frente da reforma do sistema de ensino mineiro, em 1927, a qual não retirou o ensino religioso das escolas, mesmo este tendo sido abolido pelas decisões constitucionais de 1891. Fernando Magalhães e Oliveira Barbosa, lideranças católicas na Associação Brasileira de Educação ao longo da década de 20, também adotaram posturas claramente definidas no tocante à renovação das práticas pedagógicas, sem desassociá-las da formação moral católica. Esta educação apoiava-se nas bases do catolicismo, considerado por esse grupo o “cimento da unidade nacional”. As pressões exercidas junto ao governo, pelo grupo católico, deram a este grupo uma importante vitória, na Constituição de 1934, ao recolocar o ensino religioso na legislação brasileira, ainda que de forma facultativa. Embora não fosse a vitória esperada, não se pode desconsiderar esse avanço significativo para a Igreja. Além disso, esse fato aponta a proximidade existente entre a Igreja e o governo, através dos seus representantes intelectuais, e revela o prestígio de tal grupo no campo político-educacional.

A remodelação da escola foi ponto central na reforma de Francisco Campos, que convocou o professorado, elemento fundamental nessa obra, para remodelar o ensino primário. Com isso, um conjunto de medidas foi introduzido para a formação dos

professores nos novos métodos pedagógicos como “a remodelação da Escola Normal, a criação da Escola de Aperfeiçoamento para professores já formados, a reformulação da Revista do Ensino e a constituição de bibliotecas” (CARVALHO, 2003, p. 238- 239). Esse projeto, que buscou remodelar as práticas dos professores e incorporar novos métodos e novas técnicas de ensino, coincidia com o que vinha se discutindo acerca do ensino religioso e, mais especificamente, do ensino de catecismo.

O governo mineiro incentivou e investiu na modernização do ensino, enviando também algumas professoras aos Estados Unidos da América para aprenderem as novas técnicas educacionais. Quando do seu retorno, elas adaptavam as novas técnicas às suas necessidades e às condições locais. Além disso, em consonância com os novos preceitos higienistas, o governo de Minas Gerais convidou a psicóloga Helena Antipoff, assistente de Edouard Claparède, na França, a assumir a cadeira de Psicologia Educacional na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Minas Gerais e a direção do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento. O discurso mineiro, embora católico, não afrontava as novas propostas pedagógicas. Antipoff, que foi recepcionada por Lourenço Filho ao chegar ao Brasil e comungava com ele das fontes da Psicologia Moderna, teve a chance de implementar em Belo Horizonte a prática da pesquisa experimental, através dos métodos de inquéritos e testes, desde 1929, ou seja, antes mesmo do Lourenço Filho fazê-lo no Instituto de Educação do Distrito Federal, método que diagnosticou a deficiência do ensino religioso.

É notório o avanço das práticas pedagógicas modernas de ensino em Minas Gerais, apesar da permanência do ensino religioso em suas escolas. A escola mineira era, sem dúvida, uma escola católica, o que não constituiu empecilho para a modernização do ensino. Os novos métodos e as novas técnicas experimentais foram introduzidos no currículo da escola de “braços dados com a tradição católica. A proposta dos reformadores mineiros não estava baseada em uma ruptura com a tradição, o que dava lugar a uma leitura muito mais indulgente da *escola antiga* do que aquela de Fernando de Azevedo” (VIDAL & FARIA FILHO, 2005, p. 8). Segundo Hilsdorf

São características da reforma mineira: a escola encarada como ação social; atenta aos interesses e motivos da criança e não à lógica das disciplinas; o predomínio da atividade no lugar da passividade, fazendo da lição um trabalho comum, uma ‘cooperação das inteligências’; a melhoria da Escola Normal de Professores com a introdução de uma nova disciplina, a Psicologia Educacional, que

ofereceria as bases científicas do desenvolvimento infantil a partir do uso de testes e projetos experimentais. (2003, p. 81)

As Reformas refletiram nos diferentes Estados as apropriações que foram feitas do movimento, fosse em face do incentivo à adesão ampla ao novo, fosse em função das razões que mantiveram o espírito da tradição. A clareza diante dessa questão é importante para que se compreenda que não há uma única apropriação. As idéias que estão postas circulam entre os grupos, e esses as incorporam de acordo com as suas necessidades em determinado momento ou circunstância.

A representação produzida pela historiografia brasileira assume uma postura segundo a qual os católicos teriam utilizado apenas parte dos princípios escolanovistas, depurando-os daquilo que feria aos seus princípios mais caros. Nesse sentido, seria possível pensar que os demais pioneiros se apropriaram das idéias escolanovistas na íntegra? Eles não as depuraram em nenhum momento? Como produziram a sua própria matriz interpretativa? O que justifica Fernando de Azevedo, nas suas propostas educacionais, enfatizar a Sociologia Educacional, enquanto Anísio Teixeira preferiu a Filosofia, secundarizando a Psicologia Experimental de Lourenço Filho? O próprio discurso dos renovadores reflete as diferentes apropriações internas que ocorreram no interior de um grupo em relação ao qual se produziu uma imagem de coesão.

As disputas que ocorreram no interior da Associação Brasileira de Educação são reveladoras das contradições políticas que embasavam as discussões de forma muito mais contundente do que as questões técnicas referentes ao ensino. Estas apareciam para ilustrar ou representar o eixo de uma disputa que se travava em relação ao campo político. Tanto os renovadores quanto os católicos apresentavam projetos de remodelação da sociedade em face das novas necessidades da vida moderna, que exigia da educação um novo tipo de sujeito a ser formado.

A fertilidade da reforma educacional do Estado de Minas Gerais está na leitura católica que os renovadores e os professores fizeram acerca do movimento e da existência de um campo político, predominantemente católico, o que aparentemente era forte indicador de uma convivência entre a política e a educação no Estado. Os intelectuais que circulavam nos dois campos eram os mesmos e as propostas renovadoras de ensino estavam em consonância com os princípios da Igreja. A religião era ponto pacífico para a sociedade mineira. O ensino mineiro se renovou, portanto, dentro das novas concepções, sem perder a



marca da sua catolicidade. A **Revista do Ensino** é um excelente exemplo dessa apropriação. Grande parte dos intelectuais que tinham legitimidade para escrever nesse periódico e divulgar seu pensamento, era católica e, dentre eles, o padre Negromonte se fazia presente. Este importante impresso educacional deixa evidente a marca do catolicismo na educação e na renovação do ensino mineiro, como a Igreja se fez presente através dos seus agentes e da sua apropriação do discurso moderno e revela também como o padre atuou em diversas frentes, articulando a Igreja a essa modernidade e disseminando os seus ideais nos diferentes espaços sociais.

A “Escola Nova Cristã” como a denominou a Irmã Olga, professora de metodologia da Escola Normal de Araguary, adotava o discurso de Claparède ao se referir à formação dos alunos. Ela preconizava: “não se deve procurar que as crianças façam tudo quanto queiram, mas que queiram tudo quanto devem fazer” (CLAPARÈDE *apud* Ir. OLGA, 1934, p. 68). Para ela, os princípios da Escola Nova estão profundamente entrelaçados com os princípios cristãos e já eram anunciados por São Thomaz de Aquino. Na visão deste, a escola era definida ao traduzir o ensino como

A arte de conversar a ciência em outrem, ajudando-o a se servir da sua razão natural. Para S. Thomaz o papel do mestre não é o de dogmatizar o aluno não é o de recolher passivamente o ensino. Não, ele quer para o aluno uma atitude ativa, ele deve servir-se da razão, isto é, exercer sua atividade intelectual. A missão do mestre consiste em ajudar o aluno no seu trabalho (*apud* Ir. OLGA, 1934, p. 74).

Citando Everardo Beckheuser, ainda reitera:

A Igreja Católica, em acordo aliás, com todos os pedagogos criteriosos, não é contra os princípios da Escola Nova, que são sim os seus próprios princípios. E, porém contra adeptos vermelhos, demasia que geram unilateralismos prejudiciais. Assim, a Igreja católica: permite a classe à liberdade de ação, mas impede a indisciplina. Estimula a atividade do aluno, mas não lhe dá plena autonomia. Encaminha os alunos para os empreendimentos de caráter social, sem lhes consumir, porém em clubes e diversões o tempo necessário ao estudo. Ministra-lhes noções econômicas – úteis à vida quotidiana, mas incute-lhes noções Moraes, indispensáveis a esta e a outra vida. Garante a influência da escola na educação, mas não esquece o ascendente da família. Estimula a iniciativa da criança, mas deixa intacta a autoridade do mestre (Backheuser *apud* Ir. OLGA, 1934, p. 73).

Um curso de aperfeiçoamento para religiosas realizado, à época, em Belo Horizonte, confirmou essa concepção de Escola Nova. Esse curso não só foi feito, sob

os olhos das autoridades eclesiásticas, como foi estimulado e aplaudido, por compreender um modelo de formação eficiente à educação das crianças como servidores de Deus e da Pátria.

Na Escola Normal, era possível perceber o discurso do padre Negromonte e a visão que este tinha dos objetivos da educação e dos novos métodos pedagógicos. Para ele, o indivíduo é um composto de corpo e alma, matéria e espírito, perecível e imortal, natural e sobrenatural. E é esta dimensão universal e integral que confere à Igreja, por ser portadora de tão completa filosofia de vida, as condições necessárias de realizar a educação do homem. A educação, para ele, é o melhor meio de aperfeiçoamento do indivíduo e, também, da sociedade; a maior garantia de paz entre os homens, a que imprime aos espíritos, segundo a Encíclica *Divini Illius Magistri*, “a mais poderosa e duradoura direção na vida”. Baseando-se, ainda, na referida Encíclica, Álvaro Negromonte defende que a educação cristã abraça toda a extensão da vida humana, sensível e espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica, social, não para diminuí-la, mas para elevá-la às doutrinas de Cristo.

Esta educação, defendida e apregoada pelo padre, encontra no seu discurso a sua eficácia por “produzir melhores cidadãos, os mais pacíficos, os mais obedientes à lei, os mais respeitadores da autoridade, os mais conscienciosos cumpridores do dever, os mais dedicados patriotas, os mais amantes do próximo, os mais honestos e puros. A moral governa a inteligência e a sociedade e, por seu turno, submete-se à religião” (NEGROMONTE, 1938b, p. 7-8).

Três pontos são essenciais à educação do indivíduo para Negromonte: o ideal, o objetivo e o método. Apesar de defender que a moral católica é uma verdade imutável e por isso o ideal educativo do catolicismo não está sujeito a evoluções nem mutações, o padre se mostra aberto às ferramentas que servirem bem ao cumprimento desse mesmo ideal.

Mas é também evidente que quanto melhor se puder conhecer a criança, interessar-lhe o espírito, entreter-lhe a curiosidade, dirigir-lhe as atividades, tanto mais facilmente se colimará o fim, si para ele forem as coisas ordenadamente encaminhadas. E si os meios, a que se recorre, são os mais aptos e atraentes, os mais ágeis e eficazes, e em nada, nem direta nem indiretamente se opõem ao fim último do educando tudo manda não que combatamos senão que apoiemos tão excelentes métodos. Havemos, porém, de contrariá-los e combatê-los tantas vezes quantas em face das invariáveis doutrinas católicas forem reputados contrários à moral e aos eternos destinos da criança. Havemos igualmente de mitigar-lhes o uso, ou antes, racionalizá-los quando os fatores do progresso apressados quiserem transformar em

realidade aquilo que, de sua própria natureza, só pode ser um meio. E não pomos dúvida ao afirmar que teríamos hoje a melhor de todas as escolas que já houve no mundo si aplicássemos ao ideal católico os modernos conhecimentos da Psicologia Infantil e os mais aperfeiçoados métodos pedagógicos (NEGROMONTE, 1938b, p. 8-9).

Negromonte não foi o único a atrelar o discurso católico ao que havia de mais moderno na educação brasileira. Um variado grupo de católicos, com representatividade no campo político, fez a sua leitura das novas técnicas, adequando-as à sua realidade. Em Minas, percebe-se, nos diferentes espaços sociais, uma circulação dos mesmos intelectuais que representaram os interesses do catolicismo de forma muito natural, e que conseguiram, por suas posições sociais representativas, irradiar as suas propostas e as suas práticas para diferentes fóruns de discussão, em outros Estados, chegando mesmo ao governo federal com a ilustre figura de Francisco Campos.

A Escola Nova se constituiu a tônica do discurso liberal dos anos 1920 e 1930, sobretudo neste último, e a Igreja Católica acompanhou essa movimentação apropriando-se desse movimento e utilizando-o com muita naturalidade. Não obstante ser uma proposta liberal, a ala conservadora católica não só utilizou como defendeu a implantação dessa nova proposta nas escolas, alcançando grande êxito na Reforma Francisco Campos.<sup>90</sup> (BACKHEUSER *apud* Ir. OLGA, 1934, p. 73)

A Escola de Aperfeiçoamento dos Professores, em Belo Horizonte, organizada por Francisco Campos em 1929, com o intuito de proporcionar às professoras melhor qualificação ao exercício do magistério, inclusive com cursos de aperfeiçoamento para religiosas, permitiu a estas associar o ensino religioso com o que havia de mais moderno no campo da educação e confirmou essa concepção de Escola Nova Católica.

Apesar do impresso ter tido um papel de destaque no bojo das discussões educacionais travadas entre os diferentes grupos que disputavam o campo da educação,

---

<sup>90</sup> As Reformas empreendidas por Francisco Campos estabeleceram os seguintes decretos: Decreto 19.850, de 11 de abril de 1931, que criou o Conselho Nacional de Educação; Decreto 19.851, de 11 de abril de 1931, que dispôs sobre a organização do ensino superior no Brasil e adotou o regime universitário; Decreto 19.852, de 11 de abril de 1931, que dispôs sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro; Decreto 19.890, de 18 de abril de 1931, que dispôs sobre a organização do ensino secundário; Decreto 19.941, de 30 de abril de 1931, que instituiu o ensino religioso como matéria facultativa nas escolas públicas do país; Decreto 20.158, de 30 de junho de 1931, que organizou o ensino comercial e regulamentou a profissão de contador; Decreto 21.241, de 14 de abril de 1932, que consolidou as disposições sobre a organização do ensino secundário. Cf. SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2000.

o discurso da atividade, conforme apontado por Vidal (2001), parecia afastar o livro como recurso didático do cenário da escola. No entanto, o livro também tem papel de destaque nos novos processos educacionais que movimentaram a sociedade brasileira dentro e fora da escola. A prática de leitura é uma prática ativa ainda por levar o aluno a uma interação contínua com o material em mãos. O conceito de atividade proposto pelas Escolas Novas não está restrito a movimento físico. Era uma idéia que “determinava uma nova atitude frente à aquisição de conhecimentos. Mesmo sentados e em silêncio, alunos e alunas, poderiam estar ativamente envolvidos com a aprendizagem” (VIDAL, 2001b, p. 89).

De acordo com Azevedo,

A ofensiva da educação nova contra o livro de leitura ou de texto tem sido freqüentemente interpretada, por ignorância ou má fé, como uma investida contra o livro e a cultura. Mas a verdade é que a educação nova, longe de deprimir o valor do livro, o reabilita pela nova função que lhe atribuiu, como instrumento de trabalho. O livro de texto, na escola tradicional, é o centro, em torno do qual gravitavam todas as atividades escolares que se sucedem, na ordem de distribuição da matéria e segundo suas sugestões metodológicas; o livro escolar na educação renovada é um ‘instrumento de trabalho’ na atividade total da escola que se desenvolve sob o impulso e em torno da criança, centro de gravidade da nova educação; aquele é o livro-padrão, que se presume bastar-se a si mesmo, na função absorvente, uniformizadora e autoritária; este, um elemento de cultura, que auxilia, completa e alarga a experiência que nos vem da observação direta e do trabalho, dos olhos, das mãos e da ferramenta; aquele, o instrumento a que o aluno se escraviza; este, o instrumento de que se utiliza, como meio; aquele, o livro imposto que se lê por necessidade e se abandona com prazer, o fastio das leituras sem interesse, com que a escola transmite o desamor senão o horror aos livros; este, o livro de que se precisa e que se procura, como fonte de informações, de estímulos, de recreio e de reflexão e extrai todo seu encanto e sua força do interesse que despertou e que nos faz associar mais tarde, a lembrança da escola e da própria infância à das leituras, com que se tornou mais profundamente o coração, se produziram os primeiros impulsos para o ideal e se estabeleceram os primeiros contatos com a experiência humana (*apud* VIDAL, 2001b, p. 90).

Para os defensores de um ensino leigo ou para os educadores católicos, o livro assume, na escola moderna, não o papel de único guia condutor do professor, nem o centro das atenções, porque este lugar passa a ser ocupado pelo aluno, mas o papel de instrumento de trabalho. O que muda, efetivamente, não é a sua presença ou ausência, mas a maneira de utilizá-lo, e nesse sentido, sua presença passa a ser fundamental nas

aulas, não como o livro texto, mas como uma ferramenta eficiente do trabalho pedagógico, estimulada pelos profissionais da educação. Fato que corrobora com a atenção do historiador para esse detalhe é o substancial aumento de livrarias e editoras nacionais a partir da década de 20, no Brasil republicano. Segundo Hallewell (1985), os livros didáticos, as coleções educacionais ganharam um *boom* no mercado editorial a partir dessa década e se acentuaram na década de 30. Azevedo também atenta para o crescimento do mercado editorial nacional. Nessa época,

Multiplicaram-se as casas editoras, cujo número atingiu a 177, em 1937; subiram, nesse mesmo ano, a 2.044 as tipografias; passou-se a imprimir, na capital do país com tanta abundância que em 1939 se elevou a 797 o número de obras publicadas e só uma empresa editora conseguiu, a partir de 1936, guindar a sua produção anual acerca de dois milhões meio de exemplares; e o comércio de livraria atingiu em dez anos uma intensidade surpreendente, quer na venda de livros publicados por empresas nacionais, quer na colocação de obras importadas não só da Europa, mas dos Estados Unidos. (AZEVEDO, 1976. p. 204)

Essa fomentação das idéias ativistas contribuiu efetivamente para que Negromonte pensasse e organizasse os livros da coleção considerando os avanços e as novas propostas estabelecidas no campo da Didática. Aguayo, autor de **A Didática da Escola Nova**, estabelece inúmeras críticas em relação aos livros, aos métodos e aos recursos utilizados como material didático tradicional. Segundo ele,

As modernas correntes pedagógicas não esqueceram o livro de texto para a escola popular; e a esse respeito, a mais profunda mudança realizada pela didática foi a transformação do livro de ensino em livro de trabalho. De acordo com as idéias hoje dominantes em matéria de educação, o livro de texto deve estimular e dirigir a criança em seu trabalho livre e produtivo; deve propor problemas, provocar observações, levar a criança a fazer experiências e coleções de material para o trabalho, desenhar, exprimir-se oralmente ou por escrito, etc.; deve também aconselhar-lhe o que precisa ler e, numa palavra, deve dirigi-la e estimulá-la em sua formação espiritual. [...] Para que o livro seja interessante deve ser escrito de acordo com os ensinamentos da pedagogia funcional... Não deve ser unicamente obra de instrução, mera suma de conhecimentos sistematizados, e sim um livro estimulante que provoque a atividade do aluno, fortaleça-lhe a vontade e faça com que ele ame a vida e o mundo da ação e da energia humana. [...] Na escola antiga o estudo pelo livro de texto era muito pouco atraente para o aluno. Esse estudo consistia em aprender

de memória a lição marcada e reproduzir depois textualmente, o que foi aprendido ou responder as perguntas feitas a esse respeito pelo professor. Esse processo cansativo e falto de inteligência e de interesse tornava aborrecidas para as crianças as horas destinadas ao estudo. A nova didática substituiu-o por certas técnicas mais produtivas e mais eficientes. Em primeiro lugar, o estudo pelo livro é quase sempre parte de um trabalho mais complexo no decorrer do qual a criança apela para a leitura a fim de formar idéias novas, completar os conhecimentos, verificar o aprendido por outra forma ou procurar novos estímulos para o trabalho [...] Assimilado o conteúdo da leitura e feitas as observações, experiências, consultas de livros, perguntas ao professor, etc., que a tarefa exija, as crianças farão com suas expressões, um relato oral ou escrito do assunto, relato que, como ficou dito em outro capítulo, pode ser completo, abreviado ou livre. (AGUAYO, 1959, p.163-165)

As críticas em relação à forma como eram redigidos os livros, os seus usos nas aulas e, no caso específico do ensino religioso, o resultado que os testes da professora Antipoff detectou acerca do desinteresse dos alunos pela matéria, e a possibilidade apontada da razão estar na maneira como os manuais de catecismo eram escritos e trabalhados em sala impulsionaram Negromonte a produzir a coleção, adotando pressupostos escolanovistas que não ferissem os princípios da educação cristã, atendendo a finalidade de proporcionar ao homem uma educação integral, atentando para o seu desenvolvimento individual necessário ao exercício de uma vida cristã na Terra, sem perder de vista o seu maior ideal: o retorno à vida com Deus, englobando, no processo educativo, as esferas individual, social e espiritual. O reconhecimento do sucesso dessa iniciativa se assenta na referência que o próprio Aguayo (1959, p. 248) faz dos livros do padre, ao lado de outros católicos como Leonel Franca, Waleska Paixão, Evangelina Gonzaga e Julieta Magalhães Lopes, como símbolos de iniciativas modernas no ensino religioso, situados no debate acerca da renovação educacional.

A crítica comum, em relação aos católicos serem retrógrados em seus meios, encontra, em Álvaro Negromonte, a contestação de quem produziu, no Brasil, os subsídios necessários para equiparar o ensino religioso a todas as matérias escolares.

A prática, tão questionada, de memorização utilizada pelos católicos, constituía-se em um exercício corrente de todas as disciplinas, fosse ela Religião, História, Geografia ou Aritmética antes da chamada Pedagogia Moderna ditar os rumos da educação. “Saber de cor” era sinônimo de saber e isso era uma prática comum a todas as disciplinas. Dessa forma, à medida que as disciplinas escolares passaram por um

processo de renovação, o ensino religioso, proposto como matéria escolar, encontrou em algumas vozes, dentre elas, a do padre Negromonte, um interlocutor junto as idéias da Pedagogia Moderna, sob égide, do catolicismo.

O padre mostra, mais uma vez, a necessidade que se fazia preemente de superar o caráter abstrato dessas aulas, modificando “a dureza impenetrável de sua linguagem abstrata, o arcaísmo desolante das suas perguntas e respostas, o apelo antipedagógico à memória pura, a apresentação desgraciosa de suas edições” (NEGROMONTE, 1938a, p.74).

A resistência à entrada do catecismo como disciplina escolar ecoava não só nas vozes dos intitulados renovadores da educação, mas do professorado em geral. “Parece que tinham identificado religião e escola antiga, sem a elementar perspicácia para perceber que a Igreja só podia ensinar pelos métodos então correntes. Atribuía-se à Igreja um erro que era dos tempos. E com isso se fazia oposição surda ou pública à entrada do catecismo no regime escolar” (NEGROMONTE, 1938a, p. 81).

A falta de preparo do professorado católico para perceber e articular as novas técnicas educacionais, postas na Nova Pedagogia, aos fundamentos da doutrina cristã culminou em um esforço conjunto dos intelectuais católicos que dialogavam de perto com as novas teorias educacionais e participavam ativamente dos debates do campo educacional. Nesse cenário, ganham relevo as vozes de Leonel Franca, Alceu Amoroso Lima e Everardo Backheuser que serviram para organizar o professorado católico e dar um sentido integral para a Escola Nova, embora na perspectiva dos seus divulgadores no Brasil, uma de suas marcas características fosse, exatamente, a laicidade, ou como diz Negromonte, “a feição irreligiosa” (1938a, p.75).

Nesse contexto, o movimento circular que impulsiona a cultura desencadeou, em quatro Estados, uma organicidade em relação à temática da modernização da catequese, com o objetivo de dar à Escola Nova esse sentido integral, fundamento da pedagogia católica. Pernambuco se organizou com Jerônimo de Assunção, mas foi o padre Carlos Leôncio quem fez o movimento repercutir. Em São Paulo, a renovação girou em torno da figura da Irmã Lourença; no Ceará, tomou vulto com Hélder Câmara e, em Minas, com o próprio Negromonte. O autor chama, ainda, a atenção para já haver em Minas uma representação desse movimento na voz de Waleska Paixão<sup>91</sup>, um dos seus braços fortes no Estado.

---

<sup>91</sup> Waleska Paixão, catequista, enfermeira, professora, foi diretora da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, em Minas Gerais, por nove anos e da Escola de Enfermagem Ana Nery, no Rio de Janeiro, por dezesseis anos. Era considerada, pelo padre Álvaro Negromonte, a pioneira nesse movimento de renovação catequética no Brasil, tendo começado seus trabalhos desde 1921, de forma incompreendida..



A apropriação das idéias escolanovistas, por parte do padre, não foi apenas fruto de uma tendência ou de uma disposição de seguir o fluxo. Coerente com os novos modelos pedagógicos, Negromonte fundamentou a articulação proposta entre ensino religioso e novas técnicas modernas de educação na observação e experimentação. Apoiado pelos poderes públicos e pelo professorado do Estado de Minas, efetivou seu projeto nas escolas públicas mineiras, sobretudo no Grupo Escolar Barão de Rio Branco, o qual se constituiu, ao mesmo tempo, sua escola e seu laboratório experimental da pedagogia moderna católica.

Assim, ajudado eu vinha trabalhando. Os tempos requeriam certo aparato científico na apresentação do método pedagógico de que se serviu o Mestre Divino. Estudei a escola Nova à luz do Evangelho e o Evangelho à luz das conquistas pedagógicas deste século. Reuni os estudos nestes dois livros<sup>92</sup>. (NEGROMONTE, 1938a, p. 90)

A análise de conteúdo realizada buscou compreender essas aproximações do autor da coleção com os postulados da Escola Nova. Por ser um estudo inserido no campo da História da Educação, a pesquisa não teve a pretensão de esquadrihar as lições e se deter em um exame de caráter teológico. A análise não se restringiu, portanto, às lições em si, e sim na forma como elas estão inseridas no contexto das teorias educacionais, tentando estabelecer a associação que o autor faz da doutrina com os pressupostos das pedagogias ativas, levando em consideração as apropriações dos interlocutores católicos simpatizantes do movimento.

## **2. A PEDAGOGIA DO CATECISMO: UM GUIA DE REFERÊNCIA**

Conforme afirmativa de Dom Leme, em carta Pastoral de 1916, era necessário “reformatar o catolicismo para salvar a sociedade brasileira”. Segundo Mauro Passos

---

Negromonte, considera a descoberta de Waleska Paixão como uma de suas vitórias. Estabeleceu com ela uma parceria intelectual e organizaram grupos de trabalhos, auxiliados por um núcleo de professoras, nos quais desenvolveram cursos, aulas, divulgação de bibliografia, exposições catequéticas. Waleska Paixão foi colaboradora do Boletim Catequético fundado pelo padre Álvaro Negromonte e publicou diversas obras, dentre elas: Métodos e Programas e Formação da Consciência em seus Cadernos Catequéticos pela Editora Vozes, em 1936 e 1940 respectivamente, livros que se tornaram referência nacional para a catequese brasileira (SANTOS, 2006).

<sup>92</sup> A *Pedagogia do Catecismo* e *Manual de Religião*.

(1999), a variedade de catecismos que havia em circulação, e a diversidade de usos e interpretações que se fazia dos mesmos, condicionou o episcopado a centralizar o ensino de catecismo em três textos básicos, que buscavam padronizar o ensino religioso. Esses catecismos adquiriram o *status* oficial e tiveram uma divulgação, cada vez mais ampla, com um grande número de reedições e pequenas modificações, ou adaptações, no conteúdo, na forma e na linguagem, não atentando para as mudanças e transformações na sociedade e na Igreja.

Os textos catequéticos mantinham, em geral, o esquema dos catecismos tradicionais. Predominava ainda um forte acento intelectual e teológico. Esses manuais apresentavam um conteúdo carregado de afirmações e definições abstratas. As lições e os temas eram apresentados em forma de perguntas e respostas. Assim, o Primeiro catecismo continha 164 perguntas, o Segundo 578 e o terceiro, 1.308. Embora houvesse diferença no número de perguntas entre os três manuais, a forma e o conteúdo deles eram iguais. Na verdade, tratava-se de três variantes de um mesmo modelo. Os aspectos metodológicos e didáticos não estavam bem definidos nos programas e nos conteúdos dos manuais, o ponto fundamental era assegurar a doutrina cristã através da repetição e da memorização das verdades da fé. (PASSOS, 1999, p. 45-46)

Esse tipo de estruturação dificultava a aprendizagem pelo distanciamento entre as verdades ensinadas e a experiência de vida entre catequistas e catequizandos. A discussão acerca dos novos métodos pedagógicos já era ponto pacífico no meio católico, que estava preocupado em capacitar os professores para adequarem-se à nova realidade educacional e articulá-la ao ensino religioso.

A proposta pedagógica de Álvaro Negromonte contribuiu, significativamente, com as discussões acerca da temática. A **Pedagogia do Catecismo**, segundo livro publicado pelo padre, que se tornou, posteriormente, parte da coleção de catecismos Álvaro Negromonte destinado ao Curso Normal, foi publicado pela Editora Vozes, em 1936. Precedida pelo **O Caminho da Vida**<sup>93</sup>, essa obra se constituiu um guia de orientação prática para o ensino de catecismo, que aborda, de forma clara e concisa, a finalidade do ensino, o papel da catequista, os temas fundamentais para o aluno, mas, sobretudo, os métodos a serem utilizados nas aulas, estabelecendo com isso as diretrizes

---

<sup>93</sup> Publicado em 1937, este texto, inicialmente doutrinário sofreu reformulação para a sua re-edição sendo adaptado para a quarta série ginasial.

para os outros volumes da coleção. Por se tratar de uma espécie de diretriz a partir da qual os outros manuais serão pensados e escritos, debruçei-me sobre esta obra com um pouco mais de minuciosidade a fim de buscar as bases da pedagogia catequética proposta pelo autor em uma esfera mais ampla.

Produzida em um contexto de reformas educacionais empreendidas por educadores comprometidos com os ideais da Escola Nova, em que pesem as especificidades de cada reforma, trazia a proposta de uma educação pautada no método ativo, ponto de convergência em todas elas. O diálogo com a Psicologia e a tese de que a aprendizagem ocorria de fato através de situações concretas e dinâmicas trouxe a lume um conjunto de mudanças de ordem metodológicas e conceituais que sugeriam programas pautados na atividade como método de ensino e os jogos, os exercícios físicos, as excursões, as visitas a museus e uma série de outras atividades, como recursos didáticos e auxiliares de ensino indispensáveis para a aprendizagem efetiva e, conseqüentemente, para o êxito da escola moderna. A estratégia utilizada pelos “pioneiros”, de reforçar essa imagem cinética da educação para demarcar as fronteiras com o ensino denominado tradicional, não encontrou êxito na prática pedagógica proposta pelo autor da **Pedagogia do Catecismo**.

A proposta pedagógica de Negromonte estava atenta a todas essas discussões e aos resultados que vinham sendo produzidos no campo da Psicologia da Educação. Em face à eficiência dos novos métodos, o padre não se absteve de inseri-los na sua Pedagogia, assim como não se absteve de fazer a sua leitura das Escolas Novas, traduzindo-as, neste modelo proposto, para as aulas de religião, mais adequadas às circunstâncias modernas que envolviam a sociedade brasileira no final da década de 30, do século XX. O projeto catequético modernizador do padre Negromonte associa tradição e modernidade como elementos fundamentais para o sucesso da proposta. A tradição é a responsável por manter a raiz, os princípios que caracterizam a base do ensino religioso e, a modernidade, por adequá-los às necessidades da sociedade vigente.

Como, portanto, estabelecer um diálogo, entre essas duas instâncias, em uma sociedade que se organizava sob o paradigma do novo, sobretudo um novo como símbolo de progresso e civilização? Peter Burke nos oferece alguns elementos importantes para se pensar um pouco sobre essa questão. Na perspectiva que envolve esse trabalho, o primeiro ponto seria considerar que “muitas vezes o que acontece é menos invenção do que reconstrução de uma tradição” (BURKE, 2006, p. 22).

Não obstante se falar muito em Escolas Novas e seus pressupostos educacionais, essa nova proposta pedagógica foi instaurada no cenário internacional desde o século XVII, com Comenius; o século XVIII, retomou essa discussão; O século XIX, reforçou-a, sobretudo, pelos profissionais da Psicologia, e o século XX, fez sua leitura e apropriação desses debates, inserindo-o na temporalidade atual.

No Brasil, a leitura histórica do movimento educacional da década de 30 do século XX, merece a lembrança de que muitas das práticas educacionais propostas pelos educadores dessa época já vinham sendo utilizadas pelos imigrantes e protestantes desde o século XIX, a quem faltava poder político, capital social relevante e um conjunto de condições favoráveis, dentre elas o próprio interesse desses grupos em disseminar suas idéias e práticas educativas, já que suas preocupações estavam voltadas para a educação e preservação da sua própria cultura<sup>94</sup>.

A leitura das novas técnicas educacionais pelos educadores brasileiros do século XX visava contribuir para o desenvolvimento de uma nova sociedade republicana, ancorada nos padrões civilizatórios europeus, que tinha o higienismo como preocupação central para sanar as mazelas que assolavam a vida urbana, preocupação que já norteava os debates entre médicos e engenheiros desde o dezenove<sup>95</sup>. A novidade estava em fazer uma leitura de uma perspectiva educacional que se constituiu em uma tradição no pensamento pedagógico europeu e norte-americano desde o século XIX, e que se transformou em um símbolo da modernidade. As discussões sobre educação no cenário internacional não apontavam para a dicotomia tradição x modernidade. Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, com todas as ressalvas para a singularidade das várias propostas de modelos educacionais, parecia haver um consenso sobre o êxito de uma pedagogia voltada para a observação, investigação, para a experiência pessoal do aluno com as situações de ensino e aprendizagem, que o faziam protagonista desse processo e asseguravam o seu interesse e envolvimento com as práticas escolares.

A questão que se colocava era: como fazer essa leitura sem perder de vista os elementos da tradição cultural brasileira? E, para isso, é preciso lembrar que a cultura brasileira sempre esteve impregnada de catolicidade, o que impulsionou o grupo ao

---

<sup>94</sup> No caso singular da preceptoria, prática que evidencia um certo acultramento da família pela cultura da preceptora, o trabalho era encomendado e as práticas pedagógicas empreendidas eram as que a preceptora conhecia, não se constituindo, por parte desta, nenhum tipo de política de aculturação. Sobre a preceptoria, consultar Albuquerque (2005).

<sup>95</sup> A presença de médicos e engenheiros, nos debates educacionais, pode ser vista na Associação Brasileira de Educação, desde a sua fundação, em 1924.

novo rumo que seguia a educação no país. A presença do grupo católico nesse debate aponta para duas perspectivas: a possibilidade de diálogo entre tradição cultural e a modernidade, uma vez que o discurso da intelectualidade católica não condenava a modernidade, nem rechaçava os símbolos do progresso, desde que estes não desorganizassem a ordem estabelecida. A segunda perspectiva faz parte de uma discussão proposta por Peter Burke em uma conferência sobre **Cultura, Tradição e Educação**, realizada em 2006, no Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, na qual ele aponta, pelo menos, dois movimentos relacionados à tradição que interessam a este trabalho: o primeiro afirma que “a ilusão de continuidade pode esconder inovações e rupturas”, o que ilustra bem o papel da Igreja no Brasil ao participar dos debates acerca do novo modelo de Pedagogia; O segundo movimento diz respeito a uma tradição de inovações, que se caracteriza pelo conjunto de reformas e revoluções em busca do novo, alastrando-se em tal proporção que acaba originando uma tradição, a tradição da busca por algo novo<sup>96</sup>.

Em relação ao primeiro movimento, vê-se a Igreja Católica não só participando dos debates educacionais acerca da Nova Pedagogia e das escolas Novas como também utilizando largamente as novas técnicas educacionais nas escolas, nas paróquias e nos impressos. A mudança de foco nas aulas de catecismo e no material pedagógico dessas aulas por um agente do corpo eclesiástico considerado por quem o conheceu como um sujeito conservador aponta para inovações e rupturas de uma instituição que não são percebidas nem evidenciadas por estarem inseridas nos limites de uma tradição. As práticas eclesiásticas só são percebidas na ilusão da continuidade. A renovação educacional do país aparece na historiografia da educação brasileira como uma apropriação das idéias pedagógicas norte-americanas e européias, uma inovação carregada da representação de progresso e civilização, mas, a indagação sobre sua origem de forma atrelada à idéia de inovação não seria, de forma alguma, impertinente. E poderia, ainda, indicar essa inovação no campo educacional brasileiro como fruto de uma tradição constituída que não se percebe como tal. O conceito de tradição se mostra mais largo do que vem sendo caracterizado na história e deve, por isso, ser ampliado e percebido na multiplicidade de fatores que o constitui.

---

<sup>96</sup> Sobre essa questão, Burke (2006) cita um exemplo no campo das Artes Plásticas, bastante ilustrativo. Ele toma a cidade de Florença como ponto de observação, na época da Renascença e as seqüências de inovações artísticas entre várias gerações de mestres que um dia já haviam sido aprendizes, mas que aprenderam a fazer novidades (nesse ponto, o próprio Burke se questiona sobre a forma como se deu essa aprendizagem).

No caso do grupo católico, até que ponto a caracterização desse grupo de forma relacionada à tradição no sentido mais estrito do termo é pertinente? Se, por um lado, o fluxo da história remete a pensar em tal grupo como representante e defensor de uma sólida tradição, por outro lado, não seria menos tradicional se aderisse por completo à nova tradição, que se constituiu símbolo de progresso e modernidade e que se auto-representou como o caminho mais adequado para o desenvolvimento do processo civilizador. O que recai no segundo movimento proposto por Burke. A tradição adquiriu, ao longo dos tempos, os contornos próprios da época, que não permite pensar no conceito como simples e pura transmissão de saberes sob as mesmas formas rígidas. Sob os signos culturais que fundamentam uma sociedade, a educação assume a função de transmissão da cultura, o que torna o conceito de tradição fundamental para a compreensão dos processos vividos pelos homens. Como os processos sociais não ocorrem dentro de estruturas rígidas, para a efetiva contribuição do conceito, é necessário que este adote a mesma flexibilidade. Conforme Burke,

precisamos do conceito de tradição, mas não do conceito tradicional de tradição, isto é, da transmissão de uma mensagem (num sentido amplo da palavra) sem mudanças. Depois da descoberta da importância da recepção livre e criativa precisamos de um conceito de tradição mais flexível, mais fluido [...] A tradição consegue incorporar novas experiências. Porém, além de um certo ponto, a ordem cultural não pode incorporar mais nada sem mudar ela mesma. Essa relação dialética entre estrutura e novidade, ou, podemos dizer, entre ordem e progresso, pode servir ao menos como um ponto de embarque para repensar as noções de tradição, de cultura e de educação. (2006, p. 22)

Posta a necessidade de se utilizar os conceitos, tendo em vista a flexibilidade que os mesmos assumem diante dos objetos que lhe confrontam, este trabalho compreende o conjunto de práticas dos católicos como estratégias de um grupo que consegue se adaptar às necessidades que vão se tornando imperativas na vida social, e se renova diante delas sem perder de vista os elementos da tradição que o compõem.

Do ponto de vista histórico, o catecismo vinha sendo ensinado de maneira isolada e conteudista, ocasionando um forte desinteresse e, conseqüentemente, um afastamento maciço das crianças. O padre Álvaro Negromonte, convencido de que a pedagogia ativa era a mais eficiente, desconstruiu a estrutura anterior das aulas de religião e propôs uma inversão metodológica baseada nos princípios da Escola Nova, com ênfase na psicologia experimental, introduzindo assim, um movimento de renovação catequética no interior da

Igreja. Na falta de livros que orientassem os professores nessa direção, o padre assumiu a responsabilidade de publicar uma coleção didática para cada série escolar, estimulando a administração de pequenas porções da doutrina católica desde a infância até a juventude. Dessa forma, adotou, para as aulas de catecismo, uma estrutura desenvolvida sistematicamente com base em um programa organizado, que põe a criança no centro do seu interesse e atenta para as suas motivações e capacidades.

Na análise da obra em questão, embora tenha comparado os padrões materiais das edições publicadas pela Editora Vozes e pela Editora José Olympio, do ponto de vista do conteúdo, restrinjo-me a analisar o exemplar publicado pela Editora Vozes, na sua segunda edição em 1940, por ser anterior e conter informações primárias, que são suprimidas pela edição da José Olympio<sup>97</sup>. Ambas as edições mantêm, praticamente, o mesmo texto. Entretanto, a terceira edição da **Pedagogia do Catecismo**, publicada pela José Olympio, foi revista e atualizada por levar em conta, segundo o próprio autor, “a melhora da situação catequética no Brasil nos doze anos decorridos da composição deste livro” (1950, p. 13).

A análise de conteúdo é o subsídio para verificar a aproximação do padre com os preceitos da Escola Nova e como se deu essa apropriação no ensino religioso. A partir da perspectiva de Franco (2003), analisar o conteúdo implica situar a pesquisa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação, adotando a mensagem apenas como o ponto de partida. Nesse caso, uma vez que o autor da coleção a escreve sob o influxo da Escola Nova européia, o elemento norteador da leitura é a proposta metodológica e a forma como se dá a apropriação das propostas escolanovistas pela Igreja Católica.

A primeira reação católica, em relação ao ensino de catecismo, segundo D. Antônio, prefaciador da obra e então Arcebispo de Belo Horizonte, data de 1928, ocasião em que ocorreu o 1º Congresso Catequístico, realizado em Belo Horizonte. Desde então, a memória da criança deixou de ser o alvo que se pretendia atingir através das palavras simplesmente decoradas, o novo alvo passou a ser a inteligência, meio mais eficiente para tocar o coração destas crianças, impregnando-o de Jesus Cristo. Para tanto, o método indutivo foi eleito, por ser o mesmo utilizado por Jesus, aproveitando os métodos histórico, litúrgico e evangélico.

Segundo o Arcebispo, no seu aval à obra, o ensino deve ser adaptado à linguagem da criança. O excesso de devotamento é danoso, pois esta não é capaz de

---

<sup>97</sup> O programa destinado ao ensino primário, de autoria de Maria Luísa de Almeida Cunha é retirado da edição da José Olympio. Tal programa tem a força de uma diretriz expressa na recomendação do padre para que as professoras não se desviassem dele. Ver cópia do programa no anexo XVIII.



abstrair os ensinamentos que lhe são ministrados, tornando o ensino catequético falho em sua raiz, impotente para esclarecer-lhe a inteligência e impregnar-lhe a vida. Há uma necessidade de se renovar os métodos utilizados no ensino religioso. Tal ação é empreendida pelo padre Negromonte, em um momento propício, no qual a Igreja estava perdendo espaço para o protestantismo e outras seitas religiosas que vinham se instaurando com relativa competência no território brasileiro, ameaçando com isso, a hegemonia católica. Segundo Bourdieu, a necessidade de se impor no campo, defendendo o instinto de preservação, é refletida na aceleração da produção de escritos canônicos e, normalmente, dá-se quando o conteúdo da tradição encontra-se ameaçado. “O breviário, o livro de sermões ou o catecismo desempenham ao mesmo tempo o papel de um receituário e de um resguardo, estando, portanto, destinados a assegurar a economia da improvisação e a impedi-la” (BOURDIEU, 2005, p. 69).

Nesse sentido, a Pedagogia do Catecismo é sistematizada em três capítulos, que se desdobram: na finalidade do catecismo, na pessoa do catequista e nos meios empregados para alcançar esse fim, no qual ele aborda, de forma mais minuciosa, os métodos sugeridos para cada lição e faixa etária. As orientações do padre Álvaro têm a força de uma diretriz, pela posição reconhecida e legítima que este ocupa no campo religioso. Nesse sentido, Bourdieu (2005) afirma que é a crença que se deposita no corpo de especialistas que confere a estes a capa de um manto sagrado. É essa crença que consagra os agentes e as práticas instituídas na esfera do sagrado. A racionalização, a sistematização e a banalização do conhecimento, assim como a manutenção do desconhecido, em alguns casos, é o seu atestado de legitimidade e constituem as condições fundamentais do funcionamento de uma burocracia da gestão dos bens de salvação. Negromonte, ao compor a coleção, subscreve-se nesse corpo de agentes especialistas, sua autoridade é legitimada, o que torna suas diretrizes, praticamente, uma ordenança.

O primeiro capítulo da **Pedagogia do Catecismo** trata, fundamentalmente, da necessidade de se ensinar o catecismo nos vários ambientes da sociedade, para corrigir os desvios trazidos pela modernidade. A escola é ambiente no qual mais forte se sente a crítica do padre pela ausência do ensino religioso

Onde a escola é sem Deus o alfabeto é arma de Satanás para a proliferação do crime. A imensa maioria dos criminosos norte-americanos é de homens instruídos, tendo grande parte saído de escolas superiores e universidades. Entre nós, apesar do grande número de analfabetos não são eles que

forneem o maior número de criminosos. A escola sem catecismo falhou. É uma sementeira do mal (NEGROMONTE, 1940, p. 20)

O laicismo era considerado o falso remédio dos educadores leigos, os quais, ao verem a decadência moral alastrar-se, apesar da multiplicação das escolas, tentaram corrigir o problema, ainda desassociado de Deus. A criação da disciplina de “Moral e Cívica” foi uma das medidas implantadas, no sentido de resolver essa questão. O fracasso dessa iniciativa, de desassociar a escola do ensino religioso, é ilustrado, pela Igreja, no antipatriotismo refletido na presença e no movimento comunista, no envolvimento de crianças com os vícios e a criminalidade. Para Negromonte, a criminalidade teve seu agravante nos casos que envolveram meninos e meninas, para ele um reforço da co-educação. A instrução, aliada à educação religiosa, é a receita prescrita pelo padre para garantir a formação integral do indivíduo e resolver os problemas da sociedade. Essa prescrição justifica não só a necessidade, mas a importância da obra em questão. A máxima de Pio X, na Encíclica *Acerbo Nimis* (1905), “é necessário que haja catecismo e que o haja de forma organizada e eficiente”, legitima a iniciativa de introduzir no ensino religioso uma nova roupagem para que este ocupe um novo espaço na sociedade, a começar da formação moral dos indivíduos.

A vida social, para Negromonte, está completamente imbricada no indivíduo e, ao mesmo tempo que o forma, é formado por ela. Essa premissa do padre encontra respaldo na obra de Norbert Elias (1994), que defende que indivíduo e sociedade formam-se concomitantemente em uma rede de interdependência tal, que não se sabe onde começa e termina um ou outro. Segundo ele,

Do mesmo modo, as idéias, convicções, afetos, necessidades e traços de caráter produzem-se no indivíduo mediante a interação com os outros, como coisas que compõem seu ‘eu’ mais pessoal e nas quais se expressa, justamente por essa razão, a rede de relações de que ele emergiu e na qual penetra. E dessa maneira, esse eu, essa essência pessoal, forma-se num entrelaçamento contínuo de necessidades, num desejo de realizações constantes, numa alternância de dar e receber. É a ordem desse entrelaçamento incessante e sem começo que determina a natureza e a forma de sua solidão, até o que ele sente como sua ‘vida íntima’, traz a marca da história de seus relacionamentos, da estrutura da rede humana em que, como um de seus pontos nodais, ele se desenvolve e vive como indivíduo (ELIAS, 1994, p. 36).

A pedagogia catequética de Negromonte não se assemelha com a clássica pedagogia de Rousseau, por não conceber a bondade natural, em razão do pecado original, e por entender que a educação é um processo que não se realiza desvinculado da vida. As vivências pessoais são importantes auxiliares no processo ensino-aprendizagem e possibilitam o aprendizado, a partir do concreto para o abstrato, como recomenda os preceitos das escolas novas. Todo o processo formativo catequético em questão tem em vista a construção de um indivíduo que como tal, seu fim maior é a salvação eterna; mas, como parte de uma sociedade é um construto para intervir no coletivo através da sua singularidade. Para o padre, indivíduos fortes gerariam uma sociedade forte, na qual se pretendia uma maior coesão católica. Todas as suas diretrizes seguem no sentido de formar esse indivíduo e, conseqüente e concomitantemente, essa sociedade.

A formação moral tem papel fundamental no catecismo e deve começar a partir da formação da vontade da criança, através da formação de convicções com raízes profundas e sólidas na inteligência. Além da formação de um sentimento forte, enérgico, capaz de orientar e corrigir as paixões. A educação deve ser pessoal e, ao educando, cabe a ação, ir conhecendo o seu dever, colhendo os meios da vitória, proporcionando os esforços, com a impressão de que está agindo por si mesmo para poder continuar a agir bem quando não tiver mais a assistência do educador. A proposta do padre Negromonte defende que os motivos inferiores mais próximos do educando servem de degraus para se chegar aos superiores e está assentada na educação funcional, proposta por Claparède (1973), pautada em motivos que conduzem a uma função específica, o processo educativo.

A consciência é considerada, pela Igreja, a base mais segura da vida cristã. Internamente, ela representa a própria voz de Deus, mas sofre as influências do sujeito e está propícia aos vícios que este lhe impõe. Daí a necessidade de moldá-la e impregná-la com os valores prescritos pela Igreja. Essa formação pode e deve seguir por dois caminhos: o primeiro, através do conhecimento de alguns meios naturais, como: o cumprimento dos deveres, a convivência com boas pessoas, pelo conhecimento de si mesmo, pelo amor à tranqüilidade; o segundo caminho complementa o primeiro e soma a este os meios sobrenaturais: como a estimulação do desejo de fazer em tudo a vontade de Deus, por isso a necessidade de cumprir as ordenanças da Igreja e a consciência do estado de graça que deve se ter em vista, no

ensino religioso, ou seja, a convicção da filiação divina e, portanto, da necessidade de se viver de forma regrada por esse parâmetro sagrado.

Estimar e cuidar da manutenção da graça é ter uma vida cristã que a catequista deve fazer crescer de acordo com a idade dos alunos. Para maiores efeitos, é importante que ao invés de se enfatizar a fuga do pecado, incentive-se o amor, a dignidade do cristão. É uma educação positiva. As crianças devem ser formadas no espírito de educar apóstolos. Para Negromonte, este é o maior sentido do catecismo. O individualismo é oposto ao catolicismo. Para apegar as crianças à Igreja, nada melhor do que comprometê-las nas obras católicas em um processo gradativo, mas que lhe servirão de estímulo para continuar o seu apostolado<sup>98</sup>.

O segundo capítulo é destinado ao catequista, sua formação, seu trabalho, suas responsabilidades. A catequista, como ele se refere<sup>99</sup>, deve ensinar o catecismo às crianças em uma linguagem apropriada. Para isso, é necessária uma preparação maior, assim como o emprego de métodos modernos mais aperfeiçoados, a fim de não se ficar em condições de inferioridade. Sendo algo ilusório esperar no catecismo paroquial a maioria das crianças da paróquia, o ensino religioso nas escolas se faz muito mais proveitoso e a função da catequista é associada à da professora que, além de ser professora, deve, segundo o padre, ser professora catequista em qualquer lugar, já que o catolicismo não é uma doutrina que se pretende viver apenas na paróquia, mas nos diferentes e vários lugares da sociedade. O padre reclama para os cursos normais um processo concomitante de formação da catequista. “A cadeira de metodologia do catecismo deve fazer parte do programa, a fim de adestrar as moças na teoria e na prática do ensino religioso” (NEGROMONTE, 1940, p. 80).

A sistematização do ensino religioso conta com as sugestões do padre em relação aos programas e aos métodos. É sugerido que os programas sejam organizados seqüenciados, desde o jardim de infância ao colégio; proporcional ao número de aulas do ano escolar, desembaraçados da preocupação de ensinar toda a teologia no ginásio. Os métodos devem associar o eterno com o novo e fazer uso dos modernos processos de

---

<sup>98</sup> O apostolado é uma missão de todos os fiéis e consiste em arregimentar o maior número de discípulos para a Igreja. Educa-se o indivíduo para que ele interaja na sociedade aumentando as forças do catolicismo.

<sup>99</sup> A justificativa para tal referência consiste em duas razões, ditas pelo próprio autor: a primeira não ter visto catequistas homens e, a segunda razão, prestar uma homenagem às mulheres que se dedicam a esse trabalho. Esse engessamento à função do catequista, em relação ao sexo feminino, reforça o papel da mulher como mãe, responsável pela educação dos filhos, por conduzi-los pelo melhor caminho e fazer deles bons cidadãos, fiéis a Deus e à Igreja.

ensino que consistem, basicamente, em ensinar fazendo viver a doutrina. O método ativo transforma-se em um aliado, não permitindo aos programas o desnivelamento, encerrando no ano o que ele comporta, evitando, assim, repetições demasiadas que se tornam cansativas. O ensino religioso deve ter a mesma importância de qualquer outra disciplina. As professoras, formadas pelo curso normal, têm a obrigação de ensinar o catecismo. Não obstante, essa não é uma responsabilidade única. Qualquer pessoa pode exercer essa atividade. Entretanto, é imperativo que, independente de quem quer que seja, a catequista tenha um bom conhecimento da doutrina católica, uma boa vida cristã e um bom aparelhamento pedagógico. Por conhecimento da doutrina compreende-se saber o catecismo, tendo como base o Segundo Catecismo (edição oficial dos bispos do Brasil), com a segurança que lhe permita maior articulação de atividades sem perder de foco o contexto da aula e sem se tornar cansativa; conhecer a vida cristã para as aplicações práticas do Catecismo à vida, sendo capaz de articular teoria e prática.

Considerando o catecismo como uma ação que visa o sobrenatural, não basta somente o investimento nos meios humanos. Uma boa professora pode não ser uma boa catequista. A santidade de vida, o espírito sobrenatural, uma sólida e verdadeira piedade são elementos fundamentais para o êxito da catequista. A Pedagogia do exemplo é preconizada pelo padre, na exigência imanente que se faz da força do exemplo, ou seja, da catequista viver aquilo que ensina. Seu trabalho e sua vida estão diante de observadores perspicazes.

Seus observadores olham, ouvem, refletem, concluem. E, quando concluem, são terrivelmente lógicos. Um menino de três anos, instado pela mãe para rezar à noite, manda à maninha que vá ela rezar, ele não irá porque, explica textualmente, 'homem não reza, quem reza é a mulher: papai não reza'. Surpreendente exemplo de observação e lógica. (NEGROMONTE, 1940, p. 116)

As crianças não só observam como imitam àqueles que lhes servem como referenciais; em geral, os pais, os mestres, os heróis. Segundo Claparède, a imitação tem suas benfeitorias: “quando crianças, imitamos tudo sem compreender e, graças a essa imitação, aprendemos a compreender” (CLAPARÈDE *apud* NEGROMONTE, 1940, p. 115). A força do exemplo tem em vista não permitir que o discurso da catequista não corresponda a sua prática. A eloquência necessária para o seu desempenho em sala vem da força de uma vida verdadeiramente cristã. Tais doutrinas e exigências estimulam um

processo de auto-regulação também nas professoras, que não devem só ensinar os seus alunos a regularem e controlarem suas pulsões; antes de qualquer coisa, devem controlar a si mesmas, as suas próprias paixões e regularem suas vidas pelo código comportamental que ensinam. Seus maiores reguladores externos não seriam os padres, distantes da sua realidade em sala, mas seus alunos, presentes constantemente no seu cotidiano. Segundo Elias (1994), o controle dos impulsos, sejam estes afetivos ou ações cotidianas como a fala, o tratamento, o comportar-se ou o simples modo de se vestir traduz-se em um refinamento de *habitus* que consiste no motor da civilização, o qual é almejado pela Igreja como uma configuração católica. Para Negromonte, o regulamento da vida serve para metodizar a existência, disciplinar a vontade e, conseqüentemente, sobrenaturalizar os atos. A meditação, o exame de consciência, a leitura espiritual, a confissão freqüente, a comunhão e a missa são práticas que acentuam a formação desse *habitus*.

O terceiro capítulo compreende quase dois terços da obra. O método é a chave da sua proposta renovadora. Essa inversão metodológica, influenciada pelas pedagogias ativas, é a base da renovação catequética. Tal inovação tem em vista o aumento da freqüência nas aulas de catecismos, através de um ensino mais atrativo e interessante, adaptado à linguagem da criança e às suas motivações. Para estas, o método e os recursos se constituem nos maiores atrativos para despertar, segundo o próprio Negromonte, a “expressão consagrada de Herbart: o interesse imediato. E tudo o mais virá como acréscimo” (NEGROMONTE, 1940, p. 144-145).

Conquistada a freqüência, a garantia da sua manutenção é a próxima preocupação. A atenção é um ponto vital para o aproveitamento dos alunos. De acordo com Negromonte (1940), a apreensão, a penetração, a análise, a estabilidade e fixação, a consciência e o rendimento estão proporcionados ao emprego da atenção. Crianças com sete anos, ou menos, não se interessam por abstrações; elas querem ver, ouvir, pegar. É uma fase espontânea e momentânea que deve ser despertada com um estímulo exterior. Nem mesmo os brinquedos seguram a sua atenção por muito tempo. E, se o professor não compreender isso e se adaptar, sua ação será completamente perdida. Os recursos didáticos, grandes auxiliares da catequista, são indispensáveis e não devem ser economizados. No ensino intuitivo, o que é possível mostrar, não se descreve, mostra-se. O caderno de lições deverá ter, em seu conteúdo, cada plano de aulas, assim como o recurso utilizado e as eventualidades que ocorrerem nas aulas devem ser registradas. Posteriormente, esses cadernos poderão ser considerados um curso completo de

catequese, que embora não tenha a função de suprir a preparação da próxima aula, facilitará muito o trabalho da catequista.

A conquista da atenção do aluno pode surgir de motivações interiores, unidas à satisfação das tendências naturais que têm em vista a satisfação imediata. Os jogos, tão valorizados pelos educadores escolanovistas, é estimulado na educação catequética e têm aqui um importante papel funcional. O conceito de esforço, uma das tônicas da Psicologia e das Pedagogias Ativas, encontra mais uma vez respaldo na teoria de Claparède, que o associa ao interesse. Esse interesse deve ser orientado e conduzido sem o estigma da força. A formação da vontade, desde os primeiros dias, respeitando a capacidade infantil, ao ser estimulada resulta em um esforço que vai crescendo com a idade.

A disciplina, ponto fundamental para os educadores católicos de uma forma geral, contestada pelos escolanovistas leigos, deve ser trabalhada a partir da compreensão dos regulamentos, das ordens, das proibições, porque só se pode amar aquilo que se compreende. As sanções mostram, por fatos concretos, através de recompensas (prêmios) ou punições (castigos), o que é bom ou mau, encorajando no cumprimento do dever e auxiliando na correção dos defeitos com a mesma objetividade formativa, o que lembra a teoria behaviorista do estímulo/resposta e do reforço positivo.

As aulas de catecismo devem assemelhar-se às aulas das outras disciplinas, utilizando, portanto, os métodos mais racionais. O puro intelectualismo se constitui no maior erro metodológico. “A orientação geral hoje é para a indução: ir do conhecido para o desconhecido, do sensível para o espiritual, do concreto para o abstrato, do particular para o geral, de baixo para cima” (NEGROMONTE, 1940, p. 190). Ambos os métodos, aplicados ao Catecismo, criaram o “Método de S. Sulpício”, dedutivo e o “Método de Munich”, indutivo, também chamado de Método Psicológico. A este último estão ligados todos aqueles que defendem o ensino religioso de acordo com os avanços da Pedagogia Moderna e não se abstêm da influência de outros métodos modernos como os centros de interesse de Decroly, o método de projetos de Montessori, a educação funcional de Claparède.

Estão todos os processos modernos filiados ao método indutivo, que seguimos e explanamos aqui [...] Afastados os erros, corrigidos os exageros, advertida a catequista do plano sobrenatural em que nos movemos, tudo o

que a moderna pedagogia tem produzido e ainda produza deve ser aproveitado no Catecismo. (NEGROMONTE, 1940, p.191)

Dentre os recursos pedagógicos recomendados figuram os quadros murais, os álbuns, as projeções luminosas, o quadro-negro, mapas, dísticos. Todos esses recursos possuem um valor pedagógico conhecido por todas as professoras. O que se precisa é aplicá-los ao catecismo. A confecção dos álbuns, pela própria criança, é a melhor forma de tirar proveito desse material. Suscitado o interesse, despertado o entusiasmo, a catequista deve fazer com que as crianças façam os seus álbuns. Elas próprias trabalharão, orientadas e dirigidas, e confeccionarão e encadernarão o livro. A escolha motivada dos santinhos já é um trabalho de estética e religião. Além disso, doar um santinho educa para o desprendimento, importante no combate ao egoísmo.

Outros auxiliares de ensino são de fundamental importância. Os museus têm um grande valor, não apenas instrutivo, mas educativo. Não só o museu de classe, mas o da escola tem uma função extra-aula que permite à criança, ao visitá-lo, aprender, relembrar, completar seus conhecimentos. O cuidado na organização do museu e a devida catalogação permitem à criança aprender sem o auxílio da professora. Nessa perspectiva, Negromonte faz alusão a um museu catequético, organizado nas cidades maiores, e que servisse de centro de apoio e reciclagem para as catequistas. Eis uma prática de circulação do conhecimento no campo da Pedagogia, apropriada pelo padre e transportada para o âmbito da Igreja com muita naturalidade.

Relembrando ainda Everardo Backheuser, o padre defende as excursões como “uma viagem de estudos” (BACKHEUSER *apud* NEGROMONTE, 1940, p. 208), um auxiliar de ensino excelente para o catequista. Os deveres escritos também têm sua função, como nas outras disciplinas, e não devem ser desconsiderados. Não obstante, os jogos são recursos, de igual maneira, interessantes; são elementos de atividade e fazem com que a criança ame a escola porque aprende brincando. O trabalho do catequista é o de escolher o jogo, segundo a idade da criança, assim como adaptá-los a lição que está sendo ensinada. Sobre os melhores estudos a respeito dos jogos, Negromonte faz referência ao texto de Claparède, **Psicologia da Criança**; o capítulo de Aguayo, na **Didática da Escola Nova**, o qual, segundo ele, é ainda melhor que o de Claparède por ser mais rápido e mais simples e o texto de Lourenço Filho, **Princípios Gerais de Educação**. Cita, ainda, outras referências de autores católicos, sobretudo franceses, a respeito do jogo no catecismo como necessidade da criança.



Os trabalhos manuais, tão estimulados na Escola Nova, devem ser também nas aulas de catecismo. As dramatizações se constituem em um dos mais interessantes recursos da escola renovada. Ela possibilita que a criança exteriorize os sentimentos que a aula lhe impregnou. O controle do conhecimento dos alunos serve de referência para a catequista. Nesse caso, só a observação pouco oferece de subsídios. Assim, as perguntas, os exames, os certames<sup>100</sup> e os testes são apontados, pelo padre, como os melhores indicadores do conhecimento do aluno.

A música, objeto que vem sendo estudado com mais fôlego na perspectiva da História Cultural<sup>101</sup>, pela influência na formação estética do indivíduo, não passa ao largo das diretrizes do padre. O refinamento estético conduz para a elevação da alma. Os mais nobres doutores da Igreja se ocuparam de compor hinos, cheios de unção, para tocar os corações, assim como de doutrina para ensinar as verdades. O canto comove com mais facilidade. Dessa forma, deve ser ensinado, sem dúvida, nas aulas de catecismo, já que também é um ótimo exercício de fixação. A força disciplinadora do canto não deve ser desconsiderada. A necessidade de ordem, da uniformidade, das entradas a tempo (forçando a atenção), do esforço da memória, faz do canto um auxiliar de primeira ordem na formação da criança. O ensino da oração se constitui no primeiro cuidado da catequista. Não basta, portanto, ensinar o que é oração, dizer como se reza e quando. É preciso acostumar a rezar, criar um hábito, fazer da oração uma necessidade do cristão. Deve se constituir em uma prática, uma atividade permanente de forma que a busca por Deus seja um hábito natural. Esse processo visa à formação de um sujeito educado ao ponto de, ao estar em estado de liberdade, ou longe do controle institucional ele seja capaz de reproduzir, ainda assim, os seus ensinamentos por estarem introjetados nele de forma que lhe pareça tão natural, que não seria possível agir de outra forma. Entretanto, o padre articula a força do hábito sempre ao cumprimento do dogma e não

---

<sup>100</sup> Tipo de controle do conhecimento muito utilizado na Europa, desde o século XVI que consistia em uma competição de conhecimentos catequéticos. Geralmente começa nas paróquias até atingir o vulto nacional. Os vencedores vão a disputa final na capital do país. Segundo Negromonte esses exames obrigam a estudos e interesses que elevam o seu valor além de simples apuração de conhecimentos. no Brasil teve um forte estímulo do padre quando foi Diretor de Ensino Religioso no Rio de Janeiro, o qual proporcionou suas “Maratonas Catequéticas em todo o país nas quais os vencedores iam ao Rio de Janeiro para a etapa final.

<sup>101</sup> Segundo Clarice Nunes (1992), a música juntamente com a arquitetura escolar e as bibliotecas no início do XX, se constituíram, por sua potencialidade disciplinar, em iniciativas largamente utilizadas na obra de desbravamento moral e intelectual que a geração dos educadores reformadores acreditava realizar. Esse construto social passou a ser revisitado pelos historiadores da educação brasileira do final da década de 80 sob novas lentes que revelaram a possibilidade de uma outra leitura dessa história, a partir do que a própria Clarice Nunes chama de “uma nova abordagem de velhos objetos”.

faz menção ao estado de liberdade, não o cogita. A educação modela para a obediência a Deus e para o serviço da Igreja, mas não tem uma finalidade, ainda que especulativa, da liberdade kantiana ilustrada na pedagogia protestante. A confissão é outro meio empregado para a formação do *habitus*, com um domínio mais amplo. A força educativa desta consiste nas ações a que se obriga o penitente. O exame de consciência força a um exercício de auto-regulação que acostuma a criança a julgar-se pelos padrões morais que lhe foram ensinados e obriga-a a reconhecer não só os erros exteriores cometidos, mas até as “maldades e desvios de espírito” (NEGROMONTE, 1940, p. 250).

A representação de Jesus Cristo se constitui uma das mais fortes idéias da moderna pedagogia religiosa. Segundo o padre, é necessário convergir a criança para a pessoa de Jesus Cristo, porque é mais fácil amar uma pessoa do que uma idéia. A aproximação com uma pessoa remete, mais uma vez, a intenção do padre em familiarizar a lição com a realidade, de forma concreta. O amor a uma idéia remete à abstração, considerada por ele, em vários pontos da doutrina, ineficiente. Nesse sentido, o ensino do dogma deve caminhar para fazer pensar cristamente<sup>102</sup>, gerando convicções, o que assegura católicos práticos e militantes. O ensino moral vale pela prática muito mais do que pelas noções. Só têm valor moral os atos livres. A educação, nesse ponto, é para a liberdade. A criança deve escolher fazer o certo, caso contrário a educação perde o sentido. Nesse ponto, é de grande relevância o cuidado que a catequista deve ter ao ensinar a criança a usar a própria liberdade.

À Liturgia deve se aplicar o método ativo integralmente, tendo a observação como a base do ensino: assistir as cerimônias, ver os objetos (lições de coisas, desenhar, colorir ou mesmo fazer objetos litúrgicos em papel ou cartolina, dramatizar, jogar, cantar). O missal torna-se referência, por permitir ao aluno encontrar o que aprendeu no curso de religião e, por ser o material no qual o aluno deva, de modo experimental, perceber que o catolicismo é uma doutrina que se vive. As histórias, em geral, agradam profundamente às crianças, têm o poder mobilizador e suscitam decisões por si próprias, através da identificação ou não com determinados personagens. As parábolas, modo de ensinar escolhido por Jesus Cristo, têm um alto valor pedagógico pois permitem às crianças, entender a lição por si mesmas,

---

<sup>102</sup> Para o padre, fazer pensar não é mesmo que fazer saber ou decorar simplesmente. É fazer saber para amar. Há um elo de afetividade nessa relação, pois só o amor é capaz de realizar coisas espontâneas e duráveis. A verdade deve ser penetrada até o âmago para que o sujeito seja capaz de formular um juízo acerca do que ouviu como sinal da sua compreensão. Só esse tipo de inteligência esclarecida é capaz de encaminhar bem a vontade, projetando a religião e a atitude moral condizente a esta, sobre todos os atos livres do indivíduo.

não lhes sendo imposta. A História Sagrada também deve ser ensinada, sempre respeitando as etapas para as quais se ensina, não fornecendo dados que não serão assimilados por determinada faixa etária e que podem transformar a história em algo chato e desinteressante. A finalidade geral é a de esclarecer, facilitar e corroborar a doutrina. A História da Igreja também não deve se ausentar dos cursos eclesiais em geral, já que a Igreja é considerada a mais viva e sobrenatural realidade da vida de um cristão, exemplificando com fatos, não com abstrações.

O Sexto mandamento (Não pecar contra a castidade), apesar de não ser a tônica dessa obra, por esta não se referir a conteúdos específicos, recebe atenção especial porque, de acordo com autor, constitui-se em uma matéria importante e de grande tropeço. A questão da castidade é uma temática que o padre se detém em outras obras de orientação sexual. Entretanto, a título de orientação emergencial, o padre se refere a este mandamento como elemento de suma importância para a formação moral, sobretudo, por estar relacionado ao controle que o homem deve ter de si mesmo. Elias (1990) denomina esse controle de “controle das pulsões”, ou seja, a capacidade que o indivíduo tem de contrariar, vencer e dominar as suas próprias paixões. Tal processo deve ser iniciado na infância e associado à prática da virtude. Segundo o padre, as crianças mal educadas, acostumadas a fazer tudo o que querem, sem medidas, são crianças com incrível facilidade para a impureza, pois, não estando acostumadas a contrariar as outras paixões, não encontrarão forças para contrariar a paixão impura, uma vez que, a tendência sexual é a mais forte da natureza humana. As crianças devem, portanto, ser incitadas a buscar os meios naturais, através do trabalho<sup>103</sup>, do esporte, de um ambiente inocente, das boas companhias<sup>104</sup>; e sobrenaturais, através da oração, a frequência dos sacramentos, o amor a Deus e a Nossa Senhora e a estima ao estado de graça como forma de desenvolvimento saudável, longe do que poderia ser considerado uma ameaça ao pudor. Todas essas medidas servem de impulso à formação de um *habitus* religioso, um reflexo da internalização do estado de graça.

O livro **Diretrizes Catequéticas**, publicado em 1938, pela Editora Vozes, apesar de não fazer parte da coleção merece um lugar de destaque neste trabalho por se

---

<sup>103</sup> Para o padre, todas as crianças deveriam ser acostumadas a um tipo de trabalho manual para ocupar as horas vagas entre o estudo e o recreio.

<sup>104</sup> Nesse sentido, o padre ainda faz uma crítica as amizades de crianças de sexo oposto e de idades diferentes e reitera a posição da Igreja em relação à co-educação, alertando aos pais dos frutos perversos desta prática.

constituir em um documento esclarecedor do projeto editorial que resultou na produção da **Pedagogia do Catecismo**. A obra evidencia e explica as diretrizes propostas para o ensino religioso ao público fluminense e mineiro.

Do ponto de vista dos dispositivos técnicos, o texto faz a propaganda específica das obras **Pedagogia do Catecismo**, **Manual de Religião** e **Doutrina Viva**, todas publicadas pela editora Vozes, e reserva para cada volume, o espaço de uma página para o depoimento de diferentes jornais autorizando as obras. Nesse sentido, o texto **Diretrizes Catequéticas** é um documento<sup>105</sup> que emana vozes, além daquelas que aparecem no próprio texto. Como projeto editorial, pode-se afirmar que é um instrumento de propaganda que usa elementos refinados para oferecer outros produtos, do autor e da editora ao público leitor.

Tratar das motivações que levaram à composição de uma obra, a partir do discurso do próprio autor, permite extrair desta alguns elementos que não foram tão evidenciados no texto escrito, já que o discurso oral é sempre mais fluido, mais descomprometido com o termo “documento”. Por outro lado, não se pode desconsiderar que ao transformar esse discurso em texto, Negromonte tenha feito recortes, que podem ter ocorrido tanto por ele como pelo editor, em nome de um produto final mais agradável e escoreito ao leitor.

O livro **Diretrizes Catequéticas** reúne um conjunto de ensaios e discursos proferidos pelo padre. Dentre eles, os discursos de apresentação do livro **Pedagogia do Catecismo** ao professorado fluminense e mineiro. A preocupação de escrever dois discursos sobre a mesma temática revela o cuidado de Negromonte com o seu público. Em cada um, ele busca um maior estreitamento e entrosamento com os professores, estratégia bastante eficaz no mundo da comunicação. Afeito às atividades que tinham como cerne à palavra falada, como discursos, palestras, conferências, seminários, aulas, o padre entende que o interlocutor é um elemento importante do discurso, ponto que não passou ao largo da sua perspicácia e o levou a compor e publicar dois discursos diferenciados: um para o público fluminense e o outro para o mineiro sobre a mesma questão.

---

<sup>105</sup> Todos os livros da coleção são considerados, nesta pesquisa, como documentos-monumentos no sentido ampliado proposto por Jacques Le Goff (1984), um produto selecionado seja pelos historiadores ou pelas forças que operaram no desenvolvimento da humanidade em uma época histórica. Considero-os, ao mesmo tempo, um monumento que se instaurou na memória coletiva social, resultado do esforço das sociedades históricas, para impor sua imagem ao futuro, o que justifica seu caráter duradouro. Como instrumento de poder, o estudo de um documento-monumento não deve desconsiderar o conjunto das relações econômicas, políticas, sociais, culturais e espirituais que permeou a sua construção e contribuiu para erigi-lo na história.

Negromonte destaca a necessidade do ensino da doutrina cristã como elemento fundamental para o futuro religioso e social do país. Segundo Manoel (2004), a Igreja se propõe a dialogar com dois universos que compõem a história da humanidade: um material, concreto, no qual se realiza a história humana; outro abstrato, idealizado, para o qual a História deverá levar os homens. Nesse sentido,

tudo quanto o homem fez ou fará no concreto da história reflete sua opção – ou ele age conforme os preceitos católicos e isso se reflete no equilíbrio social, ou ele age contra esses preceitos e gera o caos social. O ponto nodal é a vontade humana e os atos decorrentes dela [...]. Essa constatação invalida a convicção de que a Igreja ensina a passividade. Ela ensina, ao contrário, que o homem deve agir fortemente para direcionar sua história para um final feliz, para o reencontro com Deus e não para a perdição eterna. (MANOEL, 2004, p. 20)

A proposta pedagógica de Negromonte repercutiu, em todo o Brasil, com vistas a colaborar com o desenvolvimento da nação e ultrapassou as fronteiras do tempo na história. Na reunião dos Bispos, que culminou no Diretório Geral para a Catequese (1988), o espaço reservado à memória de Álvaro Negromonte aponta para o êxito do seu empreendimento pedagógico.

Há nomes importantes de líderes da renovação da Catequese, sobretudo na década de 50 e 60, como Joseph Colomb, na França, Leone de Maria, na Itália, J. Delcuve, na Bélgica, Álvaro Negromonte, no Brasil, e de Institutos de Catequese como o *Institut Supérieur de Pastorale Catéchétique* (ISPC), do Institut Catholique de Paris, o *Institut Lumen Vitae*, na Bélgica, o *Instituto San Pio X*, em Salamanca, depois em Madri. Exerceram particular importância as Célebres *Semanas Internacionais de Catequese*, como Munich, Manila, Eichstätt e Medellín e alguns Diretórios de Catequese (Fonds Obligatoire na França) e Catecismos de Adultos, com destaque para o Catecismo Católico da Alemanha e o Catecismo Holandês (...) No caso do Brasil, tivemos antes do Concílio a grande liderança do Pe. Álvaro Negromonte com seus livros, cursos e congressos, e da Ação Católica, com seu método VER, JULGAR e AGIR e sua Revista de Catequese. (CNBB, 1998)

A **Pedagogia do Catecismo** é um documento que marcou não só a História da Igreja e da catequese brasileira como marca também a História da Educação. É um documento que contradiz a representação de uma Igreja ortodoxa, adepta de uma pedagogia tradicional, e que não se atualizou com o tempo. A obra atesta o diálogo

efetivo da Igreja com as novas teorias educacionais, como a Psicologia e a Didática, que modelaram os novos contornos que a Pedagogia passou a assumir desde o dezenove.

### **3. DIRETRIZES CATEQUÉTICAS: A COLEÇÃO EM SEU CONTEÚDO**

O **Caminho da Vida** foi o primeiro livro publicado pelo padre Álvaro Negromonte, em 1937, pela editora Vozes. Na primeira edição, apresentava um caráter mais doutrinário do que didático e se constituía em um tipo de compêndio sobre a moral. Depois da sistematização dos livros subsequentes em formato de coleção, a partir da quinta edição, o texto sofreu uma revisão e, a este volume, foi destinado completar o curso ginásial, tendo sofrido, para isso, uma remodelação no seu formato, dosando o conteúdo na proporção da faixa etária dos alunos. Segundo o autor, não houve perda substancial no conteúdo, embora tenha sido necessário suprimir um pouco de doutrina, em benefício da didática.

A obra trata fundamentalmente da moral e da aplicação desta na vida de forma prática. O ensino, para Negromonte, não deveria ficar retido na inteligência, mas a partir desta estender-se às ações do homem. A justificativa utilizada pelo padre para focar tal temática, já tão estabelecida na Igreja, aponta para uma mudança de concepção em bases doutrinárias, que rompe com um modelo arcaico que vai além do ensino, mas encontra seus fundamentos no próprio entendimento, acerca da moral, concebido e disseminado pelo corpo de agentes eclesiais. Negromonte começa fazendo uma crítica severa à forma como vinha sendo administrado tal conteúdo. Para ele, salvou-se apenas o que foi ensinado fora das escolas, na vida, porque os estudos sobre moral consistiam em absorver os compêndios de moral que muito mais ensinavam sobre o erro e o pecado, impregnados de concepções intelectualistas e inculcando, no aluno, mais um sentimento de terror do que a prática da virtude. “Os compêndios de moral são mais um catálogo de pecados que um tratado de virtude. Esfacelam-se muito em opiniões e ensinam pouco os caminhos da perfeição cristã” (NEGROMONTE, 1954a, p. 9).

O projeto do padre Álvaro Negromonte vai além de uma inovação nas propostas metodológicas utilizadas pela Igreja, uma vez que toda inversão metodológica implica uma mudança no campo conceitual. Negromonte renova algumas bases filosóficas da Igreja, retomando elementos da doutrina de São Paulo, ao eleger a redenção e a graça como

essências para a doutrina sobre o pecado. Uma renovação que, por estar assentada em um discurso apostólico, guarda as marcas da tradição e, por isso, sustenta-se por si própria. Essa mudança trazida para o âmbito da catequese, que é o espaço legítimo de disseminação da doutrina, revela a renovação do discurso do padre do ponto de vista filosófico e aponta para os avanços, as permanências e os recuos próprios de qualquer processo de modernização.

O conceito básico norteador da obra é a moral, sobretudo a moral revelada. O conceito de moral é definido, por Negromonte, como “um conjunto de regras que dirigem os atos livres do homem, de acordo com a reta razão e a vontade positiva de Deus” (1954a, p. 18). Para que um ato seja moral, exige-se que um homem o pratique em pleno domínio de si mesmo. É necessário que conheça e decida o que faz, em perfeita consciência e deliberação. O conceito de moral se divide em moral natural, responsável por regular os costumes pela razão e a moral revelada, que é a moral cristã, revelada por Deus através do Evangelho e da Igreja, e que vem em auxílio da razão.

Na proposta pedagógica do padre, o ensino da moral não está ancorado no pecado, e sim no bem. Para ele, é a consciência e o entusiasmo pela grandeza moral que leva ao desejo de evitar o mal e o pecado. A ênfase no pecado causa

uma impressão psicológica das proibições, como se a religião fosse um amontoado de restrições, sem possibilidades para o homem realizar nela as suas tendências de progresso e o seu gosto de viver. Vem o desagrado. Vem o desânimo. Vem o medo de pecar, sem o impulso para a virtude. Vem o cansaço no temor, com a sua perda fácil e conseqüente. Vem sobretudo a mediocridade. Encaminhemos nosso estudo para a virtude. Ensinemos o lado positivo dos Mandamentos (NEGROMONTE, 1954a, p.10).

Ao propor essa inversão metodológica, o padre sinaliza para uma educação positiva, centrada no interesse da criança e do adolescente, preocupada com uma aprendizagem efetiva e duradoura e com as estratégias essenciais para a concretização deste ideal, o tipo de educação proposto pela Nova Pedagogia.

A prática educativa, nessa perspectiva, adota um caráter formador, a partir de um conjunto de práticas voltadas para a educação das vontades, através da instrução das consciências. A formação da vontade, proposta pelo padre, estava consoante com as propostas das ciências da educação que se adequavam, muitas delas, perfeitamente, aos ideais catequísticos. O princípio de Claparède (1973) sobre a educação das vontades, que teve sua afirmação na máxima “as crianças, se não fazem tudo que queiram,

queiram tudo o que fazem”, já citado neste trabalho, foi posteriormente reiterado por Anísio Teixeira em artigo na revista **Escola Nova**, publicado em 1930 (*apud* CARVALHO, 2001), pela Irmã Olga, em artigo publicado na **Revista de Ensino**, conforme já dito anteriormente, e por vários outros intelectuais católicos. Apesar da historiografia brasileira atentar, sobretudo, para a presença de Dewey, quando se trata de Escola Nova, as várias correntes européias, sobretudo os princípios propostos por Claparède, estão presentes com muita força nos discursos dos pedagogistas brasileiros, sobretudo, nos pedagogistas católicos<sup>106</sup>.

A formação das consciências corrobora com a eficácia das ações que se espera dos sujeitos. A obediência, por exemplo, é muito mais agradável quando coincide com as convicções e tendências dos indivíduos. Nesse caso, é necessário formar essas convicções para que determinem as tendências que inclinarão a conduta do sujeito. Para isso,

não vale argumentar que a obediência é tanto mais perfeita quanto maior submissão demonstra a autoridade. Não prejudiquemos a marcha da formação com o desejo precipitado de atingir o ideal. Aos jovens apresentemos a lei divina como mais conforme a própria razão. E, ao mesmo tempo, formemo-los para terem ideais conformes com a lei divina. Esta equação facilita imensamente o trabalho. Demos-lhes as razões das ordens de Deus, proporcionando-as sempre à sua mentalidade de adolescentes. Quando lhes tivermos mostrado que as imposições dos mandamentos coincidem com o seu modo de pensar, teremos reduzido de muito os tropeços da obediência. Criamos uma atitude simpática e o resto virá como acréscimo (NEGROMONTE, 1954a, p.12).

---

<sup>106</sup> Ainda são escassos os estudos que se detém a analisar as diferentes propostas de escolas novas em suas singularidades e como cada uma foi apropriada no Brasil. Casassanta, por exemplo, aponta o importante movimento de apropriação da Escola Nova que ocorreu em Minas, com a Escola de Aperfeiçoamento dos Professores em duas perspectivas. Para ela, essa escola foi um resultado da convergência de duas vertentes teóricas, a européia, introduzida pela Missão Pedagógica, e a norte-americana, trazida pelas professoras mineiras que haviam sido enviadas, pelo governo, aos Estados Unidos, para fazerem cursos, seminários, conferências no “Teacher’s College”, com o objetivo de se formarem nos novos métodos e processos, a fim de constituírem, através da Escola de Aperfeiçoamento, o núcleo de renovação que se esperava das escolas mineiras. Essas tendências nem sempre se harmonizavam. Enquanto a vertente européia tinha a criança como indivíduo no eixo da nova proposta, a vertente norte-americana se detinha aos métodos, em busca de uma finalidade social. Mas, apesar dessas divergências, os dois grupos mantinham a crença na educação como fator decisivo para mudar o social através da remodelação dos métodos educativos e comungavam dos métodos ativos como um caminho para alcançar tal objetivo (PEIXOTO, 2003, 95-97). No caso do ensino religioso, a educação do indivíduo, sem perder de vista seu ideal mais alto, da vida eterna, buscava, no plano terreno, sua finalidade social, que era a formação de uma geração de católicos mais convictos que externassem na prática a sua fé.



A consciência é, portanto, um elemento fundamental para a construção de uma moral cristã. “É um juízo prático pelo qual se julga, em cada circunstância, o que é obrigatório, permitido ou proibido” (NEGROMONTE, 1954a, p.23). Uma consciência bem formada, sobretudo a consciência da filiação divina, proposta por Negromonte, é uma importante ferramenta para desenvolver, nos indivíduos, a compreensão de que as normas de conduta, traçadas por Deus, são nada mais, nada menos, que a manifestação da preocupação paterna quanto à escolha do caminho a seguir, e a forma de conduzi-lo, gerando, a partir dessa compreensão, as ações correspondentes à sua posição.

O autor considera, ainda, o exame da consciência como um dos meios mais proveitosos de formação da consciência, destacando seu uso até mesmo pelos pagãos. No processo de formação da consciência, Negromonte destaca como possibilidades de deformação a ignorância, a má-educação, as paixões, e os maus exemplos, o que reitera a necessidade de se esclarecer, formar, estimular o auto-exame para auto-regulação e criar referenciais de bons exemplos. A leitura, o cinema, o teatro são elementos que aparecem de forma expressiva na sociedade da década de 30 do século XX e que necessitam de uma atenção e um cuidado especial, refletidas, por exemplo, na prática constante de orientação da boa leitura, prática atestada, inclusive, nos dispositivos materiais de vários livros da coleção.

Essa consciência lúcida, capaz de se auto-examinar, não está associada ao livre exame proposto pela doutrina protestante. Este corresponde a uma prática, baseada na razão moral, que dispensa o indivíduo de qualquer mediação entre ele e Deus. No protestantismo, abaixo de Deus, o homem é senhor de suas ações. Já o auto-exame serve como um mecanismo de controle para regular as ações, mas que faz parte de um conjunto de práticas instituídas pela Igreja e que está subordinado à hierarquia eclesiástica. O sujeito, ao se examinar, precisa da absolvição do padre, que seria o representante de Deus na Terra. A proposta pedagógica de Negromonte incentiva a regularidade permanente dessa prática, que se manifesta na confissão, juntamente com uma série de medidas que incluem a vida apostólica e litúrgica<sup>107</sup>, que ao invés de causar um choque, por seu caráter pragmático, como poderia se pensar em princípio, está ancorada em uma perspectiva filosófica cristã, que define o cristianismo como uma

---

<sup>107</sup> O trabalho do apostolado e o litúrgico, ainda que se apresentem de forma ascética, resultam em um conjunto de conseqüências de ordem material, pragmáticas, favoráveis ao aparelho eclesiástico, mesmo que parte considerável do corpo de agentes eclesiásticos não se dê conta desse elemento norteador do serviço religioso, que tem a função de ampliar o quadro de fiéis da Igreja.

doutrina que proporcionava, ao mesmo tempo, os meios da sua passagem à prática” (GILSON, 2006, p. 36). Vale a ressalva de que essa definição diz respeito a um cristianismo muito anterior à Reforma.

No rastro do desenvolvimento de uma consciência esclarecida sob a égide da revelação cristã, todas as unidades da obra visam articular a teoria às situações do cotidiano, no qual o aluno tem condições de praticar a aprendizagem sob o exame contínuo do seu maior sensor: sua consciência, desenvolvendo as habilidades de um cidadão cristão nas diferentes instâncias sociais.

**O Caminho da Vida** foi reformulado visando poder, o seu conteúdo, ser ensinado e revisto em um ano, considerando, para isso, duas aulas semanais. O manual está organizado em sete unidades temáticas, que de uma forma geral podem ser percebidas como um guia de conduta moral a partir da compreensão das teses expostas. Cada unidade é composta de lições. Ao todo, há vinte e seis lições no livro. As lições são organizadas em tópicos e a mensagem ora apresenta um teor explicativo, com prescrições que reiteram as explicações, ora apresenta um movimento inverso, o teor é prescritivo, com explicações a respeito. Ao final de cada lição há um tópico intitulado “Para viver a doutrina”, que propõe, de forma prescritiva, a articulação que permite a passagem da doutrina à prática tal como exposta por Gilson (2006). Por fim, há, ainda, um questionário de perguntas fechadas, que nessa edição passou a ser numerado, por sugestão de um colega, para facilitar o trabalho do aluno, servindo como guia para leitura e estudo da lição, composto por uma estrutura rígida de perguntas fechadas em relação à lição, salvo raras exceções em que a pergunta visa uma resposta pessoal do aluno.

As lições estão divididas da seguinte maneira: a primeira unidade intitulada “A moral cristã”, compreende a moral, a consciência, a lei, o pecado, a perfeição cristã; a segunda unidade, intitulada “Deus é Senhor”, trata da fé, da esperança, do amor a Deus, da virtude da religião, da oração, do nome do Senhor, do repouso dominical; a terceira unidade, intitulada “Em face da autoridade”, aborda os deveres dos filhos, dos pais dos patrões e dos operários; a quarta unidade, intitulada “Respeito à propriedade”, trata fundamentalmente, do título da unidade; a quinta é intitulada “O respeito à pessoa humana” e trata da vida, da honra e reputação, da caridade fraterna, das obras de caridade e dos pecados contra a caridade; a sexta unidade, “Os deveres do homem para consigo mesmo”, trata desses deveres, em relação ao corpo e espírito, com uma lição específica

sobre a castidade; e, por fim, a sétima e última unidade “O bom filho da Igreja”, trata dos mandamentos da Igreja, do jejum e da abstinência e da manutenção do culto.

De uma forma geral, as lições visam à formação da consciência acerca da vontade de Deus, instrumentalizando o aluno na retidão das suas escolhas frente às diversas possibilidades que se apresentam como opções, muitas vezes de forma bastante atraente. Todavia, uma consciência cristã, esclarecida, associa as suas escolhas ao senso de dever e responsabilidade para com Deus e com a pátria, ideal que não apresentava dissonância alguma com o discurso político, instaurado, à época e com o qual a Igreja vinha mantendo um diálogo bastante frutífero. O Estado Novo, preocupado com a formação do espírito de segurança nacional nos alunos, encontrou na educação religiosa, mais um mecanismo para reforçar a disciplina e a autoridade.

O ensino religioso, ao mesmo tempo em que servia de instrumento para a formação moral da juventude, tornava-se também um mecanismo de cooptação da Igreja Católica e uma arma poderosa na luta contra o liberalismo e o comunismo e no processo de inculcação dos valores que constituíam a base de justificação ideológica do pensamento político autoritário (HORTA, 1994, p. 291)

Como instituição que sempre adotou estratégias de sobrevivência no campo, fosse ele religioso ou educacional, a Igreja, por ter inimigos comuns com o Estado, articulou-se a este em uma rede de interesses que se movimenta em uma via de mão dupla, atendendo a ambas as partes. A consciência cristã formava o aluno para atuar na sociedade, em prol do bem-estar social e não da revolução proposta pelos comunistas, nem das mudanças nas bases sociais religiosas que formavam o estado brasileiro, alvo de ataque constante do discurso liberal. O lema que norteava a conduta moral de um católico poderia ser resumido na seguinte frase: “diante do dever o homem reto só vê uma conveniência: cumpri-lo” (NEGROMONTE, 1954a, p. 26). Todo o trabalho do professor deveria, portanto, estar voltado para desenvolver, no aluno, o interesse e a vontade de fazer sempre o que se esperava de um cristão. A formação intelectual deveria ser estimulada em todas as suas potencialidades e posta a serviço da fé, no exímio desempenho das funções de cidadão.

O **Manual de Religião** foi escrito para os alunos do curso elementar, ou seja, que acabaram de deixar o primário. As sessenta lições que o compõem foram pensadas para os

colégios confessionais, os quais recebiam orientação para não ministrarem menos de duas aulas de ensino religioso por semana. Para as escolas públicas, com uma aula por semana, o conteúdo poderia ser ministrado em dois anos. Em Minas especificamente, *locus* de produção da obra, o autor visou o Curso de Adaptação das Escolas Normais, que consistia em dois anos de preparação entre a escola primária e o Curso Normal. O autor indica, ainda, o uso do **Manual de Religião** para os alunos das primeiras séries do ginásio, o que reitera a produção da obra antes dos manuais destinados ao curso ginasial.

A preocupação do padre em adaptar o ensino de catecismo à faixa etária dos alunos, e aos seus interesses, é traduzida nesse manual de forma prática para o seu público leitor, que se constituía de alunos entre 12 e 14 anos, “nem crianças, nem moços. Não podem ser tratados como crianças nem como moços. Mas acabam de sair da atividade da escola primária” (NEGROMONTE, 1941a, p.6). Esse fôlego, ainda presente nos alunos, serve ao trabalho dos professores, os quais deveriam reforçar a lição em um caderno de religião, uma espécie de suplemento das aulas que deveria ser utilizado para que o aluno respondesse ao questionário e fizesse as suas anotações pessoais. A proposta de um trabalho ativo era completado por provas mensais, testes e expressões gráficas, nas quais o aluno poderia manifestar-se e expressar o conhecimento apreendido.

O **Manual de Religião** é a primeira manifestação prática do conceito de trabalho ativo catequético, proposto por Álvaro Negromonte. Elaborado a partir do pressuposto de que não havia, no Brasil, até então, material novo sobre o ensino religioso para os alunos, esse volume foi pensado para suprir a lacuna dos catecismos anteriores, pautados pelo método dedutivo, que fragmentavam a doutrina, e, visava, também, atender aos pedidos de uma nova orientação religiosa que articulasse a fé, o culto, os sacramentos, a liturgia, os mandamentos à uma doutrina integral e prática. Para o autor, os livros de catecismo deveriam ser tão atrativos quanto os demais livros escolares, já que eram considerados, por ele, uma ferramenta fundamental para a eficácia do ensino, correspondendo a oitenta por cento ou mais do sucesso da aprendizagem.

As lições que compõem a obra revelam a inclinação para uma pedagogia diretiva, porém participativa. “O método é, quanto possível, o intuitivo, mas sempre preparando a inteligência para o seu trabalho próprio, fugindo assim ao grande perigo que é substituir o espírito pela intuição” (NEGROMONTE, 1941a, p. 5). A proposta moderna de catecismo concebe e organiza as lições de forma estruturada e sistemática.

O sistema de perguntas e respostas foi substituído pela exposição feita com simplicidade, na preocupação de dar ao aluno o conhecimento necessário a uma norma segura da vida cristã. Ao lado disso, uma leitura da Bíblia, para firmar a doutrina ao mesmo tempo em que agrada e prende o espírito. Finalmente, a parte viva da lição, as conclusões para a vida, o que é preciso fazer, do que se aprendeu. Uma curta oração termina esta parte e fecha a lição para acostumar o espírito a não tratar das coisas de Deus sem subir até Ele. O questionário tem um duplo fim. Serve de transição entre os métodos e facilita aos alunos o aprendizado, fixando o que há de mais importante. Os bons mestres notarão como o questionário fará o aluno trabalhar, exigindo muitas vezes uma reflexão, um trabalho pessoal, precisamente como requerem as melhores conquistas da moderna pedagogia (NEGROMONTE, 1941a, p. 6).

Dessa estrutura, o que se constata são, de fato, lições claras e concisas. As histórias da Bíblia, que o padre se refere como “leitura da Bíblia”, merecem ser observadas com mais atenção. Ao aluno não é sugerido ir à Bíblia, manuseá-la e ler a história, tal como a prática empreendida pelos protestantes. Tais histórias vêm selecionadas dentro de um tema no próprio manual, complementando a lição que acabou de ser explanada.

Não obstante, não se pode dizer que o padre mantinha a prática de não sugerir a leitura da Bíblia, ou seja, de manter os fiéis longe da palavra de Deus e próxima da doutrina da Igreja. A Bíblia era usada largamente para corroborar com o ensinamento da doutrina. **Na Pedagogia do Catecismo** e no **Caminho da Vida** as citações de trechos bíblicos são incansáveis, sendo a principal fonte bibliográfica que sustenta o seu discurso. No entanto, neste manual, destinado aos alunos, essa direção não aparece. Preocupado em oferecer aos alunos conhecimento na medida certa e adaptado às suas motivações e interesses, talvez o padre considere a linguagem bíblica difícil demais, própria para os professores de religião e teólogos, precisando, assim, ser aproximada da linguagem infantil. Por outro lado, o acesso à Bíblia, e todos os seus preceitos, envolve certo risco por permitir que o indivíduo forme um conjunto de questões ainda não ensinadas pela Igreja, considerando a sistematização do ensino, levando o aluno buscar respostas em outros lugares.

O conhecimento na medida certa é uma forma de assegurar a atenção das crianças nas coisas que lhe motivam e interessam, na fase em que se encontram, mas, também, é uma forma de assegurar o controle da Igreja em relação ao próprio conhecimento, que caracteriza a relação conhecimento-desconhecimento, como uma das estratégias de manutenção do campo religioso tratada por Bourdieu (2005).

O que concede ao corpo de especialistas a capa de um manto sagrado é a crença que se deposita nele. É a crença que consagra os agentes e as práticas instituídas na esfera do sagrado. A racionalização, sistematização e banalização do conhecimento, e do desconhecimento em alguns casos, é o que o legitima. Nesse caso, o que constitui efetivamente o campo religioso é a desapropriação objetiva daqueles que são dele excluídos e que se transformam, por esta razão, em leigos destituídos do capital religioso e que reconhecem essa desapropriação pelo simples fato de desconhecê-la como tal. A Igreja, ao cumprir funções sociais e se estabelecer em um patamar acima dos leigos porque tem as chaves dos conhecimentos secretos, faz com que os leigos esperem da religião não só justificações de existir, capazes de livrá-los da angústia existencial, da contingência e da solidão, do sofrimento ou da morte. Eles esperam que a religião forneça a justificação de existir em uma posição social determinada.

A conclusão para a vida aparece como uma espécie de auto-afirmação, ou seja, frases que confirmem e traduzam a lição em formato de profissão de fé, uma auto-afirmação na vida, para depois vir, então, uma oração, sempre em consonância com o tema da lição. Essa oração exercia uma função de adestramento do espírito, elevando as ações humanas para um objetivo maior e mais elevado, o que Weber (2002) denomina de ascetismo cristão, que justifica e orienta as práticas religiosas.

Por fim, o questionário, que tradicionalmente era elaborado com perguntas duras, rígidas, de difícil compreensão e desvinculadas da realidade, aparece neste manual com uma nova roupagem, de fácil compreensão, com espaço para respostas mais flexíveis, considerando a realidade da vida das crianças e completamente adaptado à linguagem da criança e do adolescente<sup>108</sup>. As ilustrações do livro são nítidas e expressivas, apesar de não serem coloridas. E, embora não apareçam em todas as lições, nas que estão presentes, servem para dar uma boa visibilidade do tema através de uma cena atrativa.

A proposta de renovação do ensino religioso não rompe com algumas práticas tradicionais de ensino. Ao contrário das tendências que ocorrem na educação, de descartar tudo que é velho, por ser obsoleto, em detrimento do novo, mais atual e por isso, mais consoante com as necessidades vigentes, o padre transita com naturalidade entre os métodos e mantém elementos da tradição na sua proposta renovadora articulando tradição e modernidade em uma medida que atrai não só o público mineiro

---

<sup>108</sup> Ver exemplo de questionário no anexo XIX.

para o qual foi pensada inicialmente a obra, mas, sobretudo, a Igreja, que avalizou todas as suas obras, tornando-as referência obrigatória para o ensino religioso.

As sessenta lições que compreendem a obra estão divididas nos seguintes temas: “Deus”, “Como é Deus”, “Deus governa o mundo”, “Santíssima Trindade”, “Os anjos”, “O homem”, “Adão e Eva”, “O pecado original”, “Promessa do Salvador”, “A vinda do Messias”, “O nascimento de Cristo”, “Os pastores e os reis”, “A infância de Cristo”, “Os Santos inocentes”, “Como vivia o menino Jesus”, “O precursor”, “A vida pública”, “Deus e homem”, “A Paixão de Cristo”, “Crucificação e morte”, “A ressurreição”, “A ascensão”, “O juízo universal”, “O Espírito Santo”, “A Igreja”, “A Igreja é a continuação de Cristo”, “Os fiéis da Igreja”, “Comunhão dos santos”, “A vida eterna”, “a fé”, “A esperança”, “A caridade”, “A lei de Deus”, “O pecado”, “O culto divino”, “O santo nome de Deus”, “O dia do Senhor”, “Deveres dos filhos”, “Respeito à vida”, “Sejam puros”, “Os bens materiais”, “Falar a verdade”, “Os mandamentos da Igreja”, “A santa missa”, “Abstinência e jejum”, “Manter o culto”, “O dever da oração”, “O terço”, “Os sacramentos”, “Batismo”, “Crisma”, “Eucaristia”, “A sagrada comunhão”, “A confissão”, “Extrema-unção”, “O sacerdócio”, “O matrimônio”, “O ano litúrgico”, “A vida cristã”.

Todas as lições são apresentadas de forma a sustentar a fé cristã e servir de embasamento para a vida prática. Não basta compreender a lição, é preciso praticar. É nessa premissa que está assentada a atividade do ensino religioso. E que só é possível experimentando. “A religião é uma vida” (NEGROMONTE, 1941a, p. 188). É um aprendizado que consiste em um treinamento diário, o qual requer esforço e empenho, características requeridas dos alunos nas pedagogias ativas.

**Minha vida cristã**, destinada à primeira série ginasial, revela, de forma prática, a preocupação com a formação cristã dos jovens e aplica a doutrina, segundo o próprio autor, “de forma simples e pouca” (NEGROMONTE, 1960a, p. 1), através da compreensão de um conceito norteador, que é o estado de graça. A obra se detém a levar o aluno a compreender o estado de graça e seus benefícios, como é possível conservá-lo e aumentá-lo, como se perde e como se restaura. Na dissecação deste conceito é possível perceber elementos doutrinários que vão sendo postos para os alunos diluídos em pequenas porções, estratégia didática que adota em seus livros: a cada série, para cada idade, um pouco de doutrina, um

pouco a mais de conhecimento. Ao terminar de compor a coleção, essa marca fica mais evidente, e é possível percebê-la na escolha dessas porções desde as noções elementares contidas no primeiro volume do **Meu Catecismo**.

Desta forma, o autor pretende fornecer, aos alunos, noções elementares de religião e formação cristã, considerando as dificuldades que o próprio autor aponta como “dificuldades especiais”, criadas pela disparidade de conhecimentos religiosos e de formação cristã. Tais dificuldades se encontram, sobretudo, na diversidade do público que engloba alunos que sempre estudaram em colégios católicos e, portanto, têm os conhecimentos elementares sobre a religião, e outros novos, que chegam ao colégio sem terem feito ainda a primeira comunhão. Essa heterogeneidade de público leva o autor a compor a obra tendo em vista a necessidade de fornecer a uns, noções mais elementares sem, contudo, desinteressar os mais adiantados na doutrina cristã, sem esquecer o que é uma preocupação latente que norteia todos os outros livros por ele destinados à escolarização religiosa: a idade dos alunos, neste caso, “a tenra idade em que hoje se começa o ginásio e o nível final da escola primária” (NEGROMONTE, 1960a, p. 1).

O público alvo e a eficácia da educação são elementos que norteiam a prática do Monsenhor Negromonte e aparece, mais uma vez, neste manual. Tais indicadores de uma formação cristã sólida são medidos por Negromonte pela qualidade da escola, resultante da formação dos professores e dos usos de materiais e recursos didáticos empregados no processo educativo.

Nessa perspectiva, as lições são estruturadas dentro de quatro eixos norteadores em relação ao estado de graça: o que é (abrangendo os benefícios), como se conserva, como se perde e como se restaura. O índice não aparece em unidades, mas em tópicos corridos. A recuperação da graça é a temática mais extensa, podendo-se inferir a preocupação do autor com os que não vivem a doutrina católica, sobretudo pelo receituário de retorno que ele oferece. O esclarecimento rígido tem o intuito de que o adolescente não se afaste da doutrina, mantendo uma vida cristã através da consciência.

As lições são distribuídas da seguinte maneira: em relação ao primeiro eixo (o que é o estado de graça e os seus benefícios) – “Nossa História divina”, “Filhos de Deus”, “Cerimônias do Batismo”; em relação ao segundo eixo (como se conserva) – “Manter a graça”, “Cumprir os mandamentos”, “Membros da Igreja”, “Somos todos irmãos”, “Obedecer à Igreja”, “A Fé”, dentro do terceiro eixo (como se perde) figuram as lições sobre “Pecado Mortal” e “Pecado Venial” e por fim, no último eixo (como se restaura) –



“Para recuperar a graça”, “Deveres para com Deus”, “O Culto Perfeito a Deus”, “O meu e vosso sacrifício”, “O nosso culto a Deus”, “Com Cristo e seus Santos”, “Alimento Sobrenatural”, “A oração é necessária”, “Meus deveres de Filho”, “Sejamos puros”, “Os bens materiais”, “Amor à verdade”, “Crescer na virtude”, “A casa do Pai”.

Como material didático que serve de subsídio fundamental para guiar o professor, na sua prática em sala de aula, as lições, expostas em média de cinco páginas, apresenta a seguinte estrutura: título da lição; um primeiro parágrafo, apresentando a doutrina, narrado em primeira pessoa como se fosse uma auto-reflexão; uma tomada de consciência de si e da sua condição, no mundo terreno e espiritual; em seguida, um subtítulo que reitera tal condição sempre com uma alusão bíblica; depois dessa chamada, destacada em negrito e caixa alta, alinhada à direita da página, segue a história contada, e não o texto bíblico, sobre a chamada em destaque. No decorrer do texto, geralmente a cada parágrafo, uma frase destaca o que vai ser tratado no capítulo seguinte, pondo em relevo as temáticas que a aula abrange e, ao mesmo tempo, criando um dinamismo no texto que desperta a atenção do aluno a cada instante; as referências aparecem ao longo da lição como passagens bíblicas ilustrativas, que corroboram com o conteúdo ensinado, característico das obras do autor; o questionário garante uma espécie de revisão, outra marca da proposta pedagógica do padre. Segundo Negromonte,

o questionário em cada lição obriga a sabê-la, devendo ser cuidadosamente feito nos moldes da boa didática. As perguntas e respostas bem decoradas, não sobrecarregam (porque esta é a idade de ouro da memória) e asseguram regular a bagagem de conhecimentos. Assim, como pontos de chegada e não de partida, estão de perfeito acordo com as normas pedagógicas (NEGROMONTE, 1960a, p. 1).

Em seguida um quadro resumo da lição organizado em formato de perguntas e respostas, mantendo uma média de três a cinco questões. A lição termina sempre com uma leitura bíblica decomposta em tópicos, escolhida para compor o tópico “Jesus nos ensina...”, na qual o adolescente entra em contato com a Palavra da Bíblia. Embora este contato não se dê pelo contato com a própria Bíblia, uma vez que o trecho escolhido é transcrito para o manual, isso não significa que o aluno não possa ter a sua experiência pessoal com o livro sagrado<sup>109</sup>.

---

<sup>109</sup> Para melhor visualização conferir modelo das lições do manual no anexo XX.

A indicação das fontes bibliográficas não só sustentam o discurso do autor pelo caráter sagrado do contexto maior que o encerra, como servem de referência de consulta para aqueles que pretendem se aprofundar no estudo das escrituras. A ausência de uma cultura que incentiva a prática de recorrer à escritura bíblica, seja para conhecer, conferir ou justificar os hábitos que configuram o “*modus vivendi*” de um cristão, por muito tempo propiciou uma fé e um modo de conduta insólita e incipiente, por ter suas raízes fincadas em um aprendizado distante da experiência pessoal do indivíduo com Deus. Tal experiência, enfatizada por Lutero desde a Reforma, constituiu o ponto alto da doutrina protestante que, a fim de proporcionar essa aproximação do homem com o divino, utilizou a Bíblia – livro sagrado – como via para essa aproximação.

A compreensão de uma aprendizagem da doutrina crista a partir do contato com a “Palavra de Deus” causaria uma experiência de auto-convencimento e uma mudança de comportamento a partir do interior do indivíduo. Tal experiência pode ser considerada uma espécie de preconização do pragmatismo norte-americano, proposto por Dewey, no final do XIX. Segundo as madres Peeters e Cooman, “o pragmatismo (do grego, pragma – ação) é a doutrina da ação. É herdeiro legítimo do protestantismo e do livre exame” (1967, p. 112). No aspecto formativo, as críticas católicas, em relação ao pragmatismo, recaem, sobretudo, em três eixos: em sua base que postula uma aprendizagem de uma verdade a partir da experiência que precede a fé, criando possibilidades de verdades e um conseqüente relativismo; por proclamar um individualismo pautado no liberalismo que admite tudo o que ajuda o indivíduo a ser bem-sucedido na vida, proporcionando um utilitarismo egoísta; ao mesmo tempo em que, do ponto de vista social, serve aos comunistas e socialistas como instrumento adequado às finalidades coletivas.

De forma mais larga e do ponto de vista leigo, a contribuição mais ampla do pensamento pragmático na educação, segundo Lourenço Filho, um dos defensores da renovação pedagógica no Brasil, é que

as atividades da aprendizagem não deverão desligar o plano da ação do plano do pensamento. Agir e pensar, formular idéias e operar em consonância com elas, são duas fases de um mesmo processo que não deve ser fracionado. O pensamento nasce de situações problemáticas, isto é, da consciência da inadequação entre impulsos, desejos e propósitos e os meios disponíveis para atingi-los. Para que se aprenda, em plano verdadeiramente humano, será preciso ter em mente uma atividade plena de compreensão, com sentido de eficiência e responsabilidade. Uma situação completa de aprendizagem exigira

sempre uma concepção, um planejamento, uma execução e apreciação final dos resultados da ação” (LOURENÇO FILHO, 1969, p. 238).

Nessa perspectiva, William James propõe uma ação impulsionada pela vontade, ao mesmo tempo que essa vontade seja educada como formadora de bons hábitos. “Enquanto certos movimentos não se tornarem automáticos, impossível é a liberdade espiritual e intelectual” (JAMES *apud* PEETERS & COOMAN, 1967, p.113). Essa máxima, aparentemente, não corrobora com a doutrina católica que, em primeiro lugar, vê a necessidade do exercício da vontade estar alicerçado sobre uma verdade imutável e absoluta e não no relativismo gerado pelo pragmatismo e, em segundo lugar, não defende a liberdade espiritual como um dos objetivos da Igreja, a qual percebe a instituição como aquela que é responsável por conduzir o homem a Deus. Entretanto, Negromonte entende a liberdade espiritual em um contexto mais amplo. Para ele, a formação cristã é eficaz quando

ao sair do colégio para a vida, o rapaz ou a mocinha esteja penetrado da doutrina da Igreja, para pensar como a Igreja pensa, sentir o que ela sente, querer o que ela quer, agir como ela manda. Imbuir a inteligência da verdade cristã e embeber o coração dos sentimentos de Cristo, de modo que, afastando-se disso, o espírito se veja deslocado, sintase fora do seu ambiente (NEGROMONTE, 1940, p. 80-81)

É preciso que o sujeito opte, voluntariamente, por viver de acordo com a sua fé. Esse princípio, ainda que pareça contraditório ao pragmatismo, não o é. William James, em **A vontade de crer** (2001), defende a “licitude da fé voluntariamente adotada”. O catolicismo, apesar de imbuir na criança a fé de seus pais pelo batismo, reconhece que só isso não garante a vida cristã. O ensino de catecismo nada mais é que o esforço da Igreja em fazer o sujeito adotar, voluntariamente, a opção de viver de forma cristã, dando testemunhos práticos da sua fé. Sendo o pragmatismo, segundo James (2006, p. 174) “a filosofia dos resultados”, a vontade de crer deve estar associada à manifestação dessa crença no cotidiano, tal como era no século XVII, quando o saber se confundia com o ser. Um outra proposição é tentar compreender o pragmatismo como método de ação.

Um aprendizado sólido é o que impregna a doutrina na alma do indivíduo imprimindo, em seu caráter, as marcas que determinarão as suas ações. O processo

inverso, ou seja, o aprendizado que ocorre de fora para dentro, através da imposição da doutrina por parte de alguém, no caso da Igreja Católica, do padre ou do próprio Papa, gera um sentimento de obediência à autoridade, mas não assegura a solidez que só a constatação pessoal proporciona.

Todavia, não obstante o posicionamento adotado pela Igreja em relação ao pragmatismo, Negromonte percebe o valor dessa estratégia pedagógica e a incorpora na sua proposta de renovação pedagógica do ensino de catecismo. A Bíblia e a indicação das referências no corpo das lições, orientando o aluno para a leitura de determinado texto, ainda que seja para simples conferência, são o alicerce de todas as suas obras.

Sua proposta pedagógica vai além da formulação de uma visão de mundo, uma vez que esta já está posta pela Igreja. O que ele postula efetivamente é uma estratégia de ação que converta para o catolicismo um maior contingente de fiéis praticantes. A formação do verdadeiro cristão, aludida por Negromonte em sua **Pedagogia do Catecismo**, objetivo maior do processo educativo, revela a preocupação do autor com o perfil do cristão católico, segundo ele, ignorante na doutrina e incapaz de praticar ações condizentes com a sua fé.

Ainda que, na perspectiva católica, as ações não precedam a fé, Negromonte vislumbrou o peso do pragmatismo na sustentação da fé, e sem ferir aos preceitos da Igreja, introduziu na sua pedagogia um conjunto de princípios, normas e valores pautados em um plano de ação que ancore a vida cristã na prática da doutrina católica, no seu cotidiano, permitindo ao sujeito a possibilidade de viver uma experiência cristã, atribuindo-lhe um valor na vida de maneira que a fé professada, teoricamente, não possa ser desarticulada da sua própria vida.

Apesar das inúmeras críticas ao pragmatismo, por parte do autor de **Minha Vida Cristã**, a eficácia desse empreendimento ecoou mais alto que as resistências em torno da filosofia pragmática. Atento ao debate pedagógico que estava ocorrendo nos Estados Unidos e Europa, Negromonte não se imiscuiu de utilizar o que considerou mais eficiente para o seu projeto de renovação catequética no Brasil e se aproximou, em muitos pontos, de conceitos bases do pensador pragmático John Dewey, como o “interesse e esforço”, mas, também no âmbito da Psicologia, aproximou-se dos

“motivos” de Claparède; e os “centros de interesse” de Decroly, ressaltando serem essas estratégias pedagógicas os meios e não os fins da educação<sup>110</sup>.

Poderia se pensar: essa atração do padre pelas novas teorias educacionais não o colocava de encontro aos princípios católicos? Do ponto de vista religioso, o padre não negou as bases doutrinárias da Igreja em momento algum do seu projeto de renovação; ao contrário, suas ações tinham em vista a instrução e, conseqüentemente, uma formação mais sólida do laicato católico, a fim de torná-los não só fieis seguidores de Jesus Cristo, mas apóstolos que fossem capazes de contribuir para a expansão da Igreja, visto o número incipiente de padres e, portanto, a incapacidade destes agirem em território tão extenso quanto o brasileiro. Tal medida fortaleceria a Igreja Católica na disputa pelo campo religioso no Brasil, sem perder de vista o interesse propriamente religioso. Para isso, é preciso compreender a religião em uma perspectiva mais ampla. Segundo Bourdieu, a religião possui uma

qualidade de sistema simbólico estruturado que a faz funcionar como princípio de estruturação que constrói a experiência (ao mesmo tempo que a expressa) em termos de lógica em estado prático, condição impensada de qualquer pensamento, e em termos de problemática implícita, ou seja, de um sistema de questões indiscutíveis delimitando o campo do que merece ser discutido em oposição ao que está fora de discussão (logo, admitido sem discussão) (2005, p. 45-46).

Do ponto de vista moral do sujeito, não é de estranhar que Negromonte tenha estabelecido limites em relação ao que iria se apropriar das novas tendências educacionais e, tecesse críticas ao que não condizia com os princípios do catolicismo. Dedicado à Igreja, suas ações sempre foram voltadas para a sua expansão. As estratégias adotadas sempre foram no sentido de aplicar sua fé e potencialidades nesse sentido. Para pensar na possibilidade de ter havido outras razões que motivaram as suas práticas, e quais foram elas, é preciso ter em vista o que Bourdieu (2005) chama de princípio do efeito de consagração. Este,

reside no fato de que a ideologia e a prática religiosa cumprem uma função de conhecimento-desconhecimento, basta perceber que os especialistas religiosos devem forçosamente ocultar a si mesmos e aos outros que a razão de suas lutas são interesses políticos. Primeiro,

---

<sup>110</sup> A relação entre a Pedagogia Ativa, Pedagogia Funcional e o Pragmatismo está mais explicitada na análise da série **Meu Catecismo**.

porque a eficácia simbólica de que podem dispor nessas lutas depende de tais interesses e, portanto, convém-lhes politicamente ocultar a si mesmos e aos outros seus interesses políticos (ou seja, em linguagem pagã, interesses temporais) (BOURDIEU, 2005, p. 54-55).

No plano da inovação conceitual pedagógica, a interdisciplinaridade, matéria tão aclamada e aludida nas propostas das pedagogias ativas, encontra, na pedagogia do catecismo de Negromonte, o incentivo para sua aplicação, não só necessária como também de muita utilidade. No caso do ensino religioso, por exemplo, Negromonte orienta aos professores utilizarem os textos bíblicos para os exercícios das aulas de “língua pátria, obtendo com isso, dobrado proveito” (1960, p. 2). Sem desconsiderar as outras disciplinas, as quais ele também faz alusão em outros manuais, como a Geografia e a História, em **Minha Vida Cristã**, por trabalhar, sobretudo, com textos, a aproximação com a Língua Portuguesa é a mais fácil de ser incorporada.

Não obstante os benefícios didáticos e pedagógicos, tal estratégia tem o objetivo de familiarizar os adolescentes com Jesus Cristo e o seu Evangelho, pelo contato constante e diverso, fazendo-os percebê-lo e reconhecê-lo nas diferentes instâncias da vida. Esse reconhecimento deve ser profundo suficiente para gerar uma identificação, por parte do adolescente, com Jesus Cristo, a fim de conduzir sua vida com base na doutrina viva<sup>111</sup> de Cristo.

Apesar de ser um livro didático pautado em uma pedagogia que incorpora e professa abertamente os métodos das Pedagogias Ativas, **Minha Vida Cristã** traz, em suas lições, uma pedagogia diretiva<sup>112</sup>. Entretanto, os exercícios, as recapitulações, os recursos didáticos e a metodologia estarão a cargo das professoras que tomarão a lição como a base das suas aulas, não sendo impedidas de adequá-las às necessidades e realidades de seus alunos, ao contrário. O próprio Negromonte afirma na sua **Pedagogia do Catecismo**: “Mas está visto que não basta o pequenino manual. Ele é o núcleo apenas. Para compreendê-lo, explicá-lo, desenvolvê-lo, há necessidade de mais largo estudo” (1940, p. 101). Uma boa catequista deve saber muito bem a doutrina, tendo com isso a segurança necessária para administrar a sua turma de catecismo, elaborando suas propostas de acordo com os interesses e motivos das crianças.

Do ponto de vista do conteúdo, o manual **Minha vida Cristã** oferece diretrizes práticas para assegurar o estado de graça no qual o homem deve viver. Literalmente, é

---

<sup>111</sup> Entende-se a doutrina como “viva”, por compreender um conjunto de questões e situações de ordem prática do cotidiano, portanto ligada diretamente à vida.

<sup>112</sup> A Pedagogia diretiva é entendida, neste trabalho, como aquela que visa alcançar um fim específico no processo educativo e empreende esforços nesse sentido, conduzindo o processo de ensino-aprendizagem.

um guia para a vida cristã, tendo como eixo norteador o estado de graça. As lições, de cunho prático, tratam de uma forma geral das práticas cristãs que, do ponto de vista da Igreja, são fundamentais para aproximar o homem de Deus, preservando uma vida ascética, livre das concupsciências que ameaçam o ascetismo cristão<sup>113</sup>, fundamental para a Igreja não só manter, como propagar sua doutrina pelo serviço do apostolado. Sob essa ótica, as lições são organizadas tal como propostas nos objetivos expostos pelo autor: a vida cristã, sob o enfoque do estado de graça e, nessa perspectiva, o esclarecimento e, ao mesmo tempo, o auto-conhecimento do que este representa. Para Negromonte (1960a), tal conceito se define pela habitação do Espírito Santo na pessoa mediante o batismo. Daí a importância de conservá-lo, a fim de manter um caráter santo voltado para Deus através da Igreja.

Assim, o conceito “estado de graça” conforme analisado no texto, cultiva-se através da vida interior, cuja manutenção se dá pelo conjunto de práticas que asseguram a ordem e a propagação da Igreja, através de um trabalho ascético. Sem perder o alvo, o sujeito deve ter a consciência clara de que todas as suas ações, na Terra, devem ser empreendidas em um esforço de aprimoramento que permite a manutenção da graça através da aplicação da doutrina da Igreja em todas as áreas da sua vida.

Entretanto, se na prática o livro era realmente utilizado como base de orientação para as aulas, podendo a catequista adaptá-lo à realidade e às necessidades dos seus alunos ou se o texto era realmente utilizado ao pé da letra, tal qual trazido no manual, isso requer um estudo mais aprofundado sobre as práticas das aulas de catecismo e a forma como se deu a apropriação da coleção nos diferentes estados por onde circulou. Esses elementos são importantes para a construção da História do ensino religioso no Brasil, a História das práticas escolares, a História da Leitura, que fogem ao objetivo deste trabalho, mas ficam como sugestão para outras pesquisas no campo da História da Educação.

Em todos os textos o autor se apresenta de uma forma democrática, aberto a colaborações que possam auxiliar a melhoria da obra. Essa preservação de um trabalho, sempre coletivo, e a posição que ele assume de abrir espaço em todas as suas obras para

---

<sup>113</sup> O conceito de ascetismo cristão engloba o trabalho ascético e é entendido, aqui, na perspectiva proposta por Max Weber. De acordo com Weber (2002), o ascetismo é uma ação, desejada por Deus, do devoto, que é um instrumento de Deus, uma espécie de recipiente do divino e da suas vontades. O ascetismo ativo, portanto, opera dentro do mundo e contrasta radicalmente com o misticismo, o qual se inclina para a fuga do mundo. Para o asceta deste mundo, a conduta do místico é um gozo indolente do eu; e para o místico, a conduta do asceta (voltado para o mundo) é uma participação nos processos do mundo, combinada com uma hipocrisia complacente.

sugestões de revisão e emendas por parte dos leitores, sobretudo dos professores, revelam uma inclinação a fazer dos seus livros um laboratório experimental de pedagogia católica ativa e aplicada.

**A Doutrina Viva**, destinada à segunda série ginasial, foi escrita inicialmente para o primeiro ano, logo depois do curso elementar, tendo sofrido reformulação posterior. O conteúdo gira em torno do aprofundamento do dogma, sem desconsiderar o que já se sabe das demais partes: a moral e a liturgia<sup>114</sup>. Considerando o público para o qual se destina o manual, à parte de formação e de aplicação da doutrina foi dada maior atenção e, portanto, foi mais desenvolvida. Por serem alunos do curso secundário, o autor defende a necessidade de um conhecimento mais raciocinado, conforme a idade, fazendo um estudo da Religião a partir de elementos mais abstratos, como os argumentos da Revelação; “daí o uso mais abundante das Sagradas Escrituras a que, muitas vezes obriga o próprio aluno a trabalhar ativa e individualmente tal como o requerem as melhores conquistas pedagógicas modernas” (NEGROMONTE, 1941b, p.8).

Sob esse argumento, o Novo Testamento se torna material fundamental para as aulas de religião.

Aos que argumentarem dizendo que será necessário o aluno ter, pelo menos o Novo Testamento em mãos, dou-lhe plena razão: é o que supponho. Já e tempo de familiarizar os católicos com o Evangelho que numerosíssimos ainda continuam infelizmente a desconhecer. Mas, aos que argumentarem que isso será difícil responderei que quase todos têm um dicionário e uma tábua de logaritmos, coisas muito menos acessíveis (NEGROMONTE, 1941b, p. 8-9).

Nesse intuito de levar o aluno a trabalhar, outro livro, que também será posto a disposição dos alunos em termos referencia e consulta, é o Missal. Considerado o livro da Igreja por excelência, enfatiza a necessidade da vida litúrgica, que deve ser a vida do cristão.

As lições não têm a pretensão de serem tão fáceis. Além do estudo do aluno, a presença do professor é fundamental. Aqui, o padre chama atenção para o papel do professor na sala de aula e no processo ensino-aprendizagem. Para ele, o aluno deve ser o centro desse

---

<sup>114</sup>Introduzidas de forma elementar no **Manual de Religião**.



processo porque a aprendizagem eficaz é o objetivo ao qual se quer chegar; mas essa posição central não minimiza o papel do professor em sala de aula. O texto é escolar.

Isto quer dizer que conto sempre com um professor a quem cabe fazer os alunos compreenderem melhor. Ao professor, sobretudo, cabe estimular o trabalho e a compreensão dos que aprendem, acostumando-os a resolverem as suas próprias dificuldades, levando-os ao uso do Evangelho e do Missal, mostrando-lhes a essência das doutrinas e ensinando a conferir com elas as idéias errôneas, principalmente as mais vulgares no mundo moderno. (NEGROMONTE, 1941b, p. 9)

A preocupação central, segundo o próprio Negromonte, ao ensinar os dogmas é prender o aluno à Igreja, já que a organização católica está baseada no princípio da hierarquia e não alimenta o contato direto com Deus, nem com Cristo, mas com a Igreja, célula *mater* responsável por orientar e dirigir os fiéis e prescrever-lhes, a partir das verdades reveladas, as regras de fé que devem guiar as suas vidas.

As lições são selecionadas e sistematizadas no intuito de corroborar com essa assertiva. A primeira lição trata da “Religião” e da necessidade que o homem tem de estar perto do seu criador. O conceito de religião para o autor não se resume a um conjunto de preces e ritos que se realizam em determinado lugar. A Religião envolve toda a vida, orienta todas as ações do homem. Não é coisa de um instante ou de um lugar, mas de todos os lugares e momentos. A Religião é, portanto, a própria vida. Logo em seguida, as lições tratam de fundamentos básicos do cristianismo como a “existência de Deus”, “Ateísmo”, “a Natureza de Deus”, “os Atributos Divinos”, “Atributos positivos”, “Santíssima Trindade”, “os Anjos”, “Homem”, “Promessa do Salvador”, “Os Mistérios da Encarnação”, “A Vinda do Salvador”, “Jesus Cristo”, “A Divindade de Cristo”, “A Ressurreição de Cristo” e “a Mãe do Salvador”; a partir daí, o autor trata da Igreja Católica, especificamente em quatro lições, assim dispostas: “A Santa Igreja Católica”, “Cristo instituiu a Igreja”, “As Notas da Igreja” e “Igreja invencível”; a figura do Papa é tratada em duas lições que se dividem em “O Papa” e “A Infalibilidade Papal”; por fim, as últimas doze lições tratam de regras de fé específicas do catolicismo, conhecidas como doutrinas, às quais todo católico deve confessar por reconhecer, antes de mais nada, a autoridade que reveste a instituição eclesiástica católica. São elas: “A Bíblia”, “A tradição”, “Os dogmas”, “O Espírito Santo”, “A graça

santificante”, “A graça atual”, “A comunhão dos santos”, “O juízo”, “O céu”, “O inferno”, “O purgatório”, e por fim, “A ressurreição da carne”.

A compreensão dos dogmas da Igreja e de como, apesar dessa premissa, Álvaro Negromonte bebe das fontes das pedagogias ativas, requer o entendimento de que os pontos que distanciam a Igreja Católica das correntes pedagógicas modernas são os fins e não os métodos. Não é possível pensar em experiência que inventa e reinventa as verdades quando se está diante de uma instituição ancorada nas verdades reveladas que são seus dogmas de fé. A experiência é aceita pela Igreja como meio de fazer o aluno reforçar a sua fé e viver intensamente a doutrina da Igreja.

Em todos os tratados pedagógicos, o ponto que diz respeito à finalidade da educação sempre ficou obscuro, segundo Deschamps (*apud* SANTOS, 1939). Em geral, a crítica que o grupo católico faz em relação a alguns intelectuais da educação é não ter clara distinção entre a finalidade e os métodos. A finalidade da educação católica tem em vista a formação do sujeito integral e não concebe uma educação que forme para a vida, mas que seja a própria vida.

A educação é atividade essencialmente normativa que se processa sempre no sentido de determinados fins. Toda a pedagogia gravita em torno de um ideal que é sempre o reflexo de uma concepção do homem e do universo. Não há, portanto, educação sem finalidade nem pedagogia sem filosofia. E é um erro de conseqüências fatais transformar num mero problema de método e de técnica o que é, essencialmente, um problema de valor e ideal. (SANTOS, s/d, p. 28- 29)

Do ponto de vista católico, a finalidade da educação é um problema de valor, que não se pode compreender desassociado da Filosofia ou da Religião, pois depende da concepção que se tenha de homem, de vida e de universo. A variabilidade dessa concepção, de acordo com cada povo ou época, é considerada e não passa despercebida, o que reitera a necessidade de haver uma verdadeira concepção de vida absoluta, da qual deve derivar o fim último da educação. Isso não descarta, ainda, os fins temporais da educação. Estando no mundo, o sujeito tem necessidades e atribuições neste, que serão alcançadas mediante a formação integral da personalidade humana, a fim de que ela possa interagir e exercer o papel que lhe cabe, com dignidade, nas várias esferas da vida social como a família e a pátria. A finalidade essencial, como está além das

relatividades do pensamento humano e dos valores temporais, só pode existir em Deus. Portanto, a educação deve ter, no Criador, a meta do supremo ideal formativo. A educação católica visa a formação do homem perfeito: logo, a educação está intrinsecamente ligada ao ideal de vida.

No entanto, a concepção acerca do homem como indivíduo e o seu papel na sociedade é bastante variável. Ao falar de educação, é necessário ter clareza acerca do objeto principal da prática educativa. As várias correntes que surgem a partir do debate das pedagogias ativas formam, em torno de si, alguns eixos básicos que possibilitam compreender, ainda que de modo generalizado, sem desprezar, as especificidades de cada pensador e a experiência de suas práticas, a compreensão que estas têm do homem como indivíduo e como parte de uma sociedade.

Do ponto de vista da Filosofia da Educação, segundo Lourenço Filho (1969), as grandes correntes do pensamento filosófico podem ser compreendidas a partir de alguns pressupostos básicos, que as define como idealismo, realismo, pragmatismo, personalismo, humanismo e supernaturalismo. Para as correntes idealistas, a primeira e última realidades são as idéias e suas construções e, portando, a razão e o espírito. O idealismo nasceu com Platão, na primeira dessas concepções; mas, tem se renovado com elementos de compreensão dinâmica. Essa renovação tornou-se mais sensível a partir do séc. XVIII, mais especificamente depois que Kant elaborou a sua razão pura de formas absolutas e constantes, e uma razão prática, variável e contingente. Outros pensadores como Gentile, Fichte, Hegel e Croce também contribuíram para o desenvolvimento dessa corrente.

As correntes realistas também têm origem no pensamento grego. Mas, só com o desenvolvimento do pensamento de base experimental, típico da ciência moderna, é que tais correntes passaram ser formuladas de forma mais consistente. Na origem, opõe-se ao pensamento idealista. Em geral, afirma a existência de um mundo objetivo, com propriedades constantes. Admite, que pela observação de relações fixas expressa no que conhecemos por leis naturais, todos os homens podem chegar a conhecimentos idênticos. O realismo conduz a uma compreensão de mundo de forma mecanicista e determinista. Ainda nessa modalidade, mas admitindo um princípio novo, está o evolucionismo de Spencer, o qual vai defender um postulado que leva o indivíduo de um estado incoerente, indefinido e homogêneo para outro coerente, definido e heterogêneo; e, as correntes pragmatistas ou instrumentalistas que se desenvolveram

simultaneamente na Europa com Bérqson e Maurice Blondel e nos Estados Unidos com Pierce, William James e John Dewey. O pragmatismo de certa forma é uma reação ao espírito realista e idealista e se caracteriza como uma filosofia da ação, fundada no exame da experiência humana por seu duplo aspecto, objetivo e subjetivo.

As correntes personalistas e humanistas se debruçam sobre a personalidade e o estudo dos valores intuídos ou criados pelo homem. Brentano, Nietzsche, Wildelband e Jonas Cohn são expressões de sistematização dessa corrente, em fins do XIX e início do XX. O movimento que se deu, a partir de então, encontrou apoio em certos estudos da Psicologia, que tem apontado o caráter intencional da conduta humana, das quais podemos destacar, como principais representantes da filosofia personalista, Scheler e Kerschensteiner. Não se separam, nas correntes personalistas, os dois aspectos, individual e cultural, que conduzem a compreensão humanista. Os elementos comuns das correntes humanistas se referem ao desenvolvimento da compreensão da natureza do homem; análise dos fatores que concorrem para maior entendimento universal e a afirmação de valores que levem a esse entendimento, expressão de conhecimentos assimilados em forma de atividade criadora, a propiciação de estudos que conduzam a estados de liberação mental, desenvolvimento do espírito de fraternidade universal.

Por fim, as correntes supernaturalistas se referem aos sistemas que admitem, entre as fontes do conhecimento e com relevante supremacia sobre todas, a verdade diretamente revelada por Deus. Os sistemas supernaturalistas estão diretamente ligados às filosofias definidas pelas religiões, dentre as quais se destacam as de conteúdo cristão. A religião Católica apresenta uma filosofia supernaturalista, definida no século XIII por S. Tomás de Aquino, conhecida como tomismo, que consiste em uma doutrina pautada na hierarquia e que tem como objetivo ordenar as atividades humanas em relação a um objetivo último, revelado por Cristo, que é a salvação da alma e a felicidade eterna. A Igreja concebe um projeto de educação ancorado no desenvolvimento do indivíduo e da sociedade como duas faces de um mesmo processo.

A filosofia católica propõe uma idéia totalitária do homem e da vida. De acordo com Negromonte,

para nós o homem não é só a natureza como para Spencer; ou a inteligência com quer Descartes, ou a vontade como pensou Shopenhauer. Para nós o homem não é o lutador de Darwin, o libidinoso de Freud, o cidadão de Fichte, o técnico de Spengler. Para nós nem o indivíduo vive desligado da sociedade nem a sociedade absorve o indivíduo. Para nós o homem é todo o homem [...] Ninguém fora da Igreja lhe abrange desta maneira todo o ser, na

multiplicidade de suas funções, no desenvolvimento de suas atividades, na complexidade de sua vida. É o homem todo: corpo e alma, sentimento, inteligência e vontade, individual e social, vida interior e adextra, vida terrena e eterno. E é este o caráter próprio da nossa religião: o catolicismo, que quer dizer: o universalismo, a integralidade (1938b, p. 4 -5).

É essa concepção que embasa a defesa sobre a incapacidade de outrem estar em tão boas condições de realizar a educação do homem: ninguém possui tão completa filosofia de vida que proponha ao homem o mais perfeito ideal.

A efervescência dessas discussões, acerca da educação não passou ao largo das preocupações do Sumo Pontífice. Na Encíclica *Divini Illius Magistri*, ele não só define os parâmetros da educação cristã como estabelece a presença da Igreja nesses debates e a apropriação saudável que se pode fazer das benfeitorias da modernidade. Segundo o Papa, “a educação cristã alcança toda a extensão da vida humana sensível, espiritual intelectual, moral, individual, doméstica e social, não para diminuí-la de qualquer maneira, mas para a elevar, regular e aperfeiçoar segundo os exemplos e doutrinas de Cristo” (PIO XI, 1929).

Definida a questão dos fins da educação, central para a pedagogia católica, os métodos e todas as contribuições da ciência que facilitem a formação do homem tendo em vista o mais alto ideal de educação, podem e devem ser incorporadas à pedagogia católica, e utilizados em benefício da educação integral do homem. Nesse sentido, Pio XI se manifesta ao analisar essa questão do ensino: “E esta necessária cautela não impede de modo algum que o mestre católico acolha e aproveite quanto de verdadeiramente bom produzem os nossos tempos na disciplina e nos métodos” (PIO XI, 1929).

A iniciativa de Álvaro Negromonte não foi a única em relação a essa leitura católica das propostas ativas das pedagógicas européias e norte-americanas. Esse debate se instaurou no meio católico com fôlego e, a citar como exemplo, pode-se salientar o Curso de Aperfeiçoamento para Religiosas, realizado em Belo Horizonte, sugerido pelas próprias irmãs. Segundo Guerino Casassanta (1933), à época Diretor da Instrução Pública do Estado de Minas, as religiosas eram responsáveis pela direção de sessenta das setenta e duas Escolas Normais equiparadas, e nunca se colocaram à margem do movimento de renovação. Suas práticas pedagógicas foram destacadas, por ele por terem evoluído muito não só na capital, como também no interior. Não satisfeitas, sugeriram ao governo a criação de um curso de aperfeiçoamento intensivo que as habilitasse para a tarefa do ensino moderno. Sugestão aceita, o curso de

aperfeiçoamento para as religiosas não só satisfaz uma aspiração delas, como indicava a vitalidade da Reforma do Ensino em Minas e a forma como a pedagogia católica andava *pari passu* com as tendências modernas da educação.

De uma maneira geral, as lições sobre os dogmas se ancoram no princípio geral da necessidade que o homem tem de Deus e da Religião como mediadora da relação estabelecida entre ambos. Sendo assim, estabelecer regras de fé que conduzissem o homem a Deus seria exatamente a função da religião. Ancorada na legitimidade da sua institucionalização pelo próprio Cristo, a Igreja Católica assume essa responsabilidade e estabelece tais regras ou dogmas de fé. A modernidade fomenta a individualização e a racionalização e isso se traduz, também, no campo religioso. Não obstante a individualização não ser aceita pelo catolicismo, até porque põe em xeque a sua institucionalização e o seu poder, e a racionalização contrariar os princípios da fé, tal discussão força o exercício mais racional por parte do clero, que se vê obrigado a argumentar com mais veemência e de forma mais convincente sobre a sua doutrina.

O estudo passa a ser condição *sine qua non* para a nova pedagogia católica. O estudo das Escrituras Sagradas, da Liturgia, da moral, dos dogmas, de uma forma geral de toda a doutrina da Igreja, permite um esclarecimento acerca das verdades da fé que formam um contingente de fiéis capazes de afirmar, defender e propagar a doutrina católica com o mesmo esclarecimento que outras religiões, como o protestantismo vinha fazendo. A proliferação de impressos facilitou esse processo para ambos os lados. A Igreja Católica investiu nesse aparato moderno e sintetizou, em livretos e manuais de catecismo, a sua doutrina, disseminando-a a um número maior de fiéis.

Os novos avanços da pedagogia revelaram serem as práticas propostas pouco eficientes. Talvez o público tenha se tornado mais exigente, mais racional, mais crítico. Isso justifica a capacidade de articulação de Negromonte ao ensinar a doutrina da Igreja, de forma instigante, bem argumentada e convincente.

A doutrina da Igreja tem a ver com o seu caráter sagrado, o que faz da sua autoridade inquestionável e, portanto, a obediência é mais do que devida. Apesar disso, Negromonte não defende uma obediência cega, mas esclarecida. Sistemáticamente poderia se resumir da seguinte maneira. Deve-se obedecer a Igreja porque, tendo sido instituída por Deus, é seu desejo que assim se faça; portanto, os dogmas e os mandamentos que ela propõe estão de acordo com o espírito de Deus. Não obstante, é preciso compreender o dogma para melhor amá-lo e praticá-lo. O princípio da

obediência é mais eficaz quando esclarecido. “Não basta um silêncio respeitoso, é preciso aceitar o ensino” (NEGROMONTE, 1941b, p. 159).

Essa compreensão permeia todos os seus catecismos. Ele esclarece, ensina, põe o sujeito em contato direto com as Escrituras, por conta própria, através do trabalho pessoal e ativo, estimulando seu interesse e esforço. Não sendo um pragmático, em sua pedagogia catequética é possível encontrar, facilmente, princípios do pragmatismo que não ferem os princípios da Igreja e, embora a experiência não preceda a fé, o catolicismo se, nutre com muita tranquilidade, dos benefícios de uma prática pedagógica ancorada na experiência, na atividade, no interesse e no esforço.

Ao falar da veracidade da Igreja e das características que a fazem ser verdadeira<sup>115</sup>, Negromonte explica que a Igreja conserva a mesma doutrina dos apóstolos.

Certas verdades estão mais explanadas, mais explicadas, porém são as mesmas do começo. A Igreja não inventa dogmas novos; ela declara como dogmas (verdades que devemos crer) pontos de doutrina que sempre existiram. Por exemplo: a Imaculada Conceição. Nossa Senhora sempre foi concebida sem pecado, mas o dogma só foi instituído em 1854 (NEGROMONTE, 1941b, p.132)

O maior ponto de apoio para a argumentação proposta pelo autor são as Escrituras. Por isso, o incentivo à leitura da Bíblia forma o conjunto de suas prescrições para o cristão e parte incontestada da sua pedagogia. Como a crítica ao protestantismo não pode deixar de estar presente no seu discurso, ele se utiliza de alguns pontos de dissensão entre católicos e protestantes, como a leitura da Bíblia por exemplo, para tecer a sua crítica a estes, mas, também, para adotar e propor certas práticas ao cristão católico. O autor afirma:

---

<sup>115</sup> Os argumentos do autor para a compreensão da verdadeira Igreja se sustentam em quatro características básicas que esta deve possuir: a unidade, “ a Igreja de Cristo deve ser una no governo, na fé, no símbolo e no culto” ; a santidade, a missão de Cristo no mundo era salvar e santificar os homens ( I Tess, 4: 3). “ A doutrina da Igreja valeria pouco ou não realizaria nada se a Igreja não nos indicasse os meios de santificação, que são principalmente os Sacramentos” ; a catolicidade, só se pode dizer que ela é universal se for a mesma por toda a parte e não ficar dependente do chefe temporal de uma nação, mas há de ter um chefe que seja o chefe de todos os cristãos espalhados no mundo inteiro” e, por fim, a apostolicidade, “ a Igreja de Cristo foi fundada com os apóstolos. Foram eles os escolhidos para o início do trabalho de Jesus Cristo. Foi a eles que Jesus ensinou a sua doutrina mandando-lhes que a pregassem por toda parte, não podendo ser mudada, aumentada ou diminuída. Portanto, a Igreja de Cristo deve ser apostólica, a mesma que começou com os apóstolos, que conserva a sua doutrina e cujos chefes atuais se prendem aos apóstolos por uma série ininterrupta” (NEGROMONTE, 1941b, p.130).

os protestantes espalham e muita gente pensa que a Igreja Católica proíbe a leitura da Bíblia. Isto não é verdade. A Igreja não só aconselha a leitura da Bíblia como tem por ela grande estima e um grande respeito [...] A Igreja proíbe a leitura das falsas Bíblias<sup>116</sup>. Quanto ao mais, é sabido como a Igreja aconselha a leitura da Bíblia. E faz ler obrigatoriamente na liturgia: o Missal e o Breviário são feitos em grande parte com a Bíblia. Principalmente o Novo Testamento é aconselhado ao povo pelos Papas, Bispos e Padres da Igreja. Leão XIII deu 300 dias de indulgência aos católicos que lerem a Bíblia durante quinze minutos” (NEGROMONTE, 1941b, p. 168-69).

O que seu discurso nos revela é que de alguma forma havia um tipo de prática de leitura das Escrituras no século XIX. Leão XIII foi Papa de 1823 a 1829, a Bíblia era escrita em Latim. A Missa também era rezada em latim, até meados do século XX. A Liturgia era em Latim<sup>117</sup>. Ler as Escrituras e os livros da Igreja significava ter pleno domínio do Latim para compreendê-los. Nesse caso, pode-se perguntar a quem e como era sugerida essa leitura?

Depois de elaborar a sua autodefesa ele, deixa um apelo ao novo católico. Para fechar a lição sobre a Bíblia, pelo teor sensível que adota, nota-se a intencionalidade do padre em comover e instigar esse novo exercício. “É preciso acostumar-nos, ao menos, à leitura dos Evangelhos. Seria uma tristeza não os conhecermos. Muito proveitoso ainda seria ler sempre os Evangelhos e ainda melhor meditá-los (NEGROMONTE, 1941b, p.170).

Marcas da modernidade, a Igreja se renova. Ainda que não possa mudar os dogmas, pode e muda as práticas de apropriação dos fiéis pela doutrina católica. Com isso, o esclarecimento torna-se uma arma contra as demais religiões que se puserem a entrar na disputa pelo campo religioso.

**As Fontes do Salvador**, destinada à terceira série ginásial, em sua 21ª edição, refundida e ilustrada, mantém as preocupações essenciais de formar, para a vida, através da permanência e do crescimento no estado de graça, na integração na Liturgia e dedicação no apostolado, de acordo com o Método Integral, defendido pelo autor, tendo em vista “a experiência que a cada dia confirma como o mais próprio para a verdadeira formação cristã”. (NEGROMONTE, 1963, p.7).

---

<sup>116</sup> Por falsas Bíblias Negromonte aponta as protestantes. Além disso, há uma proibição, também, para a leitura das Bíblias que não trazem comentário das passagens mais difíceis porque, do contrário, os fiéis poderiam interpretar erradamente aquelas passagens.

<sup>117</sup> No manual **As Fontes do Salvador**, ao explicar cada sacramento, o padre coloca a liturgia desse sacramento em latim e a tradução em português, ao lado, para que o aluno pudesse compreendê-lo melhor. Em 1963, ao reeditá-lo, essa parte do Latim é retirada e a oração já aparece em Português.



Do ponto de vista metodológico, nessa edição há uma condensação e certo suprimimento no conteúdo em relação às edições anteriores, tornando-o menor, mais fácil e mais didático, segundo o próprio autor. Os pontos considerados fundamentais à formação integral, como o dever, o conselho, o apostolado e a Liturgia foram incorporados à doutrina. O contato com a Bíblia também foi modificado. As estratégias adotadas nas edições anteriores, de sugerir que o aluno recorresse ao texto bíblico, não vinham dando o resultado esperado. Deste modo, esse volume força um contato mais direto com a Estrutura Sagrada.

Seguindo as propostas do método ativo e de trabalho<sup>118</sup>, os exercícios propostos nas lições vão além do habitual questionário. Este também sofre reformulações e apresenta-se mais amplamente com questões abertas. “Reforçando o propósito de fazer do livro um instrumento de trabalho, acrescentei exercícios, ora de penetração, ora de pesquisa, ora de exame individual ou do meio, exigindo do aluno ou da classe, um engajamento pessoal que o mestre cuidará de despertar e estimular” (NEGROMONTE, 1963, p.7)<sup>119</sup>.

A função que o livro ocupa nas aulas de catecismo é a de um guia, um auxiliar do trabalho da catequista, não se constituindo como a única ferramenta dessas aulas, traduzido de forma clara pelo autor: “como sempre, o texto é apenas um auxiliar do professor. A este cabe utilizá-lo devidamente e valorizá-lo. Confio nos catequistas. Melhorando sempre a sua didática, preparando bem as lições, trabalhando com os próprios alunos” (NEGROMONTE, 1963, p. 8).

O livro é composto de nove unidades que tratam de uma introdução sobre o que é a Liturgia, os sacramentos e os sacramentais, seguida de mais oito, referentes a cada um dos sacramentos, além de uma unidade específica sobre o sacrifício da Missa e da comunhão antes da Eucaristia. Cada lição, tem, em média, cinco páginas estruturadas da seguinte maneira: a unidade, o tema, os sub-temas, uma súplica a ser destrinchada no decorrer da lição de forma expositiva, explicada sempre na primeira pessoa do plural. Ao final da lição, vem um questionário com o intuito de recapitular, revisar o que foi estudado e um conjunto de exercícios que sugerem diferentes trabalhos, por parte do

---

<sup>118</sup> O próprio Negromonte se coloca como usuário dessa proposta pedagógica. Na edição da José Olympio, no prefácio, ele diz em relação aos exercícios: “O uso da Escritura Sagrada é sempre largo [...] Fica, muito freqüentemente, ao aluno procurar os textos. É puro trabalho, no método ativo, acostumando os jovens católicos ao trato e conhecimento da Bíblia para que não envelheçam na sua ignorância! Mas fica aos professores exigirem esse trabalho, para que ele seja feito. Assim também com o Missal. Em muitas lições será impossível dar aula sem o Novo Testamento e o Missal em mãos” (NEGROMONTE, 1961a, p.16)

<sup>119</sup> Ver modelo de questionário no anexo XXI.

aluno, proporcionando dinamismo às aulas e criando um ambiente de socialização maior entre os alunos, pela variedade de trabalhos em equipe propostos.

Quanto ao conteúdo, não é possível pensar em uma exposição doutrinária de forma não diretiva; o que não vai de encontro ao conceito de atividade, próprio das pedagogias ativas, e que o autor preza em seus textos. O conceito de atividade para o padre, tem um caráter metodológico mais imediato, de aplicabilidade, e é trazido não só para a sala de aula quanto para o conteúdo da lição, já que o método aludido por ele tem em vista a formação integral do homem, objetivo consoante com as propostas das pedagogias ativas.

O conteúdo básico desse manual consiste na importância da missa e dos sacramentos, na vida do sujeito, e a impossibilidade de desassociar tais práticas da Liturgia. Da mesma forma que vida e educação não são dois processos isolados, mas, duas faces de um mesmo processo, intrinsecamente ligados, a missa e os sacramentos são a expressão da vida litúrgica, impregnada em todas as práticas do verdadeiro cristão.

Para ele, os atos litúrgicos são comunitários, daí a necessidade de uma participação ativa por parte dos membros nestes atos, indo além da prática de expectadores. Contudo, essas ações não devem ser meras repetições e sim uma forma de externar os sentimentos interiores do indivíduo. A educação religiosa assume nessa perspectiva, mais do que uma função reguladora de autocontrole dos instintos. Ao regular, ela forma um novo *habitus* que começa a ser inculcado de dentro para fora, de forma que as ações do sujeito sejam expressões das normas e valores sociais que ele aprendeu e incorporou de forma tão intrínseca, que não seja possível, para ele perceber o que é inato e o que é construído. Ele acredita e passa a reger sua vida a partir do seu conjunto de valores.

O catecismo tem a função de sistematizar e orientar essa nova prática para a formação de vida desse novo *habitus*. Essa concepção de *habitus* é percebida e utilizada, neste trabalho, da forma como Elias o utiliza<sup>120</sup>, intimamente ligado a uma

---

<sup>120</sup> Essa justificativa se dá pelo fato de que o sociólogo francês Pierre Bourdieu também utiliza o conceito de *habitus* em seus estudos. Todavia, apesar de Bourdieu não se afastar de uma maneira geral de Elias, suas teorias formatam a vida social em estruturas estruturantes e estruturadas. Para ele o conceito de *habitus* é um “sistema de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas e que, enquanto lugar geométrico dos determinismos objetivos e de uma determinação, do futuro objetivo e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas” (2005, p. 202). Em outras palavras, a prática é resultante de um *habitus* bem instituído. A diferença entre ambos consiste exatamente nessa instituição do *habitus*. Em Elias, essa instituição deve se dar de dentro para fora, através da autoregulação dos instintos. Em Bourdieu, o *habitus* aparece como uma imposição das estruturas estruturantes sobre as estruturadas, ou seja, de fora para dentro. Negromonte racionaliza o seu modelo pedagógico para dar conta, exatamente, desse processo de controle dos instintos e modelagem dos valores resultante no

rede de interdependência que compõe a vida social. O *habitus*, segundo Elias, diz respeito a “mudanças na maneira como a sociedade é compreendida, e até na maneira como as diferentes pessoas que formam essas sociedades entendem a si mesmas: em suma a auto-imagem, e a composição social” (ELIAS, 1994, p. 9). Essa adaptabilidade e transformabilidade das funções auto-reguladoras, da rede humana, da qual provêm atos individuais e para a qual eles são dirigidos, é determinante para a formação de uma sociedade civilizada. Do ponto de vista da Igreja, uma sociedade civilizada cristã.

Os sacramentos têm uma função auto-reguladora, que facilita o controle dos instintos. A Eucaristia, por exemplo, segundo Negromonte, produz efeitos na alma e no corpo. Quanto à alma, ela produz um aumento da graça, por conter em si o próprio Cristo, e estabelece uma união profunda entre Este e a pessoa que comunga, excitando, com isso, o fervor dos fiéis. Vale ressaltar que o fervor é compreendido, por Negromonte, como a “disposição para serviço de Deus e a prática da virtude, e não propriamente uma excitação sensível, que não faz parte da santidade” (1961a, p. 136). Quanto ao corpo, a Eucaristia modera as paixões, uma vez que produz um aumento da caridade diminuindo com isso, as paixões que se opõem à caridade; agindo diretamente sobre o corpo, “a carne de Cristo diminui os sentimentos desordenados: ‘a nossa carne transformando-se na carne de Cristo vai tomando aos poucos as suas virtudes’” (1961a, p. 136). Com isso, há uma modelação de comportamentos através de uma instituição de valores.

Como não é possível compreender indivíduo sem sociedade<sup>121</sup>, essa é uma prática que não se restringe à individualidade. A sua eficácia está no peso e na força da coletividade, através da sensibilização dos indivíduos. As cerimônias religiosas são momentos em que essa coletividade se expressa com maior fôlego e exprime à sociedade católica, sob a égide da irmandade, condutas que legitimam e afirmam seu pertencimento ao grupo.

A liturgia é uma prática que permeia esse processo, diz respeito a um conjunto de cerimônias religiosas estabelecidas no ritual da Igreja. Como culto que a Igreja presta a Deus, é uma prática social que tem em vista a glorificação de Deus e a santificação dos homens. “Estes dois fins se unem de tal modo que um não existe sem o outro:

---

comportamento do indivíduo, aproximando-se mais da forma como Elias compreende a formação do *habitus*.

<sup>121</sup> Segundo Norbert Elias, “o indivíduo só pode ser entendido em termos de sua vida em comum com os outros. A estrutura e a configuração do controle comportamental de um indivíduo dependem da estrutura das relações entre os indivíduos. Por outro lado, a sociedade, com sua regularidade, não é nada externo aos indivíduos; tampouco é simplesmente um objeto oposto ao indivíduo; ela é aquilo que todo indivíduo quer dizer quando diz ‘nós’. As funções e relações interpessoais que expressamos com partículas gramaticais como ‘eu’, ‘você’, ‘ele’, ‘ela’, ‘nós’ e ‘eles’ são interdependentes” (1994, p. 56-57).

glorificando a Deus santificamo-nos e santificando-nos, glorificamos a Deus” (NEGROMONTE, 1963, p. 11). Daí a necessidade de uma formação que permita aos sujeitos participarem, ativamente, dos atos litúrgicos e não apenas como expectadores.

As cerimônias têm a vantagem de falar aos sentidos, despertando a atenção dos fiéis. Através de ritos majestosos, simbólicos, cheios de significação elas ressaltam a eficácia da missa e dos sacramentos. Cada gesto, cada coisa, cada palavra ali encerra um significado. A imposição das mãos, o sopro, o óleo, as atitudes, tudo, enfim, tem uma significação. E tudo isto é para a edificação dos fiéis. Mas é um livro fechado se nós o ignorarmos (NEGROMONTE, 1961a, p. 34)

Para isso, é necessário que haja estudo e que este seja de forma sistematizada e eficaz. “Muitas cerimônias são reminiscências históricas que só podem ser compreendidas mediante estudo. Outras são simbólicas e o simbolismo das coisas da Igreja há de significar o que ela entende e não o que nós quisermos imaginar, precisam também de estudo” (NEGROMONTE, 1961a, p. 34).

Os sacramentos externalizam a fé através dos atos. Do ponto de vista da Igreja, é pelos sacramentos que o homem recebe a vida. Eles são “sinais sensíveis instituídos por Cristo para produzirem em nós a graça. Não podemos perceber a graça, porque ela é espiritual. Mas os sinais sensíveis do sacramento indicam que a recebemos” (NEGROMONTE, 1963, p.15). A distribuição dos sacramentos é uma das principais funções da Igreja, sendo menor apenas que a Missa, por isso toda a pompa e preparativos necessários. O número de sacramentos instituídos aponta uma relação intrínseca entre a vida natural e sobrenatural do sujeito: para o nascimento – o Batismo; para o crescimento e fortificação - a Crisma; como alimento - a Eucaristia; doenças e curas ficam a encargo da Penitência e, para a morte - a Extrema-Unção; a vida em sociedade sob a autoridade de chefes exige a Ordem e, para a perpetuação da espécie - o Matrimônio. “Deste modo, durante a vida inteira, os cristãos têm ao seu dispor os socorros espirituais de que precisam” (NEGROMONTE, 1963, p.16). As práticas cristãs são, portanto, elementos que mediam ou reforçam a fé cristã, e, em muitos casos, induzem à militância, como é o caso da Crisma. A Crisma tem por função aproximar mais o sujeito da missão de Cristo, dando maior participação em seu sacerdócio. Dessa forma, esse sacramento tem uma utilidade prática que faz com que o indivíduo lute para uma vida cristã individual e coletiva. Ele é responsável por zelar para que seus irmãos

também vivam cristãmente. A compreensão desse tipo de envolvimento com a sociedade, ou com o grupo que faz parte, encontra fundamentação no conceito de interdependência de Elias. Para ele,

o modo como uma pessoa decide e age desenvolve-se nas relações com outras pessoas, numa modificação de sua natureza pela sociedade. Entretanto, o que assim se molda não é algo simplesmente passivo, não é uma moeda sem vida, cunhada como milhares de moedas idênticas, e sim, o centro ativo do indivíduo, a direção pessoal dos seus instintos e de sua vontade; numa palavra, seu verdadeiro eu. O que é moldado pela sociedade também molda, por sua vez: é a auto-regulação do indivíduo em relação aos outros que estabelece limites à auto-regulação destes” (ELIAS, 1994, p. 52).

Ao indivíduo católico, isso implica a formação de um conjunto de *habitus* cristãos que vai exigir a superação de si mesmo em nome da prática da virtude. Para isso, será preciso vencer as suas próprias paixões, resistir às tentações do mundo e às vezes, a oposição, até dos parentes, carregando em si e para o mundo o emblema da catolicidade.

Na perspectiva da História da Educação, os sacramentos são compreendidos como ritos de passagem. Para a História Cultural, esses ritos são compreendidos no conjunto de possibilidades de alargamento dos objetos e das fontes. Neste trabalho, eles aparecem como objeto de umas das fontes utilizadas, que é o manual **As Fontes do Salvador**, mas nada impede que venham a se constituir em objetos específicos de estudos ou em fontes próprias, de onde se possa extrair, com maior propriedade uma outra porção da cultura católica. Fica como mais uma possibilidade de pesquisa.

Os ritos traduzem um pouco dos valores, da crença e das práticas de uma determinada sociedade, e como isso influencia os seus membros direta ou indiretamente. Obviamente, os ritos ainda que pertencentes a uma doutrina coesa e com uma administração centralizadora como a católica, não são estáticos. Eles variam por considerarem as especificidades de cada sociedade. Dito pelo próprio autor

as cerimônias não foram todas feitas de uma vez e não começaram assim como hoje existem. Evolveram com o tempo e variam de lugar para lugar, constituindo diferentes ritos. Hoje, constam dos livros oficiais da Igreja e são de tal maneira fixas e respeitáveis que nem os Bispos podem mudar, porém só o Papa. Esses livros são o Missal para a Missa e o Pontifical e o Ritual para os Sacramentos (1961a, p. 33)

Em geral, o rito é feito de dois elementos básicos: matéria e forma. A matéria é uma substância natural (água, óleo e pão) ou um ato (imposição das mãos ou acusação dos pecados). E a forma, as palavras que juntas, à matéria, constituem o sacramento (conhecidas como liturgia dos sacramentos). Essas cerimônias carregam em si dois significados: do ponto de vista espiritual, imprimir a graça na alma dos indivíduos e, do ponto de vista social, dirigir-lhe as ações e reger-lhe a vida.

Os sacramentais são coisas ou ações, instituídas ou usadas pela Igreja, para obter efeitos, principalmente, espirituais. Se parecem com os sacramentos por serem sinais sensíveis que levam ao estado de graça. Mas diferem por serem instituídos pela Igreja e não produzirem graça, tendo apenas o poder de pedi-la. Além disso, não são eficazes por si, dependem da oração da Igreja e das disposições com que são usados. Assim, os sacramentais carregam em si o peso da coletividade. “Quando faço um simples sinal da cruz, conto apenas com meu esforço. Mas quando faço com água benta, conto também com a oração da Igreja para me ajudar. Esta ajuda da oração da Igreja é que constitui o sacramental” (NEGROMONTE, 1963, p. 21). Os sacramentais são numerosíssimos e podem ser classificados em quatro categorias: exorcismos, bênçãos consecratórias, bênçãos invocativas e objetos bentos<sup>122</sup>. Assim como os sacramentos, o autor defende a compreensão devida dos sacramentais para que eles possam ter a sua eficácia na vida do cristão, além disso, “não se pode gostar do que não se conhece” (NEGROMONTE, 1960a, p. 35). Mais do que um costume, os sacramentais são símbolos que fazem parte da cultura católica e que devem ser transmitidos e ensinados a fazerem parte do cotidiano como alimento e reforço da fé.

Na análise dessa obra, apesar de ter me predisposto a analisar somente a edição publicada pela Rumo, tive que me reportar algumas vezes, à edição da José Olympio. Isso se justifica pelo fato de, ao sintetizar a obra, o autor ter deixado escapar elementos importantes para a compreensão de alguns pontos fundamentais, risco que há em toda síntese. É verdade que o estudo da Liturgia de cada sacramento, conforme a edição José Olympio, torna-se cansativo para um público de alunos na faixa dos quatorze anos,

---

<sup>122</sup> Por exorcismos entende-se a expulsão de demônios. São usados nas bênçãos mais importantes e também nos casos de possessão; as bênçãos consecratórias são sacramentais que consagram pessoas ou coisas, a serviço de Deus, de maneira permanente a exemplo da tonsura clerical, a bênçãos dos abades, a profissão religiosa, a sagração da Igreja, do altar, do cálice, dos sinos e outros; as bênçãos invocativas são orações da Igreja, feitas por seu ministro, pedindo os favores de Deus, independe da fé de quem ministra ou recebe, sua força está na eficácia da Igreja; os objetos bentos são velas, ramos, cruzeiros, imagens, água que têm o poder de operar seus efeitos mesmo sem o conhecimento do sujeito.

adolescentes inquietos e sempre em busca de novidades, sobretudo pelas fórmulas em latim<sup>123</sup>. A Edição Rumo não traz essa liturgia dos sacramentos como um estudo à parte; ela vem incorporada na lição, de forma abreviada e sem a oração em latim. Sem dúvida nenhuma, é mais sintética, mais dinâmica, mais prática, sobretudo quanto aos exercícios. Entretanto, se a intenção do autor era a de proporcionar conhecimento, aos alunos, para que eles pudessem compreender, na íntegra, o significado dos ritos e, assim, amá-los e praticá-los, objetivo que se perde na edição Rumo. Não obstante, o caráter prático que ele atribui proporciona uma integração do aluno com as lições estudadas, envolvendo-os com o tema, ao mesmo tempo que, através dos inúmeros trabalhos de grupo, também os socializa, criando laços e associações que firmam o sujeito no grupo ao qual ele pertence, como parte integrante e ativa fundamental para o funcionamento do grupo, nesse caso, a Igreja.

A **História da Igreja**, destinada ao curso colegial, em sua primeira edição, tem a preocupação de fazer o aluno conhecer os acontecimentos que envolveram a Igreja, percebendo a sua força diante de todas as adversidades. Em várias partes da obra, o autor chama a atenção para vitórias conquistadas, como símbolos de proteção e zelo divinos, marcas da sua instituição sagrada.

Do ponto de vista metodológico, o autor, nesse manual, adotou uma estratégia diferenciada dos manuais anteriores e sobrepôs o recurso narrativo às ilustrações e esquemas. As unidades são divididas em tópicos, mas sem qualquer proposta de exercício, o que causa estranheza, uma vez que o próprio autor revela, no prefácio, que sua intenção inicial era destinar essa obra à primeira série ginasial.

A didatização do conteúdo levou Negromonte a compor uma história temática que não se prende a uma seqüência cronológica rígida, permitindo retomar os acontecimentos e fazendo ecoar, com mais fôlego, a força das ações humanas nos diferentes espaços geográficos, a fim de garantir um sentido explicativo maior.

O compromisso com o qual o autor se propõe de contar a história tal como sucedeu, revelando os fatos, mesmo quando estes parecem contrários à Igreja, aponta para um compromisso com a verdade histórica, um conceito distante deste trabalho, mas que atende, sem dúvida nenhuma, ao projeto de tornar a história da Igreja inquestionável, por estar

---

<sup>123</sup> A tradução dessas fórmulas em Português vem ao lado, apresentando-se, assim, em duas colunas: a primeira em latim e a segunda em língua portuguesa.

comprometida com a verdade. Em sua justificativa, o padre afirma “não podemos fazer uma história apologética, deformando os fatos, mas devemos ver nas vicissitudes históricas as vitórias da Igreja, que já não existiria se não fosse divina” (1954b, p. 9).

O conteúdo é tratado sempre voltado para corroborar com a idéia de que a Igreja foi fruto de um projeto divino, buscando a Bíblia como aporte teórico fundamental. Jesus Cristo anunciou que iria sua Igreja (Mat. 16:18), cuidou da sua organização escolhendo os líderes a quem conferiu poderes espirituais (Mat. 16: 18-19), e (Jo. 21:15-18) e deixou claro a incorruptibilidade de uma instituição perfeita em propósitos, doutrina, culto e hierarquia (Mat. 18:17) permanente até o fim dos tempos (Mat. 28:20). A partir desses pressupostos, organiza-se toda a história da Igreja em uma perspectiva explicativa, voltada para as questões do contexto que contribuíssem para que a Igreja se fortalecesse ao longo dos tempos. Segundo o autor, “é mais necessário penetrar os sentidos dos acontecimentos do que saber narrá-los” (NEGROMONTE, 1954b, p. 9).

No exercício de historiador, Negromonte incorpora uma característica comum à classe: a explicação das ações humanas pelas origens, o que Marc Bloch chama de “ídolo da tribo dos historiadores”, e que encontrou o seu momento particular no desenvolvimento do pensamento histórico. No caso da História religiosa, “o estudo das origens assume um lugar preponderante porque parecia fornecer um critério para o próprio valor das religiões” (2001, p. 57). Essa marca na produção da história da Igreja busca fixar a representação dos valores sagrados como uma instituição divina que deve permear a consciência cristã.

A obra é dividida em unidades temáticas da seguinte maneira: a primeira unidade trata das origens da Igreja, com ênfase na relação estabelecida entre Jesus e a Igreja, da relação desta com o mundo judaico, greco-romano e o mundo oriental, e, dos seus principais interlocutores; as sete unidades posteriores se dedicam à sucessão de vitórias que contribuiram para o fortalecimento da Igreja.

A segunda unidade trata da “vitória sobre a força”, na qual Roma aparece como o lócus de produção dos acontecimentos. Trata das perseguições romanas e da difusão do cristianismo, o fim do paganismo e do estabelecimento do Cristianismo como religião de Estado.

A terceira está destinada à “vitória sobre o erro”, ou seja, o êxito da Igreja na propagação da doutrina católica, um projeto que ocorreu em três etapas: a “idade apostólica”, revestida de um caráter catequético; a “idade apologética”, conhecida como o



segundo século e considerado um dos mais difíceis<sup>124</sup>, e a “idade dos Santos Padres”, que não só refutou os erros como aprofundou a doutrina. Considerada a “idade de ouro”, por Negromonte, o século IV favoreceu o aparecimento de grandes teólogos. Evidentemente, o conjunto de circunstâncias favoráveis que esse século, sob o governo de Constantino, trouxe foi o grande motor dessa produção da intelectualidade católica. A paz entre a Igreja e o Império fomentou não só o estudo, mas também a possibilidade de reunião de vários concílios congregando esses teólogos. Contudo, não se pode esquecer que a proliferação de heresias e controvérsias exigiram, e com isso estimularam, um aprofundamento da doutrina e a conseqüente formação de intelectuais católicos.

A quarta unidade trata da “vitória sobre os bárbaros”, na Idade Média, e o posicionamento da Igreja diante da destruição do Império do Ocidente. Referenciando *De Civitate Dei*, de Santo Agostinho, Negromonte estabelece uma similaridade entre a luta, narrada por este, entre a cidade do demônio e a cidade de Deus, e a preparação divina da vitória da cidade de Deus, e à Igreja na época. Empenhada nesse empreendimento

a Igreja adota o posicionamento de proteger os fracos e asilar os perseguidos, salvar as artes e as letras, captando a gratidão dos devastados e a admiração dos invasores, trabalhar diretamente na conversão dos fiéis, unir novas nações surgidas da fusão de romanos e bárbaros no Santo Império Romano, a mais gigantesca e bem sucedida realização da história (NEGROMONTE, 1954b, p. 54).

Na quinta unidade, Negromonte aborda a “vitória sobre os excessos do poder temporal”, na qual aponta para a influência do poder civil sobre o espiritual, depois de Constantino, e a restauração do Império Romano no Ocidente, ainda na Idade Média, com Carlos Magno. A ênfase nas vitórias não apaga, da narrativa do padre, os negros períodos da Igreja em relação ao Papado, destacando a crise existente desde o século IX, desencadeada com a morte de Carlos Magno, até o século XI, com um êxito avassalador no século X, que ficou conhecido como “século de ferro”.

Quando Guido de Espoleto constrangeu a Estevão II a coroá-lo imperador (887), iniciou-se para a Igreja uma fase de desordens e

---

<sup>124</sup> O segundo século encontrou, além das perseguições habituais, a resistência do Império romano, que investiu também no combate dos intelectuais pagãos. A Igreja, ainda nascente, teve que se fortalecer para enfrentar esse novo tipo de ataque. No século III, como as perseguições eram mais locais que gerais, a paz favoreceu os estudos da Igreja, mas também enfraqueceu o espírito cristão. Veio à tona crises internas com as controvérsias, heresias e cismas que deram lugar ao aprofundamento da verdade dogmática. O século III se tornou o século dos apologistas e também dos controversistas.

escândalos. Desde então, foram levados ao trono pontifício Papas indignos por processos mais indignos ainda. Ao sabor dos interesses, Papas eram eleitos, assassinados, depostos, encarcerados, profanados até depois de mortos, como o Papa Formoso, morto em 896 que, por ter incorrido nas iras de Agiltrudes, mulher de Guido, teve o cadáver desenterrado e entregue à população que o atirou no Tibre. Sob a influência desta mulher terrível sucedem-se nove Papas, dentro de oito anos, tendo um quinze e outro vinte dias de governo, três morrido na prisão e três sido assassinados (NEGROMONTE, 1954b, p.76-77).

Assim como também não apaga o período humilhante, segundo o autor, em que a Igreja esteve sob a influência e o controle de mulheres que determinavam as investiduras conforme lhes conviesse, tornando os bens espirituais praticamente inexistentes em detrimento do significado que a representação destes traziam para os bens temporais.

Com a eleição de Sergio III (904) triunfara o partido da nobreza, dirigido por Teofilato e ainda mais por sua ambiciosa esposa Teodora e suas filhas Teodora II e Marózia, cuja poderosa influência manobrou o Papado cerca de trinta anos. Quando João X (914-928), o único Papa de valor nesse período, deu indícios de independência, foi morrer na prisão, por inspiração de Marózia, que levou ao trono pontifício o próprio filho, João XI (931). Se a lenda da Papisa Joana é grosseira invenção sem o menor fundamento histórico e hoje só repetida por pessoas ignorantes ou de má fé, é uma triste verdade que o governo da Igreja esteve, durante anos, manobrado por mulheres (NEGROMONTE, 1954b, p.77).

Aparece, assim, na história da Igreja, um legado de Papas indignos que só se encerrou com o movimento de Reforma, nascido no mosteiro de Cluny, passo inicial para a libertação da Igreja das mãos dos hereges, que culminou na Constituição de 1059, que afastava os leigos da eleição dos Papas, reservando-as aos cardeais. A outra frente de batalha, apontada por Negromonte, diz respeito à libertação da Igreja na batalha das investiduras<sup>125</sup>. A possibilidade de os Bispos e abades serem príncipes temporais, próprias do feudalismo, imbuiu o clero de cobiça, luxúria e ganância, que desmoralizaram mais uma vez o Papado e das quais a Igreja só conseguiu se libertar em 1122, com a concordata de Worms, quando o imperador renunciou à pretensão das investiduras.

No século XIII, a Igreja levou o Papado à arbitro do mundo. A cristandade se tornou visível nas representações que a fizeram emergir como as Ordens mendicantes, as Universidades, a presença de santos sobre os tronos e as maiores produções humanas

---

<sup>125</sup> As investiduras são títulos e posses, concedidos pelo rei no regime feudal aos Bispos e Abades, que na maioria das vezes, já eram grandes proprietários pelas Dioceses e Abadias. O interesse dos reis nessas investiduras consistia em manter os Bispos e Abades submissos aos seus interesses.

artísticas como a “**Suma Teológica**”, a “**Divina Comédia**” e as catedrais góticas. A vitória sobre o poder temporal se encerra na Bula *Unam Sanctam* de Bonifácio III, que determina a existência de dois poderes: um espiritual e o outro temporal. O primeiro, pertencente à Igreja, e o outro, aos príncipes. No entanto, se os negócios temporais envolvessem interesses espirituais, a Igreja tinha o direito de julgar o temporal quanto ao valor moral e religioso de seus atos.

Na sexta unidade, o tema tratado é “a vitória sobre os inimigos internos”. O autor retoma a trajetória que ele intitula “Do primitivo fervor à decadência pós-constantina”, acentuando a decadência e a grandeza da Idade Média. Ao mesmo tempo que Negromonte não nega, ou se cala, sobre os atos que desmoralizaram a Igreja, ele não deixa de atribuir a esta a responsabilidade pelo controle e ordem da sociedade. A religião como freio regulador e civilizador da sociedade, aparece no seu discurso, mesmo nos piores momentos da história. “Se os costumes de então nos parecem ainda bárbaros, pensemos o que seriam sem a ação da Igreja. Foi ela que conseguiu ‘pôr um pouco de ordem naquela desordem imensa’. O que de bom aparece é obra sua, de sua doutrinação, de sua autoridade, de suas repressões, de sua iniciativa” (NEGROMONTE, 1954b, p. 92). O autor assinala, com isso, a sua compreensão dos acontecimentos históricos, como elementos constituintes do processo civilizador, e aponta a Igreja como uma instituição que sempre teve o objetivo de instituir uma civilização cristã.

Como em todo campo, a Igreja, como representação de um campo religioso, teve no seu interior crises que resultaram em alguns cismas, entre a Igreja no Oriente e no Ocidente, e outros provocados pelos próprios cardeais, como a instituição de três Papas, no século XIV, após a morte de Gregório XI, e a própria Reforma Protestante. A reação católica no movimento da Contra-Reforma, na perspectiva do padre, constituiu-se na vitória contra os inimigos internos do campo.

Além desses inimigos, de maior representação no cenário religioso, as missões e a expansão territorial possibilitaram o surgimento de diversas interpretações da Igreja, denominadas, por ela mesma, de heresias, dentre as quais se destacam, o jansenismo, o quietismo, o josefismo e o regalismo, sendo este profundamente influenciado pela maçonaria. No Brasil, essa influência maçônica ocorreu tanto no movimento regalista quanto nas Irmandades. Segundo Negromonte, com a expulsão dos jesuítas, os maçons se infiltraram nas irmandades, dominaram as igrejas, buscando arruinar o catolicismo. Por agir diretamente no interior do meio eclesiástico, a maçonaria, constituiu-se um

inimigo eminente para a Igreja, devidamente reconhecido e rechaçado por todos os Papas (NEGROMONTE, 1954b, p.118).

A unidade sete aborda a “vitória da Igreja sobre a incredulidade”. Retomando o alastramento do protestantismo e a incitação deste a um “livre-exame” impulsionou o homem no subjetivismo religioso que se desdobrou na criação de “várias seitas”, como o deísmo, o naturalismo, o indiferentismo, a incredulidade e a maçonaria. Nesse contexto, a Filosofia não escapou aos ataques críticos do padre. A proliferação de livres pensadores, associados à maçonaria, desencadeou uma onda de laicidade mal vista pela Igreja. Curiosamente, Negromonte não atribui à França a concupiscência na produção desses intelectuais, mas à fragilidade da organização política, social e religiosa do país, à época, que favoreceu a entrada de livros ingleses sobre o materialismo e a irreligião. O calvinista Pedro Bayle e seu *“Dictionnaire Historique et Critique”* é apontado pelo padre como um dos precursores do movimento que ele denomina filosofismo e que deslanchou no século XVIII.

A erudição do autor da **História da Igreja** permite-lhe tecer a crítica a diversos desses pensadores fazendo a devida referência as suas obras. Montesquieu em sua **Cartas Persas** é criticado por atacar os “rijos costumes religiosos e sociais”, no **Espírito das Leis** por ter despertado o entusiasmo pelo governo constitucional e republicano; D’Alembert e Diderot, por serem os principais colaboradores de um projeto que vai de encontro à junção ‘altar e trono’ como a **Enciclopédia**; Voltaire se constitui a figura central do Filosofismo, para o padre, pela influência que exerceu em seu meio. Foi criticado pelo seu ódio à Cristo e à Igreja e a forma com a qual combatia, segundo Negromonte, pela mentira e zombaria; na Alemanha, Kant por “proclamar autônomas a razão e a moral”; Goethe e Schiller, pela difusão do racionalismo. A revolução francesa que rompeu com a Igreja, não poderia passar ao largo da História e é tida, pelo autor, como uma “loucura revolucionária”, sangrenta, desmedida, avassaladora, que fez ruir a nação e ocasionou muito mais vítimas do que a Inquisição em um tempo muito menor.

No conjunto de críticas aos incrédulos tecidas, pelo autor, é a crítica à Rousseau que possui maior relevância para este trabalho, uma vez que há, em relação ao pensador genebrino, praticamente um consenso entre os historiadores da Educação e da Pedagogia apontando-o como um dos precursores da Pedagogia Contemporânea e das Escolas Novas. Franco Cambi (1999) atribui à Rousseau o pioneirismo na renovação da Pedagogia Moderna

e o coloca como responsável pela ‘revolução copernicana’ que promoveu no campo educacional. Não obstante a renovação pedagógica ter desencadeado diferentes projetos de Escolas Novas, os intelectuais da área que mais influenciaram o padre Álvaro Negromonte foram Pestalozzi e Claparède que, de forma direta ou indireta, são associados pelos historiadores à proposta pedagógica rousseuniana<sup>126</sup>. Essa influência, no entanto parece não embaçar o olhar de Negromonte, que faz suas leituras da Educação e da Filosofia a partir do seu *locus*, sem pôr em risco as convenções e idéias preliminares com as quais ele está comprometido e evidenciando o caráter singular das práticas de leitura. A partir da leitura de Rousseau, Negromonte sintetiza:

Para ele, o homem é naturalmente bom. As paixões não lhe alteram a bondade natural. A sociedade perturbou essa felicidade. Para voltar a ela, o homem precisa de uma educação da maior liberdade possível para se desenvolver espontaneamente, sem constrangimentos nem outras sanções que as naturais. No Emílio ele propõe esta educação, que desconhece as conseqüências do pecado original e deixa o homem entregue às paixões. Este lamentável naturalismo pedagógico ainda hoje encontra adeptos (1954b, p.123)

A prática de leitura é uma prática singular, que varia ao longo dos tempos, adota modos e estratégias próprias que permitem, ao leitor, apropriar-se das idéias e, no processo de re-significação, formar um novo texto tomando como pressuposto a sua própria singularidade. A leitura está estritamente ligada a construção de um significado. Segundo Manguel, os leitores

geram significado à medida que lêem, construindo relações entre o seu conhecimento, sua memória da experiência, e as frases, parágrafos e trechos escritos. Ler, então, não é um processo automático de capturar um texto como um papel fotossensível captura a luz, mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum, e, contudo, pessoal (1997, p. 54).

As referências do padre são indicativos de uma prática de leitura ancorada em um ideal filosófico de educação prévio, mas que busca, nas Ciências da Educação e na Filosofia, os elementos necessários à formação de uma pedagogia catequética mais

---

<sup>126</sup> Cambi (1999) associa a proposta pedagógica de Pestalozzi à uma retomada de Rousseau e o próprio Edouard Claparède, em 1911, fundou o Instituto de Ciências da Educação, mais conhecido por Instituto Jean Jacques Rousseau, o qual se tornou, de acordo com Lourenço Filho (1969) um centro de referência de formação e aperfeiçoamento para educadores do mundo inteiro, dirigido por Pierre Bovet.

adequada à época. A presença de intelectuais da educação no seu discurso, ainda que estes apareçam, neste caso, como objetos de crítica, revelam o diálogo estabelecido entre o padre e os teóricos da educação e o seu reflexo na Pedagogia proposta nos seus catecismos<sup>127</sup>.

A presença da Filosofia, estritamente ligada à educação, explica-se na visão de mundo imposta pela Teologia. De Hovre é o filósofo que aparece reiteradas vezes nos manuais de catecismo do padre, além de Santo Agostinho e São Tomáz de Aquino. A posição neotomista de De Hovre e a sua compreensão da Pedagogia em uma relação dependente da Filosofia é o indício mais forte da inclinação do padre para a filosofia tomista, mesmo estando a Igreja em um momento de retorno à interlocução com Agostinho, da sua evidente influência no manual **O Caminho da Vida**. Além disso, a aproximação com De Hovre sinaliza também para a concepção do padre acerca das relações entre a Pedagogia e Filosofia, instigando a um olhar mais atento para o peso da Psicologia na sua proposta pedagógica, já que esta fundamenta toda a estrutura do seu projeto.

O liberalismo foi mais um aspecto da incredulidade tratado pelo padre<sup>128</sup> nessa unidade, que considerou a expressiva reação católica face ao movimento, sem desconsiderar a adesão por parte de alguns católicos ao projeto liberal. Ele associa esse movimento de adesão a um grupo de franceses, liderados pelo padre Lamennais, os quais pautavam seus argumentos na liberdade para a Igreja que sofria as mais variadas perseguições; mais liberdade para o povo, desde que fossem educados para o uso dessa liberdade e a separação entre a Igreja e o Estado. O liberalismo foi combatido por Pio IX, que publicou a Encíclica *Quanta Cura* condenando as liberdades modernas, o que

---

<sup>127</sup> A intensificação da formação e santificação do clero, retomada e empreendida por Pio XI, Papa vigente no período de estudos do padre Álvaro Negromonte, trazia a ciência para a Igreja como dom divino, que deve ser usado para fazer frutificar a inteligência, um atributo dado por Deus aos homens. Além disso, a má formação intelectual do clero assinalava, segundo Chartier e Hébrard (1995), para a queda de prestígio e influência sobre a opinião pública, tornando necessária uma preparação mais acurada para o púlpito, uma formação pedagógica para a catequese e uma atenção reflexiva sobre as questões sociais ancoradas em conteúdos mais consistentes, sem perder de vista o estudo das Escrituras e do dogma como conteúdo essencial da formação clerical. No conjunto de leituras para os padres, os estudos filosóficos atestam relevante prestígio e as novas doutrinas científicas despertaram a atenção da intelectualidade católica e dos jovens em formação. “Poucos anos antes da condenação do modernismo, percebe-se um clero mais curioso, mais dedicado à compreensão e menos inclinado ao anátema” (CHARTIER & HÉBRARD, 1995, p. 51). O congresso Eclesiástico de Reims, realizado em 1896, teve por objetivo contribuir com a qualificação do clero francês, introduziu o debate acerca dos progressos da física, da psicologia, e de diversas outras áreas, apresentando bibliografias para consulta dos congressistas, tendo o seu resultado sido considerado um sucesso (CHARTIER & HÉBRARD, 1995).

<sup>128</sup> Grosso modo, o projeto liberal consistia em apregoar a independência do homem, indicando para a efetivação da sua proposta no terreno civil, a separação entre Igreja e Estado, a autonomia moral condicionada apenas ao seu caráter legal e maior liberdade para os cidadãos, e, no terreno religioso, a rejeição da revelação, a igualdade de todas as religiões, a suficiência da razão sobre a moral e a verdade.

não extinguiu a simpatia de alguns intelectuais católicos pelo projeto liberal em si ou ainda por alguns pontos vistos sob determinados ângulos como benéficos à Igreja<sup>129</sup>.

Na oitava unidade, finalizando a saga das vitórias, o autor trata da “vitória em nossos tempos”, onde aponta para a renovação intelectual e social, sob o pontificado de Leão XIII, que atuou nas frentes de ação diplomática, doutrinária e social, publicando várias encíclicas sobre as principais questões que assolavam a Igreja, e para os benefícios, apesar dos vários prejuízos, decorrentes da influência liberalista após a proclamação da República, como o aumento das circunscrições eclesiais, melhoria no quadro de bispos, a purificação do clero, a administração dos seminários, o restabelecimento da nunciatura apostólica. A restauração da vida cristã e as contribuições do Papa Pio X, que, dentre outras coisas, difundiu a doutrina cristã com a organização do ensino religioso, buscando cristianizar as massas e afastando, com isso, os erros do modernismo, intensificou a formação das elites nas Universidades, elevou a formação do clero, elevou as obras sociais católicas. O papado de Pio XI retomou e pôs em dia as grandes questões estudadas por Leão XIII, continuou a renovação espiritual de Pio X, estabeleceu, com precisão o conceito de Ação Católica, já preconizado anteriormente por seus antecessores imediatos, tornou oficial o movimento litúrgico, investiu nas missões, de maneira expressiva, ficando conhecido como o Papa das Missões.

Na nona e última unidade, Negromonte trata da “vida interna da Igreja”, apontando os contornos que esta adotou a partir de duas fases que marcaram a sua História até o começo da Idade Média: o período antes de Constantino, marcado pelas perseguições e pela vida na clandestinidade, e o período depois de Constantino, com a proteção imperial. Como sociedade organizada em busca de um ideal civilizatório, a Igreja aprimorou, ao longo dos tempos, um conjunto de práticas que inclui os graus de hierarquia que regulam a instituição, evidenciando, no clero, as figuras do Papa, dos Cardeais, Bispos, Presbíteros, Diáconos e Ministros inferiores; normas do culto e da disciplina, como o Batismo, a Eucaristia, a Penitência, o Ano Litúrgico e diversos outros ritos. Essas práticas, símbolos de manifestação da fé, têm o objetivo de reforçar essa representação.

Ao fim das unidades, o autor expõe, como recurso auxiliar, uma lista dos Papas, desde a institucionalização da Igreja, e uma lista dos Concílios ecumênicos. Em relação a este último, apesar do texto não trazer nenhum tipo de exercício proposto, o padre faz

---

<sup>129</sup> Everardo Backheuser é considerado por Antônio Donizetti Sgarbi (1997) um intelectual simpatizante do liberalismo, não obstante ter atuado em diferentes frentes de ação da Igreja, combatendo o grupo que se auto-afirmou como o grupo dos pioneiros da Educação Nova, pelo seu projeto liberal de educação.

uma nota de rodapé interessante, em um estilo que mais parece uma sugestão do que um exercício propriamente dito, no qual indica um processo mnemônico para guardar os vinte concílios: “é só dizer a primeira sílaba de cada um, em grupos: Ni-co-é; ca-co-co; ni-co-la; la-la-la; le-le; vi-co-flo; la-tri-va” (NEGROMONTE, 1954b, p.176).

Pensar em uma História da Igreja remete a pensar, primeiramente, sobre o autor dessa História e de que perspectiva ela foi vista e narrada. Como ponto de partida, é preciso situar a escrita da história ao gênero narrativo, ainda que seja uma narrativa permeada de conjecturas, de explicações e das descontinuidade que compõem a vida humana. Segundo Ricoeur, “a história é sempre relato, mesmo quando se pretende desfazer-se da narrativa e o seu modo de compreensão permanece tributário dos procedimentos e operações que asseguram a encenação em forma de intriga das ações representadas” (*apud* CHARTIER, 1994, p.82).

Sendo narrativa, é possível afirmar que é a forma como essa se organiza que confere à História a sua “identidade estrutural”<sup>130</sup>, que se desdobra, em geral, em duas vertentes: a possibilidade de uma escrita histórica, a partir de um relato sem explicações, que se constitui em uma História puramente descritiva; e, a possibilidade de se escrever uma História a partir de um relato com explicações, no qual há uma interpretação da História. Essas duas vertentes colocam outra possibilidade em evidência: a escrita da história a partir de uma explicação sem relato. Sem dúvida, é uma possibilidade; entretanto, conforme Chartier, “a compreensão histórica é construída no e pelo próprio relato, pelos seus ordenamentos e por suas composições” (1994, p.82).

A escrita de uma **História da Igreja**, na ótica de Negromonte, requer a observação para o local de fala do autor, como recurso explicativo que auxilia o olhar para essa construção. Com um projeto claro e definido de recristianização da nação, a partir da instrução religiosa, Negromonte assegura que a causa de todos os males da sociedade moderna brasileira estão assentados na ignorância religiosa do povo, daí a necessidade de instruí-lo, urgentemente, nas questões da Igreja. O público ao qual se destina são adolescentes, de mais ou menos treze anos, fase que simboliza em muitas sociedades, a passagem da infância para a vida adulta, pelo desenvolvimento do seu sistema cognitivo.

Segundo Cória-Sabini (2001), na adolescência, as operações passam a ocorrer em nível puramente verbal. O sujeito é capaz de compreender, na sua amplitude, conceitos abstratos como justiça, verdade, moralidade, perspectiva etc., os quais, até

---

<sup>130</sup> O termo é usado por Chartier (1994, p. 82), do qual me aproprio por considerar a carga explicativa que ele carrega em si.



então, requeriam uma série de exemplos e ilustrações para criar uma aproximação com a criança. A possibilidade de fazer conjecturas e exercer sobre elas um raciocínio lógico permitiu à Negromonte adotar a estratégia de relatar a História da Igreja de uma perspectiva narrativa que permite ao adolescente identificar-se com os personagens dessa história, mas como representante do seu tempo e questionar-se sobre a forma como vem conduzindo esse papel de agente na História da Igreja.

Negromonte escreve uma história narrativa explicativa temática, com saltos no tempo em função dos tópicos das unidades, mas sem levantar hipóteses ou fazer conjecturas, já que não faz parte do seu conjunto de interesses gerar dúvidas em seu leitor. A sua forma de escrever possui uma certa transparência, em relação aos acontecimentos, aos personagens, e suas ações de modo a não criar dúvidas quanto à narrativa e propiciar uma aproximação do leitor com a história. Através de uma escrita atraente, Negromonte incita a admiração pelos sujeitos dessa história. Tendo em vista o seu projeto, pode-se inferir que o seu objetivo está voltado para criar, nos alunos, uma identificação com esses personagens, decisão que incidirá diretamente na sua prática cotidiana, corroborando para a formação de um cristão sólido.

Na arte de contar a história, Negromonte não foge à idéia de que “contar é sempre dar à compreender e, conseqüentemente, explicar, em História, não é mais do que desvendar uma intriga” (CHARTIER, 1994, p. 82). A História da Igreja aparece em meio a uma trama de perseguições que, apesar de muitas vezes ter apresentado resultados expressivos nos seus ataques, a sua institucionalização divina não a deixou se extinguir. A existência de homens e mulheres dispostos a morrerem, ensinando e propagando a Palavra de Deus e a fé católica, contribuiu para sua vitória nos vários aspectos que a obra aborda. A Igreja aparece na história como uma instituição vitoriosa porque sempre contou com o favor de Deus e de pessoas, em diferentes partes do mundo, que levaram adiante o projeto divino. Essa perspectiva de vitória atrelada à disposição dos homens indica duas proposições relevantes: a de que a Igreja é vitoriosa porque foi planejada e instituída por Deus e porque é feita de homens e mulheres vitoriosos. Nas entrelinhas, a mensagem que segue implícita é a de que a obediência a Deus é garantia de sucesso. Sendo a Igreja um projeto divino, a obediência à Igreja e a sua doutrina é o exercício da obediência a Deus e condição *sine qua non* para a vitória na Terra.

A **História da Igreja**, contada pelo padre Álvaro Negromonte, adota uma perspectiva de comprometimento com a verdade que a torna quase absoluta. Não

obstante, é válida a lembrança de que a produção do conhecimento histórico não está inscrita em um paradigma matemático. A elaboração dos dados, localizados como vestígios ou sinais da ação humana no tempo, possibilitam a construção de uma História, a partir de um *lócus* de produção, no qual o historiador aparece, oras, submetido a um controle externo, outras, limitado pelas fontes que se apresentam, ou mesmo, comprometido com suas filiações teóricas. A História se revela, portanto, sempre fruto das várias realidades que a produzem.

A série **Meu Catecismo**, voltada para o ensino primário, teve a sua primeira edição publicada em 1942 pela editora Vozes. Todavia, os volumes utilizadas nessa análise são reedições publicadas pela José Olympio, salvo um exemplar do segundo ano, editado pela Vozes, que foi acrescentado à análise a título de comparação. Os livros mantêm as preocupações essenciais de formar para a vida, trazendo-a para a aula de catecismo, tal como indica a pedagogia funcional de Claparède.

Do ponto de vista metodológico, tais lições apóiam-se no método integral, desenvolvido no **Guia do Catequista** passo a passo, para maior facilidade do trabalho do professor. Os pontos considerados fundamentais ao exercício docente aparecem explicados claramente na nota “Aos Professores”, na qual o autor retoma algumas sugestões de trabalho aprofundados na **Pedagogia do Catecismo**. A forma destrinchada com que explica sua proposta metodológica nessa nota, é um claro indício de que ao compor a série **Meu Catecismo**, o padre não intencionava produzir o manual do professor intitulado **Guia do Catequista**. Apesar da prática adotada de dirigir uma nota aos professores no livro do aluno<sup>131</sup>, em nenhuma foi tão minucioso quanto ao desenvolvimento do método. Nos volumes para o segundo, terceiro e quarto ano, o conteúdo da nota “Aos Professores” é, praticamente, o mesmo, acrescentando um ou dois parágrafos com explicações específicas, como é o caso do livro para o terceiro ano, que o padre indica quais as lições que podem ser suprimidas se não houver tempo de dar todo o conteúdo<sup>132</sup>. No volume para o quarto ano, o autor explica que o livro foi

---

<sup>131</sup> Conferir a nota “Aos Professores” do volume para o primeiro ano no anexo XXII.

<sup>132</sup> “Quando não for possível dar as 31 lições durante o ano, suprimam-se, digo com pena: foi tudo tão planejado!) as seguintes: O homem, Promessa do Salvador, Vida Oculta, Vida pública, A missa une os cristãos, As festas da Igreja, Perdão dos pecados, Para a boa confissão, Os Sacramentos, A comunhão, Respeito à Igreja, Os Mandamentos (NEGROMONTE, 1957a, p. 10)

pensado para duas aulas semanais. Na escola em que só houver uma aula semanal, a matéria deverá ser dividida e o livro poderá ser usado, também, no ano seguinte<sup>133</sup>.

Em todas as notas, Negromonte reforça a importância de seguir o seu método que, segundo ele, baseia-se em uma história de onde sai a doutrina, na qual se fundamenta a formação. Esta formação se desdobra em quatro pontos fundamentais da vida cristã: o dever, que se refere às obrigações da vida cristã; o conselho, que são os atos de devoção; o apostolado, que diz respeito aos cuidados com a salvação do próximo, o qual também se constitui um dever de todo cristão; e, por fim, a Liturgia, que é o culto comunitário da Igreja, no qual os cristãos devem se integrar e firmar suas relações sociais. Para Negromonte, só é completa a lição que realiza este esquema. Para ele, “ficar na história ou na doutrina seria deter-nos a meio caminho, pois o termo é precisamente a vida” (NEGROMONTE, 1961b, p. 7). No volume para o segundo ano, ao tratar dessa mesma questão, o padre afirma:

sendo a inteligência a faculdade mestra do homem vamos direto à inteligência: a leitura, dando a história e a doutrina, deve ser entendida. Feita a leitura, vem a verificação, através do questionário, em cada lição, apelando-se mais para a Inteligência que para a memória. O que for bem entendido será facilmente conservado. Seguem os exercícios, cuja importância nunca será demasiado encarecida. Por vários motivos: integram a lição, que ficará muito incompleta sem eles; constantemente é neles que se completam os quatro pontos da formação e dão maior prazer às crianças, constituem excelente aprendizagem para a ação católica com seus métodos do “ver, julgar e agir”, pois sou dos que acham a capacidade de julgar o ponto fundamental da educação. Gravíssimo erro seria eliminá-los, sob qualquer pretexto. Pelo contrário: devemos multiplicá-los até. Outras atividades, que o livro não pode dar – álbuns, cartazes, dramatizações, excursões -, serão praticadas com agrado e proveito. As recapitulações, orais ou escritas (em forma de testes, serão muito úteis, algumas vezes ao ano. Cada lição termina com uma pergunta e sua resposta, para o aluno decorar. Deste modo evitamos inconvenientes do sistema e lhe aproveitamos as vantagens. É que perguntas e respostas não devem ser ponto de partida, mas de chegada – quando a doutrina aprendida vai ser conservada numa fórmula completa (NEGROMONTE, 1961b, p. 7-8).

---

<sup>133</sup> A essa época, de acordo com Negromonte (1954b), em Minas Gerais (*lôcus* de produção da coleção), depois do quarto ano primário, havia o Curso Elementar, antes do aluno entrar no secundário. O volume destinado à essa série era o **Manual de Religião**, que consistia, basicamente, no mesmo conteúdo, não acarretando nenhum prejuízo ou dano se a professora decidisse optar por continuar com o manual anterior (o da 4ª série) ou introduzir o trabalho com o próprio **Manual de Religião**.

A missão assumida, desde o final do século XVI, pelas escolas cristãs de conduzir os indivíduos a uma alfabetização, concomitante ao processo de doutrinação da fé, associou o discurso da civilidade ao da escolarização e, conseqüentemente, ao aprendizado da leitura e da escrita. Além disso, de acordo com Hèbrard

As Reformas levaram a tal ponto de complexidade o debate teológico que, para formar um cristão, por mais obediente que seja, se torna quase impossível passar de um recurso ao texto que fixa na *varietur* a especificidade do dogma. Se desejamos que um pequeno católico permaneça católico, é preciso que ele conserve em toda a sua vida o perfeito conhecimento da letra do seu catecismo porque sem ela, arriscaria de não identificar os propósitos heréticos que as diferentes confissões propagam em torno delas. É preciso, sobretudo, que ele possa verificar no texto do seu catecismo, que ele não deformou nada da fé de seus ancestrais. Acontece o mesmo, certamente, com um pequeno protestante. Um e outro devem então aprender a ler, e a escola de sua catequização se torna, assim, a escola de sua alfabetização (HÈBRARD, 2007, p. 2).

As marcas dessa relação de interdependência, que se estabeleceu ao longo dos séculos entre catequização e leitura, aparecem de forma clara nos livros dessa série. De um ponto de vista prático, as lições se organizam de forma que “lição e exercício” acabam, quando não exercendo, auxiliando o processo de alfabetização<sup>134</sup>. Essa articulação também tem uma história. Segundo Hèbrard (2007), a lição e o exercício fazem parte da história das práticas escolares. Assim, a “lição é a ordem do saber que só se exprime quando perfeita. O exercício, ao contrário, é essa autorização que a instituição dá ao aluno, de mostrar suas tentativas, seus esforços, seus fracassos, suas dificuldades. Expor o momento da aprendizagem muito mais que seu resultado: é isso o exercício” (Hèbrard, 2007, p. 4).

Em relação ao papel que o livro didático exerce nas práticas de leitura, é preciso atentar para a relação variada de usos que esse objeto permite e que vai além dessa atividade estrita. Segundo Bittencourt,

O livro didático foi construído para que a leitura se realizasse de duas formas. O primeiro momento era mediado pelo professor, o agente da leitura em grupo. Os alunos deveriam ler em voz alta, na sala de aula, dividindo a leitura com seus companheiros de classe [...] A seqüência da leitura do livro didático, ou a etapa seguinte da leitura, levava-o a partilhar uma prática erudita e individualizada. O aluno teria que ‘privatizar’ sua leitura, lendo individualmente para decorar textos ou realizar exercícios pedagógicos ou outras formas de fixação da leitura.

---

<sup>134</sup> Conferir no anexo XXIII modelo de lição extraído do manual do terceiro ano.

“Escutar ler” foi outra prática freqüente na sala de aula. O professor lia para seus alunos (BITTENCOURT, 1993, p. 319).

A ênfase, nos exercícios, dada pelo autor, insere-se nessa perspectiva de aprendizagem e na formação de *habitus*<sup>135</sup>. Para ele,

a finalidade do ensino religioso é criar atitudes e hábitos [...] perfeita escola para a vida, o catecismo deve encaminhar para o cumprimento dos deveres [...] insistiremos nesses pontos de formação sempre e sempre porque são a essência da catequese e porque a constituição de um hábito requer, em geral, não pequenos cuidados. (NEGROMONTE, 1960, p.12)

Os exercícios, propostos nas lições, incluem o habitual questionário, a partir do segundo ano, com perguntas abertas. Além disso, é clara a referência para que o professor vá além dos exercícios propostos e utilize dos recursos que a moderna Pedagogia já atestou serem proveitosos, como as dramatizações, a confecção de álbuns, pelos próprios alunos, a ornamentação da sala em conjunto, excursões, jogos, recapitulações e a mesma técnica de leitura usada na aula de Língua Portuguesa, “mesmo porque todo ensino, principalmente no curso primário deve ser entrosado” (NEGROMONTE, 1960b, p. 13). Tal estratégia contém o entendimento de que “o melhor método para fazer esses móveis interiores próprios a produzir a ação, é colocar o indivíduo em condições que lhe exijam atividade” (CLAPARÈDE, 1954, p. 90)

As lições da série **Meu Catecismo** são organizadas em pequenas porções, que se desdobram e se aprofundam ao longo do curso primário, de acordo com a capacidade dos alunos, conforme quadro seguinte:

---

<sup>135</sup> A prática de leitura, para o autor, também se constitui em um exercício. Mesmo quando a professora lê a lição, ou apresenta a lição, os alunos devem estar ouvindo, atentos, concentrados, o que ele defende também como processo ativo de aprendizagem.

Quadro 18: Lições da série **Meu Catecismo** – 4 volumes.

SÉRIE	1ª	2ª	3ª	4ª
LIÇÕES CORRESPONDENTES	Menino Jesus Noite de Natal Reis Magos A Sagrada Família Jesus e as crianças O Batismo de Jesus	Os anjos Pecado Original O Salvador O Menino Jesus	O homem Pecado Original Promessa do Salvador Nossa Senhora O Salvador	A Bíblia
	O Bom Jesus	Ser bom com os outros As Bodas de Canaã Jesus multiplica os pães	A vida oculta Santíssima Trindade Vida Bíblica	–
	Jesus morreu na cruz	O morto ficou vivo Rezar Jesus nos salvou A ressurreição As línguas de fogo	A Paixão de Cristo Foi crucificado A grande vitória Subir ao céu As festas da Igreja Creio no Espírito Santo	–
	Deus Meu Batismo As promessas do Batismo Deus em nós	O Batismo	–	Eu sou cristão Deus em nós Eu creio
	Os amiguinhos de Jesus	A Igreja	A Igreja A verdadeira Igreja O Papa não erra A família de Deus A missa une os cristãos Respeito ao templo	–
	Para me confessar Jesus na hóstia A Santa Missa Está chegando o dia	A Missa Ir à Missa O pecado A confissão Como nos confessamos	O Sacrifício da Missa Como é a Missa A comunhão O pecado Perdão dos pecados Para a boa confissão	–

<p style="text-align: center;">LIÇÕES CORRESPONDENTES</p>	Jesus morreu na cruz	O morto ficou vivo Rezar Jesus nos salvou A ressurreição As línguas de fogo	A Paixão de Cristo Foi crucificado A grande vitória Subir ao céu As festas da Igreja Creio no Espírito Santo	O Dia do Senhor A Santa Missa A cerimônia da Missa O Ano Litúrgico Pecado Confissão Anual Para manter o culto
	Minha vida cristã	Os Mandamentos	Mandamentos	Os 10 Mandamentos Não matarás Honrar pai e mãe
	–	–	A Graça	Jejum e abstinência Soldados de Cristo
	–	–	A oração	A oração A melhor oração O santo nome de Deus
	–	–	Os Sacramentos	Mandamentos da Igreja Extrema – Unção A ordem O Matrimônio
	–	–	Depois desta vida	–
	–	–	–	Espiritismo
	–	–	–	Amar à Pátria

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo**: 1º Ano Primário. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1960b; NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo**: 2º Ano Primário. 19ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1961b; NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo**: 3º Ano Primário. 15ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1957a; NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo**: 4º Ano Primário. 17ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1959a.

Em geral, o método tradicional, dogmático tem a tendência de prescrever, de fora para dentro, o que a criança deve aprender, sem a preocupação de saber se ela é capaz ou se o programa estabelecido está de acordo com as suas potencialidades momentâneas e suas aptidões. Negromonte, ao estabelecer porções de medida para os conteúdos, o fez com a preocupação de que o ensino religioso não aborrecesse o aluno, tornando-se indesejado e pouco compreensível.

Cada lição do primeiro volume tem quatro páginas; o segundo, tem três; o terceiro volume possui quatro páginas; e, no quarto as lições variam entre três e quatro páginas, conforme quadro seguinte:

Quadro 19: Estrutura das lições da série **Meu Catecismo**.

SÉRIE	1ª	2ª	3ª	4ª
ESTRUTURA DAS LIÇÕES	Título da Lição	Título da Lição	Título da Lição	Título da Lição
	❖	❖	❖	❖
	Exercícios	Questionário	Questionário	Questionário
	❖	❖	❖	❖
	Para você decorar	Exercícios	Exercícios	Exercícios
		❖	❖	❖
		Para você decorar	Para você decorar	Para você decorar

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo**: 1º Ano Primário. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1960b; NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo**: 2º Ano Primário. 19ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1961b; NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo**: 3º Ano Primário. 15ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1957a; NEGROMONTE, Álvaro. **Meu Catecismo**: 4º Ano Primário. 17ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1959a.

Esse encadeamento e organização das lições, reforça o que Lajolo (1996) afirma em relação ao livro didático e confere aos catecismos do padre Álvaro Negromonte maior legitimidade quanto ao seu papel na História da Educação Brasileira. Para Lajolo



o livro didático é instrumento específico e importantíssimo de ensino e de aprendizagem formal [...] Assim, para ser considerado didático, um livro precisa ser estudado de forma sistemática, no ensino-aprendizagem de um determinado objeto do conhecimento humano, geralmente já consolidado como disciplina escolar. Além disso, o livro didático caracteriza-se ainda por ser passível de uso na situação específica da escola, isto é, de aprendizado coletivo e orientado pelo professor (1996, p. 4).

Não obstante a presença do livro na sala de aula e o seu papel de auxiliar do catequista nas várias relações que se estabelece entre aluno e objeto, o projeto educativo planejado por Negromonte buscava atender o princípio da funcionalidade. A expressão “educação funcional” foi usada por Edouard Claparède<sup>136</sup> para

designar a educação que se propõe desenvolver os processos mentais considerando-os, não em si mesmos, e sim quanto à sua significação biológica, ao seu papel, à sua utilidade para a ação presente ou futura, para a vida. A educação funcional é a que toma a necessidade da criança, o seu interesse em atingir um fim, como alavanca da atividade que se deseja despertar nela (CLAPARÈDE, 1954, p.1).

O conceito de atividade está implícito na teoria de Claparède. Para ele, esse conceito gera uma série de equívocos que requer um maior cuidado em relação ao seu uso. A atividade do aluno não basta para tornar uma escola ativa. O termo ativo é muito vago, o que faz com que muitos teóricos da educação o encarem na perspectiva de puro movimento. Todavia, o conceito de atividade precisa ser considerado em seu sentido mais amplo, assim como o significado das práticas escolares. Nesse caso, é necessário considerar que uma lição deve responder a uma necessidade. De acordo com Claparède, “se ela for uma resposta, será escola ativa, mesmo que os alunos fiquem sentados a escutar” (1954, p. 154). A função da lição é, a partir do interesse, produzir ações que respondam a uma necessidade. Por causa das variações, em relação ao conceito de atividade, Claparède optou pelo termo

---

<sup>136</sup> Essa concepção não foi inaugurada por Claparède. Ele mesmo afirma que antes dele cunhar a expressão, teóricos como Rabelais, Montaigne, Comenius, Fénelon, Locke e Rousseau, já haviam sinalizado para a necessidade de se voltar mais a atenção para a própria criança, como um sujeito, com vida própria, e, portanto, necessidades específicas. Depois de Rousseau, foi com Herbart que, pela primeira vez, a idéia de basear a educação na Psicologia foi sistematicamente aplicada. Mas, segundo Claparède, foi na América que surgiu a Psicologia funcional, com William James, sendo nada mais do que a “ aplicação à Psicologia, por um lado, do ponto de vista biológico, e , por outro, do ponto de vista pragmatista, segundo o qual, antes de mais nada é a ação que importa: não vivemos para pensar, pensamos para viver”. No entanto, para Claparède, James não expõe de maneira muito explícita os princípios da educação funcional, tendo sido John Dewey quem realizou essa parte do programa. A concepção da educação funcional está presente portanto, segundo o próprio Claparède, em toda a obra pedagógica de John Dewey (CLAPARÈDE, 1954)

funcional, ao invés de ativo, e, possivelmente, pelo caráter moderado da sua pedagogia, ainda que o padre se mostre conhecedor das Pedagogias ativistas, sua obra se aproxima muito mais da Pedagogia Funcional de Claparède.

É nesse sentido que se pode ainda estabelecer uma relação do padre com o pragmatismo, tendo em vista a raiz da concepção funcional e da perspectiva de poder, se pensar no pragmatismo do ponto de vista metodológico. Segundo o próprio William James, o termo “pragmatismo” é derivado do grego e significa “ação”, no sentido muito similar ao que, no português, referimo-nos como, “prático” e prática”. Foi introduzido, pela primeira vez, por Charles Peirce em 1878. Este, postulou como princípio que “nossas crenças são, realmente, regras de ação (JAMES, 2006, p. 44-45). Seguindo a ordem prática, James ainda traduz o pragmatismo como método a ser aplicado, que consiste em “tentar interpretar cada noção traçando as suas conseqüências práticas respectivas” (JAMES, 2006, p. 44). Para os pragmatistas, assim como para os teóricos da educação funcional, a vontade antecipa o pensamento. É preciso, portanto, uma educação da vontade para que o pensamento exerça a sua função de produzir hábitos de ação, tendo em vista que, o que dá sentido a uma determinada coisa é apenas o conjunto de hábitos que a envolvem (PIERCE *apud* JAMES, 2006, p. 172).

Assim, ao pensar em uma formação de *habitus*, é preciso ter em vista que a escolha de uma ação, em detrimento de outra, implica em satisfazer a uma necessidade do momento, a um interesse. De forma que, para garantir que o sujeito faça a escolha que se espera dele, é preciso antes despertar um interesse tamanho que seja capaz de satisfazer as suas necessidades, já que as coisas se tornam interessantes na medida em que se relacionam com uma necessidade. Pode-se afirmar que “o interesse é o princípio fundamental da atividade mental [...] Agir, ter uma conduta, é escolher, a cada passo, entre muitíssimas reações possíveis. O móvel dessa escolha contínua é o interesse” (CLAPARÈDE, 1954, p. 61).

Nessa perspectiva, ao tratar da pessoa de Jesus Cristo, tal como o autor faz logo na primeira lição do primeiro volume, criando um enredo entre as lições, não só desperta a curiosidade do aluno como aguça o seu interesse em saber mais sobre o assunto. Primeiro, Jesus aparece como um menino que, como todos os outros, têm uma história que segue com o seu nascimento, com os convidados que foram lhe prestigiar com presentes, a sua vida em família, o seu crescimento e a sua relação de proximidade com as crianças. Suscitado o interesse, estabelecida a relação de proximidade, a eficácia do processo está no que Claparède chama de “Lei de Adaptação funcional”, que pode

ser formulada pelo seguinte corolário: a ação se produz quando é de natureza a satisfazer a necessidade ou o interesse do momento. Dela se extrai a seguinte regra de aplicação prática: para fazer um indivíduo agir, devemos colocá-lo nas condições próprias ao aparecimento da necessidade que a ação que se deseja suscitar tem por função satisfazer. Nesse sentido, ao tratar das lições sobre a bondade e a vida de Jesus, por exemplo, o autor cria um referencial a ser imitado e dirige as ações do aluno para responder a essa necessidade<sup>137</sup>.

Na mesma perspectiva quando trata da Igreja, da missa e das festas como instituições sagradas, mas também como espaços de sociabilidade, o autor está criando necessidades que suscitarão um conjunto de ações para satisfazê-las e que resultarão na configuração de um cristão prático.

As lições sobre os Mandamentos, a graça, a oração, os sacramentos estão carregadas de um código comportamental próprio da civilidade cristã. Segundo Chartier (2004, p. 58), “cristã e universal por excelência, a civilidade se diferencia, portanto, na sua execução em tantos comportamentos convenientes a cada estado ou situação”. De maneira que esse conjunto de regras, que se constituem práticas de um determinado grupo, faz parte do processo civilizatório ao qual o homem está submetido. Nesse caso, são importantes as observações de estudiosos, como Norbert Elias, que afirmam ser o homem um produto do ambiente social no qual está inserido e, portanto, tem a necessidade de se adequar a esse meio para que consiga assegurar a sua sobrevivência e o seu desenvolvimento. O processo de adequação ao meio constitui em obedecer a determinadas regras de comportamento que o próprio grupo social lhe impõe. Como cada sociedade tem condições peculiares, as regras comportamentais variam de acordo com o grupo. É importante destacar que em qualquer sociedade a obediência às regras é um fator fundamental para que o homem consiga viver de forma civilizada. Segundo Elias, o homem não é naturalmente um ser de bondade. Ele é um ser instintivo e, por isso, pode pender para qualquer um dos lados: bom ou mau. A instituição de regras e, sobretudo, das normas comportamentais é o principal mecanismo responsável por assegurar o equilíbrio humano e as relações da vida social.

A civilidade, segundo La Salle, vai além das normas de conveniência social, se tiver embasada no Evangelho. Nesse caso,

---

<sup>137</sup> Conferir a lição sobre a bondade no anexo XVI e a lição sobre a vida de Jesus no anexo XXIII.

ela é uma maneira de render homenagem a Deus: ter uma postura modesta e decente é respeitar sua presença perpétua, ser civil e honesto com outros é prestar honra a ‘ membros de Jesus Cristo e a Templos vivos, animados pelo Espírito Santo. A civilidade é, então, ao mesmo tempo, honestidade e piedade e abrange tanto a Glória de Deus e a salvação como a conveniência social (CHARTIER, 2004, p. 64).

O Tratado de civilidade de La Salle, citado reiteradamente por Elias no volume um do Processo Civilizador, cristianiza os fundamentos da civilidade e faz circular, a um público infantil, segundo Chartier (2004, p. 67), “numeroso e socialmente amplo, normas de condutas coercitivas e exigentes na intenção de frear os impulsos sensuais e afetivos”, instituindo o que Elias chama de autocontrole das pulsões. Dessa forma, “a civilidade se afasta do uso aristocrático que a isola no enunciado das normas de um parecer social para constituir-se em controle permanente e geral de todas as condutas, mesmo subtraídas ao olhar exterior” (CHARTIER, 2004, p. 67).

A estratégia está em criar, no aluno, o interesse por esses preceitos, tornando sua aprendizagem uma necessidade. Nesse ponto, poderia se perguntar: como criar a necessidade na escola? Ao que Claparède responde: “A solução desse problema parece desesperadora. Não o é, entretanto, para quem leve em conta os ensinamentos da psicologia da criança. Esse saberá que o jogo, o brinquedo, é uma das principais necessidades da criança” (1954, p. 157). Nesse sentido, podemos retomar um exemplo dado pelo padre em sua **Pedagogia do Catecismo**, quando tratava exatamente da necessidade de se atrair as crianças:

Chego a uma classe de criancinhas todas desatentas. A catequista ensina quantas naturezas há em Jesus Cristo e se esforça com as mãos para manter os pequeninos voltados para ela, a fim de ouvi-la. E não consegue nada. Eu tiro do bolso meia dúzia de santinhos e os espalho no banco. A criançada rodeia. Chovem comentários. Fazem-se perguntas inocentíssimas, deliciosíssimas. Respondo e faço outras [...] Deixa eu ver [...] e estendem as mãozinhas ávidas, os olhos rutilantes, fonte contraída, suspensa a respiração (NEGROMONTE, 1940, p. 149-150).

O que parece ser uma preocupação apenas de ordem metodológica, acaba se tornando a base de uma proposta pedagógica apropriada nas aulas de catecismo e faz com que os saberes elementares sobre a fé e a doutrina da Igreja, que consiste no conteúdo básico desses manuais, associado às questões do seu cotidiano, permitam ao aluno estabelecer as articulações necessárias entre fé e vida, através de um conjunto de práticas que reforçam a civilidade cristã.

A série **Guia do Catequista**, publicada por Negromonte, aparentemente carregava em si a intenção de servir literalmente àquilo para o qual se propôs no título, um guia, um roteiro de aula, com explicação da doutrina para facilitar o aprendizado/ensino das professoras católicas, as quais, segundo ele, deveriam associar essa função à de catequista, utilizando, para isso, o espaço da sala de aula, por ser este um local estratégico para alcançar um número maior de crianças. Além disso, para os catecismos paroquiais, estava sendo requisitada, também, maior eficiência no ensino do catecismo, razão que moveu os padres e os bispos a requererem um instrumento prático, um investimento a curto prazo, para subsidiar o trabalho das catequistas.

O “Livro do Mestre para o **Meu Catecismo**”, tal como Negromonte se refere a estes volumes, não foi escrito em uma perspectiva de engessamento da prática pedagógica do professor, mas como um aporte teórico-metodológico para orientação das catequistas. Segundo o padre, “o livro por si só é morto, sendo necessária a atuação do bom mestre para animar a aula e dar vida ao livro”. Nesse sentido, ainda afirma: “conto sempre com a alma do catequista, seu esforço, seu cuidado, sua inteligência em interpretar e adaptar o que aqui deixo escrito” (NEGROMONTE, 1961d, p. 7). A utilização do material de forma exitosa está inter-relacionada com a devida apropriação do método desenvolvido por ele, uma vez que seus textos, conforme afirma, estão fundamentados teórico-metodologicamente. De acordo com Negromonte, “só os que conhecem um método são capazes de utilizá-lo devidamente. Meus textos obedecem ao ‘método integral’, que denominei assim porque ele leva a criança a praticar integralmente a vida cristã” (NEGROMONTE, 1961d, p. 7)<sup>138</sup>.

A fundamentação teórica é a base de sustentação para a prática educativa. A reflexão sobre uma proposta pedagógica só é possível a partir de um conjunto mínimo de conhecimentos específicos da área. Negromonte não defende uma educação descompromissada ou desvinculada com a teoria. Ao contrário, sua proposta consistia em dominá-las para refutá-las, quando não servisse, justificando sua posição frente às teorias pedagógicas modernas, sempre que fosse o caso, para extrair delas tudo de útil e

---

<sup>138</sup> Na **Pedagogia do Catecismo**, Negromonte explica em que seu método se fundamenta e sua compreensão de como deve se conduzir o processo educativo do indivíduo, o que se pode utilizar e o tipo de formação adequada aos professores. Nos **Guias**, Negromonte faz uma síntese do seu método mostrando, de forma esquemática e objetiva, onde e como sua proposta pedagógica quer chegar. Conferir no anexo XXIV, a exposição do método integral de Álvaro Negromonte, reconhecido na História da Igreja no Brasil, pelo êxito que proporcionou ao movimento de renovação catequética, que ganhou maior expressividade no país a partir da década de 30 do século XX.

pertinente ao êxito da educação católica. O objetivo do ensino também deveria estar claro para as professoras-catequistas tendo em vista o ponto de chegada na formação dos seus alunos e, com base nisso, buscar todos os aparatos para facilitar o seu trabalho. Quanto a esse aspecto, o padre Agenor Nunes Marques, em sua obra **Catequista Ideal**, ao falar da educação integral, corrobora com Negromonte ao explicar o projeto de uma educação integral. Para ele,

A criança que vai se educar é o sujeito da formação cristã. A religião que vai se transmitir é o objeto da formação cristã. A pedagogia que vai se aplicar fornece os meios da formação cristã. A primeira se conhece pelo estudo da Psicologia Infantil, a segunda pela doutrina cristã, a terceira pela metodologia educacional. O educador integral, deverá, pois, conhecer o sujeito, o objeto e os meios da obra espiritual que pretende realizar (MARQUES, 1957, p.64).

Esquemáticamente, pode-se fazer a seguinte representação:

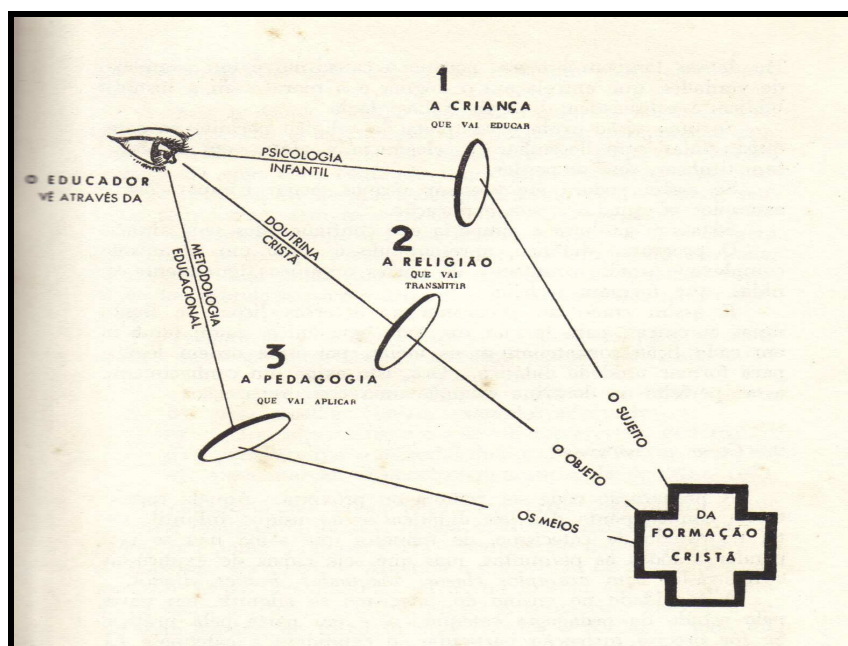


Figura 32: “O Educador Integral”. Fonte: MARQUES, Agenor Nunes. **Catequista Ideal**: pedagogia catequética. 2ª ed., São Paulo: Ed. Paulinas, 1957. Acervo da pesquisadora.

Estes **Guias** foram publicados sob a intenção de servirem como auxiliar da catequista. Não obstante, mesmo com ele à mão, para que alcance a eficiência pensada, a catequista

continua obrigada a estudar sempre a religião; preparar cuidadosamente as suas aulas; arranjar o material didático necessário; fazer as adaptações intelectuais e espirituais indispensáveis. As lições aqui estão dadas na íntegra! Como se fosse possível o catequista dizê-las por inteiro aos alunos [...] Mas repito, isto é apenas para facilitar o trabalho do mestre”. (NEGROMONTE, 1961c, p.12)

No interior da obra, todas as lições são divididas em tópicos da seguinte forma: título da lição; doutrina para o catequista; esquema da lição; revisão; explanação em tópicos; resumo; exercícios para casa. Na parte destinada ao primeiro ano, o resumo e os exercícios não constam como tópicos, embora apareçam no decorrer da lição de forma expositiva. No terceiro volume há, ainda, uma “Chave dos exercícios após os exercícios, uma espécie de respostas dos exercícios”<sup>139</sup>.

Ao indicar como deve ser feito o trabalho com o **Guia**, Negromonte alerta para cinco pontos cruciais: a necessidade de seguir as indicações de leitura propostas no tópico “doutrina para o catequista”, através da leitura do próprio Evangelho e de um estudo mais intensivo da doutrina, a fim de ter maior segurança nas aulas, embora só deva ensinar o que está no livro<sup>140</sup>; fixar bem o “esquema da lição”, a fim de tornar a aula mais pessoal e dominar mais a aplicação do método; estudar a “explanação” para saber o que pode ser ensinado, como está proposto e o que precisa ser adaptado aos seus alunos, além de verificar o material que será necessário para enriquecer a aula; fixar bem o “resumo” para os alunos poderem guardar melhor os pontos mais importantes e para servir como orientação própria; dar a máxima importância aos exercícios de casa por sua dupla função: servir para manter o interesse das crianças pelo catecismo e levar à família a preocupação religiosa.

Essas medidas devem ter em vista garantir o sucesso da aula. A aula deve ser atrativa para as crianças e não cansativa e enfadonha. O conceito de “boa aula” para o padre está relacionado a algumas práticas pedagógicas indispensáveis a qualquer professor católico. Dentre elas, pode-se citar:

- 1) Dê explicações claras:  
Que todas as crianças entendam o que é ensinado. Não deixe nada mais ou menos compreendido. Seria um perigo; tudo muito bem

---

<sup>139</sup> Os anexos XXV, XXVI, XXVII e XXVIII trazem um exemplo da forma como uma mesma lição era abordada, seqüencialmente, nos **Guias**.

<sup>140</sup> O zelo do autor em relação à necessidade de seguir o livro está relacionado ao fato de os conteúdos selecionados pelo padre seguirem a orientação pedagógica moderna e foram pensados na perspectiva “sob medida” de Claparède. As lições seqüenciadas têm o caráter de continuidade, aumentando a dosagem do conhecimento de acordo com a capacidade dos alunos.

entendido! *Repita as explicações, tantas vezes quantas forem necessárias.* Ajude a cada um a resolver as suas dificuldades intelectuais ou morais. Recomende sempre o estudo da lição como está no livro, para fixar bem.

- 2) Fale com moderação:  
Nem alto nem baixo, nem lento nem precipitado, mas que todos ouçam e entendam; module a voz, animando-a quando contar as histórias, para dar vida ao que diz, para traduzir melhor os sentimentos que exprime. E fale pouco de cada vez. Lembre-se de que o professor primário que fala mais de 2 minutos sozinho corre o risco de ficar falando sozinho... As crianças se cansam e não prestam mais atenção ao que diz o professor.
- 3) Conserve a calma:
  - na voz, nos gestos (mesmo quando foram mais animados), no corpo (atitude digna, sem afetação), nas perguntas, e principalmente quando for necessário advertir, repreender ou mesmo castigar (o que só muito raramente aconteça). Isto contribui imensamente pra manter a calma também a turma nos momentos em que ela se anima um pouco mais, ou mesmo se indisciplina.
- 4) Movimente os alunos:
  - mande escrever no quadro-negro e nos cadernos: quando o livro fala em escrever no quadro, pode ser a criança conforme o caso; dê-lhes pequenas tarefas, principalmente aos mais inquietos (que precisam de movimentar-se): apagar o quadro-negro, distribuir o material, distribuir os santinhos, tirar as orações, etc.;
  - Faça perguntas: de modo claro e breve, com toda a classe em silêncio (que é para ouvirem todos o que se pergunta), dando tempo à resposta;
  - dirija a questão a toda classe só depois chame um aluno para respondê-la;
  - tenha também o cuidado de interrogar o maior número de alunos (e não se reduzir a um pequeno número e sempre o mesmo)
  - mande desenhar, ora no quadro-negro, ora em folhas separadas, que depois serão coladas no caderno.
- 5) Faça verificação:
  - contada a 'história', mostre a gravura (ou um quadro) e mande contar o que ouviram. Assim se verifica se eles aprenderam bem, pode-se corrigir os enganos, e, ainda mais, se dá ocasião para a formulação própria (que é excelente para a fixação da matéria aprendida).
  - dada a 'doutrina', verifique de novo, interrogando vários alunos, para ver se entenderam, e se sabem dizer com suas palavras o que ouviram;
  - faça o mesmo com os vários pontos da ' formação', a fim de deixá-los bem claros e bem fixados.
- 6) Quebre a rotina:
  - dê, de quando em quando, uma aula diferente: marque uma sabatina; faça um teste da matéria dada; organize um pequeno álbum de santinhos, sobre a matéria dada ( o que é boa maneira de recapitular); realize um pequeno concurso com perguntas feitas pelos alunos, uns aos outros (com pequenos prêmios aos vencedores); promova uma competição com alunos de outra classe;
  - faça recapitulações através de cânticos apropriados;
  - leve as crianças a uma Igreja, para um ato religioso, também previamente preparado, de caráter infantil e pedagógico: missa especial para crianças, Via Sacra (ótima recapitulação das aulas



sobre a Redenção, Paixão e Morte de Jesus), Hora Santa Infantil (meia hora, no máximo), etc.

7) Reze:

- no começo e no fim da aula;
- antes e depois de sua preparação de lição, de seu estudo para pedir a Deus as luzes e a eficiência de que precisa rogando também por seus alunos, o que nunca fazemos sucintamente;
- durante a aula: suspenda a lição propriamente dita e reze com as crianças, fazendo que elas se recolham e rezem, sozinhas ou em comum, em fórmulas ou em orações espontâneas.

8) Ame:

- a Deus, para cuja glória trabalha o catequista;
- às crianças, para suportá-las com paciência, para desejar o seu convívio, para amá-las de verdade, a ponto de elas sentirem o seu amor e verem a sua alegria de ser o seu catequista;
- Lembre-se de que o amor é a grande força pedagógica que muitas vezes nos falta. Quando se ama, tudo se consegue dos alunos, como aliás, o próprio Deus: *Ama et fac quod vis*, dizia Santo Agostinho: ‘ Ama e faze o que quiseres’ (NEGROMONTE, 1961d, p. 14-16)

Como já foi dito anteriormente, a proposta pedagógica de Negromonte alia tradição e modernidade sem maiores conflitos. A aproximação com Claparède, autor que nunca recebeu nenhuma crítica em suas observações sobre a Escola Nova, tenha talvez encontrado exatamente, nessa possibilidade de convergência, o seu ponto alto. Folquié, em sua obra *Les écoles nouvelles*, afirma que Claparède “é dos teorizantes mais sagazes e mais moderados da escola nova” (*apud* Penna, 1954, p. X).

Damasco Penna, em seu prefácio à obra **Pedagogia Funcional**, afirma que Claparède reconheceu ainda “o labor devotado dos professores conscienciosos como poucos críticos da escola têm sabido reconhecer, a parte que cabe ao valor pessoal do artista que reside em cada professor compenetrado da delicadeza de sua estatutária moral”. Para ele, “o método menos fundado psicologicamente, o processo menos feliz não deixam de produzir bons resultados se o mestre os anima com os recursos da sua arte” (PENNA, 1954, p. X-XI). Negromonte alia-se a esse entendimento, cobra dos catequistas uma postura ética e comprometida com a sua prática pedagógica, a fim de garantir maior eficácia do processo educativo.

Insisto nesta análise, em fazer referência às catequistas e não aos catequistas, como o próprio título da obra propõe, por duas razões: a primeira, por considerar tal escolha uma estratégia para conclamar um maior número de pessoas, homens ou mulheres, para o exercício do catecismo, embora o próprio Negromonte já tivesse

afirmado outras vezes, inclusive na sua **Pedagogia do Catecismo**, que em geral, este era um trabalho executado pelas mulheres. A segunda razão está relacionada ao fato dos **Guias** terem sido compostos para auxiliar o trabalho dos catequistas do primeiro ao quarto ano do ensino primário, o que requer a lembrança da trajetória do professor primário na educação brasileira.

De fato, ao longo dos tempos, a mulher católica foi se constituindo na grande mediadora entre o clero e o povo no ofício de evangelização. Segundo o Dicionário de Teologia Feminista, citado por Zanlochi (2000, p. 19), apesar de a Igreja ser representada e visível como instituição masculina, as mulheres constituem a maioria dos cristãos militantes. Quantitativamente, a presença da mulher na construção do cristianismo é evidente. Qualitativamente, procurou-se mostrar, ao longo do século XX, principalmente no último quartel, o que se refere ao período pós-conciliar, sua imprescindível presença na missão evangelizadora que a Igreja Católica desempenha, através da decisiva influência que possui nos processos de transmissão da fé (ZANLOCHI, 2001).

O ideal de civilização republicano e o processo de modernização que se instaurou no país, no início do XX, exigiram maior atenção e, portanto, maiores investimentos no setor educacional. Apesar de haver um discurso que privilegiava a educação como uma arma para a educação feminina, essa teria por finalidade básica educar mais do que instruir. Em outras palavras, a educação feminina deveria ter, em vista, a formação moral, a construção do caráter, com algumas doses de instrução. Como seu destino estava em ser esposa e mãe, ela precisaria ser educada para ser a esposa virtuosa e a educadora do futuro. “Sua educação estava pautada numa dimensão além dos seus anseios e necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos, ou na linguagem republicana, na função de formadora de futuros cidadãos” (LOURO, 1997).

Apesar de a República ter formalizado a separação entre Igreja e Estado, para muitos, a educação feminina não poderia ser vista desvinculada da educação cristã. A moral religiosa pregada pela dicotomia entre Eva e Maria era importante para formar, nas meninas, através de suas escolhas, o modelo de pureza da Virgem que era o modelo que se esperava que elas escolhessem. Caso contrário, a própria educação se encarregaria de convencê-las de que essa era, sem dúvida, a melhor escolha, já que o ideal mariano era o símbolo não só da sagrada missão da maternidade como também do recato, do pudor, da busca constante de uma perfeição moral, da aceitação de sacrifícios, da ação educadora dos filhos (LOURO, 1997).

Embora a República traga consigo a laicização do ensino, existe uma associação muito forte entre cristandade e cidadania, não só compreensível como relevante na formação dos professores, que se constituiriam em instrumentos fundamentais para a conformação das mentalidades em prol dos ideais do novo governo. O profissional docente teria a função de formar o cristão e o cidadão (NUNES e CARVALHO, 1993, p. 13-14). O discurso de civilização que circulava na Europa, mais especificamente a partir da França, não separava o homem civilizado das questões da fé, até porque a Igreja Católica, a partir do século XVIII, constituiu-se em um dos maiores órgãos propagadores das noções de civilização<sup>141</sup>.

A criação das Escolas Normais tinha a pretensão de profissionalizar o magistério e formar professores capacitados para atender o aumento da demanda escolar. Os professores estavam imbuídos do “dever sagrado de conduzir as novas gerações no caminho da educação e da instrução, as quais, por sua vez, levariam ao progresso da nação” (ALMEIDA, 2007, p. 115). Essa “missão” certamente corroborou com a inserção das mulheres nas salas de aula<sup>142</sup>.

Na análise que faz dos discursos educacionais, Lopes cita Pio XII:

[...] já que se trata da primeira infância, é conveniente que a educação seja confiada principalmente às mulheres, que se deve, em consequência, se empenhar em enriquecer seus próprios dons naturais de intuição e de sentimento, graças a aquisição de um conjunto de apropriados conhecimentos e de experiências extraídas das ciências pedagógicas. Eia aí a razão de ser das vossas Escolas Normais [...] (PIO XII *apud* LOPES, 2003, p. 149).

Assim, o magistério primário foi se caracterizando como uma das profissões mais viáveis para a mulher, tanto às moças solteiras, quanto às viúvas, por ser

---

<sup>141</sup> É preciso atentar para o fato de que a proposta de laicização que se instaurou com o movimento iluminista francês encobria um projeto de desvinculação da França com a Igreja Romana. As preocupações em torno do ensino religioso se revelavam nas propostas de um texto de catecismo único para o país como expressão da cultura nacional que marcava a civilização francesa.

<sup>142</sup> Me apropriado da expressão utilizada pela professora Eliane Marta Teixeira Lopes em seu livro **Da sagrada missão pedagógica**, por considerá-la ideal para ilustrar o caráter da prática pedagógica. Ao longo da História da Educação Brasileira, a missão varia de acordo as necessidades sociais de cada época, mas o caráter altruísta do ofício é umas marcas que permanecem no imaginário cultural. A expressão “dar aulas” é corrente quando se trata do ofício do professor. O caráter missionário que acompanha a função pedagógica criou a representação do ensino como um trabalho ascético e o professor um profissional vocacionado que se doa em prol do bem-estar da vida social, tal como afirma o Papa João XVIII: “ a vocação para ensinar, ao lado das alegrias as mais puras que ela garante àqueles que a ela consagram todos os aspectos da personalidade do professor [...] aquisição de um profundo espírito de sacrifício que faça a profissão como um dom de si àqueles com os quais Jesus quis se identificar [...] e como um serviço dos mais preciosos à imitação do Senhor que não veio para ser servido, mas para dar sua vida em resgate da de muitos”( *apud* LOPES, 2003, p. 162).

considerada uma extensão do seu dom natural – a maternidade –, que não lhe corromperia os valores morais, ao contrário, possibilitaria sua propagação através das lições ensinadas pelas mesmas. Apesar de ser um trabalho fora dos espaços domésticos, o magistério não oferecia o risco de afastar as mulheres da vida familiar, dos deveres domésticos, do prazer da maternidade e da pureza quase santa do lar. Ao contrário, de acordo com Almeida, “a intervenção feminina supunha-se capaz de uma ação moralizadora no seio da sociedade e serviria para manter a unidade da família e da pátria. A função materna não mais era apenas biológica, mas social e patriótica, principalmente” (2007, p. 113).

Mas não foi só nas escolas que os homens abandonaram as salas de aula. Analisando alguns compêndios de catecismo, nota-se claramente como a presença feminina foi ocupando os espaços das salas de aula paroquiais, no exercício da catequese e das aulas de catecismo.

O catecismo, antes exercício dos párocos, começou a contar com o auxílio dos leigos para sua maior repercussão. Esse projeto de inserção do apostolado leigo, na Igreja, abriu espaço para a presença feminina ter uma visibilidade maior em funções que já exercia no espaço doméstico<sup>143</sup>.

Tendo em vista o aperfeiçoamento catequético, muitas obras foram produzidas nesse sentido, e se estabeleceu, com isso, um conjunto de normas referentes a um modelo ideal de catequista. Dessas obras, merecem destaque pela representação que tiveram na História da Igreja: **Catequista Ideal** (1957), do padre Agenor Neves Marques; **A Pedagogia do Catecismo** (1940), um dos volumes da coleção de manuais de catecismo do padre Álvaro Negromonte; **Normas Práticas para os Catequistas** (1957), do padre Aleixo de Caxias; **Educação, Ensino e Cultura** (1968), que se constitui em uma coleção de textos conciliares voltado para a formação cristã. Todas essas obras foram publicadas em meados do século XX, a maioria antes do Concílio vaticano II. São dignas de destaque por terem um discurso semelhante, praticamente o mesmo, a respeito da postura que deve ter o professor ou a professora de catecismo, os padrões de conduta que devem regular suas vidas, seu caráter moral diante da Igreja e

---

<sup>143</sup>Não obstante o laicato aparecer na História da Igreja com uma expressividade maior a partir do Concílio Vaticano II, que legitima o trabalho apostólico dos leigos, pode-se pensar em um ensaio dessa participação a partir da Carta Pastoral, de 1916, com a chamada de Dom Leme, aos católicos, em relação a manifestação prática da fé.

da sociedade, sua amabilidade, doçura, fineza no trato, paciência, zelo, doação, dentre outras características.

Em geral, tais textos, ao tratar da pessoa do catequista, referem-se a ambos os sexos; alguns deles referem-se, explicitamente, aos párocos e seminaristas como principais responsáveis pelo ensino de catecismo. Não obstante, ao traçar o perfil de catequista ideal, todos os autores ressaltam atributos tidos pela sociedade como tipicamente femininos. Além disso, em **Normas Práticas para o Catequista**, o autor, ao se referir ao tipo de vestimenta apropriada para o catequista fala que “seus vestidos devem ser limpos e decentes” (CAXIAS, 1957, p. 24) Esse tipo de contradição nos documentos destinados aos professores de catecismo permite a inferência de que o papel social das mulheres nas escolas seculares do século XX se estende para o interior da Igreja, elas passam a exercer não só a docência nas salas de aulas das escolas, mas também, nas salas de aula paroquiais.

Os limites entre a sala de aula da escola e da Igreja estão divididos por uma linha muito tênue. O Monsenhor Álvaro Negromonte, como já foi dito, insiste na ausência de distinção entre a função de professora e a da catequista. Além de se referir aos catequistas sempre no feminino, o que ele próprio justifica no prefácio da **Pedagogia do Catecismo** (1940) por duas razões - a primeira, não ter visto catequistas homens e, a segunda, prestar uma homenagem às mulheres que se dedicam a esse trabalho - esse engessamento à função do catequista, em relação ao sexo feminino, reforça o papel da mulher como mãe, responsável pela educação dos filhos, por conduzi-los pelo melhor caminho e fazer deles bons cidadãos, fiéis a Deus e à Igreja.

A catequista, como ele se refere, deve ensinar o catecismo às crianças em uma linguagem apropriada. Para isso, é necessária uma preparação maior, assim como o emprego de métodos modernos mais aperfeiçoados, a fim de não ficar em condições de inferioridade. Segundo Negromonte (1940), sendo algo ilusório esperar, no catecismo paroquial, a maioria das crianças da paróquia, o ensino religioso nas escolas se faz muito mais proveitoso. Ao tratar da importância dos catecismos na escola, na **Revista Eclesiástica Brasileira**, Negromonte elenca pelo menos quatro vantagens que justificam a insistência do catecismo escolar.

A primeira vantagem do ensino religioso nas escolas é a frequência [...]; outra é a homogeneidade das classes, que permite a seqüência de um programa que as catequistas paroquiais dificilmente conseguirão

manter [...]; a escola oferece facilidades educacionais que o catecismo paroquial não pode ter. Este dura menos de uma hora, uma vez por semana. A escola é a semana toda, várias horas por dia. Nem tudo é aula de religião, nem podia ser. Mas tudo é oportunidade educativa; a escola tem ainda um ambiente de aula (do ponto de vista didático) que a Igreja não pode dar (NEGROMONTE, 1942a, p. 933-934).

Portanto, os cursos normais, para Negromonte, deveriam, ao formar as professoras, ter em vista em um processo concomitante, a formação da catequista. A cadeira de Metodologia do Catecismo deveria fazer parte do programa a fim de “adestrar as moças na teoria e na prática do ensino religioso” (NEGROMONTE, 1940, p. 80). A professora católica, para ele, tinha a obrigação de ensinar o catecismo na sua sala de aula porque ela é a melhor pessoa para essa função, uma vez que conhece os alunos de perto, o que facilita a articulação dos ensinamentos religiosos às suas vidas, para que este tenha um caráter de utilidade mais acentuado. “A professora católica não é apenas professora; aliás, antes de ser professora, já era católica. O católico tem de ser sempre e em toda a parte. Portanto, ela há de ser sempre, não apenas professora e católica, mas sim professora católica” (NEGROMONTE, 1940, p. 90)

Na palestra dirigida às professoras de um Grupo Escolar de Belo Horizonte em 1933<sup>144</sup>, o autor retoma um dos pontos centrais na sua pedagogia do catecismo que é a necessidade de formação do professor, não somente do professor católico, mas o professorado de modo geral; e, a este, sobretudo, e em particular, por ter a dupla missão de ensinar as matérias e também ao catecismo.

O professor não se pode satisfazer apenas e estritamente com o necessário para dar a aula [...]. Só um largo e seguro conhecimento do assunto permite ao mestre discorrer com segurança e facilidade. E são intoleráveis as aulas em que o professor denuncia incerteza, hesitação, ausência de conhecimentos. Além do enfado que gera nos alunos, cria para si próprio uma situação de insegurança que termina por lhe tirar toda a autoridade [...]. De modo que ao catequista não deve nem pode bastar a preparação remota, o conhecimento da matéria a ensinar. Ainda se requer, aqui mais que alhures, a preparação próxima de cada lição: saber o que vai dizer, como vai dizer, que exemplos vai dar, que comparações vai fazer, que histórias vai contar, que conclusão vai tirar, que aplicação fará à vida da criança, e até, se possível (e é possível pelo conhecimento das crianças e da psicologia infantil) prever as perguntas e preparar-lhes conveniente resposta. (NEGROMONTE, 1938a, p. 25).

---

<sup>144</sup> Essa palestra está publicada no livro **Diretrizes Catequéticas**, 1938.

O ensino do catecismo requer, dessa forma, de acordo com o padre, ser ministrado de forma sistemática, com método, com vida, clareza, exatidão e solidez. Ainda assim, se este andar desvinculado da prática, não atingirá seu fim: encaminhar o homem para Deus, levando a criança a praticar o bem e evitar o mal através da instrução dos dogmas e da moral católica. A instrução se constitui, no catecismo, a apenas uma parte, segundo o padre, a menor e a mais fácil, o objetivo maior é fazer com que a criança viva os ensinamentos que aprendeu, coloque-os em prática. “O ensino do catecismo, portanto, deve ser prático, eminentemente prático” (NEGROMONTE, 1938a, p. 31). Cada plano de lição deve contar, segundo as diretrizes, com um lugar para a conclusão prática, no qual a catequista deverá mostrar a criança onde e como poderá aplicar os ensinamentos que aprendeu na aula.

Não obstante as recomendações às professoras formadas pelo Curso Normal, Negromonte reitera que a obrigação de ensinar o catecismo não se restringe a elas. O laicato surgiu (ou se fortaleceu) diante da necessidade imperativa de auxiliar os padres nas várias tarefas em que este pode ser substituído, haja vista a relação desproporcional do clero brasileiro, segundo ele, escasso em relação à população muito disseminada. Nesse caso, todas as pessoas têm o dever de ajudar no ensino do catecismo. Se não tem capacidade para ensinar deve oferecer outro tipo de ajuda que se sinta capacitado a exercê-lo. S. Carlos Borromeu, na sua escola de doutrina Cristã, tinha 3 classes de encarregados: “*Maestri* (os que ensinavam), os *silenzieri* (os que mantinham a disciplina) e os *pescatori* (que cuidavam da freqüência)” (NEGROMONTE, 1940, p. 88).

É imperativo que independente de quem quer que seja, a catequista tenha um bom conhecimento da doutrina católica, uma boa vida cristã e um bom aparelhamento pedagógico. Cada aula requer um trabalho especial e uma preparação imediata. É imprescindível que a professora de catecismo saiba explicar, às crianças, com segurança e facilidade, e tenha a capacidade de realizar ações práticas que assegurarão a formação de hábitos cristãos, através da iniciação da criança na vida litúrgica e no apostolado, articulando teoria e prática.

Segundo Negromonte, a formação da catequista cabe ao pároco. “São aulas semanais de catecismo às catequistas, são consultas a responder, é a preparação das lições, é a fidelidade intransigente às reuniões, é a formação espiritual, intelectual e pedagógica dos auxiliares de que precisa” (NEGROMONTE, 1941c, p. 492). No

entanto, a preparação das catequistas não diz respeito a um curso teológico, mas um conhecimento sólido daquilo que irão ensinar. Ele ainda afirma:

As nossas catequistas não precisam de aulas de teologia nem de apologética. Vão ensinar noções, de modo afirmativo, sem muitas polêmicas. Precisam de aprender o que não lhes ensinaram, desgraçadamente, em crianças. Precisam do Catecismo bem explicado, bem compreendido, bem penetrado, para dá-lo em pedacinhos aos pequeninos. Um catecismo bem vivo, em harmonia com a História Sagrada em ligação constante com a Igreja (Liturgia) e a vida cristã (ascética). Um pouco de prática pedagógica, escutada em sólidos princípios, ensinará o bom meio desta doutrina, a que algum material didático bem aplicado dará encantos e o mais palpitante interesse. (NEGROMONTE, 1941c, p. 493-494)

É recomendado, ainda, a organização de círculos de estudo com catequistas e professoras, nas quais, uma das metodologias que têm dado mais certo consiste no estudo particular de um tema por parte de todas, seguido de uma curta e esquemática exposição do assunto, por uma pessoa nomeada. Em seguida, este assunto, é discutido por todas, sob a orientação do dirigente, concluindo com um resumo que dará uma visão mais sólida de conjunto do que foi discutido. A participação nos cursos de Religião, nas Semanas, nos Congressos e nas Exposições Catequéticas são vantajosas para arejar as idéias e ampliá-las.

No conjunto de prescrições, as aulas deverão ser preparadas anteriormente. O caderno de lições deverá ter, em seu conteúdo, os planos de aulas, assim como os recursos utilizados e, as eventualidades que ocorrerem nas aulas devem ser registradas. Posteriormente, esses cadernos poderão ser considerados um curso completo de catequese, que embora não tenha a função de suprir a preparação da próxima aula, facilitará muito o trabalho da catequista.

A estratégia do Monsenhor Álvaro Negromonte de inserir o catecismo nos espaços laicos da educação, através da figura da professora, permitiu que as suas práticas educativas como professoras-catequistas, conjuntamente, mediassem, dentro dos limites da civilização, a evangelização e as relações entre o clero e o povo. Além disso, contribuiu de forma direta para a organização do professorado católico.

Inserido no conjunto das diversas publicações que tinham como objetivo servirem de dispositivos de regulação e adequação do discurso e da prática pedagógica católica às propostas das Escolas Novas, o **Guia do Catequista**, em seus três volumes, fecham um ciclo de prescrições doutrinárias, no âmbito da modernidade, que aliam uma



proposta de renovação com elementos da tradição e configuram o ideal católico de educação para a formação do homem integral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**E**m 1937, o padre Álvaro Negromonte empreendeu um projeto de publicar livros formativos, com base na doutrina e na moral cristã. No ano seguinte, atento às discussões educacionais em voga e ao posicionamento que o grupo católico estava tomando no Estado de Minas Gerais, onde residia, juntamente com o movimento de renovação que vinha sendo ensaiado no campo catequético, o padre lançou a **Pedagogia do Catecismo** e articulou o debate entre as ciências da Educação e o ensino religioso. Esse livro constituiu o marco da sua carreira e impulsionou a produção de livros didáticos de catecismos que se seguiram publicados pelo mesmo autor, resultando em um total de quinze volumes, que posteriormente passaram a ser publicados como uma coleção de livros didáticos. De acordo com a História das Coleções, essa classe de impressos representa uma estratégia de marketing para dar uma nova forma de uso a um produto que já estava no mercado, o livro; e, no caso da Coleção Monsenhor Negromonte, foi o que ocorreu, literalmente.

Os livros de catecismos se constituem em uma classe de impresso de transmissão da doutrina da Igreja e moldam as mentalidades, formando *habitus* e comportamentos que caracterizam um determinado grupo cultural e suas práticas sociais. Um estudo sobre o livro, nesta perspectiva, requereu uma atenção maior para a História específica que a prática editorial possui e a relação dos principais agentes que compõem esse processo, como o autor e o editor.

O caráter didático da coleção exigiu, ainda, a atenção para o mercado consumidor. A coleção de catecismos do Monsenhor Álvaro Negromonte foi escrita não só para os alunos que a usariam nas salas de aula da escola e das paróquias, mas também para os professores de uma forma geral, tanto das crianças quanto dos seminaristas, em seus cursos de formação sacerdotal, para os catequistas, para os leigos que dão assistência à Igreja nas aulas de catecismo. Esses livros foram produzidos como um instrumento auxiliar do processo ensino-aprendizagem. Muito mais do que um manual de Teologia, esses livros de catecismo tiveram a função específica dos livros didáticos: condensar e sintetizar, em um espaço mínimo e portátil, os conhecimentos necessários para as atividades escolares. Partindo da concepção de que educação e vida

são duas faces de um mesmo processo, tais conhecimentos carregavam a intencionalidade do autor de que extrapolassem os muros escolares.

Os livros do padre Negromonte não só acompanharam sua trajetória ascendente, como estimularam essa ascendência; circularam em todo o território nacional e marcaram a formação dos alunos dos colégios confessionais católicos e de muitas escolas públicas, sobretudo, as de Minas Gerais, no período entre 1937 e 1965. A eficácia do seu empreendimento o marcou no campo religioso como o “apóstolo da catequese brasileira”, segundo Dom Jaime Câmara (1964). Evidentemente, um apóstolo deve usar as práticas do seu tempo.

Nesse caso, é importante atentar para a ação dos renovadores mineiros, na História da Educação Brasileira, como uma forma de perceber as redes de sociabilidade nas quais Negromonte foi tecendo sua trajetória e conquistando seu espaço. A participação de Minas Gerais no movimento das reformas, bem como o seu sucesso em relação às práticas pedagógicas e a preservação da tradição católica tornou este estado, um cenário favorável para implantação de um projeto catequético, ancorado no discurso da modernidade. O projeto de substituição da “escola antiga” pela “escola moderna”, em Minas, não foi pensado como uma ruptura, como uma quebra de paradigma da tradição escolar. A atualização se deu em uma espécie de *continuum*, no qual o passado e o presente se integraram, renovando com base em “uma visão católica da realidade social” (FARIA FILHO, 2005, p. 39). Por outro lado, a busca de estratégias eficazes para o ensino religioso vinha sendo discutida como a injeção que curaria a sociedade católica da tibieza em que se encontrava. Dessa forma, dois campos estavam sendo disputados: o educacional e o religioso.

A produção de uma coleção didática pelos católicos, inserida não só na rede de ensino confessional, mas também nas escolas públicas, revela a ação empreendedora da Igreja, que percebeu, no campo educacional, a fertilidade necessária para plantar um modelo de educação católica, impregnado das estratégias mais eficazes de ensino, a fim de garantir o êxito do seu ideal. A República passava a ter uma face católica.

O uso do impresso, como estratégia de propagação de idéias e como *lócus* de disputas, já havia sido atestado por intelectuais dos vários grupos. Faltava um impresso de destinação pedagógica, que implementasse na prática o que vinha sendo discutido apenas no ponto de vista teórico e servisse para a instrumentalização do professorado.

Nesse ponto, a Coleção Mons. Álvaro Negromonte<sup>145</sup>, tal como foi instituída pela José Olympio, cumpriu o seu papel. Conforme o conceito de coleção de Olivero que o define como um “lugar de memória” (*apud* Toledo, 2001, p. 284), a coleção se constituiu um lugar de memória, no meio católico, e carrega, através de suas formas e mensagens, a expressão das práticas e dos recursos que esse grupo utilizou para se inserir com eficácia no projeto de remodelação escolar que se acentuou nos debates da ABE.

Do ponto de vista material, essas brochuras contavam com um considerável investimento no aparato humano e técnico, intrinsecamente ligados. Publicada por quatro editoras, dentre elas a José Olympio, um centro irradiador da cultura brasileira, a coleção foi editada ao lado das obras mais importantes do país. Essa união significava adotar a representação de uma Igreja que andava ao lado da modernidade, sem perder de vista os valores e princípios que funcionavam como seus eixos norteadores. Além disso, José Olympio era conhecido por algumas de suas estratégias mais bem empreendidas como: investir na arte gráfica, quando isso ainda era uma novidade; ter inaugurado o método de crítica nas orelhas dos livros; ter adotado o sistema domiciliar de vendas, dentre outras coisas. Nesse caso específico, também foi o responsável por editar os livros do padre Negromonte em formato de coleção e por construir uma fórmula editorial unificada por três dispositivos materiais: a autoria, a destinação e as marcas de impressão e circulação. Tais dispositivos refletem a legitimidade do autor, o público alvo e uma concepção de educação ligada à autoridade que marca a Pedagogia Católica. Cada um carrega a representação que o autor e o editor desejam conferir a estes livros no mercado e são fundamentais para fazerem com que esses livros sejam absorvidos pelo público para o qual está destinado.

Em outra vertente de análise, a coleção fez parte de um momento, na história, em que publicar livros escolares significava contribuir com a cultura nacional. Neste caso, isso representava a afirmação do catolicismo, nesse projeto político e pedagógico, que ganhou relevo nas disputas pelo campo educacional. Como autor e editor, o Monsenhor Álvaro Negromonte não só tinha conhecimento das questões educacionais

---

<sup>145</sup> Das variadas formas adotadas pelo livros do padre, inclusive em relação à referência ao nome do autor, conforme explicado no capítulo 1, essa nomenclatura foi a última utilizada pela editora José Olympio, nos volumes da série **Guia do Catequista**, em 1961. Depois disso, o Monsenhor Álvaro Negromonte passou a publicar suas obras pela editora Rumo, onde adotou grande parte dos dispositivos materiais das edições publicadas pela José Olympio, dentre eles, o título Coleção Mons. Álvaro Negromonte.

como estava atento às mudanças do campo e perfeitamente inserido no debate educacional brasileiro. A proximidade da Igreja junto ao governo permitia a visibilidade necessária das tendências e mudanças no currículo, assim como dos limites do seu campo de atuação, o que possibilitou o investimento no uso do impresso como dispositivo eficaz de configuração do campo da Pedagogia e de conformação das práticas escolares.

Do ponto de vista didático, esses livros de catecismos associaram tradição e modernidade, em seu discurso, e se estabeleceram na prática como um instrumento pedagógico moderado, tal como ensina os princípios do catolicismo, e firmou um discurso escolanovista católico que circulou por todo o país.

Este trabalho buscou investigar essa coleção como ferramenta didática sob duas perspectivas de análise: em seu suporte material no contexto do mercado editorial à época e no seu conteúdo através das aproximações com os pressupostos escolanovistas. A partir desses dois focos de análise, a pesquisa buscou contribuir com um cenário sombreado no campo da História da Educação Brasileira, que não vem atentando para os catecismos como uma classe de impressos que determinou, muitas vezes, as práticas escolares brasileiras. Esta História vai de encontro a uma representação cristalizada, nos estudos de História da Educação, que faz parte da produção de uma memória nacional, que se fez representativa e apagou a presença católica das discussões que ocorreram nas décadas de 20 e 30 do século XX, assim como também apagou as importantes contribuições que intelectuais católicos deram às questões educacionais do país.

A cultura escolar, marca pela sua resistência, pois trabalha com a tradição, com os elementos que permanecem através das transformações típicas do processo civilizador que as sociedades estão sujeitas e que são indispensáveis para o processo educativo.

Dessa forma, pensar nos livros de catecismos como objetos especificamente de caráter religioso, significa limitar as possibilidades que eles têm de atingir as diferentes áreas que constituem a vida dos indivíduos e reduzir o seu campo de atuação apenas à esfera espiritual, quando a própria Igreja declara ter pleno interesse na formação integral do indivíduo e interfere, de todas as formas, seja através de simples conselhos ou através de mandamentos explícitos, nas suas atuações como agentes ativos da sociedade na qual estão inseridos. Significa, ainda, não atentar para as práticas regulatórias que compreendem regras e padrões de conduta, consoantes com as regras de civilidade que traduzem o

refinamento de *habitus* necessário ao processo civilizador. A formação do homem civilizado via catecismo, no Brasil, foi a expressão de um projeto modelar de instauração (ou restauração) da cultura, neste caso, da cultura católica.

Durante o trajeto da pesquisa, muitas perguntas ficaram sem respostas, muitas pistas se iluminavam para serem seguidas, tantas histórias para serem contadas. Foram feitos os recortes, as escolhas. Mas os caminhos foram abertos e muito ainda há para se investigar sobre esse tipo de impresso que se tornou o objeto desta pesquisa, o catecismo. Assim como sobre a apropriação dos alunos em relação à coleção de catecismos Monsenhor Álvaro Negromonte, que modelou a mentalidade e os comportamentos das gerações entre a década de 30 e 60 do século XX. Os estudos sobre a apropriação católica do movimento escolanovista e das várias Escolas Novas que circularam no Brasil, seus discursos e suas práticas ainda são incipientes no campo da História da Educação e merecem maior atenção por parte dos pesquisadores, pelo cenário sombreado que ainda representa a educação brasileira desse período. E, certamente, no conjunto da intelectualidade brasileira, Álvaro Negromonte, se constituiu em um personagem representante da Igreja Católica, que instiga o olhar do historiador da educação, sobretudo, daqueles que se detém a estudar a Igreja Católica, pela forma como articulou tradição e modernidade na Pedagogia Católica imprimindo sua marca na Educação Brasileira, articulando o campo religioso ao educacional, fazendo-se, com isso, partícipe da construção de uma História. As incursões por essas trilhas possibilitam leituras que, certamente, levarão a outros caminhos. E estes, a outras Histórias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional; Paulus, 1980.

AGUAYO, A. M. **Didática da Escola Nova.** 11<sup>a</sup> ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, vol. 15, 1959. (Coleção Atualidades Pedagógicas).

ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. **Memórias de Dona Sinhá.** Aracaju: Typografia Editorial; Scortecci Editora, 2005.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as Letras:** por que educar meninas e mulheres? São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Campinas: Autores Associados, 2007.

NETO, Dionísio de Almeida. **Saberes, Virtudes e Sofrimentos:** formação, atuação e ensinamentos de Dom Domingos Quirino (1813-1863), São Cristóvão/SE: NPGED, 2005. (Dissertação de Mestrado).

ANDRADE, Antônio Banha de. **A Reforma Pombalina dos estudos secundários.** São Paulo: Saraiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

ANJOS, Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos. **A presença missionária norte-americana no Educandário Americano Batista.** São Cristóvão/SE: NPGED, 2006. (Dissertação de Mestrado).

ANTIPOFF, Daniel. **Helena Antipoff:** sua vida, sua obra. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1996

ARAÚJO, Emanuel. **A Construção do Livro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986.

ASSIS, Raquel Martins de. **Psicologia, Educação e Reforma dos costumes: lições da Selecta Catholica (1846 – 1847).** Minas Gerais: Faculdade de Educação, 2004. (Tese de Doutorado).

AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira.** 6<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro/ Brasília: Ed. da UFRJ/ UnB, 1976.

AZZI, Riolando. “A catequese no Brasil: considerações históricas”. In: **Convergência**, n. 10, 1977. p. 491-513.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1995.

BARRETO, Raylane Andreza D. Navarro. **Os Padres de D. José:** Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933). São Cristóvão/SE: NPGED, 2004. (Dissertação de Mestrado).

BICAS, Maurilane. **O impresso como estratégia de formação de professores (as) e de conformação do campo pedagógico em Minas Gerais: o caso da Revista do Ensino (1925-1940)**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001. (Tese de doutoramento).

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1993. (Tese de Doutoramento).

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor, 2001.

BOLLIN, Antônio; GASPARINI, Francesco. **A catequese na vida da Igreja: notas de história**. São Paulo: Paulinas, 1998.

BORGES, Vavy Pacheco. “O historiador e seu personagem:algumas reflexões em torno da biografia”. In: **Revista Horizontes**. Bragança Paulista, vol. 19, jan/dez. de 2001. p. 01-10.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas/SP: Papyrus, 1996.

\_\_\_\_\_. **Os usos Sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. “Campo do Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe.” In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 183-202.

\_\_\_\_\_. “Gênese e estrutura do campo religioso”. In: BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 27-98

\_\_\_\_\_. “O mercado de bens simbólicos”. In: BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 99-181.

BOURDIEU, Pierre, BOLTANSKI, Luc. O diploma e o cargo: relações entre os sistema de produção e o sistema de reprodução. In: BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998. p. 127-144

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. “A leitura como prática cultural”. In: CHARTIER, Roger (Org.) **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 231-253.

BRANDÃO, Zaia. **A Intelligentsia Educacional: um percurso com Paschoal Leme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil**. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH, Editora da Universidade São Francisco, 1999



BURKE, Peter. Cultura, tradição, educação. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BURKE, Peter. In: GATTI Jr., Décio; PINTASSILGO, Joaquim (org.) **Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação**. Uberlândia: EDUFU, 2006. p.13-22.

CALVO, Ricardo Pereira. **Crescimento permanente e progressivo na fé**: uma contribuição ao estudo histórico-pastoral sobre a catequese no Brasil a partir da obra de Monsenhor Álvaro Negromonte. Roma: Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino, 1986. (Tese de Doutorado).

CÂMARA, Hélder (padre). “Um mestre brasileiro de Pedagogia do catecismo”. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, vol.1, fasc. 3, setembro, 1941. p. 395-409.

\_\_\_\_\_. “Programas de religião em unidades didáticas”. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. vol.2, fasc. 4, dezembro 1942. p. 933-942.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. (org.). **Helena Antipoff**: textos escolhidos. São Paulo: Casa do Psicólogo; Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Uso do Impresso nas Estratégias Católicas de Conformação do campo doutrinário da Pedagogia (1931-1935)”. In: **Cadernos Anped**, n. 7, 1994. p. 41-60.

\_\_\_\_\_. **Molde Nacional e Fôrma Cívica**: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista/SP: EDUSF, 1998

\_\_\_\_\_. “A Escola Nova e o impresso: um estudo sobre estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil”. In: FARIA Filho, Luciano Mendes. **Modos de ler, formas de escrever**: estudos de História da Leitura e da Escrita no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 66-86.

\_\_\_\_\_. “As Reformas da Instrução Pública. In: FARIA Filho, Luciano Mendes; LOPES, Eliane Marta Teixeira; VEIGA, Cyntia Greive. **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 225-251.

CASASSANTA, Guerino. “O Curso de aperfeiçoamento para religiosas”. In: **Revista do Ensino**. Belo Horizonte: Órgão da Inspeção do Ensino Público, 1933. p. 29-38.

CATANI, Denice Bárbara. **Educadores à meia-luz**: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo. Bragança Paulista: EDUSF, 2003

CAXIAS, Aleixo Pe. **Normas Práticas para os Catequistas**. Porto Alegre: Ed. La Salle, 1957.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1994.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura** (1880-1980). São Paulo: Editora Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora UNB, 1994.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de Moraes, São Paulo: UNESP; Imprensa Oficial do Estado, 1999.

\_\_\_\_\_. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. **Formas e Sentidos**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas/SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Leituras e Leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: editora UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. “Textos, impressão, leituras”. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Trad. Jefferson Luiz Camargo, São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 211-238.

CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. “O livro: uma mudança de perspectiva”. In: LE GOFF, Jacques. **História**: novos objetos. Trad. Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 99-115.

CHARTIER, Roger; Guglielmo Cavallo (org.) **História da Leitura no mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1998. (Coleção Múltiplas Escolhas).

CLAPARÈDE, Edouard. **A Educação Funcional**. Trad. E Notas de Damasco Penna. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954. (Coleção Atualidades Pedagógicas).

\_\_\_\_\_. **A Escola sob Medida**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fondo de Cultura, 1973.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 2001.

COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, Civilidade e Ilustração**: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973), São Cristóvão/SE: NPGED, 2003. (Dissertação de Mestrado).

CRUZ, Marta Vieira. **Igreja Católica e Sindicato no Campo**: conservadorismo ou transformação (1975-1985), São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992. (Tese de doutoramento).

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e educação brasileira**: católicos e liberais. 3ª ed., São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DANTAS, Maria José. “Impressos Católicos e seu discurso civilizatório: uma contribuição para a História da Educação”. In: **Anais do I Colóquio Internacional de História e memória da Educação e VI Encontro Cearense de historiadores da Educação**: interfaces metodológicas na História da Educação. Aracati – CE: Ponto Publicidade, 2007a, p. 304-317 (Trabalho completo CD-ROM)

\_\_\_\_\_. Uma leitura das práticas educacionais publicadas na revista Cidade Nova (1980-2005). In: **Anais do III Seminário Internacional de Educação – A pesquisa em educação: abordagens e inclusão social**. São Cristóvão/SE: Universidade Federal de Sergipe, 2007b. p. 01-09. (Texto completo em CD-ROM).

\_\_\_\_\_. **Revista Cidade Nova e as propostas de Educação**. São Cristóvão/SE: Universidade Federal de Sergipe, 2008. (Dissertação de Mestrado).

DANTAS, Maria José; ORLANDO, Evelyn de Almeida. **A Educação nos impressos católicos**, São Cristóvão/SE: Universidade Federal de Sergipe, 2007. (texto inédito).

ELIAS, Norbert. **Mozart**, sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

\_\_\_\_\_. **Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FÁVERO, Osmar (org.). **A Educação nas Constituintes Brasileiras 1823-1988**. Campinas/SP: Autores Associados, 1996. (Coleção Memória da Educação).

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe; WILSON, Derek. **Reforma: O cristianismo e o mundo 1500-2000**. Trad. Celina Cavalcante Falk, Rio de Janeiro: Record, 1997.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. “A Revista Renovação e a Educação da mulher sergipana”. In: **Cadernos UFS – História da Educação**, São Cristóvão/SE, Universidade Federal de Sergipe, v. 5, 2003. p.51-66.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; DANTAS, Maria José. A História da Educação entre cores, páginas e formatos: uma abordagem através da revista Cidade Nova (1958-2000). In: **Anais do II Encontro Norte e Nordeste de História da Educação e I Encontro Maranhense de História da Educação**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2007. p. 28. (Apresentação de trabalho).

FRIEIRO, Eduardo. **O diabo na livraria do cônego. Como era Gonzaga? E outros temas mineiros**. 2ª ed. rev. e aum. São Paulo: Editora Itatiaia; Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

GEBARA, Ademir. Educação e civilização na província de São Paulo. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; MACHADO, Charliton José dos Santos. **Pesquisa e Historiografia da Educação Brasileira**. Campinas/SP: Autores Associados, 2006. p. 63-86. (Coleção Memória da Educação).

GILSON, Étienne. “A noção de Filosofia Cristã”. In: **O Espírito da Filosofia medieval**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Paidéia).

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **As cartas de Alforria e a Religiosidade (1780-1850)**, São Cristóvão/SE: NPGCS, 1998. (Dissertação de Mestrado).

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. Trad. Mª da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira, revista e atualizada pelo autor. São Paulo: T. A. Queiroz, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1985.

HÈBRARD, Jean. “Três figuras de jovens leitores”. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas/SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, FAPESP, 1999. p. 33-77. (Coleção Histórias da Leitura).

\_\_\_\_\_. “As bibliotecas escolares”. In: MENEZES, Maria Cristina (org.). **Educação, memória e história: possibilidades e leituras**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004. p. 15-101.

\_\_\_\_\_. “A lição e o exercício: algumas reflexões sobre a história das práticas escolares de leitura e escrita”. In: **Revista do Centro de Educação**. Vol. 32, n. 1, 2007. p. 1-5.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da Educação Brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Aparecimento da Escola Moderna: uma história ilustrada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HORTA, José Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

JAMES, William. **A Vontade de crer**. Trad. Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2001. (Coleção Leituras Filosóficas).

\_\_\_\_\_. **Pragmatismo**. Trad. Jorge Caetano da Silva. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006

JOÃO PAULO II (Papa). **Catecismo da Igreja Católica**. Rio de Janeiro: Editora Vozes; São Paulo: Edições Paulinas, Edições Loyola, Editora Ave-Maria, 1993.

JULIÀ, Dominique. História Religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 106-131.

LAJOLO, Marisa. “Livro Didático: um (quase) manual de usuário”. In: **Revista Em Aberto**, nº 68, ano 16, 1996, p. 3-7.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Atica, 2003.

LE GOFF, Jaques. “Documento/Monumento”. In: **Enciclopédia Einaudi**. vol. 1, Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. p. 95-106.

LIMA, Luiz Eduardo Pina. **Ideologias e Utopias na História da Educação: o processo de criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, São Cristóvão/SE**: NPGCS, 1993. (Dissertação de Mestrado).

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Da sagrada missão pedagógica**. Bragança Paulista/SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

LOURENÇO FILHO, M. B. **Introdução ao Estudo da Escola Nova: bases, sistemas e diretrizes da Pedagogia Contemporânea**. 10ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1969.

LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de Aula”. In: **História das Mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); 2ª ed., São Paulo: Contexto, 1997.

LIMA, Alceu Amoroso Lima *et al.* **A Crise do Adolescente**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1951.

LUSTOSA, F. Oscar. **A Presença da Igreja no Brasil: História e problemas (1500-1968)**. São Paulo: Editora Giro, 1977.

\_\_\_\_\_. **A Igreja Católica no Brasil República**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_. **Catequese Católica no Brasil: para uma história da evangelização**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. (Coleção Estudos e Debates Latino-Americanos).

MANOEL, Ivan A. **O Pêndulo da História: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2004.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1997.

MARQUES, Agenor Nunes. **Catequista Ideal: pedagogia catequética**. 2ª ed., São Paulo: Ed. Paulinas, 1957.

MARTINA, Giacomo. **História da Igreja: de Lutero aos nossos dias**. Tomo III - A Era do Liberalismo. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP; Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Ática, 2002.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Baú de Memórias, bastidores de história: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto**. Bragança Paulista/SP: EDUSF, 2002.

MELO, Valéria Alves. **As filhas da Imaculada Conceição: um estudo sobre a educação católica (1915-1970)**. São Cristóvão/SE: NPGED, 2007. (Dissertação de Mestrado).

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1997. (Tese de Doutorado).

MENESES, Jônatas Silva. **Pentecostalismo e os rituais de cura divina: personagens e percursos**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2002. (Tese de doutoramento).

MORAIS Junior, Péricles Andrade de. **Sob o olhar diligente do pastor: a Igreja Católica em Sergipe**. São Cristóvão/SE: NPGCS, 2000. (Dissertação de Mestrado).

MOTA, Mauro. “Vinha dos Bangüês a Doçura Nazarena”. In: **Nazaré da Mata-150 anos**, Nazaré da Mata/PE, 1983. p. 15-16.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Origens da Educação Protestante em Sergipe (1884-1913)**, São Cristóvão/SE: NPGED, 2000. (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_. “Os catecismos protestantes no Brasil (1864-1916)”. In: **Revista do Mestrado em Educação**. São Cristóvão/SE: Universidade Federal de Sergipe, v. 11, jul-dez, 2007, p. 7-22.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. “A Formação do homem civilizado”. **Revista Educar-SE**. ano I, n. 1, março de 1997. p. 33-51.

\_\_\_\_\_. “Nota Prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas”. In: **Revista Horizontes**. Dossiê: temas da história cultural. vol. 19. Bragança Paulista/SP: CDAPH; Editora da Universidade São Francisco, janeiro/dezembro de 2001. p. 11-28.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do; FREITAS, Itamar. A Revista em Sergipe. In: **Revista de Aracaju**, n. 9, Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 2002. p. 69-187.

\_\_\_\_\_. **Memórias do aprendizado: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe**. Maceió: Edições Catavento, 2004.

NECROLOGIA. **Revista Eclesiástica Brasileira**, vol 24, fasc. 3, setembro de 1964, p. 818.

NEGROMONTE, Álvaro. “Prefácio”. In: GONZAGA, Evangelina; LOPES, Julieta Magalhães. **Plano de Lições de Catecismo**. Juiz de Fora/MG: Editora Lar Católico, 1956.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: a poesia da ação**. Bragança Paulista/SP: EDUSF, 2000.

\_\_\_\_\_. “História da Educação Brasileira: novas abordagens de velhos objetos”. In: **Teoria & Educação**, 6, 1992. p. 151-182.( Dossiê História da Educação).

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Historiografia da educação e Fontes”. In: **Cadernos Anped**, n. 5. Caxambu: ANPED, setembro de 1993. p. 7-64.

OLGA, Irmã. “Escola Nova Christã”. In: **Revista do Ensino**, Belo Horizonte – Estado de Minas Gerais: Órgão Oficial da Inspeção Geral de Instrução, ano X, n. 128-132, julho a dezembro de 1936. p. 65-76

OLIVEIRA, Luiz Eduardo Menezes; CORRÊA, Lêda Pires. “O catecismo como método de ensino das línguas”. In: **Anais 18º EPENN - Política de ciência e Tecnologia e Formação do Pesquisador em Educação**, Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2007. p. 1-12. (Texto completo em CD-ROM).

OLIVEIRA, João Batista Araújo *et al.* **A Política do livro didático**. São Paulo: Summus; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1984.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. **Igreja católica e AIDS: estudo do programa Solidariedade e Esperança AIDS em Sergipe**. São Cristóvão/SE: NPGCS, 2005 (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, Ralfy Mendes de. **O Movimento Catequético no Brasil**. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1980.

OLYMPIO, José. “Sobre a coleção”. In: **As Fontes do Salvador**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1961. (contra-capas).

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Por uma civilização cristã: a coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a Pedagogia do catecismo**. São Cristóvão/SE: NPGED, 2006 (Projeto de Mestrado).

ORLANDO, Evelyn de Almeida. “Os 10 mandamentos e as práticas civilizatórias no catecismo de João Paulo II”. In: **Anais XVII EPENN Educação, Ciência e Desenvolvimento**, Belém, 2005. (Texto Completo em CD-ROM).

PAIXÃO, Fernando; MIRA, Maria Celeste (Coord.). **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura no Brasil; FAPESP, 1999. (Coleção Histórias de Leituras).

PASSOS, Mauro. **A Pedagogia catequética e a educação na primeira República (1889-1930)**. Universitá Pontificia Salesiana/U.P.S: Itália, 1998. (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. **Uma História no Plural: 500 anos do movimento catequético brasileiro**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1999.

PEDROSA Petronilo Mons. **Nazaré, terra e gente**. Recife: Centro de Estudos de História Municipal; FIAM, 1983.

PEETERS & COOMAN Madres. **Pequena história da educação**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1967.

PEIXOTO, Ana Maria Casassanta. “Uma nova era na escola mineira: a Reforma Francisco Campos e Mário Casassanta (1927-1928)”. In: LEAL, Maria Cristina; PIMENTEL, Marília Araújo Lima. **História e Memória da Escola Nova**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 75-116.

PESSOA, Marliete de Lira. **Os 80 anos do Colégio Santa Cristina: uma história de educação e fé**. Nazaré da Mata/PE: Editora do Autor, 2003.



PENNA, Damasco. “A Educação Funcional”. In: CLAPARÈDE, Edouard. **A Educação Funcional**. Trad. e Notas de Damasco Penna. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954. p. 9-14. (Coleção Atualidades Pedagógicas).

RAMOS, Antônio da Conceição. **Movimento estudantil: a JUC em Sergipe (1958-1964)**, São Cristóvão/SE: NPGED, 2000. (Dissertação de Mestrado).

SALES, Celecina de Maria Veras. “Pesquisa qualitativa: cartografando novos percursos na produção do conhecimento”. In: DAMASCENO, Maria Nobre. **O caminho se faz ao caminhar: elementos teóricos e práticas na pesquisa qualitativa**. Fortaleza: Editora UFC, 2005. p. 65-86.

SANTOS, Ana Luzia. **Educação na imprensa católica: as representações do jornal a defesa sobre a formação da juventude (1960-1967)**. São Cristóvão/SE: NPGED, 2006. (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, Eufrásia Cristina M. **Visão de mundo no espiritismo: uma análise sócio-antropológica**. São Cristóvão/SE: NPGCS, 1994. (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, Fábio Alves dos. “A construção da moral na Revista Sergipe Artífice”. **Cadernos UFS – História da Educação**, São Cristóvão/SE: Universidade Federal de Sergipe, vol. 5, 2003. p.521-26.

SANTOS, Fernando Pio dos. **Apontamentos Biográficos do Clero de Pernambuco: 1535-1935**. Recife: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, 1994.

SANTOS, Geralda Fortina dos. **Escola de Enfermagem Carlos Chagas (1933-1945): a Deus, pela humanidade, para o Brasil**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

SANTOS, Teobaldo Miranda. “A Pedagogia Moderna e a educação cristã”. In: **Revista do Ensino**, Ano XIII, n. 159-163, jan-jun de 1939. p. 94-108.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Pedagogia Moderna**. Rio de Janeiro: Editora Noite, s/d.

SGARBI, Antônio Donizetti. **Bibliotecas Pedagógicas Católicas: estratégias para construir uma civilização cristã e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929-1938)**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2001. (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. **Igreja, Educação e Modernidade na década de 30: escolanovismo católico construído na CCBE divulgado pela Revista Brasileira de Pedagogia**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1997. (Dissertação de Mestrado).

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia M. de; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: René Rémond (org.) **Por uma História política**. Rio de Janeiro: UFRJ; Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 231-169.

SMITH Jr. Datus C. **Guia para editoração de livros**. Recife: Editora Universitária da UFPE; Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.

SILVA, Antônio Francisco da. **Álvaro Negromonte: modernidade, religião e educação: uma tentativa de aproximação do privado com o público na educação**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2005. (Tese de Doutorado).

SOUZA, Kátia Maria Araújo. **As missões Capuchinhas no Baixo São Francisco Sergipano (séc. XVII-XVIII): o altar e o trono no período colonial**. São Cristóvão/SE: NPGCS, 1997. (Dissertação de Mestrado).

SOUZA, Rosa Fátima de. “Um itinerário de pesquisa sobre a cultura escolar”. In: CUNHA, Marcus Vinícius da (org). **Ideário e Imagens da Educação Escolar**. Campinas: Autores Associados; Araraquara, SP: Programas de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000. p.3-27.

SOUZA, Valéria Carmelita de. **A Cruzada católica: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do séc. XX**. São Cristóvão/SE, NPGED, 2005. (Dissertação de Mestrado).

TAMBARA, Elomar Antônio Callegaro. **Bosquejo de um ostensor do Repertório de Textos Escolares utilizados no ensino primário e secundário no século XIX no Brasil**. Pelotas: Seiva Publicações, 2003.

\_\_\_\_\_. “Da Leitura do Catecismo à Catequização da leitura - O catecismo como texto de leitura na escola primária no Brasil do século XIX”. In: **Anais do XXIII Simpósio Nacional**. Londrina: Editorial Midia, vol. 1, 2005. p. 1-8. Texto completo em CD-ROM).

TAMBARA, Elomar; ARRIADA, Eduardo. **Coletânea de leis sobre o ensino primário e secundário no período imperial brasileiro: Lei de 1827; Reforma Couto Ferraz – 1854; Reforma Leôncio de Carvalho -1879**. Pelotas: Editora Seiva, 2005.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao editorial (1931-1981)**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2001. (Tese de doutoramento).

VIDAL, Diana Gonçalves. “Práticas de leitura na escola brasileira dos anos 1920 e 1930”. In: FARIA filho, Luciano Mendes. **Modos de ler, formas de escrever: estudos de História da Leitura e da Escrita no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001a, p. 88-116.

\_\_\_\_\_. **O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)**. Bragança Paulista/SP: EDUSF, 2001b.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. “História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo e sua configuração atual.” In: VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história**: estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas/SP: Autores Associados, 2005. p.73-127.

VIEIRA, Maria do Pilar Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

VILELA, Magno. “A tradição da catequese no Brasil”. In: BOLLIN, Antônio; GASPARINI, Francesco. **A catequese na vida da Igreja**: notas de história. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 259-327.

VILLAÇA, Antônio Carlos. **José Olympio**: o descobridor de escritores. Rio de Janeiro: THEX Editora, 2001.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2002.

ZANLOCHI, Terezinha. **Mulheres Leigas na igreja de Cristo**. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

## **ENTREVISTAS**

**Álvaro Negromonte**. Entrevista concedida à pesquisadora em 18 de agosto de 2005.

**Hildefonso Luiz de Oliveira**. Entrevista concedida à pesquisadora em 20 de setembro de 2007.

**Irmã Margarida Pinheiro**. Entrevista concedida à pesquisadora em 15 de agosto de 2005.

**Joaquim Correia Lima**. Entrevista concedida à pesquisadora em 09 de outubro de 2006 e em 05 de julho de 2007.

**Mércia Negromonte**. Entrevista concedida à pesquisadora em 15 de agosto de 2005.

**Neide Negromonte**. Entrevista concedida à pesquisadora em 23 de novembro de 2007.

## DOCUMENTOS

**Alocução *Davanti a questa*:** Sobre a educação da infância”. Discurso proferido pelo Papa Pio XII a um grupo de membros da União de Senhoras da Ação Católica de Roma e do Lácio em 26 de outubro de 1941. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1958.

**Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação “A educação escolar em perspectiva histórica”.** Paraná: Pontifícia Universidade Católica, 2004.

**Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação “A educação e seus sujeitos na História”.** Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2006.

**Anais do I Congresso Catequético da Arquidiocese de Olinda e Recife.** Recife: Arquidiocese de Olinda e Recife, 1939.

**Anais do 17º Encontro Pesquisa Educacional do Norte Nordeste “Educação, Ciência e Desenvolvimento Social”.** Belém/PA: INEP/Anped/Centro de Educação e Pós-Graduação em Educação, 2005.

**Anais do 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste “Política de ciência e Tecnologia e formação do pesquisador em Educação.** Maceió/AL: CEDU/UFAL, 2007.

**Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme, Arcebispo Metropolitano de Olinda, saudando os seus diocesanos.** Rio de Janeiro/Petrópolis: Tipografia Vozes de Petrópolis, 1916.

**Catálogo Geral da Editora Vozes,** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1938.

**Catálogo Geral da Editora Vozes,** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1940.

**Catálogo Geral da Editora Vozes,** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1943.

**CNBB. Diretório Geral para a catequese:** dimensão Bíblico-Catequética. São Paulo: Edições Paulinas, 1998.

**Encíclica *Acerbo Nimis*.** Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa Pio X sobre o Ensino de Catecismo em 15 de abril de 1905. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1946.

**Encíclica *Divini Illius Magistri*:** Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa XI sobre a educação cristã da juventude em 31 de dezembro de 1929. São Paulo: Edições Paulinas, 1965.

**Infância Excepcional. Relatórios da Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte ( 1933-1944).** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

**Maratona Catequética. Jornal Gazeta de Nazaré.** Nazaré da Mata, p.1, 14 de junho de 1952.

NEGROMONTE, Álvaro. **Opúsculo**, 1964.

**Pastoral coletiva dos senhores arcebispos e bispos das províncias eclesiásticas de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo, Cuiabá e Porto Alegre.** Rio: Tipografia Martins Araújo & Cia, 1915.

Vaticano II. **Ensino, Educação e Cultura.** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1968. (Ofício Internacional do Ensino Católico - Coleção de Textos Conciliares).

## **FONTES MANUSCRITAS**

Correspondência de Álvaro Negromonte à Alceu Amoroso Lima em 07 de julho de 1939. Documento: Correspondências entre 1931 e 1951, Pasta Álvaro Negromonte, Pe., Acervo: Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade.

Correspondência de Álvaro Negromonte à Editora José Olympio em 09 de fevereiro de 1944. Documento nº 79.612 a 79.617, Pasta: Negromonte, Álvaro, Mons.- Col. J.O, Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa / Arquivo-Museu de Literatura.

Correspondência de Álvaro Negromonte à Editora José Olympio em 29 de abril de 1945. Documento nº 79.612 a 79.617, Pasta: Negromonte, Álvaro, Mons.- Col. J.O, Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa / Arquivo-Museu de Literatura.

Correspondência de Álvaro Negromonte à Editora José Olympio em 05 de maio 1944. Documento nº 79.612 a 79.617, Pasta: Negromonte, Álvaro, Mons.- Col. J.O, Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa / Arquivo-Museu de Literatura.

Correspondência de Álvaro Negromonte à Editora José Olympio em 31 de maio 1945. Documento nº 79.612 a 79.617, Pasta: Negromonte, Álvaro, Mons.- Col. J.O, Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa / Arquivo-Museu de Literatura.

Lista do Clero (1934-1947) – not. E154 – Inventário da Série Encadernado. Acervo: Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

Livro de Provisões e Despachos (1953-1957). Livro 32. C.E – not. E179. Acervo: Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro

Pasta Álvaro Negromonte. Série Provisão de Padre, not. 0344, nº 38. Acervo: Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

**Biografia de D. Carlos Carmelo Motta.** In:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos\\_Carmelo\\_de\\_Vasconcelos\\_Motta](http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Carmelo_de_Vasconcelos_Motta) acesso em 23/07/2007

CARVALHO, Neuza Guerreiro de. **Preços de Antigamente em São Paulo.** In: <http://www.saopaulominhacidade.com.br/list.asp?ID=261> acesso em 05/08/2007

CNBB. **Catequese renovada: orientações e conteúdo.** Itaici, 1983. In:

<http://www.paroquiasfcoassis.hpg.ig.com.br/Documentos/Doc026.htm> Acesso em 21/04/2005.

**Dicionário de Folcloristas Brasileiros.** In:

<http://www.soutomaior.eti.br/mario/paginas/dicfrs.htm> Acesso em 16/06/2006

## OBRAS DE ÁLVARO NEGROMONTE

NEGROMONTE, Álvaro (Padre). **Diretrizes Catequéticas.** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1938a.

\_\_\_\_\_. **A Educação Sexual.** Petrópolis: Editora Vozes, 1939.

\_\_\_\_\_. **Para padres y educadores:** la educación sexual. Traducción de la 4ª ed. Portuguesa de F. Ch. Buenos Aires: Ed. Difusión, 1939.

\_\_\_\_\_. **A Pedagogia do Catecismo.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1940.

\_\_\_\_\_. **A Doutrina Viva.** 2ª edição. Petrópolis / Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1941b.

\_\_\_\_\_. **Manual de Religião:** para o curso elementar. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1941a.

\_\_\_\_\_. **Meu Catecismo:** 2º ano primário. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1942b.

\_\_\_\_\_. **La Pedagogia del catecismo.** Traducción de T.S. de Chiappini. Buenos Aires: Ed. Difusión, 1945.

\_\_\_\_\_. **A Vida de Jesus para a infância e a Juventude.** Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1947.

NEGROMONTE, Álvaro (padre). **Noivos e Esposos**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1947.

\_\_\_\_\_. **O que é o espiritismo**. Rio de Janeiro: Ed. Santa Maria, 1949.

\_\_\_\_\_. **A Pedagogia do Catecismo**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1950.

\_\_\_\_\_. **História da Igreja**: para o curso colegial. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1954b.

\_\_\_\_\_. **O Caminho da Vida**: moral cristã (para a quarta série ginasial). 12ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1954a.

\_\_\_\_\_. **A Educação dos Filhos**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1955.

\_\_\_\_\_. **O que fazer do seu filho**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1955.

\_\_\_\_\_. **Meu Catecismo**: 3º Ano Primário. 15ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1957.

\_\_\_\_\_. **Meu Catecismo**: 4º Ano Primário. 17ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1959.

\_\_\_\_\_. **Meu Catecismo**: 1º Ano Primário. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1960b.

\_\_\_\_\_. **Minha Vida Cristã**: 1ª série ginasial. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1960a.

\_\_\_\_\_. **Preparação para a Primeira comunhão**. Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1960.

\_\_\_\_\_. **As Fontes do Salvador**: missa e sacramentos. 18ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1961a.

\_\_\_\_\_. **Corrija seu filho**. Rio de Janeiro: Editora Rumo, 1961.

\_\_\_\_\_. **Guia do catequista para o Meu Catecismo 1º e 2º ano**. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1961c.

\_\_\_\_\_. **Guia do catequista para o Meu Catecismo 3º ano**. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1961d.

\_\_\_\_\_. **Meu Catecismo**: 2º Ano Primário. 19ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1961b.

\_\_\_\_\_. **Guia do catequista para o Meu Catecismo 4º ano.** Rio de Janeiro, Edições RUMO, 1962.

\_\_\_\_\_. **As Fontes do Salvador.** 21ª edição. Rio de Janeiro: Edições Rumo, 1963.

\_\_\_\_\_. **A Eterna Aliança.** Rio de Janeiro, Editora Rumo, 1964.

\_\_\_\_\_. **Nova Pedagogia do Catecismo.** Rio de Janeiro: Editora Rumo, 1965.

## **ARTIGOS PUBLICADOS POR ÁLVARO NEGROMONTE EM REVISTAS**

NEGROMONTE, Álvaro. “O comportamento das crianças na Igreja”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano II, n. 13, 1937. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Quadros murais”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano II, n. 12, 1937. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Fixando os rumos”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano III, n. 20, 1938. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “O Momento educacional em Minas” In: **Revista do Ensino**, Belo Horizonte: Estado de Minas Gerais: Órgão Oficial da Inspeção Geral da Instrução, n. 80, 1938b. p. 3-10.

\_\_\_\_\_. “O que se pode fazer”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano III, n. 21, 1938. p. 1.

\_\_\_\_\_. “O nosso dever” . In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano III, n. 19, 1938. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Para a primeira comunhão”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano III, n. 24, 1938. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Preparando a lição”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano III, n. 22, 1938. p. 1-3.



NEGROMONTE, Álvaro. “Um prefácio”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano III, n. 26, 1938. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “A comunhão Pascoal”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano IV, n. 30, 1939. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Cumprimos o dever? In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano IV, n. 38, 1939. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Ensinar Jesus Cristo”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano IV, n. 36, 1939. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “O catecismo e o sacerdócio: indicações pedagógicas. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano IV, n. 31, 1939. p. 1-3

\_\_\_\_\_. “O mês de maio e a formação cristã”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano IV, n. 32, 1939. p.1-2.

\_\_\_\_\_. “O problema das catequistas”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano IV, n. 35, 1939. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “O sacerdote e a reconquista das massas trabalhadoras para Cristo”. In: **Revista COR**, Petrópolis/RJ: Editora Vozes, vol. 1, fasc. 2, 1939. p. 753-759.

\_\_\_\_\_. “A grande preocupação”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano V, n. 42, 1940. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “A missa das crianças”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano V, n. 37, 1940. p. 1-5.

\_\_\_\_\_. “A oração das crianças”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano V, n. 45, 1940. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “A Semana Santa”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano V, n. 38, 1940. p. 1-7.

\_\_\_\_\_. “O Papa”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano V, n. 41. 1940. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “O problema do material”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano V, n. 46, 1940. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Os programas”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano V, n. 39, 1940. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Preparação da lição”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano V, n. 44, 1940. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “A Lição dos testes”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VI, n. 47, 1941. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “A missa de preceito” In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VI, n. 52, 1941. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Atos coletivos e individuais”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VI, n. 56, p. 1941. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Catequistas - problema paroquial”. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Editora Vozes, vol. 1, fasc. 3, setembro de 1941c. p. 490-495.

NEGROMONTE, Álvaro (padre). “Corrigindo uma orientação”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VI, n. 53, 1941. p. 1-3.

\_\_\_\_\_. “Façamos a formação”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VI, n. 49, 1941. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Grave dever cristão”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VI, n. 55, 1941, p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Melhoremos os catecismos paroquiais. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Editora Vozes, vol. 1, março-junho de 1941. p. 123-127.

\_\_\_\_\_. “O primeiro passo”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VI, n. 48, 1941. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Ser filho de Deus”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VI, n. 54, 1941. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Acompanhemos a Liturgia”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VII, n. 59, 1942. p. 3-6.

\_\_\_\_\_. “A oração das crianças”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VII, n. 60, 1942. p.1-2.

\_\_\_\_\_. “Com o 4º ano”, In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VII, n. 61, 1942. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Com os pequeninos”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VII, n. 59, 1942. p. 1-3.

\_\_\_\_\_. “Como fazer a formação”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VII, n. 65, 1942. p. 1-3.

\_\_\_\_\_. “Meditação da professora”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VII, n. 57, 1942. p.4.

\_\_\_\_\_. “Nas mãos das catequistas”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VII, n. 57, 1942. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “O catecismo nas escolas”. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Editora Vozes, vol. 2, fasc. 4, dezembro de 1942c, p. 930-935.

\_\_\_\_\_. “O cuidado da formação”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VII, n. 63, 1942. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Observações sobre os testes”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VII, n. 62, 1942. p. 1-3.

\_\_\_\_\_. “Um grave dever”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VII, n. 57, 1942. p. 3.

\_\_\_\_\_. “Um texto novo de catecismo”. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis/RJ: Editora Vozes, vol. 2, fasc. 1, março de 1942a. p. 72-82

\_\_\_\_\_. “Uma virtude esquecida”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VII, n. 66, 1942. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “A devoção à Nossa Senhora”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano VIII, n. 70, 1943. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “A missa e a catequese”. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Editora Vozes, vol. 3, fasc. 2, junho de 1943. p. 286-292.

\_\_\_\_\_. “Alma de Catequista”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano X, n. 81, 1945. p. 8-9.

\_\_\_\_\_. “Apostolado”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano X, n. 78, 1945. p. 1-3.

\_\_\_\_\_. “A preocupação da graça”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano X, n. 81, 1945. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “As conclusões da Lição”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano X, n. 77, 1945. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Conclusões Litúrgicas”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano X, n. 79, 1945. p.1-3.

\_\_\_\_\_. “Pelos missões”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano X, n. 80, 1945. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “Sobre a pregação”. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis/RJ, vol.5, fasc. 3, setembro de 1945. p. 639-642.

\_\_\_\_\_. “A Liturgia em nossa catequese”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano XI, n. 82, 1946. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. “A salvação do Brasil depende do clero”. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis/RJ: Editora Vozes, vol. 19, fasc. 1, março de 1959. p. 1-7.

\_\_\_\_\_. “Ainda a Primeira Comunhão”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano XI, n. 83, 1946. p. 3-5.

\_\_\_\_\_. “Em torno da Missa”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano XI, n. 84, 1946. p. 3-5.

\_\_\_\_\_. “Para a missa”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano XI, n. 85, 1946. p. 3-5.

\_\_\_\_\_. “Para o Natal”. In: **Boletim Catequético**, Belo Horizonte: Tipografia Marília, ano XI, n. 86, 1946. p. 3-4.

\_\_\_\_\_. “A Igreja no Apocalipse”. In: **Revista A Ordem**, Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, vol. XLII, n. 6, 1949. p. 3-20.

\_\_\_\_\_. “O problema do catecismo no Brasil”. In: **Revista Catequética**, Rio de Janeiro: Ação Católica Brasileira, vol. 5, 1953. p.47-50.

\_\_\_\_\_. “O bom uso da confissão”. In: **Revista Catequética**, Rio de Janeiro: Ação Católica Brasileira, vol. 6, n. 53, 1955. p.32-35.

\_\_\_\_\_. “Como usar meus textos catequéticos”. In: **Revista Catequética**, Rio de Janeiro: Ação Católica Brasileira, vol.7, n. 54, 1956. p. 32-35.

\_\_\_\_\_. “Pequenos Casos Pastorais: assistência à missa de preceito de alunos externos”. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis/RJ: Editora Vozes, vol. 16, fasc. 4, dezembro de 1956. p. 971-972.

\_\_\_\_\_. “Pequenos Casos Pastorais: o ensino religioso nas escolas secundárias”. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis/RJ: Editora Vozes, vol. 16, fasc. 3, setembro de 1956. p. 704

\_\_\_\_\_. “Método Integral de catequese”. In: **Revista Catequética**, Rio de Janeiro: Ação Católica Brasileira, vol. 8, n. 59, 1957. p. 28-31.

\_\_\_\_\_. “A Bíblia no ensino religioso”. In: **Revista Catequética**, Rio de Janeiro: Ação Católica Brasileira, vol. 9, n. 62, 1958. p. 36-40.

\_\_\_\_\_. “Catequese sobre o pecado”. In: **Revista Catequética**, Rio de Janeiro: Ação Católica Brasileira, vol. 9, n. 62, 1958. p. 36-40.

# **ANEXOS**

## ANEXO I

### FOTOGRAFIA DO PADRE ÁLVARO NEGROMONTE



*Revm. Padre Alvaro Negromonte, professor de Filosofia da Religião da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, a cuja dedicação incansável prestamos hoje justa e sincera homenagem.*

Fonte: **Revista A Enfermagem em Minas**. Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Belo Horizonte, set., 1936. Acervo da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais

## ANEXO II

# REPORTAGEM DE MAURO MOTA PUBLICADA NA REVISTA COMEMORATIVA DE NAZARÉ DA MATA – INDÍCIOS DO ENVOLVIMENTO DO PADRE COM O JORNAL “GAZETA DE NAZARÉ”

### Reminiscências

## Vinha dos Banguês a Doçura Nazarena

Vinha dos banguês a doçura nazarena, das latas de mel a domicílio, da paisagem, das coisas e das criaturas. A doçura da fala de Paulina Costureira, a do mítomano Seu Cordeiro, do Juá, sem admitir riso quando contava as suas fábulas. Uma delas, a da mangueira de duzentos anos, do sítio do avô. Um fenómeno de genética vegetal, essa “mangueira caduca”, como ele a chamava, o que, por causa da caduquice, botava, misturadas com as mangas, jacas, bananas e sapotis. A doçura dos armazéns de açúcar na Estrada Nova, entre eles, o do grande nazareno Alfredo Coutinho e o de Seu Arthur Cabeção, estendido, na frente, o letreiro um pouco ambicioso: “Artur Veiga de Araújo, comprador de todos os generos do país”.

Vinha dos banguês a doçura dos ares nazarenos, inundados pelos pregões de cocadas, alfenins e caramelos, a doçura das bolas de Sinhá da Bola. A doçura das erianças de catecismo; do canto das moças no coro das novenas; doçura da flauta do professor Targino; do piano de Celina, de Seu Milo,

tocando valsas vienenses e valsas de Alfredo Gama; do bandolim de Dulce, do Doutor Felisberto; doçura das tardes de domingo; das tosses curadas com Xarope Peitoral Nazareno; do sino da Igreja, batendo à noite, a hora do menino dormir.

Eis algumas faces da civilização canavieira de Nazaré da Mata, de onde saíram combatentes das revoluções libertárias de Pernambuco, saíram líderes políticos, líderes da agricultura, da indústria e do comércio, homens de ciências e homens de literatura, sem pose para a história, pois na história entram pelo mérito do que realizaram.

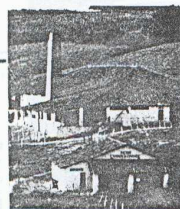
Ainda na primeira metade do século passado, já circulava em Nazaré um jornal, O Nazareno, dirigido por Borges da Fonseca, lutador da Revolução Praieira. No sobrado onde funcionava a Farmácia Neves — eis uma sugestão ao Prefeito — deveria existir uma placa: “Da varanda deste sobrado, Joaquim Nabuco falou ao povo de Nazaré”.

Isso aconteceu em 1885. Nazaré, incluída no 59 distrito,

elegera o grande pernambucano para a Câmara dos Deputados em compensação da depuração que sofrera a favor de Machado Portela, sob o Gabinete Sariva. A eleição foi possível em face do gesto de Ermírio Coutinho, desistindo, em proclamação histórica, da própria candidatura e abrindo a vaga na bancada.

Em Nazaré, aprendi a ler na escola das professoras Alice e Ana Vieira de Melo; fiz a primeira comunhão; publiquei os primeiros versos na Gazeta, sob a direção dos padres Odilon Pedroza e Alvaro Negromonte e de Adarico Negromonte; embora sem o dom da palavra, fui orador da Euterpina Juvenil Nazarena e do Clube Estrela; comecei a leitura de Machado e Eça, de Gonçalves Dias e Alencar, na Biblioteca do Centro Literário.

Lá fui croíinha na Catedral e na Igreja do Bom Jesus; ajudei missa, inspecionando na Sacristia o material litúrgico, sem esquecer o vinho das galhetas; amei o mês de maio e o Natal; as festas populares, que me deram a consciência dos valores folclóricos, através do maracatu, do fandango e do bumba-meu-boi; amei as conversas na Farmácia de Artur Neves, no Centro, de Eugénio Pimenta, no Bilhar de Joca Progresso, no Café de Martins, no Hotel de Maçu, na Loja de Papi, embora Papi, sempre zangado de apa-



rência, dissesse, a toda hora, que não admitia plantão; na casa de Seu Bernardino Lira, avô da pintora Ladjane, e excelente nazareno, quase uma enciclopédia profissional, dono de cinema, dono de automóvel de aluguel, diretor da banda de música, organizador de clubes de carnaval, leiloeiro, fabricante de caixões de defunto. Ainda na casa de biqueira e andorinhas do Vitor Vieira de Melo, a derradeira farda de coronel da Guarda Nacional, que apareceu nas ruas da cidade, tão cioso da patente que a mencionava a toda hora. Recordo uma entrevista que fiz com ele já nonagenário. Mostrou-me uma velha fotografia, na qual as imagens do boné já tinham quase debandado no toque de recolher. Quando indaguei — Coronel, que grupo é esse, respondeu com saudade e orgulho:

— Eu e meu Estado Maior.

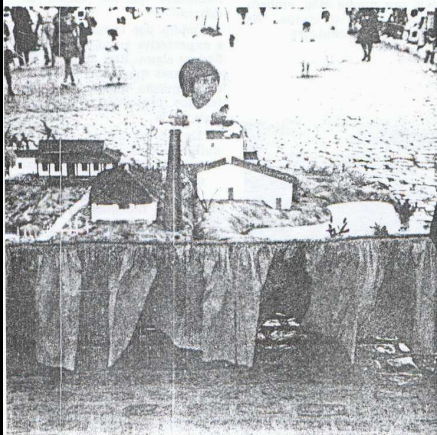
Em Nazaré, amei a lua nazarena, que aparecia, nas noites de sábado, como se fosse chamada pelo violão nas serenatas de Chico Simplício; amei as retretas, falei na Valsinha da Banda Municipal:

Música da Banda Euterpina Juvenil, de Nazaré da Mata, tocando ao luar de prata.

(O seresteiro achando a rima da serenata) Música pelo Natal; na festa da padroeira.

(A procissão. Nossa Senhora da Conceição.) Música nos bailes de carnaval e em funeral.

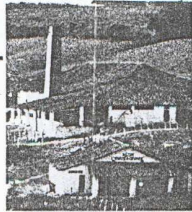
Seu Miguel ensaiava de noite, na Rua da Palha, para as tocatas coletivas. Nunca mais deixei de ouvir as suas noturnas melodias da janelinha. Sinto que ele acorda e volta de longe, nesta madrugada. Limpa a farda de tempo e areia, vem do cemitério de São Sebastião, vem com a sua valsa de antigamente, vem com o seu clarinete na mão.



Maquete do Eng Lagoa Dantas. — A doçura da sinhazinha, iadando o Banguê.

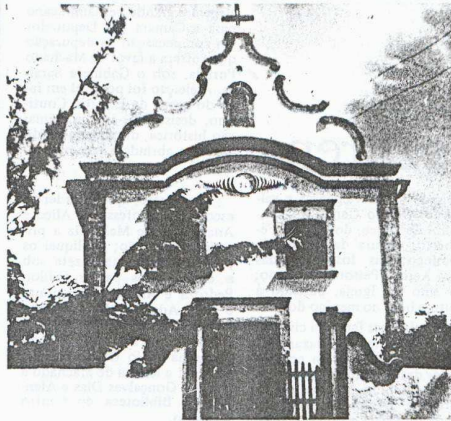


## Reminiscências



Em Nazaré da Mata, amei e amo as casas onde morei com minha família, a da Rua da Palha, a da Praça da Catedral, a do Alto do Bom Jesus, que foi demolida:

Debruço-me de fora onde havia a janela. Nuvem ou casa extinta? Lá estou como eu era. Que pássaro imigrante pouso na cumeeira? Que neblina umedece as paredes aéreas? Quem me chama ou me leva quando o espaço transponho? Só o verde das heras sobre as vozes e o sonho.



Ninguém se muda jamais do domicílio da infância. A gente sai, mas leva, pelo resto da vida, os trastes na cabeça e no coração. Cadeira, sofá, jarro, cama de lona, chinelo, bacia de lavar rosto, guarda-comida, aparador, fruteira, o espelho da sala, candeeiro, cesta de costura, cafeteira, chaleira de ferro, alguidar, baú, esteira de pipiri, tábuas de engomar, pilão de pisar milho e café, pegador de brasas, quartinhas, tamboretos, gaiolas de passarinho.

No meu caso pessoal, carregou até o pé de sabugueiro e o cheiro dos cajás, os passos de minha mãe no corredor, a noite, o medo do lobisomem, as sombras na parede. A casa inverte a missão domiciliar, sai da rua. A casa agora mora no seu antigo habitante.

*Mauro Mota*  
Mauro Mota

## Cinquenta Anos Depois

Itamar de Abreu Vasconcelos

Professor da Universidade Federal de Pernambuco, Membro do Conselho Estadual de Educação, Professor da Universidade Católica de Pernambuco, Professor da Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata, Professor em escolas secundárias. Autor de um romance memorialista "A Selva" e tem publicado artigos e trabalhos de natureza pedagógica.

Neste domingo, 09 de outubro de 1983, parece que estou escutando rufar de tambores e vendo colegas marchando nas ruas de Nazaré da Mata.

Do Recife, participo, assim, em pensamento, das festas comemorativas dos 150 anos de autonomia política do velho burgo.

Num país onde as referências sobre o tempo e o espaço são muito específicas (com cem anos uma cidade torna-se velha e cem quilômetros representam pouca distância) é uma honra atingir idade tão proveçta.

Nazaré cresce, desse modo, no pensar do povo e, com o século e meio de vida independente, destaca-se sobre as suas vizinhas, ou melhor as suas filhas, pois é "mãe" de Aliança, Buenos Aires, Tracunhaém, Vitória e, em parte, de Carpina,



Do alto, telhados e vegetação.

uma vez que, no caso desta última, divide a maternidade com Paudalho.

Não pretendo fazer comentário sobre a história de Nazaré da Mata já tão bem narrada pelo Padre Petronilo Pedrosa, nem tão pouco bisbilhotar es-

tórias nazarenas como o fez, com sabor e maestria de escritor, o poeta Mauro Mota.

Quero apenas recordar o centenário, fato que me assusta um pouco, pois já posso falar, como testemunha ocular, de um fato ocorrido há cinquenta anos.

Volto ao longínquo 1933. Vejo-me no internato com doze anos de idade. Recordo-me dos preparativos para as grandes festas do Centenário.

Desde o início do ano que, através das cartas semanais, escritas por minha Mãe, vinham notícias sobre o evento. As festas que iam acontecer.

alguma aula maçante e, principalmente, quando me deitava no silêncio penumbroso do dormitório, a imaginação voava para Nazaré. Sonhava com a escola de D. Cecília Aragão, a festa de Natal no largo da Catedral, o drama no Salão Bento XV, os filmes no Cine Lux, as retretas da Revoltosa e a festa da Capa Bode.

Via os amigos que tinham ficado na "terrinha" e o desejo era que o tempo voasse e as férias chegassem logo, possibilitando o regresso, a volta à comunidade, que me parecia tão distante.

Depois das férias de junho, a expectativa era o centenário. Seriam alguns dias de folga, férias extras que Papai, membro da Comissão encarregada dos festejos, prometera a mim e a meu irmão.

Depois de muita espera e muita ansiedade, numa tarde de outubro vieram nos buscar — a festa havia chegado!

Foram dias de muita alegria. A cidade movimentada, com inúmeras solenidades, destacando-se a Missa solene na Catedral, conferências, desfiles, grande exposição ostentando produtos do Município e dos Municípios vizinhos e, concluindo os festejos, uma "Soirée Verde" nos Salões da Prefeitura.

A cidade ficou repleta com gente vinda dos engenhos, dos outros Municípios, da Capital e até de lugares distantes. Nas conversas dos mais velhos his-

NAZARÉ DA MATA — 150 ANOS



# ANEXO III

## MARCA DO VÍNCULO COM A CIDADE DE NAZARÉ APÓS SUA PARTIDA

**NOTÍCIAS LOCAIS** **GAZETA DE NAZARÉ**  
Nazaré-da-Mata, 14 de Junho de 1952

### A CIDADE EM REVISTA

● **Sobre a alta dos gêneros, nas feiras**

Várias reclamações de donas de casa temos recebido acerca da criminoso intervenção dos «travessadores», nas feiras da cidade, tomando de assalto os matutos que trazem seus gêneros como o milho verde, o feijão de corda, verduras e frutas. Ainda quarta-feira apareceu muito milho verde, mas foi vendido a Cr\$ 1500, e 25,00, quando poderia dar menos.

Os ferrenhos inimigos do bem estar público acham, porém, que devem zombar da vigilância municipal, bloqueando as mercadorias, arranjadas dessa maneira vergonhosa, à noite, como sucedeu na terça-feira última, quando várias cargas de milho foram vendidas aos tais negociantes. Ora, esse estado de coisas não pode permanecer, e aqui estamos alertas, recebendo as queixas e transmitindo-as ao sr. Prefeito que bem conhece da situação do povo, certo de que não ficará impune.

● **Leite com água**

A propósito da denúncia aqui publicada contra os leiteiros que estavam vendendo leite adulterado, o sr. Prefeito recomendou a Fiscalização Municipal severa fiscalização na venda do leite, a qual confirmou a adulteração, sendo encontrado, pela Fiscalização, leite até com 5 e 7 grãos. Outros leiteiros foram encontrados com uma mistura em percentagem menor de água. O leite puro é de 18 grãos, e a Fiscalização encontrou em quantidade pequena, porém foi constatado que o produto não foi adulterado.

Essas providências contaram com a cooperação do sr. Tenente Orires Ferraz, delegado de polícia deste município, que prestou a Fiscalização Municipal, con-

tra os leiteiros desonestos, os quais tiveram os seus vasilhames de leite com água derramados pela fiscalização, nos locais onde foram encontrados em presença das pessoas prejudicadas.

Os nossos aplausos ao sr. Prefeito, pelas providências tomadas e que esperamos produzam resultado satisfatório, por uma questão de higiene e de saúde pública.

● **Aspetos das ruas**

Aquêle serviço que começou na Praça Carlos Gomes, de desmatamento, precisa continuar em outros pontos citadinos.

Ruas como a General O. Rios, estão esperando a enzada dos trabalhadores da limpeza. O mato ali vai crescendo, dando um quê de tristeza à paisagem da cidade.

### Maratona Catequética

No Ginásio Sta. Cristina desta cidade, realizou-se no dia 3 último, a Maratona Catequética Diocesana.

Presidiu os trabalhos, o Rev. Pe. Carlos Calábria, sendo examinadores o Pe. Jaime Diniz e o clérigo José Sotero.

Estiveram presentes os Rev. mes. Pe. Otávio Aguiar, João Machado, Mário Leitão, Antônio Saravia, Petronio Padrosa e José Maria Araújo; bem como a Madre Superiora do Ginásio de Sta. Maria de Timbaúba, e uma religiosa da União Aliança.

A finalidade da Maratona foi a escolha dos alunos de catecismo que deveriam representar a Diocese, na Maratona Nacional, no Rio de Janeiro.

Compararam-se os alunos de várias paróquias da Diocese, que se submeteram à prova escrita, à prova oral e a um debate.

**Façam seus impressos nesta Tipografia.**

### NOTAS & INFORMAÇÕES SEMANALMENTE

Uma semana de arte e de beleza

Tivemos uma semana de arte e de beleza, na cidade. No palco do «Bento XV», lugar reservado às boas exhibições, vimos, pela segunda vez, os rapazes do padre Jaime Diniz, e pertencentes ao Gremio Cultural, na encenação da opereta de Uguccioni e Cimati: *Marcos, o pescador*, em 2 atos.

Todos se saíram satisfatoriamente, com o destaque de Manuel Pereira Neto, no papel de Quirino, com sua voz agradável e expressiva; Rostand Negromonte, vivendo Gilberto, irmão de Marcos, tendo sido, na frase de Eólio Ramos, «a surpresa da noite»; Geraldo Lana, fiel intérprete de Marcos, e Natanael Costa, que alcançou sucesso interpretando o «Demônio».

No intervalo, ouvimos Maria das Graças Falcão declamando «Sinfonia Inacabada» e mais um outro bonito poema: Maria do Carmo Braga, em «Cabocla», obtendo palmas e Nivaldo Teles que fez o tocador de piston, com piruetas interessantes, agradando de modo geral, causando hilaridade.

No domingo, às 10 horas, ainda naquele mesmo local, assistimos à passagem de dois filmes educativos sobre o Câncer, com ilustrações, e explicação dada pelo dr. Aristides da Paula, nosso médico.

Pela primeira vez, no interior do Estado, inaugurou-se a semana do combate anti-câncer, tendo sido os filmes bem recebidos pelos presentes.

Amanhã novos filmes sobre o Câncer, com entrada grátis, como da primeira vez. Os médicos nazarenos com esta medida têm se imposto à admiração de todos, pois que desejam chegar ao conhecimento popular dos terríveis efeitos do Câncer, maneiras de evitá-lo e de cura.

E na noite do último domingo, o amplo salão do «Condor», esteve repleto de que de mais fino temos na sociedade, a fim de assistir ao recital de piano da professora e virtuosa MARY NIELLOFF, com suas inteligentes alunas, desta cidade e da Recite. O programa foi bem recebido e levado do caprichosamente, merecendo entusiásticos aplausos gerais.

Todas as declamações agradavelmente, como Aneida Negromonte, Lourdes Borges, Miriam Borges da Silva, Cristina Jurema e a pequena Conceição Gomes, de 8 anos de idade, que interpretou «Ondas do Danúbio», «Serenata Branca» e «Sobre as ondas», tivemos o prazer de ouvir Chopin, Mendelssohn, Debussy, Rachmanoff e outros grandes músicos. Mary saiu-se maravilhosamente bem, sabendo viver as músicas interpretadas com alma e sentimento. Afinal, foi uma semana alegre e bem vivida, a passada. O Condor, essa menina dos olhos de Alcides Oliveira, dia a dia vai adquirindo entusiasmo e admiradores, pois constitui uma sociedade de valor inestimável para Nazaré.

Que tenhamos momentos alegres como esses, é o que esperamos. — J. M. Vieira de Melo

### VIAJOU O SNR BISPO DIOCESANO

Ausentou-se desta cidade, desde domingo último, 8 do corrente, Sr. Ezequiel, Dom Carlos Coelho, com destino a Curitiba.

Em seguida, permanecerá alguns dias na capital do país a tratar de assuntos de interesse da Diocese, antes de voltar nos primeiros dias do mês próximo.

na, Prefeitos das cidades vizinhas, comerciantes, agricultores, industriais, famílias e pessoas convidadas.

Antes da inauguração os presentes se dirigirão ao Salão do Bento XV, onde assistirão a projeção de filmes educativos e de propaganda contra o câncer.

Em propaganda da Exposição e da 1.ª Semana de Combate ao Câncer, no correr desta semana, correrá desta semana.

(Cont. na página 2).

### Inauguração amanhã, às 16 horas, da Exposição e 1.ª Semana da Campanha de Combate ao Câncer

REALIZAR-SE-Á amanhã, às 16 horas, na cidade de Nazaré-da-Mata, no salão da Biblioteca Pública, a inauguração da Exposição de Fotografias, Gráficos, Cartazes e da 1.ª Semana da Campanha de Combate ao Câncer.

A sessão será presidida pelo Dr. José Henriques, Presidente da Sociedade de Pernambuco de Combate ao Câncer, contando a presença do Dr. José Rênia, Chefe Radiologista da Clínica do Câncer do Hospital de Santo Amaro, do Padre Carlos Calábria, representando Dom Carlos Coelho, Bispo da Diocese, Dr. Benedito Marques Vieira, Juiz de Direito, Sr. Antonio Germano Ribeiro, Prefeito da cidade, Dr. Aristides de Paula Gomes, Dr. Ivaldo Carneiro Leão, Dr. Carlos Azevedo de Moura e Dr. Osvaldo Neves, desta cidade, Dr. José Otávio Maciel, de Vicência, Drs. Domingos de Abreu e Alcebades de Melo, de Paudalho, Dr. Plácido de Oliveira, Dr. João Coutinho, Dr. Milton Queiroz e Dr. Laércio de Araújo Pereira, de Timbaúba, Dr. Alberto Bezerra, de Aliança, Dr. José Aranha de Moura, Dr. Hélio Raposo e Dr. Inaldo Carneiro da Cunha, de Carpi-



## ANEXO IV

### CARTA DO MONSENHOR EURICO DE MELO MAGALHÃES AO PADRE ALEIXO DE CAXIAS MENCIONANDO UMA CONSULTA AO MONS. NEGROMONTE A RESPEITO DE UM NOVO CATECISMO PUBLICADO – DEMONSTRAÇÃO DA CREDIBILIDADE DO PADRE NO CAMPO

— 9 —

ESCREVE MONS. EURICO DE MELO MAGALHÃES, DD. VIGÁRIO CIDADE RIO GRANDE

Revmo. Padre,

*Pax et Bonum!*

*Muito obrigado pelos livrinhos, que me enviou, tão úteis a quem se dedica ao ensino do Catecismo, e que tanto me agradaram, a mim e aos meus auxiliares na catequese. . . . .*

*Estavamos esperando a visita do P. Negromonte, que viria dar uns cursos intensivos de pedagogia catequética em Pelotas, Bagé e Rio Grande.*

*Mostrei a êle seu trabalho. Disse-me que já o conhecia e o apreciou. De fato Vossa Reverendíssima fez trabalho que orienta e anima. Meus parabens e meu muito obrigado bem do fundo do coração.*

*Oh! si em cada quadra das cidades e vilas se pudesse ter uma escola de Catecismo bem feito! Si ao menos as famílias, as nossas famílias desta zona de cá, que se dizem católicas, ensinassem aos filhos o Catecismo. . .*

*Infelizmente o malfadado laicismo da v<sup>a</sup>. República deixou um sulco profundo na educação dessa gente, que não teve um clero numeroso e apostólico para conservar as tradições de outro tempo.*

*Vamos melhorando, mercê de Deus, e esperamos dilatar o reinado de Nosso Senhor em nossas Famílias e em nossa Pátria.*

*A passagem pela Diocese do Pe. Negromonte fez bastante bem. Notou-se interêsse e êle procurou ser objetivo e ensinar. Observo em minha Paróquia que as catequistas tomaram mais gosto e ensinam com mais entusiasmo.*

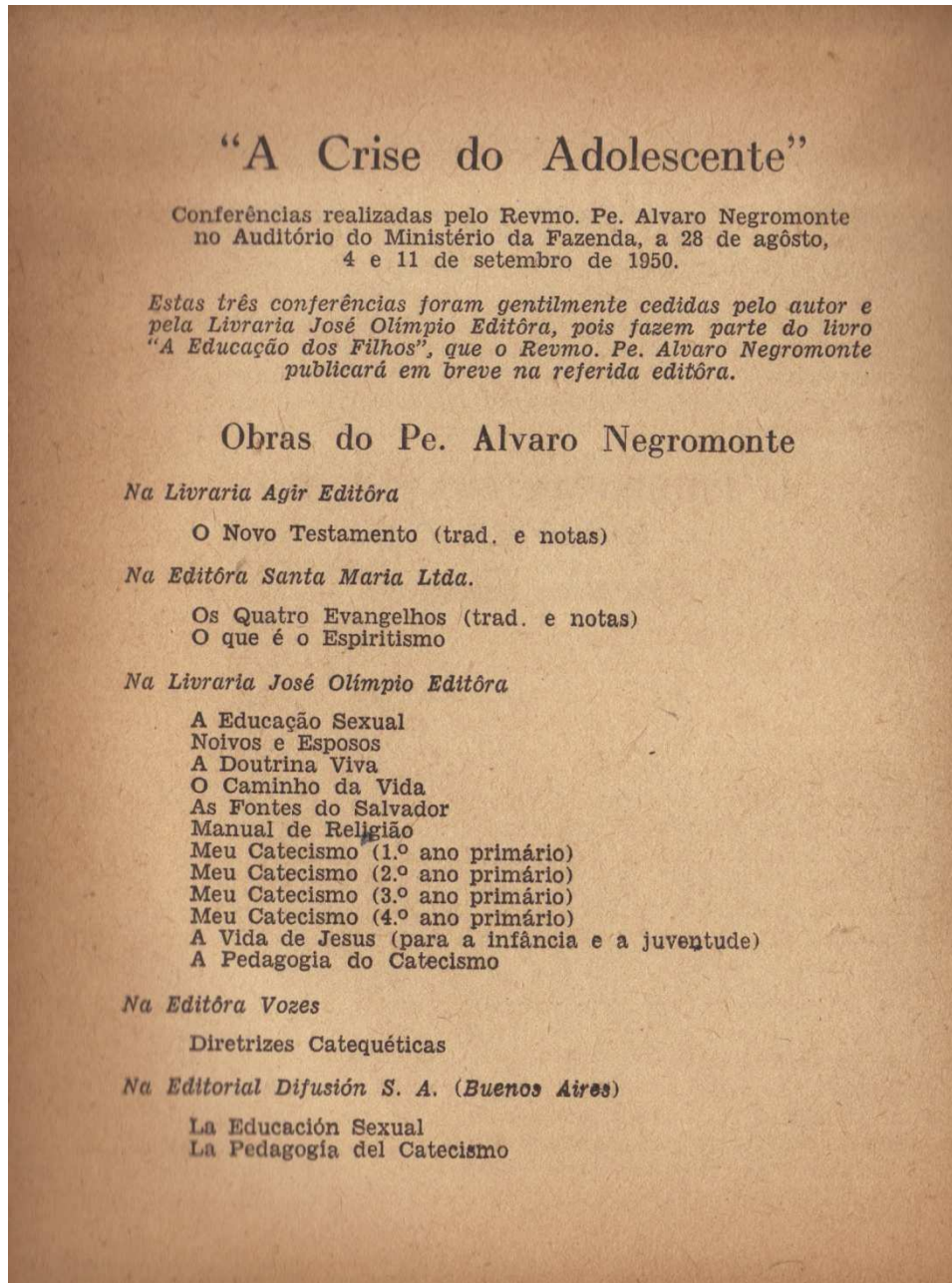
*Reze por mim e disponha de seu irmão em Cristo e Francisco*

MONS. EURICO DE MELO MAGALHÃES.

Rio Grande, 17-8-49.

## ANEXO V

### NOTA EXPLICATIVA SOBRE A CONCESSÃO DO USO DOS TEXTOS E A SUA DEVIDA PUBLICAÇÃO EM UM PROJETO MAIOR DA EDITORA JOSÉ OLYMPIO



Fonte: LIMA, Alceu Amoroso *et al.* **A Crise do adolescente**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1951.



## ANEXO VI

### CORRESPONDÊNCIA DE NEGROMONTE À ALCEU AMOROSO LIMA SOBRE O LIVRO “A EDUCAÇÃO SEXUAL”

B. Hte., 7 de julho de 39

Caríssimo Dr. Alceu.  
Vivat REX.

A livraria José Olímpio pediu-me um livro sobre a Educação Sexual. Levei o pedido ao Sr. D. Cabral, que me autorizou a escrever. Mas, depois de escrito, s. excia. Temeu aprova-lo. E me exigiu apresenta-lo a um júri composto do senhor, do Oscar Mendes e do p. Helder. Já consegui a absolvição do Oscar, e mandei os originais ao P. Helder, pedindo que lhe entregasse logo após a leitura.

Se me sinto honrado com isto – são 3 leitores assegurados! – lastimo ter de incomoda-lo, principalmente agora, que sei os seus trabalhos aumentados. Mas, infelizmente, o sr. D. Cabral não superou a mentalidade em que foram educados os homens de seu tempo. E vive de longe do mundo.

O que ele quer do sr., como homem de largo discernimento e de convivência na sociedade, é saber se o meu livro escandalizará, por ser um padre, e se, portanto, convém a publicação. É claro que não me negarei a fazer as correções que o seu juízo achar convenientes.

Depois do dia 20 deste estarei no Rio e poderemos conversar.

Para facilitar seu trabalho, devo dizer que certos capítulos nada adiantam: Na adolescência; possibilidades e vantagens da castidade; Meios naturais e sobrenaturais; Formação geral; Pais capazes de educar; Iniciações condenáveis.

Tê-lo-ei mais presente no Memento da Missa, como uma paga do sacrificio que lhe peço.  
Servo in Christo et in Ecclesia

*P. A. Negromonte*

Fonte: Correspondência de Álvaro Negromonte à Alceu Amoroso Lima em 07 de julho de 1939.

## ANEXO VII

### PARECER DO PADRE HÉLDER CÂMARA SOBRE O LIVRO “A EDUCAÇÃO SEXUAL”

*Parecer do*

*Revmo. Snr. Padre Helder Camara*

*Assistente Eclesiástico do Secretariado Nacional de  
Educação da Ação Católica e Técnico do Ministério  
da Educação e Saúde Pública.*

*Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo D. Antonio  
dos Santos Cabral*

*V. Excia., bondosamente, me confiou o nihil  
obstat do livro sobre educação sexual que o Pe. Alvaro  
Negromonte acaba de escrever.*

*A principio, vacilei quanto à oportunidade de um  
livro sobre o assunto, escrito, no Brasil, por um sacer-  
dote. O livro me dissipou qualquer dúvida. Posso estar  
enganado — mas o que eu penso é que ele, com a graça  
de Deus, vai fazer entre nós um bem imenso.*

*São páginas escritas com espírito de fé, com pu-  
resa, com a maior elevação de vistas e, tudo isso, sem  
perda de visão clara, de linguagem sem ardores, lím-  
pida e cheia de sabor.*

*O fato de o livro ser escrito por um padre será  
uma segurança para os educadores católicos, receiosos de  
abrir um livro qualquer sobre educação sexual. E seria  
pouco, esclarecer os nossos, enquadrados, quasi todos,  
no velho grupo dos que confundem ignorancia com vir-*

tude? Não vacilarei em recomendar aos Superiores Maiores de Ordens Religiosas masculinas e femininas que tornem o novo livro do Pe. Negromonte conhecido pelos religiosos que cuidarem de educação.

O livro, porém, não será lido apenas pelos nossos. Haverá curiosidade de ver o que um padre escreveu sobre educação sexual. E que prazer pensar que, longe de encontrarem visão estreita, falha, errada, ou larguesa excessiva e capaz de fazer mal, os sem-fé encontrarão uma palavra segura e precisa, capaz de fazer bem! . . .

Não pense V. Excia. que esteja falando a amizade que me une ao Pe. Alvaro Negromonte — fala a minha consciência de educador católico e de ministro de Deus.

Escrevo esta carta no dia de S. Vicente de Paulo, o santo que tanto se preocupou em dar ao clero santidade e ciência. Que ele obtenha do Bom Deus que V. Excia. possua sempre padres como o Pe. Alvaro — pensei, ao ler as páginas impregnadas de ciência e de piedade, que o Pe. Alvaro escreveu. Que S. Vicente obtenha do Bom Deus que o Negromonte ponha sempre, como agora, a serviço de um grande zelo, um saber e um saber dizer realmente notáveis.

Queira V. Excia. mandar sempre suas ordens para quem se honra de ser de V. Excia.

amigo e filho em J. C.

a) Pe. Helder Camara

Rio de Janeiro, 19 de Julho de 1939.

## ANEXO VIII

### MODELO DO PROGRAMA DE RELIGIÃO EM UNIDADES DIDÁTICAS PARA O CURSO GINASIAL PROPOSTO PELO PADRE HÉLDER CÂMARA

#### A) Programa de dogma ( 1ª série)

- I) Deus
  - 1) Existência 2) Atributos 3) Pessoas
- II) O mundo
  - 1) Anjos: bons e maus 2) O homem: criação, queda, estado atual 3) As demais criaturas: 4) Volta das criaturas para Deus
- III) Esperança no Salvador
  - 1) Promessas do Messias 2) Profecia e figuras 3) Realização: a encarnação: 4) Volta das criaturas para Deus.
- IV) A Pessoa do Salvador
  - 1) A infância 2) A vida pública 3) A personalidade 4) Homem e Deus
- V) A Missão do Salvador
  - 1) A redenção 2) O sacrifício Redentor 3) A glorificação: ressurreição e ascensão
- VI) A continuadora de Jesus Cristo: a Igreja
  - 1) Instituição 2) Organização 3) Caracteres 4) Indestrutibilidade 5) Infallibilidade
- VII) A missão da Igreja
  - 1) Espiritual: o Espírito Santo; a graça 2) Social: ação sobre os costumes – pessoas, família, profissão, sociedade
- VIII) A família de Deus
  - 1) O corpo místico de Cristo 2) Corpo e alma da Igreja 3) A comunhão dos santos
- IX) Destinos eternos do homem
  - 1) Juízo: particular e geral 2) Céu, inferno e purgatório 3) Ressurreição da carne

## B) Programa de Moral (2ª série)

- I) A Moral cristã
  - 1) A lei 2) A consciência 3) Pecado 4) A perfeição cristã
- II) Deus é Senhor
  - 1) As virtudes teologais 2) A virtude da religião 3) O nome do Senhor: voto e juramento 4) O dia do Senhor: Missa e Repouso
- III) Em face da Autoridade
  - 1) Pais e filhos 2) A Hierarquia e os fiéis 3) Governantes e governados 4) Patrões e operários
- IV) Respeito à propriedade
  - 1) O direito de propriedade 2) Pecados contra os bens do próximo 3) Restituição 4) Posição cristã em face do capitalismo e do comunismo
- V) Respeito à pessoa humana
  - 1) a vida e a integridade do corpo 2) A vida sobrenatural: escândalo e bom exemplo 3) A dignidade: honra e reputação; condição 4) A caridade fraterna
- VI) Deveres do homem para consigo mesmo
  - 1) Alimento, veste e diversão 2) Vida intelectual 3) Castidade 4) O bom nome 5) Vocação
- VII) O bom filho da Igreja
  - 1) Missa de preceito 2) Confissão e comunhão anuais 3) Jejum e abstinência 4) Manutenção do culto.

## C) Programa de liturgia ( 3ª série)

- I) A Força santificadora
  - 1) Os Sacramentos 2) Os Sacramentais 3) Liturgia: noção e papel.
- II) O Filho de Deus
  - 1) Elementos do batismo 2) Efeitos 3) Liturgia.
- III) O soldado de Cristo
  - 1) Elementos do crisma 2) Efeitos 3) Liturgia



- IV) O Companheiro de Jornada: Jesus
  - 1) A presença real 2) A Eucaristia: sacramento 3) Efeitos da comunhão
  - 4) Vida Eucarística da 1ª comunhão ao Viático
- V) A volta do filho pródigo
  - 1) Virtude e sacramento da penitência 2) Condições da boa confissão
  - 3) Efeitos 4) História e liturgia
- VI) Às portas da eternidade
  - 1) Elementos da extrema-unção 2) Efeitos 3) Liturgia 4) Preparação para a morte 5) Funerais
- VII) Os Ministros de Cristo
  - 1) Elementos da Ordem 2) Efeitos 3) História e Liturgia das ordens 4) Hierarquia de jurisdição
- VIII) O lar cristão
  - 1) Elementos do Matrimônio 2) Efeitos e deveres 3) Preparação 4) História e Liturgia
- IX) O culto perfeito
  - 1) O sacrifício na Antiga e na Nova Lei 2) Frutos da Missa 3) História e Liturgia 4) A Missa – centro do ciclo temporal e do ciclo santoral 5) A Missa e a vida cristã.

*D) Programa de História da Igreja (4ª série)*

- I) Origens da Igreja
  - 1) Jesus Cristo e a Igreja 2) A Igreja nascente e o mundo judaico 3) A Igreja nascente e o mundo greco-romano 4) A Igreja nascente e o mundo oriental
- II) Vitória sobre a força
  - 1) Estabelecimento da Igreja em Roma 2) As perseguições romanas 3) Fim do paganismo: a) Edito de Milão; b) o catolicismo, religião de Estado
- III) Vitória sobre o erro
  - 1) Principais heresias: a) na Igreja; b) nos primeiros séculos 2) Desenvolvimento da doutrina católica; apologistas, Padres e Concílios desta época

- IV) Vitória sobre os bárbaros
  - 1) Reinos bárbaros e sua conversão
  - 2) Queda do império do Ocidente
  - 3) O Papado à frente da Europa
  - 4) O Islamismo
  - 5) As Cruzadas
- V) Vitória sobre os excessos do poder temporal
  - 1) Influência do poder civil sobre o espiritual depois de Constantino
  - 2) O Santo Império Romano: Carlos Magno
  - 3) O Papado à frente da Europa
  - 4) O Islamismo
  - 5) As Cruzadas
- VI) Vitória sobre os inimigos internos
  - 1) Do primitivo à decadência pós-constantiniana: a reação do monarquismo: S. Bento
  - 2) Grandeza e decadência da Idade Média: a reação das Ordens Mendicantes
  - 3) Os cismas do Oriente e do Ocidente
  - 4) O Protestantismo e a reação católica
  - 5) As heresias dos últimos séculos
- VII) Vitória sobre a incredulidade
  - 1) As seitas secretas
  - 2) O filosofismo: a Enciclopédia
  - 3) A Revolução Francesa
  - 4) O liberalismo: Pio IX e o Concílio do Vaticano; o Syllabus
- VIII) Vitória da Igreja em nossos tempos
  - 1) Renovação intelectual e social: Leão XIII
  - 2) A restauração da vida cristã: Pio X
  - 3) O surto católico em nossos dias: missões, Ação Católica, Liturgia, Pio XI
- IX) A vida interna da Igreja
  - 1) A vida cristã nos três primeiros séculos: costumes, culto, organização (clero)
  - 2) Vida religiosa e moral na Idade Média
  - 3) Sentido das devoções e festas litúrgicas posteriores ao Concílio de Trento
  - 4) Caráter das Congregações religiosas modernas.

## ANEXO IX

### CORRESPONDÊNCIA DO PADRE À EDITORA JOSÉ OLYMPIO SOBRE A PUBLICAÇÃO DE “A DOCTRINA VIVA”

B. Horizonte, 5 . 5. 44

~~Daniel,~~

Estou enviando-lhe o exemplar de A DOCTRINA VIVA que servirá para a 3a. edição.

Vão duas cartas da antiga editora, pelas quais se pode ver qual é a saída do livro: a 19 de janeiro existiam 1643 exs., e a 28 de abril já estava esgotada a edição.

Já corriji o reimprimatur.

Peço também para numerar as perguntas dos Questionarios, tal como fizemos em FONTES DO SALVADOR.

Com um abraço amigo

*P. Negromonte*

Fonte: Correspondência de Álvaro Negromonte à José Olympio em 05 de maio de 1944.



## ANEXO X

### OPÚSCULO DO PADRE DISTRIBUÍDO EM SEU FALECIMENTO



**Mons. Álvaro Negromonte** nasceu a 26 de outubro de 1901, no Engenho Gameleira, distrito de Cruangi, município de Timbaúba, neste Estado. Fêz o curso primário em companhia de seus irmãos, na Escola Paroquial daquela vila, ingressando no Seminário de Olinda em fevereiro de 1914, onde demonstrou acentuado amor aos estudos a par de uma decidida vocação sacerdotal.

Em 1922, já no curso de Teologia, o então Reitor Mons. José Pereira Alves, eleito Bispo de Natal, convidou-o para acompanhá-lo àquela diocese, onde certamente o clima lhe seria propício. Aceitou o convite e de lá voltou em 1924 para no dia 8 de Junho receber a ordenação sacerdotal das mãos do Sr. Bispo de Nazaré, D. Ricardo Vilela. Celebrou a 1.<sup>a</sup> missa em Cruangi, aos 15 do mesmo mês.

Em Nazaré onde passou a residir, foi Capelão do Colégio Santa Cristina, Secretário do Bispado e professor do Colégio Diocesano.

Em 1927, por motivo de saúde transportou-se para a diocese de Belo Horizonte, indo ser capelão do Hospital da cidade de Itaúna, de onde saiu em 1929 para Belo Horizonte onde foi capelão do Hospital da Força Pública, diretor do Ensino Religioso, Cura da Catedral, professor de Catequético do Seminário, diretor do "Boletim Catequético" por ele fundado e diretor da página religiosa do "O Diário", jornal católico de que foi um dos fundadores.

A convite do Sr. Cardeal D. Jaime Câmara, passou e residir no Rio de Janeiro onde foi dirigir o Ensino Religioso da Arquidiocese.

Como Jornalista, mantinha uma coluna em importante órgão carioca, na qual fazia a defesa da Igreja sempre que fôsse atacada. O mesmo acontecendo no Rádio ou na Televisão.

Nunca foi político e se, várias vezes, se viu envolvido em lutas políticas, era apenas em defesa dos princípios que sempre o orientaram, mostrando aos católicos quais os candidatos que não mereciam o apoio da Igreja porque já o recebiam do comunismo.

Como escritor publicou as seguintes obras: «Meu Catecismo» (5 vol.), «O Caminho da Vida», «As Fontes do Salvador», «Minha Vida Cristã», «Manual de Religião», «A Doutrina Viva», «História da Igreja», «Pedagogia do Catecismo», «Educação Sexual», «Noivos e Esposos», «A Vida de Jesus para a Infância», «O que é o Espiritismo», «Corrija seu Filho», «A Eterna Aliança» e «História da Salvação».

Como se vê pela sua bibliografia, dedicou toda a sua vida ao ensino da Religião; por isso não se recusava a realizar pequenos congressos catequéticos, semanas de estudos, conferências, onde lhe fôsse solicitado.

O Mons. Alvaro Negromonte faleceu na cidade do Rio de Janeiro a 17 de agosto de 1964.



## ANEXO XI

### CONTRA-CAPA DA REVISTA ECLESIAÍSTICA BRASILEIRA DE 1964

**Coleção Monsenhor Negromonte**

- 17 volumes destinados ao ensino religioso nas escolas — únicos escritos desde o 1º ano primário até o nível das Faculdades por um mesmo autor, o que lhes garante perfeita unidade didática.
- Obra de um escritor brasileiro que escreveu para o meio brasileiro, usando de uma linguagem ao mesmo tempo escurrita e clara, simples e objetiva.
- Trabalho aprimorado de "um dos maiores educadores brasileiros dos nossos dias" — como o chamou o sociólogo GILBERTO FREYRE — e que dedicou toda a sua vida à difusão da doutrina da Igreja, tendo-se transformado num "grande apóstolo da catequese no Brasil", na opinião do Cardeal Dom Jaime Câmara.
- Coleção organizada segundo os princípios do "Método Integral", formulado pelo próprio Monsenhor Negromonte, método que harmoniza as tendências mais modernas em assunto de pedagogia catequética.

Eis os títulos com os seus preços:

Meu Catecismo (1º ano primário) .....	Cr\$ 300,00
" " " (2º ano primário) .....	Cr\$ 300,00
" " " (3º ano primário) .....	Cr\$ 400,00
" " " (4º ano primário) .....	Cr\$ 400,00
" " " (5º ano primário) .....	Cr\$ 400,00
Manual de Religião (Curso elementar) .....	Cr\$ 700,00
Minha Vida Cristã (1ª série ginásial) .....	Cr\$ 700,00
A Doutrina Viva (2ª série ginásial) .....	Cr\$ 700,00
As Fontes do Salvador (3ª série ginásial) .....	Cr\$ 700,00
O Caminho da Vida (4ª série ginásial) .....	Cr\$ 700,00
História da Igreja (Curso colegial) .....	Cr\$ 700,00
Nova Pedagogia do Catecismo (Cursos pedagógicos) .....	A sair
História da Salvação (Curso colegial e Faculdades) Broch. ....	Cr\$ 900,00
Encadernado (com sobrecapa) .....	Cr\$ 2.000,00
A Eterna Aliança (Curso colegial e Faculdades) .....	Cr\$ 800,00
Guia do Catequista (Para Meu Catecismo, 1º e 2º anos) ...	Cr\$ 700,00
" " " (Para Meu Catecismo, 3º ano) .....	Cr\$ 700,00
" " " (Para Meu Catecismo, 4º ano) .....	Cr\$ 700,00

*Para pedidos, dirija-se a*

**Edições Rumo S.A.**  
Av. 13 de Maio, 23 — 4º And. - Tel. 52-3567  
Rio de Janeiro — Guanabara  
*Atende-se pelo Serviço de Recembólso Postal*

Fonte: **Revista Eclesiástica Brasileira**, vol 24, fasc. 3, setembro de 1964, p. 818.

## ANEXO XII

### REGULAMENTO PARA O ENSINO DE CATECISMO ESTABELECIDO NA PASTORAL COLETIVA DO EPISCOPADO BRASILEIRO DE 1915

Art. 1º : O fim do catecismo é iniciar a inteligência e o coração das crianças ou ignorantes nas verdades da fé e desenvolvê-las de acordo com a idade e capacidade de cada um.

Art. 2º: Conseguirá o catecismo o primeiro fim fazendo decorar as fórmulas das verdades elementares da fé e explicando-as ao alcance das inteligências a que se dirige.

Art. 3º: Conseguirá o segundo fim, isto é, a formação do coração especialmente pelos avisos e pela narração e explicação dos Evangelhos.

Art. 4º: Além da explicação sucinta da lição do dia, deve o catequista fazer uma instrução não muito longa sobre um ponto de doutrina, de acordo com um plano previamente estabelecido.

Parágrafo único: A instrução deve ser em linguagem simples, viva entremeadada de comparações e perguntas de modo que possa ser compreendida de todos.

Art. 5º: Pode ser assunto dos avisos tudo o que ocorra para a formação cristã dos catequizandos, como sejam: modo de entrar, permanecer e sair da Igreja, modo de rezar, explicação da liturgia das festas da semana, narração da vida de um dos principais Santos da semana, modo de tratar os companheiros, etc.

Art. 6º: Quanto ao Evangelho, deve-se fazer ler um trecho do mesmo, narrar por outras palavras, de modo claro e acessível, o fato evangélico, e daí tirar explicações morais para os catequizandos.

§ 1º. Na explicação do Evangelho, deve o catequista destacar especialmente as qualidades morais e as virtudes dos personagens, procurando impressionar a imaginação dos alunos.

§ 2º. As conclusões práticas devem ser relativas à vida dos meninos, determinando-se bem as ocasiões em que poderá ser imitado aquele exemplo, exercitada aquela virtude.

§ 3º. O catequista interromperá frequentemente a sua exposição interrogando os alunos, não só para lhes despertar a atenção, como para gravar melhor os fatos narrados.

§ 4º. O mesmo método deve ser empregado quanto à narração da vida dos santos ou de fatos históricos edificantes.

Art. 7º: o catecismo constará, portanto, das seguintes partes: *Lição do dia, Instrução, Evangelho*, entremeados de *Avisos e Cânticos*.

Art. 8º: Tudo isto fará por si mesmo o catequista, se não é auxiliado por outro: se o é, limitar-se-á a fazer a abertura da aula, explicação do texto, instrução e explicação do Evangelho, competindo aos catequistas tomar e passar as lições.

Art. 9º: A ordem de uma aula de catecismo poderá ser a seguinte:

§ 1º. Quando é feita só pelo pároco: 1º. – *Oração*; 2º. – *Chamada*; 3º. – *canto inicial*; 4º. – *Avisos*; 5º. – *Lição e explicação*; 6º. – *Instrução*; 7º. – *Canto*; 8º. – *Explicação do Evangelho*; 9º. – *Canto final e oração*.

§ 2º. Quando é feita com o auxílio de catequistas: 1º. – *Oração*; 2º. – *Chamada*; 3º. – *Canto inicial*; 4º. – *Aviso*; 5º. – *Distribuição das seções*; 6º. – *Lição pelos catequistas*; 7º. – *reunião das seções e explicação pelo pároco*; 8º. – *instrução*; 9º. – *canto*; 10º. – *Explicação do Evangelho*; 11º. – *canto final e oração*.

Art. 10º: Por ocasião da chamada deve o pároco marcar as faltas dos que não comparecerem e dar uma *boa nota* ou *bom ponto* aos que se acham presentes. Os que souberem a lição, receberão uma boa nota.

Art. 11º: Estas boas notas são pequenos *coupons* ou *cartões*, que darão direito à aquisição de um objeto ou brinquedo, entre os muitos, que devem estar catalogados em exposição permanente na sacristia, tendo cada um o valor fixado.

Art. 12º: Além desta indústria, cuja eficácia a experiência tem demonstrado, convém ainda que o pároco promova festas de catecismo, distribuição de prêmios, etc., a fim de dar importância à obra e interessar nela tanto os alunos como suas famílias.

Art. 13º: Convém muito, para o ensino prático das verdades religiosas que o pároco conviva com os alunos o mais que seja possível, conversando com eles antes ou depois das aulas, levando-os a passeio em grupos não muito grandes para haver ordem e comunicação, tratando-os sempre com atenção carinhosa, convidando-os para os atos religiosos, observando o seu procedimento na Igreja, evitando os gritos e asperezas, etc.

Art. 14º: Para ocorrer às despesas necessárias ao bom resultado do catecismo, poderá o pároco solicitar o concurso das famílias católicas e especialmente da Congregação da Doutrina Cristã, que para esse fim deve ser fundada em todas as paróquias.

Art. 15º: Deverá o pároco formar um grupo de homens e senhoras da “Congregação da Doutrina Cristã”, ou de outra associação religiosa para auxiliá-lo no serviço, como catequistas, mantendo o silêncio e a disciplina, tomando as lições, etc.

Art. 16º: Deve haver nas paróquias, pelo menos duas aulas de catecismo por semana: de *primeira comunhão* e de *perseverança*, sendo a primeira destinada a preparar os alunos nos rudimentos da fé e a segunda para lhes dar, depois da primeira comunhão, uma instrução mais sólida, de acordo com as necessidades do tempo e a capacidade dos alunos.

Art. 17º: Ambas as aulas devem ainda ser subdivididas em duas classes: *dos que sabem ler* e *dos que não sabem ler*. Na primeira, o ensino deve ser mais demorado e intuitivo do que na segunda.

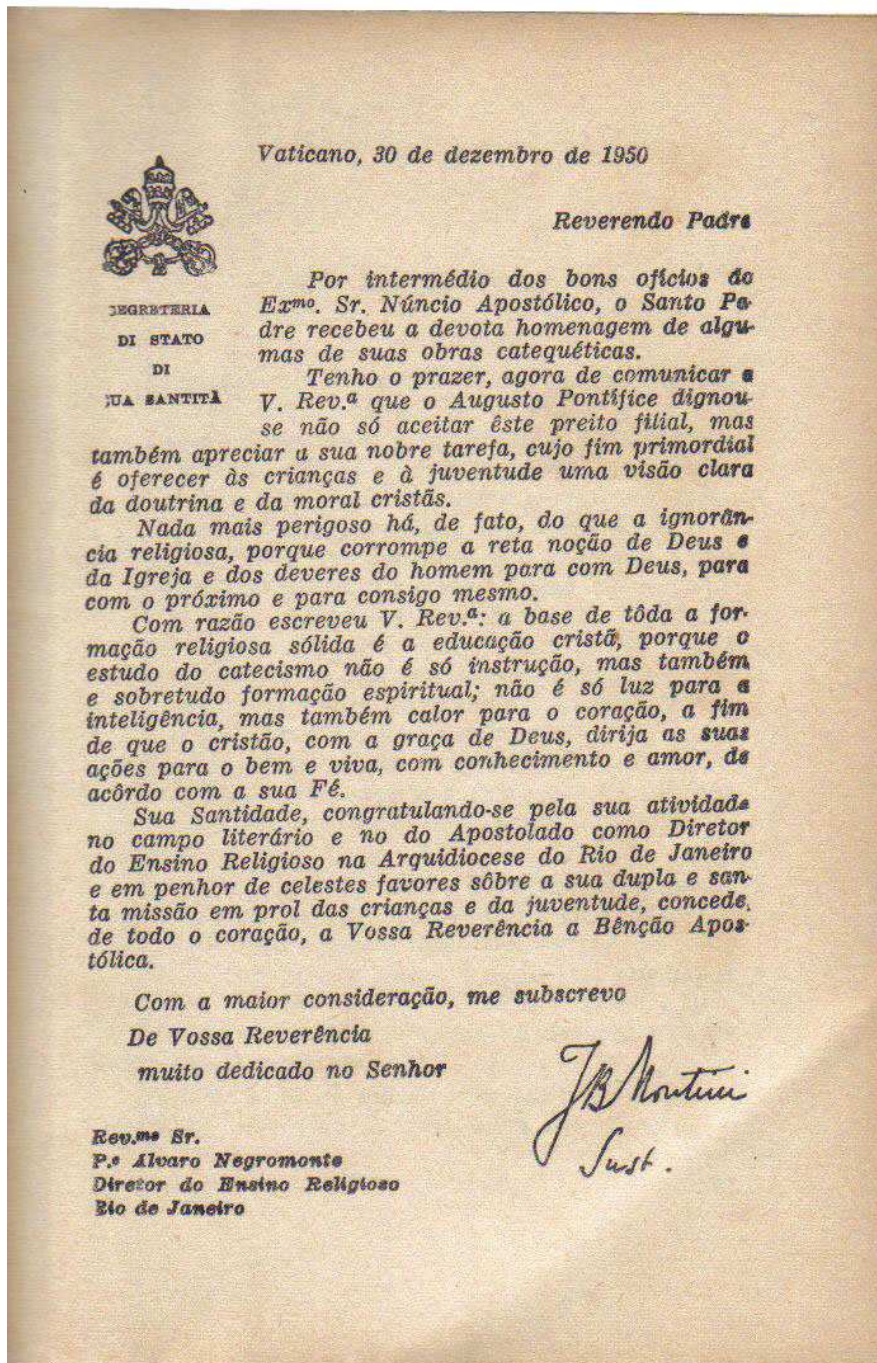


Parágrafo único: Sendo possível, convém fazer uma aula nos domingos, após a Missa conventual, destinada aos meninos da roça, que de outro modo ficarão privados de instrução religiosa. Esta aula que poderá ser mais simples, por motivo das ocupações do pároco, tem a vantagem de poder servir também para o povo.

Art.18º: Haverá completa separação de lugares entre os meninos e meninas, devendo estes sair da Igreja antes daqueles.

## ANEXO XIII

### CARTA DE SUA SANTIDADE O PAPA PIO XII, SUBSCRITA PELO CARDEAL GIOVANNI BATTISTA MONTINI, SUCESSOR PONTIFÍCIO DE JOÃO XXIII, PUBLICADA NOS MANUAIS DAS EDITORAS JOSÉ OLYMPIO E RUMO



Fonte: **O Caminho da Vida**. Fonte: NEGROMONTE, Álvaro Pe. **O Caminho da Vida**: moral cristã. (para a quarta série ginásial). 12<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954a.



## ANEXO XIV

### CARTA AOS ALUNOS DO 2º ANO PRIMÁRIO

*Criança!*

*Este catecismo é seu. Foi para você que eu o escrevi. Veja o nome dêle: "MEU CATECISMO".*

*Leia-o com cuidado. Estude nêle com gôsto.*

*Pegue seus lápis de côres para colorir as figuras. Mas tudo de uma vez, não. E' para ir colorindo só a lição do dia.*

*Complete as lições, escrevendo o que falta. Faça os desenhos.*

*O livro vai ficar todo estragado. Não faz mal. No fim do ano dê à mamãe para guardar: será uma ótima lembrança, quando você fôr grande. E para o ano, você terá outro catecismo.*

*Seja sempre bonzinho, queira bem ao Menino Jesus e reze por mim.*

*P. A. Negromonte*

## ANEXO XV

### CARTA AOS ALUNOS DO 3º ANO PRIMÁRIO

*Criança!*

*Você já conhece dois catecismos com este mesmo nome: “MEU CATECISMO”: o do 1.º e o do 2.º ano. Este agora é do terceiro.*

*Espero que você gostará muito deste também. Ele tem figuras para você colorir. Tem exercícios para você fazer. Tem quadrinhos em branco para você desenhar.*

*Tenha cuidado com o livro. Faça tudo bem feitinho. Deu à mamãe os outros para ela guardar? Pois bem, dê este também, no fim do ano.*

*Vá aprendendo tudo com gosto. Faça tudo o que o livro manda. Você está maiorzinho e mais ajuizado. Seja bom e piedoso.*

*P. A. Nepronante*



## ANEXO XVI

### LIÇÕES DO "MEU CATECISMO" - 2º ANO PRIMÁRIO

#### EXERCÍCIOS

- I. Quando me benzo, falo na SS. TRINDADE: "Em nome do ..... e do ..... e do .....Santo". Prometo me benzer sempre com muito respeito.
- II. O domingo é dedicado à SS. TRINDADE. Lembrarei isto na Missa de domingo.
- III. No meu Batismo, o Espírito Santo desceu para mim. Antes morrer que perdê-lo!
- IV. Milhões de crianças não são batizadas. Que posso fazer por elas?

#### PARA VOCE DECORAR

- P. Quantas pessoas há em Deus?  
R. Em Deus há três pessoas, que são o Pai, o Filho e o Espírito Santo.
- P. Então são três deuses?  
R. Não, são três pessoas distintas, mas um só Deus.
- P. Temos necessidade do Batismo?  
R. Sim; temos necessidade do Batismo para nos salvar e receber os outros sacramentos.
- P. Quando devem ser batizadas as crianças?  
R. As crianças devem ser batizadas quanto antes, para receberem o Espírito Santo e poderem se salvar.



#### Ser bom com os outros

1. Quando Jesus queria ensinar uma coisa, primeiro contava uma história. Era uma *parábola*. Uma vez, Ele contou esta parábola:
2. Um homem estava viajando sozinho. Os ladrões o pegaram, roubaram o que ele tinha e bateram tanto nele que ele ficou feito morto. Passaram várias pessoas, viram o homem caído ali e nem ligaram. Mas passou um desconhecido, teve pena do ferido, tratou dêle, montou-o no cavalo e o levou para o hotel. Falou com o dono do hotel que desse tudo de que o doente precisasse. Ele ia continuar a viagem, mas na volta pagaria tudo.
3. Com esta parábola Jesus ensina que devemos *amar o próximo como a nós mesmos*. Quem não fizer assim não é bom cristão.



#### QUESTIONÁRIO

1. Que fazia Jesus para ensinar alguma coisa?
2. Que fizeram os ladrões com o viajante?
3. Quem o socorreu?
4. Que quer Jesus ensinar-nos com esta história?

32

#### EXERCÍCIOS

- I. Em que você pode ajudar o próximo?
- II. *Complete:* "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo .....
- III. Invente uma história com a gravura abaixo e a escreva no seu caderno.



- IV. Aprenda quando é que, na Missa, se reza pelos vivos e mortos, para rezar por eles na Missa de domingo.

#### PARA VOCÊ DECORAR

P. Como se resumem os Dez Mandamentos da Lei de Deus?

R. Os Dez Mandamentos da Lei de Deus se resumem em dois: Amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a nós mesmos.

33



## ANEXO XVII

### “OBSERVAÇÕES IMPORTANTES”: CARTA DE APRESENTAÇÃO AOS PROFESSORES DA SÉRIE “GUIA DO CATEQUISTA”

#### OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

1. Grande parte das crianças chega à escola, infelizmente sem nenhuma ou com pouquíssima formação religiosa.

2. Orientá-las para Deus, fazê-las amar e admirar o Pai do Céu, pô-las em ligação com as coisas da Igreja, formar-lhes um espírito cristão, é mais importante de que ensinar-lhes noções.

As primeiras aulas serão inteiramente consagradas a êsse trabalho. Nêle empenharemos em cheio as crianças, com um mínimo de ensino e um máximo de atos, práticas da própria vida infantil, sob a orientação direta da professora e da mãe (que para isto a professora convocará).

3. Essas práticas procurarão:

a) no terreno social: *Ajudar a criança a enquadrar-se no ambiente novo em que se encontra*: caridade fraterna (ser útil aos outros), gentileza, respeito à ordem (obrigação criada pela vida em comum), obediência e respeito aos superiores, respeito aos direitos dos colegas (não fazer aos outros o que não quer que lhe façam);

b) no terreno moral: *encaminhar as crianças na aquisição de virtudes básicas*: domínio de si (paciência, perseverança, esforço), veracidade, lealdade, honestidade, responsabilidade, cumprimento do dever;

c) no terreno propriamente religioso: *desenvolver o sentido de Deus*, tão acentuado nas crianças: fazer admirar a grandeza de Deus, ver Deus através das coisas visíveis, orar em silêncio, tomar atitudes religiosas (sinal-da-cruz, pôr e cruzar as mãos, inclinar-se, fazer genuflexão, ajoelhar), freqüentar a igreja, cumprir os deveres religiosos.

4. Sôbre essas práticas é preciso voltar com freqüência, para que se tornem habituais e espontâneas. Na formação das virtudes, multipliquem-se os exemplos, dentro da vida infantil, e de modo muito prático: as crianças aprendem a fazer, fazendo; a rezar, rezando;



a amar o próximo através de atos e atitudes, a servir a Deus fazendo tudo por seu amor.

5. Tudo isto há de ser feito de modo infantil. À falta de vocabulário, as crianças se exprimem por gestos e atitudes; não sabem escrever, desenham; praticam os Mandamentos antes de saber quais são êles; amam ao próximo, com suas delicadezas e seus pequenos serviços; adoram a Deus, com a sua admiração.

Ricas de sentidos e ainda pobres de exercício intelectual, devem ver coisas, tocá-las (o que supõe material didático mais abundante que nas outras séries), movimentar-se (dramatizações, encenações), desenhar e desenhar muito, pois esta é a sua escrita.

Ricas de afetividade, devem exprimi-la por seus gestos (saudações, inclinações, beijos, sorrisos, pequenas ofertas).

6. Quase inteiramente dependentes do lar, precisam de sua assistência mais que as crianças maiores. Entenda-se a professora com a mãe, dizendo-lhe o que ela deve fazer, dê para casa tarefas que exigem o concurso materno, e avise disto a mãe (por escrito, nos cadernos); influa sôbre o lar.

7. Não esqueça a professora que o seu exemplo, suas atitudes, seu modo de viver valem mais que suas palavras: as crianças aprendem mais pelo que vêem do que pelo que escutam.

8. O livro que indico para mais esclarecimentos ao catequista é *Minha Vida Cristã*, de minha autoria, livro simples e fácil, que servirá aos que não tenham maiores conhecimentos de Religião.

*Mons. Negromonte*



## **ANEXO XVIII**

### **MODELO DE PROGRAMA DE ENSINO RELIGIO PARA ESCOLA INFANTIL E PRIMÁRIA POR MARIA LUÍZA CUNHA RETIRADO DO MANUAL PEDAGOGIA DO CATECISMO NA EDIÇÃO JOSÉ OLYMPIO.**

Objetivos Gerais : O ensino da religião na escola primária tem os seguintes objetivos:

- 1) Dotar a criança de sólidos conhecimentos básicos da verdade católico;
- 2) Desenvolver nela hábitos de um verdadeiro cristão
- 3) Iniciá-la na vida litúrgica da Igreja e na ação Católica

Nota: A professora aproveitará as oportunidades da vida escolar para a formação da vida da criança.

#### **ESCOLA INFANTIL:**

1º período:

Conhecimentos:

- 1) Mostrar as imagens de Jesus, Maria e José
- 2) A cruz
- 3) A casa de Deus (igreja)
- 4) O sacrário
- 5) O anjo da guarda.

Hábitos:

- 1º) Através da história do menino Jesus, e aproveitando as oportunidades da vida doméstica e escolar inculcar hábitos de sinceridade, bondade e obediência;
- 2º) O sinal da cruz, pequena oração da manhã e da noite. Ex.: Papai do céu, abençoe papai, mamãe, meus irmãozinhos e a mim também. Pequenas visitas a Jesus sacramentado.

2º período:

Conhecimentos:

- 1) Algumas passagens da vida de Jesus: a) Nascimento b) infância c) Jesus e as crianças d) Jesus cura os doentes e) Jesus dá pão ao povo faminto f) Jesus ensina a rezar g) Jesus conta histórias ensinando a ser bom h) Jesus morre na cruz; sobe ao céu (emprego de gravuras adequadas)

Hábitos:

- 1º) Como no 1º período: bondade: dar de comer e beber aos pobres, visitar os doentes, rezar pelos irmãos e companheiros;
- 2º) Orações, o sinal da Cruz, Ave-Maria e cânticos.

3º período:

Conhecimentos:

- 1) Revisão das passagens já conhecidas da vida de Nosso Senhor: a) o dia de Natal b) Domingo de Ramos c) A sexta-feira da Paixão
- 2) O domingo de Páscoa
- 3) O dia de ir à Igreja
- 4) O que se faz na Igreja (assistir missa, rezar confessar-se, receber Nosso Senhor)

Hábitos:

- 1º) Como no período anterior: generosidade; pequenos sacrifícios;
- 2º) Orações: Ave-Maria, Padre Nosso
- 3º) Assistência à missa.

## **ESCOLA PRIMÁRIA**

### **PRIMEIRO ANO**

#### **Conhecimentos:**

- 1) Conhecimento da existência de Deus.
- 2) O pecado original – promessas de um Salvador
- 3) Nascimento de nosso Senhor:
  - a) Adoração dos anjos, pastores, reis magos.
  - b) Matança dos inocentes e fuga da Sagrada Família para o Egito
- 4) Vida oculta:
  - a) Sagrada Família em Nazaré
  - b) Jesus entre os doutores
- 5) Narrativa sumária da vida pública
  - a) Seu amor às crianças: “Deixai que venham a mim as criancinhas” (Lc 18:16).
  - b) Bondade de Jesus para com os pecadores: Maria Madalena (Mt 26:6-13).
  - c) Bondade de Jesus para com os que sofrem: ressurreição do filho da viúva de Naim ( Lc 6:11) e da filha de Jairo (Lc 8:49).
- 6) Narrativa sumária e viva da Paixão e Morte de Jesus.
- 7) O batismo: necessidade e consequência.
- 8) Confissão:
  - a) Necessidade.
  - b) Disposição para bem receber este sacramento.
- 9) Eucaristia: sacramento de amor
  - a) Presença real de Jesus no Santíssimo Sacramento.
  - b) Disposição para receber bem este sacramento.
  - c) Devoção a Pio X, o Papa da Eucaristia.
- 10) Inferno, purgatório e céu.

### Hábitos:

1º) Amor a Jesus – ao próximo. Obediência. Amor ao trabalho. Veracidade.

2º) Oração da manhã e da noite. Sinal da cruz, Ave-Maria e Padre-Nosso; Assistência à missa; visitas a Jesus Sacramentado;

Mínimo: Conhecimento firme da existência de Deus, da divindade de Jesus, dos sacramentos mencionados, da existência do inferno, purgatório e céu.

*Nota:* Para as crianças que não tenham feito a Primeira Comunhão e se esta for feita no fim do 1º semestre, adotar o catecismo abreviado. Catecismo das criancinhas (para a 1ª classe) parte do aluno.

### SEGUNDO ANO

#### Conhecimentos:

- 1) Criação dos anjos. Sua queda. Conseqüências.
- 2) Criação do mundo e dos homens.
- 3) O paraíso e o pecado original. Promessas do Salvador.
- 4) Vida oculta de Jesus.
  - a) Avivar e firmar os conhecimentos referentes à infância ministrados no ano anterior.
  - b) Salientar como na vida em Nazaré Jesus dá exemplo de humildade, obediência, amor ao trabalho.
- 5) Vida pública:
  - a) São João batista. O batismo de Jesus. Manifestação da Santíssima Trindade.
  - b) Jesus pratica e ensina a caridade. Parábola do bom samaritano (Lc 10:25-37).
  - c) Jesus ensina e pratica a justiça. Pagamento do imposto: “dai a César o que é de César” (Mt 22:15-22).
  - d) Jesus prova que é Deus. Faz reiteradas afirmativas de sua divindade (discussão com os fariseus) e realiza milagres (Bodas de Canaã: Jo 2:1-12), atitude de Nossa senhora. Multiplicação

- dos pães (Mc 6:30-44) Pesca maravilhosa (Lc 5:1-11)  
Ressurreição de Lázaro (Jo 11).
- e) Jesus pratica e ensina a mortificação: jejum no deserto; sua pobreza.
  - f) A última ceia; instituição da Eucaristia.
  - g) Traição de Judas. Condenação; flagelação; coroa de espinhos; crucificação; conversão do bom ladrão. Morte na cruz.
- 6) Ressurreição:  
a) Aparição a Maria Madalena e aos discípulos de Emaús.
- 7) Ascensão e Pentecostes:  
a) Retiro de Nossa Senhora e dos apóstolos no cenáculo a respeito do sacramento. Batismo. Penitência. Eucaristia.  
b) Conhecimento sumário dos demais sacramentos.
- 8) Recordar e firmar os conhecimentos ministrados a respeito do Sacramento. Batismo. Penitência. Eucaristia.
- 9) Missa:  
a) Conhecimento das partes principais da missa: ofertório, consagração e comunhão  
b) Obrigação de ouvir a missa nos domingos e dias santos
- 10) Conhecimento dos Mandamentos que se referem aos deveres para com Deus (os três primeiros)

#### Hábitos:

- 1º) Firmar os hábitos indicados no 1º ano e inculcar em especial a humildade e o amor ao sacrifício.
- 2º) Oração da manhã e da noite (sinal da cruz. Ave-Maria. Padre Nosso. Credo) Assistência mais consciente à Missa. Frequência à confissão e comunhão. Devoção à Nossa Senhora e anjo da guarda.
- Mínimo: A criação do mundo por Deus; Divindade de Jesus: provas; Noção segura do Batismo. Penitência e Eucaristia; Noção sumária dos demais sacramentos; Noção sumária da missa; assistência à missa.

## TERCEIRO ANO

### Conhecimentos:

- 1) Recordar a narrativa bíblica da criação do mundo. A prova a que foram submetidos os nossos primeiros pais para merecerem o céu. A tentação do demônio. A queda e a consequência do 1º pecado.
- 2) Promessa do Salvador.
- 3) Recordar os tópicos ministrados no ano anterior localizando no mapa a Palestina (com suas divisões: Judéia, Samaria e Galiléia) e as cidades de Belém, Nazaré e Jerusalém.
  - a) ilustrar com maior número de milagres e parábolas os tópicos mencionados no 2º ano: parábola do filho pródigo (Lc 15:11-32), a tempestade acalmada (Mc 4:35), o bom Pastor (Lc 15:1-7).
  - b) Jesus ensina em parábolas o que o reino de Deus ( O Semeador: Lc 8:4. O tesouro escondido. A pérola de grande valor (Mt. 13: 44-52).
- 4) A última ceia
  - a) Jesus faz aos apóstolos suas últimas recomendações (Jo 13:31).
  - b) Institui a Eucaristia.
  - c) A agonia no Horto das oliveiras. Exemplo de conformidade com a vontade de Deus (Faça-se a tua vontade. Lc 22, 1).
- 5) Recordar a narrativa da Paixão.
  - a) Salientar a atitude ímpia do Sanhedrim, de Herodes e de Pilatos.
  - b) Morte e sepultura de Jesus. Piedade de Nicodemos e José de Arimatéia.
  - c) A alma de Jesus vai ao limbo.
- 6) Recordar e fixar o conhecimento da Ressurreição, Ascensão e Pentecostes.
  - a) Efeito do Espírito Santo nos apóstolos.
  - b) Deveres para com o Espírito.
  - c) Hino ao Espírito Santo: “Vinde, Santo Espírito”.

- 7) A Igreja Católica:
  - a) Sua fundação por Jesus. “Pedro, apascenta meus cordeiros...” (Jo 21:16,17).
  - b) Seus caracteres.
  - c) Sua organização ( O Papa, os bispos, os sacerdotes, os fiéis).
  - d) Fora da verdadeira Igreja ninguém se pode salvar.
  - e) Infalibilidade do Papa.
- 8) Meios de salvação:
  - a) A verdadeira fé. Quadro sinóptico do credo, salientando como nele estão contidas todas as verdades a respeito de Deus, Jesus, Espírito Santo e a Igreja.
  - b) A graça do sacramento. Recordar os sacramentos.
  - c) O perdão dos pecados.
  - d) A comunhão dos santos.
- 9) Os mandamentos da lei de Deus:
  - a) Recordar os três primeiros que se referem a Deus, aprendidos no ano anterior.
  - b) Conhecimento sumário dos sete restantes que se referem ao próximo.
- 10) O pecado:
  - a) Distinção entre pecado original e atual.
  - b) Distinção entre pecado venial e mortal.
  - c) As virtudes teologais: fé, esperança e caridade; Exemplos de mártires, de santos que praticaram heroicamente tais virtudes; Memorização dos atos de fé, esperança e caridade.
- 11) Missa:
  - a) Recordar os conhecimentos ministrados no 2º ano.
  - b) Objetos necessários para celebrar missa (cálice, patena e paramentos ...).
  - c) Como se deve participar do Santo Sacrifício.
- 12) Conhecimento sumário do ano litúrgico.
  - a) Ciclo de Natal (Ministério de Encarnação)
  - b) Ciclo de Páscoa (Ministério de Redenção)

#### Hábitos:

1º) Consolidar os hábitos adquiridos no ano anterior e inculcar especialmente os de justiça e honestidade.

2º) Consolidar os hábitos de piedade indicados nos anos precedentes (oração da manhã e da noite, assistência à missa, frequência aos sacramentos ...)

3º) Incentivar a participação nas principais festas do ano litúrgico: Natal, Epifania, Semana Santa, Pentecostes.

Mínimo: Deus existe, é perfeito. A Santíssima Trindade; Narrar pelo menos um milagre, uma parábola de Jesus; A Eucaristia é a maior prova de amor e misericórdia de Jesus; A Igreja Católica é guiada pelo Espírito Santo; o Papa é infalível; o que é a graça; conhecimento firme dos sacramentos e da missa.

#### QUARTO ANO

#### Conhecimentos:

- 1) Que é ser cristão:
  - a) Crer (significação da palavra).
  - b) Professar a doutrina de Cristo.
  - c) Como professá-la (exemplo dos mártires, dos missionários e dos santos).
- 2) O credo:
  - a) Conhecimento firme dos dogmas contidos em seus doze artigos.
  - b) Provas da existência de Deus.
  - c) Reiterada promessa do Salvador aos patriarcas do antigo Testamento. Abraão: Gn 22:18. Isaac: Gn 22:4; Jacó: Gn 28; Judá: Gn 49:10.
  - d) As profecias referentes ao Salvador (Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel).
  - e) As provas da divindade de Jesus.
  - f) A Igreja Católica é a única verdadeira.



- g) A infalibilidade do papa.
- 3) A lei:
    - a) Conhecimento firme do que se manda e do que proíbe cada um dos 10 mandamentos.
    - b) Conhecimento dos mandamentos da Igreja.
  - 4) A graça:
    - a) Seus efeitos.
    - b) Como adquiri-la; oração e sacramentos.
  - 5) A oração:
    - a) Jesus ensina a orar. Padre Nosso (os sete pedidos).
    - b) Necessidade de orar.
  - 6) Revisão geral dos sacramentos:
    - a) Insistir sobre a disposição para receber com frutos a comunhão. Deveres para com a Eucaristia.
    - b) Necessidade de comunhão freqüente.
    - c) O sacramento da confirmação.
    - d) O sacramento do matrimônio.
  - 7) A missa:
    - a) O sacrifício nos tempos primitivos ( Caim e Abel. Abraão. Melquisedec).
    - b) O sacrifício do Calvário.
    - c) Fins do sacrifício (adorar, agradecer, impetrar e expiar).
  - 8) Liturgia atual da missa:
    - a) Como se deve ouvir a missa.
    - b) Obrigação de ouvi-la inteira nos domingos e festas de guarda.
  - 9) O ano litúrgico:
    - a) Os tempos do ciclo de Natal (Advento, Natal, Epifania).
    - b) Os tempos do ciclo de Páscoa (setuagésima, Quaresma, Paixão, Páscoa. Tempo depois de Pentecoste).
  - 10) As virtudes teologais:
    - a) Necessidade de praticá-las para ser um bom cristão.
    - b) Os dons do Espírito Santo e seus efeitos nas almas. A santificação (“Sede perfeitos”).

Hábitos:

1º) Consolidar os hábitos cristãos adquiridos. Estimular a prática das virtudes cristãs no convívio doméstico e familiar. Deveres de Estado. Zelo pela salvação do próximo.

2º) Vida eucarística. Assistência consciente à Missa. Incutir o desejo de perfeição cristã.

Mínimo: Provas da existência de Deus, da divindade de Jesus; Saber que a Igreja Católica é a única verdadeira; o Papa é infalível; conhecimento seguro das disposições para receber a Eucaristia; Dever pascal; Assistência consciente à Missa.

## ANEXO XIX

### QUESTIONÁRIO DO MANUAL DE RELIGIÃO

o amor de Deus e do próximo. Farei tudo por amor. Tudo me será fácil, porque tudo é fácil a quem ama.

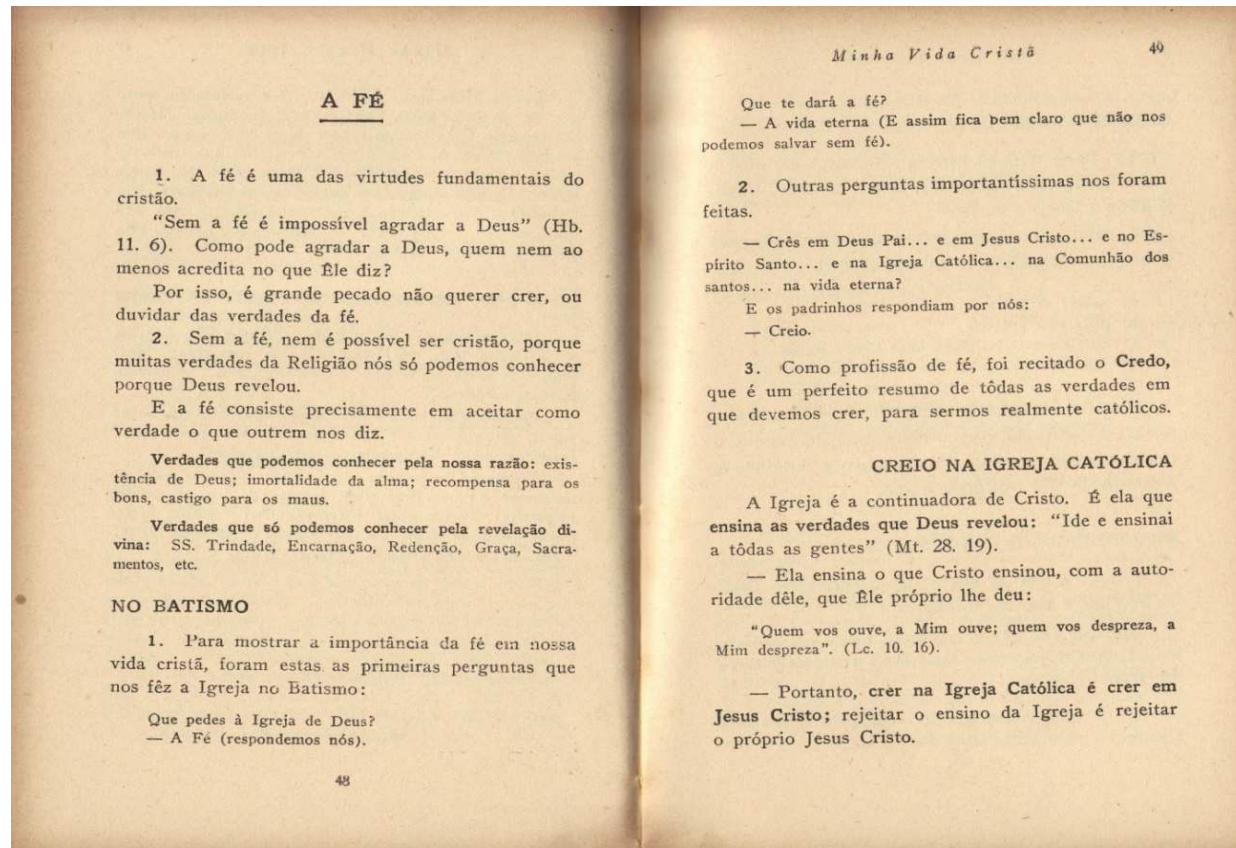
— SENHOR, TOMA O MEU CORAÇÃO.

QUESTIONÁRIO. Em que consiste a vida cristã? Como começa? Como se perde? Como se recupera? Por que se diz que somos participantes da natureza divina? Quem não cumpre os deveres religiosos tem vida cristã? Quem não é católico prático tem estado de graça? Que é necessário para cumprirmos os mandamentos? Quais são os meios para manter a vida cristã? Qual é o ideal da vida cristã? Que é necessário para ser perfeito? Qual é o nosso modelo? Onde está o nosso programa de perfeição? Os mandamentos bastam para a perfeição? Que disse Jesus ao moço do Evangelho? Qual é a vantagem do estudo da religião para a perfeição? Que resoluções tomou para a sua vida cristã?

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Manual de Religião**: para o curso elementar. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1941a.

## ANEXO XX

### MODELO DE LIÇÃO DO MANUAL “MINHA VIDA CRISTÃ”





**CERTEZA ABSOLUTA**

1. Para têmos certeza absoluta de que o ensino da Igreja é a verdade, Cristo concedeu infalibilidade à Igreja e ao Papa.

2. Em determinadas condições, a Igreja não pode errar. Assim, o Papa é infalível, quando:

- a) ensina verdades de fé e de moral
- b) para tóda a Igreja
- c) com a autoridade de chefe de tóda a Igreja
- d) com intenção de definir.

Quando o Papa ensina nestas condições, tenho certeza absoluta de que ensina a verdade, porque o Espírito Santo o assiste, iluminando-o e dirigindo-o, de modo que êle não pode errar.

**MEU DEVER DE CATÓLICO...**

1. ... é crer no que a Igreja ensina: — Deus lhe revelou, e ela nos transmite.

**ATO DE FÉ:** "Creio firmemente tudo o que ensina a Santa Igreja Católica, porque Deus, que é a verdade infalível, lhe revelou".

2. Os ensinamentos nos vêm pelo Bispo (na Diocese) e pelo Pároco (na Paróquia).

3. Quem não aceita os ensinamentos da Igreja nem é católico: desliga-se dela e se torna herege.

Os que não crêem no inferno, na confissão, na indissolubilidade do casamento, na ressurreição dos mortos, etc. não são católicos, mesmo que se digam tais.

A ignorância, as más leituras, a convivência com hereges e ímpios, a falta de cumprimento dos deveres religiosos levam à perda da fé.

Terei cuidado de:

- 1) estudar bem a Religião
- 2) levar vida piedosa
- 3) ler bons, sòmente bons livros
- 4) evitar os anticatólicos proselitistas.

Rezarei pela conversão dos hereges e ímpios.

**QUESTIONÁRIO**

1. Em que consiste a fé? 2. Por que sem a fé não podemos agradar a Deus? 3. Cite algumas verdades que só podemos conhecer pela fé. 4. Qual a importância da fé nas cerimônias do Batismo? 5. Por que temos o dever de crer no que a Igreja ensina? 6. Em que se baseia a certeza absoluta que temos no ensino da Igreja? 7. Quando é o Papa infalível? 8. Por quem nos vêm os ensinamentos da Igreja? 9. Pode-se ser católico sem aceitar os ensinamentos da Igreja? 10. Quais são as causas da perda da fé? 11. Que pode você fazer pela preservação da fé dos católicos? 12. E pela conversão dos hereges e dos ímpios?

## 1. Que é a fé?

*A fé é uma virtude sobrenatural, infusa, pela qual cremos firmemente tôdas as verdades reveladas por Deus e propostas pela Igreja.*

## 2. Como chegamos a conhecer as verdades reveladas por Deus?

*Chegamos a conhecer as verdades reveladas por Deus por meio de sua Igreja infalível; isto é, por meio do Papa, sucessor de São Pedro, e dos Bispos unidos ao Papa.*

3. Estamos certos do que nos ensina a Santa Igreja? *Sim; estamos certíssimos do que nos ensina a Santa Igreja, porque Jesus Cristo empenhou a sua palavra de que a Igreja não se enganaria nunca.*

## JESUS NOS ENSINA...

## ...QUE A FÉ É NECESSÁRIA PARA A SALVAÇÃO

No dia da Ascensão, falando aos Apóstolos, disse-lhes: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura. Quem crer e for batizado, será salvo; mas quem não crer, será condenado". (Mc. 16. 15-16).

## ...QUE A FÉ É NECESSÁRIA PARA ALCANÇARMOS O QUE PEDIMOS

Saindo Jesus dali, dois cegos O seguiram, gritando e dizendo:

"Tem piedade de nós, Filho de Davi".

Quando chegaram à casa, os cegos se aproximaram d'ele. E Jesus lhes disse.

"Credes que vos posso fazer isto?"

Disseram êles:

"Sim, Senhor."

Então lhes tocou nos olhos, dizendo:

"Faça-se segundo a vossa fé."

E os seus olhos se abriram; e Jesus os advertiu com energia, dizendo:

"Vêde que ninguém o saiba."

Mas êles, saindo dali, divulgaram por toda aquela terra o seu nome. (Mt. 9. 17-31).

## ...QUE O PAPA É INFALÍVEL

1) Cristo promete que o erro não prevalecerá contra a verdade.

"Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E te darei as chaves do reino dos céus. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado nos céus; e tudo o que desligares sobre a terra, será desligado nos céus." (Mt. 16. 18-19).

2) Cristo reza para que não erre na fé e nela confirme os cristãos.

"Simão, Simão, Satanás vos pediu para joeirar como trigo; mas Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, uma vez convertido, confirma os teus irmãos." (Lc. 22. 31-32).



## ANEXO XXI

### QUESTIONÁRIO E EXERCÍCIOS DO MANUAL “FONTES DO SALVADOR”

#### 33. Valores permanentes

a) Cerimônias belas e cheias de significação! Meditando-as de quando em vez, renovaremos o espírito de nosso Batismo.

b) Daquela decisiva renúncia ao demônio e entrega a Deus fazemos, na Vigília da Páscoa, uma solene renovação, para reavivarmos nossa vida cristã.

c) Divulgando o conhecimento dessas cerimônias, levaremos nossos irmãos a prezarem mais o Batismo e participarem delas piedosamente, quando assistirem aos batizados. Oportuno apostolado!

**QUESTIONARIO** — 1. Quais as principais cerimônias do Batismo na Igreja primitiva? 2. Que era o catecumenato? 3. Que é o exorcismo? 4. Qual a significação do sopro na face? 5. E a da entrada no templo? 6. Que significa a unção? 7. Qual o rito essencial do Batismo? 8. Explique as cerimônias da veste branca e da vela. 9. Quando se faz a renovação das promessas do Batismo?

#### EXERCÍCIOS

1. Em equipe, ver nos Atos dos Apóstolos como a catequese precedia ao Batismo: 2,14-41; 8,35-38; 16,14-15; etc.
2. Em equipe, ler as cerimônias do Batismo, vendo como suas orações exprimem os vários efeitos do sacramento.
3. Levar a classe a um batizado, para melhor compreensão das cerimônias.
4. Fazer com a classe, na igreja, a renovação das promessas do Batismo, como na Vigília de Páscoa.

## ANEXO XXII

### NOTA "AOS PROFESSORES"

#### AOS PROFESSORES

1. Quem já conhece o meu método catequético sabe que êle se baseia numa *história* (fato ou parábola do Evangelho), donde sai a *doutrina*, na qual se fundamenta a *formação*. Esta, que é afinal a suprema preocupação do Catecismo, desdobra-se em 4 pontos: 1) *dever*, que são as obrigações da vida cristã; 2) *conselho*, que são atos de mera devoção; 3) *apostolado*, que é o cuidado da salvação do próximo; 4) *liturgia*, que é o culto da Igreja, comunitário por natureza, e no qual, por isso mesmo, nos devemos integrar.

2. Só é completa a lição que realiza êste esquema. Ficarmos na história ou na doutrina, seria deter-nos a meio caminho, pois o termo é precisamente a vida. Por isso, as minhas lições vão à prática, envolvendo os 4 pontos da formação.

3. Sendo a inteligência a faculdade mestra do homem, *vamos diretos à inteligência*: a leitura, dando a história e a doutrina, deve ser entendida. Feita a leitura, vem a *verificação*, através do questionário, em cada lição, apelando-se mais para a inteligência que para a memória. O que fôr bem entendido será facilmente conservado.

4. Seguem-se os *exercícios*, cuja importância nunca será demasiado encarecida. Por vários motivos:

a) integram a lição, que ficará muito incompleta sem êles;



b) constantemente é nêles que se completam os 4 pontos de formação;

c) dão maior prazer às crianças — o que não se deve desprezar no ensino religioso;

d) constituem excelente aprendizagem para a Ação Católica, com seus métodos do “ver, julgar e agir” — pois sou dos que acham a capacidade de julgar o ponto fundamental da educação.

Gravíssimo êrro seria eliminá-los, sob qualquer pretexto. Pelo contrário: devemos multiplicá-los até. Outras atividades, que o livro não pode dar — álbuns, cartazes, dramatizações, excursões —, serão praticadas com agrado e proveito. As *recapitulações*, orais ou escritas (em forma de testes), serão muito úteis, algumas vêzes ao ano.

5. Cada lição termina com uma *pergunta* e sua *resposta*, para o aluno decorar. Dêste modo evitamos os inconvenientes do sistema e lhe aproveitamos as vantagens. É que *perguntas e respostas* não devem ser ponto de partida, mas de chegada — quando a doutrina, já apreendida, vai ser conservada numa fórmula completa.

6. Feito o que estiver em nós, confiemos do Divino Catequista, a Quem não cessaremos de pedir luzes e forças para nós e nossos alunos, certos de que Êle as tem copiosas e escolhidas para os que se consagram a firmar nos corações das crianças o seu Reino de amor.

Rio, 1956.

*Padre Alvaro Negromonte*

## ANEXO XXIII

### LIÇÃO DO “MEU CATECISMO” PARA O 3º ANO PRIMÁRIO

40

Padre Alvaro Negromonte

#### PARA VOCÊ DECORAR

— *Como foi que o Filho de Deus se fez homem?*

O Filho de Deus se fez homem, tomando corpo e alma humana e nascendo da Virgem Maria, por obra do Espírito Santo.

— *Quando o Filho de Deus se fez homem, Ele deixou de ser Deus?*

Não; quando o Filho de Deus se fez homem, continuou sendo verdadeiro Deus e ficou sendo também verdadeiro homem.



#### A VIDA OCULTA

1. Perseguido pelo Rei Herodes, que o queria matar, o **Menino Jesus fugiu para o Egito**, levado por S. José e N. Senhora. Tendo morrido o perseguidor, **voltaram do Egito e foram para Nazaré**, onde Jesus viveu até os 30 anos.

2. S. José era carpinteiro e vivia pobremente como um operário. N. Senhora fiava, cosia, cuidava da casa, como as mulheres pobres. A riqueza dos dois era o Menino Jesus. Eles três formavam a Sagrada Família.

3. **Jesus vivia como os outros meninos.** Brincava, ajudava em casa, trabalhava, fazia as orações da manhã e da noite, ia aos sábados à sinagoga para rezar e aprender a doutrina, **obedecia à sua Mãe e a S. José**, a quem considerava como pai.

4. Aos 12 anos, foi ao Templo de Jerusalém, na festa da Páscoa. Terminada a fes-



ta, S. José e N. Senhora foram voltando para casa. Jesus ficou no Templo sem êles saberm. E só à noite deram pela falta dêle. Voltaram procurando-o e, depois de 3 dias, **O encontraram no meio dos doutôres da lei,** ouvindo o que êles ensinavam e fazendo-lhes perguntas. E foram para casa.

5. Anos depois, quando S. José morreu, **Jesus ficou trabalhando para sustentar N. Senhora, e preparando-se para a sua missão.**



### QUESTIONÁRIO

1. Quem perseguiu o Menino Jesus? 2. Como vivia S. José? 3. E Nossa Senhora? 4. E o Menino Jesus? 5. Conte a perda de Jesus no Templo. 6. Que fêz Jesus, depois da morte de S. José? 7. Qual era a missão de Jesus?

### EXERCÍCIOS

I. Pedro vive se gabando que tem palacete e automóvel.

Zezé é pobre e ajuda com gôsto ao pai no trabalho.

Qual dos dois se parece mais com o Menino Jesus? Por quê? .....

II. Jesus foi ao Templo prestar culto a Deus. No domingo vamos prestar culto a Deus. Onde? ..... De que modo? .....

III. Jesus é o modêlo dos bons filhos.

Escreva aqui o que você vai fazer para imitá-lo:

a) .....

b) .....

IV. No Memento dos vivos, na Missa, não esqueça de rezar por seus pais.

V. Com as palavras: — morte — pai — menino — mãe — invente a história de um menino que imita o procedimento de Jesus depois da morte de S. José.

VI. Há crianças que faltam à Missa de domingo. Que vai você fazer por elas?

- a) .....
- b) .....

#### PARA VOCÊ DECORAR

— Por que se chama S. José pai de Jesus?

S. José se chama pai de Jesus por ser espôso de Maria e porque exercia a função de pai sobre Ele.



#### VIDA PÚBLICA

1. Chegando aos 30 anos, Jesus deixou a oficina de Nazaré. Foi ao rio Jordão, onde foi batizado por S. João Batista. Neste momento, apareceram as 3 Pessoas da SS. Trindade.

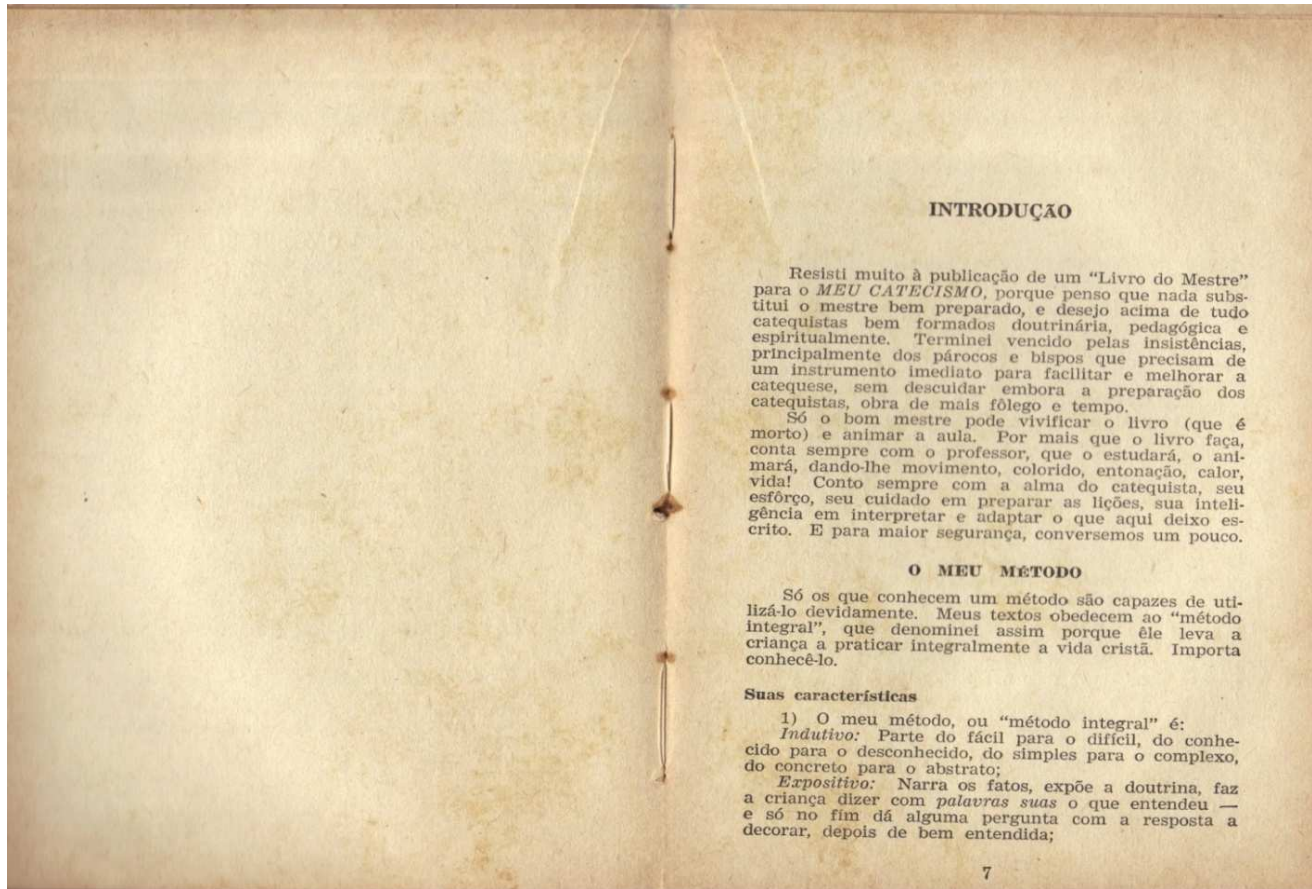
2. Depois de batizado, N. Senhor foi para o deserto, onde jejuou e orou 40 dias preparando-se para a vida pública. Quando teve fome, o demônio lhe apareceu e disse: "Se és o Filho de Deus, manda que estas pedras virem pão." Mas Jesus respondeu: "Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus." O demônio tentou ainda Jesus de outros modos, mas N. Senhor lhe disse: "Afasta-te de mim, Satanás." E ele se retirou, e os Anjos vieram e serviram a Jesus.

3. Então, Jesus começou a andar pelas cidades e aldeias pregando a sua doutrina. Fazia muitos milagres. Era bondoso com os pobres. Tinha compaixão dos pecadores, e lhes perdoava os pecados. Abençoava as



## ANEXO XXIV

### MÉTODO INTEGRAL DO MONSENHOR ÁLVARO NEGROMONTE ESQUEMATIZADO PARA OS PROFESSORES



*Evangélico*: Baseia-se no Evangelho, fazendo conhecer a vida e sobretudo a Pessoa de Jesus, para amá-la e imitá-la.

2) Tem um “esquema de lição” que é o seguinte:

- a) História
- b) Doutrina
- c) Formação

E a formação consta de (4) pontos: 1) dever; 2) conselho; 3) apostolado; 4) liturgia.

#### Preciosas particularidades

Neste esquema há pontos essenciais. Assim:

a) A “história é sempre do Evangelho” (um fato ou uma parábola), para ligar a criança à vida e à Pessoa de Cristo (muito mais do que à doutrina, porque crianças e pessoas simples se prendem antes às pessoas que às idéias);

b) A “doutrina” é uma *idéia* só em cada aula, porque:

— as crianças só têm capacidade para aprender pouca coisa de cada vez;

— elas são por si mesmas dispersivas, e nós devemos *concentrá-las*, e não dissipá-las;

— finalmente, não é necessário ensinar muita coisa às crianças, mas sim *ensinar bem* o que é essencial, e *encaminhar para as práticas fundamentais da vida cristã*.

c) A “formação” é a suprema preocupação da catequese: nosso maior cuidado é formar o cristão, e tudo deve ser encaminhado para isto, em aula e fora de aula. Não basta saber o catecismo: é preciso praticá-lo. O homem pode saber todo o catecismo e condenar-se, se não o pratica. Importa ensinar a doutrina, porém importa mais fazer vivê-la.

Notemos ainda que tudo isto *forma uma unidade*: a “doutrina” sai da “história”; a “formação” sai da “doutrina”. Por isto a “história” é contada de modo *orientado* para a “doutrina”; e em torno desta *se reúnem os quatro pontos* da “formação”. Tudo em estreita relação, como raiz, caule e flor, nas plantas. Unidade perfeita, como quer a psicologia infantil.

#### Formação integral

1) Queremos formar o cristão perfeito. Para isto só uma formação integral. E a formação integral é aquela que inclui: a) dever; b) conselho; c) apostolado; d) liturgia. Só esta é a formação perfeita do cristão.

2) De fato:

a) cumprir o *dever* é fundamental: o mínimo que se exige de um homem; mas não é a perfeição: é o mínimo;

b) a perfeição exige que, além do dever, o homem pratique também o que é apenas *conselho*;

c) ficando só nisto, o homem se fecharia em si, caindo no individualismo, que é mais que imperfeição, é erro, pois nós temos obrigação de *cuidar do próximo*: obrigação do *apostolado*;

d) finalmente, como membros da Igreja, somos obrigados a participar de seus atos, como cada membro participa da vida do corpo: é a *liturgia*.

Temos então:

Formação integral	{	Individual	{	Dever
				Conselho
		Social	{	Apostolado
				Liturgia

Este é o único esquema que abrange toda a vida cristã. Por isso chamei o meu método de “método integral”. E cada aula tem de realizá-lo, sob pena de ser incompleta e falha.

Dada a importância da formação, para ela encaminhe o catequista todos os seus cuidados:

— dê as aulas de maneira “vital”, orientando a doutrina para a vida;

— acompanhe cada um de seus alunos, para ver se estão vivendo cristãmente;

— dê-lhes o exemplo de uma boa vida cristã;

— reúna-os para participação de atos religiosos, principalmente da Santa Missa;



— oriente-os para uma associação religiosa, que facilita a perseverança e o progresso nas coisas espirituais;

— reze sempre por eles, que muitas vezes mais conseguimos no genuflexório que na sala de aulas.

Sòmente assim podemos:

Firmar bem o que fôr ensinado;

Voltar com freqüência aos temas essenciais;

Fazer os alunos penetrarem-se dêles, criando convicções para tôda a vida;

Concentrar a formação em tôrno dos pontos essenciais da doutrina.

#### A lição em *Meu Catecismo*

Cada lição dos meus textos primários contém, pois: 1) História; 2) Doutrina; 3) Formação: com: a) dever; b) conselho; c) apostolado; d) liturgia. Ela se desenvolve em duas partes:

1) Uma *leitura*, na qual estão a "História" e a "Doutrina" (algumas vezes também algum ponto da formação);

2) os *exercícios*, nos quais estão os quatro pontos da "Formação" (ou sòmente (2) dois ou (3) três, quando os outros aparecerem nas leituras).

É por isso que a lição de *Meu Catecismo* só é completa, quando é dada na *íntegra*. Desprezar os exercícios seria ficar só na instrução, inutilizando o método, e allás a própria catequese, cuja finalidade é a formação do cristão.

Por fim, vêm também umas poucas perguntas com as respostas para o aluno decorar. Mas não esqueça que elas são *ponto de chegada*, e não de partida: por isso é que estão no fim da lição. Nunca devem ser decoradas sem ser entendidas. E não constituem trabalho essencial do aluno: o essencial para o aluno é entender a doutrina e pô-la em prática.

#### Adaptar-se à criança

1) De acôrdo com os mais modernos princípios pedagógicos, procura o método integral reduzir tudo à unidade, simplificando o mais possível todos os elementos da aula:

a) *Simplifica a "História"*: conta do episódio, apenas o que interessa à lição do dia, orientando-a para a doutrina;

b) *Simplifica a "Doutrina"*: no sentido de dar em cada aula uma idéia só, o que facilita aprendizagem, penetração e memorização;

c) *Simplifica a "Formação"*: porque os quatro pontos se unem em tôrno da idéia central formando um todo.

2) Para simplificar tudo ainda mais, tôda a "Formação" se reduz à graça: viver e crescer na graça (dever e conselho), fazer que os outros vivam e cresçam nela (apostolado), o que tudo melhor se consegue pela liturgia.

Em tôrno dêste pensamento se juntam uns poucos elementos, poucos e concêntricos, para não dispersarmos ainda mais as crianças.

#### ELEMENTOS ESSENCIAIS DA FORMAÇÃO

1) **O estado da graça**: É o centro de tudo: no terreno *individual*, porque é a essência da vida cristã, e a santidade consiste em viver e crescer nêle; no terreno *apostólico*, porque o que a ação católica procura é fazer com que todos vivam e cresçam na graça divina. É natural que seja êle uma preocupação constante da catequese.

2) **Os Mandamentos**: São condições para viver na graça: "Se queres entrar na Vida, observa os Mandamentos." Violá-los em ponto grave, sem motivo suficiente, é pecado mortal: daí a necessidade de firmar as crianças na sua observância. Entre êles destacamos a *Missa de preceito*, por sua importância como culto a DEUS, pela facilidade com que a perdem entre nós, e porque nela se encontra poderoso meio de perseverança na fé ou de conversão (a pregação). Faremos da Missa de domingo uma das mais sérias preocupações de nossa catequese.

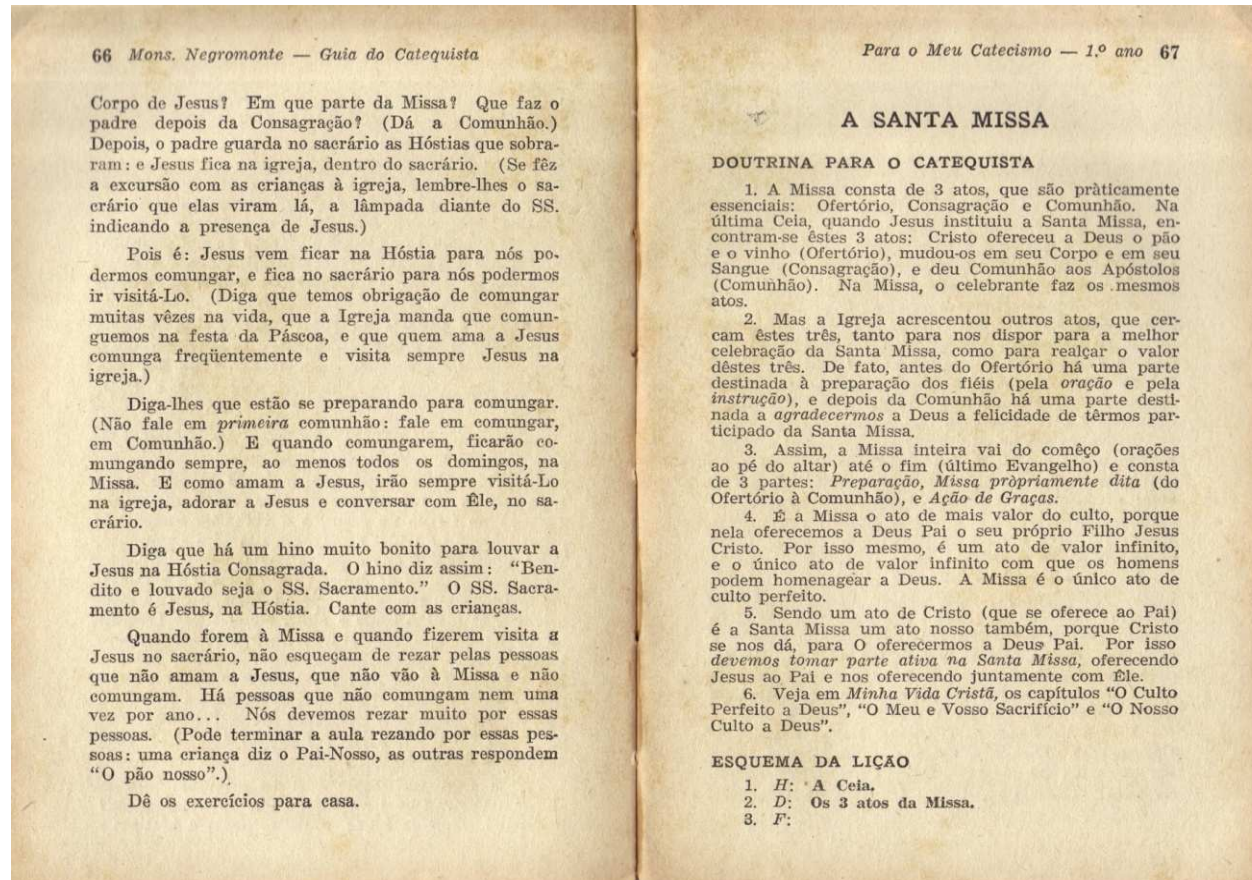
3) **Freqüência aos Sacramentos**: São meios eficazes e primordiais da graça: a Confissão e a Comunhão. Enquanto o *ensino* diz *para quê e como* nos confessamos e *as condições para comungar*, os cuidados da formação orientam para a freqüência consciente dêstes dois Sacramentos.

4) **Oração**: Essencial elemento de vida cristã. Nosso cuidado é: firmar o hábito da oração da manhã e da noite; estender a vida de oração às finalidades mais elevadas desta (adorar, agradecer, propiciar);

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. **Guia do catequista para o Meu Catecismo 1º e 2º ano**. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1961c; **Guia do catequista para o Meu Catecismo 3º ano**. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1961d; **Guia do catequista para o Meu Catecismo 4º ano**. Rio de Janeiro, Edições RUMO, 1962.

## ANEXO XXV

### LIÇÃO SOBRE “A MISSA” APRESENTADA NO GUIA DO CATEQUISTA - 1º ANO





- a) *D*: Missa de domingo e dias santos.
- b) *C*: Piedade durante a Missa.
- c) *A*: Rezar para todos irem à Missa (Exerc. VI).
- d) *L*: Ver bem os 3 atos na Missa.

#### EXPLANAÇÃO

Comece a aula com a oração, verifique os exercícios para casa, recapitule a lição anterior. Que é a Hóstia Consagrada, que é a hóstia antes de ser consagrada; quando é que o padre muda a hóstia em Jesus; para que Jesus fica na Hóstia (para nós O recebermos na Comunhão e O visitarmos na igreja); quem foi visitar Jesus no sacrário; temos obrigação de comungar; quando é que a Igreja nos obriga a comungar; viram a Comunhão dos fiéis na Missa; quem rezou pelas pessoas que não comungam? Cante com as crianças o “Bendito e louvado seja”.

Relembre a Ceia, insistindo em 3 pontos: ofereceu a Deus o pão e o vinho, mudou-os em seu Corpo e em seu Sangue; deu a Comunhão aos Apóstolos. Três atos: ofereceu... mudou... deu a Comunhão... Mandê repetirem os 3 atos que Jesus fez na Ceia. Mostre de novo a gravura da aula anterior: Jesus oferece o pão e o vinho.

Dê os nomes destes 3 atos: 1) Ofereceu... Ofertório. 2) Mudou... Consagração. 3) Deu a Comunhão... Comunhão. Assim fica mais fácil de guardarem: Ofertório, Consagração, Comunhão. (Leve 3 cartolinas, cada uma com uma destas palavras. Mostre cada uma separadamente. É bom que seja cada uma de uma cor. Depois, mande uma criança tirar uma delas, ler o nome e dizer o que fez Jesus.)

Leia a lição com as crianças. Mostre a gravura: Consagração. Diga-lhes, então, que na Missa o padre faz a mesma coisa que Jesus fez na Ceia. Que fez Jesus na Ceia? (Mandê repetirem: Ofertório, Consagração,

Comunhão.) Se o padre na Missa faz a mesma coisa que Jesus fez, então que faz o padre? Ofertório, Consagração, Comunhão. Portanto, a Missa é a mesma coisa que Jesus fez na Ceia. (Será bom levar 3 pequenas figuras do celebrante fazendo o Ofertório, a Consagração, e a Comunhão, separadamente. Mostre-as. Faça aprenderem bem isto.)

Já sabem que temos obrigação de ir à Missa de domingo e dia santo. Domingo, quando forem à Missa, prestem bem atenção para *ver os 3 atos*, que o padre faz. Há outros atos, mas *vejam bem estes 3*.

Lembrem-se de que a Missa é a mesma coisa que Jesus fez na Ceia. Como se portariam vocês, se estivessem na última Ceia de Jesus? Brincando, conversando, olhando para trás, distraídos? Pois então, na Missa se portem muito bem, com muita atenção, rezando, acompanhando os atos do padre, e sobretudo *oferecendo Jesus a Deus e se oferecendo com Ele*. (Explique isto bem às crianças.)

Há pessoas que não vão à Missa de domingo. Dão muito desgosto a Deus com isto. Estão fazendo um pecado muito grande. É necessário rezar sempre por essas pessoas, para que elas se convertam e vão à Missa todos os domingos e dias santos. (Termine a aula rezando por essas pessoas.)

Dê os exercícios para casa: colorir a figura com a cor do paramento do domingo (Exerc. II), fazer os outros exercícios.

#### ESTÁ CHEGANDO O DIA

##### DOCTRINA PARA O CATEQUISTA

1. O estado de graça é o estado normal do cristão: só somos realmente cristãos, quando estamos em estado de graça. É este nós o recebemos para conservá-lo permanentemente, até o dia em que nos apresentarmos ao tribunal de Jesus Cristo.

## ANEXO XXVI

### LIÇÃO SOBRE “A MISSA” APRESENTADA NO GUIA DO CATEQUISTA - 2º ANO

cramentos da Igreja e obedecemos aos verdadeiros pastores, e ainda devemos rezar pelos que não obedecem, para que eles obedeam e se tornem católicos.

Temos também o dever de rezar pelos nossos pastores: pelo Papa, pelo Bispo, pelo Pároco. Vocês já prestaram atenção àquelas orações que se rezam depois da bênção do Santíssimo? Nelas nós rezamos pelo Papa, pelo Bispo, e pelo nosso Pároco. Mas eu quero que vocês prestem atenção ainda na Missa: logo depois do *Sanctus*, há uma oração em que nós rezamos a Deus “pelo Vosso servo, nosso Papa João XXIII, e pelo nosso Bispo...” (*diga o nome do Bispo diocesano*). Aí podemos juntar também o nosso Pároco.

Outra coisa muito necessária e muito bonita é o respeito que temos a nossos Pastores. Vejam como é bonito tratarmos o nosso pároco e outros sacerdotes, com respeito, quando os encontramos na rua ou noutro lugar. Pessoas bem-educadas fazem sempre assim. É com todo o respeito que vocês devem cumprimentar os sacerdotes. Vejam a figura da lição. (*Pausa.*) Vejam como essas crianças cumprimentam respeitosa-mente o Padre que encontraram e como lhe pedem a bênção! E ele as abençoa. Crianças educadas fazem assim!

#### RESUMO

Em resumo foi isto nossa lição de hoje:

- 1) Jesus fundou a Igreja católica e nomeou São Pedro seu chefe;
- 2) Só a Igreja católica é verdadeira;
- 3) Morto São Pedro, foi escolhido outro chefe, que é o Papa;
- 4) Há outros chefes inferiores: Bispos, Párocos — mas todos obedecem ao Papa;
- 5) Os católicos têm obrigação de obedecer aos Pastores da Igreja, de rezar por eles e respeitá-los.

6) Devemos também rezar pelos que não obedecem aos Pastores da Igreja, não crêem no que eles ensinam e não recebem os Sacramentos, porque estão fora da verdadeira Igreja.

#### EXERCÍCIOS PARA CASA

- 1) Colorir a figura.
- 2) Completar os exercícios I e V.
- 3) Copiar no caderno as palavras da oração depois da bênção do Santíssimo, que se referem ao Papa, ao Bispo e ao Pároco.
- 4) Copiar também as palavras do *Credo*: “*Creio na Santa Igreja Católica*”.
- 5) Escrever no caderno o nome de seu Pároco.

#### A MISSA

##### DOCTRINA PARA O CATEQUISTA

1) A Missa é o mesmo sacrifício que Cristo ofereceu a Deus no Calvário, pois em ambos o próprio Cristo oferece e é oferecido, isto é, Ele é, ao mesmo tempo, Sacerdote e Vítima. A única diferença é que no Calvário houve derramamento de sangue (cruento) e na Missa não há (incruento).

2) A Missa foi instituída por Cristo na última Ceia, quando Ele ofereceu ao Pai o pão e o vinho, mudou-os em seu Corpo e Sangue, e deu a comunhão aos Apóstolos; e depois os ordenou para fazerem o mesmo: “Fazei isto em memória de Mim”.

3) Por isso, Ofertório, Consagração e Comunhão são atos que constituem a Santa Missa, e na prática, são essenciais, porque sem eles não se cumpre o preceito dos domingos e dias santos.

4) Os outros atos da Missa são apenas menos importantes, mas são também importantes, porque tudo na Missa tem valor.



5) Não nos contentaremos em “assistir” à Missa, mas participaremos dela, rezando-a também, oferecendo-nos também a Deus, pois na Missa não apenas Cristo se oferece, mas nós nos oferecemos também juntamente com Cristo.

6) Veja em *As Fontes do Salvador* a parte relativa à “Formação da liturgia da Missa”, e não descure um melhor estudo do assunto, nos capítulos anteriores àquele.

#### ESQUEMA DA LIÇÃO

- 1) H: A última Ceia (Mt. 26.26-28).
- 2) D: Os três atos principais da Missa.
- 3) F:
  - a) D: Missa de domingo (Exerc. III).
  - b) C: Atenção e piedade na Missa (Exerc. II).
  - c) A: Que fazer pelos que perdem Missa (Exerc. IV).
  - d) L: Os três atos na Missa (Exerc. I).

#### REVISÃO DA AULA ANTERIOR

Vejam alguma coisa da nossa última aula. Quem fundou a Igreja Católica? Por que as outras Igrejas são falsas? (Porque não foram fundadas por Cristo.) Quem foi o primeiro Papa? Há também outros pastores? Quais são? Todos obedecem ao Papa? Cite um dever nosso para com os nossos Pastores. Cite outro. Quando é que rezamos na Missa pelos nossos Pastores? (*Verifique os exercícios para casa.*)

#### EXPLANAÇÃO

A nossa lição de hoje vai ser muito fácil, porque vocês já sabem muita coisa sobre a Missa. Já sabem que temos obrigação de ir à Missa... em que dia, L? Só nos domingos? Sabem que a Missa é a melhor oração que podemos fazer; que ela dá a Deus a maior glória que Lhe podemos dar; já sabem que devemos rezar pelos que faltam à Missa de Domingo e dia santo para que ninguém falte, mas todos vão à Missa.

Mas quero lembrar-lhes como foi que Jesus fez a primeira Missa do mundo. Foi na véspera de sua morte. Em que dia Cristo morreu? Muito bem: Na Sexta-Feira. Então, a véspera era quinta-feira. Foi na Quinta-Feira Santa. Ele fez a última Ceia com os Apóstolos, e na Ceia, Jesus *ofereceu* a Deus o pão e o vinho, *mudou* o pão e o vinho em seu Corpo e Sangue, depois *deu a Comunhão* aos Apóstolos. Vejam bem os *três atos* que Jesus fez na última Ceia. (*Repita.*) Viram bem? Três atos que Ele fez (*repita.*) Agora são vocês que vão dizer o que Jesus fez na última Ceia. (*Pergunte a uns dois ou três.*) Em que dia foi? É a quinta-feira da Semana Santa, não sabem? (*Se tem um quadro da última Ceia, mostre-o, e interrogue de novo os alunos.*)

**A Missa.** — Com estes três atos Jesus celebrou a Missa. E depois mandou que os Apóstolos a celebrassem também. Ele disse aos Apóstolos: “Fazei isto em memória de Mim”. E os Apóstolos faziam a mesma coisa que Jesus fez: ofereciam a Deus o pão e o vinho, mudavam o pão e o vinho no Corpo e no Sangue de Cristo e comungavam.

Ainda hoje é assim: quando o Padre celebra a Missa faz a mesma coisa que Jesus fez na Ceia:

— o Padre oferece a Deus o pão e o vinho: — é o *Ofertório* (no quadro-negro);

— muda o pão e o vinho no Corpo e no Sangue de Cristo: — é a *Consagração* (quadro-negro);

— recebe o Corpo e o Sangue de Cristo: — é a *Comunhão* (quadro-negro).

Aqui nós temos os três atos principais da Missa: 1) Ofertório; 2) Consagração; 3) Comunhão.

Entenderam? Quais são os três atos que Cristo fez, quando celebrou a Missa na Ceia? Os Apóstolos celebraram Missa também? Por quê? (Cristo mandou.) Quais foram as palavras de Cristo mandando celebrar Missa? (“Fazei isto.”) Para *fazer isto*, eles

deviam fazer a mesma coisa que Jesus fêz. Então, deviam fazer os três atos. Quais são esses três atos? Para não os esquecermos vamos escrevê-los no caderno. Copiem. (*Mostre no quadro-negro: "Os atos principais da Missa são:*

Ofertório  
Consagração  
Comunhão.")

(*Mande ler o que escreveram.*) Então, já sabem: quando o Padre celebra a Missa, faz a mesma coisa que Jesus fêz na Ceia.

É por isso que na Missa nos portamos com toda a atenção e toda a piedade, como se estivéssemos na última Ceia com Jesus. Assim é que fazem as crianças piedosas e bem-educadas. (*Insista um pouco sobre isto, principalmente se há crianças que não se portem bem na Missa.*)

**Os três atos na Missa** — A Missa tem muitos outros atos, mas não são tão importantes. Tudo na Missa é importante, mas os atos mais importantes são estes três. Assim, o *Confiteor* é importante, porque nêle pedimos perdão a Deus de nossos pecados; o Evangelho é importante porque é a própria palavra de Cristo; o *Sanctus* é importante, porque é o louvor de Deus; porém nenhum dêles é tão importante como o Ofertório, a Consagração e a Comunhão.

Por isso vou ensinar a vocês quando é cada um destes atos na Missa. Vejam no livro: a figura de cima é o Ofertório: depois do Evangelho, o Padre reza o *Credo*; depois do *Credo*, o padre toma a pátena (aquêlê pratinho dourado) com a hóstia dentro, e oferece a hóstia a Deus. A hóstia é pão. Veja a figura: o padre está com a pátena, oferecendo a hóstia. Como se chama este ato? Isto mesmo: Ofertório. Depois êle põe vinho no cálice e oferece também o vinho. Está feito o Ofertório.

Vejam a figura mais abaixo, à direita: é a elevação da Hóstia. A Elevação é feita logo depois da Consagração: na Consagração o padre muda o pão e o vinho no Corpo e no Sangue de Cristo, e imediatamente faz a Elevação, primeiro da Hóstia e depois do Cálice. A figura mostra a elevação da Hóstia.

A última figura é a Comunhão: primeiro o padre comunga, depois dá Comunhão ao povo.

É fácil agora vocês conhecerem na Missa de domingo os três atos. Vejam bem: Quando é o Ofertório, B? E a Consagração, L? O padre consagra primeiro o pão, ou o vinho, H? E quando é a Comunhão, G?

**O que fazemos na Missa** — Na Missa, nós temos o próprio Jesus, presente na Hóstia e no Vinho consagrados. Jesus está presente e se oferece a Deus Pai E nós oferecemos também Jesus ao Pai, para dar glória a Deus: para adorar Deus, para agradecer tudo o que Êle faz por nós, para pedir perdão de nossos pecados e para pedir também as graças de que precisamos.

Além de oferecer Jesus, nós nos oferecemos também juntamente com Jesus: oferecemos nossa vida a Deus com tudo o que temos e tudo o que fazemos — tudo, para glória de Deus. É por isso que dizemos que "a Missa é o sacrificio em que Jesus Cristo se oferece a Deus, e nós nos oferecemos com Êle". Vejam aí o livro. No fim da lição, a primeira pergunta. Leia, T. Leia também, L.

Eu vou dizer isto de cor, sem olhar para o livro. Depois quero ver quem é capaz de dizer também. (*Diga. Depois interrogue. Se não acertarem, mande ler de novo por 2 ou 3 crianças. Verifique se sabem dizer de cor.*)



## RESUMO

- 1) A primeira Missa do mundo foi celebrada por Jesus, na Quinta-Feira Santa, na última Ceia;
- 2) Jesus mandou os Apóstolos celebrar Missa também, dizendo-lhes: "Fazei isto em memória de Mim".
- 3) os atos principais da Missa são: Ofertório — Consagração — Comunhão;
- 4) quando o padre celebra faz a mesma coisa que Jesus na última Ceia;
- 5) na Missa nós oferecemos Cristo ao Pai e nós oferecemos com Ele;
- 6) temos obrigação de ir à Missa nos domingos e nos Dias Santos, de rezar pelos que não vão à Missa, e de rezar a Missa com muita piedade e devoção.

## EXERCÍCIOS PARA CASA

- 1) Colorir as figuras do livro.
- 2) Completar os exercícios II, III e IV.
- 3) Copiar no caderno a resposta da primeira pergunta: Que é a Missa?

## IR À MISSA

## DOCTRINA PARA O CATEQUISTA

- 1) A Missa é o único ato pelo qual prestamos a Deus um *culto perfeito*, isto é uma homenagem digna da Majestade Divina — pois na Missa oferecemos ao Pai seu próprio Filho, Infinito como o Pai.
- 2) Sendo o domingo (e o dia santo, por semelhança) reservado ao culto divino, é justo que prestemos a Deus nesse dia o culto perfeito: daí a obrigação que nos impõe a Igreja de ir à Missa.
- 3) Todos os "católicos desde os sete anos de idade, em uso da razão, são obrigados a ir à Missa nos domingos e dias santos, se uma justa causa os não excusar", diz o Direito Canônico.

4) Para cumprir este preceito, a pessoa há de estar presente corporalmente à Missa (não basta a presença espiritual — por intenção ou desejo) e prestar ao ato a devida atenção.

5) O preceito exige a presença contínua do *comêço ao fim da Missa*, sendo pecado leve ou grave perder sem motivo razoável uma parte, notável ou leve, do Santo Sacrifício.

Assim é grave:

a) do comêço ao Ofertório inclusive; b) a Consagração só; c) a Comunhão só; d) depois da Consagração ao *Pater*;

é leve:

a) do comêço ao Evangelho; b) o Ofertório só; c) depois da Comunhão até ao fim.

6) Quem perder uma parte tem obrigação de supri-la em outra Missa, contanto que a Consagração e a Comunhão do celebrante fiquem na mesma Missa. Esta obrigação é grave ou leve, conforme tenha sido grave ou leve a parte perdida.

7) Estão dispensados da Missa de preceito:

- os doentes que não podem sair;
- os que têm de viajar e não podem adiar ou interromper a viagem;
- os que moram longe da igreja (distância em geral, de uma hora de caminhada a pé e que pode ser reduzida para as crianças ou pelas circunstâncias de tempo — chuvoso — lugar (caminhadas difíceis) e pessoas (idosas ou fracas).
- Ver melhor o assunto em *O Caminho da Vida* no capítulo "O Dia do Senhor".

## ESQUEMA DA LIÇÃO

- 1) *H*: Relembrar a Ceia.
- 2) *D*: Obrigação de ouvir Missa.
- 3) *F*:
  - a) *D*: Missa de preceito (Leitura).
  - b) *C*: Devoção e piedade na Missa (Leitura).
  - c) *A*: Rezar pelos que perdem Missa (Exerc. II).
  - d) *L*: Acompanhar a Missa pelo missal (Exerc. IV).

## ANEXO XXVII

### LIÇÃO SOBRE “A MISSA” APRESENTADA NO GUIA DO CATEQUISTA - 3º ANO

quisesse; agora, basta querer, viver em estado de graça, cumprir os Mandamentos — e o Céu está aberto para nós entrarmos.

Mas não esqueçamos nunca os que não procuram salvar-se. A porta do Céu está aberta, mas eles não querem entrar. Não cumprem os Mandamentos, não vivem em estado de graça. Quem são eles? Isto mesmo: são os pecadores. Rezemos sempre pelos pecadores.

O melhor para nós é que o Sacrifício de Cristo continua na Santa Missa. Em cada Missa Cristo se oferece de novo ao Pai — e nós podemos assistir a êsse oferecimento, podemos oferecer também Cristo ao Pai, e nos oferecermos a Deus juntamente com Jesus. Não esqueçam disto, na Missa de domingo principalmente.

#### RESUMO

1. Os judeus levaram Jesus a Pôncio Pilatos, para que este O condenasse à morte;
2. Pilatos reconheceu que Jesus era inocente, mas por covardia O condenou à morte;
3. os judeus puseram a cruz aos ombros de Jesus e se dirigiram ao Calvário, onde O crucificaram;
4. crucificado ao meio-dia da sexta-feira santa, Jesus morreu às três horas da tarde, depois de perdoar os seus algôzes e de oferecer sua vida ao Pai;
5. o Sacrifício de Cristo é continuado na Santa Missa;
6. foi Ele que nos abriu a porta do céu, de modo que agora os que vivem em estado de graça e cumprem os Mandamentos podem entrar no Céu, o que não podiam antes da Morte de Jesus.

#### EXERCÍCIOS PARA CASA

1. Colorir a figura.
2. Fazer os exercícios I, II e V.

### O SACRIFÍCIO DA MISSA

#### DOCTRINA PARA O CATEQUISTA

1. Sacrifício é oferecimento de um presente a Deus, para adorar, agradecer, reparar e pedir graças. Deve ser oferecido por um sacerdote, pessoa consagrada ao serviço divino. A coisa oferecida (ou vítima) deve ser destruída (ou o animal deve ser morto), para significar o supremo domínio de Deus sobre todas as criaturas, representadas naquela criatura. Deus aceita o presente oferecido, aplacando-se ou se alegrando — e assim se estabelece a união entre Deus e o homem: comunhão!

2. Na Bíblia encontramos os sacrifícios, desde Caim e Abel; depois Noé, Abraão, Melquisedec; Moisés regula minuciosamente os sacrifícios.

3. Era muito restrito o valor dos sacrifícios antigos: as vítimas eram animais (não representavam as criaturas mais elevadas); os sacerdotes eram pecadores (não podiam agradar tanto a Deus).

Deus os aceitava por sua bondade e porque eles simbolizavam o Sacrifício de Cristo.

4. O único inteiramente digno de Deus é o Sacrifício de Cristo: Vítima e Sacerdote é o próprio Cristo, em tudo igual ao Pai. É, pois, o único sacrifício de valor infinito, capaz de prestar a Deus uma homenagem à altura de seu merecimento infinito, o único que presta a Deus o culto perfeito.

5. Como este Sacrifício só Cristo o poderia oferecer, como de fato o ofereceu no Calvário e na Cela, segue-se que só Cristo prestou ao Pai o culto perfeito (e mais ninguém o poderia prestar). Mas, como Cristo o renova na Missa, segue-se que a Missa é o único ato pelo qual prestamos a Deus o culto perfeito (pois Cristo no-lo deu precisamente para isto).

6. Esta é a grande razão pela qual somos obrigados a ir à Missa nos domingos e dias santos: — no dia do Senhor, prestamos ao Senhor o culto perfeito!

Outro qualquer não é perfeito: é humano, finito, imperfeito, infinitamente abaixo da Majestade divina. Daí o gravíssimo pecado de faltar à Missa de domingo à toa: privamos Deus da glória a que tem direito. Daí também o aprêço que devemos ter à Missa, fazendo dela a primeira devoção de nossa vida.



7. Ver em *A Doutrina Viva* o capítulo "O Sacrifício Redentor"; e sobretudo em *As Fontes do Salvador* os capítulos "O Sacrifício na Antiga Lei", "O Sacrifício na Nova Lei" e "O Sacrifício da Missa".

#### ESQUEMA DA LIÇÃO

1. *H*: Oferecimento do sacrifício de Cristo
2. *D*: O Sacrifício de Cristo tem valor infinito
3. *F*:
  - a) *D*: A Missa de domingo (Exerc. III)
  - b) *C*: Missa de semana (Exerc. II)
  - c) *A*: Rezar pelos que perdem Missa de domingo (Exerc. IV)
  - d) *L*: Junto com o celebrante da Missa, oferecer Cristo ao Pai (Exerc. V).

#### REVISÃO DA AULA ANTERIOR

Em que dia Jesus foi condenado à morte? Quem o condenou? Por que Pilatos O condenou à morte? Que quer dizer "Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos"? Que fizeram os judeus, quando Jesus foi condenado à morte? Que é o Calvário? Quantas vezes Jesus caiu com a cruz? Quem ajudou Jesus a carregar a cruz? A que hora Jesus foi crucificado? A que hora morreu? Quais foram as palavras com que Jesus ofereceu sua vida ao Pai? Antes da morte de Jesus alguém podia entrar no céu? E depois, pôde? Que é preciso para entrar no Céu? Que acha você do procedimento de Pilatos? Você é capaz de perdoar aos que lhe ofendem, como fez Jesus? (*Verifique os exercícios para casa.*)

#### EXPLANAÇÃO

Na última aula, vimos que Jesus se ofereceu ao Pai: ofereceu sua vida a Deus Pai. Na cruz, pouco antes de morrer, Ele disse "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito." Era a segunda vez que Jesus se oferecia a Deus Pai. A primeira foi na quinta-feira santa, quando Jesus instituiu a Missa, na Última Ceia. Em ambas as vezes, o sacrifício teve o mesmo valor porque foi Jesus que o ofereceu, e foi Jesus que se ofereceu.

O sacrifício é um presente que se oferece a Deus.

Para guardarmos bem isto, vamos escrever em nossos cadernos. (*Dite.*) "Sacrifício é um presente que se oferece a Deus." (*Verifique, como de costume.*)

**Os quatro fins** — Os sacrifícios são oferecidos para agradar a Deus — para adorar a Deus, agradecer os benefícios recebidos, pedir perdão dos pecados, e pedir as graças que nos são necessárias. Já aprendemos isto, na aula sobre a oração. Os quatro fins da oração são os mesmos do sacrifício. Quais são os quatro fins da oração? (*Veja se lembram. Se não, mande ver nos cadernos.*) Aí estão: Adorar, agradecer, pedir perdão, pedir graças. O Sacrifício é oferecido a Deus para estes mesmos fins.

Antigamente se ofereciam sacrifícios de animais: touros, cordeiros, pombas; e quem oferecia eram homens pecadores: por isso mesmo os sacrifícios tinham pouco valor. E Deus só os aceitava por ser muito bom. Mas no sacrifício de Cristo, tudo é muito diferente: quem oferece é Cristo, e portanto o sacerdote é Cristo; e o presente oferecido, é também Cristo; e portanto a vítima é o próprio Cristo. E como Cristo tem valor infinito, porque é Deus, o seu sacrifício tem também valor infinito. Vamos escrever isto, para nunca mais o esquecermos: "O Sacrifício de Cristo tem valor infinito, porque Cristo é Deus." (*Mande ler por três ou quatro; faça dizer sem olhar o caderno.*)

Vamos ver se entenderam bem isto. Quantas vezes Jesus se ofereceu ao Pai? Que é sacrifício? Para que se oferece o sacrifício a Deus? Por que os sacrifícios antigos não tinham muito valor? Por que o sacrifício de Cristo tem valor infinito?

**Um só sacrifício** — Vejam: o Sacrifício de Cristo foi oferecido duas vezes, mas é um só sacrifício; é um só sacrifício, porque quem oferece é Cristo e quem se oferece é Cristo.



É um só sacrifício, mas foi oferecido de modo diferente. Na quinta-feira, na Ceia, Cristo se ofereceu, sem morrer e sem derramar sangue: foi um sacrifício *incruento*, quer dizer: sem sangue. Escreva ali no quadro-negro, F: "Incruento." Que quer dizer incruento, B? Muito bem: sem sangue. O sacrifício de Cristo na Última Ceia foi incruento. Mas na sexta-feira santa, Cristo morreu na cruz e derramou sangue; então o seu sacrifício na sexta-feira santa foi *cruento*. Escreva ali, P: "Cruento." Que quer dizer cruento, L? Mas de um modo ou de outro, o sacrifício é o mesmo, porque é Cristo que se oferece a Deus Pai. É o mesmo sacrifício de Cristo; portanto tem o mesmo valor, que é um valor infinito, porque Cristo é Deus.

**Cristo se oferece na Missa** — Vocês sabem que a Missa é o mesmo sacrifício que Jesus ofereceu a Deus por nós. Então, ainda hoje, cada vez que se celebra a Missa, Jesus se oferece de novo a Deus. Vejam bem isto: na Missa, o padre muda o pão e o vinho no Corpo e no Sangue de Jesus. Quando é que se faz esta mudança? (Na Consagração.) Olhem a figura da lição. Que representa? O celebrante acaba de mudar a hóstia em Corpo de Cristo, e faz a elevação. Cristo, presente na Hóstia Consagrada, se oferece a Deus, como se ofereceu no Calvário. No Calvário, quem ofereceu o sacrifício? Cristo. E qual foi a vítima oferecida a Deus? Cristo também. E na Missa, qual é a vítima que se oferece a Deus? É Cristo, presente na Hóstia Consagrada. E quem oferece a Missa a Deus? É Cristo também. (*Escreva no quadro-negro*):

No Calvário	Na Missa
Sacerdote: Cristo	Sacerdote: Cristo
Vítima: Cristo	Vítima: Cristo

(*Mande ler.*) Há diferença? Não! Então "a Missa é o mesmo sacrifício que Cristo ofereceu a Deus, no Calvário." (*Mande copiar no caderno o que está no quadro-negro e dite a sentença entre aspas.*)

Por isso, a Missa é o mesmo sacrifício que Cristo ofereceu no Calvário. Só há uma diferença: no Calvário o sacrifício foi cruento; na Missa é incruento. Mas o sacrifício é o mesmo, e tem o mesmo valor, que é valor infinito.

Vejamos se entenderam bem o que eu disse.

Que é Missa? (É o mesmo sacrifício de Jesus, oferecido de novo a Deus.) Cristo está presente na Missa, para se oferecer? Quando é que Cristo fica presente na Missa? A Missa tem o mesmo valor do sacrifício oferecido no Calvário? Qual é esse valor? (Infinito.) A Missa é um sacrifício cruento ou incruento? Por quê?

**Importância da Missa** — Assim, vocês podem compreender a importância da Missa. *A Missa é o ato mais importante da nossa Santa Religião.* É por isso que a Igreja nos obriga a ir à Missa nos domingos e dias santos. Obrigação grave, muito grave. Tão grave que quem nesses dias falta à Missa, sem razão, faz pecado mortal. E nós temos obrigação não somente de ir à Missa, mas de rezar e trabalhar para que ninguém falte à Missa nos domingos e dias santos. Vocês estão indo à Missa nos domingos? Sim? Muito bem; mas não basta. Lembrem-se disto: há pessoas que perdem a Santa Missa. Às vezes, mesmo em nossa família. Vocês têm casos assim na família? (*Deixar falarem.*) Pois então? É preciso rezar por essas pessoas, convidá-las para a Missa de domingo, lembrar-lhes a obrigação.

Lembrem-se sempre da importância da Missa: é o ato mais importante da nossa Religião. Um ato tão importante, de tanto valor (valor infinito), um ato tão agradável a Deus, nós devemos aproveitar o mais

possível. Nos domingos e dias santos é obrigação, sob pena de pecado mortal; nos outros dias, iremos à Missa por devoção. Sempre que pudermos. Se a Missa é o ato mais importante, a devoção à Missa é a devoção mais importante.

#### RESUMO

1. Sacrifício é um presente que se oferece a Deus;
2. antigamente ofereciam a Deus animais, coisas de pouco valor;
3. Jesus se ofereceu a Deus, e o seu sacrifício tem valor infinito, porque Jesus é Deus;
4. Jesus se ofereceu a Deus duas vezes: no Calvário e na Missa (na Última Ceia);
5. a Missa é o mesmo sacrifício do Calvário, sendo este um sacrifício cruento, e a Missa um sacrifício incruento;
6. a Missa é o ato mais importante da nossa Religião, e a devoção à Missa é a devoção mais importante.

#### EXERCÍCIOS PARA CASA

1. Colorir a figura.
2. Fazer os exercícios I, II e III.

### COMO É A MISSA

#### DOCTRINA PARA O CATEQUISTA

1. A Missa foi instituída por Cristo na Última Ceia, quando Ele ofereceu ao Pai o pão e o vinho, mudou-os no seu Corpo e no seu Sangue, e deu a Comunhão aos Apóstolos. Por isso, Ofertório, Consagração e Comunhão são atos que constituem a Santa Missa; e na prática são essenciais, porque sem eles não se cumpre o preceito nos domingos e dias santos.

2. Os outros atos são apenas menos importantes, mas são também importantes, porque tudo na Missa tem valor.

3. A Missa está dividida em três grandes partes:

a) *Preparação* (também chamada Missa de catecúmenos): do começo ao Credo. É destinada à instrução dos fiéis (com as leituras da Epístola e do Evangelho, e com a pregação) e à preparação do coração: purificamo-nos (*Confiteor, Kyrie, Glória*) e suplicamos as graças de que necessitamos (Oração).

b) *Missa propriamente dita*: do Ofertório à Comunhão. Evidentemente, a parte mais importante, pois contém o Sacrifício de Cristo, preparado no Ofertório, oferecido na Consagração, e consumado na Comunhão.

c) *Ação de graças*: depois da Comunhão ao fim — parte destinada a agradecer a Deus a preciosa graça da Santa Missa.

4. Pretendemos dar maior conhecimento da Missa às crianças de terceira série. Da Missa de catecúmenos é mais fácil, por ser mais movimentada. Mas só nos fixaremos nos pontos principais: *Confiteor, Kyrie, Glória, Oração, Epístola, Evangelho, Credo*. Do "Sanctus" à Comunhão, não é tão fácil, porque a ação exterior é pouca. Já nos referimos, em aulas anteriores, aos dois "Memento". O *Pater*, o *Agnus Dei*, o *Nobis quoque peccatoribus* são também facilmente identificáveis. Na parte final, volta a ação exterior, facilitando a localização do *Post-Communio*, da Bênção e do último Evangelho.

5. Procuraremos unir as crianças ao celebrante, para fazerem da Missa um ato seu, em que tomem parte ativa, e não ato a que simplesmente "assistam".

6. Em *As Fontes do Salvador*, na parte relativa à "Formação da Liturgia da Missa" encontra o catequista suficientes conhecimentos a respeito do assunto.

#### ESQUEMA DA LIÇÃO

1. *H*: Relembrar a Ceia (Mt. 26.26-28).
2. *D*: A Missa consta de três atos.
3. *F*:
  - a) *D*: Fidelidade à Missa de preceito (Exerc. V)
  - b) *C*: Devoção à Missa (Exerc. V)



## ANEXO XXVIII

### LIÇÃO SOBRE “A MISSA” APRESENTADA NO GUIA DO CATEQUISTA - 4º ANO

Deus só é verdadeira, quando conserva nosso estado de graça. Por isso só podemos escolher diversões boas, tanto nos domingos como em qualquer outro dia.

(*Faça nova verificação.*) Quem tem obrigação de ir à Missa de domingo? Por que temos esta obrigação? Quem pode faltar à Missa de domingo, sem pecar? Há outros atos que sejam obrigatórios nos domingos? (Não.) Mas, atos aconselháveis? Dê alguns exemplos dêles. Podemos freqüentar diversões nos domingos? Que diversões podemos freqüentar?

#### RESUMO

1. Deus reservou um dia da semana para Lhe prestarmos culto;
2. este dia era o sábado, no Antigo Testamento; mas a Igreja o passou para o domingo, por causa da Ressurreição de Jesus;
3. no domingo, a principal obrigação é a Missa, mas também temos a obrigação do repouso, para podermos ir à Missa e descansar o organismo;
4. infelizmente, muitos falham à Missa de domingo: devemos rezar e trabalhar para que todos vão à Santa Missa;
5. o domingo é dia de alegria cristã, porque lembra a Páscoa: importa celebrá-lo com alegria, indo a outros atos de culto, podendo também ir a diversões boas;
6. a nossa participação na Missa de domingo nos torna muito mais aptos para prestar o culto a Deus.

#### EXERCÍCIOS PARA CASA

1. Colorir as figuras.
2. Preencher os exercícios da lição.
3. Compor uma pequena oração, pedindo a Deus que todos os católicos vão à Missa de domingo.

#### CHAVE DOS EXERCÍCIOS

I. Devem ser marcados com a cruz os 3 últimos casos.

IV. É proibida no domingo a atividade da primeira figura; a segunda é permitida, a terceira é necessária.

V. No Ofertório e na Consagração.

#### A SANTA MISSA

##### DOCTRINA PARA O CATEQUISTA

1. Os homens sempre ofereceram sacrifícios a Deus. “Caim ofereceu ao Senhor oblação dos frutos da terra. Abel ofereceu dos primogênitos de seu rebanho” (Gn. 4.3-4).

Muito conhecido é o sacrifício de Abraão, a quem Deus ordenou que imolasse seu filho Isaac. Reconhecendo que Deus é o Supremo Senhor, que pode dispor até da vida dos homens (porque tudo no mundo Lhe pertence), Abraão obedeceu; mas, no momento em que ia imolar o menino, um anjo o impediu e Lhe apresentou um cordeiro para ser a vítima. (Ver o episódio no cap. 22 do Gênesis.) (Abraão sacrificando seu filho é viva imagem do Eterno Pai sacrificando Jesus Cristo por amor dos homens.)

Outro sacrifício muito célebre é o de Melquisedec, o único sacrifício no Antigo Testamento, que foi oferecido de pão e vinho — sendo, por isso, imagem muito clara da Eucaristia. (Ver o episódio no Gênesis, 14. 17-18.)

Além desses, numerosíssimos eram os sacrifícios oferecidos a Deus.

2. Os sacrifícios, como são atos de adoração, só podem ser oferecidos a Deus, para reconhecer o supremo domínio de Deus sobre todas as coisas. Além de *adorar*, os sacrifícios têm também como fins *agradecer* a Deus os benefícios recebidos, *pedir perdão* dos pecados, e *suplicar* as graças (espirituais ou temporais) de que precisamos.

3. O sacrifício é o oferecimento de um presente a Deus, oferecimento feito por um sacerdote, para reconhecer o supremo domínio de Deus, e que termina com uma união entre Deus e o homem (comunhão).

4. Se o presente não é digno de Deus, o sacrifício é *imperfeito*: a homenagem não é a que Deus merece. Todos os sacrifícios antigos eram imperfeitos, pois as vítimas oferecidas eram criaturas (finitas, limitadas, imensamente abaixo da infinita dignidade de Deus), e os sacerdotes eram pecadores.

5. O único *sacrifício perfeito* é o de Cristo, porque Jesus, vítima e sacerdote, é em tudo igual ao Pai: é um presente digno de Deus, de valor infinito.

6. Por isso é que a Missa é o *único culto perfeito*, no qual prestamos a Deus a homenagem que Deus merece, pois a Missa é o próprio sacrifício de Cristo: a Vítima e Cristo, o Sacerdote que oferece e Cristo (o padre é apenas ministro (representante) de Cristo). A diferença entre a Missa e o Sacrifício do Calvário é só quanto ao modo: na Cruz houve derramamento de sangue (cruento), na Missa não há (incruento).

7. O Sacrifício de Cristo é também nosso: 1) por que Cristo o ofereceu em nome de todos os homens; 2) porque Cristo no-lo deu, quando mandou que os Apóstolos (e os demais sacerdotes) o oferecessem: "Fazei isto em memória de Mim."

Assim, pela Missa, que é também um ato nosso, mas é essencialmente ato de Cristo, prestamos a Deus o culto perfeito — o que nos deve ensinar o aprêço e a devoção à Missa.

Para mais doutrina ver em *As Fontes do Salvador*, os capítulos "O Sacrifício na Antiga Lei", "O Sacrifício na Nova Lei" e "O Sacrifício da Missa".

#### ESQUEMA DA LIÇÃO

1. *H*: **Sacrifícios oferecidos a Deus.**
2. *D*: **Fins do sacrifício.**
3. *F*:
  - a) *D*: **Obrigações de ir à Missa (Leitura);**
  - b) *C*: **Comungar na Missa de domingo (Exerc. IV);**
  - c) *A*: **Rezar e trabalhar para que todos vão à Missa (Exerc. III);**
  - d) *L*: **Acompanhar a Missa pelo missal (Exerc. II).**

#### REVISÃO DA AULA ANTERIOR

Quando foi que Deus reservou um dia da semana para o culto? Qual era esse dia? Cristo também o guardou? Por que passou para o domingo? Por que repousamos no domingo? Que trabalhos são permitidos no domingo? Qual nossa grande obrigação no domingo? Quem está dispensado de ir à Missa no domingo? Que práticas piedosas são aconselhadas no domingo? São permitidas as diversões no domingo? Em sua paróquia há muita gente que falta à Missa? Que pode você fazer por ela? (*Verifique os exercícios para casa.*)

#### EXPLANAÇÃO

1. Quando Deus reservou um dia especial para seu culto, os homens já Lhe prestavam culto. Já sabiam que Deus é o Criador e o Senhor de todas as coisas, e por isso O adoravam, agradeciam-Lhe os benefícios que dEle recebiam, pediam perdão dos pecados, e suplicavam as graças de que precisavam.

Havia muitos meios de prestar culto a Deus, porém o mais solene e importante era o sacrifício. Os sacrifícios sempre foram oferecidos a Deus — e sempre para estes 4 fins: adorar, agradecer, pedir perdão, pedir graças. (*Copiar nos cadernos. Verifique. Mandar dizer de cor.*)

**Sacrifícios antigos** — É muito antigo o costume de oferecer sacrifícios a Deus. A Bíblia conta que *Caim e Abel*, filhos de Adão, já os ofereciam. Abel era pastor, e oferecia a Deus ovelhas de seu rebanho; Caim era agricultor, e oferecia frutos da terra.

2. Um dos sacrifícios mais célebres é o de *Abraão*: Deus lhe ordenou que imolasse o seu filho Isaac.

Os sacrifícios eram oferecidos assim: o sacerdote punha a vítima sobre o altar e a imolava. A morte da vítima era para reconhecer que Deus é o Senhor de tudo, até da vida. Abraão preparou tudo: o altar, a lenha para queimar a vítima, a faca; e levou o filho para sacrificá-lo. Mas, no momento do sacrifício Deus



o impediu, por meio de um anjo e apresentou um cordeiro para ser imolado em lugar do menino. Vejam a figura. (*Comente.*) No entanto, Abraão mostrou que reconhecia que Deus pode dispor dos homens como bem quizer, porque é o Senhor absoluto de tôdas as coisas.

3. Outro sacrifício muito célebre também é o de *Melquisedec* (*no quadro-negro*: Melquisedec), o único sacrifício antigo oferecido com pão e vinho, tal como o Santo Sacrifício da Missa, que também é oferecido com pão e vinho.

(*Faça verificação.*) Vamos ver se guardaram bem o que eu disse. Os homens só prestaram culto a Deus depois que Deus reservou para isto o sábado? Por que os homens prestaram culto a Deus desde o princípio? (Sabiam que Deus é o Criador e Senhor.) Qual o modo mais solene de se praticar culto? Quais são os fins para que se oferece sacrifício a Deus? É muito antigo o costume de oferecer sacrifícios a Deus? Como foram os de Caím e Abel? Conte o sacrifício de Abraão. Por que é celebre o sacrifício de Melquisedec? (Figura a Santa Missa.)

4. **O Sacrifício perfeito** — Todos os sacrifícios antigos eram muitos imperfeitos: as vítimas não eram presentes dignos de Deus, e os sacerdotes eram homens, pobres pecadores. Por isso, nenhum dos sacrifícios antigos prestou a Deus um culto digno de Deus, um culto perfeito, uma homenagem igual à infinita majestade divina.

Vocês já sabem: qual é o único Sacrifício perfeito? Muito bem: é o de Cristo, oferecido na Ceia na quinta-feira santa, e na Cruz, na sexta-feira santa. Este Sacrifício é perfeito porque nêle o que se oferece a Deus é Jesus Cristo, o próprio Filho de Deus; e quem o oferece é também Cristo. Então, tanto o presente dado a Deus, como a Pessoa que o oferece são iguais a Deus. Isto só pode acontecer no Sacrifício de Cristo, pois

em todos os outros sacrifícios nem a vítima (coisa oferecida) nem o sacerdote (pessoa que oferece) são dignos de Deus.

O único sacrifício de valor infinito é o de Cristo; o único que é digno de Deus; o único que Deus aceita com tôda satisfação. Os outros Deus aceitava só por sua bondade.

(*Verificação.*) Por que eram imperfeitos os sacrifícios antigos? Eles prestavam um culto digno de Deus? Quando o culto é perfeito? (Quando tem valor infinito?) Qual é o sacrifício perfeito? Por que o sacrifício de Cristo é perfeito? Nos outros sacrifícios a vítima era digna de Deus? Por quê? E o sacerdote era digno de Deus? Por quê? No Sacrifício de Cristo qual é a Vítima? E o Sacerdote? (*Como este assunto é um pouco mais difícil, insista nêle até as crianças assimilarem bem, pois é muito importante.*)

**É a Santa Missa** — Ainda hoje é oferecido a Deus o Sacrifício de Cristo. Quando oferecemos a Deus o Sacrifício de Cristo? Muito bem: na Missa. A Missa renova o Sacrifício que Cristo ofereceu a Deus no Calvário. Quem é a Vítima oferecida a Deus na Missa? (Cristo.) E quem é o Sacerdote que a oferece? (também Cristo). Muito bem: o padre é o representante de Cristo para o oferecimento.

A diferença entre a Missa e o Sacrifício do Calvário é que este foi *eruento* e a Missa é um sacrifício *incruento*. Quem sabe o que quer dizer isto? (*No quadro-negro*: eruento — incruento.) Quer dizer: com derramamento de sangue, e sem derramamento de sangue. Na Cruz o Sacrifício foi eruento. Que quer dizer, F? Na Missa é Sacrifício incruento. Que quer dizer, B? Muito bem. Diferente no modo; mas na realidade, a Missa é o mesmo sacrifício de Cristo na Cruz. Vamos escrever isto em nossos cadernos: “A

Missa é o mesmo Sacrificio de Cristo na Cruz.” (Verifique. Mande ler por uns 3 ou 4 alunos. Mande repetir de cor.)

6. **Nosso culto perfeito** — Porque a Missa é o mesmo Sacrificio de Cristo, ela também presta a Deus um culto perfeito. É só com a Missa é que os homens podem prestar a Deus um culto perfeito. Todos os outros atos do culto são atos nossos, e por isso são atos imperfeitos, atos de pobres pecadores, atos de valor limitado, mas a Santa Missa é ato perfeito, de valor infinito, porque é ato de Jesus Cristo. *Mas é também ato nosso.* Sabem por quê? Porque *Jesus no-lo deu*, na quinta-feira santa, quando disse aos Apóstolos: “Fazei isto, em memória de Mim.”

De modo que agora o Sacrificio de Cristo é também nosso, porque Cristo no-lo deu, para nós podermos oferecê-lo a Deus, e assim podermos prestar a Deus um culto perfeito. *Se não fôsse a Missa, nunca os homens podiam prestar a Deus um culto perfeito.* Todos os atos dos homens são de valor limitado; a Missa é de valor infinito. Todos os atos dos homens são infinitamente abaixo de Deus, a Missa é digna de Deus. Todos os atos dos homens são culto imperfeito; a Missa é culto perfeito.

(Verificação.) Por que a Missa é o mesmo sacrificio de Cristo? (A Vítima e o Sacerdote são os mesmos.) Qual a diferença entre a Missa e o Sacrificio do Calvário? (O modo.) Que é o sacrificio cruento? É inercuento? Por que a Missa é culto perfeito? (É o próprio Sacrificio de Cristo.) Podemos prestar a Deus um culto perfeito? Por quê? (Nossos atos não são dignos de Deus.) A Missa é também ato nosso? Se Jesus não nos tivesse dado a Missa, podíamos prestar a Deus um culto perfeito?

**A nossa Missa** — A Missa é agora um ato também nosso: nós a oferecemos a Deus, e assim Lhe prestamos um culto perfeito. É por isso que a Igreja nos

obriga a ir à Missa todos os domingos e dias santos. Assim, nos dias reservados especialmente ao culto divino, prestamos ao Pai o culto perfeito. *Isto é o que há de mais importante na Religião: prestar a Deus o culto perfeito.* É tão importante que comete pecado mortal quem deixa de prestar a Deus o culto perfeito (isto é, quem faltar à Missa de domingo e dia santo, à toa). É por isso que não podemos deixar de trabalhar para que todos os católicos *freqüentem habitualmente* a Missa de domingo e dia santo. Que podemos fazer neste sentido? (Ouvir as crianças, insistir para que cuidem dos colegas, amigos, pessoas da família, que perdem Missa à toa.)

Mas, sendo a Missa o ato mais importante do culto divino, os bons católicos não se contentam em oferecê-la a Deus somente nos domingos e dias santos: procuram freqüentá-la também em outros dias, quando isto lhes é possível. Não é obrigação, mas é a *melhor de todas as devoções.*

E procuram participar da Santa Missa do melhor modo possível. Isto se pode fazer acompanhando a Missa pelo missal e principalmente comungando na Santa Missa. *(Veja se todos têm o missal; aconselhe-os a acompanharem a Missa, rezando-a tal como o celebrante a reza. Explique como é fácil comungar todos os domingos: vive-se em estado de graça, o jejum eucarístico é facilímo. Insista um pouco nestes dois pontos.)*

#### RESUMO

1. Os homens sempre ofereceram sacrificios a Deus: Abel, Abraão, Melquisedec;
2. no Antigo Testamento; os sacrificios eram muito numerosos;
3. os sacrificios são oferecidos para adorar, agradecer, pedir perdão e suplicar graças a Deus;
4. os sacrificios antigos eram imperfeitos, e Deus os aceitava por sua bondade infinita;



5. o único sacrifício perfeito é o de Cristo: digno de Deus porque a Vítima e o Sacerdote é o próprio Cristo;

6. a Missa é o sacrifício de Cristo, renovado, oferecido de modo incruento;

7. só pela Missa podemos prestar a Deus o culto perfeito;

8. o cristão que sabe o que é a Missa não apenas cumpre o dever de freqüentá-la aos domingos e dias santos, mas ainda a freqüenta mesmo em outros dias, procura participar dela acompanhando-a pelo missal e comungando nela, e trabalha para que todos os católicos a freqüentem.

#### EXERCÍCIOS PARA CASA

1. Colorir a figura.
2. Preencher os exercícios da lição, e explicar o n.º 5.
3. Procurar levar algumas pessoas à Missa de domingo.

#### CHAVE DOS EXERCÍCIOS

II. A Missa é também nossa porque Cristo no-la deu, na quinta-feira santa, quando disse: "Fazei isto."

### AS CERIMÔNIAS DA MISSA

#### DOCTRINA PARA O CATEQUISTA

1. Os atos essenciais da Missa são: Ofertório, Consagração e Comunhão, porque foi isto o que fez Cristo na Ceia: ofereceu a Deus o pão e o vinho; consagrou-os (mudando-os em seu Corpo e Sangue); deu a Comunhão aos Apóstolos.

2. Depois, a Igreja acrescentou uma parte para *preparação* (a chamada Missa de catecúmenos) e outra para *agradecimento* (depois da Comunhão até o fim).

De modo que *Missa inteira* é desde o começo até o último Evangelho, e consta de 3 partes: *Preparação* (Missa de catecúmenos), *Missa propriamente dita*, e *Ação de graças*.

3. Na Missa de catecúmenos preparamos o coração (pelas orações) e a inteligência (pela instrução), e proclamamos nossa fé (pelo Credo, nas Missas de domingo e dias santos, e em algumas outras). — Daí, a necessidade de acompanharmos essas orações e instruções, pelo nosso missal, a fim de podermos aproveitar delas.

4. A Missa dos fiéis começa com o Ofertório (oferimento do pão e do vinho): damos a Deus as nossas ofertas, que nos representam. O sacerdote é o ministro sagrado, encarregado desta oferta; *mas nos juntamos a Ele e oferecemos também*. Depois, o celebrante nos oferece a Deus, e nós nos juntamos a êste oferecimento, pois nós é que nos devemos oferecer em sacrifício a Deus.

Com o oferecimento da matéria do Sacrifício, começa propriamente o Sacrifício, e o celebrante manda que peçamos que Deus o aceite: *Orate, fratres*.

5. Deus aceita as nossas modestas ofertas e as muda no Corpo e Sangue de Cristo. O pão da terra se torna Pão do Céu: "Eu sou o Pão vivo que descí do Céu" (Jo. 6.41). É a Consagração: Cristo presente no altar. Ele se oferece ao Pai.

Para tornar o Sacrifício mais nosso, nós O oferecemos também (as orações logo depois da Consagração) e pedimos a Deus que aceite o Sacrifício de Seu filho, assim como aceitou os sacrifícios de Abel, de Abraão e Melquisedec. E como Cristo se oferece em nosso nome, nós nos juntamos a Ele e nos oferecemos também a Deus Pai.

6. Na Comunhão, o que foi pão nosso e agora é Pão do Céu nos é devolvido, e nós O recebemos, para nossa alimentação espiritual. Antes, porém, nos preparamos: pedimos a Deus o Seu pão (*Pater noster*), purificamo-nos mais uma vez (*Agnus Dei*), sabemos que não somos dignos (*Domine, non sum dignus*), mas nos unimos a Cristo porque d'Ele precisamos (Comunhão). Mais uma vez, devemos acompanhar estas orações, para ficarmos em maior união com a Missa que está sendo rezada.

7. O que se segue depois da Comunhão é agradecimento pela felicidade de termos oferecido a Deus o



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)